

A romantic couple is shown in a close embrace, nearly kissing. The woman, with long dark hair in a ponytail, wears a grey off-the-shoulder top and dark shorts. The man is shirtless and wears blue jeans. They are in a kitchen setting with a grey countertop and various kitchen items in the background. The scene is bathed in warm, golden light with soft bokeh effects.

Uma Mentirinha
de
Nada

CARLIE FERRER



*Uma
mentirinha
de nada*

CARLIE FERRER

E

Copyright 2019 © Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa

Arte: Ellen Souza

Imagens: ©depositphotos.com

Revisão

Rayane Marqueli

Introdução

Algumas pessoas são dotadas do que chamamos de sorte, seus palpites sempre estão certos, seus passos são sempre na direção correta, seus sonhos tendem a cair em seus colos como num passe de mágica. É como se o universo conspirasse em prol de protegê-las e mimá-las.

A maioria das pessoas, no entanto, tem sorte algumas vezes na vida, azar na maioria delas. Mas ainda assim aguardam aquele dia em que o universo finalmente lhes sorri, e algo mágico acontece, mudando todo o rumo de suas vidas.

Infelizmente, não me encaixo em nenhuma dessas categorias.

Pessoas como eu olham quatro vezes antes de atravessar a rua, levam guarda-chuva mesmo quando está sol e são adeptas a uma frase simples: eu sabia que isso ia dar errado.

Caros amigos, esta sou eu: uma azarada. Gosto de pensar que o universo não sabe que existo, porque se acaso ele sabe, realmente não vai com a minha cara.

E foi assim que em um belo dia, pensei que ele havia me sorrido, que eu entraria para a classe de pessoas normais, quando algo realmente bom aconteceu. Um convite inesperado do amor da minha vida. Um convite de trabalho, mas mesmo assim, um convite. Guardei minha frase no bolso preparada para novas descobertas, quando, ao fim da noite, ao chegar em casa, me dei conta que mais uma vez tudo havia dado errado. Teimei em minha coragem de não dizer minha frase diária, afinal de contas, era melhor tentar remediar o estrago.

E tudo aconteceu de repente: fui pega no pulo no quarto de um desconhecido podre de rico. A saída veio à minha mente tão rápido, que eu

deveria saber que não daria certo. Uma mentirinha de nada, quase inocente, tão boba que achei que ele nem iria acreditar e aqui estou eu, por causa dessa pequena mentira, segurando as batidas do meu coração em direção ao altar, meu belo e insuportável noivo de um lado, sua louca e malvada namorada do outro e o amor da minha vida sendo nosso padrinho.

E tudo o que virou do avesso desde então...

Toda aquela noite, em que parecia que o universo estava me sorrindo me volta à mente, e derrotada, admito em voz alta assim que meu futuro marido pega minha mão:

— Eu sabia que isso ia dar errado.

Capítulo 01

— Horóscopo do dia. Vou ler o seu, Ayla — Sabrina, minha melhor amiga, diz animada mexendo em seu celular.

— Ou vai dizer que devo ter cuidado com os negócios, ou que não devo tomar nenhuma decisão importante hoje ou, se o astrólogo for verdadeiro, que alguma coisa muito errada vai acontecer.

Ela bate três vezes na madeira com uma careta.

— Vira essa boca pra lá! Vejamos. Peixes, achei. Aqui diz: esteja atenta e tome cuidado, algo fora de seu controle poderá acabar... — Para de ler de repente e ao ver que a estou encarando, exhibe um falso sorriso e inventa o resto: — O amor da sua vida vai entrar por aquela porta.

Lanço-lhe meu olhar de acusação, pois sei que está mentindo.

— Por que o seu horóscopo é sempre tão ruim? — resmunga chorosa.

— Ele apenas não funciona comigo, Sabrina. O universo não sabe que eu existo.

A risada do meu irmão do lado de fora da confeitaria é meu primeiro alerta de que algo realmente ruim vai acontecer. Finjo não vê-lo na esperança de que vá embora com sua turma de amigos baderneiros antes que seu Carlo, o dono da confeitaria volte.

— Rosa, branco, amarelo, rosa — finjo estar concentrada na ordem exata em que os cupcakes devem estar, como se já não soubesse isso de cor após três anos trabalhando aqui e um chefe que odeia mudanças.

— Hum, Ayla, não quero te alarmar, nem nada, mas seu irmão está entrando aqui com dois caras muito altos e não parecem nada amigáveis.

Mal Sabrina fecha a boca, Ulisses para diante de mim com um sorriso nervoso. Ao seu lado, dois “amigos” que não conheço avaliam a confeitaria minunciosamente.

— Boa tarde, maninha.

— O que você quer, Uli?

Seu sorriso some e vejo seus olhos indo em direção à caixa registradora, onde Sabrina está praticamente montada.

— Estou precisando de uma graninha. Você poderia me emprestar uns trocados?

— Você sabe que não tenho. Preciso dar o restante do aluguel hoje. E para que você precisa de dinheiro?

— Vai ter uma festa, dona. Coisa fina, tem que pagar pra entrar — um dos amigos parrudos dele me explica.

— Sinto muito, querido, mas não trabalho a semana toda aqui para bancar suas festinhas. E você não tem idade para andar com esses caras, suponho — observo após reparar que os novos amigos do meu irmão são com certeza bem mais velhos do que ele.

— Eu já vou fazer dezoito anos, Ayla! — responde irritado.

— Estou contando os segundos, Ulisses. Sabia que se você fizer uma merda agora, quem vai se responsabilizar por isso será a vovó? E o que seria das nossas irmãs se a vovó desistisse de nós, não é mesmo? — minto com um sorriso no rosto e toda dureza nas palavras, que ele parece captar.

— Eu não vou fazer nada de errado, vocês nunca confiam em mim! — Ele chuta uma cadeira e sai da loja, seguido de seus amigos estranhos e enfim respiro aliviada.

Mas claro que não vai muito longe, eles se sentam em uma mesa do lado de fora e vez ou outra flagro seus olhares para o caixa. Sabrina também nota, pois meio sem graça, aproxima-se de mim e pergunta:

— Seu irmão não seria capaz de roubar a loja, não é?

— Deus abençoe que não, Sabrina. Sinto que ele ainda é minha responsabilidade. Só faltam três dias para o seu aniversário, espero que se ele for fazer alguma besteira, a faça depois disso. Então ele será preso e eu nunca mais irei vê-lo.

Sabrina bate três vezes na madeira.

— Vira essa boca, Ayla! Até parece que você pensa assim.

Bato três vezes na madeira imitando o gesto de Sabrina e deixo um aviso

mental à vida que isso não foi um pedido.

— Ele não vai fazer nada, Sabrina. Está meio perdido desde que a mamãe se foi, mas não é uma pessoa ruim. Sei que cometeu pequenos delitos, mas não faria isso comigo. Ele aprendeu sua lição.

Sabrina concorda e volto aos cupcakes, e assim que Carlo chega, faz os garotos saírem dali na marra.

A noite chega e como de costume, vou para a cozinha adiantar o serviço do dia seguinte, quando Carlo aparece irritado.

— Seu irmão está causando problemas com os novos amigos dele. Dê um jeito nisso, Ayla! O que eles danificarem será descontado do seu salário.

— Você já me paga uma miséria, Carlo. Quer descontar mais o quê?

— Então vá e tire-os daqui ao invés de usar essa sua língua afiada!

Irritada, saio com um coque horroroso, massa de bolo pelo cabelo, farinha no rosto e avental e quase desmaio ao ver a situação na loja. Os amigos do meu irmão saem um por um sem causar maiores estragos, meu irmão está atrás deles, os ombros caídos e duas mãos sobre eles, guiando-o como se ele fosse seu próprio irmão. E o responsável por isso é ele, o amor da minha vida. Meu belo salvador.

Fico tempo demais viajando em sua figura alta, vendo-o girar o corpo em minha direção e aproximar-se com um lindo sorriso. Reparo em como seu cabelo negro arrepiado parece molhado, sua barba está por fazer, bem baixinha, moldando seu rosto másculo, e seus ombros largos cobertos por uma jaqueta azul escura.

Ao invés de cumprimentar-me como sempre, tomba a cabeça enquanto me analisa, e seu lindo sorriso torna-se divertido.

— Você está diferente esta noite, Ayla — comenta divertido e sinto meu rosto esquentar.

— Eu? Diferente?

Com o ar quase falhando, faço o gesto de ajeitar meu longo cabelo, mas não há cabelo. Toco o coque mal feito e cheio de massa de bolo e então me dou conta do motivo de seu divertimento. Rapidamente, cubro o rosto com as duas mãos, e saio correndo de volta à cozinha.

Espero exatos dez minutos, tempo que Sabrina precisa para atender Tim, e antecipo seus passos antes mesmo de ela aparecer na cozinha com o rosto vermelho de tanto rir e seu usual tom de reprimenda.

— Obrigada, Tim por tirar meu irmão e seus amigos daqui. Obrigada, por me trazer um pouco de paz nesta noite fria. Pelo menos um obrigada. Nem isso você foi capaz! E o que estava fazendo lá fora parecendo a garota propaganda de uma massa de bolo, Ayla?

Irritada, aponto o dedo em sua direção.

— Nós não combinamos que você me mandaria uma mensagem se ele aparecesse aqui?

— Querida, te mandei umas dez!

— Você mandou? Por que eu não vi? Por que meu irmão apareceu? Por que o Carlo me mandou ir lá para fora? Ele não sabe do meu amor platônico? Claro que ele sabe! Por isso me mandou lá para fora! — choramingo e minha amiga faz um gesto com as mãos para que eu me acalme.

— Vai começar as lamentações, não é? Olha, veja pelo lado bom, seu irmão não roubou a loja.

Eu não achava mesmo que ele faria isso, então não vejo o lado bom de nada. É aí que ouvimos o grito de Carlo. Pouco antes de ele entrar na cozinha e na pequena salinha de vigilância. A confeitaria é bem grande, de forma que câmeras foram muito bem espalhadas por todos os lados, e há uma pequena sala onde quatro monitores mostram as gravações de toda movimentação da loja.

Meu coração pula uma batida quando vejo que ele volta as imagens da câmera que fica no caixa.

Pula a segunda batida quando minha voz quase sussurrada pergunta o que aconteceu.

A terceira, quando ele diz desesperado que fomos roubados.

Olho para Sabrina que alarmada me encara de volta.

Então pula a quarta batida enquanto rezo baixinho:

— Você não fez isso comigo, Ulisses, você não fez.

No segundo em que a imagem de Ulisses é congelada com a mão no caixa na pequena tela, tudo fica escuro e não vejo mais nada.

Já se passaram dois dias desde que fui expulsa da loja onde trabalhei como uma pequena escrava nos últimos três anos. E mesmo que eu tenha abandonado a faculdade no último semestre, após a morte da minha mãe, e entrado ali como algo temporário, dizendo que ficaria uns dois meses apenas para conseguir um dinheiro, sair assim tirou toda a paz da minha alma. Principalmente, porque quem conseguiu esse emprego para mim foi o amor da minha vida. E como

poderei encará-lo para contar que retribuí seu favor sendo despedida porque meu irmão imbecil assaltou a loja?

Ulisses está trancado em seu quarto desde ontem. Depois de levar vassouradas da nossa avó, acredito que seu pior castigo foi ouvi-la chorar durante a madrugada, questionando minha mãe morta porque nos deixou com ela. Logo cedo, com olhos inchados e um sorriso forçado vovó veio até mim e disse que era um teatro, apenas para punir o sentimental Ulisses, mas sei que não era. Às vezes somos um fardo grande demais.

As gêmeas foram para a escola chorando por me verem chorando. E o dono da casa já bateu na nossa porta três vezes hoje. Uma hora terei que atendê-lo. De toda confusão em que fomos metidos, o que mais nos assusta é o medo de Carlo entregar o vídeo à polícia.

Um Ulisses abatido e com olhos inchados atende a porta na quarta vez em que o dono da casa grita. Escuta seus desaforos com uma calma que não é característica dele. Confirma que fui demitida e mente que estou doente, mas que irei entregar o restante do aluguel no máximo até a tarde seguinte. Quando se senta diante de mim e busca meu olhar com todo seu arrependimento, levanto-me e saio dali.

Preciso respirar algumas vezes antes de ter coragem de pisar na confeitaria. Mesmo assim a coragem não vem. Uma mão quente toca meu ombro e não preciso olhá-lo para saber que é Tim, o amor da minha vida.

— Senti sua falta ontem, Ayla. A Sabrina disse que você estava doente, está melhor?

Não tenho coragem de olhar em seus olhos, embora sinta falta de ver seu rosto. Ele vai à confeitaria quase toda semana. Às vezes, quase todos os dias na mesma semana.

— Não realmente. Mas tudo vai melhorar.

— Vamos entrar?

Ele abre a porta e entro, confiando que Carlo não fará um escândalo na frente de seu principal cliente. Confiando que poderei dizer que saí dali porque consegui algo melhor. Confiando que ele vai continuar tendo de mim a imagem de uma mulher trabalhadora e certinha. Mas estava enganada.

— Como se atreve a entrar aqui depois do que aconteceu? Eu devia saber, sempre foi tão atrevida! — Carlo grita assim que pousa os olhos em mim, ignorando seu cliente mais precioso.

Seus xingamentos não param, e pelo espelho vejo o reflexo da confusão no

rosto de Tim, e a vergonha no meu rosto. Assim que Carlo cala a boca por curtos três segundos, falo mais alto, a fim de acalmá-lo.

— Eu queria agradecer por você não ter chamado a polícia.

Ele parece surpreso. Gagueja o que ia dizer e assente, quando volta a falar está bem mais calmo.

— Agradeça sua avó, aquela bondosa senhora não merece se envergonhar pelos erros do seu irmão delinquente.

— Ainda há bondade no fundo da sua alma, seu Carlo.

Ele me lança um olhar questionador, tentando entender se estou mesmo sendo grata ou apenas debochada. Maldito gênio que eu tenho!

— Eu queria também te pedir uma coisa. Estamos no final do mês e preciso do meu pagamento, o dono da casa está me cobrando o aluguel.

Olho o reflexo no espelho e Tim, próximo a Sabrina no caixa, assiste a toda situação calado. Eu não poderia me envergonhar mais na frente dele.

— Você é louca se pensa que vai pegar um centavo meu! Sabe quanto seu irmão me roubou? Você não tem direito a nada! Devia me pagar por não chamar a polícia!

— Seu Carlo, eu entendo e não vou pedir mais nada dos meus direitos, apenas o salário pelo mês que trabalhei.

— Agora é seu Carlo, até ontem era velho pão duro!

— Maldito gênio que eu tenho — lamento em voz alta e ele concorda.

— Um geniozinho muito ruim o seu! E de toda sua família! Exceto sua avó, coitada, uma senhora tão bondosa com esse bando de pirralhos delinquentes.

Lanço meu melhor olhar de sofrimento, e dessa vez nem preciso fingi-lo. Estou mesmo desesperada.

— A minha avó, a senhora bondosa a quem você tanto preza, será despejada se eu não pagar o aluguel até amanhã.

Ainda assim ele não cede e não sei mais o que fazer.

— Seu Carlo, não sabe a vergonha que sinto pelo que meu irmão fez, jamais acreditaria que ele seria capaz de algo assim. Sinto vergonha até mesmo de entrar em sua loja e olhar nos seus olhos. Mas o senhor me conhece, sabe que eu jamais faria algo para prejudicar ninguém. O senhor sabe que sequer as moscas na cozinha sou capaz de ferir. Por favor, trabalho aqui há anos, me pague pelo menos o meu salário.

Seu rosto se suaviza e penso que irá ceder quando dá a volta no balcão e para diante de mim. Olha bem no fundo dos meus olhos ao responder

sonoramente:

— Não! Agora saia da minha loja!

Abaixo a cabeça derrotada e desesperada. Em qualquer outra circunstância eu provavelmente voaria no pescoço dele, mas não nessa. Não quando meu irmão roubou o lugar em que por anos trabalhei. Realmente não tenho direito a nada. Dou um passo em direção a porta quando Tim aparece na minha frente. Segura meus ombros e os aperta levemente, ainda não tenho coragem de olhar em seu rosto, com certeza ele entendeu tudo o que aconteceu aqui.

— Vai ficar tudo bem — diz baixinho pouco antes de girar meu corpo em direção a Carlo de novo e dizer com sua voz firme e autoritária: — Ela trabalhou aqui por pouco mais de três anos sem férias. Você não pode culpá-la uma vez que o erro não foi dela e acredito que não tenha qualquer prova de que ela possa ter de alguma forma ajudado no roubo, estou certo?

Carlo arregala os olhos e nega com a cabeça.

— Então você não pode dar-lhe uma justa causa. Pode demiti-la, mas terá que pagar as férias atrasadas, décimo terceiro, a multa rescisória e claro, os dias trabalhados já que estamos no final do mês.

— Tenho um vídeo que prova que o irmão dela assaltou a minha loja! — Carlo grita e me encolho de novo.

— Exato! O irmão dela. E também acredito que ela tenha como provar quantas regras das leis trabalhistas são quebradas aqui. Não sei, três anos sem tirar sequer férias? Soa mais como trabalho escravo. Sou advogado, um processo desses contra o senhor seria um prejuízo enorme. Imagina então se seus outros funcionários descobrem que podem correr atrás de seus direitos... — ele continua falando e temo que o velho pão duro do meu ex chefe vá ter uma parada cardíaca a qualquer momento. Tim também nota, pois pausa seu leque de acusações e com um sorriso vitorioso, faz uma proposta: — Claro que nós podemos fazer um trato, para evitar toda essa dor de cabeça. Você paga a ela os dias trabalhados e décimos terceiros atrasados, ela pede demissão e as férias atrasadas ficam como recompensa pelo dinheiro que foi roubado, o que acha?

Carlo coça o queixo entre assustado por um possível processo e assustado por ter que me pagar quando tinha certeza que não o faria, procurando uma maneira de sair vitorioso disso.

— Não sei se as férias dela vão suprir tudo o que foi roubado.

Sabrina então abre a boca em minha defesa:

— Até parece! O movimento ontem foi fraco, o valor roubado não daria nem mesmo uma das férias...

— Eu aceito! — Carlo interrompe Sabrina e se dirige ao caixa.

Deposita o dinheiro na minha mão quase com uma expressão assassina e diz entredentes:

— Nunca mais coloque os pés na minha loja. E diga a sua avó que será sempre bem-vinda.

Rapidamente pego o dinheiro antes que ele mude de ideia, e após guardá-lo em minha bolsa, empino meu queixo e respondo:

— Virei aqui quando eu quiser porque se tiver como pagar, serei uma cliente como qualquer outra e você não pode se negar a me vender sua mercadoria.

Ele arregala os olhos e aponta o dedo para mim, mas seus olhos furiosos estão focados em Tim ao avisar:

— Aí está, o verdadeiro gênio dela! Você defende um pequeno diabo, estou lhe avisando.

Não fico para ver o arrependimento em Tim, viro-me calada e saio da loja sem nem mesmo dizer obrigada ao meu salvador. De novo.

Contra a vontade, já que a vergonha me faz pela primeira vez não querer olhar seu belo rosto, aguardo na esquina até que Tim saia da loja. Seu sorriso é doce ao me ver ali, não há qualquer acusação ou julgamento. Aproximo-me meio receosa e olho em seus lindos olhos castanhos.

— Muito obrigada. Por ontem e por hoje.

— Você não é culpada pelo que seu irmão faz, Ayla. Sinto muito pelo que está passando. Se eu puder ajudá-la de mais alguma maneira.

— Você já ajudou muito. Graças a você não serei despejada.

Ele sorri e bagunça meu cabelo. Memorizo seu lindo rosto e viro-me para ir embora, resmungando com a vida.

— E o que mais vou sentir falta é de ver seu lindo rosto toda semana. Onde é que vou te ver agora?

— E eu vou sentir falta dos seus bolos deliciosos — ele responde de repente arrancando completamente minha respiração e minha capacidade de mover as pernas para longe dali. — Mas não se preocupe, a gente se encontra por aí.

Eu falei em voz alta. Ele me ouviu. Entre curiosa e envergonhada, olho de soslaio e ele está rindo. De mim. De novo.

Exibo um sorriso sem graça e mantendo a dignidade que sem dúvida não tenho, pelo menos vou embora a passos curtos e certos. Pelo menos dessa vez,

não saio correndo.

Passo na casa do Ramos e pago o restante do aluguel, e ao chegar em casa, Ulisses me aguarda com seus olhos arrependidos.

— Ayla... — começa, mas o corto.

— Não fala comigo.

Subo para o quarto e pego o jornal recém comprado em busca de um novo emprego.

Capítulo 02

— Não falei com ele hoje, Sabrina. Nem desejei parabéns. O que eu poderia dizer? Que Deus te dê juízo? Caráter? No mínimo, senso? É, pensando bem eu poderia ter dito essas coisas, ele bem merecia ouvir. Foi a primeira vez que não passamos um aniversário juntos desde que a mamãe se foi. Parece que quebramos um laço.

Sabrina esconde o rosto no meu travesseiro e vejo apenas seu cabelo alaranjado espalhado por baixo da enorme almofada.

— Ayla, seu irmão não merece que você desperdice seu vocabulário com ele. Agora vamos falar do que interessa, seu horóscopo hoje dizia que em breve você terá novidades nos assuntos do coração, então me conta como foi o papo com o Tim delícia quando ele saiu da loja.

Faço uma careta chorosa, preferia continuar falando do imbecil do meu irmão.

— Como você acha? Ele pensa que sou um pequeno diabo, afinal de contas.

Ela ri e senta-se na cama, em seus olhos um brilho de esperança que há dias não consigo acender nos meus.

— Ele te deu o telefone dele? Ou disse como vocês podem se ver de novo?
— pergunta empolgada quando conto meu mico de reclamar com a vida em voz alta.

— Nadinha. Só riu de mim, como sempre.

Não gosto de sua expressão derrotada. Ela é minha amiga feliz e esperançosa, esse vinco na testa e esse desânimo repentinos não combinam com ela. E ela só os usa quando pensa que algo não tem mesmo solução.

— Mas ele poderia ter dito que nunca mais vamos nos ver, certo? Ou ter me

rechaçado de uma vez, dizendo que não sentiria falta da minha cara. Ele disse que sentiria falta dos meus bolos, isso não é um bom sinal?

— Era, três anos atrás quando vocês se tornaram amigos. Mas depois de três anos se vendo toda semana sem que nada acontecesse, pensei que saber que não a veria mais o faria tomar alguma atitude. Não sei, pelo menos pedir seu telefone. Mas se nem isso ele fez, Ayla...

— Sabe, amigas servem para animar as outras, não para terminar de acabar com elas — reclamo cortando o que sei que vai dizer.

— Amigas servem para dizer a verdade. Isso não é uma história de amor, amiga.

— É sim. Só que unilateral, o que não é um grande problema, eu o amo por nós dois.

— Não existe amor unilateral. Você está vivendo errado. Está amando errado. Ayla você é tão linda! Quantos clientes iam à confeitaria apenas para flertar com você? Você pode conhecer alguém, quem sabe em um emprego novo e esquecer esse amor que nunca...

Finjo ter levado um tiro no peito e caio para trás, ela imediatamente cala a boca.

— Não diga isso. Não termine essa frase, você vai me matar. Justo você, minha única e maior expectadora de vida, vai me fazer desistir do amor?

— Sim, mas só porque quero que viva o amor. De verdade. Não é o Tim, sua alma gêmea ainda está por aí, provavelmente perdida se for um pouco parecido com você, mas você ainda vai encontrá-la.

As lágrimas descem por meu rosto e mudo os rumos dos meus pensamentos porque não quero ter de aceitar que minha amiga está certa. Não sobre minha alma gêmea perdida pelo mundo, mas sobre meu amor unilateral ilusório.

— Não quero mais ter amigas — decreto deixando-a sozinha no meu quarto.

— Posso pegar isso? — Liah pede mostrando um pacote de biscoito caro no supermercado caro. Era o único aberto aos domingos, não tive outra escolha.

— Não, querida, hoje não.

— E isso? — Maya exhibe um achocolatado cujo preço só pode ser justificado se o cacau usado para fazê-lo foi colhido diretamente na Suíça.

— Também não.

— Então o que podemos pegar? — perguntam aborrecidas minhas

pequenas irmãs gêmeas.

— Nada, vocês nem deveriam estar aqui. Eu não disse que não seria divertido?

— A Ayla está ficando chata que nem a vovó — reclama Liah.

— A Ayla não está chata, meu bem, ela está pobre. Mais do que de costume! Ei, Maya, o que é isso que está escondendo no bolso do vestido?

Seus pequenos olhos verdes se enchem enquanto ela suplica:

— Mas é só um chocolate! A Sabrina disse a você ontem que uma mulher jamais deve ficar sem chocolate.

— Meu Deus! Eu preciso de um quarto só meu — reclamo. — Escutem aqui vocês duas. Devolvam tudo o que vocês pegaram, senão terei que deixar um rim de cada uma aqui para pagar, fui clara?

As duas concordam assustadas e trato de não deixar minhas pequenas traumatizadas.

— Assim que eu conseguir um emprego, prometo que as trarei aqui e vamos pegar uma cesta e enchê-la apenas com as coisas caras que vocês quiserem comer, tudo bem?

— Você promete de dedinho? — perguntam em uníssono e uno meu mindinho aos seus.

— Prometo de dedinho.

As duas devolvem os chocolates que haviam escondido nos vestidos e uma risada atrás de mim, acompanhada de um perfume que eu reconheceria de longe quase me faz desmaiar. Antes de olhar para trás e dar de cara com o amor da minha vida, reclamo baixinho com o universo.

— Por quê? Nem posso ir ao mercado, por caso? Por quê?

Viro-me devagar e ali está ele, com aquele enorme sorriso que aprendo não ser direcionado a mim, mas causado por mim.

— Rindo de mim de novo — observo desaminada.

— Ayla! Confesso que senti falta de rir de você. Como anda a vida? Já tem um emprego novo?

Tento esconder minha cesta que só contém leite, um pacote de trigo e dúzias de ovos.

— Ainda não, mas encontrarei em breve.

— Tenho certeza que sim. Você precisa de alguma coisa? — pergunta e posso pensar em muitas coisas, tipo um beijo bem dado, desses de novela, para sarar minha tristeza.

— Não, obrigada.

— Se você quiser, posso dar às suas irmãs o chocolate que elas tanto queriam — oferece de boa vontade e um sorriso bobo e derretido brota em meu rosto.

Mas ele é cruelmente assassinado quando uma loira de quase dois metros, refinada e linda para ao seu lado e toca seu braço avaliando-me com nítido desdém.

— Vamos, querido.

Ele aguarda minha resposta e quase a cuspo devido a dor no meu coração.

— Não precisamos de nada, mas obrigada, Tim.

Como se uma rival tão linda que sabe usar salto agulha não fosse espinho suficiente no meu pobre peito, as pestes das minhas irmãs ouvem seu nome, e mais do que depressa Liah pergunta:

— Esse é aquele Tim que você e a Sabrina falaram...

Cubro sua boca com minha mão e lanço um olhar de advertência a Maya, que calada segue até o caixa.

— Boa tarde para vocês, tenham um ótimo domingo — finalizo mais baixo do que pretendia diante a risada alta de Tim e seu olhar curioso.

Sua linda namorada entediada nem olha em minha direção, e pago rapidamente minha pequena compra para então poder me enfiar em um buraco eterno e morrer nele.

Enquanto esperamos o ônibus, um carro lindo para ao nosso lado e a porta do motorista é aberta. Tim desce com um sorriso sincero e diz:

— Quer que eu a leve? Seu bairro é no meu caminho, não me incomodaria em nada.

Eu até poderia aceitar, não fossem as duas pestes de seis anos que repetem tudo o que escutam e minha conversa amorosa com a Sabrina na noite anterior. Então, para não assassinar o resto da minha falsa dignidade, exibio um sorriso e nego.

— Muito obrigada, querido, mas não precisa. As meninas adoram andar de ônibus.

“Adoram andar de ônibus?” Que merda estou dizendo agora?

Ele assente e entra no carro, mas volta a abrir a porta e aproxima-se de mim com um cartão.

— Olha, não sei se você tem experiência nisso, mas minha empresa dará uma festa na casa do meu irmão na terça e estamos precisando de garçons. É só por uma noite, mas sei que pagam muito bem. Se você tiver interesse.

Pagam bem? Um bico? Conhecer a casa do irmão dele?

— Você estará lá? — pergunto como quem não quer nada ao pegar seu cartão com seu número de celular.

— Claro!

— Isso seria realmente muito bom.

— Ótimo! Me liga amanhã pra gente combinar tudo. Se a Sabrina e seu irmão tiverem interesse, você me fala amanhã que passo seus nomes à equipe de buffet.

— Meu irmão? Você vai permitir que ele trabalhe também? — pergunto quase ajoelhando-me e beijando seus pés.

— Claro! Acho que é exatamente o que ele precisa agora.

Seguro sua mão num gesto involuntário e sinto meus olhos encherem.

— Muito obrigada.

Ele deposita a outra mão sobre as minhas e abre seu lindo sorriso.

— Não precisa agradecer, meu bem.

Então tira a mão das minhas, se vira e entra no carro.

— Ele me chamou de meu bem?

— Sim! — respondem em uníssono minhas pequenas.

E antes que meu sorriso fique tão grande a ponto de tomar meu rosto, os pelos do meu braço arrepiam e aquele maldito pressentimento me assalta.

— Alguma coisa vai dar errada nessa festa. Mas bem, minha vida está toda errada, uma coisinha a mais, quem liga?

O ônibus vem e vou embora tão feliz que sigo cantando músicas infantis com minhas pequenas por todo caminho. Aquele amor que por dias esteve negro e dolorido, ganhando vida e florescendo com toda força. Não vejo a hora de esfregar esse cartão com o número do celular dele na cara da Sabrina. Não sou dessas que desistem por qualquer obstáculo. Só três anos para me dar um número de telefone é fichinha, posso superar isso. Então, me sinto deprimida por um segundo ao me perguntar quantos anos ele vai demorar para me chamar pra sair.

Ulisses está assistindo a uma partida de futebol quando chego em casa e

tomo o controle de sua mão, desligando o aparelho. Normalmente, ele puxaria meus cabelos por fazer isso, mas quando estamos há mais de uma semana sem nos falar, ele me olha atento e ansioso por minhas palavras.

— Consegui um bico. É apenas por uma noite, mas pagam muito bem.

Ele assente, seus olhos castanhos ainda perscrutando os meus, esperando ansioso o que mais tenho a dizer.

— Você também vai trabalhar lá, como garçom, em uma festa.

Ele assente e nada diz, e finalmente faço a pergunta que martelou em minha mente na última semana.

— Por que, Uli?

Ele parece aliviado, também esperava por essa pergunta há uma semana.

— Porque eu devia o valor exato que roubei a um cara perigoso. Os dois que estavam comigo são da turma dele. Estavam lá para pegar o dinheiro, eu não tive outra saída.

— Por que você devia um valor tão alto a alguém assim?

— Porque não fui capaz de cumprir sua condição para fazer parte da sua turma. São as regras, se você falha, você paga.

— Espera! Está me dizendo que assaltou a loja onde trabalho e me fez ser demitida depois de anos com uma mão na frente e outra atrás, para fazer parte de uma gangue? Você é o que agora, a porra de um delinquente? A confeitaria foi apenas seu primeiro roubo nada brilhante?

— Não seja tonta, irmã. Com a sorte que temos acha mesmo que eu teria coragem de assaltar qualquer coisa? Não viu o que aconteceu quando tentei? Eu só queria salvar minha reputação com esses caras.

Dou um passo para trás cada vez mais confusa e ferida. Quando foi que meu irmão parou de usar o cérebro e sua personalidade desse jeito?

— Não para o que você está pensando. Não quero fazer parte dessa gangue mais, foi uma escolha infeliz. Mas eu tentei, e se não cumprisse o que pediram nem desse o dinheiro, seria o alvo deles. E não sei o que seriam capazes de fazer. Principalmente com você e as gêmeas, eu apenas não quis arriscar.

Sento ao seu lado cansada demais de me decepcionar.

— Não te ocorreu me contar a verdade e pedir o dinheiro?

Ele se levanta rindo e aponta um dedo em minha cara ao defender-se.

— Você? Justo você? A pessoa mais nervosa e esquentada que eu conheço? Você teria pulado nos pescoços daqueles caras e teria levado uma surra. Ou chamaria a polícia e faria um barraco e colocaria a todos nós na mira do chefe

deles. Você não é uma pessoa sensata e controlada a quem se pode confiar uma informação dessas.

Levanto-me ferida por suas acusações maldosas e desnecessárias.

— Pois o que eu tenho de esquentada você tem de idiota, maninho! Entrar para uma gangue? Você receberia o troféu de burrice da família com honras.

Ele me avalia e dá um passo em minha direção, quando fala, sua voz é baixa e sentida:

— Você não me deu parabéns no meu aniversário.

— Você não merecia parabéns pela sua existência nesse dia.

Ele avalia as sacolas que deixei no chão da sala e um pequeno sorriso brota em seu rosto.

— Mas mesmo assim vai me fazer um bolo agora, não é? Vem aqui, me dê um abraço de parabéns.

— Não mesmo. E o bolo não é por você. Só sinto falta de fazê-los.

— É para mim sim, vem aqui, me dá um abraço.

Tento correr, mas apesar da pouca idade, meu irmão é maior do que eu e me prende com facilidade em seu abraço, que tanto me fez falta.

— Me perdoa, Ayla. Eu juro que nunca mais farei algo assim. Sinto muito mesmo o quanto a feri.

— Você vai ter que me adular muito pra eu te perdoar.

— Eu vou. Prometo que seu querido Tim vai ficar orgulhoso de mim na terça.

E pronto, falar dele já traz de volta o sorriso bobo ao meu rosto e as batidas frenéticas ao meu coração. E cantarolando como uma tonta apaixonada, vou para a cozinha preparar o bolo de aniversário do meu irmão.

Capítulo 03

Sabrina entra em meu quarto com sua melhor roupa, os uniformes que devemos usar serão entregues no local da festa. Tem seus cabelos alaranjados presos em um elegante coque, um brinco discreto e uma maquiagem leve que a deixa linda. Seu sorriso enorme por ganhar um extra é apagado quando esfrego o cartão do Tim na cara dela.

— Estava contando os dias para fazer isso — admito.

Ela se afasta rindo e avalia o elegante cartão.

— Uau! Depois de três anos você tem um número de telefone!

— E vou conhecer a casa do irmão dele. E ele parou o carro para me oferecer carona. Alguém está se apaixonando — digo num tom sonhador.

— Ou, alguém é apenas uma pessoa do bem que decidiu ajudar de novo uma pobre coitada.

Aponto o dedo para a porta, completamente irritada.

— Saia do meu quarto, ex melhor amiga!

— Me lembro de uma quinta comum quando você apareceu para uma entrevista na confeitaria e graças ao principal cliente do dono, conseguiu o emprego. Então você passou uma semana inteira dizendo que ele a havia ajudado porque estava se apaixonando. E sabe qual foi o meu erro? Eu caí na sua. Por três longos anos estamos esperando essa paixão dele, e nada!

Tento sair do quarto, mas ela se coloca entre mim e a porta, decidida a acabar comigo.

— Querida, eu só não quero que vá a essa festa com o coração cheio de esperanças, porque você pode se machucar. Tenha em mente que ele tem uma namorada, certo? Você a viu. Ele só está sendo legal, porque é uma pessoa legal, não perca mais três anos esperando algum passo.

— Sabrina... — tento defender meu amor irracional, mas quando ela decide agir como minha mãe, ela realmente age. Me corta antes que eu possa usar minha dolorosa voz de sofrimento e convencê-la a cair na minha pilha de novo.

— Ayla, se ele quisesse algo com você a teria convidado como acompanhante dele, não como mais uma das garçonetes. Desculpa estar sendo tão má, bebê, mas você precisa ouvir isso e tirar esse brilho ilusório dos olhos. Ou não vou deixar que aceite esse trabalho.

Jogo-me sobre a cama vendo aos poucos cada lembrança se desfazer. Lembranças de todos os sonhos que construí acordada sobre um futuro com ele.

Eu os memorizei por serem tão recorrentes, e estava na hora de desfazer-me deles.

— Tudo bem, você está certa. Sou só uma garçonete esta noite, só uma conhecida para ele em todas as outras. Não existe nenhuma paixão por parte dele.

Ela respira aliviada e sei que não se aproxima para me abraçar por medo de acabar tentando me convencer que terei um futuro feliz com ele de novo, apenas para não me ver com a expressão de luto que tenho agora.

Chegamos ao local onde será a tal festa, pessoas se movem para todos os lados carregando mesas, cadeiras, flores e comida. A casa em si não é enorme como pensei que seria, embora já por fora seja nítida a elegância e requinte da construção. Porém, ao chegarmos ao jardim dos fundos, onde a festa realmente ocorrerá, perdemos o fôlego. O lugar é lindo! Como um local romântico de um filme. As mais belas flores que já vi brilham em um jardim perfeitamente planejado, que rodeia todo o amplo espaço, escondendo qualquer muro e dando uma sensação tranquilizadora de paraíso.

À parte a bela paisagem, cadeiras-balanço e poltronas estão perfeitamente espalhadas junto às mesas, há uma fogueira, luzes e cores em volta da piscina. A piscina é enorme, com uma pequena jacuzzi no centro, e termina em uma sala de vidro que presumo ser uma sauna. Completamente cativada pelo lugar, caminho até a área gourmet e quase babo diante da bancada toda em corian na cor gelo, iluminada nas quatro pontas. O conjunto fogão, churrasqueira e adega casa com a decoração local e meu lado arquiteta quase explode em êxtase ao ver o aconchego que a área em círculo traz.

— Ayla, você não me ouviu te chamar? — Uli reclama sacudindo meu braço.

— Espera, estou apaixonada! Se um dia eu fosse podre de rica e pudesse construir minha casa dos sonhos, com certeza a área externa seria exatamente assim.

— Se você não mexer essas pernas até a cozinha agora mesmo, não vai ter dinheiro nem para pagar seu aluguel, imagina construir sua casa dos sonhos.

O brilho dos meus olhos é cruelmente apagado, e como uma boba olhando tudo em volta, sigo Ulisses até a cozinha. Uma senhora nos entrega os uniformes e dá instruções, mas já fizemos isso antes, de forma que não teremos qualquer problema. Quer dizer, Sabrina e eu já fizemos. Repasso tudo com Ulisses mil vezes para ter certeza que não fará nada errado, mas me comprometo a estar

sempre perto dele por via das dúvidas.

Penso em dar ao meu irmão um aviso de que esta é a casa do irmão do Tim, o amor da minha vida, o homem gentil que o está dando um voto de confiança que ele não merece, então que nem pense em fazer qualquer besteira. Mas o vejo rindo com Sabrina e confio que ele não fará nada. Então opto por não começarmos a noite com uma discussão desnecessária.

Apesar da enorme bagunça que tudo estava quando chegamos, em duas horas, quando os convidados começam a chegar, tudo está pronto. Entendo ao ouvir conversas que se trata de uma firma de arquitetura e isso faz com que meus ouvidos estejam atentos a tudo o que dizem. Estão comemorando um contrato para uma obra enorme fechado com o governo e sinto-me profundamente orgulhosa de Tim por tal feito.

Será que seria muita falta de ética falar com ele quando o vir e parabenizá-lo? Decido fazer isso apenas se ele falar comigo. Procuro então entre cada uma das cabeças morenas que vejo, seu cabelo arrepiado e com aparência de molhado, mas não o encontro. Quando o lugar já está cheio, finalmente ele chega. Acompanhado de um homem um pouco mais alto do que ele, que não consigo ver de onde estou, e sem a namorada loira.

Eles cumprimentam uma dúzia de pessoas e são aplaudidos por todos. Rapidamente se misturam e o perco de vista.

Enquanto rodo com bandeja após bandeja, servindo e recolhendo taças, sempre procuro meu irmão. O vejo na maioria das vezes meio atrapalhado ao servir bebidas e combino com Sabrina que ele sirva apenas comidas, para não correremos o risco de ele derrubar nada em ninguém. Em determinado ponto da noite, Marisa, a responsável pelo buffet aproxima-se de mim com um sorriso caloroso.

— Você é a amiga do senhor Tim, certo?

Assinto, embora amiga seja forte demais para definir as poucas palavras que trocamos, e não seja forte o bastante para definir o que eu queria ser dele.

— Olha, temos outra festa no final de semana, se você e seus amigos tiverem interesse, estou adorando o trabalho de vocês.

— Claro! Isso seria realmente muito bom!

Ela pega meu contato e mais do que depressa conto a Sabrina e Ulisses nossa conversa pedindo aos dois o triplo de atenção e dedicação porque se fizermos qualquer coisa errada, podemos perder uma excelente chance. Quando ambos concordam, embora Ulisses não pareça muito animado, me vem aquela sensação que arrepia os pelos do meu braço e soa aquele maldito alerta na minha

mente. Sabrina me sacode preocupada, mas entende do que se trata assim que meus olhos aflitos pousam nela.

— Algo vai dar muito errado — digo com pesar minha segunda frase preferida.

Geralmente, sinto que algo vai acontecer, e acontece. Sempre. Mas, quando sinto dessa forma, quando o pressentimento é tão forte que me faz ter reações físicas, a merda é mesmo enorme. A última vez em que senti algo parecido foi no dia em que o Ulisses assaltou a loja, e não chegou nem perto do que senti agora.

— Vira essa boca para lá, menina! Onde tem uma madeira? Algo de madeira? Madeira! — Sabrina corre em busca de sua preciosa madeira para dar suas três batidas que, segundo ela, tiram a má sorte e começo a rezar para que dessa vez eu esteja errada. Afinal de contas, foi a primeira vez que o universo me sorriu duas vezes em uma única semana. Uma quando Tim me ofereceu o trabalho e a segunda quando a dona do buffet ofereceu outro. Nada pode dar errado.

São quase dez da noite quando dois dedos se enfiam em minhas costelas e no susto, quase viro a bandeja de taças de Champagne. Mas consigo equilibrá-la enquanto Tim aplaude minha coordenação.

— Brilhante, senhorita! Realmente brilhante!

— Olá, parabéns pela festa. E pelo contrato com o governo, você deve estar muito feliz.

— Ah, então você prestou atenção a isso. Sim, meu irmão e eu trabalhamos muito duro e foi uma competição muito difícil. E isso vai alavancar de vez nossa empresa.

— Acredito que já sejam bem reconhecidos, a julgar pela quantidade de pessoas importantes nesta festa — comento e ele me olha admirado.

— Me surpreenda, senhorita Ayla. Me mostre alguém importante nesta festa.

— Além de você? — Ele ri e calo a boca enquanto busco com os olhos qualquer pessoa que me salve desse constrangimento, encontro e sem apontar o dedo, indico a direção com a cabeça. — O vereador Hélio Torquato e sua esposa. O chefe de gabinete do prefeito, com quem ele fala.

Giro mais um pouco e avisto outro importante casal, os olhos dele seguem o movimento da minha cabeça.

— O apresentador do jornal matinal e sua esposa, uma modelo bem conhecida. Nicholas Reymond, CEO da Empreiteira Reymond. Ele parece estar desacompanhado. Otavio Medina, o famoso arquiteto. Deve ser uma honra para vocês tê-lo aqui.

Ele assente e seu sorriso dessa vez não é divertido, e sim, admirado.

— Como sabe quem é ele? Ou quem é o CEO da Empreiteira Reymond? Você costuma acompanhar esses sites de fofoca?

Nego com a cabeça.

— Não tenho internet em casa. Mas eu leio muito. De tudo. Até jornal.

— Em que trabalhava antes da confeitaria e daquela boate onde nos conhecemos?

Abro a boca para responder, mas avisto Marisa me olhando de soslaio e não quero que pense que estou matando serviço só porque sou amiga do chefe, então estendo a ele um sorriso de desculpas.

— Sinto muito, mas preciso continuar servindo. Me ofereceram mais um trabalho no final de semana, então prefiro não arriscar.

Ele compreende, me parabeniza pelo bom serviço, e me afasto com um peso nas pernas. Tirando a noite na boate em que mais brigamos do que conversamos, nunca tivemos uma conversa tão íntima e preciso controlar meu coração que está sambando enlouquecido por vê-lo fazendo perguntas sobre mim. E porque seu sorriso pela primeira vez não era de zombaria.

Começo a pensar que dessa vez meus pressentimentos estavam errados. Nada de mal vai acontecer.

— Você conseguiu ver o irmão do Tim? A casa é dele, mas não há fotos e não o vi até agora — Sabrina me para quando estou prestes a descer as escadas que dão na parte de baixo do bellissimo jardim, onde fica o campo de futebol e de golfe.

— Acho que eles chegaram juntos, mas não o vi desde então. Acho que não. Não o conheço de toda forma.

— Será que ele é bonito como o Tim? Você não fica nem um pouco curiosa?

É aí que o universo age, e meu pressentimento se concretiza.

Giro a cabeça enquanto respondo Sabrina e vejo Tim ao pé da escada, prestes a subir enquanto sorri animado para uma ruiva que só pode ser modelo. Não é a loira com quem ele estava, mas é bastante íntima dele. Fico tão

atordoada que piso em falso o primeiro degrau, me desequilibro e viro a bandeja com as taças sobre alguém que estava subindo. Mas o pior de tudo é que esse alguém evita que eu caia, mas também perde o equilíbrio e cai para trás, indo parar direto nos pés da escada.

Ouçõ os gritos à minha volta, de repente todo mundo se aproxima e só consigo começar a processar o que acabou de acontecer quando Sabrina coloca a mão gelada em meu ombro.

— Ah, Ayla, o que foi que você fez?

— Acho que matei alguém — respondo em pânico sentindo-me a própria Nazaré Tedesco, uma famosa vilã da televisão que matava pessoas empurrando-as escada abaixo.

E só quando meus ouvidos finalmente captam o que estão dizendo à minha volta é que me dou conta que a merda foi ainda maior.

— Senhor Eros? O senhor está bem? Precisa de uma ambulância?

Minhas pernas tremem e meu ar some quando puxo a blusa de Sabrina, parada ao meu lado.

— Ele disse Eros? Como se chama mesmo o irmão do Tim? Sabrina, como ele se chama? Por favor, não me diga que acabei de molhar e matar o dono dessa casa.

— Você fez isso — ela responde em um sussurro choroso.

Penso que vou desmaiar.

As pessoas aglomeradas na escada se afastam e um homem alto e elegantemente vestido, com seu belo terno encharcado surge de pé. Ele tranquiliza a todos dizendo que está tudo bem e sobe alguns degraus tentando ajeitar a roupa. Para diante de mim e começo a sentir que este é o ponto onde serei merecidamente humilhada e expulsa de sua casa. Consequentemente, da vida de seu irmão também.

— Você é bem desastrada para uma garçonete, hein? — comenta com um sorriso divertido enquanto seus olhos negros passeiam por meu rosto e corpo sem o menor pudor.

Sabrina sacode a manga da minha blusa desesperadamente, mas só consigo pensar em que palavras poderia dizer para tentar amenizar a enorme merda que fiz.

— Senhor, eu sinto muito, não queria matá-lo, menos ainda encharcá-lo, eu...

— Ah, então ter me molhado foi o pior? Eu poderia ter quebrado meu

pescoço, sabia?

Além de sua voz divertida, e alguns murmúrios, não consigo distinguir mais nada do que possam estar dizendo. Penso que todos aguardam ansiosos qual será meu fim.

— Sim, senhor, eu sinto muitíssimo.

Meus olhos pousam nos dele, e tento decifrar se seu sorriso zombeteiro está calmo, ou apenas antepassando uma tragédia. Se está mesmo brincando comigo, ou me zoando antes de realmente me humilhar. Se Tim viu o que fiz, claro que viu! O que ele vai dizer então? Pensar em Tim me faz encontrar semelhanças entre ele e o homem parado diante de mim. Ele é mais alto, seu cabelo, ao contrário do de Tim, é mais comprido, e cai sobre um de seus olhos, o castanho escuro se misturando com seu olhar. A barba está perfeitamente aparada, não como a de Tim que sempre está por ser feita, a dele emoldura seu rosto. E tem os ombros ainda mais largos que o de Tim.

— Você não vai desmaiar, não é? Você precisa respirar — diz de repente me amparando pouco antes das minhas pernas cederem e eu desmaiar.

Quando acordo, estou na cozinha, Sabrina está ao meu lado aflita e Marisa com cara de poucos amigos. Ela me pergunta como estou, estendendo-me um envelope com o pagamento da noite e não precisa dizer mais nada. Noto que a maioria das pessoas já foi mesmo embora, mas com certeza fomos dispensados antes pela grande burrada que fiz. Procuro Ulisses entre os garçons, e o encontro já no portão dos fundos, com um enorme sorriso ao me ver.

— Quem diria que seria você a fazer merda hoje, hein, maninha?

Sabrina acerta um tapa mandando que ele se cale, e vamos no ônibus a viagem toda com ele repetindo orgulhosamente que fui eu quem ferrou com tudo dessa vez.

Chegamos em casa mortos, e Sabrina fica para dormir conosco. Jogamos os colchões na sala, pois não caberia mais um em meu quarto, que é dividido com minhas pequenas pestinhas. E ficamos vendo televisão sem realmente ver o que está passando na tela.

— Ele viu tudo, e nem foi falar com você — acusa Sabrina sobre Tim.

— Ainda bem que não foi, onde eu poderia enfiar minha cara então? Quase matei o irmão dele.

— Não seja exagerada — Ulisses diz do sofá onde tenta assistir ao filme

enquanto tagarelamos. — Ele não foi até você porque não teve tempo, você capotou antes. Sorte sua que o irmão dele a pegou na hora.

Sabrina se senta de repente e apesar da pouca luz vejo o brilho em seus olhos.

— O que é aquele irmão dele?

— O que tem ele?

Ela me olha como se eu fosse louca.

— Garota! O cara é lindo! Parece esses atores de novela! Imenso, forte, educado.

— Não reparei. Bem, eu reparei, mas acho que estava em pânico demais, não me lembro nada dele. Só que tem olhos negros.

Ela deita de novo ao meu lado enquanto se abana com as mãos.

— Se você acha o Tim bonito, espere até prestar atenção ao irmão dele. Coloca o Tim no bolso. O homem é realmente maravilhoso. Sem falar que qualquer outro a teria expulsado dali, e ele foi quem a amparou.

— Acho que eu caí em cima dele. O que ele poderia fazer? Me deixar rolar escada abaixo?

— Deveria, já que você o fez rolar escada abaixo — diz Ulisses divertido.

— Você nunca vai me deixar esquecer isso, não é? — resmungo.

Se ele fosse tão bonito eu me lembraria, porque o Tim não consegui esquecer nem por um segundo quando o conheci. Tim. Justo quando estávamos avançando em nosso não relacionamento.

— Por que vida, por quê? — resmungo em voz alta.

— Ela vai começar com as lamentações — avisa Ulisses aumentando o volume da televisão enquanto falo chorosa com o universo.

Quando o filme acaba, terminam também minhas lamentações, Sabrina cochila ao meu lado, respondendo vez ou outra com sua voz arrastada de sono e Ulisses ronca no sofá. Ele sequer tirou a roupa com que foi para a festa antes de dormir, nem mesmo o tênis. Decido não acordá-lo e mandá-lo para a cama, sei que não é acostumado a trabalhar e deve estar mesmo desmaiado. Aproximo-me devagar e tiro seu tênis para que se sinta mais confortável e um barulho de algo caindo no chão assim que puxo seu tênis no ar, chama minha atenção. Pego o celular para iluminar o que pode ter sido, e encontro algo com um brilho singular.

Um prendedor de gravata imitando ouro. Acho estranho, porque meu irmão

nunca teve uma gravata, e ao pegá-lo, seu peso chama minha atenção. Ao reconhecer a marca de uma famosa e caríssima joalheria do lado de dentro do pequeno prendedor, minha pressão cai.

Acendo a luz desesperada e o prendedor parece realmente de ouro, realmente de uma joalheria cara. Tem um pingente pendurado em forma de espada, com uma reluzente pedra verde em seu cabo.

— Não — murmuro sentindo meus olhos encherem.

Aproximo-me de novo de Ulisses, que resmunga pela luz acesa em sua cara e Sabrina também acorda. Tento me controlar ao exhibir o prendedor na mão, mas não consigo e o que sai da minha boca é um grito.

— Ulisses!

Ele abre os olhos e se senta assustado assim que reconhece o prendedor em minha mão. Sabrina também se senta no colchão, confusa com meu grito.

— Onde você pegou isso? Onde você conseguiu isso? O que você fez, Ulisses? — grito histericamente e Sabrina rapidamente me segura antes que eu voe nele. — Eu vou matar você! Vou matá-lo! Você é maluco? Por que você fez isso?

Sabrina tem dificuldade de me segurar e percebendo, ele se afasta. Minha avó aparece e ajuda Sabrina a me conter, pedindo que eu me acalme. Mas não quero me acalmar, quero matá-lo.

— Ayla, talvez não seja o que está pensando, deixa ele falar — pede Sabrina e encaro Ulisses.

Ao ver as lágrimas descendo por seus olhos assustados, sei que é exatamente o que estou pensando.

— Você roubou isso? — pergunto baixinho e ele apenas assente. — De alguém da festa?

Ele confirma com a cabeça de novo e Sabrina me solta.

— Vai lá, mata ele. Pode matar, ele merece!

Encaro vovó e vejo que seus olhos estão molhados e fixos no nada. Ela sequer olha para ele, e a dor presente ali me faz chorar ainda mais.

— Por que você fez isso? Eles vão descobrir, vão nos mandar pra cadeia, por quê? Eu te pedi tanto, Ulisses, por quê?

Caio de joelhos completamente sem forças, sentindo um peso imenso do pequeno prendedor em minha mão.

— Quando o ricaço colocou você na cozinha subiu para se trocar, a Marisa me mandou levar uma taça de uísque para ele no quarto. Ele estava no closet, e a

gaveta com os prendedores estava aberta. Ele pegou o copo e foi tomar um banho e ele tem tantos desses prendedores! Todos amontoados, ele não ia dar falta. Estavam ali, diante de mim e ninguém para ver.

— Ele tem muitos? Estavam ali? Essas são suas justificativas para roubar alguém? — grito.

Minha avó balança a cabeça de forma negativa e sua voz é fria quando fala.

— A oportunidade não faz o ladrão, seu moleque! Ela apenas mostra o grande defeito de caráter que uma pessoa tem. Você falha em cada oportunidade. Você não tem caráter, não tem consideração. Você não é gente, Ulisses, não pode ser meu neto.

Ela se afasta indo pelas escadas e quero ir atrás dela, mas não tenho forças para me levantar. Olho para Sabrina que entende o que quero e a segue, amparando-a enquanto sobem as escadas. Ulisses se joga pesadamente sobre o pequeno sofá e não tem coragem de olhar em meus olhos.

— Você sequer parou para pensar que ele pode ter câmeras no quarto, não é? Que a qualquer momento um daqueles milhares de seguranças que você viu lá vai analisar essas imagens e pegar você roubando isso.

Ele me olha em pânico, captando minhas palavras e as entendendo.

— Não parou para pensar que ele pode dar falta justamente desse? Percebe que é incomum? Tem uma espada com uma pedra que com certeza e caríssima pendurada nele. Então ele mesmo vai ver as câmeras ao perceber que foi roubado. Você sequer pensou que ele pode ter o costume de verificar toda a casa quando faz uma festa desse tipo e funcionários desconhecidos circulam por ali? — estou gritando de novo e conforme minha voz aumenta, sua postura se curva.

— Como a gente faz para devolver? — pergunta em pânico.

— Muito simples. Vamos bater na porta dele amanhã e dizer que o delinquente do meu irmão o roubou! Ele manda você pra cadeia em dois segundos, porque ele é podre de rico, e a sua vida será arruinada junto com as de todos nós! Porque é isso o que você quer! É isso o que está tentando fazer!

Ele cai no chão em prantos, e não sinto a menor pena. Não dele. Mas sinto pena de mim. Da minha avó. Das minhas irmãs. Da merda que mais uma vez temos nas mãos e esse medo de que a vida desse imbecil realmente esteja para ser arruinada. Esse medo de que algo disso vá respingar em mim, porque eu fui a porta de entrada para ele, mais uma vez.

Finalmente encontro forças para me levantar e vou para o banheiro. Observo o pequeno objeto de ouro na mão enquanto penso no que poderia fazer. Sabrina abre a porta e seus olhos vermelhos mostram que estava chorando com a

vovó.

— O que faremos? — pergunta baixinho.

— Talvez ele não tenha câmeras no quarto. Talvez esteja cansado demais para fazer qualquer coisa hoje, então pode não dar falta disso até amanhã — falo sem parar enquanto minha mente funciona a mil.

— É possível, mas o que você vai fazer? Você poderia chamar o Tim e explicar...

Só de imaginar ter que dizer ao Tim que meu irmão traiu sua confiança desse jeito, consigo imaginar sua expressão de arrependimento, julgamento, sua completa desistência de mim. Não posso fazer isso. Tivemos uma conversa mais íntima pela primeira vez, ele me olhou diferente pela primeira vez entre milhares de olhares iguais, ele não pode descobrir isso.

— De jeito nenhum! Preciso dar um jeito de devolver isso. Preciso ir até a casa de novo, e devolver sem que ninguém veja.

— E como você vai fazer isso? Nem vão te deixar entrar!

— Não sei, mas vou fazer alguma coisa. Vou pensar em alguma coisa. Eu preciso fazer alguma coisa, ou esse idiota vai pra cadeia.

— Ayla, sei que não quer ouvir isso, mas talvez...

Sei o que ela vai dizer, e sei que está certa. Talvez ele mereça realmente isso antes que seja tarde demais.

— Eu sei. Mas não ainda. Não agora. Não roubando o irmão do Tim. Eu vou dar um jeito de devolver isso amanhã. Se tudo der errado e eu não conseguir, vou contar a verdade ao irmão do Tim e pedir que ele guarde segredo. Mesmo que ele não me deva qualquer consideração.

Mesmo que ele me ouvisse, jamais teria qualquer consideração com a irmã de um ladrão. E mesmo que por um milagre tivesse, e não contasse nada disso a seu irmão, eu jamais teria coragem de olhar para Tim de novo. Olho-me no espelho e a dura realidade está exposta em meus olhos castanhos, milagres não acontecem comigo. O pequeno prendedor em minha mão é o tipo de coisa que acontece comigo. Ele não terá qualquer consideração, vai chamar a polícia assim que eu começar a contar o que aconteceu. Mas não tenho outra saída.

Já fazem duas horas que estamos de tocaia na esquina da casa de Eros Reymond, o dono do prendedor que tenho no bolso do casaco, o irmão do amor da minha vida. Sabrina e eu chegamos logo pela manhã para termos certeza de que ele já foi para a empresa antes de entrarmos para devolver o prendedor. Mas

as horas estão passando e o riquinho nada de sair de casa.

— Você tem certeza que ele vai à empresa hoje? Eu já estou faminta. E esses casacos com esse calor estão me matando! — resmunga Sabrina desanimada. — Olha para esse sol! Os seguranças vão pensar que somos loucas, nem vão nos deixar entrar!

— Quer resmungar em voz baixa? — ralho. — Ele vai à empresa hoje, é quarta-feira. Dia de semana.

— O dono da empresa não pode tirar uma folga após uma festa como a de ontem?

— É por isso que ele vai mais tarde, mas ele vai.

— E se não for? Vamos ficar aqui até amanhã de manhã?

— Se for preciso, vamos!

— Eu vou morrer de fome! — reclama choramingando.

— Você pode parar? Cada vez que fala que está com fome, também sinto fome e o único dinheiro que tenho no bolso é o da passagem pra gente voltar. Nós não vamos comer.

Ela se deixa cair no chão, recostada ao muro e volta a reclamar:

— Eu preciso de uma amiga melhor, meu Deus, uma que não tente me matar.

Duas horas mais tarde, minha cabeça dói com as reclamações de Sabrina, e sua voz chorosa já se uniu ao barulho do meu estômago. Então, vencida pelo cansaço, juntamos nosso dinheiro e pedimos algo pelo aplicativo. Apesar do cansaço, do sol na pele e da fome, a cara de decepção do motoqueiro quando se dá conta que a entrega não é na mansão em cujo portão estamos acampadas e sim para duas meninas de rua estranhas, nos faz rir por quase meia hora.

Passa a hora do almoço e nada do Eros sair de casa, silenciosamente, começo a odiá-lo. Embora sinta uma pontada de culpa, pois muito provavelmente ele salvou a minha vida duas vezes na escada ontem à noite.

Recuso uma ligação de Ulisses pela milésima vez e Sabrina finalmente me arrasta até o ponto de ônibus mais próximo para irmos embora.

Em casa, enquanto tomo um banho gelado para me livrar de horas exposta ao sol, a ideia perfeita de como entrar na casa me vem. Primeiro, ligo para a Reymond Arquitetura e confirmo que Eros Reymond está em uma reunião importante, o que significa que finalmente o preguiçoso saiu de casa. Então, visto minha melhor roupa, a que menos tem cara de feira, e ousa pegar um

pouco do pagamento da noite anterior para mais uma passagem. Estou voltando para a casa do meu futuro cunhado.

Capítulo 04

Eros

Pela primeira vez em anos, penso seriamente em não ir trabalhar. Não que não haja trabalho a ser feito, mas porque dediquei vinte e quatro horas do meu dia durante os últimos três meses por um único objetivo, e ele foi alcançado. A nova sede do governo do estado será projetada e construída pela minha empresa, e isso é muito mais do que poderíamos imaginar quando assumimos a empresa do nosso tio, depois de Nick, o filho dele, ter negado o legado para criar seu próprio: a empreiteira Reymond, nossa parceira.

Então talvez eu mereça essa folga, um dia inteiro em casa, tentando livrar a mente de planos e prazos antes que as obras comecem e eu tenha mais planos e prazos em mente. Consigo ser um cara normal em um dia de folga por longas seis horas. Depois do almoço, e de ver pela décima vez um filme de ação que curto, não consigo mais ficar parado. Tomo um banho rápido, despeço-me das mulheres que arrumam minha casa após a festa da noite anterior e vou para a empresa.

— O que você está fazendo aqui? Não combinamos de tirar folga? — Tim, meu irmão mais velho, ralha assim que saio do elevador.

— E se eu tiver vindo conferir se você está cumprindo nosso acordo? — brinco e ele ri, seguindo-me até minha sala.

Uma enorme maquete com o projeto do governo decora o canto esquerdo da sala, e penso que a deixarei ali por longos anos ou pelo menos até que consigamos um projeto ainda maior.

— Irmão, você devia ter ficado em casa. Se tivesse me ligado antes de dar

as caras eu o teria alertado — Tim avisa com um sorriso divertido.

— Alertado sobre...

— Sua adorada namorada e seu insuportável humor por não ter sido convidada para uma festa na sua casa ontem.

Olho para os lados procurando o perigo e imediatamente tranco a porta da minha sala e fecho as persianas.

— Melissa está aqui?

— Há umas duas horas. Está enlouquecendo seus funcionários. Eu juro, Eros, uma hora uma dessas meninas que aturam as crises dela vai te processar e eu vou pegar a causa contra você.

— Cretino! Por que você não a mandou embora? — reclamo.

— A pergunta é, por que você não a convidou para a festa?

— Você está maluco? E aparecer com ela diante da imprensa? Amanhã já começariam a perguntar quando é o casamento e essa maluca ia por isso na cabeça. Ia fazer da minha vida um inferno. Você sabe que nunca vou me casar.

Ele assente claramente se divertindo com a situação.

— Se não gosta dela, por que não dá um jeito nisso? Eros, estamos falando da filha do nosso maior investidor. Você magoa essa garota e eu mato você.

Faço uma careta e reparo bem meu irmão tranquilo, que tem diversas mulheres em cada bairro da cidade e nunca é perseguido por nenhuma delas.

— Por que ela não cismou com você? Por que eu? Vamos dar um jeito de ela se apaixonar por você e me deixar em paz, que tal? — proponho.

— Jamais! Já tenho mulheres demais com que lidar. Deixe Melissa Sampaio bem longe de mim. Além do mais, não se manda assim no coração.

Caio pesadamente na cadeira com uma careta que o faz rir alto.

— Quem está falando em coração, irmão? Como se ela me amasse! Seu interesse em mim é puro status.

— Você devia agradecer! Você é completamente avesso ao amor. Ainda acho injusto que a mamãe tenha deixado o anel de compromisso dela com você, como se você fosse se apaixonar um dia!

Sorrio. A pequena peça provavelmente vale quase um milhão no mercado, mas o valor sentimental dela é incalculável. Por algum motivo, pouco antes de ir embora, mamãe nos chamou ao seu quarto e a deixou comigo. Disse que eu a usaria e ao contrário dela, faria do meu amor alguém muito feliz. Entre meu irmão e eu, ele é quem busca viver um grande amor. Do tipo que nossa mãe viveu, não com o mesmo final trágico, ou as consequências desastrosas do amor

dela, mas com a mesma verdade e intensidade.

E eu, estou correndo dessa coisa que é poderosa demais para ser controlada. E algo tão forte que não se pode controlar nunca é bom. Não pretendo passar pelo que a mamãe passou. Não pretendo passar nem perto disso.

— Vai ver foi por isso que ela deixou comigo. Você provavelmente se apaixonou demais. Teria dado o anel dela pra Grazi, sua secretária, lembra? E quando conhecesse a mulher com quem vai se casar, já não teria mais nem sombra dele.

— Só que eu nunca me apaixonei, maninho. A Grazi foi apenas um tesão mais forte.

Duas batidas leves na porta fazem meu irmão a abrir antes que eu possa alertá-lo a não fazer isso, e o cabelo loiro de Melissa surge na porta. Isso me lembra que preciso urgentemente de uma nova assistente que impeça Melissa de aproximar-se da minha sala.

Ela ignora Tim completamente e vem até mim. Sua expressão pode ser comparada a de uma mulher traída.

— Então, uma grande festa na sua casa e você se esqueceu da sua namorada!

— Melissa! Que bom vê-la! Era uma festa de trabalho, querida. Você teria se aborrecido.

Claramente ela não foi convencida, sua careta piora, mas aproxima-se de mim esperando que eu vá adulá-la.

— A nata da sociedade estava lá — diz magoada. — Tenho certeza que muitas solteiras atiradas também.

— Ah, não se preocupe querida cunhada, meu irmão sequer olhou para qualquer mulher ontem, foi arremessado escada abaixo e ficou em seu quarto a maior parte da noite — intervém Tim divertindo-se.

A expressão horrorizada de Melissa é tão engraçada, que preciso me controlar para não rir.

— Arremessado? Você arranjou briga com alguém? Provavelmente por causa de uma mulher, aposto!

Antes que eu possa explicar, Tim abre a boca novamente:

— Foi uma mulher que o derrubou. Mas ela te fez um favor, cunhada, você deveria agradecê-la. Ela esbarrou nele na escada e ele rolou por toda sua extensão. Então todas as solteiras carentes da festa ficaram para mim.

Melissa parece mais calma. Senta-se em meu colo, mas me levanto

imediatamente porque não gosto desse tipo de coisa no meu local de trabalho. Peço licença a Tim com um sinal que espero que ele entenda, que deve me resgatar rapidamente daqui. E assim que ficamos sozinhos na sala, Melissa aproxima-se fazendo-se de zangada.

— Não acredito que não me convidou!

— Você teria ficado aborrecida, eram apenas homens de negócios falando de negócios. Além do mais, não a imagino cuidando de mim no quarto a festa toda depois que me machuquei.

Ela dá de ombros e aproveito que se acalmou para deixar claro algumas coisas com ela.

— Melissa, estamos apenas nos curtindo, não assumimos um relacionamento sério, certo?

Ela parece irritada, mas passa tão rápido que não tenho certeza.

— Claro! Você não precisa me lembrar isso a cada vez que nos vemos!

— Se você entende isso por que está aqui? Por que insiste em vir ao meu local de trabalho? Eu não traria aqui nem mesmo uma namorada fixa, ainda mais alguém que ainda estou conhecendo.

Ela parece ferida e me pergunto se passei do ponto.

— Parte dessa empresa também é minha, meu pai é seu maior investidor. Cuidado com o tom de voz que usa comigo, porque se eu me queixar com ele, posso convencê-lo a deixá-los e você se veria em uma situação perigosa, querido! Não estou agindo como uma namorada, e sim como a filha do seu principal investidor. Meu pai deve estar a tempo demais fora do país se você já consegue esquecer-se assim dele...

Ela continua com suas ameaças e percebo que não passei do ponto, é apenas Melissa sendo Melissa. Superficial e manipuladora como sempre. Finalmente Tim intervém e invade minha sala dizendo que houve um problema com o projeto e o governador exige minha presença imediata a uma reunião. Melissa não para de falar e me despeço dela deixando-a falando sozinha na minha sala.

— Por que você demorou tanto? — reclamo assim que entramos no carro de Tim.

— Estava ligando para os caras. Vamos beber umas, irmão. Afinal de contas, hoje é nossa folga.

Avistamos a cabeça ruiva de Nico numa mesa no canto do nosso bar de sempre, no centro da cidade. Tulio também já chegou e mal nos sentamos, ele

aponta para a mão de Nico com uma careta de desaprovação.

— O que é essa coisa dourada aí na sua mão? — Tim pergunta fingindo estar em choque e Nico, embora finja aborrecimento, tem o maior brilho nos olhos ao explicar:

— Fui pego pela patroa. Não deu para enrolar mais, vou ter que me casar.

As gozações começam e embora seja o alvo, nunca o vi tão feliz. Nico e Tulio são nossos amigos há quatro anos, desde que começaram a prestar serviços contábeis a nossa empresa.

— O próximo é o meu irmão — diz Tim em tom de zombaria. — A namorada dele já está almejando até uma posição na nossa empresa.

— Pra eu me casar, maninho, só se a minha vida depender disso. E com a Melissa, nem se minha vida dependesse disso — garanto.

Os caras zoam e Nico acaba contando como fez o pedido de casamento e mal consegue disfarçar sua felicidade. Após alguns copos de chope Tim comenta esperançoso:

— Também vou viver esse tipo de amor aí. Vou me casar na igreja e tudo.

— E vai largar sua vida boêmia? — Tulio pergunta duvidando, assim como eu, de suas palavras.

— Claro! Só não fiz isso ainda porque não achei a mulher que me fez desejar apenas ela.

— Irmão, se você ainda não a encontrou depois de tanta busca, acho que ela não existe — brinco e como que para comprovar o que estou dizendo, uma morena chega acompanhada de uma amiga e sorri para ele. Imediatamente, Tim se despede de nós dizendo que precisa resolver uma coisinha.

— Ei, não vai nos apresentar sua amiga? — brinca Tulio.

— Cara, não tenho amigas bonitas desse jeito. E não divido mulheres. O Nico paga a conta já que seus dias de chope estão contados — decreta e caímos na dele, deixando tudo para o Nico pagar.

Meu amigo bebeu demais e o levo para casa em seu carro. No caminho, ele não para de falar sobre sua noiva e seus planos para o casamento. Por fim, bate no meu ombro e diz com pesar:

— É uma pena que você não queira sentir que seu peito vai explodir de tanta felicidade.

— Isso acontece comigo, Nico. Aconteceu esses dias mesmo quando a secretária do governador me ligou para dizer que o projeto era nosso.

— Não é a mesma coisa. Há alegrias que só o amor proporciona, cara.

— O que eu vi do amor foi bem longe de alegria.

Ele me olha confuso, mas não pretendo falar sobre minha mãe e sua doença chamada amor para meu amigo completamente apaixonado.

— Infelizmente, — digo para mudar o rumo do que comecei a dizer — ninguém se apaixonou por mim.

Ele faz um gesto engraçado com a mão desacreditando do que eu disse.

— Tantas mulheres atrás de você, como você sabe que nenhuma delas se apaixonou?

— Você sabe quando alguém ama você de verdade. Um homem consegue identificar isso, principalmente se ele já viu o amor antes. Os eu te amo que eu escuto não são direcionados a mim, mas à minha carteira, ao meu sobrenome ou ao meu corpo — brinco.

Ele faz uma careta e parece triste ao responder.

— Tomara que alguém se apaixone por você um dia. Não há nada melhor do que o presente de ver nos olhos de alguém que você foi o escolhido por ela para dar seu amor. Não tem coisa melhor, amigo.

— É uma responsabilidade grande demais — digo um tempo depois parando o carro em sua garagem.

— O que?

— Alguém amar você. É um sentimento forte demais, a pessoa muda completamente por sua causa, os dias dela, os pensamentos dela, tudo vai girar em torno de você. E qualquer coisa que você diz ou faz pode feri-la ou fazê-la feliz. Eu não gostaria de ter a felicidade de alguém nas mãos, mesmo que de forma temporária. Prefiro não ser amado.

Ele pensa um momento no que eu disse, mas logo abre um sorriso, descendo do carro.

— Leva o carro, homem! Amanhã eu busco.

Concordo e me despeço dele. Porém, antes que eu saia, ele para na janela ao meu lado e diz:

— Os que mais resistem são os que mais amam. Pode esperar, você vai viver uma história de amor dessas de abalar seu mundo. E eu vou ficar aqui de camarote rindo da sua cara.

— Idiota! — ralho e ele sobe as escadas rindo.

— Vou rir de você, Reymond. Estou avisando.

Ao chegar em casa, percebo que Miguel não está em seu posto e Mário vem ao meu encontro imediatamente:

— Senhor, o Miguel está lá dentro procurando a garçonete.

— Que garçonete?

— A senhorita que trabalhou aqui ontem e esqueceu o celular. Ela veio pegá-lo, mas sumiu lá dentro, Miguel foi procurar.

Assinto e saio do carro deixando que ele o estacione. Encontro com Miguel na sala de estar, descendo as escadas. Ele tem um sorriso no rosto.

— A garçonete está lá em cima, senhor, ela chegou aqui dizendo que esqueceu o celular, mas não sei porque o está procurando em seu quarto! — Me lança uma piscadela.

— Dessa vez, sou inocente. Mas pode ir, eu cuido dela.

— Ah, com certeza o senhor cuida. Muito linda, a sua garçonete.

Curioso, subo rapidamente até o meu quarto e ali, dormindo profundamente na minha cama, abraçada ao meu travesseiro está provavelmente a coisa mais delicada e serena que eu já vi.

Faço algum barulho para acordá-la, mas ela nem se mexe. Sua respiração leve, seu rosto contém um pequeno sorriso, como se estivesse tendo sonhos bons. E eu deveria acordá-la e mandá-la embora, claro, depois de me explicar o que está fazendo aqui, mas ao me aproximar dela, não consigo. Alguma coisa me impede de acordá-la.

Seu rosto me é vagamente familiar, mas imagino que me lembraria de tamanha beleza! Ela tem longos cabelos castanhos espalhados pelo meu colchão, um rosto suave e lábios bem desenhados. Não usa qualquer maquiagem. E parece tão serena enquanto dorme! É aí que reparo em um detalhe que me faz reconhecê-la: o pequeno furo no queixo.

— A garçonete desastrada.

Me pego sorrindo enquanto a observo. Na noite anterior ela usava uma rede prendendo os cabelos e um pano por cima da rede, de forma que mal pude ver a cor deles. Reparei bastante em seus olhos castanhos claros, mas hoje estão fechados. E então o furo no queixo. Ontem ela usava um batom claro e uma maquiagem leve em volta dos olhos e suas bochechas estavam completamente vermelhas pela vergonha do que me fez. E ainda assim era tão linda que apesar do desastre que causou em tão pouco tempo, não consegui deixar de olhá-la.

Praguejo em voz baixa por não conseguir tirá-la de seu sono e agindo como um idiota, sento-me na poltrona ao lado da cama e pego um livro para ler até que

a bela adormecida acorde.

Capítulo 05

Com um sorriso no rosto, cumprimento o segurança e explico que trabalhei ali na noite anterior e deixei meu celular. Mostro o envelope dado por Marisa, com o nome de sua empresa de buffet e o segurança me deixa entrar.

Começo a viajar na decoração da sala, quando o peso do prendedor em minha mão me lembra do que vim aqui e subo as escadas correndo. Se eu demorar, o segurança pode entrar atrás de mim para saber o que estou fazendo, e seria no mínimo estranho eu ter deixado meu celular no quarto do seu chefe. Ao subir as escadas chego a um enorme corredor com quatro portas. Sou obrigada a abrir uma por uma e claro que o quarto do dono da casa é na última e mais afastada porta.

Meus olhos coçam para se concentrarem mais do que dois segundos em cada pedaço desse quarto tão perfeitamente projetado, mas encontro o closet e seguindo as instruções do imbecil do meu irmão, devolvo o pequeno prendedor ao seu lugar. Fecho a gaveta depressa, fecho a porta de vidro do closet e sinto como se um peso fosse tirado dos meus ombros. É uma sensação tão forte, que por um momento minhas pernas cedem, e caio em sua cama.

De imediato, o cheiro do seu perfume no travesseiro chama minha atenção. Pego o travesseiro na tentativa de identificar que perfume pode ser esse, um cheiro tão agradável, forte na medida certa, misterioso. Não consigo identificar nada específico usado nessa fragrância. No fundo da minha mente uma voz baixinha tenta me dizer algo, eu deveria estar fazendo algo, mas já devolvi o prendedor, o que eu deveria fazer?

— Claro! Saia daqui sua tonta!

Abraço o travesseiro para memorizar esse cheiro mais uma vez, estou tão cansada! Não dormi nada na noite passada por causa do Ulisses. Preciso sair

daqui e ir pra casa, dormir um pouco. Esse cheiro é tão bom! Que perfume é esse? Fecho os olhos por alguns segundos, e caio em mim de que preciso realmente sair deste lugar. A contragosto, deixo o travesseiro quente e perfumado de lado, e quando me levanto da enorme cama, dou de cara com um homem muito alto, forte, com cabelos castanhos lisos demais e dois olhos negros cravados em mim. Ele esconde rapidamente um sorriso divertido, e sua voz é séria e impaciente ao perguntar:

— O que você está fazendo na minha cama?

É agora que serei presa por invasão de privacidade, e meu irmão por roubo. Ele viu tudo através de uma câmera, embora eu não tenha achado nenhuma. A polícia já deve estar a caminho.

Me perco em todos os medos que me tomam e rapidamente ele se aproxima de mim, parando à minha frente, tão perto, que volto a sentir seu perfume, dessa vez vindo dele, e sua expressão não tem mais nada de divertida quando repete sua pergunta impaciente:

— Você me ouviu? O que está fazendo no meu quarto? Na minha cama?

Gaguejo, gaguejo, e na falta de agilidade do meu cérebro, a resposta me escapa.

— Só estava sentindo o seu cheiro, eu...

Ele dá um passo para trás com minha resposta, e parece ceder um pouco em sua impaciência, seu olhar passeia por mim com curiosidade e sinto meu rosto pegar fogo pela confissão absurda que acabei de fazer.

— Por que você está no meu quarto? — dessa vez sua pergunta é calma, sua voz quase doce, além de divertida.

Bem, o que eu posso dizer? O celular que eu deveria fingir que encontrei já se encontra em minha bolsa, e claro que ele jamais acreditaria se eu dissesse que o estava procurando em seu quarto, quando claramente não estive aqui na noite anterior. Talvez ele nem se lembre de mim na noite anterior e decido começar por aí.

— Eu estava aqui ontem. Não no seu quarto, quero dizer, na sua casa. Eu estava trabalhando com o buffet, eu...

— Me deu um banho de champagne e me derrubou escada abaixo. Eu me lembro de você, garçonne desastrosa. Você é meio difícil de esquecer.

Meu rosto se aquece ainda mais e mal consigo controlar meu impulso de cobri-lo com as mãos, tamanha vergonha estou sentindo.

— Creio que deixei minha marca — admito sem graça.

— Muito bem deixada — garante com um sorriso divertido.

Preciso aproveitar seu bom humor para dar uma desculpa que ele vá aceitar antes que perca a paciência e me lance aquele aterrorizante olhar negro, que vai me fazer confessar tudo e até a Sabrina vai acabar presa por espionagem se eu abrir minha boca.

— Não acho que esteja aqui para se desculpar — insiste.

— Não, eu... embora você mereça mesmo um pedido de desculpas. Sinto muito por quase tê-lo matado. E obrigada por me salvar assim mesmo.

Ele dá de ombros com um sorriso no rosto e me estende a mão:

— Prazer, seu herói.

Toco sua mão mal controlando o quanto estou tremendo e ele percebe, pois franze o cenho e olha fixamente minha mão tremendo na sua.

— Garçonete desastrada — apresento-me fazendo-o rir.

— Você está nervosa? Sua mão está tremendo. O que você está fazendo aqui, além de sentindo meu cheiro no travesseiro?

Tiro minha mão rapidamente da sua e dessa vez, como uma menina boba, cubro o rosto com as duas mãos. Preciso de uma desculpa plausível, e rápida, antes que uma torrente de verdades saia da minha boca. Percebo então duas coisas: a primeira que é mais fácil respondê-lo com os olhos cobertos, pois seu olhar negro me deixa nervosa. E a segunda, que eu já disse a ele que estava sentindo seu cheiro no travesseiro, como uma menina apaixonada. E de repente, essa é minha melhor saída.

Uma mentirinha de nada, ele pode não acreditar, mas pode ficar desconcertado e quando eu sair correndo fingindo estar envergonhada por assumir meus sentimentos, nem vai atrás de mim. Com certeza ele não vai desconfiar, deve ser acostumado a ter mulheres apaixonadas por ele. Inclusive algumas malucas que invadem seu quarto. Mas só nos vimos uma vez, como posso dizer isso de forma convincente?

— Você acredita em amor à primeira vista? — pergunto baixinho com as mãos ainda sobre o rosto.

Não há uma resposta, e logo, suas mãos tocam as minhas e gentilmente descobrem meu rosto. Ele parece confuso, não mais divertido. Está funcionando. Mas não posso continuar olhando em seus olhos negros. Meu coração acelera, é como se fossem dois lagos negros prontos para me afogar, então tiro minhas mãos das suas e viro-me de costas ao continuar minha pequena e inocente mentira.

— Você acredita? Acha que é possível que algo tão forte como o amor possa surgir sem um motivo aparente? Apenas por um encontro de olhares?

— Para ser sincero, acredito. Embora eu nunca tenha sentido algo assim. Nem tenha pretensão de sentir.

Era exatamente o que eu queria ouvir. Ele acaba de me dar um fora, preciso conter meu sorriso de vitória, e assinto, como que resignada com sua recusa. De cabeça baixa, tento passar por ele para ir embora, mas ele segura meu braço.

— Qual o seu nome? — percebo que seu tom de voz é cauteloso, e não há mais nada de divertido.

Abro a boca para responder quando me ocorre que ele provavelmente vai comentar sobre a estranha em seu quarto declarando amor à primeira vista com seu irmão, e Tim não pode de maneira nenhuma saber dessa mentira.

— Dolores — minto.

— O que você veio fazer aqui, Dolores? Na certa não veio para sentir meu cheiro no travesseiro e menos ainda para me perguntar se acredito em amor à primeira vista. Você queria me dizer alguma coisa?

Merda! Tento correr, mas com facilidade, ele me gira, sua mão ainda segurando meu braço, enquanto sua outra mão segura o outro braço, prendendo-me de frente para ele. Tento não olhar para aqueles olhos negros assustadores e meu olhar pousa em sua boca. Tão perfeitamente moldada pela barba bem-feita.

— Eu me apaixonei por você — minto baixinho. — Por isso me desequilibrei na escada. Eu olhei para você e... não sei, acho que me perdi.

Não há uma resposta, nem qualquer reação dele, tampouco solta meus braços, de forma que sou obrigada a subir meu olhar de sua boca, para seus olhos negros. Eles me encaram de uma maneira tão intensa, que sinto minhas pernas virarem gelatina, como se ele pudesse ver a mentira por trás das minhas palavras. Se ele disser que não acredita, se ele levantar a voz, ou semicerrar esses olhos negros em minha direção, sei que vou desmaiar, ou vou confessar tudo como uma enxurrada maluca de pequenos crimes.

— Eu sinto muito por estar aqui. Menti ao segurança para me deixar passar. Eu só queria olhar para você de novo, mas já estou de saída. Não quero incomodá-lo.

Ele me solta finalmente e quando dou um passo em direção à porta, me chama:

— Espera um pouco. Eu sinto muito, mas tenho uma pessoa agora.

Faço minha melhor imitação de uma mulher apaixonada sendo rejeitada e

olho em seu rosto assentindo com pesar.

— Eu entendo, você tem namorada.

— Não exatamente. Essa palavra é forte demais para mim.

Não entendo bem o que quer dizer, como é possível ter alguém em sua vida que sequer merece o título de namorada, mas é importante o bastante para ser mencionada diante de alguém que ele acredita amá-lo?

— Então, você tem um rolo?

— Algo assim.

— Enfim, não está disponível, mais uma vez, sinto muito! — Dou mais um passo em direção a porta, desistindo de entender sua vida amorosa, quando ele pega novamente minha mão, obrigando-me a olhar seu rosto que de repente está angustiado.

— Eu não quero que você sofra. Talvez não seja amor, mas algo passageiro. Uma atração mais forte, talvez?

Fazendo-me de coitada, nego com a cabeça.

— Não, é amor, nunca senti algo assim antes. Meu coração está em pedaços. Mas vou sobreviver.

Vejo a dor que passa por seus olhos, que some tão rápido quanto um brilho diferente surge neles.

— Eu realmente sinto muito. Eu vivi por anos presenciando a pessoa que mais amava na vida definhar por um amor não correspondido. Não desejo que ninguém passe por isso, menos ainda por minha causa. Eu realmente tento não ser amável. — Um pequeno sorriso surge em seu rosto e me pego sorrindo de volta.

— Eu entendi. Não se sinta culpado, você não fez nada para que eu me sentisse dessa maneira. Apenas me salvou e foi legal comigo. Duas vezes. Está sendo a terceira, pare de ser legal comigo!

De repente estou nervosa com a maneira como está me tratando. Por que está sendo tão legal? Por que não diz apenas que jamais olharia para uma garçonete desastrada como eu e me manda embora? Por que está tentando justificar sua recusa?

— Acho que no fim das contas fiz algo para cativar você. Há uma citação que minha mãe sempre dizia, “tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”. Infelizmente, não sou adepto ao amor, não é por você, mas por uma escolha minha.

— Você acha que tem escolha? — pergunto achando graça.

- Acho que você não teve. E sinto muito por machucá-la.
- Vai passar — garanto porque ele parece realmente triste.
- Mesmo assim sinto muito.

Ele parece tão desolado por me dar um fora, que minha mente se confunde. E de repente estou com uma mão por cima da sua, acariciando de leve e garantindo a ele que não fez nada de mal, que vou ficar bem, que vou continuar amando-o à distância, que não é nada demais. Até que me dou conta do que estou fazendo.

— Como foi que me fez consolar você por me dar um fora? — pergunto afastando-me de repente.

Ele me encara contendo um sorriso e não sei mais quem sou, onde estou e porque o amo. E antes que algo realmente pior aconteça, preciso sair de seu quarto. E tudo acontece tão de repente que não sei mais nem mesmo meu nome.

Alcanço a porta sentindo o cheiro da liberdade quando de repente, ele me puxa pela mão, dessa vez com força e girando, bato com tudo em seu peito. Mais do que depressa seu abraço me prende ali, e sua boca toma a minha em um beijo casto, apenas seus lábios sobre os meus, pressionado com força delicada, não forte demais, mas o bastante para que eu não consiga me afastar. Sua mão acaricia meu cabelo, e meu ar falha miseravelmente. O beijo dura mais do que deveria, e minha respiração demora a voltar, não tenho forças nem mesmo para abrir os olhos.

Ele parece se dar conta do meu estado lamentável, pois me sustenta com os braços, mantendo-me presa ao seu corpo, fala tão baixinho em meu ouvido, que perco o resto dos sentidos.

— Você ainda acha que é amor?

— Acho que não sei mais meu nome — respondo segundos depois.

Sinto-o sorrir em meu cabelo, sei que preciso sair daqui, preciso me afastar e parar de ser ridícula, mas onde foi parar minha força?

— Guarde isso como uma lembrança, — diz docilmente — uma lembrança desse amor. E mesmo depois que ele acabar, e você viver outros amores, ainda se lembrará de mim.

Aos poucos, consigo sair de seu abraço, consigo afastar-me olhando em seus olhos negros. Espero que vá dizer que foi uma piada, que sabe o que estou fazendo aqui e que a polícia me aguarda, mas ele não diz. Olha o relógio em seu pulso e volta a olhar para mim.

— Como você veio para cá? Está de carro?

Nego com a cabeça e ele pega a carteira em cima da cama.

— Está muito tarde para que vá de ônibus, eu irei levá-la.

Finalmente sou tirada da nuvem em que ele me colocou e volto a mim.

— De jeito nenhum! Não precisa, muito obrigada.

— Eu insisto.

— Ainda está de tarde, e eu moro muito longe, não vale a pena, posso chamar um táxi.

— Se mora tão longe, vai acabar usando todo o dinheiro que ganhou ontem para chegar em casa, não faz sentido.

Nego com a cabeça enquanto ele se aproxima e saio do seu quarto, mas ele me segue, posso ouvir seus passos atrás de mim. Confirmo que não há qualquer policial lá embaixo, e, estranhamente tudo está escuro.

— Que horas são? Ainda é de tarde, eu... — paro na escada atônita e sua mão com seu relógio de pulso surge à minha frente mostrando que passa das dez da noite.

— Você estava dormindo quando eu cheguei — explica.

Eu vou desmaiar. Que espécie de pessoa retardada invade o local de um crime e dorme nele? Por isso eu fui pega, por ser tão burra!

— Você não vai desmaiar de novo, não é? — pergunta preocupado colocando a mão em minha cintura para me amparar, mas a tiro de mim imediatamente.

— Não toca em mim! E não me leve até minha casa! Pare de ser legal comigo! Você não disse que não é amável? — O sorriso em seu rosto me deixa ainda mais irritada. — Muito obrigada, mas eu preciso sair de perto de você, você entende isso, certo?

Ele assente, e dez minutos depois estou entrando contra a vontade em seu carro.

Capítulo 06

Analizando a situação em que me encontro, espero que a qualquer momento meu coração vá pular uma batida, os pelos do meu braço se eriçarem e aquele pressentimento de que algo vai dar errado me tome, mas curiosamente isso não acontece. Também, seria difícil que a situação piorasse. Minha mentira foi tão ridícula que temo que me levar em casa seja uma desculpa para pegar meu irmão, e que ele realmente viu as imagens da câmera de segurança escondida em seu quarto. Se bem que, eu quase derreti nos braços dele por causa de um beijo. Mais patética impossível! Pelo menos deve ter servido para ele acreditar que estou mesmo apaixonada.

Em pensar que tudo isso poderia ter sido evitado se eu apenas não tivesse caído no sono na cama dele. Sinto tanta raiva da minha burrice que me pego rindo. E nosso silêncio velado é interrompido por sua voz curiosa.

— Do que você está rindo?

— Não acredito que dormi na sua cama. Isso é, quem invade a casa de alguém e aproveita para dormir? — confesso de repente arrependendo-me em seguida.

Creio que acabei de dar uma enorme pista de que menti sobre meus sentimentos e meu motivo para estar em seu quarto, então olho de soslaio e ele está rindo. Deve ter algo muito engraçado na minha cara, porque esses homens estão sempre rindo de mim!

Mas bem, também rio de mim mesma. Eu sou mesmo uma causa perdida. De repente estamos os dois rindo como dois malucos, em algum ponto minha risada passa de auto reprimenda a uma risada nervosa por tudo o que tem me

acontecido, mas creio que ele não percebe isso.

— Então, você vai trabalhar com o buffet no final de semana? É seu emprego fixo?

Faço uma careta.

— O que você acha? Eu molhei e derrubei o dono da casa. E depois, ainda desmaiei em cima dele.

Seu sorriso some de repente e seu olhar parece preocupado.

— Você perdeu o emprego por minha causa?

Fico confusa por alguns segundos com sua pergunta, até me dar conta de que inventei que perdi o equilíbrio na escada porque me apaixonei por ele. Preciso então segurar uma risada, afinal de contas estamos falando de uma ótima oportunidade de emprego perdida, mas me sinto um pouquinho orgulhosa da minha capacidade de inventar algo tão ridículo de forma tão convincente.

— Acho que combinamos que a culpa pelo que sinto não é sua. Quer dizer, não inteiramente sua. Bem, não essa parte. Quando eu derrubei tudo em você, você ainda não havia sido legal comigo, então a culpa é toda minha.

Ele permanece em silêncio e sua expressão é tão séria que me incomoda. E como a tonta que sou que não consegue ver alguém chateado, disparo a falar:

— Não era um emprego fixo de toda forma. Era um bico que Tim conseguiu para mim. Eu estou desempregada e a culpa não é sua, eu juro!

— Tim? Meu irmão Tim? Vocês se conhecem?

— Sim, somos amigos há alguns anos — afirmo.

E mais uma vez, essa palavra que é pequena demais e grande demais ao mesmo tempo.

Ele para o carro em um sinal vermelho e me avalia com curiosidade, seu olhar preguiçoso avaliando-me com uma acusação velada.

— O que foi? Não posso ser amiga do seu irmão?

— Meu irmão não tem amigas bonitas como você.

Demoro um pouco para entender o que está querendo dizer, e quando entendo, quero socá-lo.

— Pois você não conhece seu irmão tão bem assim, sinto dizer! Somos apenas amigos, nada mais do que isso. Ao ponto de ele me indicar para trabalhar na sua casa! Você acha que ele indicaria as amantes dele para trabalharem pra você?

Ele está rindo, mas nega com a cabeça e minha raiva não quer passar.

— Vocês riquinhos são todos iguais! Cada dia com uma mulher, então quando conhecem alguém que já conhece alguém, logo deduzem que foram para a cama! Ridículo!

— Não sou assim — defende-se sem nenhuma vontade, ainda rindo.

— Ah não, me desculpe, eu esqueci! Você tem uma namorada que não considera como namorada de forma que não a trai se ficar com outra, não é?

Seu sorriso aumenta.

— Exatamente. Por exemplo, eu poderia ficar com você, e isso não seria traição.

— Comigo? — Sinto-me desconcertada. Se eu realmente fosse apaixonada por ele, esse amor morreria neste exato momento. — Você é um babaca!

— Em minha defesa, eu não ficaria com alguém que tem algum sentimento verdadeiro por mim — conclui sem o sorriso no rosto, e entendo que está falando sério dessa vez.

— Que azar o meu! — tento soar triste, mas acho que sai debochado, porque ele volta a sorrir e demora alguns segundos para tirar os olhos de mim.

Quando paramos em frente a minha casa, agradeço rapidamente e tento sair do carro, mas ele trava a porta.

— Dolores, este é o endereço da minha empresa, esteja lá amanhã às oito — diz me estendendo um cartão.

Os segundos que levam para que minha mão alcance o pequeno cartão em sua mão, são o suficiente para minha mente se encher de milhares de ideias de porque ele está me mandando até sua empresa na manhã seguinte. Ele vai me prender. Vai me esculachar para a imprensa e então me prender. Pior, vai me desmascarar na frente do Tim, agora que contei que somos amigos. Eu vou morrer.

— Para? — Começo a tremer e preciso me controlar para que ele não perceba.

— Trabalhar. Estou te oferecendo um emprego. Preciso de uma assistente e você pode ficar com o cargo. Te garanto que pago muito bem.

Eu realmente gostaria de evitar o sorriso que toma meu rosto, mas se tem algo que me deixa feliz nessa vida, é saber que arrumei um emprego. E claro, que não serei presa, nem humilhada.

— Sua assistente? — praticamente grito. E meu sorriso é tão grande que ele franze a testa, sem dúvida assustado com minha expressão. — Mas eu nunca

trabalhei em uma empresa assim, não faço ideia do que fazer!

Por que será que estou gritando? Não consigo parar.

— Não é problema, eu posso te ensinar.

O sorriso não diminui, seu olhar negro pousa nele por tempo demais, e ele sorri também. Vejo quando destrava a porta do carro e desço com aquele sorriso pregado no rosto. Então me lembro de algo que o faz desaparecer. Volto a me sentar no carro e encaro sua expressão confusa.

— Meu nome não é Dolores — confesso envergonhada.

Ele me olha por um tempo incrédulo, mas logo ri alto, recostando a cabeça no banco parecendo aliviado.

— É claro que não é. Qual é o seu nome?

— Ayla. Ayla Marins.

Ele me estende a mão com um sorriso tão lindo no rosto, que volto a sorrir involuntariamente.

— Muito prazer, Ayla, sou Eros.

Toco sua mão rapidamente e desço do carro sem dizer obrigada. Mas bem, terei todo tempo do mundo para agradecer.

Enquanto destravo a porta me vem à cabeça que será inevitável que Tim descubra que estou “apaixonada” por seu irmão. Já que provavelmente Eros vai contar a ele sobre a garçonne assassina que se tornou sua nova assistente. Mas bem, não é como se ele fosse se declarar a mim depois de tudo. Também depois de algumas semanas posso simplesmente “deixar de amar” Eros, certo? E eu realmente preciso de um emprego, principalmente numa firma de arquitetura, é como realizar um sonho. Mesmo que seja como assistente do chefe, estarei ali, vendo de perto como tudo funciona. Tenho certeza que irei aprender muito estando ali.

Ulisses me aguarda com olhos inchados e uma expressão que beira o desespero. Vovó está atrás dele claramente preocupada.

— Você conseguiu? Devolveu o prendedor? — ele pergunta assim que me vê, mas o ignoro e abraço vovó para tranquilizá-la.

— Tudo certo, vovó. Devolvi sem que ninguém me visse e ainda consegui um emprego. Numa firma de arquitetura!

Vovó comemora comigo, prepara rapidamente seu famoso chocolate quente que só é feito em ocasiões especiais e pela primeira vez em dias, temos uma comemoração em casa. Sem nenhum mal pressentimento. Como um sorriso do

universo pela primeira vez. Mas procuro não manter esperanças, pois a última vez em que pensei que o universo estava sorrindo para mim, ele estava na verdade me mostrando o dedo do meio. Dessa vez, vou esperar um pouco mais antes de me sentir uma pessoa normal.

Assim que vovó se retira com as gêmeas, seguro Ulisses pelo braço.

— Eu fui pega e quase fui pra cadeia por sua causa! Precisei inventar uma mentira tão grande, e agora terei que sustentá-la por meses! O que você fez, Ulisses, não só envergonhou a mim, como me fez perder de vez o amor da minha vida! Por causa da mentira que contei, ele nunca vai olhar pra mim.

— O que houve? O que você disse? — Seus olhos estão cheios de novo e o deixo ali, remoendo em curiosidade e culpa. Ele merece sofrer um pouco.

Uma mão quente e acolhedora passeia por meu rosto e me dá pequenas sacudidas. Em seguida, a voz baixinha da minha avó me desperta.

— Querida, podemos conversar um pouco?

O dia ainda nem nasceu, mas percebo que ela não conseguiu dormir e me levanto imediatamente. Duas xícaras de chá nos esperam na mesa da cozinha e dona Sofia senta-se de frente para mim. Em seu rosto, mais rugas do que as causadas pela idade. Ela está muito preocupada.

— O que vamos fazer com ele, Ayla? Perdoamos uma vez, deixamos passar a segunda, agora isso! E se você não tivesse conseguido devolver esse prendedor? E se ele tivesse sido pego? Vamos esperar a quarta vez para tomar alguma atitude?

Deposito minha mão sobre a sua, essa é uma dor que compartilhamos e me sinto tão perdida quanto ela.

— O que poderíamos fazer, vovó?

— Eu não sei. Não consigo pensar em um castigo forte o bastante para que ele aprenda.

— Vovó, não acho que caráter se aprenda com castigos. É algo que você possui ou não, infelizmente ele não possui.

— Não diga isso, Ayla! Não fala isso nem de brincadeira! Eu criei três filhos com toda dificuldade e foram todos boas pessoas. Eu aceitei escolhas ruins, profissões piores, casamentos fadados ao fracasso porque eles precisavam aprender com seus erros, mas nunca um filho meu teve falta de caráter. Isso nunca! Então sua mãe tem quatro filhos e vai embora no momento mais difícil. Dois adolescentes e dois bebês? O que ela estava pensando? Quem vai dar

caráter ao filho dela? Quem?

Dou a volta na mesa e me ajoelho ao seu lado, deito a cabeça em seu colo e logo seus braços pousam em minha cabeça.

— Tampouco mamãe poderia fazer isso. Mas sinto muito que essa preocupação esteja com a senhora e não com ela. Nós vamos dar um jeito, vamos pensar em algo.

Ela acaricia meu cabelo meio sem jeito por suas palavras.

— Eu não quis dizer que são um fardo para mim, querida.

— Eu sei, vovó, não se preocupe. Você criou três filhos e quando pensou que poderia descansar, ganhou mais quatro filhos para criar. Sei que não é fácil, mas a senhora tem feito um excelente trabalho. O Uli já tem dezoito anos, não seria melhor arrumarmos um emprego para ele? Talvez assim ele tenha seu próprio dinheiro, compre suas próprias besteiras e coloque a cabeça no lugar.

Volto a me sentar e seus olhos parecem mais calmos após a confissão que estava guardando para si mesma.

— E se ele aprontar alguma coisa no lugar onde vai trabalhar?

— Então a vida irá puni-lo, vovó. Não podemos protegê-lo para sempre.

— Você é tão boa, minha filha! É uma criança tão cheia de luz! Deus tem algo reservado a você, um homem bom, uma carreira brilhante. Você vai terminar seus estudos e ser a melhor no que faz, eu sei que vai. Você merece isso.

Sorrio em resposta e o que não digo em voz alta, é que ambas as coisas me parecem completamente impossíveis de acontecer. Serei só mais uma pessoa com muito trabalho e o dobro de preocupações, lutando a cada dia, vivendo dias normais. Não é como se meus dias fossem se tornar mágicos, caso meus sonhos se realizassem.

Envio uma mensagem à Sabrina que a fará cair da cama e aparecer aqui em dez minutos ainda de pijama:

**FUI PEGA NO QUARTO DO EROS ONTEM. ELE ME BEIJOU. E ME DEU UM EMPREGO.
ATÉ A NOITE.**

— Dez — termino de contar e o som da campainha soa repetidamente.

Mal abro a porta, Sabrina entra como um furacão tonto, seus olhos mal

estão abertos, seu cabelo todo embolado, e seu pijama fluorescente ainda amassado.

— Como assim ele te beijou?

Cubro sua boca rapidamente e a levo para meu quarto, aproveitando que as gêmeas estão na cozinha tomando o café.

— Me conta tudo agora! Você só pode estar maluca se acha que vou esperar até a noite. Onde você vai com esse vestido horroroso? Isso é da sua avó? — pergunta finalmente abrindo completamente os olhos.

— Ei! Era a única roupa decente para uma firma de arquitetura.

— Juro que não vou discutir moda com você a essa hora, Ayla. Me fala do gostosão do Eros, como foi isso? Como ele te pegou? Como ele te beijou? O que aconteceu?

Calmamente conto a minha amiga nos mínimos detalhes desde a hora em que enganei o segurança até a hora em que Eros me deixou em casa. Cada expressão surpresa e sonhadora dela, me fazendo agradecer por ter uma expectadora de vida ao meu lado.

Ela se joga na cama ao fim do meu relato se abanando e com aquela expressão sonhadora no rosto, até um suspiro juro ter ouvido.

— Você vai se apaixonar por ele — comenta.

— Não, você não ouviu direito o que eu disse. Eu menti que me apaixonei por ele. Mentira, você conhece? Algo inventado, que não é verdade.

Ela se senta e olha em meus olhos em busca de qualquer vacilo meu por sua próxima afirmação.

— Você não tinha uma desculpa diferente para dar? Qualquer outra coisa que não fosse estou apaixonada por você? — questiona segurando o riso e sei que isso é apenas uma pegadinha para o que realmente quer dizer.

— Eu não tive muito tempo para pensar, ok? E de todo jeito, funcionou. Então eu sou um gênio. E uma ótima atriz!

Ela começa a rir, e a me aplaudir e começo a me sentir por ser tão boa mentirosa, quando ela me corta.

— Você é a melhor pessoa pra se acompanhar a vida. Passa três anos sem que nada interessante aconteça, três anos amando um homem sem conseguir dizer a ele que está apaixonada. E aí, em vinte e quatro horas, você fala isso pro irmão dele! Não podia ser para um estranho na rua, ou para um cara sem qualquer ligação com o suposto amor da sua vida. Não! Isso seria simples demais pra você. Você tinha que inventar um amor falso pelo irmão dele!

Sento-me na cama confusa e desanimada.

— Foi você mesma quem disse que o Tim jamais vai olhar para mim — acuso.

— Nunca tinha dito isso. Eu disse que você está perdendo o seu tempo, e está. Agora posso dizer, o Tim jamais vai olhar para você.

— Foi só uma mentirinha de nada! — defendo-me. — Daqui a pouco ele esquece.

— Claro! Porque você não irá vê-lo todos os dias tão lindo como ele é. Não vai trabalhar oito horas por dia tão perto, como a sombra dele.

— Ele tem uma namorada, me deu o emprego por pena e vai tratar de não ser amável comigo para que eu o esqueça. Eu apenas vou fingir que o plano dele deu certo.

— É uma mentira, você diz — pergunta com um sorriso acusador.

— Completamente. Você sabe que amo o Tim.

— Só que você é uma péssima mentirosa. Pra ele ter acreditado em algo assim, a ponto de manter você perto dele, alguma coisa você fez para convencê-lo.

— Bem, eu fui patética nos braços dele, e dormi agarrada com o travesseiro dele, precisava de mais?

Seu sorriso torna-se vitorioso e seu olhar busca lá dentro do meu quando repete sua afirmação irracional.

— Você vai se apaixonar por ele.

Nego imediatamente essa afirmação ridícula. A imagem de Tim se fortalecendo em minha mente como o único e eterno amor fracassado.

— Mas você esqueceu até mesmo o seu nome quando ele a beijou e falou baixinho no seu ouvido — insiste.

— É claro! Eu fui beijada! De repente! Ninguém nunca tinha roubado um beijo meu antes, eu fiquei desconcertada.

— Você gostou do beijo.

Dou de ombros e me levanto, pegando minhas coisas e toda a documentação necessária para meu novo emprego. Mas minha expectadora de vida barra minha saída com seu olhar questionador sobre mim.

— Ayla, não se faça de desentendida. Você gostou ou não do beijo?

— Bem, não posso dizer que ele beija mal.

— Eu sabia! — grita animada.

— Mas não foi nem de longe um beijo com amor. E você sabe o quanto prezo isso. Beijos são apenas beijos, qualquer pessoa pode encostar a boca na sua, o que conta são os sentimentos que esse gesto carrega, e no caso dele, não tinha nada.

Sua expressão sonhadora murcha completamente e ela desce atrás de mim resmungando como posso não ter sentido nada sendo ele tão lindo, mas não presto atenção às suas queixas quanto à minha estranheza, pois sinto uma coisinha desconhecida no peito, algo semelhante a culpa, como se eu estivesse mentindo para minha melhor amiga.

Capítulo 07

Eros

E ela deixou seu cheiro no meu travesseiro. Constatado ao abrir os olhos de manhã sentindo um cheiro misturado ao meu cheiro costumeiro. Me lembro de sua crise de risos no carro, repreendendo a si mesma por ter adormecido na minha cama.

“Quem invade a casa de alguém e aproveita para dormir?”

Será no mínimo interessante tê-la como minha assistente. Ao menos, sinto que nunca mais me sentirei entediado no trabalho. Além dos sentimentos que tem por mim. E isso é a parte ruim, a parte que me cabe a culpa. Não queria que ela sentisse nada demais por mim, não quero ser responsável pela felicidade dela. Sequer consigo ser responsável pela minha. Sei que não sou um chefe fácil, o enorme número de assistentes que já tive e o fato de sempre estar sem uma assistente apesar de pagar acima da média de mercado, provam isso. E tenho certeza que a convivência comigo e meu jeito de trabalhar matarão qualquer sentimento que ela tenha por mim.

Ao menos espero por isso, pelo bem dela. E pelo bem da minha consciência.

Assim que chego à empresa, confirmo que a garçonete desastrada já se encontra no RH como deveria. Em breve, se juntará a mim e preciso pensar em algo para pular toda essa parte chata de orientação. Tim se junta a mim roubando minha xícara de café e aproveito para saber o que exatamente existe entre ele e minha nova assistente, uma vez que não tolero envolvimento pessoal no trabalho.

— Tenho uma nova assistente, você sabia? — pergunto como quem não quer nada e ele nega surpreso. — Você nem vai acreditar quem é.

Ele deixa a xícara de lado e sua atenção está completamente voltada a mim.

— Desembuche logo, sabe que odeio ficar curioso.

— Lembra-se da garçonete desastrada da festa?

Presto atenção à sua reação em busca de qualquer pista de qual é o verdadeiro relacionamento dos dois.

— Ayla? Como você a encontrou? Quer dizer, onde a viu novamente?

Além de surpresa e incredulidade, não consigo captar mais nada que me dê qualquer pista.

— Ela foi à minha casa ontem à noite.

— Desculpar-se por quase matá-lo? — pergunta rindo e voltando a beber meu café.

Sua calma aparente indica que eles realmente não têm um envolvimento romântico como eu imaginava.

— Na verdade, ela foi se declarar. Disse que está apaixonada por mim.

Imediatamente ele cospe o café e engasga, queimando a língua no processo. Mas não parece se importar com o líquido quente em sua camisa, seus olhos estão fixos no meu rosto.

— Você está de brincadeira!

— Não. Cheguei ontem e ela havia adormecido na minha cama enquanto esperava por mim. Quando acordou, me disse que estava ali porque precisava me ver de novo e confessou o que sente. O curioso, é que não me pediu nada em troca. Ela não tinha qualquer esperança que eu fosse corresponder ou dar qualquer atenção a ela.

Ele parece atordoado e não consigo decifrar o que isso quer dizer.

— Acredite, irmão, isso não é o mais curioso. Tem certeza que estamos falando da Ayla? Está falando da garota que desmaiou nos seus braços na festa?

— Sim, Tim, depois de tudo sei quem ela é. Ayla Marins, a garçonete desastrada da festa, minha nova assistente.

Ele está em choque. Olha para o nada como se o universo estivesse girando errado. Aproveito para provocá-lo e arrancar uma reação mais clara dele.

— Você precisava ver o quão surpresa ela ficou quando eu a beijei.

— Você fez o quê?

Ele se levanta e confirmo que há algo mais entre eles.

— O que há entre vocês? Quando perguntei a ela, disse que são amigos, e pareceu bastante irritada por eu insinuar o contrário. Se há algo mais entre vocês me fale agora, antes que a garota assine o contrato, porque você sabe que não tolero esse tipo de coisa aqui.

Ele se afasta confuso, mas quando volta a falar parece o meu irmão normal de novo.

— Não há absolutamente nada entre a gente, aliás, ela está mesmo precisando de um emprego. Eu estava vendo isso para ela.

— Por quê? O que ela é sua?

— É uma amiga. Não somos próximos, ela trabalhava em uma confeitaria que frequento, nos víamos às vezes, mas nos falamos bem pouco. Mas sei que é uma boa menina, honesta e trabalhadora. Só que ela não tem a ver com esse mundo, as experiências dela não são compatíveis com o cargo de assistente. E você é a pessoa mais avessa ao amor que conheço, não entendo porque deu o cargo a ela se está apaixonada por você.

— Você acha que esse amor pode durar a uma rotina de trabalho comigo?

Ele abre um sorriso enorme e parece aliviado.

— Com certeza não! Um ótimo plano! Mas Eros, só toma cuidado com ela, é uma menina muito simples, e facilmente manipulável.

— Não estou entendendo onde você quer chegar.

— Quero chegar no fato de que ela é incrivelmente bonita. Apesar de doce, vai perceber que é extremamente atrevida e tem dificuldades em obedecer ordens. O tipo de mulher que mexe com você.

Sorrio. Eu poderia dizer que ele está com ciúmes, mas claramente não há nada entre eles, e conhecendo meu irmão, se tivesse qualquer interesse nela, eles estariam juntos. Então não entendo o que é toda essa proteção em relação a ela.

— Não se preocupe, eu não vou olhar para sua querida amiga mais do que o necessário. O que não entendo e você não está me contando, é o que ela é sua.

— Eu já disse, uma amiga.

— Você diz constantemente que não tem amigas tão bonitas.

— Ela não é como as outras mulheres que conhecemos. É como uma menina. Você vai perceber isso facilmente. É inocente e incrivelmente desastrada. Tudo acontece com ela, ela meio que desperta esse instinto protetor em mim, mas é apenas isso. Porém esteja avisado, eu a protejo, estou voltado a isso. Não mexa com ela.

Observo meu irmão, meu melhor amigo, aquele a quem conheço melhor do

que a mim mesmo. E finalmente entendo do que se trata sua reação estranha à minha aproximação com sua protegida. Ciúmes.

— Irmão, por que você está mordido? Disse que não há nada entre vocês e que não pensa nela de um jeito romântico ou sexual.

— Não mesmo — confirma.

— Então por que te incomoda que ela esteja perto de mim?

— Não é isso o que me incomoda. Só acho estranho o que ela sente por você, apenas isso. Ela é centrada. Não é o tipo de mulher que se apaixona à primeira vista por alguém, ela é o tipo que ama por anos em silêncio uma única pessoa. Sempre a vi assim, como um rio calmo. Isso de ir à sua casa se declarar parece ousado demais para ela. Não sei, não combina com sua personalidade.

— Essa doença muda as pessoas — constato referindo-me ao amor.

— Pode ser.

Ele muda de assunto, mas noto que continua incomodado.

Quando saímos da minha sala para que eu encontre alguém para treinar minha nova assistente, Tim se aproxima e diz meio preocupado:

— Você deu o emprego a ela pelo que ela sente por você, não é? Eros, não tome decisões baseadas no que aconteceu à nossa mãe. Ayla não é ela. Você não é ele. As coisas não serão do mesmo jeito. Você não tem que manter alguém que não é qualificada para esse cargo apenas por culpa.

— Foi você quem disse que ela precisa do emprego.

— Eu estou conseguindo um para ela. Você não precisa fazer isso.

— Tim, qual é o seu real interesse nela? Porque você está me parecendo incomodado demais!

Ele se afasta, mas vejo a verdade de sua resposta.

— Meu interesse não é nela e sim no que ela sente por você e em como você reage a isso. Você foge de sentimentos, portanto não sabe lidar com eles. Não se envolva por pena, isso vai machucar você e mais ainda a ela.

— Ninguém nunca me amou antes, irmão. Não assim. Mas sei como lidar com isso e te prometo que ela não vai sair disso machucada. Menos ainda eu. Estamos no meu local de trabalho, tenho regras severas sobre isso e você as conhece.

Ele dá de ombros, parecendo mais tranquilo.

— Claro, são essas regras idiotas que me impedem de sair com metade das funcionárias daqui. Bem, você está certo. Convivendo com você, sua babaquice

e suas regras em local de trabalho, o que quer que ela sinta por você vai acabar ainda hoje.

— Você me subestima, irmão.

Ele ri e de repente fica parado, olhando fixamente um ponto completamente confuso. Sigo seu olhar e ali está, minha nova assistente, Ayla, vindo até nós em um vestido alaranjado com bolinhas azuis. Custo a acreditar no que estou vendo. E quando volto o olhar para Tim, está vermelho tentando segurar o riso.

— Você vai ter muito trabalho — declara e corre para sua sala, com certeza para dar as boas risadas que não poderei dar, porque a jovem senhora colorida está perto demais de mim.

— Bom dia! — diz meio sem jeito e a conduzo a minha sala.

Reparo bem seu visual e não consigo conter um sorriso, o que claramente a deixa desconfortável.

— Então, você pegou uma roupa emprestada da sua avó para vir em seu primeiro dia? — brinco, mas ela arregala os olhos e seu rosto atinge um tom incrivelmente vermelho.

— Como você sabe?

Penso que está brincando, mas ela está realmente nervosa e parece até um pouco assustada pensando que adivinhei de onde tirou um vestido tão horroroso. Sento-me diante dela abismado com a situação.

— Você fez mesmo isso?

Ela dá de ombros e parece irritada ao se dar conta que eu apenas estava tirando uma com a cara dela.

— Meu guarda-roupa não é dos melhores — justifica-se.

— O quão ruim tem que ser para justificar você pegar as roupas da sua avó?

Sua postura muda totalmente, ela se senta ereta na cadeira e me lança um olhar desafiador.

— Acaso a minha vestimenta não está à sua altura, senhor Reymond?

Respondo com a mesma firmeza que ela.

— Não, não está.

— Se está incomodado, me dê o dinheiro para que eu me vista de acordo com a sua vontade, então. Ou me dê um uniforme. Caso contrário, virei trabalhar como eu quiser. No meu contrato de trabalho não há uma cláusula sobre vestimenta.

As palavras de Tim sobre ela me vêm à mente e meu mau humor se vai. Atrevida. Tem dificuldade em receber ordens. No que estou me metendo?

— O seu espelho é que deveria ter uma cláusula contra vestidos como esse. Mas vamos ao que interessa, Ayla. Vou pedir alguém que lhe ensine o nosso sistema, é o que usamos para fazer tudo. Uma vez que você o aprenda, eu te ensinarei as coisas que mais usará e o resto você aprende com o tempo.

Ela assente e chamo a secretária do Tim, Louisa. Mas a porta da minha sala é aberta e Melissa entra. Tem um sorriso enorme no rosto, que morre assim que avista Ayla e seu vestido colorido.

— O que você está fazendo aqui de novo, Melissa?

— Bom dia para você também, amor. Estava passeando pelo centro e decidi vir te dar um beijo de bom dia.

Ela se aproxima para me beijar, mas me afasto. Deposito um beijo rápido em sua testa e abro a porta para que ela se retire. Mas claro que não faz isso. Ela se senta na minha cadeira olhando de mim para Ayla. Eu não tenho coragem de olhar Ayla, ela deve ter percebido que Melissa é o tal rolo de quem falei, e não deve ser fácil logo em seu primeiro dia de trabalho vê-la aqui.

— Você sempre me recebe com um beijo, amor. O que aconteceu? — pergunta Melissa desconfiada avaliando Ayla com desdém.

— Este é o meu local de trabalho, Melissa. Já falamos disso.

Ela estende a mão a Ayla com um sorriso forçado no rosto.

— Sou Melissa, a namorada do Eros, e você é?

Ayla toca sua mão rapidamente.

— Ayla, sou a nova assistente dele.

Melissa solta a mão dela e levanta-se olhando-a dos pés à cabeça com tanto desdém que me irrita. Com um sorriso no rosto, dirige-se a mim para falar sobre Ayla.

— Duvido você desfilar por aí com essa coisa, querido. No mínimo, vão rir de você em todas as reuniões. Ninguém vai te levar a sério com essa quantidade de cores.

Vejo Ayla cerrar os punhos, mas não responde Melissa, então preciso fazê-lo.

— Se ainda me levam a sério apesar dos seus chilikues e falta de noção, não é uma roupa colorida que vai mudar isso.

Ela parece em choque, e Ayla tem um sorriso provocante no rosto, fixa seus olhos nos de Melissa e a irrita ainda mais. Melissa ri sem graça como se eu estivesse brincando e pega sua bolsa para ir embora. Lança-me um olhar de advertência que Ayla não pode ver e segura meu rosto para me beijar, mas viro o

rosto e a afasto.

— Até mais tarde, Melissa.

Ela volta a olhar para Ayla, que tem um sorriso ainda maior no rosto após minha recusa em beijá-la, e sai batendo a porta atrás de si. Assim que Melissa some, o sorriso de Ayla some também e percebo que só a estava provocando.

Aproximo-me de seu ouvido e alerta:

— Não há lugar para atrevimentos neste escritório, Ayla.

Ela gira a cadeira rapidamente em minha direção e me olha irritada.

— Que injustiça! Eu nem respondi essa Barbie falsificada como ela merecia! Não podia ter sido mais comportada!

— O seu sorriso foi resposta suficiente. Pelo visto você é especialista em deboche.

— Perdão, senhor! Vou controlar os meus sorrisos de acordo com a sua vontade — responde olhando em meus olhos com um sorriso debochado no rosto.

Normalmente, eu a demitiria por ser tão atrevida e esquentada. Mas estou segurando um sorriso ao ver a fúria ardendo em seus olhos castanhos. Apoio minhas mãos nos braços de sua cadeira e aproximo-me o máximo possível de seu rosto. Meu nariz quase tocando o seu. Ainda assim ela não cede. Seu olhar furioso continua firme em minha direção e sua boca se molda em um bico irritado.

— Eu já ouvi dizer que você é bastante atrevida, Ayla. Então vou orientá-la a não ser você enquanto estiver aqui dentro. Seja apenas a assistente que espero que você seja. Saia um pouco desse perfil e eu a demitirei. Fui claro?

Ela toma uma respiração profunda e quase posso ouvir seu coração acelerado, seu rosto ficando ainda mais vermelho. E com muito custo, desfaz o bico colocando um sorriso falso em seu lugar. Mas os olhos estão ali, a fúria mal contida. Sua irritação comigo.

— Transparente, senhor — responde com uma voz tão doce, que se não estivesse olhando diretamente em seus olhos, acreditaria que seu gênio é facilmente controlado. — Sinto muito pelo inconveniente.

Mais uma vez seguro um sorriso que teima em escapar e quando me afasto dela, percebo Louisa parada ali olhando a cena com incredulidade. A oriento a ensinar à minha nova assistente tudo o que precisa sobre o sistema e volto minha atenção para o trabalho.

Não falo com Ayla o resto do dia, a deixo nas mãos de Louisa. Oriento para que ela leve minha assistente na hora do almoço e explique tudo e me esqueço completamente dela. Até o momento em que estou indo embora. Abro a porta da minha sala e noto rapidamente Ayla secar uma lágrima com o indicador e Louisa mudar sua postura de dura para amigável. Louisa me estende um sorriso nervoso e quero me certificar de que tudo está bem.

— Conseguiu passar tudo para ela, Lou?

Noto Louisa lançar um olhar preocupado a Ayla antes de me responder.

— Senhor Eros, ela é muito lenta para aprender. Não acho que vá entender como usar nosso sistema.

Ayla baixa a cabeça e responde algo tão baixinho que soa como um resmungo, mas não se atreve a repetir em voz alta e sequer olha para mim.

— Tudo bem, você pode ir agora, Louisa.

Ela sorri satisfeita e lança um olhar a Ayla que não me passa despercebido. Quando passa por mim, a advirto:

— É uma pena que não tenha sido capaz de concluir uma tarefa tão fácil como explicar um sistema a uma nova funcionária.

Ela estaca, então olha para mim parecendo prestes a ter um treco.

— Mas, senhor Eros, a culpa foi dela, ela é desligada e lenta!

— Você pode ir, Louisa. Eu mesmo vou ensinar o sistema para ela, e vou ver o quão lento é seu aprendizado.

Mais uma vez seu olhar para Ayla é mordaz e ela sai batendo os pés. Sento-me ao lado da minha assistente emburrada.

— Abra o sistema, Ayla.

Ela olha para mim por alguns segundos antes de obedecer. Percebo que está envergonhada e nervosa. Sua mão treme enquanto segue com o mouse até o ícone do nosso sistema. Deposito minha mão sobre a sua para acalmá-la.

— Não precisa ficar nervosa. Sinto muito pelo que quer que a Louisa tenha dito a você. Isso é simples, e você vai aprender rápido, só preciso que fique calma, tudo bem?

Seus olhos voltam aos meus e ela assente. Vou dando as instruções e rapidamente ela obedece aos comandos. Conforme vai se acalmando, há coisas que nem preciso dizer. Digo o que quero dela, e ela localiza isso no sistema com facilidade. Percebo que na verdade, é bastante inteligente e rápida. E isso me deixa curioso sobre qual tenha sido a causa da animosidade entre ela e Louisa. Enquanto ela mexe no sistema e descobre coisas sob minha avaliação, pergunto:

— O que a Louisa disse que a fez chorar?

Sua mão congela e ela olha a hora, surpreendendo-se por ser tão tarde.

— Ela não disse nada, senhor. Muito obrigada por sua paciência, eu posso ir agora?

— Claro!

Ela se levanta, mas fica tonta e preciso ampará-la. Seu rosto parece pálido e suas mãos estão geladas de repente.

— Está tudo bem?

A sento de volta na cadeira e pego rapidamente um pouco de água para ela.

— Estou bem, obrigada — responde olhando em volta os funcionários que nos observam curiosos. Parece preocupada com eles.

— Ayla, você quase desmaiou. Tem certeza que está bem? Quer que eu chame um médico?

— Estou bem, é apenas fome. Assim que chegar em casa e comer algo, eu...

— Espera! Eu dei a Louisa o seu ticket para almoço até que seu cartão chegue, ela não passou a você?

Ela parece confusa, mas nega com a cabeça.

— Onde você almoçou? Você está até agora sem comer nada?

Ela nega.

— Eu achei a copa e tomei café durante todo o dia.

— Ayla, a Louisa levou você para almoçar?

— Ela me mandou ficar aqui na hora do almoço. Mas não é nada demais, eu vou pra casa agora. Boa noite, senhor.

Ela se levanta e pega sua bolsa, saindo apressada. Procuro Louisa pelos poucos funcionários que restam, mas ela já foi. Isso não vai ficar assim!

Avisto o coque castanho de Ayla já na recepção, e me apresso para reparar um erro cometido logo em seu primeiro dia. Consigo segurar seu braço quando está quase na porta de saída, e a guio até o estacionamento.

— Eu vou levá-la para comer algo — explico.

Sinto que está tensa, provavelmente irritada com seu desastroso primeiro dia. Passamos por alguns funcionários de quem me despeço e quando alcançamos o estacionamento, ela tira o braço da minha mão e para, forçando-me a parar também.

— Não precisa me levar, senhor. Quero ir para a casa, obrigada — diz sem

olhar em meus olhos.

— Eu a levo até sua casa, então.

— Não precisa. Meu ônibus passa na porta. E eu já estou com meu cartão de passagem.

Seus olhos ainda não encontram os meus, e eu deveria deixá-la ir, mas tenho medo que vá desmaiar de fome no ônibus, ou na rua. Prefiro a consciência tranquila de deixá-la alimentada e segura na porta de sua casa.

— Você mora muito longe, vai demorar a chegar de ônibus. Posso levá-la de carro na metade do tempo e então você poderá comer algo antes que desmaie.

Seu olhar pousa no meu finalmente e ela parece surpresa por minha oferta. Mesmo assim nega com a cabeça antes de fazê-lo em voz alta.

— Agradeço, mas não é necessário — diz virando-se em direção a recepção e a seguro novamente fazendo com que olhe para mim.

— Eu vou levá-la, Ayla, e isso é uma ordem!

Seu olhar é tão cansado que só quero que deixe de discutir e entre logo no maldito carro.

— Não quero nenhum tipo de tratamento especial da sua parte por causa do que sinto por você — explica de maneira firme, deixando claro que não aceitará minha carona por achar que estou fazendo isso por seus sentimentos. O que é justificável, uma vez que conseguiu o emprego por causa deles.

Penso em uma maneira de ser claro quanto ao que estou oferecendo sem magoá-la, e me parece uma tarefa difícil demais. E é por coisas assim que não quero ser o responsável pelos sentimentos de ninguém.

— Não misturo minha vida pessoal com a profissional, Ayla. E de qualquer forma, você não faz parte da minha vida pessoal, não precisa se preocupar com isso — digo de maneira seca, olhando em seus olhos para que entenda. — Eu faria isso por qualquer assistente faminta em seu primeiro dia.

Ela tenta soltar o braço do meu aperto, mas não permito, e noto que ao invés de magoada, tenta segurar o riso. E não consigo entender o que pode ter achado engraçado.

— Agradeço, senhor — diz finalmente se acalmando. Porém, assim que solto seu braço e abro a porta do meu carro para que entre, ela se vira na direção oposta e completa seu agradecimento: — Mas não quero sua carona! Não seja desnecessariamente legal comigo. Nem atencioso.

Ela dá alguns passos para longe e algo me faz ir mais uma vez atrás dela.

— Não custa nada levá-la — insisto. — É só uma carona, só entre no carro.

Não é nenhum favor ou dificuldade.

Ela continua andando, e continuo insistindo. Não estou acostumado a mulheres que não fazem o que mando e preciso me policiar porque esse é o tipo de coisa que me atrai em uma mulher.

Seguro sua mão e ordeno irritado:

— Ayla, entra no maldito carro!

— Eu não quero! — ela grita e me lança um olhar tão irritado, que imediatamente solto sua mão. Não vou insistir mais.

Ela fica parada enquanto ando até o carro e fecho a porta do carona que havia deixado aberta.

— Você sequer tem um motivo para sua recusa, não é? Como chamaria a maneira com que está agindo agora? Pirraça? — provoco.

Ela me encara com seu rosto vermelho e não consigo entrar no carro e ir embora. Quero saber porque está me recusando. Quero saber porque está envergonhada a ponto de ter seu rosto tingido dessa maneira.

Ela olha para os lados procurando algo, então responde baixinho:

— Só estou sendo grosseira.

Isso soa como um pedido de desculpas, mas me sinto tão confuso perto dela que não posso ter certeza até que ela anda em minha direção e passa os braços por minha cintura, abraçando-me de repente.

— Sinto muito, as circunstâncias me forçam a isso.

Respondo seu abraço para não deixá-la sem graça e acaba tão rápido quanto começou. Ela me olha de um jeito tão doce, ri da confusão estampada em meu rosto e diz com a voz calma, o oposto completo de segundos atrás:

— Não quero sua carona porque já estão falando sobre nós na empresa. Sua namorada frequenta esse lugar e eu realmente não quero problemas para nenhum de nós dois. Mas agradeço sua gentileza. Prometo que não vou desmaiar antes de chegar em casa.

— Não sei, você tem um histórico de desmaios.

Me sinto completamente perdido. De onde surgiu essa doçura e calma repentinas? Onde está a fúria explodindo em seus olhos segundos atrás? Não sei dizer o que mais me atrai nessa garota, seu jeito atrevido e desafiador ou essa doçura repentina. Em um segundo eu queria pegá-la nos ombros e jogá-la dentro desse carro para que aprendesse me desafiar. E no segundo seguinte quero colocá-la no colo e cuidar dela, explicar que dane-se o que as pessoas estão dizendo, só quero que chegue em casa em segurança. E não sei como agir.

Ela ri da minha confusão. Não sei dizer se de um jeito doce, ou debochado. Se está brincando com minha mente, ou sendo mesmo a garota doce que Tim disse que é. Então ela se afasta e vai embora sozinha e sei que vou ficar preocupado com essa pequena teimosa até saber que chegou bem em casa.

Capítulo 08

Só preciso que esse dia termine.

Estou brava por ter sido humilhada o dia todo por uma secretária que se acha a chefe, brava por ter segurado cada resposta afiada a cada provocação dela, brava pela namorada metida e odiosa do meu chefe, brava pela mentira que preciso sustentar para manter o emprego, e estou brava porque o Tim sequer foi falar comigo. Ele me viu, tenho certeza que sim, e me ignorou completamente. De todo jeito, não sei bem o que esperava após ele descobrir que “amo” seu irmão, mas com certeza não era uma indiferença dessas.

Quase desmaio de fome ao descer do ônibus e percebo que estou brava porque Eros é legal demais e não merece o que estou fazendo com ele. Quanto tempo um amor tem que durar para ser crível? Em quanto tempo será que posso dizer a ele com um sorriso inocente no rosto que finalmente o esqueci?

Ulisses faz uma careta para o vestido da vovó em meu corpo, mas não se atreve a comentar nada. Dessa vez ele nem tenta falar comigo e o motivo está na cozinha: Sabrina. Ela conversa com minha avó, mas mal a cumprimenta antes de atacar as panelas.

— Menina, aqueça essa comida! Você está comendo isso frio! — ralha vovó, mas não posso esperar.

— Não dão comida na sua empresa? — Sabrina pergunta assustada, mas apenas faço um gesto com a mão para que espere e impaciente, ela crava seus grandes olhos em mim enquanto acabo com uma montanha de comida fria.

— Não me olha assim — reclamo de boca cheia, irritando-a. — Vai cair toda minha comida, vira esse olho pra lá.

— Vai cair só se for da sua boca, falando de boca aberta. O que é esse prato de ajudante de pedreiro? O que te fizeram fazer nessa empresa, afinal?

Faço um gesto com a mão para que espere e continuo comendo. Digo apenas:

— Vai valer a pena a espera.

Ela fica ainda mais ansiosa e como cada vez mais devagar só porque a expressão impaciente e irritada dela me diverte.

Subimos para meu quarto enquanto minhas pequenas fazem o dever de casa na cozinha e nem sei por onde começar minha tagarelice. Começo por Eros, e a maneira fofa como me defendeu na frente da bruxa da namorada. Sabrina bate palmas após meu relato e embora não diga em voz alta, lança aquele olhar de eu te avisei, então vou logo cortando seus sonhos.

— Eu já sei que ele é uma pessoa boa, e isso não me faz amá-lo de verdade. Porque também sabe ser irritante. E as meninas na empresa disseram que trabalhar com ele é como servir ao próprio diabo.

Ela bate na madeira e então conto a parte chata do dia. Ou seja, todo ele.

— A namorada dele não ficou feliz por ele ter me defendido e ter negado os beijos dela. Então, quando eu saí da sala do chefe, a empresa inteira fofocava sobre como consegui o cargo de assistente.

— Como assim? Alguém sabe que você é apaixonada pelo chefe?

— Não é isso. Mas o que a bruxa da namorada dele saiu espalhando por conta do despeito dela.

Levanto-me, empino os seios, faço um beijo e imito Louisa.

— *Como você conseguiu esta vaga se não tem qualquer experiência?* Ela disse nesse tom. *Tem mais, você sabe quantas indicações e profissionais qualificados estão esperando por esse cargo?* E então a preferida dela: *não vá pensando que ser amante do chefe te dará qualquer regalia aqui dentro, você aqui é escória.*

— Mas que mal-amada! E daí se você fosse amante do chefe? Ela que cuide do serviço dela! O que ela faz lá?

Desanimada, caio na cama para assumir que o cargo dela é muito melhor do que o meu.

— É a secretária do Tim.

— Por falar nele, o que disse a você? Ele sabe sobre sua declaração de amor mentirosa?

Dou de ombros.

— Não sei, ele nem foi falar comigo.

Sua expressão é quase assassina, mas poupa os xingamentos ao seu novo inimigo preferido porque nota minha cara de desespero.

— Não sei como desfazer essa imagem de todos de que somos amantes. E não ajuda quando ele me arrasta pela mão ao estacionamento para me levar pra casa. As pessoas viram isso.

— Você não deve explicações a ninguém.

— Mas quero ter com quem conversar lá. Você sabe que não gosto de ficar muito tempo calada e ninguém lá olha para a minha cara! Não posso pedir ajuda, é horrível!

Um sorriso surge em seu rosto antes de sua sugestão.

— Você sempre pode pedir ajuda ao chefe.

— Sabrina!

— O que é? Só estou dizendo que ele parece mais do que disposto a te ajudar. Será que a namorada dele vai sempre lá?

Assinto, pois todos a conhecem e a escutam. Até a defendem. Me odeiam por achar que estou tirando o namorado dela. Com certeza ela vai muito à empresa.

— Você parou para se colocar no lugar dela? — pergunta Sabrina cautelosa.
— Você é a mulher que se declarou para o namorado dela, e o que ele faz? Te coloca ali, pertinho dele o dia todo. Você é uma ameaça para ela, é normal que ela tente te diminuir e não goste de você.

— Não acho que ele tenha sido burro ao ponto de contar isso para ela, mas tudo bem. Se eu estivesse com o Tim e alguém que sentisse qualquer coisa por ele trabalhasse perto dele o dia todo, acho que não saberia lidar também. Vou tentar conquistar a confiança dela, talvez assim ela pare de espalhar boatos sobre mim e as pessoas parem de cochichar meu nome pela empresa.

Sabrina concorda e volta a perguntar por Eros, fazendo-me contar em detalhes sobre sua oferta de carona e meu gesto de pura culpa de abraçá-lo por estar sendo injustamente grosseira com ele.

Na manhã seguinte, observo a roupa no espelho e Liah faz uma careta engraçada ao entrar no quarto para pegar sua mochila.

— Está tão ruim assim? — pergunto beirando o desespero.

— Ayla, você mais parece a tia Sonia.

— Ah, meu Deus!

Reviro depressa o meu armário, mas minhas roupas são todas iguais. Fresquinhas demais, simples demais, remendadas e curtas. Na confeitaria eu tinha uniforme, por que não dão uniforme nessa empresa? Quem tem roupa para ir trabalhar todos os dias? Derrotada, sou obrigada a aceitar que a blusa de manga verde musgo da vovó e minha calça de moletom marrom são minha melhor opção.

Calço o mesmo sapatinho de meio salto do dia anterior porque é o único com um pouco de salto que tenho, e faço meu coque caprichado. Não sei porque estou fazendo coques, me parecem coisa de secretárias de executivos, então faço.

Saio bem cedo para chegar antes do meu chefe, e preparo rapidamente seu café, umas torradas e uma jarra de água fresca. Não sei se ele toma o café na empresa, mas se não estiver com fome, eu como tudo sem problemas. Deixo a pequena bandeja em sua sala e vou para minha mesa, do lado de fora. Ignoro os olhares atravessados das poucas pessoas que chegaram, tenho certeza que estão rindo da minha roupa e me dou uma bronca mental por não ter descolorido essa calça ontem à noite. Pelo menos ela seria branca e não marrom.

Ligo meu laptop e abro o sistema, enquanto o chefe não chega, dou uma olhada nos comandos e acabo descobrindo a agenda do dia dele. Anoto tudo num papel para não ficar tão perdida e vejo que ele tem uma reunião em uma hora.

Finalmente ele chega, me dá um bom dia seco e entra em sua sala. Mas volta em seguida e me encara.

— Se vai falar da minha roupa... — começo, mas ele me corta com um gesto.

— Você precisa vir atrás de mim, senhorita. Tenho que te ensinar a localizar a agenda e confirmar esses compromissos com você.

Levanto-me e o sigo, e logo o informo:

— Já achei a sua agenda. Você tem uma reunião em uma hora.

Ele joga uma pilha de papéis sobre a mesa e observa a bandeja com o café ali.

— Quem te falou que tomo café na empresa?

— Ninguém. Se não quiser tomar, apenas não tome.

Um sorriso surge em seu rosto, mas some rapidamente e ele assume sua postura séria e mandona de chefe.

— Não gosto do seu tom atravessado e menos ainda da sua vestimenta

horrorosa — diz avaliando-me com uma careta.

Não digo nada em resposta, já que não posso ser insolente, e ele me olha enquanto toma o café. Como se esperasse que eu dissesse alguma coisa.

— Sinto muito? — arrisco e ele sorri.

— Como você sabia a quantidade de açúcar que gosto no café?

— Pela sua personalidade. Trabalhei anos em uma confeitaria e servi muito café. Aprendi a identificar o que cada pessoa gostava pelo jeito como fazia o pedido. Você é mandão e irritante, café forte. Mas gentil e atencioso quando quer, então não totalmente sem açúcar. Eu apenas chutei. Mas posso corrigir nos próximos, até chegar ao café que o senhor gosta.

— Este é exatamente o café que eu gosto. Obrigado.

Ele avalia as folhas que jogou sobre a mesa com uma careta enquanto come, e sou obrigada a ficar aqui, parada feito uma boba, esperando uma ordem dele. Por fim, fico entediada com seu silêncio e pergunto:

— O que são esses papéis? Algo com que eu possa ajudá-lo?

— Se você for uma arquiteta, sim. São projetos pequenos que não quero fazer, porém os clientes são importantes demais para que eu possa dizer não.

— Depois de um projeto tão grande quanto a sede do governo, você ficou mal-acostumado — digo com um sorriso e ele me encara com uma careta, então me corrijo. — Digo, o senhor. O senhor está mal-acostumado.

Ele sorri. Sei que sua queixa seria sobre o fato de eu o estar insultando e não pela maneira como me dirigi a ele, mas irritá-lo torna as coisas um pouco mais divertidas aqui.

— Corrigir o banheiro de um senador. Dar uma cara nova a um closet. O que eles acham que sou? Um decorador?

Deixa os papéis sobre a mesa e pega sua pasta levantando-se.

— Melhor eu ir para a reunião, não quero correr o risco de chegar atrasado. Você vem comigo.

— Eu já imaginava — resmungo.

Pego minha bolsa e o sigo. Entramos em seu carro no estacionamento enquanto ele me orienta de que serei como sua sombra. Ele sempre tem reuniões fora e preciso acompanhá-lo a cada uma delas. Tenho um horário certo para chegar, mas nunca para ir embora. Minhas folgas não são garantidas, imprevistos podem acontecer e ele não vai a lugar nenhum sem mim, então, caso eu precise, tenho que avisar com antecedência qual dia não poderei estar disponível para ele.

— Não me parece muito diferente da confeitaria — conclui baixinho, mas ele escuta.

— A diferença provavelmente estará no salário. Você será recompensada por cada segundo que passar ao meu lado.

Olho aqueles olhos negros, aquele cabelo castanho tão liso e a barba tão perfeita e penso que não é nenhum sacrifício passar tempo ao lado dele. Mas então ele estoura minha bolha ao me estender um pedaço de plástico dourado.

— Você desce aqui — ordena enquanto pego o cartão de sua mão.

Estamos parados em frente ao shopping do centro e tenho certeza que sua reunião não é aqui.

— Não entendi. Não vou à reunião com o senhor?

— Vestida assim? De jeito nenhum, querida!

Abro minha boca para respondê-lo, mas ele se adianta:

— Se vai repetir que se o seu vestiário me incomoda devo te dar dinheiro para um novo, é exatamente o que estou fazendo. Este é meu cartão de crédito. Compre roupas decentes para uma assistente.

Ele está me dando o cartão dele para que eu compre roupa para mim? Olho em volta esperando a pegadinha do universo, aquela sensação de que algo vai dar errado e vou acabar presa, mas não há nada. Apenas seu rosto impaciente por eu demorar a descer.

— Você está brincando comigo, não está? Está se vingando por eu ser um pouquinho insolente, então vou chegar numa loja, escolher algo e essa coisa não vai passar. Não tem limites, não é?

Ele sorri, divertindo-se com minha desconfiança.

— Olhe o meu nome no cartão. Você acha que eu teria um cartão de crédito sem crédito?

Reparo o nome dele no plástico dourado. E então reparo que o plástico é dourado.

— Esse seu cartão, qual o limite dele?

Ele me olha como se eu fosse retardada, a testa franzida em confusão e a impaciência por minha demora em sair de seu carro.

— Quero dizer, o quanto posso gastar?

— Não sei! Gaste o que for necessário! Apenas não me apareça para trabalhar parecendo um pote de mostarda gigante de novo!

Ele conseguiu me irritar. Desço do seu carro segurando a resposta, afinal de contas, estou com seu cartão dourado. Dou-ra-do. Mas paro na janela e aviso

com um sorriso sereno no rosto:

— Espero então que seja ilimitado.

Ele arregala os olhos e entro no shopping me sentindo em um filme de comédia romântica.

A única vez em que comprei roupa em um shopping, foi quando a Sabrina me convenceu a comprar um vestido mais ousado para a festa do dia dos namorados na confeitaria. Paguei o bendito vestido em dez prestações suadas e o Tim sequer apareceu na festa. De forma que quando entro nas lojas, não sei o que fazer. Que roupa uma assistente do CEO usa? Penso na Louisa, mas a verdade é que acho o estilo dela muito ousado. Saias curtas demais, decotes grandes demais, será que isso é uma regra?

Enquanto espero que Sabrina apareça para me ajudar, vou escolhendo algumas coisas que me agradam, deixo para experimentar quando ela chegar para me dar sua opinião.

Logo, ela aparece com um brilho nos olhos como se tivesse ganhado na loteria.

— O que aconteceu? — pergunto animada.

— Eu quero trabalhar nessa empresa! Quero trabalhar num lugar onde o chefe me dá a manhã de folga e um cartão de crédito dourado pra eu renovar meu guarda-roupa. Isso parece um sonho!

— Só que toda essa bondade veio junto com vários insultos sobre as roupas que já tenho — acuso.

Ela me olha da cabeça aos pés com uma careta.

— E o que você esperava saindo na rua vestida desse jeito?

— Você sabe que não tenho opção — defendo-me.

— Bem, ele está dando isso a você. Deixe-me ver o que tem aí.

Ela pega as peças da minha mão e joga todas no chão.

— Garota! Você vai ser a assistente de um renomado arquiteto, não de uma professora do jardim de infância! O que são essas coisas coloridas?

— São bonitinhas — choramingo.

— São infantis. Quantos anos você tem, doze? Vamos procurar roupas de mulher.

Ela me pega pela mão e rapidamente aparecem na minha mão cinco saias curtas demais para o trabalho. Estendo uma diante de seus olhos, incrédula.

— Isso aqui vai mostrar cada centímetro da minha bunda. Nem deve ter como usar calcinha com essa coisa.

— Ayla, pensa mais longe. Você quer que o Tim a veja com vestidos da vovó e calças de moletom todos os dias? Vista-se para impressioná-lo!

— Assim é como todas as outras se vestem lá, se eu não for diferente delas, ele não terá porque me notar.

Ela bufa irritada, mas consigo tapeá-la e ela muda o foco das roupas. Por fim, perco a paciência, e escolho cores neutras, mas peças decentes, para experimentar. A careta de Sabrina só não é pior do que as caretas das atendentes a cada roupa que coloco.

— Ela precisa deixar a influência de moda da avó dela — Sabrina comenta desanimada com uma vendedora e quero muito matá-la.

Chega um momento em que saio do provador e vejo Sabrina com meu telefone na mão. Ela está falando com alguém e aproximo-me na surdina para ouvir o que está dizendo.

— Um verdadeiro desastre! Ela não tem qualquer senso de moda! Está passando de uma vovó de feira para uma vovó de shopping. Eu sei! Estou tentando ajudar, mas ela não me ouve! Sério? Ótimo! Venha o quanto antes. Foi um prazer falar com você, Eros.

Imediatamente acerto um tapa na cabeça dela que a deixa zozona e tiro meu celular de sua mão, mas ele já desligou.

— Você mandou o meu chefe vir aqui me ajudar a escolher roupas? O que tem na cabeça?

— No momento nada, porque essa sua agressão jogou tudo pelas minhas orelhas! Eu vou processar você! — reclama sacudindo a cabeça.

— E eu irei processá-la por ser uma péssima amiga!

— Péssima amiga eu seria se deixasse você usar um cartão dourado para comprar as porcarias que estava comprando! Você ainda vai me agradecer, sua ingrata!

Os minutos que passam até a chegada do meu chefe são como os minutos que antecedem a você ver um filme de terror pavoroso no cinema. Estou em pânico, e começo a sentir até mesmo falta de ar. Pela quinta vez, a atendente mal-humorada me pergunta como pretendo pagar as compras. E antes de eu responder pela quinta vez que será com um cartão de crédito, a voz do meu chefe responde por mim.

— Ela vai pagar com o meu cartão. Não se preocupe, é ilimitado.

A atendente brilha ao reconhecer meu chefe, rapidamente oferece a ele todo tipo de coisas de beber e comer, e eu aqui morrendo de fome e a vaca não havia me oferecido nada! Ele recusa tudo gentilmente e estende a mão diante de uma Sabrina embasbacada.

— Você é a Sabrina, certo? Me lembro de você na festa. Sou Eros.

Sabrina toca sua mão como se estivesse tocando em um pote gigante de Nutella, faltando pouco para a baba escorrer por seu queixo.

— Sim. Sabrina. Sou eu. A amiga.

Ele olha para mim e me estende um saco de papel.

— Um sanduiche. Achei que pudesse estar com fome.

Nego com a cabeça embora meu estômago esteja mesmo roncando.

— Se eu comer vou ficar com barriga e as roupas ficarão feias — justifico.

Ele sorri e me avalia preguiçosamente dos pés à cabeça com aprovação. Morde os lábios ao fim de sua avaliação e seu sorriso é tão cafajeste que me sinto esquentar imediatamente.

— Você está em ótima forma na minha opinião. Realmente muito boa.

Tomo o saco de sua mão e viro de costas para comer o sanduiche antes que ele me faça passar mais vergonha. E minha ex melhor amiga se despede porque precisa ir trabalhar. Mas claro, não podia ir embora sem me fazer passar mais uma vergonha. Pega suas coisas, toca a mão de Eros de novo e diz desnecessariamente alto antes de sair:

— Tchau, Ayla! Estou indo, mas a deixo em boas mãos, as mãos do homem que você ama.

Lanço a ela meu olhar mortal e tento chamar sua atenção, mas engasgo com o pão, Eros vem me socorrer e só quero morrer um pouquinho. A vaca sai rebolando e ele se senta na minha frente, confirmando que voltei a respirar antes de um sorriso surgir em seu rosto.

— Então, você contou a sua amiga sobre seus sentimentos.

Onde isso vai parar, meu Deus? Enfio o sanduiche todo na boca, e faço um gesto de que não posso falar porque estou com a boca cheia. Ele então chama a atendente e calmamente diz algo que me faz engasgar de novo com todo esse pão na boca.

— Minha namorada precisa de um guarda-roupa novo. Quero que você pegue o que tiver de melhor nessa loja, e monte para ela um guarda-roupa inteiro.

Os olhos da vendedora brilham e dessa vez vou morrer engasgada! É pão demais na minha boca! Novamente ele me socorre e quando consigo engolir o bolo de pão que formei na boca, o encaro atônita.

— O que você está fazendo? Como assim um guarda-roupa novo? — pergunto baixinho, mas ele me ignora e continua a dar ordens às vendedoras, já que agora são três delas à minha disposição.

— Quero roupas elegantes, confortáveis e claro, bonitas. Roupas de noite também, incluindo vestidos de festa.

— Pra que está comprando tudo isso? — insisto, mas ele continua a me ignorar e a dar ordens.

— E não temos muito tempo para ficar experimentando, tenho certeza que podem pegar alguns modelos para que ela os vista, então podem pegar as medidas dela e montar todo um guarda-roupa perfeito para ela, estou certo?

As três assentem e quando uma delas praticamente me atira dentro do provador, corro até Eros e faço a pergunta que não quer calar:

— Como é que eu vou pagar por tudo isso?

— Você não vai pagar por tudo isso, Ayla, eu vou.

Preciso respirar, mas não sei como. Será que está fazendo isso porque acha que o amo? Quem dá um guarda-roupa a uma mulher só porque não a ama de volta?

— Ayla, respire. Você precisa respirar — pede preocupado apertando minhas mãos.

— Por que está fazendo isso? Eu não quero nada assim de você. Você já me deu um emprego e não poderia ter feito nada maior por mim, acredite. Por favor, não me dê essas coisas.

Ele olha em meus olhos e há um brilho diferente neles, mas então some, e ele aperta as pontas dos meus dedos ao responder:

— Não estou fazendo por você e sim por mim. Você é minha sombra e não quero ter que ser obrigado a olhar para aquele vestido de bolinhas de novo. Nem essa coisa lodo com marrom que está usando agora, você me deixa deprimido.

Tiro minhas mãos das suas e ele está rindo. Com certeza está vendo os jatos a lazer saindo de meus olhos direto na cara dele. Quem dera também os estivesse sentindo.

— Um guarda-roupa novo, você disse! Certo. Afinal de contas, você é Eros Reymond, não pode desfilas por aí com uma mulher malvestida, certo?

Ele apenas sorri e olho para a vendedora que me jogou dentro do provador.

— Por favor, escolha sapatos, bolsas e acessórios para todas as peças de roupa que vão me trazer.

— Claro, senhorita!

Quando volto o olhar ao meu chefe, ele está sério, e entro no provador sentindo-me a última princesa do reino.

Quando finalmente, duas horas depois saio do provador, rapidamente roupas e mais roupas se estendem diante de mim. Não escolho nada, as vendedoras montam looks, fotografam e me mandam para que eu saiba me vestir. Devo ser mesmo um caso de moda perdido. Saímos exaustos e tenho certeza que meu chefe perdeu alguns compromissos, mas quando tento falar disso ele diz apenas que está com fome. E, ao invés de irmos para a empresa, vamos para a praça de alimentação comer.

Eu o provoco por ele estar comigo em público e minha roupa pote de mostarda, mas ele apenas sorri, claramente entediado com um dia de compras. Durante todo o tempo em que me vestiram e despiram, ele esteve no celular. E enquanto eu quase desmaiei com o valor final de tudo, ele sequer piscou ao me mandar entregar seu cartão dourado à caixa. Agora estou pensando onde é que vou enfiar tantas roupas, porque meu armário compartilhado com minhas pestinhas com certeza não cabe metade disso.

Ao invés de me levar para a empresa, ele me leva pra casa, me dá o resto da tarde de folga, e começo a gostar um pouco mais dele, quando volta a ser idiota e diz antes de eu descer do carro:

— Na segunda de manhã, seja a nova Ayla, a minha Ayla. Vá trabalhar bem vestida, maquiada e claro, dentro do personagem. Você será dócil e controlada, obediente e prestativa. E não pode sorrir. Nem revirar os olhos! — fala a última coisa mais alto porque é exatamente o que estou fazendo.

— Não se preocupe, senhor. Estarei como uma boneca na sua frente o dia todo.

— Do jeitinho que eu gosto — provoca.

Desço do carro enquanto o motorista desce as sacolas e mais sacolas e mais sacolas do carro. E meu chefe ainda coloca a cabeça para fora da janela para gritar:

— Não me apareça com esse coque. Ele me deixa de mau humor.

Preciso respirar fundo para não dar uma resposta adequada, pois o homem

acabou de gastar uma casa em roupas para mim, então sorrio para ele e assinto. E ele parece satisfeito com meu papel. É possível querer enforçar e abraçar uma pessoa ao mesmo tempo?

E como eu havia imaginado, não tenho onde guardar tudo e Sabrina ganha seu posto de melhor amiga de novo ao dar um jeito de colocar cabides no teto para eu pendurar minhas roupas.

Capítulo 09

— Nossa!

— Você parece outra!

— Está tão linda!

— Quando eu crescer quero ser linda como você!

Minhas pequenas pestinhas têm seus olhos arregalados e bocas se movendo sem parar após eu me vestir para ir trabalhar com as novas roupas que ganhei do chefe.

— Muito obrigada, minhas pequenas princesas. Mas vocês serão muito mais bonitas do que eu e terão as mais belas roupas para vestirem.

As duas me abraçam, amassando um pouco a blusa branca de renda e volto a me olhar no espelho. Eu nunca dei muita importância a essas coisas de roupas, maquiagens e tudo relacionado à aparência. Mas preciso admitir que me sinto tão diferente agora! Diferente de um jeito bom! Não me sinto mais inferior às outras funcionárias da empresa, nem à chata da Louisa. Sou como elas. Também me pareço alguém elegante e bem arrumada. Não que uma roupa defina quem é alguém, é mais pelo sentimento de achar a mim mesma bonita depois de tanto tempo.

Meu cabelo está solto em ondas, a maquiagem é leve, mas um pouco mais forte do que a que uso habitualmente. E aprendi a fazê-la com os tutoriais que recebi das vendedoras do shopping. Elas criaram um grupo chamado “prayforayla” e não sei o que significa, mas me mandaram as fotos dos looks, com dicas de acessórios e de maquiagens lá. E, como sou mesmo completamente inapta neste assunto, estou mais do que satisfeita pela ajuda delas.

Fotografo meu reflexo no espelho para que elas vejam, e como orientaram, aprovam a escolha da blusa branca de renda com um decote cavado, mas não demais e a saia social preta que não é muito curta, de forma que não me sinto desconfortável. O scarpin tem o salto um pouco mais grosso o que melhora em trinta por cento as chances de eu não virar o pé em algum momento durante o dia, e os acessórios destacam meus olhos e o decote.

— Será que o Tim vai reparar? Claro que não! Ele não reparou em um vestido alaranjado com bolinhas azuis, não vai olhar para mim nem se eu usar uma melancia na cabeça.

— Você está linda, minha filha — vovó diz emocionada. — Mas pare de falar com seu reflexo e vá logo para não se atrasar.

Ulisses tenta falar comigo quando passo por ele, mas o ignoro. Acho que vou bater um novo recorde de dias sem falar com ele, e não pretendo voltar atrás.

Ao descer do ônibus em frente a Reymond Arquitetura, tento me concentrar apenas no meu chefe e esquecer que mais ninguém além dele vai falar comigo. Ao menos ele é o oposto do que me disseram, é legal na maioria das vezes, de vez em quando é idiota, como todo homem. Mas como chefe, é maravilhoso, paciente, atencioso e protetor. Que espécie de chefe dá um guarda-roupa novo a sua funcionaria além de um dia de folga logo em seu segundo dia de trabalho? Com certeza não um diabo, como as funcionárias disseram. Essas vacas só queriam mesmo me assustar.

Assim que as portas de vidro se abrem e entro na empresa, parece que o universo começa a girar ao contrário. Eu já esperava os cochichos que se iniciam com a minha chegada, acompanhados da completa indiferença dos meus colegas. Os cochichos vêm das garotas, mas os homens se aproximam de mim. Começa com o segurança na porta, que me dá bom dia com um sorriso repleto de dentes, coisa que até então não havia feito. Então o copeiro que me pergunta se eu gostaria de uma xícara de café. Acho estranho e nego educadamente. E o caminho que faço da porta do elevador até minha mesa é acompanhado de perto por toda empresa. E é impressão minha ou os rapazes estão se aproximando para me ver passar?

Sento-me na minha mesa, meio desconcertada com toda atenção e rapidamente quatro deles se aproximam para se apresentarem. Como se fosse meu primeiro dia aqui. Eles falam ao mesmo tempo, de forma que sequer pego seus nomes e penso em uma maneira de educadamente mandá-los sair de perto

de mim, mas eles nem me dão tempo. É aí que a voz do meu chefe soa atrás deles, dispersando-os imediatamente.

— O que está havendo aqui?

Os quatro se afastam, dão bom dia ao chefe e saem correndo, e Eros Reymond fica ali, olhando para mim sem qualquer expressão no rosto. Seus olhos passeiam preguiçosamente por cada detalhe do meu corpo e eu adoraria dar uma voltinha e perguntar se assim está bom para ele. Mas, entrando no personagem para não perder o melhor emprego da minha vida, levanto-me rapidamente:

— Bom dia, senhor Eros. Irei agora mesmo buscar o seu café.

Ele não diz nada e continua me olhando. Então passo por ele, que me chama:

— Ayla, não quero o café que está na copa, quero que você faça um novo para mim.

— Sim, senhor. Eu já havia imaginado.

Mas claro que não vou fazer um café novo só porque o chefe ordenou sendo que o copeiro acabou de fazer esse. Então pego da garrafa que não é adoçada, adoço como ele gosta, coloco três gotas de creme, faço as torradas e levo tudo numa bandeja para o chefe.

Entro em sua sala e coloco a bandeja à sua frente. Sentado em sua cadeira, ele me observa em silêncio. Dou a volta na mesa e espero que tome o café para me dar ordens, mas ele continua a me olhar e nem se mexe. Começo a ficar irritada.

— O senhor quer que eu saia para que possa tomar seu café, senhor? — ofereço com minha voz mais doce, mas ele nega com a cabeça e não responde.

Continua ali, olhando para mim sem qualquer expressão no rosto, em completo silêncio. Deve estar me testando, me irritando propositalmente para que eu saia do personagem e então ele acaba comigo. Não vou ceder. Ele me olha e o olho de volta. Não vou ceder. O café vai esfriar e ele permanece me olhando sem dizer nada. Vou ceder!

— O senhor quer que eu coloque o café em sua boca então, senhor?

Finalmente um sorriso surge em seu rosto, ele se move na cadeira e volta a passear os olhos por todo meu corpo antes de responder:

— Isso seria bem interessante, mas serei obrigado a recusar. Demorei muito para encontrar de novo a minha concentração depois de vê-la tão bonita esta manhã, senhorita Ayla, e não quero perdê-la mais uma vez.

Sei que meu rosto está vermelho, ele me deixou completamente sem graça e era isso o que planejava com seu silêncio enlouquecedor. Que eu o provocasse para que ele acabasse comigo. Como eu havia previsto, mas de um jeito diferente. Sem agir como a menina boba que sou eu dou uma voltinha bem devagar diante dele.

— Fico feliz por enfim estar vestida à altura de sua assistente, senhor.

Ele toma o café sorrindo:

— Você pode completar com muito obrigado por sua gentileza — sugere.

— Não posso, porque o senhor me proibiu de ser insolente dentro desta empresa.

Ele ri alto, e encara a xícara de café com o cenho franzido. Ops!

— Acho que te pedi um café novo, mas ao invés disso, você apenas me tapeou colocando creme.

— Como o senhor pode saber que não fui eu quem fez este café?

— Não foi, este não é o gosto do seu café e o gosto muda quando o açúcar é colocado depois do café pronto. Você sabe disso. Mas confesso que gostei das gotas de creme. Assim sendo, quando estiver com preguiça de fazer o seu trabalho, como hoje, faça algo com suas próprias mãos em meu café. Parece que fica melhor quando você toca.

Ele esconde muito mal um sorriso e entendo que está me provocando. Quero bater nele. Me proíbe de sorrir e de ser eu mesma, e me provoca para que eu seja.

— Tenho uma pergunta, senhor. Fingir ler o meu contrato de trabalho na sua frente para lembrá-lo de que não há uma cláusula onde esteja incluso em meu cargo o serviço de copeira, seria insolência?

Ele engasga com o café e ri alto. Gira em sua cadeira e me avalia, pouco depois, responde:

— Muito bem! Você achou um jeito de ser atrevida sem parecer que é atrevida. Meus parabéns. Mas não faça isso de novo.

A porta de seu escritório abre e Tim entra e tenho vontade de sair correndo. É a primeira vez que o vejo tão perto desde o incidente na festa aquela noite. A primeira vez que ele será forçado a falar comigo, ainda que um simples cumprimento, após eu ter me declarado ao irmão dele. A primeira vez que terei que falar com ele após me sentir realmente decepcionada com ele. Meu ar quer falhar e sinto que vou desmaiar.

Ele dá bom dia ao irmão, em seguida olha para mim com um bom dia.

Então volta a olhar para mim e rapidamente respondo seu bom dia, mas sem coragem de olhar em seu rosto. Então tudo fica em silêncio. Olho para Eros, que olha do irmão para mim com curiosidade, e sou obrigada a olhar Tim. Ele me olha de boca aberta.

Os olhos passeiam por meu corpo, a surpresa está estampada em seu rosto e a boca aberta. Quero pular de alegria e bater palmas. Há três longos anos espero por um olhar assim. Mas sou obrigada a me conter, e falo algo, para cortar o clima porque sei que vou ficar vermelha como um tomate em breve.

— Tim, eu sinto muito pelo incidente aquela noite com seu irmão. Por todos os incidentes. Eu não queria envergonhá-lo com a Marisa, eu...

— Tudo bem, querida, não precisa se desculpar. Acho que a conheço o suficiente para saber que coisas acontecem com você.

Suspiro envergonhada.

— O universo não vai com a minha cara, você quer dizer.

Ele ri, ainda me avaliando, mas dessa vez seus olhos circulam meu rosto.

— Eu não diria isso. Diria que você precisa de um anjo da guarda.

A voz de Eros nos interrompe e estoura a atmosfera fofa em que eu havia me enfiado, lembrando-me que devo estar brava com o amor da minha vida, porque ele não veio falar comigo antes. E daí se eu me parecia a um pote de mostarda gigante? O Eros almoçou comigo vestida assim em um shopping. E o senhor “só olho para mulheres bonitas” aqui, sequer me deu bom dia.

— Antes que você se ofereça para ser o anjo dela, irmão, devo avisá-la Ayla, que não tolero nenhum tipo de envolvimento romântico entre funcionários desta empresa.

— Como assim? Então terei que me demitir se... — consigo calar minha boca antes de completar o que seria a maior burrice da minha vida, assumindo diante do meu chefe que pensa que eu o amo, que na verdade amo seu irmão.

— Se? — Eros provoca com um brilho diferente nos olhos e pelo canto do olho vejo que Tim também me encara curioso.

— Nada, senhor! Eu entendi perfeitamente.

— Ótimo! Pode se retirar, daqui a pouco eu a chamo.

Assinto e saio de sua sala quase correndo. Me jogo em minha cadeira e finalmente consigo respirar. Que espécie de pessoa retardada falaria uma coisa dessas? O que há de errado com a minha cabeça? Quase me entreguei na frente dos dois. Ambos saberiam que sou uma mentirosa, eu seria demitida, e o Tim ia saber do meu amor da pior maneira possível.

— Terei que me demitir se conseguir conquistar o Tim. Que merda estava pensando? — ralho comigo mesma.

Alguns minutos depois, quando finalmente me acalmo ao aceitar a xícara de café que o insistente copeiro me oferece, a porta da sala do meu chefe abre e Tim passa por ela. Ele sorri para mim e segue em direção a sua sala, mas dá a volta e senta-se na minha mesa, de frente para mim.

— Eu quero me desculpar com você — diz, e não faço a menor ideia do motivo. — Foi grosseiro da minha parte não ter falado com você em seu primeiro dia, me desculpe. Imagino que precisava de ajuda e eu deveria tê-la oferecido a você.

Dou de ombros tentando esconder a emoção por seu pedido de desculpas.

— Tudo bem, você não tinha obrigação de ser legal comigo.

— Na verdade, eu tinha e até queria vir falar com você. Percebi da minha sala que a Louisa não estava sendo legal, queria tê-la defendido, mas meu irmão é um pouco complicado sobre nossa relação.

— Desculpe, mas não entendo o que quer dizer.

Ele se levanta da mesa e puxa uma cadeira, arrastando-a até onde estou. Senta-se ao meu lado, perto demais de mim e começo a ficar nervosa. Espero que não me pergunte nada que possa me entregar, pois meu cérebro não será capaz de raciocinar com rapidez suficiente perto assim dele.

— Meu irmão ainda está averiguando se há algo mais entre nós dois, apesar de nós dois já termos negado. Pensei que vir aqui e dispensar tamanha atenção a você em seu primeiro dia, iria complicar sua situação com ele. E sei que sua situação com ele já não é fácil.

Confusa, faço exatamente o que achei que faria, falo antes de pensar.

— Minha relação com seu irmão é ótima! Apesar de adorar me provocar, ele é maravilhoso! É gentil e atencioso comigo e muito paciente. Não há nada de complicado nisso.

Ele parece ainda mais confuso e olha em meus olhos em busca de algo, uma mentira, talvez. A mentira inocente que contei ao irmão dele e que provavelmente pus a perder agora.

— Então, está dizendo que não é complicado amar alguém que não corresponde e trabalhar todo dia perto dele?

Abro a boca em choque e meu cérebro escolhe este momento para travar. Não consigo pensar em nada para dizer, então ele continua, seus olhos ainda nos

meus:

— Eu confesso que fui pego de surpresa por esse amor, Ayla. Você não parece o tipo de menina que cai de amores tão de repente.

— Mas eu sou! Você ficaria surpreso se me conhecesse melhor, é exatamente o tipo de menina que sou — digo com toda verdade.

Ele não tira os olhos dos meus e não consigo tirar os meus dos dele. Um sorriso que parece na verdade meio triste surge em seu rosto quando continua a falar:

— Você se apaixonou assim, de repente, e foi tão forte a ponto de ter ido até ele confessar isso. — Ele finalmente quebra o contato dos nossos olhos, desviando os seus para baixo. E começo a entrar em pânico, ele está desconfiado. — É um pouco estranho para mim, mas acho que por puro ego. Todos esses anos achei que você sentisse algo por mim. Não sei, o jeito como me olhava e sorria, e as coisas que dizia sem querer dizer. Por isso criei essa imagem de você, de alguém que ama em silêncio e nem tem coragem de assumir o que sente. Mas então você se apaixonou à primeira vista pelo meu irmão, e no dia seguinte contou a ele. Realmente eu não a conheço.

Seu olhar encontra o meu de novo e sinto uma dor no peito por ter que olhar nos olhos dele e mentir. Não consigo fazer isso. Apenas sorrio, um sorriso triste, como que concordando com o que está dizendo. Tenho tantas respostas para o que disse, ele deu exatamente a brecha que sempre esperei para confessar meus sentimentos. Eu poderia dizer que o amo agora mesmo, que tudo não passa de uma confusão. Ao menos que ele estava certo todos esses anos, que sempre o amei e nunca tive coragem de dizer isso a ele, não porque sou covarde como ele pensa, mas porque ele nunca havia dado qualquer sinal de que queria ouvir algo assim de mim. Eu poderia deixá-lo saber dos meus sentimentos, mesmo que pense que não existem mais, ainda assim seria uma meia verdade. Eu deveria fazer isso, mas não consigo.

Se abrir a boca agora direi que o amo. Se disser que o amei um dia, irei fraquejar quando ele me perguntar se não o amo mais. O quão injusto é tudo isso?

Ele se levanta antes que eu decida dizer alguma coisa. Coloca a cadeira de volta ao seu lugar e sorri ao olhar para mim. Sorri de verdade dessa vez. Volto a tomar meu café quase frio apenas para tirar meus olhos dele, antes que minha boca aja por conta própria e ele diz:

— Bem, foi vaidade minha achar que você sentia algo por mim todo esse tempo e não ter perguntado isso a você. É uma pena que tenha sido algo apenas

da minha cabeça, então.

Engasgo com o café e ele se afasta e agora realmente eu quero morrer. Está muito tarde para gritar agora mesmo que eu o amo e perguntar o que significa o contrário disso ser uma pena?

Mas claro que não posso fazer isso. Não posso fazer nada. Sabrina tem razão, sou uma causa perdida e essa mentirinha de nada já cobra seu primeiro grande preço. Espero que seja o único.

Corro até o banheiro porque de repente quero chorar. Quero colocar para fora toda a dor que estou sentindo, a decepção, a injustiça. Há dias não sinto o aviso de que algo vai dar errado, mas ao olhar-me no espelho vejo que dessa vez veio sem aviso. O universo me ferrando sem qualquer aviso, apenas rindo da minha cara. Talvez ele estivesse brincando, talvez estivesse apenas me provocando, mas pareceu tão sincero! Tão sentido! E isso dói tanto! Falar com ele sobre sentimentos, com essa intimidade pela primeira vez para ter o fim que teve, dói tanto! Porque não tive um não, não tive um sim, não tive nada. Não houve verdade na nossa conversa.

Ligo para Sabrina e conto aos soluços o que Tim disse. Minha amiga fica um pouco em silêncio, depois pede que eu me acalme. Ela fica comigo na linha, esperando que eu chore, ouvindo apenas meus murmúrios e apenas quando percebe que me acalmei, é que responde:

— Minha amiga, presta atenção, se esse homem pensou que você o amava por todos esses anos, então isso nunca foi importante o bastante para ele, ao menos não para fazê-lo retribuir. Então não vale a pena chorar por ele agora, você me escutou? Ele poderia ter acabado com isso muito antes, poderia ter dito a você que não sentia o mesmo e tê-la poupado cada esperança e cada lágrima que derramou por ele. Poderia ter perguntado a você, pelo menos quando vocês se despediram quando saiu da confeitaria. Mas ele não fez isso. Ele sabia e escolheu ignorar o que você sentia. Você acha mesmo que ele merece essas lágrimas, Ayla?

— Sabrina, mas o que você pode dizer a uma pessoa que te ama quando você não a ama de volta? Para que você vai falar com ela disso se não vai corresponder?

— Seguindo seu raciocínio, eu te pergunto, Ayla, para que ele foi falar sobre isso com você agora, insinuando que corresponderia, quando acha que você não sente nada por ele? E mais, o que você diz não se aplica ao Eros, por exemplo. Porque você inventou um sentimento esperando que ele fosse agir

como o Tim agiu, e ele foi muito superior. Ele falou com você, mesmo não correspondendo, ele a amparou, a ajudou como pôde e ainda cuida para que você não se machuque.

— O que você quer dizer?

— O Tim não é o príncipe que você criou nessa sua cabecinha. Sabe quem é compatível com o amor da sua vida? Com o homem que você imaginou que o Tim fosse? O irmão dele.

— Obrigada por me ouvir, eu vou desligar.

Desligo o telefone e procuro não pensar em Tim, em Eros, em sentimento nenhum. Vou me concentrar apenas no meu trabalho. E assim que abro a porta da cabine, dou de cara com Louisa, e sua cara de poucos amigos. Ela ouviu minha conversa. Começo a me desesperar tentando pensar se falei sobre a mentira dos meus sentimentos por Eros em voz alta.

— Então, não satisfeita em tentar pegar seu chefe, também está de olho no meu! — acusa.

— Não é nada disso.

— Não precisa me explicar nada, você é bem esperta, não é Ayla? Tem essa carinha de boa menina e garras em todos os lados.

— Eu não sou você — defendo-me.

— Tem razão, você é mesmo bem mais esperta, preciso admitir. Mas não vou deixar que você voe tranquilamente de um chefe a outro, você não vai crescer aqui desse jeito.

Nem me preocupo em responder, ela tem sua opinião formada sobre mim, só preciso parar de permitir que isso me atinja.

— E é senhor Tim, e não Tim. Você precisa mostrar o devido respeito aos seus superiores.

Ela bate a porta ao sair e quero esmurrá-la.

O dia passa com as pessoas cochichando ainda mais sobre mim. Cada vez que a nojenta da Louisa conversa com alguém, a pessoa me olha com uma careta. Até que no fim da tarde, uma garota sorridente chamada Andrea senta-se diante de mim. Ela me estende um pedaço de uma barra pequena de chocolate e diz:

— Não acho que você seja amante do chefe. De nenhum deles.

— Obrigada, você é a única a perceber isso.

— A Louisa é invejosa, não se preocupe com ela. E a Melissa é muito

chata! Ninguém aqui gosta dela, só a Louisa, porque se parecem, como você pode imaginar!

— Achei que todos gostassem já que todo mundo me odiou ao pensarem que estou querendo roubar o namorado dela.

Ela nega com a cabeça.

— Pura inveja de você. Você conseguiu o cargo que todas queriam aqui. Era para ter tido um processo seletivo interno para escolher a assistente do chefe, mas então ele decidiu trazer alguém de fora. Ele é um pouco difícil e não quis arriscar perder outra funcionária por não aguentar trabalhar diretamente com ele. Então ele pediu indicações e marcou uma entrevista. Todo mundo trouxe currículos de parentes e amigos. E de repente, ele chegou aqui e cancelou tudo, e apresentou você. Isso gerou curiosidade. A bruxa da Melissa só deu a todos o que queriam, um motivo. Logo eles esquecem.

É a primeira pessoa, tirando os chefes, realmente legal comigo. Conversamos um pouco, tomamos café juntas e ela me ensina a usar o chat da empresa para podermos nos falar já que é do RH, que fica no andar de baixo.

No fim do dia, ela passa para se despedir, observa minha roupa e elogia.

— Você mudou de repente de visual! Esse look está perfeito! Você podia me dar umas dicas de moda!

— Ah não, você não vai querer conselhos meus. Minha amiga diz que sou influenciada pela minha avó. Na verdade, não fui eu quem montou esse look, foram as vendedoras da loja de roupas.

— Sério? E onde você as comprou?

Falo o nome da loja e ela arregala os olhos, confusa.

— Mas as roupas lá não são caras?

— Sim! Muito caras! Eu quase caí para trás quando vi o quanto deu todas as roupas, mas foi o senhor Eros quem pagou por elas, então...

— Eu sabia! — a voz acusadora de Louisa surge atrás de Andrea e só então nos damos conta de que ela estava ali. — E ainda tenta dizer que não é amante do chefe.

Ela sai rapidamente para espalhar a fofoca e tenho certeza que serei demitida.

Bato na porta do chefe com as mãos tremendo e preferindo mil vezes sair correndo e nunca mais voltar do que ter que enfrentá-lo para contar a merda que

fiz. Bem, depois que eu contar com certeza nunca mais voltarei, mas ele precisa saber disso por mim, e saber antes que chegue aos ouvidos da namorada bruxa dele e ela venha até aqui para matá-lo.

Meu chefe me olha com desinteresse quando entro e logo volta a prestar atenção àqueles papéis de projetos pequenos a pessoas importantes que não quer fazer.

— Sim? Você quer ir embora? Pode ir, irei daqui a pouco.

Procuro a coragem para falar, mas temo que Tim estivesse certo, eu sou mesmo uma covarde. Quando Eros coloca os olhos em mim por mais de um segundo após meu silêncio, parece preocupado. Levanta-se imediatamente e aproxima-se.

— O que houve, Ayla? Por que está com essa cara? Você está chorando?

— Eu... eu fiz... eu...

Engulo em seco e nada sai.

— Pode me dizer, alguém fez algo com você? Foi a Louisa de novo? Você pode me falar.

Ele parece tão preocupado! Meio sem jeito, toca meu cabelo e sinto o peso da culpa aumentar ainda mais. Nego com a cabeça e fujo de seus olhos negros para conseguir contar.

— Eu fiz uma coisa muito errada, eu sinto muito! Não foi de propósito!

Uma lágrima escorre em meu rosto. Sua voz soa calma, mas percebo que preocupada:

— O que você fez? Pode me contar.

— Uma burrada. Eu, sem pensar direito, contei a Andrea sobre as roupas que o senhor me deu, e a Louisa ouviu. Ela me acusou de ser sua amante e com certeza contou isso para todo mundo na empresa, eu sinto muito, senhor Eros.

Ele me encara sem dizer nada e continuo tentando me defender.

— Eu juro que não foi de propósito.

— Tudo bem, se acalme, ok? Fica calma, você não deveria ter dito isso, era óbvio que é o que pensariam, certo? — Ele se aproxima mais e seca minhas lágrimas com o dedo, então segura meu rosto para que eu olhe em seus olhos negros. — Isso não é nada demais. Deixe que falem, com o tempo tudo se esclarece, as pessoas esquecem. E se alguém feri-la por comentários sobre isso, você só precisa me dizer.

Ele parece tão calmo que me desespero ainda mais.

— O senhor não entende! Isso vai chegar aos ouvidos da sua namorada!

Vão dizer que o senhor me deu as roupas de uma loja cara. Vão dizer que somos amantes, ela vai se zangar, vai se ferir, vai querer feri-lo também. Mas eu não pensei que tinha mais alguém ouvindo, eu juro que não fiz de propósito.

— Ayla...

— Eu sei que o senhor vai pensar que estou mentindo, porque eu te amo e pode pensar que quero separá-los, mas eu não quero. Eu entendi o meu lugar, e jamais faria isso. Se o senhor quiser, eu pago pelas roupas, o senhor divide isso para mim, desconta no meu salário, e então pode falar com a Melissa que eu estou pagando, e...

— Fica calma! — fala mais alto e calo a boca.

Suas mãos descem do meu rosto para meus ombros e pelos meus braços, apenas as pontas dos dedos, me acalmando de alguma maneira.

— Está tudo bem, não precisa se preocupar e eu sei que você não está mentindo. Sei que não fez de propósito, tudo bem? Isso não é grande coisa, eu compro algo mais caro para Melissa e vai ficar tudo bem. Ela pode encher o saco, mas isso é algo que ela faz todos os dias.

— Mas, ela vai ficar magoada. Você deu roupas para sua assistente. Demonstrou atenção a outra mulher.

Suas mãos voltam aos meus cabelos, ele enrola uma mecha na mão direita e brinca com ela, os olhos ainda cravados em mim.

— Ela vai ficar brava, mas não por isso. Não pelos sentimentos que esse gesto pode indicar. Será por vaidade, ela apenas vai querer algo mais caro e melhor do que tudo o que te dei e tudo ficará bem.

Não consigo entender. Que mulher não sofreria por ver o homem que ama presenteando outra bem debaixo do seu nariz? Minha confusão deve estar estampada em meu rosto, pois ele se aproxima ainda mais. Suas mãos voltam aos meus braços e passam para as costas, tocando levemente com as pontas dos dedos, me acalmando.

— Nem todo mundo dá valor aos sentimentos como você, pequena. Você recusou as roupas quando soube que eu as daria a você, disse que não queria presentes de mim. Antes, disse que não queria nenhum tratamento especial da minha parte. Nenhuma outra mulher no seu lugar negaria tais coisas. Melissa não negaria. Se alguém com mais dinheiro do que eu oferecer mais a ela, ela não vai negar. Você me entende?

— Na verdade, não.

— Que bom! Então não procure entender. Não seja assim, seja exatamente como você é. Talvez você seja única.

Seus olhos se tornam tão ternos e seus toques tão quentes! Meu coração começa a perder batidas, meu ar quer falhar e não sei mais onde estou. Por que ele sempre faz isso comigo? Ele se aproxima mais e seu corpo encosta no meu, preciso desviar meus olhos dos seus, mas não consigo. Os lagos negros me convidam, me atraem. Dessa vez não tenho medo deles. Sua boca está tão perto da minha que eu poderia tão facilmente passar meus dedos por sua barba! Quero tanto fazer isso!

Estendo minha mão em direção ao seu rosto e quando meus dedos tocam os pelos a porta abre e Melissa entra como um furacão. Dou um pulo para trás com o susto e ela me lança um olhar mortal antes de dizer:

— Você está demitida!

Eros segura seu braço tentando acalmá-la e olha para mim:

— Vá, Ayla. Você pode ir agora.

— Eu volto amanhã? — pergunto temerosa e ele ri.

Como ele pode rir em uma situação como essa? A mulher sabe que ele me deu roupas e nos pegou quase nos beijando na sala dele! Como eu permiti que chegássemos a uma situação dessas?

— Claro que sim! No seu horário, pontualmente!

Assinto e saio correndo deixando-o sozinho com os gritos dela.

Capítulo 10

Eros

— Você quer me fazer passar por ridículo, não é? Qualquer um poderia ter entrado na sua sala e flagrado você aos beijos com a assistente! O que deu na sua cabeça? Todos sabem que estamos juntos, você não tem qualquer respeito!

Melissa continua sua crise enquanto andamos até o estacionamento. Eu já lhe disse que não estávamos nos beijando, que eu me aproximei para ajudá-la. Já lhe disse que não há nada entre mim e minha assistente. Já a lembrei que não somos namorados de toda forma, mas nada a fez calar-se. Acredito que sequer tenha me ouvido. Sei que esta situação não é nada boa para mim, pois uma Melissa irritada ligando para o pai poderia nos colocar em uma enorme furada.

Preciso acalmá-la.

Abro a porta do meu carro e a encaro. Ela para de falar ao ver que sequer estou ouvindo, seu rosto vermelho e sua respiração alterada.

— Você vem comigo? — pergunto e seu sorriso surge imediatamente.

Ela tenta abrir a porta do carona, mas a travo e espero seu olhar no meu para lembrá-la do mais importante:

— Foi você quem chegou nesta empresa gritando aos quatro ventos que tínhamos um relacionamento. Desde o primeiro instante, deixei muito claro que isso não é sério. Nós não nos amamos, de forma que você não está ferida por eu ter presenteado uma assistente que não tinha condições de se vestir. Você entende bem porque fiz isso.

Ela engole em seco, mas assente.

— Então por que está fazendo todo esse show?

— A secretária do seu irmão me liga para dizer que meu namorado está tendo um caso com a assistente dele, que ele a presenteou com roupas de uma loja cara e eu não deveria fazer nada?

— Você deveria ter dito que não estamos em um relacionamento, então a fofoqueira da Louisa não esperaria que você fizesse nada.

— Você não vai jogar a culpa dos seus erros em mim, Eros. E daí se não estamos noivos? Você pode não me chamar de namorada, mas é o que somos! Você me deve satisfações uma vez que dorme na minha cama, assim como eu devo a você. Você não tem liberdade de sair com qualquer uma, como combinamos e em troca tem minha fidelidade. Pode ter aversão à palavra compromisso, mas é o que assumiu comigo quando aceitou isso! Então não me venha agora com não me cobre nada!

Assinto, destravo a porta do carro e faço um gesto para que entre. Ela dispensa o motorista avisando que vai dormir na minha casa e minha cabeça dói imediatamente. Eu realmente preferia descansar a passar a noite com alguém hoje, e definitivamente, não quero levar mulher nenhuma à minha casa.

Quando Melissa e eu começamos isso, foi algo tão empurrado e meticulosamente planejado, que caí sem me dar conta. Ela deu um jeito de se aproximar, convenceu o pai de que estava apaixonada por mim e o fez forçar um jantar entre nós dois. Eu sabia que não sairia nada disso, pois não pretendia ter nada sério com ela e não poderia magoá-la por ser filha de quem é, então só precisava ser um babaca durante o jantar e livrar-me dela.

No primeiro minuto em que disse que estava apaixonada por mim, suas palavras foram tão rasas, que me peguei sorrindo. Como se ela pensasse que eu era assim tão tolo! Respondi claramente que ela não me amava, que estava em busca de status, de ainda mais dinheiro, de mimos e eu não sou esse tipo de homem. Pensei que ela odiaria minha sinceridade, mas me surpreendi quando na manhã seguinte, ela apareceu na empresa dizendo a todos que éramos namorados. Justo quando o pai dela estava lá fazendo um novo e gigante investimento nas ações da Reymond, tanto da firma de arquitetura quanto da empreiteira do meu primo, e ele ficou tão feliz que não tive como desmentir.

Vivo em sua teia desde então. Tratamos de ser sinceros um com o outro, disse a ela que não a amava e não a amaria, pois não queria nada de sentimentos em minha vida e ela não se importou, alegando que também não era capaz de tais sentimentos e nem se importava com eles. Fizemos esse acordo de “fidelidade” que nenhum de nós dois segue, mas entendemos que significa apenas não sermos vistos em público em outras companhias, de forma que o pai dela não desconfie de nada. Achei que logo poderíamos terminar

amigavelmente, mas constantemente ela consegue me fazer ser culpado por algo e a estou presenteando.

Resumindo, sou seu parceiro na cama, o homem que a enche de mimos e escuta, mesmo contra a vontade, seus desabafos e caprichos. Não consegui me livrar dela. E por mais que seja eu mesmo, muitas vezes frio e insensível, ela jamais vai desistir de mim, porque sou cômodo a ela. Ela acabou tornando-se cômoda a mim também. Não corro o risco de me apaixonar por ela, e ela jamais vai esperar algo assim de mim. De forma que sua felicidade não depende de mim, só lembra de mim quando precisa de algo e nada do que eu fizer poderá feri-la, desde que não manche sua imagem. Deixei o tempo passar, deixei isso se estender demais, e de repente estou cansado.

A levo a uma joalheria porque durante todo o caminho ela fala sobre um bendito colar que deseja, e sei que é sua deixa, o preço pelo que fiz hoje, para que não conte tudo ao seu pai. Desta vez, entro na joalheria com a alma lavada ao gastar tanto com algo tão bobo, desta vez eu realmente fiz algo para irritá-la. Não caí em nenhuma teia dela. E valeu a pena.

Eu compraria mais três colares caso ela tivesse chegado cinco minutos depois e eu tivesse conseguido terminar o que comecei na minha sala.

Após deixa-la sorridente e satisfeita com o novo mimo, me dirijo para a sua casa. Se terei que passar a noite com ela, então que façamos isso em sua casa, pois ela não vai dormir na minha.

— Esta não é sua casa, amor! — diz com um sorriso de quem já sabia que eu ia fazer isso.

— Você nunca dormiu na minha cama, não vai começar agora.

— Carinhoso, como sempre!

Ela ordena a cozinheira que prepare algo e fico um tempo em sua cozinha conversando com a senhora que trabalha para ela há anos, por quem acabei me afeiçoando. Ela me lembra a figura de uma avó, e me trata como seu próprio neto. Sabe mais da minha vida do que a própria Melissa, que geralmente some em seu closet e só me procura na hora de dormir.

Por algum motivo, conto a ela sobre a Ayla, e sua surpresa é tão clara que me pego rindo.

— A senhora não achou que alguém se apaixonaria por mim, não é?

— Ah, meu querido, espero por isso há meses! Até demorou a acontecer. A minha surpresa é a sua reação ao amor dessa jovem. Mantê-la perto de você é uma boa ideia? Achei que não quisesse ser responsável pela felicidade dela!

— E não sou. Ela vai me esquecer em breve, isso vai passar. Amores não correspondidos não duram muito. Eu tive medo de mandá-la embora para sempre e então ela definhar, como foi com a minha mãe. Estou apenas cuidando de ter a consciência limpa, sabendo que ajudei essa menina como pude. Então um dia olharei em seus olhos e não verei mais nada por mim ali, e dormirei tranquilo de novo — explico.

Dona Clara me observa um pouco, então coloca sua mão sobre a minha.

— Você é muito bom, menino. É uma pessoa realmente boa. Não acho que conhecendo você a menina vá deixar de amá-lo, isso só fará aumentar seu amor. Mas você deve saber o que está fazendo.

— Sempre sei o que estou fazendo — brinco.

— Menos quando cai nos jogos dessa aí — repreende com uma careta.

Melissa não é amigável com seus funcionários, muitas vezes, é desnecessariamente grossa. Não chamo mais sua atenção quanto a isso porque ela deixou bem claro que não vai mudar sua personalidade por homem nenhum. Mas sei que Clara só continua aqui porque não tem saída. Eu poderia roubá-la, mas nunca faço nenhuma refeição em casa, e ela não aceitaria receber sem trabalhar.

— Vou parar com isso em breve.

— Você diz isso há meses, meu filho. Diz isso há meses! A patroa é mais esperta do que você, essa é a verdade!

Quando Melissa começa os chiliques para que eu me junte a ela, subo até seu quarto. Ela está deitada, o celular na mão conversando com alguém, mas desliga imediatamente e ao invés de deitar-me ao seu lado, como espera, sento-me na beira da cama.

— Melissa, precisamos conversar.

— Claro, querido. Pode falar! Só não fala muito porque estou um pouco cansada.

— Tudo bem, serei breve. Acho que esse nosso arranjo já não me agrada mais. Você ainda não se cansou?

— Você está dizendo que está cansado de mim? — grita levantando-se e antes que eu responda, vai para a suíte e se tranca ali.

Como sempre.

Pego meu celular e noto que há uma mensagem em meu e-mail de trabalho. É de Ayla. A abro imediatamente.

Senhor, me desculpe usar o e-mail de trabalho para algo pessoal, mas tive medo de mandar qualquer coisa em seu e-mail ou número pessoal e sua namorada estar com seu celular. Só preciso saber se está tudo bem. Eu realmente sinto muito, por minha língua grande demais, por minha fraqueza, por tudo! Não consigo dormir, a consciência não deixa. Só preciso saber se está tudo bem.

Sua consciência não a deixa dormir. E por culpa dela, minha consciência não me deixa dormir há dias. Digito rapidamente uma resposta:

Não se preocupe, pequena. Tudo está bem, ela está calma e feliz. Você não fez nada demais. Sua inocência não é um defeito e se alguém falar sobre você amanhã, será advertido. Não vou permitir que ninguém a deixe triste. Mantenha sua bela cabecinha em paz e vá dormir, meu anjo.

Quando estou prestes a apertar o botão de enviar, releio a mensagem e me dou conta do que estou fazendo. Apago tudo imediatamente. Não posso continuar com isso. O jeito atrevido dela me enlouquece. E seu jeitinho tão doce e inocente me fascina. Mas não posso fazer isso com ela. Se ela tivesse entrado na minha vida pelas portas da empresa, apenas como funcionária, eu quebraria algumas regras para passar um tempo a mais com ela. Me deliciaria de sua língua atrevida e suas respostas sarcásticas. Eu adoraria mantê-la em meus braços enquanto a beijasse e senti-la mole neles, como naquela noite. Mas jamais tocarei nela quando há sentimentos.

Um beijo foi tudo o que me permiti. Um beijo para que ela se lembrasse, para que não dissesse que não conhece o beijo de alguém que amou, mas não podemos ter um arranjo como o que tenho com Melissa quando ela me ama. Então não podemos ter arranjo algum. Preciso que ela deixe de ser tão ela, e seja igual a todas as outras assistentes que já tive, para poder deixá-la em paz.

Digito outra mensagem.

Está tudo bem, Ayla, não se preocupe. Tudo está resolvido.

Vá dormir, você deve acordar bem cedo amanhã. Durma tranquila sabendo que Melissa não irá mais à empresa. Boa noite.

Envio a mensagem e logo, chega sua resposta.

Ps: nem fiquei feliz por ela não ir mais à empresa. Adorava a companhia dela lá.

Me pego sorrindo de seu atrevimento e preciso mesmo cortar isso agora, antes que passe a noite acordado provocando essa menina, para ver até onde ela vai.

Pare de usar o e-mail da empresa para assuntos pessoais. BOA NOITE, AYLÁ.

Não há mais respostas e alguns minutos depois, Melissa finalmente sai do banheiro. Ela se joga em sua cama lançando-me seu olhar aborrecido, e antes que comece a ladainha, a corto, mantendo a voz e olhar firmes.

— Isso não vai mais funcionar assim. Você interferiu no meu local de trabalho e eu disse que não aceitaria isso. Ou você para de ir à empresa ou a gente acaba esse arranjo agora mesmo. E pode ligar para o seu pai! Tenho outro investidor em mente.

Ela fica surpresa e em choque, gagueja um pouco, mas por fim concorda.

— Tudo bem, não vou mais à empresa.

Me enfio debaixo da coberta e ela deita em meu peito, beijando meu pescoço.

— Eros, o que acontece se eu me apaixonar por você? — pergunta manhosa beijando minha boca.

— Definitivamente vou perder meu maior investidor — respondo e ela sorri.

— Este arranjo não está mais funcionando para mim também, querido. Quero mais. Quero seu amor.

Nem me dou ao trabalho de responder. Seguro seu rosto e olho em seus olhos e ali está, completamente vazios.

— Para quê? — pergunto desafiando-a, pois sempre que começa a falar disso, a corto e ela não diz mais nada.

— Não gosto de ter as coisas pela metade — diz após pensar muito.

— Vaidade não é motivo para se conquistar alguém, Melissa. De toda forma, nem perca seu tempo comigo. Se você quer amor, posso te apresentar amigos que estão buscando por ele.

Ela sequer se chateia com minha resposta. Apenas sorri. Encarando tudo como um desafio.

— Este arranjo vai servir, por enquanto.

Quando passa as pernas por minha cintura e me beija com mais sensualidade, a giro na cama e me desvencilho dela.

— Estou cansado, vou dormir num quarto de hóspedes.

— Você está de brincadeira!

Ela realmente está furiosa. É a primeira vez que nego sexo, mas esse papo de amor me cansou.

— Tudo bem, irei embora então. Boa noite, querida!

Saio de sua cama deixando seus chilikues para trás. Pelo menos ela não pode ligar ao pai dela para queixar-se que eu não quis transar. Satisfeito, vou dormir em minha própria e tranquila cama.

Ayla usa um vestido azul esta manhã, e mais parece como uma brisa fresca de flores. Percebo que mais uma vez todos os olhares masculinos na empresa estão voltados a ela e em breve um deles se aproximará, a convidará para sair e logo ela me esquece.

Ela me traz o café e passa minha agenda. Seus olhos pousam nos papéis que estou negligenciando, escolho um e o entrego a ela.

— O que você imagina quando lê isso? Olhe todos os pedidos do cliente, as fotos e anote qualquer ideia que tiver. Deixe na minha mesa se conseguir ter alguma.

— O senhor sabe que sou sua assistente, não sua arquiteta substituta, certo? Sorrio.

— Estou sentindo um quê de insolência aí?

— De maneira alguma! Estou apenas me certificando de que entende que não sou qualificada para o trabalho que está me pedindo.

— Ou seja, você tem medo de fazer. Tudo bem, deixe o papel aí.

A porta abre e Tim aparece, atrás dele está Louisa, o que me lembra que preciso dar um jeito nela. O que fez com Ayla em seu primeiro dia, tratando-a mal e a deixando com fome, para depois ir fofocar sobre mim com Melissa não vai ficar por isso mesmo. Tim me deseja bom dia e seus olhos pousam em Ayla. Como fez ontem, eles se demoram nela, avaliando-a dos pés à cabeça.

— Bom dia, senhor Tim — Ayla diz ignorando Louisa propositalmente.

Ele sorri.

— Senhor? Pelo amor de Deus de onde saiu isso? Nos conhecemos há três anos e agora você me vem com esse senhor? Me chame de Tim, Ayla. Apenas Tim.

Ela olha satisfeita para Louisa que parece vermelha. Tim confirma algumas coisas sobre a reunião desta tarde, e dispensa Louisa, saindo em seguida. Ele se despede de Ayla conferindo mais uma vez seu vestido azul minunciosamente. Tão logo deixa a sala, retorna, fecha a porta e senta-se na poltrona de frente a minha mesa, mas seu rosto não segue minha direção, ele fala com ela.

— Não estou acostumado a vê-la tão séria, Ayla. Está tudo bem?

Confusa, ela confirma, mas ele insiste.

— Sempre que a vejo você está sorrindo, brigando com a Sabrina ou com seu irmão. É até estranho vê-la em um ambiente tão sério, tão fechado, com roupas formais e tão calma.

— Você está me zoando, não está? Sempre que você me via eu tinha massa de bolo no cabelo e farinha na cara. Estava em cima de alguma mesa apartando uma briga do Uli ou arrastando a Sabrina pela orelha.

— Ou, ameaçando vender os rins das suas irmãs pequenas — comenta sorrindo e ela sorri de volta.

— Ou isso. Mas aqui não sou eu, fui proibida de ser — ela responde e pisca para mim.

Essa pequena atrevida!

Finalmente Tim olha para mim, entende do que ela está falando e concorda.

— Bem, penso que é melhor mesmo que seja a assistente perfeita, mais boazinha e menos você.

Ela lança a ele um olhar indignado, mas segura a resposta, fazendo-o rir.

— Como vocês dois se conheceram? — pergunto e Tim abre um sorriso enorme, enquanto Ayla fica vermelha.

E sinto que não vou gostar muito da história.

— Em uma boate, numa noite fria — ele diz olhando para ela.

Imediatamente, ela se senta na poltrona e olha para mim explicando melhor.

— Não é como senhor está pensando. Eu trabalhava nessa boate, de bartender. Uma noite, sai de lá muito tarde e uns caras estranhos começaram a me seguir. Eu corri até o estacionamento e procurei um lugar para me esconder. Tive a ideia de tentar abrir a porta de algum carro para que acionasse o alarme e eles corressem. Mas o primeiro carro que abri foi o do seu irmão.

— Acontece — continua Tim divertindo-se — que eu estava lá dentro. Estava indo embora e de repente uma maluca invadiu meu carro. Eu mandei que ela saísse imediatamente. E ao invés de obedecer ou me explicar o que estava havendo, ela deitou-se no banco de trás e me mandou calar a boca.

Ayla cobre o rosto completamente vermelho com as mãos, claramente envergonhada. Tim então continua:

— Então eu vi três caras estranhos procurando por algo e entendi a situação. Tirei o carro do estacionamento com essa menina maluca escondida no banco de trás. Parei a uma certa distância e perguntei seu endereço para deixá-la em casa. No caminho, ela começou a conversar sozinha.

Ele para de falar e sorri, busca o olhar dela, que tira as mãos do rosto e sorri para ele. É um sorriso tão doce que por um segundo me sinto incomodado com ele. Não gosto dessa cumplicidade entre eles. Menos ainda de onde isso pode parar. Lanço ao meu irmão um olhar que é rapidamente compreendido. Seu sorriso some e ele continua a contar sem olhar para minha assistente.

— Ela estava contando todos os problemas de sua vida. Perguntei se ela era louca e ela muito docilmente me mandou deixar de ser intrometido e não ouvir sua conversa com o universo. Pensei mesmo que ela era maluca.

— Você foi grosseiro — ela se defende.

— Você parecia uma louca! Falando sozinha sem parar e gritando comigo — ele responde olhando para ela novamente.

— Só gritei com você porque você gritou comigo! É automático. Se alguém fala alto comigo eu respondo no mesmo tom. Não posso evitar.

— Hoje eu sei disso, querida, mas naquela noite achei que fosse desequilibrada. E quando parei meu carro em frente à sua casa, você se recusou a descer.

— Porque você me mandou descer! Você disse, saia do meu carro!

— Bem, eu não estava errado, você estava me assustando.

— Mas não precisava ser grosseiro.

Tim finalmente volta o olhar para mim, e sorrindo, defende-se:

— Ela disse: não vou descer na hora que você quer, só quando eu quiser descer. Tive que ficar mais dez minutos com uma maluca me olhando pelo retrovisor do carro. Finalmente, ela desceu e ri disso a noite inteira. Imagine meu susto quando fui à minha confeitaria preferida na semana seguinte, e a maluca estava lá fazendo uma entrevista.

— Se você me achava tão louca, por que me ajudou a conseguir o

emprego? — ela pergunta desafiando-o.

E sua resposta sai tão naturalmente que ele sequer percebe.

— Porque você era linda! De dia, sem a maquiagem e com esperança nos olhos, você estava incrivelmente linda. Tive um fraco por ajudá-la. E isso se tornou um hábito.

Ela abaixa a cabeça e não olha mais no rosto dele, não consigo ver seus olhos e penso que ele a deixou completamente sem graça. Advirto meu irmão com os olhos e ele entende, pois, muda de assunto imediatamente.

— Então, conheci Ulisses, o irmão mais novo dela, sempre metido em encrencas e sempre prejudicando a irmã, e por isso precisei defendê-la mais vezes do que posso me lembrar. E ele a fez ser demitida da confeitaria. O que ele está fazendo agora? — pergunta a Ayla.

— Dando trabalho como sempre. Estamos procurando um emprego para ele, talvez assim ele ocupe a mente, aprenda a ter responsabilidade. Não sei, é nossa última esperança.

— A empresa da família da Melissa está contratando. Eles têm uma vaga de segurança, seu irmão daria conta de algo assim? — pergunto.

Os olhos dela brilham ao olhar para mim e se atropela nas palavras ao responder.

— Sim, ele daria, ele podia, desculpe! Ele pode fazer isso. O senhor acha que conseguiria uma entrevista para ele?

— Com uma ligação, posso conseguir o emprego para ele. Tem certeza que ele irá aceitar?

Seus olhos estão cheios e ela se levanta da poltrona parecendo aérea.

— Sim, ele vai. O senhor pode mesmo fazer isso?

— Claro, resolvo isso agora mesmo.

Levanto-me e faço uma rápida ligação para um amigo, e vejo lágrimas descerem pelos lindos olhos castanhos dela quando entende que estou mesmo fazendo isso. Ao desligar o celular, seus olhos esperançosos e emocionados estão pousados em mim.

— A vaga é dele. Ele começa amanhã mesmo.

— Obrigada, senhor Eros, muito obrigada!

Ela corre até mim e me abraça. Mais uma vez me pega de surpresa e não sei bem como agir. E antes que eu possa decidir ela se afasta, desculpando-se e secando as lágrimas.

— A minha avó vai ficar tão feliz! O senhor não tem ideia de como está nos

ajudando.

— Fico feliz, Ayla. Você pode contar comigo sempre que precisar.

Ela assente e sai da sala mesmo sem pedir permissão. E Tim parece pensativo, seus olhos avaliando meu rosto.

— Eu disse a você, ela desperta esse instinto protetor — diz.

Concordo, porque estou me sentindo muito bem por ter causado aquele sorriso e aquele olhar emocionados. Por ter causado seu abraço repentino.

— Mas isso não quer dizer nenhum tipo de interesse nela, certo? É apenas proteção — Tim pergunta avaliando-me.

Identifico a ameaça em sua voz e apenas sorrio. Ele tem ciúmes dela. Ele a defende. Ele se incomoda com nossa aproximação. Apoio as mãos na mesa e olho em seus olhos ao responder:

— Espero que sim, irmão. Porque nós já conversamos sobre isso.

Ele entende, concorda com a cabeça, levanta-se e sai da minha sala. Acho que tenho um pequeno problema nas mãos. Tim vai tentar seduzir minha assistente.

Quando o dia termina, Ayla confirma meus compromissos da manhã seguinte. Despede-se de mim e está prestes a deixar minha sala, mas a impeço. Desde a manhã, quando Tim deixou minha sala, algo martela em minha mente. Ignorei por ter resolvido tudo com a Melissa, mas e se Tim não estivesse aqui quando Ayla pulou nos meus braços? Quem sabe como eu teria reagido? Quem garante que não teria terminado o que comecei ontem? E isso precisa ser cortado desde agora.

— Ayla, sente-se por favor. Preciso falar sobre uma coisa com você.

Ela se senta, seus olhos castanhos buscando os meus. E vejo o medo presente neles. Teme sobre o que vou falar e falo o mais rápido possível para tirar essa expressão de seu rosto.

— O que aconteceu nesta sala ontem, não pode mais acontecer.

Espero por uma resposta atrevida, ou que vá cobrir o rosto com as mãos e fugir, mas seus olhos permanecem nos meus e vejo sua confusão e culpa. Ela assente, mas responde com sinceridade:

— Eu tenho uma fraqueza por você. Você sabe bem disso, então não se aproxime.

Sou pego tão de surpresa por sua resposta, que demoro a raciocinar uma resposta. Ela me ama, quase não demonstra isso de forma que não esperei que

fosse fazê-lo agora. Mas entendo que foi necessário. Ela me ama e não vai negar minhas aproximações, é sua fraqueza. Cabe a mim, sabendo de seus sentimentos, não me aproximar. Ela está certa. A culpa por ontem foi minha.

Então por que ao invés de garantir a ela que não farei isso, me pego tentado a justamente fazê-lo? E ao invés de dizer que está certa, o que sai da minha boca é:

— Está dizendo que não vai me impedir se eu a beijar agora?

Seus olhos não se desviam dos meus quando responde:

— Não vou impedi-lo nunca.

Estou a um passo de me levantar e beijá-la agora mesmo. Uma última vez, só um pouco. Só para sentir de novo sua resposta apaixonada e a maneira como se entrega. Mas então ela diz algo que me coloca no meu devido lugar.

— Mas vou me sentir culpada depois. Você tem um compromisso e eu sei disso. E vou entender que mesmo sabendo do que sinto, você é capaz de brincar comigo.

— Eu nunca machucaria você! — respondo imediatamente. — Mas você está certa. Eu não vou me aproximar e a responsabilidade é minha. Você pode ficar tranquila.

Ela assente, levanta-se e deixa a sala. E me pergunto o que quase fiz. Quase fiz o que jurei não fazer, brinquei com ela. Eu ia mesmo beijá-la apenas para satisfazer um desejo quando para ela isso seria tão mais profundo? Sim, eu ia. E esse não sou eu.

— Maldito amor! Maldito!

Capítulo 11

Minha cabeça está tão distante desde que saí da empresa que desci no ponto errado e tive que voltar longos sete quarteirões a pé até minha casa. Isso me serviu para pensar, mas pensar não me serviu para chegar a qualquer conclusão. Paro na porta da casa da Sabrina precisando desabafar. Mas assim que a vejo, perco a coragem. O que deveria dizer? Que o Tim disse que me acha linda, que tende a me proteger por este motivo? Quase pulei nos braços dele quando disse isso, mas Sabrina vai abrir meus olhos e me dizer que de todos os motivos que ele poderia dar para cuidar de mim, beleza é o pior deles, pois apenas confirma que ele só é legal com mulheres bonitas. São o fraco dele.

— Oi, você está aqui? Está tudo bem, Ayla? — pergunta sacudindo a mão na frente dos meus olhos.

Eu poderia contar então do Eros. Do que não contei ontem, de como o deixei aproximar-se e o deixaria me beijar se a bruxa não tivesse chegado. Eu o deixaria. Ou da nossa conversa há pouco, quando minha cabeça estava nas nuvens pelo quanto ele tem me ajudado, por ter conseguido o emprego para Uli. E então não fui capaz de pensar em nada ao responder suas perguntas. Não pude pensar para manter esse teatro dos meus sentimentos por ele, e mesmo assim, de alguma forma, tudo o que saiu da minha boca confirmou isso.

Tenho uma fraqueza por ele. Percebi isso ontem quando minha consciência me dizia que eu era o pior tipo de mulher. O tipo que se atira nos braços de um homem comprometido. E se confirmou hoje, porque além das minhas respostas não terem sido planejadas, percebo agora que foram sinceras. Tenho essa fraqueza. Ele me olha e entro em pânico. Ele se aproxima, e me entrego. Talvez tenha a ver com o beijo naquela noite em sua casa, talvez isso ficou em mim e

cada vez que meu cérebro entende que vai acontecer de novo, cede. Sim, só pode ser isso.

— Ayla? O que está acontecendo que estou falando há cinco minutos e você não responde?

Volto a mim quando Sabrina me sacode.

— Ai! Por que está me sacudindo?

— Porque você não está aqui! O que houve? O que você tem na sacola?

Penso então em um assunto do qual posso falar com ela, e com o maior sorriso do mundo, mostro os ingredientes para meu bolo.

— Vou fazer um bolo para o Eros. Pensei que se o Tim gosta tanto, talvez ele goste também.

Ela me encara como se pudesse ler o que está em minha mente. Como se soubesse que eu disse ao meu chefe que tenho uma fraqueza eterna por ele. E que isso não foi mentira.

— Por que mesmo você vai fazer um bolo para o seu chefe?

— Porque ele, a melhor pessoa do universo, conseguiu um emprego para o Uli.

Sabrina grita e pula em mim comemorando. Tranca sua casa e me segue até a minha. E enquanto fala animada sobre como Eros é gentil e bondoso, só consigo sentir aquela culpa no peito, por estar ocultando informações da minha amiga. Mas tenho medo de contar, ela vai forçar algo, vai dizer que estou me apaixonando por ele e vai me infernizar. E isso não pode ser possível quando um olhar e uma frase de Tim quase me fizeram flutuar bem na frente do Eros.

O que está havendo comigo?

Vovó comemora a notícia e Ulisses também. Ele parece realmente feliz e até emocionado quando entrego o endereço de onde vai começar a trabalhar na manhã seguinte. Rapidamente vai escolher sua melhor roupa e passá-la para estar apresentável. Depois que todos vão dormir, enquanto preparo o bolo, Ulisses aproxima-se com um brilho nos olhos.

— O seu chefe é uma boa pessoa, irmã.

Assinto, mas não olho novamente para ele.

— Prometo que vou me comportar. Vou ser motivo de orgulho para você e para a vovó.

— A última vez em que disse que causaria orgulho a alguém, você roubou um objeto valioso. Lembre-se que é este mesmo homem que está estendendo a mão a você agora. Ele pediu um favor pessoal a um amigo por você, eu estou

acostumada a me decepcionar com você, mas tente não desapontá-lo. Ele pode abrir muitas portas se você mudar.

Ele tenta segurar minha mão, mas não permito, voltando a bater a massa.

— Você não me perdoou? — pergunta confuso.

— Não, Ulisses, e não irei perdoá-lo! Nunca vou esquecer o que você fez, as promessas que fez e como foi fácil para você quebrá-las. Eu não valho nada para você.

— Não, eu sei que mereço sua raiva, mas você é a pessoa que mais amo no mundo, Ayla! Você é meu porto seguro, me perdoa! Eu juro que não vou...

— Não quero promessas! Palavras, Uli, sério? Acha que acredito em algo do que você diz? Quer me provar todo esse amor e arrependimento? Então faça! Vá para esse emprego e tenha o mínimo de decência nele. Suas palavras para mim não significam nada, quem sabe quantas oportunidades você terá como segurança?

Ele abaixa a cabeça e nem me responde. E dói no meu peito ser tão cruel com ele, mas ele precisa ouvir isso. Precisa sentir isso. Não pode ferir as pessoas e sair ileso, ele também tem que se machucar.

— Trabalhe, Ulisses. Faça o seu melhor, deixe-me saber quem é você. Conquiste minha confiança de novo.

— Você nunca vai ser a minha melhor amiga de novo — afirma triste.

— Melhor amiga? Melhor amiga não é alguém que passa a mão na sua cabeça e aceita seus erros. Se for pra ser assim, não vou nem mesmo ser sua amiga. Me prova que posso confiar em você, e boa sorte com isso, porque eu realmente não confio nada em você.

Ele assente e se afasta e me concentro no bolo. Não posso fazê-lo zangada ou a massa desanda. Lembro de quando Eros me disse que poderia conseguir o emprego para Uli com uma ligação. De quando olhou em meus olhos e disse que a vaga era dele. Me concentro nisso, no quanto sou grata a ele e volto a fazer o bolo.

Na manhã seguinte, enquanto arrumo o bolo em uma caixa bem bonitinha que Sabrina trouxe, consigo amontoar meus pensamentos em um único ponto, e encontro o motivo da minha fraqueza pelo chefe. Assim sendo, aproveito que estamos sozinhas, já que vovó foi levar Ulisses ao seu novo emprego e minhas pequenas à escola, e conto tudo a Sabrina. Peço que ela não me interrompa e por cinco minutos falo sem parar, fazendo careta para suas tentativas de interrupções e concluo com meu pensamento lógico:

— Enfim, o homem é lindo e é muito gentil e bondoso. É normal que eu tremo diante dele. Você não recusaria um beijo dele, por exemplo — jogo e sua fala pronta para desmentir minha conclusão murcha.

— Claro que não! Quem seria louca de afastar um homem daquele?

— É o que estou dizendo. Minha fraqueza por ele é por todo o conjunto dele. E você estava certa, ele tem mesmo essa figura de príncipe encantado completo. Exceto que não quer saber de amor.

Ela cruza os braços não acreditando. Pouco depois, me ajuda a carregar minha bolsa até o ponto de ônibus. Estranho seu silêncio, mas penso que minha lógica é infalível e ela não tem qualquer argumento contra ela. Chegando ao ponto, ela se senta ao meu lado e comenta como quem não quer nada:

— Não é nada demais, você diz. Nada de sentimentos, você acredita.

— Não, não é.

— Então por que mesmo você não me contou tudo isso antes? Por que precisou pensar no que sentia e entender tudo para então poder me contar?

Olho para seu rosto e seu olhar acusador está ali junto com seu sorrisinho vitorioso que odeio.

— Porque você ia fazer essa cara e eu odeio ela! — justifico. — Você prestou atenção na parte em que eu disse sobre o Tim? Porque ainda estou esperando seu discurso de ele faria isso por qualquer mulher bonita porque é um babaca!

Ela bate palmas soltando minha bolsa.

— Olha o que temos aqui! Evolução, senhoras e senhores! Se você que é apaixonada por ele já está percebendo isso sozinha, eu nem tenho mais nada para dizer, amiga.

O ônibus chega e ela me ajuda a sentar nele com a caixa, visto que sou dada a pequenos incidentes, e quando está para descer, despede-se:

— Você fez meu dia lindo, minha pequena protagonista. Sua vida amorosa está interessante! — grita já da rua e todos no ônibus me olham.

— Eu ainda te mato, Sabrina, eu juro que mato!

Faço o café do jeito que ele gosta, as torradas caso ele não goste de bolo e me lembro de colocar uma colher na caixa para que ele possa comê-lo. Eu não sei se irá experimentar, se vai levá-lo para a casa, então prefiro me prevenir. E caso ele não goste de bolo, bem, isso seria bem decepcionante, eu o darei para meus colegas mesmo que não gostem de mim. Com muito cuidado, caminho

vagarosamente com a bandeja de café em uma mão e o bolo em outra e tenho dificuldade para abrir a porta de sua sala. Ainda bem que o copeiro me ajuda com seu sorriso de bom dia.

Deposito tudo com cuidado sobre a mesa, e quando me viro, dou de cara com a bruxa. Melissa levanta-se do sofá onde estava e me olha de cima a baixo com um sorriso nervoso.

— Olha só você, gata borralheira. Se transformou em princesa mais rápido do que eu esperava.

“Cortesias do seu amado” eu poderia dizer, mas me contenho por lembrar do que Sabrina me disse, e porque não quero mais problemas.

— Bom dia, senhora Melissa. Seu namorado foi muito gentil comigo ao me ajudar com as roupas para o trabalho, imagino que seja influência sua, então quero agradecer-lhe.

Ela parece desconcertada, e não responde nada. Dá a volta na mesa, olha o café que preparei e faz uma careta para a caixa fechada.

— O que você trouxe aqui?

— É um bolo. Eu era confeitadeira até poucas semanas, fiz algo simples para agradecer ao senhor Eros por sua ajuda.

Isso não soou bom nem mesmo na minha cabeça, então a expressão irritada dela não me surpreende.

— Senhora Melissa, eu quero dizer que não há nada entre mim e o senhor Eros, e nunca terá. Eu sei qual é o meu lugar aqui, sou apenas a assistente dele, e jamais tentarei ser mais do que isso. Não o vejo com esses olhos, como a senhora pensa, ele é para mim apenas um bom patrão.

Ela sorri. Abre a caixa, olha o bolo e seu sorriso aumenta.

— Você acha que me engana, não é? Ganhando roupas dele, se agarrando com ele depois do horário nesta sala, trazendo presentes e olha na minha cara para dizer que não pensa nele de outra forma? Me poupe! Ao menos seja mulher para assumir o que almeja. Não que você vá conseguir.

— Senhora, eu...

— Cala a boca! — ela grita tão alto que chego a tremer. — Vou te avisar apenas uma vez, borralheira! Peça demissão e suma da vida do Eros, porque ele nunca vai olhar para você. Nunca vai te tratar como mais do que um par de pernas. Mas mesmo que você nunca vá para a cama dele, eu ainda vou fazer da sua vida um inferno. Considere isso como meu favor a você.

Ela não está brincando. Não está agindo como uma mulher ciumenta

defendendo quem ama. Está mesmo me ameaçando e sendo má. Quero chorar e me odeio por isso, por ser tão fraca e sentimental. Gostaria de respondê-la como ela merece, mas fui eu quem entrou aqui com um presente para o namorado dela, e embora isso não signifique nada mais do que um gesto de gratidão, da última vez ela nos pegou muito próximos nesta sala, e está no direito de ser má comigo. Apenas por isso, respiro fundo e abro a porta para sair de sala.

Mas ela fecha a porta barrando minha saída.

— Você deve me responder quando falo com você, e tire esse bolo daqui! Eros não come essas coisas, ele cuida de sua saúde. Essas coisas doces e horrorosas são um pesadelo para ele.

Volto para trás e fecho a caixa, retirando-a, e ainda assim ela se coloca no meu caminho, avaliando-me com desdém.

— Olha só para você, chegou bem mais longe do que eu teria chutado aqui dentro. Ao menos vai sair daqui com um guarda-roupa novo. Estou sendo muito gentil ao não mandar o Eros recolher de volta todas as coisas que te deu, já que não será mais funcionária dele.

— Senhora Melissa, eu não posso me demitir e não o farei. Preciso deste emprego.

— Não me importo com suas necessidades, apenas saia! E faça isso antes que o Eros chegue ou se arrependerá.

— Acha mesmo que sou uma ameaça tão grande para você?

Ela fica em choque com minha pergunta e espero não ter soado como uma afronta. É apenas uma curiosidade.

— Ameaça? Você? — Ela ri alto e finalmente sai do meu caminho. — Você não é nada para mim, garota! Não chega aos meus pés, nem perto disso!

— Então por que tenho que ir embora? Não chego mesmo aos seus pés, sou só uma borralheira como você diz, por que não vive seu amor e me deixa em paz?

— Porque eu odeio você! É isso, não fui com a sua cara sonsa e seu risinho debochado. Não quero você na minha vida de maneira alguma, então suma daqui!

A porta abre e Eros entra alarmado. Provavelmente os gritos de Melissa puderam ser ouvidos de fora. Não olho em seu rosto, mas tento passar por ele, que segura meu braço.

— Ayla, está tudo bem? O que está havendo aqui?

— Bom dia, senhor Eros, está tudo bem. O seu café está sobre a mesa, mas

se tiver esfriado eu preparo outro.

— O que você tem nessa caixa?

Dou de ombros indicando que não é nada, mas Melissa responde:

— Eu já mandei que ela suma com isso daqui, querido. É apenas um bolo, ela pensou em agradecer a você com essa coisa, mas já foi devidamente advertida.

Eros olha para ela e de volta para mim e mais uma vez abaixo a cabeça. Ele tira a tampa da caixa e olha curioso o bolo.

— E você me trouxe uma colher — comenta sorrindo.

— Eu não sabia se o senhor ia querer comer agora ou levar.

— É bem bonito, qual o sabor?

— Abacaxi com framboesa — respondo tão baixo que nem tenho certeza se ele ouviu, mas por sua expressão confusa, percebo que sim.

— Isso é um sabor? Parece estranho, deixe-me provar isso.

Rapidamente tiro a caixa de perto dele e observo Melissa que está furiosa.

— O senhor não precisa fazer isso, senhor Eros. Eu lhe trouxe torradas e posso preparar mais alguma coisa se o senhor quiser.

Ele me olha impaciente e estende a pequena colher que pegou da caixa.

— Ayla! Me parece que trouxe isso para mim, então eu decido se vou comer ou não. Me dá!

Aproximo a caixa e ele prova do bolo, deixando Melissa horrorizada. Ela começa a reclamar imediatamente do quão mal está fazendo a si mesmo provando isso, mas ele faz um gesto com o dedo para que ela se cale e me lança um olhar estranho, surpreso, fascinado.

— Isso é tão azedo e tão doce! Como isso é possível?

Enfia a colher na caixa novamente e leva outro pedaço à boca.

— Isso é divino!

Torna a enfiar a colher e não consigo conter um sorriso quando tira a caixa da minha mão e senta-se em sua cadeira, devorando o bolo, derretendo-se em elogios. Tim entra em sua sala e sorri para mim desejando bom dia, para quando ouve os gemidos de Eros.

— Irmão! Você precisa comer isso! A Ayla trouxe para mim um bolo de abacaxi com framboesa e isso é simplesmente a oitava maravilha do mundo!

— Este é meu sabor preferido, por ele eu vou sempre à confeitaria. — Tim me lança um olhar magoado. — Você não pensou em trazer para mim? Desde

que você saiu de lá não são mais tão bons.

— Eu sinto muito, Tim. Trouxe apenas para agradecer o favor que ele me fez ontem, mas posso trazer um para você amanhã, se quiser.

Ele sorri imediatamente e não comenta o favor do qual estou falando, pois entende que não quero que Melissa saiba que meu irmão vai trabalhar numa das empresas de sua família, pois pode impedir que isso aconteça.

— Por favor.

Peço licença a eles para deixar a sala e ouço Eros falando com Melissa:

— Nós não combinamos que você não viria mais aqui? Quer mesmo que eu cumpra minha promessa, Melissa?

Mas não fico para ouvir sua resposta. De algum jeito, me sinto vitoriosa. Como se isso fosse uma espécie de guerra. De que adiantaram seus insultos e ameaças se no final das contas ele realmente adorou o presente? Percebo que Melissa não o conhece nada, e não entendo como isso é possível. Ele é uma pessoa tão fácil de decifrar! Às vezes chega a ser sincero demais, não é do tipo que esconde nada e muitas vezes, é previsível.

Mesmo assim sinto-me irritada por ter permitido que essa bruxa me tratasse desse jeito! Me coloquei no meu lugar, sou a pedra em seu sapato e por mais que ela diga que não represento uma ameaça, eu represento. Apenas por isso tentei ter empatia e paciência, mas não se trata uma pessoa desse jeito. Não importa se estive no quarto do namorado dela e dormi em sua cama para então dizer a ele que o amo. Bem, olhando por esse lado, eu sou a bruxa da história. Afinal de contas, estou mentindo para todos. Enganando Eros que é a melhor pessoa do mundo e causando um mal-estar entre eles que não deveria existir.

Mas não posso me demitir, o que eu posso fazer para acalmá-la? Será que Eros tem razão e com o tempo a pessoas esquecem? Assim sendo ela vai me esquecer e me deixar em paz?

A porta da sala dele abre e Eros, Tim e Melissa saem. Tim sorri para mim e Eros o segue até sua sala, não diz nada, mas exhibe um sorriso de gratidão que não corresponde porque Melissa para na minha frente e me olha como uma maluca.

— Senhora Melissa, eu sinto muito. Não trarei mais nenhum presente de gratidão ao seu namorado, nem qualquer presente. Eu nem vou mais falar com ele, vou respondê-lo apenas com sim e não.

Ela sorri, mas um sorriso carregado de desprezo.

— Você não vai se demitir, não é? — pergunta baixinho.

— Eu o faria se pudesse, mas sem o salário daqui não terei como pagar meu aluguel.

Ela assente, confere que Eros e Tim saíram e de repente começa a gritar:

— Você acha que vai chegar longe tentando tirá-lo de mim?

Finge chorar e todos estão nos olhando.

— O quê? Estou dizendo exatamente o contrário! Não há nada entre o senhor Eros e eu.

— Você trouxe um presente para ele depois de eu ter pego vocês dois se beijando!

— Nós não estávamos...

— Eu confiei em você, Ayla! Você disse que ia se demitir, que ia se afastar dele, você me prometeu!

Entendo que não vale a pena tentar explicar porque seu escândalo atraiu todas as atenções e todos me acusam com suas expressões e caretas. Então deixo que finja seu sofrimento, que finja seu choro, deixo até que me humilhe como começa a fazer.

— Meninas pobres e interesseiras como você são como parasitas. Grudam em homens ricos até tirar tudo o que eles têm. Vocês não ligam para quem machucam no caminho, para os relacionamentos que estragam. Ele só irá usá-la. Vai se cansar de você e voltar para mim e eu o aceitarei de volta porque o amo!

Os cochichos estão altos o bastante para que eu os escute e minha paciência acaba. Uma coisa foi aceitar sua crise de maldade porque eu me sentia culpada, dentro daquela sala. Mas outra muito diferente é o teatro que está fazendo aos berros apenas para me humilhar e me crucificar em público. Então respondo no mesmo tom alto que está usando:

— Vai aceitá-lo de volta porque é idiota! Eu jamais aceitaria um homem que me troca por uma assistente qualquer de novo!

Ela cala a boca de repente e todos os cochichos param.

— Isso não será necessário porque você pode tentar, Ayla. Você pode armar para que ele pague suas roupas, pode trazer presentes e tentar seduzi-lo, mas ele nunca vai olhar para uma pobretona como você!

Sento-me e coloco os pés sobre a mesa. Pego uma lixa na gaveta e começo a lixar minha unha.

— Você tem certeza? — pergunto quando ela se vira para ir embora, e imediatamente volta a olhar para mim. — Ele já disse a você porque me deu esse emprego, Melissa?

Seus olhos quase saltam das órbitas, mas ela cai na minha e responde com seu conhecido e esperado desdém.

— Provavelmente por pena.

Nego com um sorriso que a deixa curiosa e olho em seu rosto para explicar melhor.

— Eu fui até a casa dele e confessei meus sentimentos. Você sabe como é estar apaixonada, não deu para segurar. Disse a ele que o amava e ele imediatamente me ofereceu o cargo de sua assistente. Para me manter aqui, pertinho dele todos os dias, o dia todo. Às vezes à noite, como você presenciou.

Ela parece em choque. Corro um pequeno risco de ela pular em mim e arrancar meus cabelos, mas mesmo assim arrisco, confiando em seus modos refinados e educados.

— Eu não teria tanta certeza assim de que ele não vai acabar na minha cama, como você diz. — Levanto-me e olho em seus olhos antes de finalizar minha vingança. — Aliás, vou te dar um conselho, considere que estou sendo muito gentil ao alertá-la — digo imitando suas palavras — você deveria me considerar como uma ameaça, querida, porque eu sou uma.

Ela fica sem palavras. Abre a boca algumas vezes, mas não consegue dizer nada. Seu rosto está tão vermelho que fantasio sua cabeça explodindo a qualquer momento. Então entra na sala de Eros e bate a porta e seus gritos podem ser ouvidos imediatamente.

Encaro a todos na empresa que já não cochicham mais. A maioria vira a cara e apenas confirma o que já pensavam, mas não é como se minha vida dependesse da aprovação de nenhum deles.

Caio na cadeira e finalmente volto a respirar. Serei demitida? Com toda certeza, mas vou me lembrar desse momento para sempre como um momento feliz em minha vida. Deixa essa mulher humilhar outra assistente do namorado dela de novo, vai pensar duas vezes antes de fazê-lo.

Sei que Eros vai demorar em sua reunião, no andar de baixo, sobre o projeto do governo. Não estou participando dela, embora realmente adoraria ter participado, porque Louisa foi mais rápida e eu estava estacada com uma bruxa assassina olhando-me de cara feia. Melissa ainda está trancada na sala dele, esperando para matá-lo. E até sinto uma pontada de culpa porque ele sempre me defende diante dela, mas depois passo toda essa culpa para ele. Ele me disse para dormir tranquila que essa bruxa não viria mais aqui. O ódio dela por mim é porque ele tentou me beijar na outra noite, então tudo é culpa dele, que não tem

palavra. No mínimo, ele vai garantir que eu não me aproxime dela, e caso não me demita, não permitirá que ela fale comigo de novo e eu serei a assistente mais feliz desse planeta.

Aproveito e olho o papel que ele me deu ontem, o projeto do closet para a mulher do prefeito. Seu quarto tem uma decoração clássica, mas ultrapassada. Um closet nele me parece inviável, ficaria apertado e pesaria o projeto de seu quarto. Mas ela tem uma sacada enorme que não usa. Faço alguns esboços, teríamos que mudar todo o projeto de seu quarto, mas ela poderia ter um closet dos sonhos, e um quarto clássico com um olhar mais eficiente e agradável do que o que tem agora.

Após os desenhos prontos, abro o programa da empresa e demoro dez minutos para localizar no programa onde Eros monta as amostras dos seus projetos e faço algo muito simples, tenho certa dificuldade porque ainda não havia visto tudo quando deixei o curso, e muitas coisas já me escaparam da memória. Erro nas dimensões de uma parede e preciso refazer todo esse lado do projeto.

Estou quase enfiada no laptop quando Eros passa. Ele me manda ir almoçar e mais do que depressa obedeço, pois não quero estar aqui quando ele entrar em sua sala e for assassinado por sua namorada maluca.

Quando volto do almoço, noto que há seis chamadas não atendidas de Eros no meu celular e retorno. Sua voz é a de alguém prestes a matar um ser humano.

— Onde é que você está, Ayla? Estou te procurando a uma hora!

— O senhor me mandou almoçar, senhor Eros, eu o obedeci.

— Ah, você me obedeceu! Que maravilha! Venha aqui agora mesmo!

Ele desliga o telefone na minha cara e assim que as portas do elevador se abrem, o vejo dando voltas em frente a minha mesa, vermelho como um pimentão. Louisa me chama para conferir algo sobre um contrato que Eros deve assinar e me enfiio na sala de Tim imediatamente.

Idas ao banheiro, à copa, ao RH, e contratos para serem enviados me mantêm a tarde toda fora da vista do meu chefe, e cada vez que atendo uma ligação sua, ele parece mais nervoso. Consigo terminar um esboço do projeto do quarto que estava fazendo quando o vejo sair de repente. Confirmo em sua agenda e ele atualizou na última hora uma reunião particular. Provavelmente foi se encontrar com a bruxa da namorada. Não entendo como ele pode estar com ela, não podiam ser mais diferentes. Volto então à minha mesa para continuar meu trabalho em segurança.

Estou enfiada no laptop mandando imprimir meus esboços quando olho para cima e ele está ali, olhando para mim como se fosse me matar.

— Você me enganou — constato em pânico e ele apoia as duas mãos cerradas em punhos sobre minha mesa com força desnecessária.

— Que merda você achou que estava fazendo?

Me faço de desentendida e ele fica ainda mais vermelho.

— Não se faça de tonta, porque você é perfeitamente inteligente, Ayla! Como você foi falar para a Melissa que está apaixonada por mim? Você é maluca?

Dou de ombros como se não fosse nada demais.

— O que tinha na cabeça? Ela surtou, vai ficar falando disso por meses! Por sua culpa ela não vai sair dessa empresa e nem da minha vida tão cedo!

— Não entendo, senhor. Ela não ia mesmo sumir da empresa como o senhor prometeu, estava aqui esta manhã mesmo me humilhando feliz e sorridente.

Ele respira fundo e parece prestes a me matar. Juro que faz um gesto com as mãos como se estivesse torcendo o meu pescoço.

— Você disse para ela que foi à minha casa, que eu ofereci um emprego para você só para mantê-la perto de mim?

— Não exatamente, ela entendeu que o motivo do senhor ter me arrumado o emprego foi esse. Mas eu disse apenas que me declarei ao senhor e o senhor imediatamente me ofereceu este cargo e que passamos muitas e muitas horas pertinho um do outro.

Ele vem em minha direção e me levanto imediatamente, dando a volta na mesa.

— Não entendo porque o senhor está tão nervoso, eu disse alguma mentira? — pergunto alto quando ele para a centímetros de mim, prestes a me enforcar, provavelmente.

— Você! — Aponta o dedo para meu rosto completamente irritado. — Não vai mais falar sobre isso com a Melissa, ou sobre mim com a Melissa, ou sobre qualquer coisa com ela! Se ela aparecer aqui, e agora tenho certeza que vai se mudar para cá, vigie cada palavra do que vai dizer. Se preza tanto sua sinceridade eu darei motivos para que diga a ela que sou o pior chefe do mundo.

Dou de ombros de novo e estendo as mãos diante dele, como se estivesse confusa.

— Mas senhor, o que posso fazer? Eu realmente não quero falar com sua

agradável namorada, mas ela fica me perseguindo. O que vou fazer se ela vier e me perguntar alguma coisa sobre o senhor? Se quer que eu não responda então a proíba de falar comigo.

De repente ele ri. Ri alto, senta-se em uma cadeira, apoia uma perna sobre a outra e ri. Me avalia com olhar divertido, toda aquela fúria sumindo aos poucos e estou totalmente perdida.

— Entendi tudo. Ela te deixa louca e você fez isso para que eu a mantenha longe de você. Você planejou tudo isso, sua bruxinha. Mas não vai funcionar.

Ele se levanta e toca meu cabelo, envolvendo uma mecha em sua mão enquanto avisa tranquilo e sorridente:

— Já terei o dobro de dor de cabeça com ela por culpa sua. A aturo o suficiente e ainda mais, por culpa sua. Então as dores de cabeça que ela vai causar a você, serão problema seu! Pode falar o que você quiser para ela, eu vou desmentir tudo.

— Como assim? O senhor ainda vai permitir que eu fale com ela?

— Claro, querida! Fale com ela, conte o que quiser contar, diga a ela o quanto você me ama mais a cada dia, não me importo. Deixe que ela exploda com você, vou orientá-la a resolver as coisas com você, vou fazê-la enxergar que você está descontrolada com esse seu amor platônico. Então você a irrita, e ela desconta em você imediatamente.

Estou em choque. Como ele percebeu meu plano e como algo tão certo foi dar errado? Abaixo a cabeça e meus olhos enchem de água, confirmo que toda sua atenção está em mim, aquele sorrisinho irritante em seu rosto, e tento deixar minha voz baixa e carregada de dor:

— Claro, deixa que eu me viro com ela, deixa que ela desconte em mim. Já não dói o suficiente amar e não ser correspondida, deixa a namorada do homem que amo vir esfregar na minha cara todo dia que ele nunca vai olhar para mim. Faça isso, eu mereço.

Arrisco olhar em seu rosto e ele está atônito. Seu sorriso sumiu, sua expressão carregada de culpa. Ele tenta se aproximar, mas não permito. Ainda assim ele vem até mim, segura meus ombros e me garante com a voz mais doce do mundo:

— Eu sinto muito, Ayla. Ela não vai mais chegar perto de você, eu prometo.

Ele tira suas mãos dos meus ombros e volta para sua sala e meu coração parece de repente pequeno demais. Algo aperta meu peito e preciso inspirar e expirar algumas vezes para que essa sensação diminua.

As palavras de Carlo para Tim semanas atrás me vem à mente e uma

pontinha de culpa me apossa.

— E parabéns seu Carlo, exímio rogador de praga. Parece que ao fim me tornei mesmo o que senhor disse, um pequeno diabo.

Capítulo 12

Não vi mais Eros até sair da empresa. Ele me ligou para dizer que eu podia ir embora assim que nos falamos a última vez. Dei uma volta pelo centro da cidade observando lojas, pessoas, paisagens, tentando fazer com que esse sentimento de culpa sumisse de dentro de mim. Acabei na porta da confeitaria e esperei que Sabrina saísse para irmos embora juntas.

Seu Carlo, aquele rogado de praga, fez questão de fechar a porta ao me ver aproximar, não sem antes perguntar com sua expressão vencedora:

— Você tem dinheiro para consumir, chantagista?

Adoraria responder que sim e jogar a notinha de cinco na cara dele, mas eu não tinha nem isso. E ao negar com um gesto derrotado de cabeça, ele bateu a porta de vidro na minha cara.

Conto a Sabrina no ônibus tudo o que aconteceu e minha expectadora de vida diz que agi de maneira correta com Melissa. Que no mínimo ela vai pensar duas vezes antes de tentar me humilhar em público e que há um limite entre a culpa que carrego pela mentira que sustento sobre o namorado dela, e o quão longe ela pode ir por isso. Mas, sobre a mentira que eu disse a Eros no final, ela não diz nada.

— Então eu contei uma mentirinha de nada para salvar a pele do meu irmão em um dia, e usei essa mentira como chantagem em outro. O que estou me tornando?

— Não existe mentira inocente, Ayla. Uma mentira sempre leva a outra.

— Você não ralhou comigo quando te contei o que havia feito. Estava empolgada demais dizendo que eu ia me apaixonar pelo chefe! — acuso.

— Tecnicamente, se você se apaixonasse pelo chefe, o que disse deixaria de ser mentira, você deixaria de ser mentirosa e tudo ficaria bem. Os fins justificariam os meios — defende-se. — O que você vai fazer? Não pode contar a ele que mentiu.

— É muito cedo para eu dizer que estou superando esse amor?

Ela me lança um olhar irritado.

— Ah, Eros, você é minha fraqueza. Nunca vou te impedir de me beijar — diz imitando minha voz. — Tem quantos dias que você disse isso mesmo? Ah, foi ontem, certo? Então você sabe que é impossível esquecer alguém em vinte e quatro horas.

— Querida, eu não acredito no impossível — brinco, mas ela está certa.

Chego em casa sentindo-me a pior das criaturas quando ouço os risos das minhas pequenas e sorrio instantaneamente. Elas pulam sobre mim com seus gritinhos agudos, caio no chão fingindo ter sido derrubada por elas que se amontoam em minha barriga e pernas, limpando minha mente de mentiras e qualquer culpa.

A campainha toca e minha avó abre a porta, não me preocupo em ver quem é porque ou é um amigo do Uli, ou a Sabrina. Não somos exatamente populares no bairro. Seguro o rosto de Maya, sentada sobre minha barriga e tento mordê-lo, ela grita ainda mais alto e agarra meus cabelos para se afastar. A derrubo no chão e de repente minha pequena estaca. Seus olhos verdes estão arregalados e um sorriso brota em seu rosto.

— Olá, você é bonito — ela diz para alguém e quando a pessoa responde, sinto o chão se abrir debaixo de mim e minha alma despencar mil metros abaixo.

— Muito obrigado, pequena princesa. E você é muito linda! Vocês duas são!

Levanto um pouco a cabeça para confirmar se não é uma fantasia da culpa que carrego na alma, mas não é. Eros está aqui, parado na minha sala, avaliando-me com um sorriso irritante no rosto.

— Perdão, vocês três são — corrige quando seu olhar divertido encontra o meu envergonhado.

Quase jogo Liah de cima de mim no chão, e levanto-me arrumando a blusa que subiu e o cabelo que Maya usou como escudo.

— O que o senhor está fazendo aqui?

— Ayla! Isso são modos! — ralha minha avó. — O senhor é muito bem-

vindo aqui, senhor Eros. Entre, sente-se, o senhor toma café?

— Claro, adoraria! — ele responde como se fosse natural para ele sentar-se em meu sofá, como faz. Estica as pernas na mesinha de centro e ri alto quando minha avó dá um tapa nelas mandando que ele se comporte.

As gêmeas sentam-se uma de cada lado dele, perguntam seu nome, idade, onde trabalha, com quem mora, o que gosta de fazer, seu filme preferido e pacientemente ele responde a tudo com um sorriso no rosto e brincando com elas. Quando perguntam se ele tem namorada, seu olhar se demora em mim e me sinto incendiar de tanta vergonha.

— Eu não tenho uma namorada no coração ainda — mente para minhas pequenas e a atrevida da Liah rapidamente responde:

— A Ayla está solteira. A vovó disse que ela está passando da hora de se casar e que vai morar nesta casa para sempre porque homem nenhum aguenta o gênio dela.

Ele ri alto e levanto as meninas do sofá pelos braços.

— E quem é que te perguntou, sua faladeira? Vão tomar banho as duas, estão parecendo duas porquinhas. Nunca vi princesas leitoas.

Deus me livre se elas começarem a falar sobre tudo o que conversei com a Sabrina em nosso quarto.

As duas sobem as escadas rindo e vovó aparece com sua melhor vasilha de plástico lotada de biscoitos, avisando que o café está quase pronto.

Quero morrer um pouquinho, mas deixo para depois. Espero que ela saia e cruze os braços demonstrando minha irritação por ele estar na minha casa sem ter sido convidado.

— O que você quer?

Ele abre sua maleta e tira de lá uns papéis, os estende em minha direção.

— Foi você quem fez isso?

São minhas impressões sobre o projeto do closet que mandei imprimir na impressora da sua sala e acabei me esquecendo depois da nossa última e tensa conversa.

— Sim, foi você que mandou. Além do mais, se queria perguntar isso podia ter me enviado uma foto e perguntado, não precisava vir até aqui.

— Você? Onde está a minha Ayla? — provoca reclamando da maneira como o estou tratando.

— Ela morre cada vez que deixa o trabalho e só volta das cinzas às nove da manhã do dia seguinte. O que você quer aqui, Eros?

Ele mantém aquele sorrisinho irritante, tira os papéis da minha mão e os avalia enquanto diz:

— Você não quer um tratamento especial da minha parte e está certa quanto a isso. Mas eu estava tratando você de maneira especial. Estava olhando você de maneira especial. E não vou mais fazer isso.

Assinto, começando a temer o que virá em seguida.

— Portanto, posso ser eu mesmo com você, finalmente! E tratá-la como sempre tratei todas as minhas assistentes. E eu costumava me apossar de vinte e quatro hora dos dias delas. Por que você seria diferente, não é mesmo?

Aproximo-me dele e sento-me ao seu lado. Olho em seus olhos e respondo:

— Não se esqueça que há um motivo para nenhuma delas ter suportado trabalhar com você, querido. Não abuse.

— Você não vai se demitir. Se fizesse isso, não me veria mais — provoca falando baixinho, seus olhos fixos nos meus.

— Meu Deus! Eu morreria se isso acontecesse! — respondo com todo deboche e seu sorriso aumenta, seus olhos descendo em direção a minha boca, mas não se demoram ali.

— Vamos mantê-la viva e empregada então, pequena. Quem fez isso para você? — pergunta indicando os papéis em suas mãos.

— Eu.

— Com a ajuda de quem?

Aponto o dedo para minha cabeça.

— Do meu cérebro brilhante.

— Podemos falar sério por um minuto? Eu pedi a você que me desse ideias, mas você montou todo um projeto em pouquíssimo tempo! Como você fez isso? Pediu ajuda a alguém na empresa?

Nego confusa e ele parece impaciente.

— Ayla! Eu li o seu currículo umas dez vezes, como você pode ter montado um projeto se nunca trabalhou nessa área! Se não tem qualquer conhecimento!

Finalmente entendo o motivo de sua confusão.

— Bem, eu poderia te dizer que vi o seu trabalho, entendi como tudo funciona e aprendi no ar, e você me acharia incrivelmente inteligente. — Acabo rindo de sua expressão embasbacada. — A verdade é que cursei arquitetura e urbanismo na Federal. Só que não concluí, saí no penúltimo período, então não coloco isso nos meus currículos.

Ele fica um bom tempo olhando para mim admirado. Um sorriso de pura

satisfação surge em seu rosto, torna a olhar os papéis em sua mão, e o meu rosto. Vovó aparece com o café e ele deixa os papéis de lado para dar atenção a ela, sua xícara e seus biscoitos. Come uns três em menos de um minuto e me irrita sua comodidade na minha casa.

— Para quem não come besteiras para manter o corpo e a saúde, você está comendo muito açúcar hoje — comento.

— Nunca disse isso a você — é tudo o que diz e volta a dar atenção a minha avó.

Ulisses chega e vovó os apresenta e meu irmão falta beijar a mão de Eros agradecendo o trabalho. Eros tem o cuidado de perguntar como foi tratado lá, como foi seu primeiro dia, e internamente agradeço por isso porque eu morreria de curiosidade, mas não perguntaria para manter meu castigo a meu irmão. É aí que mais uma vez em um segundo quero dar um abraço nele, e no outro quero socá-lo.

— A filha do dono de onde está trabalhando se chama Melissa — Eros diz ao meu irmão. — É uma patricinha metida e muito desagradável. Dificilmente ela vai aparecer por lá, mas esteja atento e caso ela apareça, não se aproxime dela. Sua irmã aqui arrumou briga com ela na empresa então presumo que ela não será agradável com você. Como ela tem total influência lá, é melhor evitá-la.

Ulisses concorda e sequer tenho tempo de me defender, porque vovó se levanta aos berros.

— Mas já, Ayla? Você prometeu que se controlaria, minha filha! Como já arrumou briga?

Lanço a Eros um olhar assassino enquanto vovó ralha comigo e reclama com ele sobre meu gênio ruim e o filho de uma mãe fica rindo da minha cara.

— Vovó, pare de falar na cabeça do pobre homem. Tenho certeza que o senhor Eros tem mais o que fazer, certo chefe? Ele precisa ir embora — tento dispensá-lo, mas isso só o faz rir ainda mais.

— Na verdade, eu preciso que você corrija uma coisa neste projeto para que eu possa enviá-lo ao prefeito, Ayla.

— Como assim? Você vai enviar o meu projeto ao prefeito?

— Sim, ele está ótimo. Só precisa de umas pequenas correções. Fiz algumas anotações e vou orientá-la nisso.

— Você vai apresentar a ele o meu projeto? — pergunto de novo, dessa vez gritando.

— Eu disse que sim.

Quero repetir a pergunta, mas estou ocupada agarrando a vovó que pula comigo em comemoração. Quando por fim nos acalmamos, Eros está rindo. Já comeu todo o biscoito reservado a visitas da vovó, e nos observa atentamente.

Sento-me ao seu lado contendo meu impulso de pular em seus braços e é como se ele lesse minha mente, pois aproxima-se do meu rosto e diz bem baixinho:

— Sem abraços hoje?

— O que preciso corrigir, senhor Eros?

— Então voltamos ao senhor? Como você é interesseira! Bem... — Ele aponta as minhas falhas e me orienta em como corrigi-las e meu enorme sorriso some quando completa suas orientações. — Vou esperar aqui enquanto você corrige.

— Como assim? Você quer que eu faça isso agora?

— Claro! Eu não vim até aqui apenas para parabenizá-la. Preciso disso pronto hoje.

Cruzo os braços irritada, eu deveria saber que o universo já ia agir de novo.

— Não vou fazer isso hoje, meu horário de trabalho já acabou. Por que você não corrige? Eu já fiz noventa por cento do trabalho mesmo!

Minha avó fica horrorizada e Eros apenas sorri.

— Porque você vai assinar esse projeto, sua atrevida! Portanto, não posso corrigi-lo para você.

— Eu vou assinar? — estou gritando de novo.

Eu tinha certeza que ele o apresentaria como algo dele ou de algum de seus estagiários, mas jamais como um projeto de sua simples assistente.

— Sim, vou dizer que o projeto é seu, sob minha orientação. Está muito bem feito, eles vão gostar.

Pego os papéis como a assistente boneca que ele tanto preza e me dirijo à mesa da cozinha preparando tudo para fazer as correções que ele deseja.

— O senhor gostaria de jantar aqui, querido? É uma comida simples, mas garanto que saborosa — ouço vovó oferecer e nem me preocupo, acreditando que ele vai negar, mas quase caio da cadeira com sua resposta.

— Claro! Eu adoraria

Ignoro o sinal de que isso não vai dar certo, que essa sua visita aqui não vai acabar bem e me concentro no meu projeto. Meu projeto. Passo três horas para conseguir corrigir as coisas que ele marcou enquanto o folgado do meu chefe já encheu sua barriga e está jogando com meu irmão na sala. Sua maleta está sobre

a mesa, pois de vez em quando ele vem me orientar em algo. Inclusive, teve a audácia de pegar um prato de comida e tentar colocar na minha boca já que eu não queria deixar o projeto por nada. Vovó faltou beijar o pé dele por sua atenção, e eu quase morri de tanta vergonha quando ela ficou repetindo que homem nenhum nunca colocou comida na minha boca antes. Resultado: parei o projeto por dez minutos e engoli a comida sem mastigar apenas para afastá-lo de mim antes que minha avó começasse a bordar meu enxoval.

O telefone de Eros toca sem parar e o chamo pela terceira vez, mas ele sequer responde. Irritada com o barulho me desconcentrando, pego o aparelho de sua bolsa e vejo que é Melissa. Faço uma careta e levo o telefone até ele.

— Está tocando, você não me ouviu te chamar?

— Como não, se você estava berrando feito uma maluca — responde sem desviar os olhos da televisão, os dedos se movendo agilmente sobre a manete em sua mão.

— Você não vai atender? — insisto irritada.

— Ayla, qual é mesmo sua função? Ah sim, você é minha assistente. Não estou para ninguém, atenda e dispense quem for.

— Como quiser, senhor — respondo afastando-me e noto que ele pausa o jogo, sob os protestos de Ulisses e me segue até a cozinha, desconfiado da minha gentileza repentina, mas já é tarde demais. Já atendi sua agradável namorada bruxa.

— É a Ayla, Melissa, querida.

— Você está na casa dele de novo? — grita.

— Não, na verdade ele está na minha casa, mas me pediu para dizer que não pode te atender porque está jogando com meu irmão.

— Ele está o quê?

Eros tenta tomar o telefone da minha mão, mas não deixa.

— Jogando. Com meu irmão. Exatamente o que você ouviu. Ele veio aqui conhecer a minha família, jantamos juntos e agora ele está passando um tempo divertido com meu irmão. Ele até colocou comida na minha boca, tão gentil nosso Eros!

O aparelho some da minha mão antes que eu possa ouvir o chilique dela e Eros me lança um olhar assassino ao desligá-lo.

— Foi você quem me mandou atender — defendo-me.

Ele olha em volta e certifica-se que estamos sozinhos na pequena cozinha, então dá um passo em minha direção, parando a poucos centímetros de mim.

— Eu não sei se mato você ou beijo essa sua boca pra você deixar de ser tão atrevida!

De repente meu ar some, meu coração dispara e entro em pânico.

— Você está na minha casa, ficou maluco?

Confirmo que realmente ninguém está nos ouvindo e ele está rindo.

— Você fica fofa com ciúmes — diz avaliando os papéis sobre a mesa e quero voar em seu pescoço e estrangulá-lo, mas ele não cala a boca e sou obrigada a ouvir a conclusão de sua acusação ridícula. — Mas me arrumou um enorme problema agora.

Dou de ombros e cruzo os braços.

— Nem tanto assim, já que disse para minhas irmãs que ela está longe do seu coração.

— E você ficou bem feliz com isso, certo?

— Bem, você teria que ser louco para amar aquela mulherzinha intragável. Ao menos sei que há um pouco de humanidade na sua alma, se você não a ama.

— Vamos fingir que o motivo é esse — diz piscando para mim. — Você já acabou, certo? Vou levar isso agora e deixar você dormir.

— Antes da meia-noite? Quanta gentileza!

— Não me faça mudar de ideia, querida.

Ele passa por mim com sua maleta na mão e despede-se de vovó, beijando sua mão. Já até posso imaginar o altar que ela vai montar para o santo Eros quando ele sair porta afora. Ulisses e as gêmeas o convidam a vir quando quiser, e o levo até o portão de fora, alertando que deve desconsiderar o convite dos meus irmãos, mas ele apenas sorri.

— Boa noite — digo despedindo-me, mas ele me impede de fechar o portão com o pé.

— Você não vai mesmo me dar um abraço? Vou deixar você assinar seu projeto, eu mereço um abraço.

Avalio sua expressão divertida e o brilho em seus olhos negros, mas o que pode haver de mal em um simples abraço? Aproximo-me e passo os braços por sua cintura e ele me prende em seu peito. Seus braços fortes me apertando ali, sua barba roçando meu pescoço e seu cheiro me deixando tonta. Minhas pernas viram gelatina e ele parece tão firme e tão quente!

É ele quem interrompe o abraço e quando sua mão toca meu cabelo para acariciá-lo, a empurro irritada.

— Não faça isso!

— Isso o quê? — pergunta confuso.

— O que você fez! Eu nunca mais vou abraçá-lo, você não faça mais isso!

Ele parece confuso e divertido, e fecho portão com força. Corro para dentro de casa, para o banheiro e para debaixo do chuveiro.

— Por que você tinha que ser tão lindo? Por que tão forte? Por que, meu Deus? — resmungo choramingando.

Saio do banheiro ainda sentindo o maldito perfume dele grudado em meus braços, e minha mente dando voltas pela sensação de sua barba em meu pescoço, quando meu celular apita uma mensagem. Penso ser Sabrina e começo a decidir se conto a ela ou não o que aconteceu no portão, mas é Tim.

Estaco onde estou e juro que minha mão treme antes de abrir a mensagem.

Boa noite, princesa. Só queria lembrá-la de levar meu bolo. Nem vou dormir esperando por ele. Tenha lindos sonhos.

— O bolo! Ele me chamou de princesa!

Ao invés de ir dormir, desço imediatamente para a cozinha e vou fazer o bolo que prometi a ele.

Capítulo 13

— Quando ele disse que ia parar com o tratamento especial, não estava brincando! Ele está me deixando doida! Me chama em sua sala a cada dez minutos, me passou mais dois dos projetos que considera pequenos para fazer e parece que de uma hora para outra se tornou incapaz de pegar seu próprio copo de água! Ele me pede água cinco vezes por dia! Quem bebe tanta água? Juro que ontem cheguei a suspender a jarra para virá-la em sua cabeça, mas me contive por muito pouco!

— Ayla, pare de falar, minha cabeça já está doendo — reclama Sabrina, de cabeça para baixo em minha cama.

— Hoje é sábado! Por que tenho que ir trabalhar em um sábado? A empresa nem abre hoje! E Sabrina, ele me liga de hora em hora! Me ligou ontem às onze da noite! Você me ouviu? Eu disse onze!

Ela se senta na cama e me avalia com um sorriso.

— Você está achando tão engraçado todo o meu sofrimento! — reclamo sentida por sua falta de sensibilidade.

— Ayla, minha protagonista preferida, você está trabalhando muito, como sempre trabalhou, porém agora recebe muito mais do que pensou receber um dia. Você está fazendo pequenos projetos para pessoas importantes e com o aval de um dos principais arquitetos do estado. E você está sendo obrigada a ver o tempo inteiro aquela delícia do seu chefe. Então, com toda sinceridade, eu queria muito ter a sua vida, você quer trocar?

— Sabrina, eu odeio quando passo trinta minutos construindo todo o meu drama, o lanço sobre você e você acaba com ele em um único discurso.

Termino de me vestir e Sabrina levanta-se da minha cama, avaliando meu visual com desconfiança.

— Você vai à casa do Eros, você disse.

Assinto e ela dá a volta por mim, avaliando minha roupa.

— Seu chefe insuportável que você odeia.

— Onde isso vai parar?

— Por que essa saia tão curta se você não pretende chamar a atenção dele?

Sorrio.

— Hoje é sábado, a empresa não abre. E se por acaso o Tim resolveu almoçar com o irmão e está lá até agora? Assim, só estou me precavendo.

Ela fica em choque, e chega a me aplaudir.

— Ah, meu Deus, ela quer seduzir o passado, mas quem vai babar nas suas pernas de fora é o presente, querida! Deus abençoe que ele seja o futuro!

Pego as pastas e o laptop sobre minha cama, penduro minha bolsa e empurro Sabrina ao passar por ela para deixar de ser tão idiota.

Toco a campainha do enorme portão de Eros, e o mesmo segurança a quem menti da última vez me deixa passar. Tento fingir que o vermelho em meu rosto é o calor e não a vergonha porque vim buscar um celular e acabei dormindo no quarto do chefe. Só posso imaginar o que deve estar pensando de mim. Vou em direção a porta de entrada, mas ele me orienta a ir para os fundos.

Isso acende minha esperança de que Tim está aqui, e os irmãos estão passando um tempo agradável nesta tarde quente no jardim dos fundos. Abro meu melhor sorriso, ajeito o cabelo e procuro por todo lugar no enorme quintal, mas não há ninguém. Nenhum dos dois está aqui. Chamo por Eros e caminho pelo lugar dos meus sonhos, deixando minha mente vagar por toda sua beleza. Então de repente a cabeça de Eros surge de dentro da piscina, me dando um enorme susto!

O imbecil ri de mim por cerca de dez minutos, enquanto me sento emburrada em uma cadeira balanço e o observo com meu olhar assassino, na esperança que escorregue ali dentro e se afogue, pelo menos um pouquinho.

— Você trouxe o que te pedi? — pergunta de dentro da piscina.

— Claro, querido chefe! Enquanto você nada e assusta suas pobres funcionárias, a ralé aqui faz seu trabalho sujo.

— Então a minha Ayla também está morta aos finais de semana. Entendi — comenta sobre minha maneira informal de tratá-lo. — Você preferia que eu

tivesse ido à sua casa para buscá-los?

— Você não é bem-vindo na minha casa. E não, eu preferia que você os tivesse pego ontem, já que estão prontos desde então.

— Para uma mulher apaixonada você parece não gostar de passar mais tempo comigo. Eu escuto o quanto você resmunga cada vez que a chamo.

Sua voz é séria, e começo a ficar nervosa temendo que esteja desconfiado, mas consigo identificar em seus olhos a provocação. Aquele brilho divertido está neles, e me irrita imediatamente.

— Estou seriamente questionando minha sanidade quanto a esses sentimentos absurdos que tenho por você. E me chamar a cada dez minutos para me dar ordens não satisfaz o meu amor não correspondido, só me mostra que você é um babaca!

Ele volta a nadar e me deixa ali. Penso que vai sair da piscina e conferir os papéis, mas ele continua nadando. Avisto apenas sua cabeça de vez em quando, já que ele some na maior parte do tempo. Me pergunto o quão funda será essa piscina e me aproximo de sua borda procurando ver seu fundo.

Finalmente ele vai em direção a escada para sair da piscina, e dou mais uma olhada ao redor à procura de Tim, mas nem sinal dele. Vou em direção a Eros para entregar-lhe os papéis, quando olho para ele e não sei mais quem sou. Ele está saindo da piscina praticamente nu. Seu cabelo molhado cai sobre seu rosto. A água escorre por seu peito forte e sua barriga marcada por vários quadradinhos, morrendo em sua sunga molhada. E ela é branca.

De repente meu ar some, minhas pernas formigam e tomo ciência que o estou olhando de boca aberta, como uma idiota, mas ele é tão bonito que não consigo desviar meus olhos. Mas sei que preciso sair daqui, de perto dele, dessa água escorrendo por seu corpo, dessa sunga branca, viro-me para voltar à cadeira de balanço segura e confortável, mas piso em falso, ou giro para o lado errado. Não entendo o que acontece, apenas que num segundo meu corpo parece pesar para um lado e no segundo seguinte caio com tudo na água, indo até o seu fundo.

Eu não sei nadar. E no momento, também não sei andar. Tento ficar de pé ao atingir o fundo, mas não consigo, escorrego no azulejo e me repreendo por ter desejado mal ao meu chefe. Penso que vou morrer afogada quando algo me toca e meu corpo flutua pela água para cima. Meu chefe molhado e quase nu me tira da água em seus braços fortes, e me deposita sobre a grama ao lado da piscina. Seu rosto paira sobre o meu enquanto tira o cabelo colado em meu rosto.

— Você está bem? — pergunta preocupado.

Fico um tempo vendo a água escorrer por sua barba, concluindo seu trajeto

em mim e demoro um pouco a me lembrar de onde estou.

— Sunga branca.

— O quê? — ele pergunta confuso.

— Você está nu! — grito e me sento, sentindo o frio da roupa molhada.

— Não estou nu, estou de sunga. É o que os homens usam para nadar, Ayla.

— Branca? Quem usa sunga branca?

— Qual o problema com esta cor? — pergunta com um sorriso enorme no rosto, sentando-se de frente para mim apenas para me provocar, mas não olho em direção à sua sunga branca.

— Você não sabe que molhada fica transparente?

— E isso a distraiu então você caiu na água. Entendi tudo agora.

Levanto-me irritada e nego sua ajuda, preciso me manter de costas para ele, mas encontro outra distração rapidamente. Os papéis se desfazendo na minha mão.

— Ah, o projeto! — lamento baixinho, é aí que noto o que não está na minha mão. — O laptop!

Corro em direção a piscina, mas Eros me impede, e pula ele mesmo na água, voltando pouco depois com o laptop nas mãos e todo aquele processo doloroso da água despedindo-se de cada centímetro do seu corpo.

— Você caiu na água com o laptop? — pergunta irritado.

— Eu caí, foi um acidente. Mas você viu tudo e ao invés de pegá-lo imediatamente ao pular na água, resolveu me tirar de lá primeiro!

— Ah, você preferia que eu a tivesse deixado morrer afogada, sua tola?

— Eu não sei! Só sei que eu não vou pagar por isso! — Aponto o laptop em pânico começando a calcular seu preço.

De repente ele começa a rir. Deixa o laptop sobre uma mesa, passa a toalha pela cintura e ri. Não entendo de maneira alguma onde está a graça na situação, na verdade, quanto mais entendo tudo o que aconteceu, mais quero chorar.

— Você não vai chorar, não é? Porque não vou te fazer pagar por isso, embora você bem merecesse!

— O projeto, seu babaca! Estou em luto pelo projeto!

— Você tem um backup.

— Se tivesse não estaria chorando agora.

Ele começa a gritar e a tentar ligar o laptop enquanto estou parada, com frio, encharcada e chorando a morte de todo o meu trabalho. Sequer presto

atenção aos seus xingamentos, mas quando seu olhar zangado pousa em mim, me obrigo a ouvi-lo.

Só que ele não diz nada. Observa minha roupa molhada, coça a cabeça pensativo e um pequeno sorriso surge em seus lábios, mas ele o esconde imediatamente e aproxima-se de mim.

— Vamos ao meu quarto, você escolhe algo seco para vestir e então vamos fazê-lo outra vez — diz estendendo a mão diante de mim.

— Fazer o que outra vez?

— O projeto, Ayla! Na certa não vamos repetir o incidente lamentável onde você caiu na água com o laptop nas mãos.

— A culpa foi sua por sair da água pelado!

— Eu não estava pelado! — Ele respira fundo e sorri, volta a estender a mão em minha direção. — Venha comigo, você vai acabar pegando um resfriado se continuar molhada desse jeito. Vamos secar você e então decidimos o que fazer, tudo bem?

Toco sua mão e o sigo até seu quarto. Ele me guia até seu closet, e as lembranças da última vez em que estive em seu quarto me tomam, o medo que eu sentia, o cansaço, o cheiro em seu travesseiro. Então minha mentirinha inocente e sua reação tão fofa! O beijo.

Olho para o ponto exato onde ele me beijou e de volta ao seu travesseiro e quando volto o olhar para seu rosto, seus olhos estão fixos em mim. Há alguma emoção neles que não sei decifrar, e desvio meu olhar antes de fazê-lo. Esta seria uma boa hora de um buraco aparecer no chão, para eu me enfiar nele. Finjo que nada aconteceu e entro em seu closet, passando pelas várias camisas passadas impecavelmente. Uma toalha é colocada sobre meus ombros e ele mantém as mãos ali enquanto me pergunta:

— Você quer tomar um banho quente?

— Não, obrigada. Está calor, só preciso mesmo tirar essa roupa molhada.

— Eu vou tomar um banho, então. Você pode pegar o que quiser aqui, apenas fique confortável, tudo bem?

Assinto e ele se afasta, mas retorna pouco depois, meio sem jeito pergunta com a voz baixa:

— Você está bem?

Com certeza está se referindo a todas as lembranças que sabe que tive ao entrar em seu quarto de novo, e não posso dizer a ele que me sinto cansada. Que voltar aqui me fez sentir o peso que carrego desde então, essa mentirinha tão

boba, da qual não posso me livrar.

— Vou ficar melhor se você se afastar — respondo, porque olhar seu rosto preocupado, essa voz baixa e seus olhos negros está me tornando fraca.

Ele assente e se afasta, fechando a porta do banheiro. Pego a primeira camisa que encontro e me certifico de que não há qualquer brecha na porta do banheiro que lhe permita me ver, então tiro rapidamente toda minha roupa. Visto a camisa e procuro por um short. Encontro suas cuecas e confirmo que a maioria delas é mesmo branca.

— Sem vergonha — sussurro indignada afastando as lembranças daquela sunga que começam e me tomar.

Continuo procurando até encontrar seus shorts e escolho o mais comprido deles. Mas fica largo em mim, descendo por minha bunda conforme ando. Presto atenção ao barulho do chuveiro ainda ligado e volto ao seu closet.

— Deus me livre esse short descer e minha bunda ficar exposta para esse babaca.

Procuo um que tenha cordas e o visto, amarrando-o à minha cintura. Certifico-me de que não vai cair enquanto ando e junto minha roupa molhada para perguntar a ele onde fica a secadora. Olho-me no enorme espelho ali dentro e me pareço a um saco de batatas. Procuo seus cintos, encontro um e o coloco por cima da blusa, mas então ele destaca o nó que dei nas cordas do short e fica muito estranho. Então devolvo o cinto ao seu lugar e dou um nó na ponta da blusa, resolvendo todos os meus problemas.

Continuo a olhar cada gaveta do seu closet, curiosa. Até que em uma, avisto álbuns de fotografia. Pego dois grandes, com aparência de velhos e sento-me no chão para vê-los. São fotos dele e Tim crianças. Babo diante da fofura dessas imagens. Vejo um homem bonito que só pode ser o pai deles. E uma mulher linda, realmente deslumbrante. O longo cabelo louro parece brilhar e seus olhos são negros como os de Eros, porém parecem ter uma luz diferente neles.

— O que está fazendo? — a voz de Eros me assusta e sou pega no pulo com a foto da mulher na mão.

— Ela é tão linda! — comento admirada mostrando a foto a ele.

Um sorriso terno surge em seu rosto, e posso sentir a saudade em seus olhos.

— É minha mãe, Atena.

Ele se senta de frente para mim, toca as fotos que espalhei com um sorriso melancólico no rosto.

— Atena é a deusa da...

— Guerra — ele completa. — E também da sabedoria. Mamãe adorava tudo sobre mitologia. Por isso me deu este nome, Eros, o deus do amor.

Lanço-lhe um olhar surpreso e um sorriso me escapa.

— Eros é o deus do amor?

Ele confirma, seus olhos pousados nos meus.

— Bem, isso explica muita coisa — deixo escapar e ele segura minha mão, aproximando-se mais.

— Mamãe acreditava que eu nasci destinado ao amor. Ela dizia que viu amor em mim quando me olhou a primeira vez, por isso este nome.

Ele pega outra fotografia, onde ele aparenta ter poucos meses e está nos braços da mãe, e deposita em minha mão. As semelhanças entres eles são notáveis.

— Vocês se parecem tanto! Até mesmo o olhar. Embora o seu seja mais como dois lagos negros e o dela se assemelhe à luz da lua. Como isso é possível?

Ele parece surpreso e momentaneamente sem palavras. Mas desvia os olhos dos meus e diz com pesar:

— Mamãe vivia constantemente apaixonada.

— Isso é ruim?

— No caso dela, foi seu fim. Mas não vamos falar sobre isso. Temos um projeto inteiro para montar, graças a você — brinca disfarçando a tristeza, mudando propositalmente de assunto e entendo que as lembranças são dolorosas demais para que ele as compartilhe.

— A culpa foi sua — decreto juntando as fotos e as colocando de volta no álbum, não me lembro mais da ordem e ele me lança um olhar de reprimenda quando as amontoa com todo cuidado. — Você arruma depois, certo?

Ele confirma, mas parece ainda meio perdido. Afasto o álbum de fotos e seguro sua mão. Seus olhos negros estão tristes ao pousar nos meus, então me lanço sobre ele e o abraço. Eu jamais poderia abraçá-lo cobrindo-o completamente, como ele fez comigo, pois é muito maior e mais forte do que eu, então me contento em passar meus braços por sua cintura e deitar a cabeça em seu peito, e espero que ele entenda que estou tentando confortá-lo.

Seus braços me rodeiam e sua mão brinca em meu cabelo, mas logo ele descansa seu rosto sobre minha cabeça, e seus dedos tocam de leve minhas costas. Ele não diz nada, mas não tenta se afastar, nem pede que eu me afaste, então permanecerei aqui pelo tempo que ele precisar que eu fique.

Ficamos por vários minutos assim, sei que ele não dormiu porque seus dedos passeiam por minhas costas e seus braços ainda me apertam. Fico quietinha, ouvindo as batidas do seu coração, sentindo seu cheiro pós banho e sua pele quente. Eu poderia dormir assim, sentada no chão de um closet, nos braços do meu chefe. E mesmo compreendendo o quão ridículo e arriscado é isso, continuo aqui, quietinha, torcendo para que ele também fique mais alguns minutos, porque me sinto calma.

Nos separamos um bom tempo depois, quando a noite começa a cair e seu quarto vai ficando escuro. Quando seus braços afrouxam o aperto, me afasto. Toco seu rosto, quase não enxergando nada.

— Você está bem? — Ele assente, e não responde em voz alta, de forma que não posso avaliar a verdade em sua voz. — Sinto muito ter mexido nas suas coisas. Vovó sempre diz que sou enxerida.

— Está tudo bem — responde e sua voz não parece mais triste, mas também não parece alegre.

— Se eu não tivesse mexido, não obrigaria você a se lembrar do que quer que o tenha ferido. Sinto muito.

— Você não causou a ferida, sua pequena enxerida. Mas mesmo assim me ajudou a suportá-la, obrigado.

Levanto-me rapidamente porque estou com vontade de abraçá-lo de novo, e está escuro e já ficamos tempo demais tão perto um do outro. Ele se levanta em seguida, pega minha mão e me guia tranquilamente pelo escuro, enquanto tropeço nos meus próprios pés o caminho todo até o corredor. Ele acende as luzes de toda a casa pelo controle do corredor e solto minha mão da sua, já que consigo finalmente andar sozinha.

Nos sentamos em uma mesa no jardim dos fundos e acabo confessando que sou apaixonada com o projeto feito ali.

— Você chamou um paisagista ou este projeto é seu?

— É meu. Deveria ter chamado um, mas vi este lugar por muito tempo em sonhos, não foi difícil projetá-lo.

— Ficou perfeito.

Recomeçamos todo o projeto, e como imaginei, ele me deixa fazer tudo e fica ao meu lado me orientando, puxando meu cabelo e me distraindo. Apenas quando percebe que estou muito cansada é que faz os desenhos para mim, mas os cálculos são minha responsabilidade. Ainda bem que nós dois nos lembramos bem do projeto perdido o que facilita para que possamos montar algo semelhante

com facilidade, mas ainda melhor do que o primeiro.

Ele vai até sua cozinha e retorna com duas taças de vinho, e não gosto de beber, mas estou cansada, então aceito apenas para aquecer um pouco e me relaxar. Seu celular toca e vejo o nome de Melissa na tela, mas o que me incomoda é a culpa que vejo em seus olhos por eu ter visto que era ela. Ele pensa que está me ferindo. Desliga o celular pedindo desculpas a mim, e por um segundo, não posso mais fazer isso.

— Você pode atender, Eros. É seu telefone, sua namorada. Não precisa desligar só porque estou aqui

— Não há necessidade de falar com ela agora, não se preocupe.

— Talvez seja algo importante.

— Com ela, nunca é. Além do mais, estou ocupado, concentrado aqui e incrivelmente relaxado. Não vou estragar meu estado de espírito falando com ela hoje.

Cruzo os braços e o observo.

— Você disse ao meu irmão que ela é metida e desagradável — lembro.

— São algumas de suas características.

— Então por que você está com ela?

Seus olhos pousam nos meus e ele sorri.

— Quero dizer, parece que você se esforça até mesmo para suportá-la. E não te julgo por isso porque ela é mesmo insuportável. Não sei como você consegue estar com ela, e aturá-la falando na sua cabeça sem parar. Sem falar que vocês dois não combinam, ela é bonita e tudo, mas não combina com você, esteticamente falando. Vocês não têm nada a ver.

Ele continua sorrindo e paro de falar. Mas então me lembro de mais coisas e volto a olhar para ele, deixando de vez a taça de vinho sobre a mesa.

— Ela é uma bruxa! É malvada e mesquinha, e você, embora folgado e muito babaca, não é mau. Pelo contrário, você é uma pessoa maravilhosa! Tem um coração enorme, enquanto ela nem deve ter coração. Você conhece a Lavínia do almoxarifado?

Ele nega com a cabeça, seus olhos cravados no meu rosto e um sorriso calmo em seus lábios.

— Ela parece com a Melissa, a mesma altura, mesma cor de cabelo e tipo físico. Mas é muito mais bonita do que ela e adivinha? É gente! Ela tem coração, você devia ampliar seus horizontes quanto as mulheres com quem se envolve.

Ele dá de ombros e seu sorriso aumenta.

— Na verdade, eu prefiro as morenas — diz ainda olhando meu rosto.

— Então por que está com ela? — percebo que estou gritando e volto a tomar o vinho. — Perdão, eu não quis gritar, às vezes minha voz aumenta sem eu perceber.

— Eu sei.

Aguardo por uma resposta, mas isso é tudo o que sai de sua boca. Faço um gesto com as mãos de que estou aguardando, mas ele segura uma mão e brinca com meus dedos.

— É complicado, talvez outro dia eu te conte.

Tiro minha mão da sua bruscamente e seu olhar torna-se confuso. Mas não quero mais olhar em seus olhos negros idiotas.

— Eu acho que você a ama — digo decepcionada.

— Por que você pensa isso?

— Porque não há outra explicação para você aturá-la. Só pode ser por amor. E deve amá-la muito, aliás.

Ele puxa meu cabelo de leve, fazendo com que eu vire meu rosto em direção ao seu de novo. Aproxima seu rosto do meu e há um sorriso preguiçoso nele, e seus olhos negros de repente parecem acesos.

— Você sabe que é ciumenta? — pergunta calmamente.

— Eu? Eu não! Não sou ciumenta, eu sou racional!

Meu coração está disparado e minhas mãos começam a tremer com sua acusação descabida.

— Você é, meu bem. Terrivelmente ciumenta. E fica ainda mais linda quando está com ciúmes. — Sua mão acaricia meu rosto e meu cabelo enquanto fala. — Mas não precisa ter ciúmes de mim. Eu não amo a Melissa, e você estava certa antes, quando disse que me esforço até mesmo para aturá-la. Estou tratando de resolver isso.

— Eu não estou com ciúmes, ainda mais de você! O que sinto por você não me classifica como ciumenta. E eu não seria tão burra de sentir ciúmes quando você tem uma namorada. Você pertence a ela, ela sim sente ciúmes de você. E não importa o que você diz, tem um compromisso com ela e eu estou bem ciente disso.

Seu olhar desce para minha boca e sua carícia em meu rosto transforma-se em um toque. Ele guia devagar meu rosto para mais perto do seu.

— Que bom que pelo menos um de nós aqui está ciente disso — diz com a voz rouca, seus olhos encontrando os meus novamente e sua boca aproximando-

se da minha.

— Eros? Onde você está? — A voz de Tim me faz dar um salto para longe de Eros, e quase caio da cadeira pelo susto.

Eros responde, mas seu olhar continua em mim, e rapidamente entro na casa para vestir minha roupa, que já deve estar seca, e ir embora daqui.

Quando desço, vejo que Eros já organizou os papéis em novas pastas, ele imprimou tudo e fez cópias para mim, por segurança eu imagino.

— Olha só, que assistente dedicado você é, Eros Reymond — brinco e ele sorri.

— Ayla? O que está fazendo aqui? — Tim pergunta surpreso lançando um olhar irritado ao irmão e me cumprimentando com um abraço pela primeira vez.

— Seria mais fácil se você perguntasse o que não fiz aqui. Enfim, já estou indo embora. Só vim me despedir e pegar esses papéis.

— Eu posso levá-la, também estou indo — ele oferece e um sorriso me escapa, mas me sinto confusa com olhar irritado de Eros e acabo negando.

— Você acabou de chegar. Eu posso ir de ônibus, não se preocupe.

— De jeito nenhum! A essa hora, em um final de semana? Não me importo em levá-la — insiste.

— Eu vou levá-la — Eros ordena aproximando-se de mim. Ele para ao meu lado, seu corpo colado ao meu, e não entendo o que está fazendo. — Você pode me esperar aqui se quiser, irmão.

Os dois se olham por alguns segundos e sinto a tensão entre eles, mas Tim acaba concordando com um sorriso.

— Tudo bem, eu vou esperar aqui. Não demore, irmão.

Seu tom é de ameaça, e não entendo nada do que está acontecendo.

Despeço-me de Tim e sigo um Eros calado e aparentemente irritado até seu carro. Porém, quando entro, ele sorri.

— Você deve estar morta de fome.

Confirmo e ele para o carro no centro, para comermos algo em um restaurante simples.

— Você não precisa fazer isso, posso comer algo quando chegar em casa. Seu irmão o está esperando.

— Não é problema, ele é de casa, pode se virar sozinho lá.

— Mas já havia tensão demais entre vocês, para que irritá-lo?

Ele sorri, mas não parece chateado ou com qualquer raiva do irmão.

— Irritar meu irmão faz parte da minha diversão, Ayla. Vamos, sente-se e escolha algo.

Nos sentamos embaixo de uma enorme árvore, enfeitada com luzes formando um ambiente aconchegante e acolhedor. Os bancos e as mesas são de madeira rústica, e a música ambiente é bem baixinha. Poucas pessoas estão aqui, na calçada, e ele me conta algumas coisas de sua infância com Tim.

Quando terminamos, o garçom traz a conta, e o vento a leva para a árvore, prendendo-a entre os fios do cordão de luz. Rindo, subo em um banco para alcançá-la e assim que a pego, me desequilibro e caio no colo de Eros. Ele ri alto enquanto me segura, certificando-se de que não me machuquei. Mas a única coisa ferida aqui é minha vergonha, que nunca fica intacta, já que estou sempre passando vergonha. Tento me levantar o mais depressa possível, mas ele me irrita prendendo-me em seus braços. Estou prestes a morder seu ombro para que ele me solte, quando uma luz rápida atrai minha atenção. Em seguida, outra. E outra. São flashes. Um homem se aproxima com um celular na mão e Eros rapidamente me tira de seu colo, mas é tarde demais. O homem corre e Eros me lança um olhar resignado.

— Prepare-se para a guerra — diz levantando-se e tirando a conta da minha mão.

Capítulo 14

Eros

Me pego sorrindo durante toda a viagem de volta à minha casa, após deixar a atrapalhada Ayla em casa. Quando eu a ofereci a vaga de minha assistente, sabia que meus dias jamais seriam sem graça de novo, só não esperava que fossem se tornar tão agitados! Como o dia de hoje. Obrigá-la a ir à minha casa no final de semana apenas para irritá-la acabou virando contra mim. Ela apareceu linda demais com uma saia curta que me distraiu instantaneamente. Precisei de mais minutos dentro da água antes de finalmente enfrentá-la. E saber que causei o mesmo efeito nela me causou uma satisfação perigosa.

Desde sua queda na piscina, até seu ataque de ciúmes, cada segundo em que esteve presente manteve toda minha atenção e concentração voltadas unicamente a ela. Não penso em nada quando ela está perto. Não olho para os lados quando está diante de mim. E em poucas horas ela consegue me irritar, me fazer rir, chorar, me consolar e me surpreender. Lembro-me de seu rosto vermelho quando a tirei da piscina, do quanto tentou não olhar meu corpo. Do seu jeitinho lindo quando sentiu ciúmes, tentando negar isso a si mesma. Assim como a tristeza ao entrar em meu quarto, seus olhos se demoraram no local exato onde a beijei, e eu queria que aquela tristeza sumisse, que seus sentimentos por mim sumissem. Queria levá-la de volta àquele ponto e beijá-la outra vez.

Mas meu sorriso some enquanto estaciono o carro e me lembro de duas enormes falhas minhas hoje. A primeira, quando o projeto foi perdido, eu deveria tê-la demitido. Teria feito com qualquer outro funcionário, mas minha irritação por isso passou tão rápido! Bastou olhá-la toda molhada e tremendo e esse instinto protetor me fez querer cuidar dela ao invés de puni-la. E a segunda,

quando a peguei mexendo nas minhas fotos de infância. Aquelas lembranças dolorosas que procuro guardar, ela as expôs. Me fez fraco com sua compreensão, me fez forte com seu abraço. Meu passado é algo que machucará sempre, mas não pode ser mudado. Aceitei que é uma dor que doerá cada vez que for remexida e por isso procuro me lembrar o mínimo possível. A presença dela, o amor dela, as atitudes dela me fazem relembrar tudo o que houve todos os dias. E é ela quem faz essa dor passar como num passe de mágica. E isso me preocupa. Aquele abraço que me fez esquecer do mundo, sua ternura me curando de alguma maneira, me preocupam. Seu sorriso que sempre me faz rir de volta, seu corpo sobre o meu quando caiu em mim, me aquecendo, me preocupam.

Cortar o tratamento especial com ela não foi o suficiente, preciso me afastar mais. Talvez eu devesse mesmo demiti-la. O que estava pensando ao mantê-la tão perto de mim?

Tim ainda está sentado na mesa, uma garrafa de gim pela metade à sua frente, e dois copos. Encho um e o viro de uma vez.

— Você ainda está aqui, por que irmão? Achei que já estivesse indo embora.

— Você demorou, Eros. Desviaram o caminho?

— Desviamos, por que, isso te incomoda?

Ele sorri, mas percebo que não há qualquer felicidade em seu sorriso.

— Você sabe que a protejo — justifica.

— Pode deixar de proteger, então. Ela é minha responsabilidade agora, deixa que eu cuido dela.

Ele assente. Mas me encara usando seu olhar de advertência que usa sempre que estou agindo de forma imprudente.

— E onde o amor que ela sente por você se encaixa nisso? Você disse que queria fazê-la te esquecer, mas me parece que está fazendo justamente o contrário. Fazendo com que ela se apaixone mais, se aproximando cada dia mais dela. O que você está planejando, irmão?

Tim me conhece muito bem, assim como o conheço. E sabe exatamente onde me atingir para me parar. Não tenho uma resposta para isso. Ele está certo, estou próximo demais dela, com certeza muito mais próximo do que a zona de segurança me permitiria. Se ela apenas não me amasse!

— Eu não irei machucá-la, Tim. Você tem minha palavra.

Ele me mostra a tela de seu celular com uma mensagem de Marcondes

Velasques, o multimilionário empresário com quem estive em contato nas últimas semanas. Na mensagem, Marcondes avisa a Tim que não precisa mais enviar o contrato, e Tim quer uma explicação para isso.

Nem posso imaginar o que vai dizer quando souber que a explicação para a perda do maior investidor que teríamos está justamente na minha proximidade perigosa com Ayla.

— Lembra-se quando a Melissa foi à empresa pela última vez?

— O dia do bolo, como esquecer?

Conto tudo a ele. As coisas que Ayla disse a Melissa, o ataque de ciúmes de Melissa depois. O fato de que ela ficou por horas na minha sala esperando por mim e o que descobriu mexendo em minhas coisas nesse tempo.

— Ela achou o contrato do Marcondes e entendeu que conseguindo o investimento dele, não precisaríamos mais do pai dela. Então ligou para o pai dela e contou que Marcondes pretendia investir o dobro dele na nossa empresa.

— Merda, Eros!

Ele se levanta irritado e arremessa o copo longe.

— Eu sei. Lógico que Heitor deu um jeito de ameaçar o Marcondes para que ele não fizesse o investimento, e ele desistiu. Resumindo: continuamos presos à Sampaio Inc, ao Heitor e à Melissa.

— Nós tivemos tanto trabalho para convencê-lo! Foram meses tentando isso, irmão! Meses! E a mimada da sua namoradinha destrói isso em um segundo! Você devia se separar dela! Por que vamos manter alguém assim perto de nós? Por que essa fixação dela por você?

— Estou tentando fazer isso, mas você a conhece, Tim. Agora dependemos de Heitor, ele retira seus investimentos, vende suas ações a um de nossos concorrentes, o que sobra pra nós? Não podemos nos arriscar. Ela disse que me ama.

— E todo mundo resolveu te amar agora!

— Não havia um pinga de verdade em suas palavras. Sou apenas um capricho, ou algum plano do pai dela para atingir a empresa, há algo mais do que o falso amor dela nessa fixação.

Ele volta a se sentar, seu rosto se suavizando e a raiva cedendo a pensamentos. Está pensando em algo, e espero que em uma solução para a chantagem na qual nos metemos então.

— Nunca imaginei que a Ayla seria capaz de algo assim. Insultar a Melissa. Definitivamente eu não a conheço — diz finalmente.

Escondo o incômodo por ele estar pensando nela e não em uma solução para nossos problemas, e a defendo.

— Melissa pegou pesado com ela. Andrea foi até mim para dizer que ela a estava humilhando na frente de todos, inventando coisas e a colocando como minha amante. Ayla teve que se defender. A culpa disso tudo foi minha.

— Nisso nós concordamos, Eros. A sua relação com a Ayla não está clara nem mesmo para você, imagine para sua namorada cruel e chantagista? Ela só está protegendo o que é dela, certo?

— Minha relação com a Ayla é de trabalho, apenas isso. E mesmo que ela fosse a minha amante, o que tenho com a Melissa não lhe daria qualquer desculpa para insultá-la como fez. Ayla estava certa, fez o que tinha que fazer.

Seus olhos pousam em mim por tempo demais.

— Vamos trocar de assistentes — diz de repente. — Louisa vai trabalhar para você a partir de segunda e Ayla para mim.

Sorrio.

— De jeito nenhum!

— Eros, você precisa se afastar dela! Você não percebe que vai machucar essa menina? Você nem deveria ter oferecido o emprego, para começar, mas já que o fez, e viu que não está dando certo, deve afastar-se dela. Seria injusto demiti-la por seus erros, então ela começa a trabalhar para mim e cuidarei de mantê-la bem longe de você.

Talvez ele esteja certo. Mas eu deveria ser capaz de afastar-me dela por mim mesmo, de vê-la como mais uma funcionária e não constantemente como a mulher apaixonada por mim a quem devo proteger. E justo quando ela surge, tudo sobre a minha mãe começa a voltar, tornando-me ainda mais vulnerável a ela. Mas também ainda mais avesso ao que sente. Eu não vou corresponder seus sentimentos. Nunca vou amá-la de volta, casar-me com ela nem nada assim. Então por que estou prolongando isso?

— Ayla achou o álbum de fotos da mamãe hoje. A peguei com uma foto dela nas mãos e sabe o que ela me disse? — Seu olhar preocupado pousa em mim. — Que meus olhos são como os dela, mas os meus são lagos negros enquanto os dela, a luz da lua.

— Mamãe sempre dizia isso a você. Como ela poderia saber disso? — pergunta surpreso.

— Ela não sabia.

Vejo a confusão no rosto dele, tanto quanto no meu. E ele entende o quão

perdido estou com tudo isso. Com ela, o amor dela, as coisas que faz.

— Talvez o amor dela seja muito maior do que prevíamos — comenta desanimado.

— Não maior, eu vi isso nos olhos dela desde o primeiro momento. É de verdade, é amor. Aquele tipo de amor que presenciamos. O tipo que você procura e eu abomino.

Seu sorriso triste é acompanhado de um gesto negativo com a cabeça. Sua voz soa irritada:

— E por você. Ela é alguém capaz de dar esse tipo de amor, me conhece há anos, e escolheu você. Eu não entendo.

— O que o incomoda tanto nos sentimentos dela por mim, Tim? Seja sincero!

— Por anos eu tinha certeza que ela me amava. E de repente ela ama você. No começo, achei que estivesse confusa, que fosse atração, algo assim.

Com a confissão dele confirmo minhas suspeitas sobre seus ciúmes dela. Sobre seu incômodo com nossa aproximação. A maldita vaidade. Ele não aceita tê-la perdido para mim de alguma forma, que seus sentimentos tenham mudado, e ele não seja mais o alvo de seu amor.

— Você não vai se aproximar dela para conquistá-la apenas por ego, irmão. Eu não vou permitir — alerta.

— Eu vou te fazer um favor, você não quer que ela te esqueça?

— Não assim.

— Então a demita — provoca.

Levanto-me irritado. É a primeira vez que brigamos por uma mulher. E uma mulher que nenhum de nós dois ama.

— É assim que você diz que cuida dela? Está me advertindo que vou machucá-la, mas quer fazer isso deliberadamente? Eu não o reconheço, irmão — ralho desapontado.

— Minha preocupação maior não é ela, e sim você e toda a culpa que carrega pelos sentimentos dela. Pessoas sofrem por amor, eu sei disso. Mas você está tornando o que ela sente algo muito maior a cada dia, e o que ela vai sofrer quando você se der conta disso e tirá-la de sua vida, maninho, você vai sofrer em dobro. Vai se remoer em culpa. Eu o conheço.

— Ela não vai trabalhar com você — decreto encerrando o assunto e entrando na cozinha.

Tim me segue com sua risada debochada, deixando claro que ainda acha

que estou errado e que não vai desistir.

— Então vou livrá-lo de toda culpa. Farei com que ela peça para trabalhar comigo. Você não a terá jogado nas minhas mãos, não será responsável por como vou agir com ela.

— Você não vai fazer isso, não vai prejudicá-la assim. Ela precisa estar perto de mim, perto de um arquiteto que a oriente e ajude.

— O que está inventando agora, irmão?

Volto à mesa de fora e pego a pasta sobre a cadeira. A entrego a ele. Ele avalia o projeto e espera uma explicação.

— Esse projeto é dela.

Ele fica tão surpreso quanto eu quando descobri que o excelente projeto na minha impressora era dela.

— Que merda, Eros! Você vai orientá-la, não é? Vai ajudá-la com isso. E não vai se afastar como deveria. De um lado, Melissa, fria e chantagista o pressionando. Por outro, a doce e linda assistente que te ama. Onde você acha que isso vai acabar?

— Tim...

— Só existe um final para essa história e você sabe! Você vai levá-la para sua cama e vai acabar com ela depois! Então vai se remoer em culpa e ficar com ela por isso. Você custa se livrar de um relacionamento por chantagens e vai fazer isso de novo, ficar com alguém contra sua vontade. Este é o final disso, irmão, estou avisando.

— Eu não vou ficar com ela, eu te prometo! — garanto.

Ele se vira para ir embora, mas o chamo. Tenho um último favor a pedir.

— Tim, espere! Tem algo que preciso de você. Você pode impedir que um maldito fotógrafo publique fotos que foram tiradas hoje? Ou pelo menos que ele as retire assim que forem publicadas?

— De que fotos está falando?

— Ayla sentada no meu colo em uma praça no centro da cidade. — Sua expressão é tão zangada que penso que vai pular sobre mim e me acertar. — Foi um acidente, ela caiu em cima de mim e o fotógrafo apareceu na hora. O nosso desvio foi para levá-la para comer algo. Ela trabalhou o dia todo sem comer nada.

— Se o Heitor vir algo assim, Eros... Nem sei porque ainda tento falar com você.

— Tim, tenho mais um favor a pedir — chamo quando ele se vira

novamente para ir embora. — Não tente cuidar de mim desta vez. Eu não quero que você a machuque, de nenhuma maneira! Você entendeu? Eu vou lidar com isso sozinho.

Ele não responde, apenas se vira e vai embora. E espero que me ouça. Que não se aproxime dela para fazê-la apaixonar-se por ele apenas para tirar esse peso de mim. Que ele não a machuque, porque ela realmente não merece.

— Ah, Ayla! Por que você tinha que me amar, menina?

Tim está sentado na mesa de Ayla quando chego à empresa na segunda de manhã. Ela sorri para ele, mas como se soubesse que os estou observando, seus olhos vêm até mim, e seu sorriso se torna ainda mais doce ao me ver ali. Dura um segundo antes que faça uma careta e seu bico irritado apareça em seu rosto. Aproximo-me deles e jogo o jornal da manhã na frente de Tim.

— Obrigado por não fazer o seu trabalho.

Ele olha por alto a foto de Ayla no meu colo e pega seu celular imediatamente. Já Ayla parece prestes a desmaiar. Ela pega o jornal com olhos arregalados e em pânico.

— O quê? Como isso? Como? O que vamos fazer?

Coloco a mão em seu ombro tentando acalmá-la.

— Tim vai dar um jeito nisso.

— Ela vai me matar! Minha avó vai me matar! Olha o tamanho dessa saia! Por que coloquei uma saia tão curta? Estou no seu colo. Ela vai me fazer em pedacinhos e me distribuir aos cães na rua. Ela vai riscar minhas fotos do álbum da família.

Ela começa a ficar branca demais e me ajoelho ao seu lado, girando sua cadeira em minha direção

— Ayla. Respire. Respire, pequena, apenas respire. Eu vou dar um jeito nisso, tudo bem? — Seus olhos se fixam nos meus e ela se acalma. — Foi um acidente, eu irei até a sua casa e explicarei tudo a sua avó.

— Não! Pare de arrumar desculpas para ir à minha casa, você não é bem-vindo.

Sorrio e bagunço seu cabelo, ela está de volta. De alguma forma, eu consegui acalmá-la, como ela faz comigo. Exceto claro, que normalmente é ela quem me irrita.

— Traga meu café, está bem?

— Está na sua mesa — responde observando o jornal, nossa foto, com

olhos melancólicos. Quero dizer alguma coisa que possa confortá-la. Quero tirar esses sentimentos dela. Quero corresponder a eles. Mas não posso fazer nenhuma dessas coisas.

Olho em volta e alguns funcionários nos observam atentos, então entro em minha sala sem dizer mais nada.

Não saio para almoçar, e mesmo não tendo pedido nada, Ayla me traz um lanche no meio da tarde. Deposita a bandeja sobre minha mesa e afasta-se sem dizer nada, e por mais que precise me afastar dela, não consigo permitir que saia daqui sem ouvir sua voz, seu tom atrevido.

— Não me lembro de ter pedido comida — provoco.

Espero que vá responder algo como “se não quiser comer, não coma”, mas ela nem se vira em minha direção e sua resposta é puramente profissional.

— Perdão, senhor. Imaginei que estivesse muito ocupado e por isso não teve tempo para almoçar, mas se o senhor preferir, posso retirar tudo.

— Ayla, você está bem?

— Sim, senhor. Obrigada por perguntar. Quer que eu retire a bandeja?

Levanto-me e dou a volta na mesa, seguro seus ombros e a giro para mim. Seu olhar pousa no meu e está triste.

— Não, eu vou comer, muito obrigado por sua preocupação.

Ela assente e se afasta, mas seguro sua mão, preocupado. O que o Tim disse a ela? Ele está conseguindo afastá-la de mim, como disse que faria, mas como? Será que ele a machucou de alguma maneira?

— O Tim está na sala dele? — pergunto sondando se falou com ele.

— Não, está na copa.

Eu sabia! Ela o viu enquanto preparava algo para eu comer, ele disse alguma coisa a ela.

— Eu vou comer isso daqui a pouco, obrigado, você pode ir.

Ela sai sem dizer mais nada e imediatamente vou atrás de Tim. O encontro sentado sozinho em uma mesa e me certifico de que ninguém está por perto.

— O que você disse a ela? O que fez com ela?

Ele olha em volta antes de responder.

— Do que está falando agora?

— Ayla, sobre o que mais seria?

— Sente-se irmão. Não atraia mais atenção.

Sento-me diante dele, contendo a fúria que me toma. Caso ele a tenha machucado de alguma maneira não sei o que farei.

— Eu disse a ela que o pai da Melissa é nosso maior investidor. Que ela o chantageia. Que você conseguiu algo para se livrar dela e trabalhamos nisso por meses então as coisas que ela disse a Melissa colocaram tudo a perder. Eu só disse a verdade. Que graças a ela você está preso à Melissa. Nós estamos presos a ela.

— Pra que você fez isso? Ela não pode mudar o que fez, isso apenas irá fazê-la sentir-se culpada. — Então entendo exatamente onde ele quer chegar. — Você acha que ela vai se demitir.

— Se ela o ama, vai se sentir culpada pelo quanto te prejudicou, e não vai suportar olhar para você. Foi assim com a mamãe, não foi?

Me movo para acertá-lo, mas ele se afasta, prevendo meu golpe.

— Eu irei ampará-la! Se ela sair daqui, já tenho outro emprego para ela, vou me certificar que estará bem, não se preocupe! — grita para me acalmar.

Respiro fundo tentando manter a calma. Ele não precisava feri-la desse jeito. Só consigo me lembrar de quando mamãe teve culpa pelo que fez ao nosso pai, quando se apaixonou por ele e se deu conta de tudo o que havia feito a ele. Ela enlouqueceu, se feriu tanto! “Ferir alguém que você ama dói muito mais do que ser ferido por alguém que você ama.” E Ayla está passando por isso agora. Preciso protegê-la, preciso ampará-la, dizer que não é nada demais.

— Eros, antes que corra até ela e a ampare, pense nela. Deixe-a ir. Mantê-la perto de você não vai acabar bem para ela, você sabe disso! Eu sei que você a deseja, sei que ela o diverte e distrai de tudo o que tenta esquecer, eu a conheço, irmão. Pode ser doce e encantadora, pode ser um desafio quando quer, pode ser perigosamente sexy sem nem se dar conta. Ela pode ser sua fraqueza.

“Tenho uma fraqueza por você” as palavras dela me vem à cabeça.

— A menos que pense que existe alguma possibilidade de amá-la de volta um dia, deixe-a ir.

Não respondo, mas penso em tudo o que disse. Penso na carreira dela, que talvez possamos dar um jeito de garantir seus estudos, mesmo que de longe, então garantir um emprego para ela em uma firma qualquer de arquitetura. Tim está certo, ele fez o que eu deveria ter feito. Não queria que isso a machucasse de alguma forma, mas é impossível sair de um amor sem se ferir, mamãe sempre dizia. Se ela pedir demissão, não a impedirei. Não posso mais protegê-la. Preciso deixá-la ir.

Capítulo 15

Cada palavra de Tim caiu como uma bomba em mim. Eu o prejudiquei, pior, prejudiquei Eros, a pessoa que mais me ajudou. Tudo por conta dessa mentira idiota! Em pensar que ele poderia estar livre dessa bruxa agora, que teria um investidor muito maior do que o pai dela. E graças a mim ela ficou tempo o bastante na sala dele para mexer em suas coisas e descobrir isso.

Essa mentira já foi longe demais! Isso precisa parar agora.

— Você está me ouvindo? — Melissa grita batendo a mão na minha mesa e me dou conta de que ela está aqui, com o jornal do dia na mão, seu rosto vermelho e completamente histérica.

Dou de ombros com o descaso que essa chantagista merece. Olho seu cabelo loiro perfeito e penso no que poderia acontecer a ele caso eu pulasse sobre ela agora mesmo e me agarrasse a ele para girá-la como um pião pela empresa afora. Ao menos assim corrigiria o erro que cometi com Eros. Assim, o livraria dela. Iria para a prisão com toda satisfação do mundo.

— O que está fazendo aqui? — A voz de Eros me tira do meu transe assassino e imediatamente abaixo a cabeça para não ver seus olhos. Não consigo evitar. Acho que nunca mais olharei nesses olhos negros de novo.

Ele pega a mão de Melissa e parece realmente nervoso, sequer ouvindo sua explicação.

— Você pode vir à empresa quando quiser, Melissa, mas não pode se aproximar da Ayla. Você não pode sequer olhar na direção dela, eu não fui claro o bastante com você?

Ele está me defendendo. Está cumprindo a promessa que fez quando eu usei

meus falsos sentimentos para manipulá-lo. No fim das contas não sou tão diferente da Melissa, não mereço sua defesa.

Melissa solta sua mão da dele e me lança um olhar ameaçador antes de fazê-lo em voz alta:

— Você acabou de declarar guerra, borralheira. Então esteja preparada.

Infelizmente, não estarei aqui para lutar essa guerra, caso contrário eu bem gostaria de dar uma lição nessa chantagista do mal. Eros a guia até a sala dele e quando seu olhar preocupado busca meu rosto, levanto-me fingindo mexer em alguns papéis e viro de costas para ele. Os dois gritam em sua sala e esse não é um comportamento comum para Eros. Consigo ouvir boa parte do que estão dizendo.

— O que você pensou que estava fazendo? Nós não combinamos que você não se aproximaria dela? Esta foi minha única exigência, Melissa! — ele grita irritado e não consigo ouvir a resposta dela.

Eles discutem por mais algum tempo até que Melissa fala mais alto:

— Você não precisa ser tão frio!

Aproximo-me da porta para conseguir ouvir melhor, Eros diz algo sobre as chantagens e exigências dela, sobre o investidor que ela lhe tirou e sobre a única exigência que fez a ela, que ela quebrou na primeira oportunidade. Eu sou essa exigência. A única coisa que pediu a ela foi que não se aproximasse de mim. Meu ar parece sumir devagar, e minha cabeça gira. O que eu fiz com ele?

Abro a porta de sua sala decidida a contar ao menos parte da verdade, dizer que não o amo, nunca amei, que tudo foi um engano. Que Melissa pode ficar tranquila quanto a isso e deixá-lo em paz, mas escuto o que ela está dizendo a ele com clareza.

— Você joga um jogo perigoso, Eros. Não está calculando direito o estrago que posso fazer na sua vida — seu tom não é de uma mulher ferida por causa das fotos do homem que ama com outra, seu tom é de ameaça, de desafio, de rejeição.

Eros olha em direção a porta e rapidamente a fecho e volto à minha mesa, mesmo que eu entre ali e conte toda a verdade diante dela, mesmo que ela saiba que jamais quis seu namorado, ela não vai parar até destruí-lo. Não está ferida por sua aproximação comigo, e sim pelo amor que não conseguiu conquistar dele. Eros não é alguém disposto a amar, foi bem claro quanto a isso. Será que também foi claro assim com ela? Será que ela esperava que ele fosse se apaixonar e está frustrada por isso não acontecer?

A porta abre e Melissa me lança seu olhar ameaçador, mas Eros entra em

sua frente e reponde sua ameaça com palavras:

— Não olhe na direção dela.

— Você vai pagar caro pelo que está fazendo. Ninguém me trata assim! Você pensa que só posso atingi-lo de um jeito, mas eu tenho vários meios de te derrubar e vou fazer isso. Não me provoque, querido.

— Boa sorte, Melissa. Se me der licença, quero comer agora — ele responde como se as palavras dela não passassem de ameaças vazias e volta à sua sala.

Apesar do que causei a ele, do quanto o prejudiquei, ele ainda me defende. Ele sempre me defende. Mais uma vez, levanto-me para contar algo a ele, desmentir pelo menos esse amor que parece enchê-lo de culpa, mas volto a me sentar sentindo-me a pior das pessoas. Bem, quase a pior, Melissa ainda é pior do que eu.

Passei as últimas três horas reunindo coragem, para entrar nesta sala. A noite está prestes a cair e em breve meu expediente será encerrado. Esse amor falso também será encerrado com ele. Entro em sua sala e seus olhos cansados avaliam meu rosto por tempo demais. Sua expressão preocupada, como se pressentisse que vou dizer algo importante.

Abro a boca para falar, mas três batidas na porta me impedem. Um homem alto, ruivo e sorridente entra na sala e Eros se levanta imediatamente para recebê-lo. Peço licença e deixo a sala, e providencio algo para que eles comam enquanto conversam. Junto tudo em uma bandeja e bato na porta, eles param o que estavam falando. Entrego ao convidado de Eros uma xícara e um prato com o bolo que trouxe de casa, e Eros pergunta:

— Você fez este bolo?

Confirmo ainda sem olhar seus olhos, e seu amigo volta a falar sobre o que estavam falando quando entrei.

— Seu tio me pediu cada relatório de cada gasto da empresa. Me deixou louco durante toda a manhã e ao fim, quando juntei tudo, me mandou enviar para Heitor Sampaio. Pelo que entendi, Heitor está indo à Madri falar pessoalmente com seu tio sobre a sua gestão dessa empresa, Eros. Não sei o que ele pretende, mas não é algo bom.

— As ameaças da Melissa começaram a se cumprir bem cedo, pelo visto.

Deixo a xícara cair na bandeja e olho para Eros. Isso é culpa minha. Pelo que me lembro, essa empresa pertence ao tio deles, que se aposentou e a deixou nas mãos de Eros. O pai de sua namorada furiosa indo até outro país apenas para

falar sobre a gestão de Eros com o dono da empresa não pode ser coisa boa. Meu ar começa a falhar e Eros rapidamente me alcança, seus braços à minha volta, amparando-me.

— A culpa é minha, eu sinto muito.

— Não é culpa sua, Ayla, o Tim não deveria ter dito nada do que disse a você. Mas me escute, Melissa é assim, mais cedo ou mais tarde encontraria um jeito de me prejudicar. Há muito mais nisso do que ciúmes bobos, não se sinta culpada.

Seus olhos estão nos meus, e eu que pensei que não suportaria olhá-los de novo, de repente me pego buscando por eles. Quero acreditar que não o estou prejudicando tanto, mas não vejo em seu olhar a verdade de suas palavras.

Seu olhar desvia do meu para algo, e noto seu amigo de pé, observando Eros atentamente. Com cuidado, ele me deixa, e limpo a bagunça que fiz em sua mesa enquanto seu amigo o provoca.

— Quem é a princesa confeitadeira?

Seu sorriso é divertido e me pego rindo também, desviando um pouco minha mente da culpa.

— Ayla. Ela é minha assistente, como você já pode imaginar.

Mais uma vez há a troca de olhares entre eles e todo peso do rosto de Eros some, sendo substituído por um sorriso contido. Toco a mão de seu amigo, que se apresenta.

— Sou Nico, prazer em conhecê-la, Ayla.

— O prazer é meu.

Ele me estende um papel dourado e seus olhos parecem se acender ao falar:

— Vou me casar neste final de semana, ficaria muito feliz se você fosse. É uma festa pequena, apenas para amigos íntimos. Você poderia acompanhar o Eros, sei que ele não tem ninguém para levar. — Antes que eu possa lembrá-lo sobre a chantagista da namorada de seu amigo, Nico adverte Eros: — Melissa não entra na minha casa, só pra você saber.

— Nunca tive a pretensão de levá-la — Eros confirma.

— Ficaremos felizes se você for a acompanhante do nosso mais estimado amigo, Ayla.

— Agradeço o convite, mas não posso prometer.

— Já no final de semana? O que é essa pressa? — pergunta Eros pegando o convite das minhas mãos.

— Vamos fazer a vontade da patroa, amigo. E você? Já encontrou o amor

da sua vida? — Nico pergunta olhando de Eros para mim com um sorriso e embora não olhe na direção do meu chefe, tamanha vergonha estou sentindo, sinto o riso no tom de sua voz ao responder.

— Não e nem vou. Não vai ser uma festa grande, então.

— Não. Queremos algo simples, poucas pessoas o mais básico possível. Por isso será em nossa casa mesmo. Ela já planejou tudo. Enfim, só vim lhe trazer as notícias, amigo. Ayla, foi mesmo um prazer conhecê-la, você vai achar estranho, mas espero conhecê-la já há alguns anos.

Ele segura minha mão e não entendo do que está falando.

— Nico! — adverte Eros, sem qualquer diversão em sua voz.

— Estarei assistindo de camarote, meu amigo. De camarote.

Ele sai da sala e tento fazer o mesmo, mas Eros segura minha mão e fecha a porta que Nico deixou aberta.

— Você queria me dizer alguma coisa, Ayla?

Abro a boca para falar, para desmentir a parte sobre meu amor por ele. Quando me dou conta de que então terei que contar outra mentira sobre o motivo para eu estar em sua casa aquela noite, já que não posso contar a verdade. E aqueles olhos negros estão fixos em mim, impedindo que qualquer coisa saia. Então apenas nego com a cabeça e passo por ele saindo de sua sala.

Tento ligar para Sabrina, mas ela não me atende. Eu sei o que devo fazer, mas isso me parece tão difícil que tenho esperança que ela encontre outra solução. Demoro um pouco a aceitar que não há outra saída. Se não sou capaz de dizer a verdade e livrá-lo dessa culpa por meus sentimentos, então tenho que me afastar de vez dele para que não cause ainda mais problemas em sua vida.

Derrotada, bato em sua porta, e sinto um peso enorme esmagando meu peito. Provavelmente nunca mais irei vê-lo. Não que vá sentir falta do quanto ele me irrita, mas vou sentir falta de seu cuidado, sua atenção, seus olhos negros e seu perfume. Respiro fundo antes de abrir a porta. Ele está girando em sua cadeira, perdido em pensamentos. Perdido nos problemas que causei a ele. Penso que sequer sabe que estou aqui, mas ainda girando em sua cadeira, diz:

— Você pode ir, meu bem.

Vou sentir falta do jeito carinhoso como fala comigo quando não percebe que está fazendo.

— Na verdade, eu quero falar com você, Eros.

Ele para o movimento na cadeira e seus olhos pousam em meu rosto, sua expressão tornando-se ainda mais sombria do que antes, mais pesada. Sento-me

diante dele e não olho em seus olhos ao comunicá-lo minha decisão.

— Estou me demitindo.

Há alguns segundos de silêncio, ainda assim não olho para seu rosto. Logo, ele fala, sua voz baixa e triste:

— Ayla, o Tim não deveria ter dito essas coisas a você, e de toda forma, você não tem qualquer responsabilidade pela Melissa. A culpa foi toda minha. Se você tivesse permitido que ela a ofendesse eu me sentiria péssimo.

Me lembro de quando dei a Melissa o que ela merecia, disse a ela que deveria me considerar uma ameaça. Eros ficou furioso, nervoso como nunca o havia visto, e apenas agora entendo o motivo. Não era pela Melissa em si, mas pelas consequências do tempo em que ela ficou em sua sala.

— Eu sinto muito. Agora entendo porque você reagiu tão furiosamente depois que ela saiu aquele dia. Eu sempre me perguntei porque você está com ela, e não fazia ideia de que esse era o motivo. Que era algo assim. E você quase conseguiu se livrar. Foi minha culpa, ela teria ido embora se eu não a tivesse respondido. Eu não queria prejudicar você, eu sinto muito.

Uma lágrima corre por meu rosto e imediatamente ele vem em minha direção. Para me amparar, cuidar de mim, como sempre faz. Levanto-me e faço um gesto para que não se aproxime. Ele precisa parar de cuidar de mim. Precisa parar de se preocupar com o que sinto por ele.

— Você me deu esse emprego para compensar o sentimento que não pode me dar — digo olhando em seus olhos. — Você foi nobre e bom comigo desde o primeiro instante. E não é justo que nós dois tenhamos que pagar por isso, você entende? É melhor para nós dois que eu não esteja perto de você.

— Ayla, você não tem culpa de nada. Não precisa ficar assim, só me deixa chegar perto de você, me deixa abraçá-la e tudo vai ficar bem — pede estendendo as mãos diante de mim e tudo o que quero é tocá-las e deixar que ele faça sua magia. Me acalme, me convença de que não sou culpada e assim eu possa vir amanhã de manhã para vê-lo de novo. Mas não faço isso.

— Não. Você me acalma agora, mas ainda estará preso a ela. Ela ainda vai agir contra você por ciúmes de mim. E eu sei que você me colocou aqui para que eu o esquecesse, mas você não consegue ser assim comigo. Não consegue ser mau a ponto de matar o que sinto, então o que estou fazendo aqui?

— Você tem muito talento — diz tentando se aproximar. — Não importa os motivos que a trouxeram para cá, eu preciso de você aqui. Não precisa fazer isso.

De tudo o que ele poderia dizer, ele diz justamente a única coisa que me

faria balançar. Não importa o que me trouxe aqui, não é pelo que sinto que está me deixando crescer como tem feito. É por mim.

— Assim que concluir meus estudos vou seguir este caminho, mas essa não é a hora. Eu agradeço por tudo o que você fez, eu realmente agradeço — digo e fujo de sua sala antes que mude de ideia, pegue sua mão e ceda.

Ligo para Sabrina, que já me espera na minha casa. O caminho todo até minha casa sinto como se fosse explodir. Ainda que eu tenha desistido agora, já o prejudiquei e espero que minha decisão acalme Melissa e ela desista do que quer que esteja planejando. Pelo menos isso, já que essa decisão me machuca tanto! Estou abrindo mão do melhor emprego da minha vida. Abrindo mão do salário que tanto preciso. Abrindo mão de ver Eros e Tim todos os dias.

Entro em casa já com as lágrimas banhando meu rosto, não queria assustar a vovó ou minhas pequenas, mas não consigo segurar. Ulisses tenta falar comigo, mas não quero vê-lo. A culpa disso tudo é dele! Corro para o quarto e Sabrina entra logo atrás de mim, trancando a porta. Ela se deita ao meu lado e chora comigo. Tento contar a ela o que aconteceu, mas ela não deixa, pede que eu continue chorando, que coloque tudo para fora. Então afundo a cabeça no travesseiro e a obedeço, ouvindo seu choro baixinho junto com o meu. Mesmo sem saber o motivo, divide comigo minhas lágrimas.

Quando me acalmo, sento-me de frente para ela, e conto tudo o que aconteceu. As consequências das coisas que disse a Melissa no outro dia. O quanto prejudiquei Eros. Que ele ainda continuou me defendendo apesar de tudo, e sobre minha demissão. Ela demora a responder quando termino de falar. Pega uma almofada sobre a cama e a abraça, perdida em seus pensamentos. Quando seus olhos pousam nos meus de novo, ela finalmente pergunta:

— O que mais está doendo em você, Ayla?

— Como assim?

— Você o prejudicou, mas não foi nada premeditado, não foi de propósito como a namorada bruxa dele faz. Se ele lida com ela, acha mesmo que odiaria você por algo assim? Mesmo porque, o que ela está fazendo é uma reação exagerada demais para ser justificada por ciúmes.

— Não é só isso. Ela o ama. Mas ele não parece alguém que ama de volta. Acho que ele não consegue fazer isso. De algum jeito, minhas provocações e as nossas fotos nos jornais deram a ela a impressão de que esse amor que ela nunca conseguiu conquistar nele, existe por mim. Ela realmente me vê como uma ameaça.

— E ela deve ter algum motivo para isso. O que me leva de volta à pergunta que te fiz. O que mais dói em você nesse adeus, Ayla? O emprego dos sonhos que você perdeu, não ver mais esse que você chama de amor da sua vida, ou não ver mais o seu chefe?

— Sabrina, não é hora para isso.

— Eu só acho que você está abrindo mão de muito mais do que um bom emprego, minha amiga. Apenas pense nisso. Se você acha que o melhor é afastar-se de vez dele, então faça isso. Deixa ser assim.

Vovó bate na porta gritando como só ela é capaz quando está furiosa com algo, e lança a Sabrina meu olhar de pânico, ela deve ter visto o jornal. Sabrina imediatamente vai até a porta e abre uma pequena fresta, falando baixinho com minha avó:

— Tia Sofia, ela dormiu. Chorou muito e por fim caiu no sono. A senhora não vai acordá-la porque me custou muito conseguir acalmá-la. Amanhã a senhora pergunta sobre essa pouca vergonha nos jornais, hoje não. Olha isso! Quem usa uma saia desse tamanho?

Ela sai com minha avó e não sei se a agradeço ou acerto um tapa nela.

Passo o dia mais longo e chato da história, agora que estou desempregada. Estou ouvindo os gritos de vovó desde a manhã. Embora eu tenha explicado que foi um acidente, que caí no colo do meu chefe, ela ainda insiste em resmungar com a minha mãe morta sobre sua filha imoral.

— Além de louca e desajeitada, agora a menina é desavergonhada. Onde isso vai parar? — repetiu ela durante toda a tarde.

Apenas quando a noite cai e Ulisses chega, é que ela se acalma. Ele entra em casa falando ao celular com alguém. Lança-me um olhar confuso e estende o aparelho para vovó.

— Vovó, o senhor Eros quer falar com a senhora.

Finjo não ter sentido nada ao ouvir seu nome, mas meu coração acelera tanto, que preciso me lembrar de respirar. Claro, por ansiedade e curiosidade sobre o motivo de sua ligação. Após um minuto ouvindo-o, vovó tem um sorriso no rosto, se desculpa com ele pelas fotos dos jornais e desliga o aparelho com uma calma que não via nela há dias.

— Seu chefe é um menino muito bom, minha filha, que Deus o abençoe.

— Como assim? Ele não era o safado do riquinho que queria me ver nua até poucas horas atrás?

Ela faz um gesto com as mãos mandando-me calar a boca e nega.

— Não, ele me explicou tudo. Você é mesmo uma desajeitada! Mas ele é um bom menino.

— Então não sou mais louca, desajeitada e desavergonhada? — provoco e Ulisses precisa segurar o riso.

— Você ainda é louca e desajeitada, fazer o que? Que bom que ele ajuda você, que bom!

Quando vovó se afasta, Ulisses tenta falar comigo, mas me afasto. Ele segura minha mão e pergunta baixinho:

— Você se demitiu por culpa minha, não é?

— Me demiti por causa da mentira que tive que contar ao meu chefe por culpa sua.

— O que você disse, Ayla? O senhor Eros sempre me liga, ele me aconselha e escuta, somos amigos. Talvez eu possa falar...

— Não se atreva! Ulisses, se você abrir a boca para falar o que fez na festa dele eu mato você! Quer ficar desempregado também? Quer ir para a cadeia? Acha que ele vai ser seu amiguinho se souber que você o roubou? Ele manda nós dois pra cadeia se você abrir essa boca, Ulisses!

— Tudo bem, se acalma, você está certa. Eu não vou dizer nada, eu juro.

Solto-me de sua mão e volto para o quarto, sentindo-me a pessoa mais azarada do planeta resmungando com o universo que ele sequer me avisa antes de virar minha vida de cabeça para baixo. Antes, pelo menos, ele tinha a cortesia de avisar. Agora sou pega de surpresa por tombo atrás de tombo.

Sabrina aparece e senta-se no banco abaixo da janela, vendo a rua enquanto estou afundada em lamentações, reclamando com a vida há vinte minutos ininterruptos. E posso jurar que a vaca da minha melhor amiga está cantando baixinho ao invés de me ouvir. É aí que ela se levanta de repente e me pega pelo braço, quase arrancando-o do meu corpo.

— Ele veio! Seu chefe veio! Desça antes que sua avó o veja ou ela irá tomá-lo de você.

Olho pela janela o carro do meu chefe e desço imediatamente, e só entendo a merda que fiz ao abrir a porta e dar de cara com ele. Seus olhos passeiam por todo meu corpo e ele ri do meu pijama neon. Ou do meu cabelo de quem passou o dia na cama. Ou do conjunto da obra bagunçada que sou agora.

— Podemos conversar em particular? — pergunta tentando esconder o

sorriso.

— Aqui dentro é impossível. Vamos para a rua.

Sentamos na calçada em frente ao meu portão e apesar do sorrisinho divertido em seu rosto me irritando, não consigo olhar em seus olhos. Tenho medo do que veio me dizer. Medo de que Melissa tenha feito algo, que seu pai tenha conseguido o que queria indo atrás do tio dele. Mas quando ele finalmente fala, após alguns segundos observando meu cabelo desganhado, não é nada do que eu poderia imaginar.

— Nunca trabalhei tão em paz como hoje. Ninguém discutiu minhas ordens, nem me questionou, nem reclamou da quantidade de serviço que passei — comenta sorrindo com uma tranquilidade irritante na voz.

— Você deve estar feliz por voltar à sua normalidade.

— Poderia estar, mas acho melhor dizer que na verdade senti falta de ter uma funcionária desequilibrada por perto.

Desequilibrada?

Olho sem seus olhos divertidos e quero mesmo esmurrá-los. Prometi a mim mesma que manteria a calma, já que fiz coisas que o prejudicaram, mas quem ele pensa que é para vir atrás de mim me chamar de doida?

— Desequilibrada é sua alma, seu babaca!

Ele sorri, e continua:

— Ninguém reclamou dos trabalhos fáceis que passei, você sabe, aqueles que não quero fazer. Que você demorava uma eternidade e reclamava por horas para fazer.

— Fáceis? São projetos, precisam ser pensados, calculados, inspirados. E se ninguém reclamou é porque são um bando de idiotas como você! Você é um folgado que recebe pelo esforço dos outros! Porque os projetos que fiz pra você não vi um centavo deles. Você embolsou tudo. Devia ter vergonha na cara!

Estou gritando como uma louca, e seu sorriso só faz aumentar. De repente, ele me puxa para seu peito, seus braços me rodeiam e sua voz soa perto demais do meu ouvido.

— Senti sua falta, Ayla.

Não sei o que responder a isso. Começo a me acalmar cercada por seus braços, o rosto colado em sua blusa e fico aqui enquanto penso em algo para responder.

— O prefeito foi pessoalmente à empresa hoje. Ele queria conhecê-la. Aprovou o seu projeto.

Afasto-me com um sorriso que chega aos olhos.

— Ele aprovou? Mesmo sabendo que não era seu?

— Seu trabalho foi excelente, por que ele não aprovaria?

— Não acredito!

Pulo sobre ele que me pega em seus braços de novo, mas rapidamente me afasto por medo da minha avó abrir a porta a qualquer momento e aí sim eu voltaria a ser a desavergonhada.

— Marquei com ele um almoço na semana que vem. Prometi que você estará lá.

— Eu? Mas eu não...

— Você vai voltar à empresa, meu bem — diz calmamente segurando minha mão e brincando com meus dedos.

— Não é uma boa ideia.

— Vai ter que voltar, eu não consigo trabalhar com essa paz que fica quando você não está — provoca.

Tiro minha mão das suas e me levanto, porque de repente parece difícil respirar sentada.

— Não posso, Eros. Não vou mais prejudicá-lo.

Ele se levanta também. Parece tão calmo enquanto estou ficando tão nervosa!

— Vou pagar seus estudos, Ayla. Já está tudo acertado com uma faculdade particular, falta muito pouco, você vai se formar em breve.

— Como assim pagar meus estudos? Por que você faria isso? Você não vai fazer isso!

— Acalme-se — pede depositando as mãos em meus ombros. — A empresa faz isso para muitos funcionários. Uma ajuda na formação. Você vai pagar por isso com esses projetos que disse que estou embolsando — há um sorriso em seu rosto ao final da frase e me pego rindo também.

— Você passa de chefe insuportável para meu herói em segundos, então?

— Sempre fui seu herói, você que não reconhece isso. — Seus olhos negros demais pousam nos meus e me perco neles, sua voz é tão doce que o sorriso em meu rosto não quer se desfazer. — Volte. Não jogue seu futuro fora desse jeito. Você não precisa sair. Eu preciso de você lá. Venha trabalhar amanhã.

— Eros, o que eu sinto por você...

— Não tem nada a ver com isso. Não estou aqui pelo que sente, na verdade

se eu fosse me guiar por isso a deixaria ir. Estou aqui porque você é uma ótima profissional e muito talentosa. Estou aqui pelo seu trabalho, pequena.

— Eu vou mesmo voltar a estudar? — O universo jamais me sorriria assim, de forma que estou esperando a pegadinha.

— Acho que eu mereço um abraço por isso, certo? — pergunta estendendo os braços com um sorriso tão lindo no rosto, que não posso resistir.

— Merece todos os abraços.

Passo os braços por sua cintura e seus braços fortes me cercam. Ele beija meu cabelo desgrenhado, lembrando-me de onde estou e preciso me afastar. Quando solto meus braços de seu corpo ele me prende a ele, puxando-me de volta, seus braços descem pelos meus e param em minha cintura, ele me prende ali. Como se estivesse me segurando, como se soubesse que estou prestes a cair. Então seus lábios passeiam por meu pescoço, sua barba arranhando minha pele até alcançar minha boca, me tocam ali com gentileza, mas ela dura apenas um segundo, e logo seus lábios pressionam os meus com força. Dessa vez ele me beija de verdade, seus lábios dominando completamente os meus.

Não tenho qualquer força nas pernas, mas seus braços me sustentam, mantendo-me de pé. Quando o ritmo de seu beijo diminui, seguro em seus braços para não cair. Ele beija meu rosto antes de afundar o seu em meu pescoço. Sua voz soa rouca em meu ouvido:

— Você sabe por que não permito assistentes atrevidas trabalhando comigo, Ayla?

Fico confusa por alguns segundos, a respiração normalizando, o coração voltando ao seu ritmo normal. Demoro um pouco a entender o que perguntou e respondê-lo.

— Porque você é mandão e arrogante.

Ele ri, seu sorriso tão próximo ao meu ouvido que sinto cada terminação nervosa do meu corpo ganhar vida.

— Não, porque esse é exatamente o tipo de mulher que me deixa louco. Você me deixa louco. Então eu quero beijá-la, provocá-la, sempre dou um jeito de mantê-la por perto, de manter minhas mãos em você, porque você é minha fraqueza!

Afasto-me dele imediatamente e ele permite. Seus olhos negros fixos nos meus, há tanto calor neles que me sinto derreter. Abro a boca para responder algo, mas não sei o que dizer. Não sei o que pensar. Ele parece notar minha confusão, enfia as mãos nos bolsos da calça social e diz meio sem graça, olhando meu rosto como se esperasse uma reprimenda:

— E você é muito mais linda do que deveria, isso complica muito as coisas.

Meu ar começa a falhar, meu coração salta como quando ele me beijou, e preciso sair de perto dele porque não sou capaz de controlar o que sinto agora. Dou um passo para trás e ele me segura. Seu corpo grande aproximando-se do meu, seus olhos me prendendo completamente indefesa bem aqui. E mesmo quando ele me solta para brincar com meu cabelo, não consigo me afastar, não posso me livrar de seu magnetismo.

— Quero que volte a trabalhar comigo, você tem talento, tem um futuro brilhante pela frente e quero muito ajudá-la com isso, não pelo que sente por mim, mas porque você merece.

Sorrio. Seus olhos descem para minha boca e sua mão que brincava em meu cabelo acaricia meu rosto de leve.

— Mas não posso fazer isso se for para feri-la. Vou ser sincero com você, Ayla, como você foi comigo. Eu a desejo, muito, mas não quero feri-la de maneira nenhuma. Controlo esse desejo o máximo que posso, mas você sabe que não é quase nada.

Preciso me lembrar de ficar em pé sobre minhas pernas porque ele não está me segurando agora. Preciso me lembrar de respirar porque meu cérebro parece prestes a desligar. Seu olhar negro na minha boca me desconcentra e sua voz soa perigosamente baixa:

— Eu quero beijar você agora, quero beijá-la cada vez que a vejo, mas isso não é amor. Eu não sou capaz de amar, Ayla, não assim. Nunca serei. E lamento que não possa apenas tirar esse amor de você, porque eu faria isso se pudesse. Então quero que seja minha assistente, que invista em seu futuro por você, não por mim. Quero que seja séria e centrada. Se quiser ser você, ser tão atrevida e insolente, seja, mas então não poderei responder por mim, você entende? Entramos em um ciclo onde você me provoca e eu caio. Mas você se fere com isso e eu não quero machucá-la.

Entendo o que está dizendo, embora espere a todo momento a pegadinha do universo. Ele me quer, me deseja de tal maneira, que não consegue controlar. Mas não quer ferir esses sentimentos que acha que tenho envolvendo-me nesse jogo de sedução, porque nunca vai me amar de volta. Ele está me alertando que se eu for eu mesma com ele, ele vai me tocar, vai me beijar e que não devo esperar nada em troca mesmo assim. E se eu fosse mesmo apaixonada por ele, enlouqueceria com sua sinceridade e esse magnetismo que me prende a ele.

Ainda bem que é uma mentira. Ainda bem que não corro o risco de esperar mais dele quando me olha do jeito que está olhando agora. Porque ele me deixa

sem chão. Me deixa sem ar, sem qualquer raciocínio. Me deixa completamente sem defesas.

— Você acha que pode trabalhar comigo assim? Que pode aceitar o que tenho a oferecer sem esperar nada em troca?

Isso era tudo o que eu queria ouvir dele. Talvez assim ele tire essa culpa estranha por meus falsos sentimentos e realmente me ajude em minha carreira.

— Sim, eu posso fazer isso — respondo tentando conter o sorriso de alívio que me toma. — E agradeço sua sinceridade e sua ajuda.

Ele se afasta e a expressão em seu rosto é de confusão.

— Você pode fazer isso? — pergunta novamente.

— Sim, eu disse que posso. — Será que estou sendo fria demais para uma mulher apaixonada? Afinal de contas, se eu o amasse acho que o acertaria com um belo tapa agora, para então beijá-lo. Bem, não tentarei agir como a mulher apaixonada que acha que sou, tentarei ser mais sincera com ele de agora em diante. — Vou ser boazinha, de forma que você não vai se sentir tentado pelo meu atrevimento. Então, boa noite, senhor Eros e até amanhã.

Viro-me em direção ao portão, mas sua voz me faz parar e olhá-lo de novo.

— Você está dizendo que pode resistir a mim? Que vai controlar seus impulsos para que eu não a deseje? Tem certeza, Ayla? Você quer que eu não a deseje?

Ele parece mais do que confuso, parece decepcionado. O homem que veio à minha porta acreditando que o amo e me disse que apenas me deseja, que não devo esperar qualquer sentimento de volta, está agora ofendido porque aceitei sua decisão. Não consigo controlar o sorriso em meu rosto.

— Está decepcionado, chefe? — pergunto apenas para provocá-lo, devo ser boazinha a partir de amanhã. — Acho que quem não consegue resistir a mim é você. Não importa se estou sendo sua boneca, ou insolente, você não pode resistir. Eu vou voltar ao trabalho como sua boneca, fria e profissional. Se você me beijar assim mesmo, a responsabilidade é toda sua. Então você não poderá aparecer na minha porta e dizer que eu não espere nada de você.

Ele está tão surpreso que um sorriso lhe escapa, e seus olhos voltam à minha boca.

— Entre antes que eu a beije de novo — ameaça.

Meus olhos seguem na direção de sua boca, daquela barba que há pouco arranhou minha pele, pensando se seria uma boa ideia entrar correndo, ou permanecer aqui, esperando por ele. Mas quando ele dá um passo em minha

direção, passo pelo portão e o fecho.

E passo a noite acordada ansiosa pela manhã seguinte. Decido ser tão obediente e calma que qualquer desejo que ele tenha por mim vai morrer. Então me lembro de seu beijo, os braços à minha volta, sua voz rouca no meu ouvido e por um segundo questiono minha certeza. Será que serei?

E o dia demora a nascer.

Capítulo 16

— Você só precisa de foco. Foco, Ayla. Você consegue. Foco! — repito a mim mesma tão logo cruzo as portas da empresa, pois preciso ser a funcionária sem sangue nas veias que ele espera que eu seja.

E se o conheço um pouco desde que começamos a conviver diariamente, ele vai me provocar até arrancar de mim a desculpa perfeita para ser um cafajeste e a culpa por isso ser minha.

Enquanto preparo seu café, fazendo um novo apesar de ter café novo na copa, procuro por Tim, mas vejo apenas Louisa com sua cara de poucos amigos observando tudo o que faço para relatar a Melissa depois. Quando ele me contou sobre a chantagem de Melissa e o resultado desastroso do tempo que ela passou na sala de Eros, fiquei tão em choque que sequer pedi desculpas a ele. E bem, ele também foi atingido pelos meus erros. Nos últimos dias ele estava demonstrando uma atenção comigo que jamais havia demonstrado, e apesar disso, me sentia distante dele como jamais havia me sentido. Acho que por causa dessa mentirinha boba e tudo o que ela engloba. Ele pode ser gentil, como sempre, e me estender os maiores sorrisos, mas pensa que amo seu irmão, de forma que não tenho mesmo qualquer chance com ele.

Não que tivesse antes, de toda forma. Ao menos a dor de olhar em seus olhos e saber que é inalcançável para mim parece estar passando. Estou me conformando mais e questionando menos o universo, afinal, de um jeito torto ele tem me sorrido constantemente. Claro que ainda espero o momento exato em que tudo de bom que tenho vivido vai virar contra mim em um tombo histórico, mas enquanto esse dia não chega, estou tratando de fazer as pazes com meu novo amigo, o universo.

Quando Eros chega, para por alguns segundos e me observa em minha mesa exibindo um sorriso no rosto, e controlo meus impulsos de estender um dedo para ele por ficar me olhando assim. Principalmente porque algumas pessoas próximas a nós reparam na maneira como se demora com os olhos em minha direção.

Assim que ele entra, entro em seguida e repasso sua agenda do dia, fazendo as alterações que ele pede enquanto toma o café e elogia por ser novo.

— Finalmente pôde tirar cinco minutos do seu dia para fazer um café novo para mim — provoca

— Nunca é tarde para agradar o chefe — é tudo o que digo e seu sorriso quase me faz rir de volta.

— Tenho ideias diferentes sobre o que você poderia fazer para me agradar — diz com a voz mais baixa, os olhos fixos em meu rosto e um sorriso imenso ao vê-lo mudar de cor com sua ousadia.

— O senhor pode fazer uma lista de tudo o que deseja, irei compartilhá-la com todos os funcionários para que seus dias sejam repletos de agrados.

Ele ri alto, levanta-se e se aproxima como uma fera cercando sua presa.

— Notei algo de insolência em sua voz, senhorita? Talvez um pouco de ironia.

Olho em seus olhos divertidos e mantenho minha expressão séria e profissional.

— Sinto muito se dei essa impressão, senhor, mas garanto que não havia nada em minha frase além de boa vontade.

— Você é cheia de boa vontade, então?

— Sou feita dela.

Ele sorri. Volta à sua mesa e pega mais um daqueles projetos pequenos que não quer fazer estendendo-o a mim.

— Quero ao menos um esboço disso pronto hoje — ordena.

Abro a boca para dar a resposta que ele merece por me mandar fazer seus projetos, mas é exatamente o que ele espera que eu faça. Seus olhos estão fixos em mim, à procura de um motivo. Então sorri e puxo o papel de sua mão sem dizer uma palavra. Com essa brincadeira ele consegue que eu faça seu trabalho sem reclamar. Quase posso sentir minha alma chorar por isso.

A porta de sua sala abre e Tim aparece. Olha para mim como se eu fosse um fantasma, e demora um tempo a responder quando o cumprimento. Percebo o olhar que lança a Eros, como que cobrando uma explicação, mas Eros dá de

ombros e manda que eu saia de sua sala.

Imediatamente, recosto-me à porta para ouvir o que estão falando sobre mim, mas a voz de Louisa quase me faz gritar revelando minha espionagem.

— Uma assistente não deve ouvir escondido os assuntos do chefe, querida! — repreende.

— Para me ajudar não aparece uma alma, mas para criticar há uma fila — resmungo e sua careta só faz aumentar. Mas ela se prostra perto demais conversando com algumas pessoas e não posso ouvir o que estão dizendo.

Quando Tim sai da sala, sequer olha na minha direção e parece extremamente irritado. Sinto que isso tem a ver com a minha volta à empresa, e mais do que confusão por sua reação a isso, sinto a decepção pela maneira como está agindo.

Ao final do expediente consegui segurar meus impulsos por treze vezes contadas durante o dia e sobrevivi. Ao menos meu chefe babaca não ficou me chamando à sua sala a cada dez minutos ou eu acabaria saindo do personagem e então ele me beijaria. Me pego sorrindo em frente ao espelho do banheiro com essa hipótese, e ao me dar conta do que estou fazendo, trato de guardar esse sorriso idiota e manter a pose de assistente boneca como ele gosta.

Vovó liga pela terceira vez para falar a mesma coisa:

— Ayla, não se esqueça da peça das meninas. Ulisses vai chegar atrasado, você tem que estar lá comigo quando começar ou elas se chateiam.

— Tudo bem, vovó, mas não sei se chegarei a tempo, estou do outro lado da cidade.

— Eu já falei com o Igor, ele está no centro e vai pegá-la daqui a pouco. Vocês vêm juntos.

— Tudo bem — concordo.

— Você pode aproveitar e conversar um pouco com ele, ouvi dizer que é solteiro. Quem sabe assim você esquece aquele riquinho que nunca vai olhar para você?

Reviro os olhos ao me imaginar tendo um romance com o professor das minhas irmãs. Não mesmo!

— Pode deixar, vovó. Prometo chegar à escola com um anel de compromisso no dedo e os nomes dos filhos que teremos... — ela desliga a ligação na minha cara e confirmo de quem herdei o gênio que ela tanto critica.

Igor me envia uma mensagem dizendo que está me aguardando no estacionamento, e confirmo com a loja de roupas que o terno de Eros já está passado esperando por ele em sua casa para o casamento de Nico, antes de ir embora. Acabamos descendo juntos no elevador e pelo espelho, vejo seus olhos fixos em mim, então finjo ter os meus fixos no telefone. Quando chegamos ao estacionamento, ele barra minha saída em mais uma tentativa de me tirar da personagem.

— Te incomoda que eu olhe para você desse jeito, meu bem?

— Claro que não, senhor! O senhor montou este guarda-roupa que uso, no mínimo pode olhá-lo à vontade.

Seu sorriso está ali e consigo esconder o meu.

— E esse tom irônico nada mais é do que boa vontade — provoca.

— Toda essa ironia está apenas na sua cabeça, senhor. Me comporte como um verdadeiro anjo.

Seus olhos negros tornam-se de alguma forma ainda mais escuros.

— Saia deste elevador, Ayla.

Ele tira o braço e passo depressa por ele. Avisto o carro vermelho de Igor e ele vem em minha direção. Eros para ao meu lado e pergunta:

— Você precisa de uma carona?

— Não, obrigada. Já tenho uma.

Igor para o carro e me despeço do chefe com um sorriso cordial antes de entrar no carro do professor das minhas irmãs. E assim que nos afastamos de Eros, peço licença a ele e grito por cinco minutos todos os xingamentos que segurei durante todo o dia.

Meu telefone toca a primeira vez quando estamos chegando à escola.

— Ayla, onde está meu terno? — Eros pergunta irritado.

— No seu armário. O deixaram aí.

— Aqui onde? Este lugar é enorme! Venha até aqui agora mesmo e o encontre para mim!

— Isso não é possível. Com certeza está pendurado, separado das suas outras roupas, senhor.

— Não, não está! Venha até aqui.

Respiro fundo e calculo se posso ser eu mesma ou se ele vai vingar-se disso na segunda.

— Façamos assim, faça uma vídeochamada e me mostre todo o seu closet, eu te mostro onde está o terno.

— Não é necessário — diz e desliga a ligação.

Toca a segunda vez quando localizo vovó e me sento ao seu lado, enquanto seus olhos vasculham meus dedos em busca do anel que prometi a ela.

— Pois não, senhor. Ainda não encontrou o terno?

— Sim, Ayla, já o encontrei. Onde estão os meus sapatos?

Até tento respirar fundo, mas me pergunto quando me tornei a guia de closet de um riquinho imbecil e me irrita.

— Com certeza não estão no meu pé, o que você quer?

Há o silêncio e após alguns segundos, sua voz soa baixa.

— Hoje é o casamento do Nico, e ele a convidou. Você deveria me acompanhar.

— Não estou disponível esta noite.

— E o que você pode estar fazendo de mais importante do que isso?

— Nada que seja da sua conta. Quer fazer uma vídeochamada para achar o sapato ou acha que é capaz sozinho?

Mais uma vez, ele desliga o telefone na minha cara. Então desligo o celular para não haver mais interrupções, porque Deus sabe o tamanho de seu closet e quantas coisas mais ele vai perder dentro dele apenas para me irritar.

O tempo vai passando e nada da peça que minhas pequenas tem ensaiado como atrizes profissionais de seis anos nas últimas semanas começar. Vovó reclama tanto do calor, o barulho e a demora, que dou a desculpa de ir averiguar o que aconteceu apenas para livrar-me dela. Encontro minhas pequenas aborrecidas em um canto e Igor me diz que uma das professoras faltou, ela seria a fada madrinha na peça e eles não têm como fazer sem ela. É aí que Liah, como sempre, abre a boca para acabar comigo.

— A Ayla não pode ser a fada?

Todo mundo se anima e embora eu diga um sonoro não, são dúzias de olhinhos esperançosos e suplicantes voltados a mim e acabo concordando mesmo não sabendo as falas. Vinte minutos depois, estou usando um vestido apertado demais de uma debutante, com uma varinha na mão pagando mico em cima do palco porque não sei as falas.

Algumas vezes durante a apresentação, vejo Ulisses, que finalmente chegou, me estendendo o celular, mas não sei o que quer. Quase no final da peça há uma mudança drástica de personagens e convenço Maya a ser a fada já que

sabe todas as falas e estava me ajudando com isso, então posso descer do palco para tirar o vestido que aperta meus seios e me deixa parecendo uma adolescente atrasada.

Porém, antes que consiga chegar ao banheiro para recuperar minhas roupas, uma mão segura meu braço e Ulisses enfia seu celular no meu rosto. Ouço a voz de Eros imediatamente.

— Você desligou o seu celular? Preciso de você agora!

— O que é que você não pode achar agora? Por acaso sou sua guia de closet?

— Me encontre agora mesmo na praça perto da escola onde está! — ordena e lanço a Ulisses um olhar irritado por ser tão fofoqueiro.

— Não! Meu horário de trabalho já encerrou. Você se vira com o que não pode achar. Vá para a festa pelado, estou pouco me lixando!

Afasto-me e ouço Ulisses pedindo desculpas a ele enquanto me segura mais uma vez. Encerra a ligação e ralha comigo.

— O que acontece com você, Ayla? O homem te deu um emprego, conseguiu o mesmo para mim, foi atrás de você para que não fosse prejudicada quando pediu demissão e você não pode ajudá-lo em um dia tão importante? O que te custa? Ele faz tanto por você.

— Está bem, Ulisses, pode parar o discurso, você me convenceu no emprego que ele deu a você. Tudo bem, vou encontrar esse babaca e ver o que ele quer.

Ando a passos largos, ainda vestida de fada até o folgado do meu chefe, o avisto na praça, sentado em uma fonte e preparo meu psicológico para agir como sua boneca diante dele, quando o universo apronta das suas, sem qualquer aviso prévio, e acaba com o que resta da minha vergonha. A praça conhecida por suas fontes e saídas de água está quase vazia e com seu show de águas desligado a essa hora, ao menos assim eu acreditava. Mas, quando passo pelo centro dela, as luzes no chão se acendem e os regadores ativam, o show de águas começa bem em cima de mim. Fico parada, de olhos fechados, quase morrendo afogada de pé no meio da praça, pela quantidade de água em meu rosto. Quando finalmente o show acaba, ouço a risada alta do meu chefe.

Ele se aproxima e tenta falar algo, mas ri tanto que não consegue. Mal me pergunta se estou bem, e nem perco meu tempo tentando responder, porque como eu poderia estar bem, vestida de debutante e encharcada? Passo por ele irritada e ele me segue, sua risada entrando em minha cabeça e me levando a um nível inédito de irritação. De repente, parece demais pra eu suportar, me viro

para ele e o empurro.

— Para de rir, seu babaca!

Ele se desequilibra com meu ataque repentino e cai na fonte. A mesma em que estava sentado quando cheguei. Molhando seu terno perfeitamente passado e alinhado, seu cabelo que hoje especialmente tinha gel e meu cargo de sua assistente, porque agora sim serei demitida.

Estou tão em choque que sequer me vingo de sua crise de riso enquanto ele sai pingando da fonte sob gritos do guarda local de que a fonte não é feita para nadar. Seus olhos sequer pousam em mim e temo o que vai fazer quando pousarem.

Ele xinga baixinho, tira o terno ensopado e olha para mim. Avalia meu visual adolescente dramático com uma careta e sem dizer nada, pega minha mão e me arrasta.

— Onde você está me levando?

— Não quero ouvir sua voz agora, Ayla, não me provoque!

Ele me arrasta até seu carro e tira a roupa, ficando apenas com a calça molhada. Então, me gira diante dele e abre o vestido atrás. Dou um pulo para trás assustada.

— O que está fazendo?

— Tire essa roupa, você vai pegar um resfriado.

— Não vou tirar a roupa na rua, você ficou louco?

Ele me estende um terno seco que pegou do carro e uma camisa.

— Você vai colocar isso, vai cobri-la inteira. Irei tirá-la daqui, apenas tire esse vestido molhado e se seque com essa camisa.

Pego a camisa que está me estendendo e seco meus braços e ombros com ela, então visto seu terno enquanto ele se vira de costas e tiro o vestido com o terno já fechado. Ele pega o vestido encharcado e joga no porta-malas junto com sua roupa molhada, seus olhos irritados pousam em mim e rapidamente se acalmam. Um sorriso surge em seu rosto enquanto abre a porta do carona para que eu entre.

— Como você vai fazer para ir ao casamento? — pergunto temerosa sentindo-me de repente culpada.

— Eu dou um jeito, entre — responde de má vontade, apesar do sorriso idiota no rosto.

Entro com todo cuidado porque seus olhos atentos estão sobre cada movimento meu e posso ouvir sua risada enquanto dá a volta no carro, usando

apenas a calça social molhada, e aquele corpo esculpido por deuses completamente à vista. Mas minha mente se distrai de sua beleza assim que percebo que o caminho que está fazendo não leva à minha casa. Quero perguntar onde estamos indo, mas ainda estou com medo de falar qualquer coisa que possa irritá-lo e isso acabar em minha demissão, então fico calada e deixo que ele me leve onde quiser levar.

Paramos em frente a uma loja de aluguel de roupas e ele desce sem me falar nada. Permaneço quieta dentro do carro, e quando percebe, volta para trás e abre a porta.

— Desça, Ayla, não me irrite.

— Não estou vestida para descer em público.

— Você não está mais nua do que eu, agora desça!

— Homens têm mais liberdade quanto a isso. E mesmo assim você não poderia sair do carro como estou vestida agora, estou usando apenas um terno.

— Ele cobre boa parte das suas coxas, e toda sua traseira se é com isso que está preocupada.

— Você reparou nisso? — pergunto irritada e ele sorri.

— Sim! Apenas por você, é claro!

— É claro! Não vou descer.

— Desça ou eu irei tirá-la daí à força.

Irritada, desço do carro tentando esconder minhas pernas, e impaciente, meu chefe babaca pega minha mão arrastando-me até a loja. Porém, antes que possamos entrar, acontece de novo. Um flash, outro e mais um. Eros me lança um olhar cansado e corremos até a loja onde o fotógrafo do dia não pode entrar. E já começo a imaginar o quanto vou ouvir quando as fotos saírem no dia seguinte, nós dois de mãos dadas e seminus. Vai ser uma tormenta daquelas!

— Quero ver você explicar isso a minha avó agora — desafio desanimada e ele sorri.

— Não se preocupe, eu farei.

Ele pede às atendedoras que nos consigam roupas para um casamento, e em minutos estou seca usando um vestido longo azul, marcado no busto e com o colo e as mangas de uma renda bordada de pequenas flores. O vestido é tão lindo que fico mais do que alguns minutos observando-o. Coloco o salto não muito alto, mas tenho certeza de que virarei o pé em algum momento e tenho que deixar o cabelo solto, já que não daria tempo de fazer um penteado. Mas encontro um prendedor azul e o coloco em um lado, tirando o cabelo do meu

rosto.

Eros já me aguarda com um terno muito parecido ao que usava quando o joguei na água, levanta-se ao me ver e pega minha mão com um sorriso de admiração no rosto.

— Você é tão linda, nem parece alguém capaz de empurrar uma pessoa em uma fonte de água fria.

— Isso é só quando a pessoa me irrita — defendo-me.

Ele paga pelas roupas e me leva pela mão até seu carro, mesmo sabendo do risco de sermos fotografados de novo. Abre a porta para mim e espera que eu entre para fechá-la. Entra no carro e antes de arrancar com ele, me olha mais uma vez e ouço-o resmungar baixo que eu não devia ser tão bonita. Sinto meu coração acelerar e meu estômago arder levemente pela maneira como me olha e seus elogios. E preciso parar essa minha confusão abdominal incompreendida o mais rápido possível.

— Então, — puxo assunto para desviar meus pensamentos do fato de que ele realmente me acha bonita — estou indo ao casamento do seu amigo mesmo tendo dito que não queria ir.

— É por isso que você é a empregada, você faz o que mando e não o que quer. — O carro para em um sinal e ele se aproxima de mim rapidamente, seu rosto a centímetros do meu, esses olhos negros cravados em mim. — Algum problema com isso, senhorita?

— De maneira nenhuma, senhor. Estou aqui para servi-lo.

Ele volta ao seu lugar rindo quando as buzinas impacientes começam a soar.

— Você é mais forte do que eu pensava, Ayla — comenta e me sinto uma guerreira vitoriosa em nossa pequena guerra.

Enquanto procura uma vaga na rua lotada de carros de Nico, Eros pergunta como quem não quer nada:

— Então você é atriz de teatro nas suas horas vagas?

— Não, isso foi apenas um incidente.

— E o homem que buscou você hoje, quem é?

— Você vai tomar conta da minha vida pessoal agora?

Ele se vira tão rápido em seu banco que minhas mãos seguram seus ombros rapidamente, impedindo-o de aproximar-se demais de mim.

— Você está sendo insolente, Ayla?

— Não, senhor. Apenas curiosa — respondo com a respiração falhando.

— Quem é o homem que a buscou? Ele a levou à escola?

— Não consigo pensar em uma maneira formal de dizer que isso não é da sua conta — arrisco e ele sorri, beijando minha mão cravada em seu ombro.

— Então não diga, responda minha pergunta — sua voz é tão baixa e seus olhos estão focados nos meus, me pego respondendo sem ao menos me dar conta.

— O professor das minhas irmãs. Ele me levou à escola.

— E você tem algum envolvimento amoroso com ele?

Nego não conseguindo desviar meus olhos dos seus.

— Mas pode vir a ter?

Então entendo sua preocupação e aquele magnetismo se quebra. Empurro seu corpo e tiro o cinto de segurança.

— Claro, assim eu me apaixono por ele e esqueço você, certo? Não se preocupe, vou achar alguém o mais rápido possível para ficar com o seu posto.

Desço do carro e ele termina de estacionar e me segue. Consegue me alcançar quando chego ao portão de entrada. Dá nossos nomes ao segurança e segura meu braço, guiando-me a uma garagem na frente da casa.

— Eu não quis dizer isso, sinto muito. Você não tem que transferir o que sente para ninguém, precisa apenas parar de sentir.

— Eu já entendi isso! — confirmo sentida, pois mesmo que meu amor seja falso, me dói que ele o rejeite assim. E se fosse verdadeiro? O quanto eu sofreria?

— Então não me olha desse jeito magoado ou vou me ajoelhar aos seus pés agora e te pedir em casamento.

Seus olhos negros estão em chamas buscando os meus. Não consigo segurar o sorriso, e sua expressão tensa se suaviza um pouco. Como ele pode ser tão irritante e tão fofo? Quem faria um pedido de casamento a uma pessoa apenas para fazer a vontade dela? Para não magoá-la. Quando me dou conta, estou com os braços em sua cintura e imediatamente ele me prende em um abraço.

— Por que você é tão bom? Não precisa me fazer qualquer proposta e nem tentar remediar o que disse. Você está certo. E eu sinto muito por tê-lo jogado na água. Eu fiquei irritada e agi como uma criança. Acho que aquele vestido de adolescente mexeu com meu cérebro.

Sinto-o sorrir em meu cabelo e seu abraço fica mais forte enquanto responde.

— Você estava absolutamente linda naquele vestido, aliás. Mas está ainda

mais linda neste. Você é linda. Enfim, não precisa se desculpar, eu deveria ter ido ajudá-la ao invés de rir de você. Só que foi uma cena muito engraçada, eu jamais pensei que presenciaria algo assim.

— Ah, cale essa boca!

Afasto-me dele e seguro seu braço enquanto entramos na festa. O lugar é lindo, a iluminação o torna mágico, a música baixinha e serena, as pessoas tão felizes! Cumprimentamos Nico que agradece por eu ter vindo, e Eros me guia direto até a pista de dança. Então ele faz aquilo de novo, seus olhos negros pousam nos meus e um sorriso indecifrável toma seu rosto. Suas mãos acariciam minha cintura enquanto nos movemos e quero olhar em volta, ver as pessoas, os vestidos, o lugar, mas não consigo desviar meus olhos dos seus. Eu poderia me perder neles. Eros é tão bonito! Alto, forte, o cabelo escuro e a barba. E esses olhos negros perigosos. E então é ainda mais bonito por dentro. Ele deve ser a melhor pessoa que conheço. Com certeza é a mais fofa e paciente, a mais atenciosa e gentil.

Ele me puxa para mais perto de seu corpo e quero deitar minha cabeça em seu ombro, mas quando meu rosto toca o seu, uma mão gelada pousa em meu ombro e a voz de Tim me tira desse transe estranho.

— A Melissa está aqui, cara.

Mal ele termina a frase, Melissa surge e gruda em Eros, lançando-me um olhar quase assassino.

— Você não me convidou para a festa, querido — repreende.

— Porque a festa não é minha, e o anfitrião não a queria aqui. O que está fazendo aqui? — Eros responde claramente impaciente.

— Vi nos jornais sobre o casamento e tinha certeza que você não o perderia por nada. Já que esqueceu de me chamar, eu vim por mim mesma. Mas vejo que você já tem uma acompanhante.

Antes que Eros ou eu digamos alguma coisa, Tim passa o braço por meu corpo puxando-me para junto dele e responde Melissa.

— Na verdade, Ayla está comigo. Eu a trouxe esta noite, Melissa.

Não presto atenção à sua resposta ou reação porque meus olhos buscam os de Eros. A mesma decepção que estou sentindo por nossa dança ter sido interrompida, vejo refletida em seus olhos. Porém, quando Tim gira meu corpo em direção ao seu e fala baixinho no meu ouvido, minha atenção toda se volta a ele.

— Você vai ter que passar o resto da noite comigo, querida.

— Sinto muito que tenha que passar por isso.

— Não é nenhum sacrifício, por que você pensa isso? — pergunta confuso.

— Você não ficou feliz por eu ter voltado à empresa e eu o entendo. Prejudiquei vocês. Eu posso ir embora, você não precisa ficar comigo.

Certifico-me que Melissa não está olhando, a vejo sentada em uma mesa com Eros, mas os olhos dele estão em minha direção. Então me viro para ir embora, mas Tim impede. Segura minha mão e me leva de volta para junto de seu corpo, movendo-nos ao ritmo da música que toca.

— Na verdade, você entendeu tudo errado, Ayla. Eu estava ansioso para vê-la de novo. Sempre quero ficar perto de você. Principalmente quando você está tão deslumbrante nesse vestido azul. Você é de longe a mulher mais linda dessa festa.

Tropeço em meus próprios pés e um sorriso me escapa. Minha mente tão confusa que não consigo definir no que estou pensando agora. Deixo que ele me guie ao ritmo da música e espero o momento em que poderei me beliscar para ter certeza de que isso não é um sonho.

Capítulo 17

Eros

Já é a terceira música que dançam juntos e em nenhum momento o olhar dela desviou em minha direção. Ou em qualquer outra direção que não os olhos de Tim. E só espero que ele não esteja fazendo o que acho que está, que não esteja aproximando-se dela apenas para tirá-la de perto de mim. Porque não quero vê-la sofrer mais do que já sofre. Ela não precisa de mais uma história de amor fadada ao fracasso.

— Acho que fui bem claro sobre a presença da sua namorada chantagista hoje, meu amigo — Nico reclama sentando-se ao meu lado.

— Com certeza eu não a convidei. Só não entendo como a deixaram passar. Vá reclamar com seus seguranças, não comigo.

— A culpa daquela energia ruim estar desfilando pelo meu dia de luz é sua.

Melissa continua sua conversa com algumas mulheres não muito distante de onde estamos. E eu deveria ir embora para tirá-la daqui, mas não posso deixar Ayla nas mãos de Tim.

— O que você tanto olha? — Os olhos de Nico encontram o foco da minha atenção e um sorriso surge em seu rosto enquanto dá soquinhos animados em meu braço. — Eu sabia! Essa sua assistente é uma tentação e tanto! Você caiu direitinho na dela! E seu irmão também. Isso vai ser mais divertido do que eu havia imaginado.

— Não é nada do que você está pensando. Ayla está apaixonada por mim e Tim quer fazê-la apaixonar-se por ele para que eu não entre em um relacionamento por culpa.

Ele parece confuso, mas não demora para entender do que se trata a minha

culpa.

— Isso tem a ver com seus pais, certo? Bem, talvez ele esteja certo. Se a garota cair na conversa dele, então não o ama realmente, não é?

— Eu não sei, Nico.

Finalmente eles param para descansar e Ayla afasta-se de Tim. Imediatamente vou até ele e o levo até um canto mais afastado.

— O que você está fazendo, irmão?

— O necessário — responde convicto.

— Tim, nós combinamos que você não se aproximaria...

— Nós combinamos que você a deixaria ir! Mas você não foi capaz disso, irmão. Quando essa história absurda com a Melissa começou eu não fiz nada! Deveria tê-lo protegido das garras dela, mas não fiz. Pensei que você pudesse se divertir, que sairia disso quando quisesse e veja onde isso está agora.

— Ayla não tem nada a ver com isso. Você não precisa machucá-la. Eu conversei com ela, fui bem claro sobre os sentimentos que nunca terei por ela, ela está ciente disso. Ela não representa o risco que você pensa.

Ele sorri, um sorriso incrédulo e olha fixo em uma direção, Ayla está vindo. Sorri para algumas pessoas e é tão bonita que se distingue com facilidade das pessoas presentes aqui. Como se houvesse uma luz à sua volta.

— Então por que ela está aqui com você? Por que vocês dançavam como se o resto das pessoas aqui não existisse? Você pode dizer o que quiser, está cego, Eros. Eu vejo melhor do que você agora, e vejo que você está a um passo de seduzir essa menina. Vai se culpar para sempre por isso. Vai entrar em mais um relacionamento obrigado e dessa vez não ficarei de braços cruzados esperando que você caia. Eu prometi cuidar de você.

Não posso responder porque Ayla se aproxima e Melissa imediatamente surge do nada, pendurando-se em meu braço, me pedindo que dance com ela. Mas não tenho ânimo para dançar. Preciso ao menos alertar Ayla que tome cuidado com ele.

— Você está bem apresentável, Ayla, querida! Vejo que mudou de direção e ainda assim conseguiu um chefe! Parabéns — provoca Melissa.

Ayla abre o mais doce dos sorrisos, como se Melissa a estivesse elogiando, responde com a mesma doçura em sua voz:

— Parece que somos bem espertas, não é?

Nem tento conter o sorriso que me toma e Melissa não consegue pensar em uma resposta rápido o suficiente. Tim deposita sua mão na cintura de Ayla e

pede licença, levando-a para longe de mim. Volto ao lugar onde estava e ignoro os pedidos de Melissa por uma dança. Por fim, ela consegue alguém disposto a dançar com ela. Ao avistar Selina, a noiva de Nico, me desculpo com ela pela presença de Melissa e acabamos rindo da situação.

Estão novamente na terceira música e vejo que Ayla parece cansada, e mesmo assim não pede que parem. Não quer se afastar dele. Eles conversam durante as danças, Tim com certeza a está agradando, conhecendo, elogiando. Meu irmão sabe como conquistar uma mulher, mesmo uma tão diferente das outras, como Ayla. Levo um susto quando a voz de Nico soa ao meu lado, sequer o notei chegar.

— Talvez eu devesse tirar sua assistente para dançar — sugere olhando-me com um sorriso contido.

— É, talvez você devesse fazer isso — concordo fazendo com que seu sorriso dobre de tamanho.

Ele deixa seu copo sobre a mesa e ainda vira-se para me provocar:

— E tudo de camarote.

Então vai até eles e pede para dançar com ela. Ayla sorri para ele e imediatamente puxo Selina para dançar. Rodopiamos algumas vezes pela pista até nos aproximarmos de Nico e Ayla. Nico abre um enorme sorriso ao ver a esposa, finge surpresa e sugere que troquemos de par. Pisca para mim ao me entregar a mão de Ayla e some rapidamente entre os casais dançando.

Seus olhos castanhos buscam os meus e há aquele brilho neles! Seu sorriso doce e tímido está ali, e quando a puxo para mais perto de mim não desvia os olhos para nenhum outro lugar. Preciso avisá-la sobre Tim, mas isso poderia quebrar essa magia que há em seu rosto cada vez que me olha. Acabo não dizendo nada. Apenas a mantenho perto, sinto seu perfume e sua pele macia, seu corpo próximo ao meu, esses olhos castanhos ensolarados e esse sorriso tímido tão lindo.

Quando Tulio chama atenção de todos para seu discurso, reparo os olhos dela, mesmo parando a música, mesmo que nossos corpos se afastem, eles ainda estão nos meus. É como uma conexão que ela não consegue quebrar. E tampouco eu quero fazer isso. É o mesmo olhar que via em minha mãe. Mas em Ayla não parece o presságio de algo ruim, no castanho de seus olhos o amor parece a cura, não a doença.

É Tim quem quebra essa conexão ao girá-la de encontro a ele e guiá-la rapidamente para longe de mim. E Nico aproxima-se para se desculpar pela

interrupção de Tulio.

— Ele estava distraído a Melissa, coitado. Não aguentou mais.

Após os brindes e a troca de alianças nada convencional do meu amigo. Vejo Tim colocar seu casaco nos ombros de Ayla e aproximo-me imediatamente.

— Eu a levarei, Tim. Eu a trouxe, a levarei de volta.

— Você não pode, irmão. Não se preocupe, eu vou cuidar bem dela.

Melissa surge chamando minha atenção, mas só consigo ver o sorriso de despedida de Ayla, enquanto Tim segura sua mão e a tira daqui. Ele ficará por cerca de uma hora sozinho com ela no carro disposto a seduzi-la. E apesar de estar tentando livrar-me de culpa, se ele a machucar de alguma forma, a culpa ainda será minha.

As imagens da minha mãe, em cada paixão que teve, cada decepção que viveu, até aquela que tirou toda sua sanidade voltam à minha mente. Me solto de Melissa, pego minhas coisas e vou embora.

São duas da manhã, não consigo dormir e não me sinto bem. Talvez eu devesse tentar ver minha mãe de novo, sim, farei isso. Talvez já tenha melhorado, talvez queira me ver dessa vez. Sento-me na cama irritado com a falta de sono, e sinto falta de ter alguém para abraçar, agora que sei que isso ajuda essas lembranças ruins a passarem. Sinto falta de alguém que me faça rir, ou mesmo que me irrite. Alguém que me surpreenda ora com doçura, ora com insolência.

Ligo para Tim, que não atende. Imediatamente, ligo para Ayla. Ela atende no sexto toque, sua voz sonolenta e meio arrastada.

— O que é?

— Ayla, onde você está?

Ela demora um tempo e sua voz soa irritada e acordada ao responder.

— Onde eu poderia estar a essa hora da madrugada? Por que você está me ligando a essa hora? Se disser algo relacionado ao trabalho eu juro que me demito.

Sorrio. Um pouco da tensão que estava sentindo se vai.

— Só queria saber se meu irmão a levou em casa em segurança.

— Por que ele não me traria em segurança?

— Não sei, apenas fiquei preocupado.

Passa alguns segundos e ela ri.

— Ele não desviou o caminho, se é o que quer saber. Mas se quiser, posso ser bem boazinha e repetir para você tudo o que conversamos. Você quer?

Apesar da ironia em sua voz, preciso ouvi-la mais um pouco. Ajeito-me na cama e não consigo conter um sorriso.

— Quer dizer que ele nem ofereceu em levá-la para outro lugar? Acho que estou decepcionado.

— Para com isso, você está me ligando às duas da manhã preocupado com isso. Se ele tivesse me levado a outro lugar você morreria. Mas bem, vou te contar tudo até que você durma.

— Conte, minha pequena. Fale comigo.

Ela começa a falar baixinho e devagar desde o momento em que ele abriu a porta do carro para ela, sobre o caminho mais longo que tomou. As vezes em que disse o quão linda ela estava e os sorrisos estranhos que lançou a ela. Me pego rindo de sua interpretação, incomodado com algumas coisas que diz e calmo por ouvir sua voz sonolenta e arrastada enquanto o sono me toma e não sei qual de nós dois apaga primeiro.

Melissa aparece na empresa na segunda logo após o almoço. Estou saindo de uma reunião quando ela chega, e Tim vai direto até a mesa de Ayla. Ele ficou lá a manhã toda, como se nenhum dos dois tivesse nada para fazer. Penso que finalmente as nossas fotos com pouca roupa foram publicadas, mas Melissa parece calma demais, então ainda não foi isso. Seguro o braço de Melissa antes que ela fale algo com Ayla, mas com um sorriso ela me diz que está tudo bem. Aproxima-se dos dois e num tom amigável, os cumprimenta.

— Vejo que o amor de vocês floresce a cada dia. Boa sorte ao casal!

Ayla olha preocupada as pessoas nos observando. Aos olhos dos funcionários ela passará de minha amante para namorada de Tim em um curto período de tempo. Arrasto Melissa para minha sala e tento dispensá-la, mas ela passa duas longas horas falando sobre o quanto Ayla e Tim combinam. Inclusive diz isso a Ayla quando ela entra em minha sala com um contrato para que eu assine.

Quando Melissa finalmente decide ir embora ao ver que estou trabalhando e sequer estou ouvindo o que diz, pergunta com seu jeito manhoso:

— O seu aniversário está chegando, como vamos comemorar?

Lanço a ela um olhar tão cansado que ela nem tenta discutir. Pega sua bolsa

e sai da minha sala. Quem dera saísse também da minha vida. Mas, pensando no assunto sobre o meu aniversário, uma ideia começa a tomar forma em minha mente e acredito que encontrei a solução perfeita para dar uma lição na pequena fofoqueira da Louisa, e vingar-me pelo que fez a Ayla.

Chamo Ayla à minha sala e a oriento para organizar toda a minha festa de aniversário na próxima sexta. E o mais importante deixo por último:

— Você deve enviar os convites para a festa apenas na sexta à tarde.

— Mas é muito em cima da hora. Você não vai ganhar presentes assim.

Sorrio.

— Não quero presentes, dificilmente gosto de qualquer coisa que ganho. E mais uma coisa, não convide a Louisa.

Seu olhar busca o meu e vejo a confusão em seu rosto.

— Por que isso? Para ela não contar à Melissa? Notei que ela não está na sua lista de convidados — diz contendo um sorriso ao final da frase.

— Você estava procurando por ela?

— Eu não. Apenas reparei sua ausência.

— Não por isso. Quer dizer, este também é um excelente motivo. Mas não a quero na minha festa para dar-lhe uma pequena lição.

Não demora para que ela entenda o motivo da minha vingança e embora seu sorriso se ilumine, me recrimina:

— Não faça isso. Ela vai se sentir péssima.

— Ela é uma pessoa malvada, fez uma assistente minha ficar um dia inteiro com fome. Ela não merece ir à minha festa.

Ela se levanta ainda com aquele sorriso lindo, já concordando com minha decisão.

— Bem, é sua festa, é você quem sabe. Deve ser ruim passar o seu dia com pessoas malvadas. Você está certo.

Ela se vira para sair, mas levanto-me rapidamente e a impeço.

— Ayla, obrigada por aquela noite. Por ficar ao telefone comigo de madrugada. Só não entendo porque você fez isso.

— Você não estava bem. Sua voz não era de sono às duas da manhã, parecia triste. Achei que talvez me ter falando sem parar na sua cabeça fosse ao menos fazê-lo dormir.

Seguro sua mão em agradecimento e brinco com seus dedos.

— Você me ajudou muito. De novo. Obrigado.

Tim entra na minha sala e sua expressão ao nos flagrar de mãos dadas não é das melhores. E ralho comigo mesmo, preciso me policiар mais, afinal quanto mais ele pensa que estou ligado a ela, mais ele a cerca.

Ayla deixa a sala e mais uma vez não consigo alertá-la que tome cuidado com Tim.

A semana passa voando e na sexta vejo o alvoroço causado pelos e-mails enviados por Ayla com os convites para o meu aniversário. Fiz questão de dispensar Louisa mais cedo e mesmo que alguém a informe sobre a festa, e realmente espero que façam isso, cada convite é pessoal, ela não conseguiria entrar.

Tim me ajuda com os últimos detalhes já que abri mão de um serviço de buffet. Instalamos mesas enormes pelo jardim com comidas e bebidas e as pessoas poderão se servir à vontade na hora em que quiserem.

— Você conseguiu ver a mamãe? — Tim pergunta olhando para a mesa como se isso não fosse nada demais.

— Não. Ela não quis me receber.

— Você estava mesmo precisando de uma festa. E sem a Melissa — continua mudando de assunto. — Mas, fique bem longe da Ayla.

Sorrio para ele, eu poderia dizer a mesma coisa.

As pessoas começam a chegar, a música alta fica ainda mais alta, corpos caem na piscina e jogo uma partida de sinuca com os seguranças. Geralmente não comemoro meu aniversário, mas dessa vez achei que merecia um descanso. Algo diferente, algo novo. Quando Ayla chega, é como se alguma coisa me atraísse para ela, talvez os olhares dos meus amigos de jogo que comentam sobre o quão bonita está, talvez porque seus olhos se fixam em mim e me chamam a ela. Ela usa um vestido vermelho ressaltando cada uma de suas curvas, seu cabelo preso em um rabo de cavalo elegante e uma maquiagem leve. Está tão linda que não consigo deixar de olhá-la. Até Tim aproximar-se dela e a levar para longe dos meus olhos.

— Hoje não, irmão — prometo a mim mesmo.

Consigo aproximar-me dela alguns minutos depois, quando Tim sai para buscar algo para beberem. Reparo que todos os olhares se voltam a nós, e mesmo assim ela não deixa de abrir um sorriso enorme e me dar um de seus abraços cumprimentando-me pelo meu dia. Embora não seja realmente meu dia. Meu aniversário é apenas no domingo. Mas este dia vou passar sozinho, como tenho feito nos últimos anos.

— Eu não trouxe seu presente, ainda não secou — diz em meu ouvido para que eu escute apesar da música alta.

— Não tem problema. Ainda não secou? O que você vai me dar?

— É uma surpresa. E bem, de todos aqui eu fui a única que teve tempo de te comprar um presente, e mesmo assim não o fiz.

Ela se afasta e sorrio.

— Quer dançar? — pergunto e vejo a dúvida em seus olhos, quando observa à nossa volta todos que nos olham com acusações veladas. Mesmo assim dá de ombros e deixa a bolsa sobre a mesa, aceitando minha mão estendida.

Estamos no meio da dança, uma música agitada que ela dança de um jeito engraçado, quando Tim se aproxima lançando-me um olhar desafiador, e a leva com uma desculpa qualquer para longe de mim. Mas eu previ este tipo de comportamento dele e não demora para que minhas precauções cheguem. Tão logo belas mulheres que não trabalham conosco, mas com Tulio e Nico, chegam, ele a deixa para dar atenção a essas mulheres.

Apenas o meu irmão de sempre.

Tulio está bêbado com uma funcionária do RH da Raymond e Nico não veio porque está em viagem com a esposa.

Algumas funcionárias da Raymond aproximam-se de Ayla e decido não interromper, pois pode ser sua melhor chance de fazer amizades na empresa, além de Andrea. Volto ao meu jogo de sinuca, filmo os caras caindo na água. Como algo, e quando vou me certificar de que Ayla está se divertindo, a vejo virando um copo pequeno de vodca.

— Não, pequena, o que está fazendo?

Tiro o copo de sua mão e ela soluça e cambaleia ao mesmo tempo. Se apoia no meu braço, apertando-o com toda sua força e diz alto demais e arrastado:

— Essas pessoas são malvadas. Você não devia ter convidado ninguém!

— Foram más com você? Sinto muito, pequena. Por que não vai lavar esse rosto?

Ela se nega e solta meu braço, indo para dentro da casa e sou impedido de segui-la porque alguém bate a cabeça ao cair na piscina e como um dos únicos sóbrios na festa, vou ajudar a socorrer. Quando retorno, não vejo mais Ayla. Pergunto por ela, mas ninguém a viu. Vejo Tim em um canto com uma das funcionárias de Tulio e sinto-me aliviado que não tenha feito nada com Ayla ainda. Dou uma olhada pela casa, e nem sinal dela.

Por fim, a encontro no banheiro do meu quarto, tentando abrir o chuveiro e chorando.

— O que você está fazendo? Está tudo bem?

Ela soluça, tropeça no box e a seguro antes que caia e bata a cabeça.

— Eu não queria fazer isso — diz chorando e tentando soltar-se de mim.

— O que você não queria fazer, pequena? Beber como um adulto?

Ela olha em meus olhos e ri. Lágrimas ainda descem pelo seu rosto, mas ela está rindo.

— Você é tão bonito! Mesmo com esses olhos negros assustadores.

— Você tem medo dos meus olhos? — pergunto soltando-a, mas ela cambaleia e a seguro imediatamente.

— Eles me fazem falar sem pensar. Como liga isso? — pergunta voltando sua atenção ao chuveiro.

O abro para ela e ela se solta do meu aperto, apoiando-se no box, entra debaixo da água com roupa e tudo.

— Sabrina diz que banho cura bebedeira — explica sorrindo.

Me pego rindo também.

— Mas você precisa tirar a roupa primeiro, meu bem. Como você vai embora assim?

Ela parece assustada, tenta virar-se para abrir o vestido e se desequilibra de novo, a seguro imediatamente, entrando com ela no box.

— Me deixa tirar isso para você. Você já se desequilibra com facilidade quando está sóbria, imagine bêbada deste jeito.

Ela deita a cabeça em meu peito e permite que eu abra o zíper de seu vestido, enquanto com a voz arrastada, diz:

— Estou com muito sono, posso dormir agora?

— Melhor secarmos você, e vestirmos alguma coisa quente, o que acha?

A afasto e deixo o vestido vermelho cair aos seus pés, então ela está apenas de lingerie na minha frente, olhando-me com seus olhos castanhos doces. É tão linda que mal posso suportar não tocá-la. Toco seu rosto, o contorno com os dedos, enquanto meus olhos devoram todo seu corpo descoberto. Uma tentação, Nico disse, ele não poderia estar mais certo. Eu deveria virar-me agora e ir embora, mas não consigo. Não quero.

— Acho que você não devia ser tão bom comigo. Eu não sou boa com você — diz fechando os olhos e deitando a cabeça na minha mão.

— Ah, Ayla...

Não consigo mais, entro debaixo da água e a puxo para meus braços. Apenas para sentir seu corpo no meu, para ampará-la, para tê-la de algum jeito mais perto. Acaricio seu cabelo e ela permanece tão quieta em meus braços! Beijo seu cabelo e seu rosto, esses olhos castanhos se focam nos meus e ela sorri.

— Você nem faz ideia do quanto é boa para mim, minha pequena encenqueira.

Ela nega com a cabeça e resmunga de dor.

— Eu disse que amo você — diz, mas parece confusa de repente e seus olhos buscam alguma resposta nos meus.

— Eu sei. Você virou meu mundo de cabeça para baixo por isso.

Ela parece ainda mais confusa.

— De um jeito bom ou ruim?

Meus olhos se focam em sua boca tão tentadora, nesse queixo com esse furo que me enlouquece. E não consigo pensar em nada que não seja beijá-la. Mas ela está bêbada. E não posso fazer isso se não for a vontade dela.

“Não vou impedi-lo nunca.”

— Se eu te pedisse um beijo agora, você me daria? — pergunto olhando em seus olhos castanhos e ela sorri.

— Eu daria.

— Então você me bagunçou de um jeito bom — respondo e seu sorriso aumenta. Aproximo meu rosto do seu e peço: — Me beija.

Sua boca alcança meu queixo com um beijo suave, como se ela procurasse coragem de seguir em frente. A prendo em meus braços mais junto de mim, e é o incentivo que ela precisava. Seus lábios macios pousam nos meus e no segundo em que sua língua pede passagem, perco o controle. Tomo sua boca na minha, sinto seu toque quente em minhas costas pouco antes de ela perder a força nas pernas. A seguro com facilidade, levantando-a pela cintura e a mantendo ainda mais perto de mim. Seus braços passam por meu pescoço e precisamos sair daqui antes que eu perca de vez o controle.

Tomo o cuidado de não tocar demais seu corpo ao depositá-la de volta ao chão, ainda mantendo nossos lábios unidos. A amparo, a deixo em meus braços até que interrompo o beijo. Ela deita a cabeça em meu peito e sorri. Ouço sua risada gostosa, seu abraço quente. Eu poderia viver assim com ela.

Mas volto a mim. Desligo o chuveiro e a pego no colo. A sento sobre a

bancada e a seco com todo cuidado para não tocá-la demais. Ela está bêbada e não quero que se sinta mal depois. Enquanto cuido dela, seus olhos seguem meus movimentos e um sorriso descansa em seu rosto. Parece tão calma e feliz, que não consigo deixar de rir também.

Coloco meu roupão sobre seu corpo e a desço.

— Você quer tirar sua lingerie? — pergunto e ela assente, então me viro de costas, temendo que vá cair a qualquer momento.

Quando consegue, ela me abraça por trás. Viro-me e a pego no colo, levando-a até minha cama. A deposito com cuidado e a cubro, tirando seu cabelo molhado de baixo de sua cabeça para que não sinta frio.

— Durma, está bem? Vou ligar para sua avó e dizer que você vai ficar. Amanhã quando estiver melhor eu a levo em casa.

Ela assente e acaricio seu cabelo.

— Boa noite, pequena.

Quando me afasto da cama, ela segura minha mão, sentando-se.

— Onde você vai? Não vai ficar comigo?

— Ficar com você?

— Eu não consigo dormir sozinha. Nunca dormi sozinha. Tenho medo.

É claro que tem, porque já não está sendo difícil o suficiente resistir a ela. O mais sensato é dizer não, mas olho seus olhos castanhos e seu rosto tão lindo e não consigo dizer não. É só me deitar com ela um pouco, até que durma, não pode ser tão difícil. Já me seguro constantemente perto dela, só vou ter que fazer isso mais um pouco.

— Só vou trocar de roupa, está bem?

Ela solta minha mão e me troco rapidamente no closet. Ela fica sentada, os olhos quase fechando, esperando por mim. Subo na cama e deito-me ao seu lado, mas isso não é o bastante. Ela deita em meu peito, sua mão descansa sobre meu coração, suas pernas enroscadas nas minhas e a abraço para aquecê-la, enquanto seu cabelo molhado descansa sobre meu braço.

Mais difícil, impossível.

— Durma, meu bem. Durma.

Capítulo 18

Acordo com dor de cabeça e algum desconforto no estômago. Provavelmente, fome. A cama em que durmo é tão confortável que nem parece a minha. Tateio em busca das minhas pequenas, mas estou sozinha. E este lençol é macio demais para ser meu. Abro os olhos sonolenta e demoro cerca de vinte segundos para processar que não estou no meu quarto. Mais dez para processar onde estou. E no segundo seguinte, vejo que uso apenas um roupão que não é meu.

Levanto-me assustada e confirmo que estou completamente nua por baixo do roupão. Eros não está em nenhum lugar à vista, então ando a passos lentos até o banheiro, mas ele também não está aqui. Tampouco há qualquer sinal da minha roupa, nem da minha lingerie. Lembro-me vagamente que entrei debaixo da água para curar uma bebedeira, Eros apareceu e me segurou. Mas não me lembro do que aconteceu depois. Lavo o rosto e acerto dois tapas na minha cara na intenção de acordar deste pesadelo.

Mas não é um pesadelo.

— O que foi que você fez, sua maluca? — ralho comigo mesma em frente ao espelho.

Volto para o quarto e procuro por minha bolsa, ou meu celular, mas nem sinal de nada. Ao tatear a cama, noto o travesseiro ao lado do que acordei, o pego e confirmo o cheiro de Eros. Assim como o lado em que dormiu amassado na cama. Ele dormiu comigo, tenho certeza. Mas o que nós fizemos? O que eu disse a ele? Reparo as rugas no lençol tentando analisar se nossos movimentos foram mais fortes ou mais quietos. Mas não dá para saber só com esses amassados.

Fecho o roupão direito e desço imediatamente, o encontro na sala de jantar. Assim que seus olhos pousam em mim, abre um sorriso tão calmo e gratificante, como se eu tivesse feito algo tão bom por ele! Meu coração salta uma batida e preciso me lembrar de respirar. Por que ele está me olhando como se estivesse me vendo nua? Ele vem até mim ao perceber que não consigo dar mais um passo para dentro da sala. Segura minhas mãos e beija minha testa, com uma intimidade enlouquecedora.

— Bom dia, minha pequena — diz de um jeito doce, dando um nó ainda maior em minha mente.

— Eros, o que aconteceu? Por que eu dormi na sua cama?

Ele parece confuso e magoado.

— Você não se lembra?

Eu vou desmaiar. Juro que vou.

— Lembro do quê? O que tenho que lembrar? O que aconteceu?

Ele continua me olhando como se eu o estivesse ferindo e estou a um passo de explodir.

— Eros! — Sacudo sua roupa em desespero.

— O que você quer saber? — pergunta sério, afastando-se.

— Quem tirou a minha roupa? Quem colocou este roupão em mim?

Ele segura minha mão e brinca com meus dedos para me acalmar.

— Acalme-se, tudo bem? Eu tirei a sua roupa e coloquei esse roupão. De nada, meu bem.

— Por que você tirou a minha roupa?

Além de nervosa estou envergonhada ao imaginá-lo me despindo e vestindo depois.

— Porque você pediu — responde calmamente e vou ter uma síncope.

— Eu pedi? — repito perdendo a capacidade de respirar.

O que foi que eu fiz com ele? E por que eu não me lembro de nada?

— Você tirou a minha roupa? — pergunto em um estado deprimente de negação. — Quer dizer que você me viu nua?

Seu sorriso é tão cafajeste que sinto que vou mesmo desmaiar.

— Cada lindo pedacinho.

Eu vou morrer. Agora mesmo. Vou morrer.

— Ayla, respire — pede de repente tentando me segurar, mas não quero que me toque.

— Não aconteceu nada demais, Ayla! — A voz de Tim me tira do meu transe e ele me ampara. — Respire, você está branca feito papel, não vai desmaiar, não é?

Antes que eu consiga formular uma resposta, Eros me pega nos braços e me deposita em uma cadeira, de frente a uma mesa repleta de comida, lembrando-me o quanto estou faminta. Sabrina disse que sente fome depois do sexo. O que foi que eu fiz?

— Me escute — Tim pede ajoelhando-se de frente para mim quando volto a prender a respiração. — Você bebeu demais, entrou debaixo do chuveiro de roupa e meu irmão a ajudou por isso. Foi por isso que ele a trocou e colocou você para dormir em sua cama. Não aconteceu nada e ele nem mesmo olhou nada demais, entendeu?

O sorriso que toma meu rosto é tão grande e incontrollável que os dois riem comigo. Tim se afasta e lança um olhar assassino ao maldito do meu chefe.

— Você é um ser desprezível!

— Ontem você disse que eu era muito bom para você — responde com uma piscadela sentando-se para comer.

Me lembro disso, de ter dito que ele era bom para mim e eu não era boa para ele, me lembro de ter tentado contar que menti sobre meus sentimentos, mas minhas lembranças morrem no momento exato em que disse a ele que não estava sendo boa para ele quando disse que o amava. E não me lembro de mais nada a partir daí. O que eu disse? Olho seu rosto e parece tão calmo e brincalhão com Tim, que não é possível que eu tenha dito a verdade. Então o que eu disse? O que eu fiz?

— Coma, meu bem. Ou sua cabeça vai doer pelo tanto que bebeu ontem — Eros ordena colocando um pão de queijo na minha mão e o levo à boca com uma careta para ele, sondando o que posso ter dito.

— Quando cheguei aqui esta manhã, vi sua bolsa na sala. Imediatamente perguntei ao Eros por você, e ele me contou tudo. Mas é compreensível que tenha pensado que houve algo mais entre vocês, quando ele me disse que você estava dormindo na cama dele, também pensei isso — Tim conta rindo. — Quase bati nele — confessa e pisca para mim.

A última lembrança que tenho de Tim de ontem é dele me deixando sozinha para falar com uma ruiva que havia acabado de chegar. As vezes em que o vi depois disso não estava sozinho, e nem conversando apenas.

Eros coloca uma xícara de chá na minha mão e a levo à boca. Noto que seus olhos estão cravados em mim e faço uma careta para ele.

— Você está bem? Está sentindo alguma coisa? — pergunta preocupado.

— A minha alma ainda não voltou totalmente ao corpo depois do susto desnecessário que você me deu! — ralho e ele ri. — Espera! Se você apenas me socorreu por eu estar muito bêbada, por que você dormiu comigo?

Ele engasga com seu chá e Tim lança a ele um olhar acusador.

— Eros, você dormiu na cama comigo, por quê? Não podia ter ido para outro quarto? Ou ter me levado a outro quarto?

Ele me encara divertido, ignorando o olhar do irmão e pergunta como se não soubesse do que estou falando:

— Quem disse que eu dormi com você?

— O seu cheiro. Estava no travesseiro, ao meu lado. O seu cheiro fresco. Você dormiu na cama comigo.

Ele sorri de um jeito doce e bagunça meu cabelo antes de responder.

— Você pediu que eu dormisse com você, disse que tem medo de dormir sozinha, que nunca fez isso.

Tenho um vislumbre de pedir isso a ele, de ter medo que ele saísse de perto de mim, eu fiz mesmo isso. Escondo o rosto nas mãos e quero sumir neste exato momento. Volto a tomar o café para mudar de assunto e escolho ignorar seus olhares e risinhos em minha direção.

Visto minha roupa que ele teve o cuidado de mandar lavar, inclusive minha lingerie.

— Ele tocou minha lingerie, meu Deus, o que mais vou descobrir da noite de ontem?

Quando estou de saída, Tim aproxima-se e passa os braços por meus ombros.

— Eu vou levá-la, princesa.

Mas me afasto com um sorriso contido.

— Não precisa, obrigada, eu vou de táxi.

Ele parece confuso e chega a hora difícil de ter que agradecer a Eros por ter tirado a minha roupa e dormido comigo. Não era para ser assim. Isso soa tão ridículo na minha mente que me pego rindo, e ele ri de volta, como se entendesse o que estou pensando.

— Obrigada por ter cuidado de mim.

— Não foi nada. Você quer que eu a leve?

— Não precisa. Acho que já te dei trabalho suficiente.

— Ayla, não foi nenhum sacrifício. De verdade. Eu posso levá-la, tenho algumas coisas para fazer no centro.

— Não, obrigada. Eu realmente preciso recolher o que sobrou da minha vergonha e não vou fazer isso com você do meu lado me dando carona. Fique aqui, e eu vou de táxi.

— Por que você não quer ir comigo? — Tim pergunta interrompendo meu momento vergonha alheia. — Pensei que estivesse tudo bem, estávamos juntos ontem, não entendo o que eu fiz com você.

— Você não me fez nada, não se preocupe.

Ele entende o que fez. Me deixou para ficar com outra. Sequer me deu uma satisfação. Não que ele me devesse tal coisa, mas bem, ele estava comigo, como disse, me dando atenção, falando comigo, me conhecendo. E de repente foi como se fechasse os olhos bem diante de mim e não me visse mais. Eu poderia apenas não me importar, já que ele não me prometeu nada e nada havia acontecido entre nós. Mas eu sei a dor que senti por tê-lo tão perto, tão acessível para de repente ele ser apenas ele. Agir como ele age. E jogar na minha cara que o Tim que amo é uma ilusão da minha cabeça. Ele nunca será esse Tim. E eu teria que ser masoquista para amá-lo como ele realmente é. Foi por isso que virei o primeiro copo, a decepção.

Tim não insiste mais em me levar, e Eros me acompanha até a porta do táxi. Quando entro, ele despede-se com um aceno e diz enquanto o carro arranca:

— Bagunçou de um jeito bom. Definitivamente bom.

Como um flash me lembro do que disse a ele. Que o amava, ele disse que eu virei seu mundo de cabeça para baixo por isso, perguntei se de um jeito bom ou ruim. Um sorriso desses patetas cola em meu rosto quando me lembro de sua resposta. Bagunçou de um jeito bom, foi o que ele disse. Foi o que repetiu agora. Aos poucos vou me lembrando de tudo. Mas o que sei é que ele cuidou de mim, dormiu comigo porque eu pedi, me fez comer esta manhã e está sendo tão bom, tão atencioso! Está sendo ele, apenas ele. Ele é assim. Ele quase nem parece real.

Sinto uma vontade imensa de falar com Uli quando chego em casa e ele me pergunta se está tudo bem. Mas há algo que me trava. Nunca demorei tanto a perdoá-lo. E mesmo que ele esteja indo trabalhar direitinho, que esteja se aproximando de Eros e ouvindo seus conselhos. Que tenha dado tudo o que recebeu nas mãos da vovó para que ela resolvesse a melhor maneira de empregar o dinheiro, ainda assim há essa coisa no meu peito que me trava quando tento

aproximar-me dele. Algo semelhante a medo. Como se soubesse que ele vai fazer de novo e vou perder meu tempo depositando meu amor e esperanças nele.

Respondo com um aceno que estou bem e vou para a casa de Sabrina. Após contar tudo a ela, minha amiga me olha com um brilho nos olhos e a boca escancarada.

— Eu quero me casar com Eros Reymond! De onde saiu esse homem? De um conto de fadas?

— Ele é mesmo uma pessoa incrível.

— Sabe o que mais me deixou de boca aberta nesse seu relato? — pergunta com um sorriso de quem vai me irritar.

— Além de eu ter bebido como uma idiota e pedido ao meu chefe para dormir comigo?

— Você não está chorando pelo imbecil do amor da sua vida tê-la deixado para ficar com outra. Você está mais concentrada no cuidado que o verdadeiro príncipe teve com você, do que na dor que o falso príncipe te causou.

— Ah, Sabrina, estou de ressaca e esse monte de príncipes que você inventou estão me confundindo.

— Você não está sofrendo pelo Tim porque o Eros não deixou. É simples assim, minha amiga.

Procuo imediatamente uma madeira e bato nela repetidas vezes. Como um tique, não consigo parar de bater.

— Vira essa boca, sua vaca! Só faltava eu demorar uma vida para esquecer um amor impossível e arrumar outro! Eu teria que ser muito, mas muito tapada para me apaixonar pelo Eros, Sabrina. Eu estou mentindo para ele. E ele tem algo contra o amor. Sem falar que ele é rico, lindo e tem namorada. Por conta de chantagens, mas bem, ele não pode simplesmente se livrar dela. Então Deus me livre sentir qualquer coisa por ele que não seja simpatia e gratidão.

— Tudo bem, fica calma e para de bater nessa porta porque você vai mesmo machucar seus dedos.

— Não consigo.

Minha mão dói, mas não posso parar de bater, para garantir que esse amor de mentirinha pelo meu chefe não passe de forma alguma para algo real.

— Sabrina, tira minha mão daqui, não consigo parar.

Rindo da minha cara, minha amiga vem me ajudar.

No domingo, penso duas vezes se devo mesmo fazer isso. Talvez ele esteja

ocupado, talvez queira passar com seu irmão apenas. Ou sozinho, de algum jeito isso parece mais a cara de Eros. Por isso decido não incomodá-lo. Vou deixar o presente na portaria de sua casa e mandar uma mensagem desejando feliz aniversário dizendo que está lá. Alguma coisa me diz que ele deve ter este presente hoje, mas isso não significa que precise me ver.

Olho mais uma vez o pacote antes de bater na sua porta, é algo tão simples! Será que ele vai gostar? Ele disse que não gosta de nada do que ganha então meio que já espero por isso. Levanto a mão para bater no portão, quando o portão da garagem ao lado é aberto e o carro de Eros aponta. Ele o para ao me ver e desce, vindo ao meu encontro.

— Por que você não me avisou que vinha?

— Porque eu vim apenas deixar isto para você. Mas ia deixar com o Miguel para você ver mais tarde.

Ele usa uma camisa branca que destaca cada um de seus músculos, jeans e óculos escuros. O cabelo escuro cai sobre os óculos e está tão bonito que preciso desviar meus olhos dele enquanto pega a caixa da minha mão.

— Não precisava, Ayla.

— Eu sei, sei que você não vai gostar. Mas não gastei quase nada com isso, eu mesma fiz. É artesanal e é bem simples na verdade. Não tem problema se você não gostar.

É estranho não poder ver seus olhos negros. Não tenho certeza se está bem. Sua voz soa formal demais, e com seus olhos cobertos não posso decifrá-lo de maneira alguma. Quero perguntar a ele como se sente, mas temo que ele não vá querer me dizer, afinal de contas, não sou sua melhor amiga, nem nada assim.

— Enfim, vim apenas deixar isto, feliz aniversário — digo e me viro para ir embora, mas ele me chama.

— Você não vai nem mesmo me dar um abraço? — provoca, mas não há um sorriso em seu rosto.

— Eu já te dei na sexta.

— Está racionando abraços então?

Desta vez um sorriso pequeno surge em seu rosto e me sinto mais calma por vê-lo sorrir.

— O que você tem? Está carente só porque está ficando velho demais?

Seu sorriso aumenta e ele me estende um braço, enquanto segura a caixa com o outro.

— Venha aqui, me dê meu abraço de aniversário.

Em dois passos o alcanço e quando ele repousa a cabeça sobre a minha, confirmo que não está bem. Eu realmente gostaria de poder ajudá-lo, como ele sempre faz comigo. Afasto-me e tento a sorte:

— Na verdade, eu gostaria de ver você abrindo isso. Mas isso só pode ser aberto no seu quarto, então eu...

Antes de eu concluir a frase, ele pega minha mão me guiando para dentro da casa e ordena a Miguel que guarde seu carro.

— Você não tinha que sair agora? — pergunto quando entramos em seu quarto.

— Não, estava apenas fugindo. Onde devo depositar isso? Na minha cama? É algo para ser usado a dois?

Sorrio e confirmo com a cabeça.

— Pode ser usado até por quatro, cinco, quantos você quiser.

Sua expressão é tão engraçada que acabo rindo, estragando a brincadeira.

— Abra no seu closet, de preferência.

— Voltou a ficar interessante — diz animado indo até o closet. — Mas já te aviso que se for uma sunga preta, não irei usá-la. Prefiro vê-la desnorteada com a sunga branca. Admita, você gostou dela.

— Você é um convencido e um pervertido por só ter cuecas e sungas brancas — reclamo.

— E como você sabe disso? — pergunta divertido e tenho vontade de trancá-lo dentro do closet e sumir para sempre.

— Eu imagino — tento, mas ele não cai na minha mentira.

— Você mexeu nas minhas cuecas. Me pergunto o que exatamente estava procurando entre elas. Quer saber quanto calço? Quarenta e seis.

Meu rosto está pegando fogo e estou a ponto de tomar essa caixa de sua mão e ir embora como uma criança birrenta.

— Que abrir logo isso? — reclamo e ele abre a caixa.

Pega o álbum de fotos que fiz com curiosidade. Até que lê a inscrição da frente, o título do álbum é “lembranças felizes”, mas a inscrição pequena ao redor complementa o título. Ele fica totalmente imóvel e tenho dúvidas se foi uma boa ideia mexer de novo nisso. Aproximo-me e leio em voz alta:

— Apenas lembranças felizes são permitidas neste álbum.

Seus olhos não se desviam do álbum para mim, de forma que preciso parar diante dele e tocar o álbum para que ele me olhe de volta.

— Algumas pessoas não merecem ser totalmente apagadas por causa dos erros que cometeram. Talvez você tenha lembranças boas delas. Mas se obriga a esquecê-las para não ter que se lembrar das que te machucam. De forma que você pode reuni-las aqui, neste álbum feliz. Assim, quando quiser revivê-las, é apenas elas que encontrará aqui.

Uma lágrima desce por seu rosto e não sei como ajudá-lo. Tiro seus óculos escuros e seus olhos estão cheios, há olheiras em volta deles, o que indica que já chorou outras vezes nas últimas horas.

— Você quer que eu te ajude a encontrar as lembranças felizes? Vai ser a última vez que vai ter que enfrentar as difíceis.

Ele olha o álbum minuciosamente, as lágrimas ainda descem por seu rosto e não sei mais o que fazer. Pouco depois, ele deposita o álbum sobre um banco e olha para mim. Estendo minha mão sentindo-a tremer um pouco, não consigo entender se o feriu ainda mais com este presente. Mas ele toca minha mão, me puxa para seus braços e me cerca, afunda o rosto em meu ombro, e diz baixinho, com a voz embargada:

— Eu quero sua ajuda, vou precisar muito dela.

Deixo que ele tome seu tempo, permanecemos assim alguns minutos até ele se afastar e pegar o álbum. Pego os álbuns antigos e separo primeiro suas fotos com Tim apenas, logo as lágrimas somem, ele me conta algumas histórias e consegue sorrir de verdade com as lembranças do irmão.

— Por que o Tim não tem nome de deus grego? — pergunto para distrai-lo.

— Porque ele não é filho biológico da minha mãe. Quando nossos pais se casaram ele tinha dois anos. Mamãe o criou como se fosse dela. E ele a ama assim também. Na verdade, ele foi o motivo para minha mãe aceitar se casar com nosso pai.

Fico curiosa sobre essa história, mas ele muda de assunto e decido não pressioná-lo. Sei que já será difícil o suficiente quando passarmos para as fotos de seus pais. Não sei o que houve entre eles, mas sei que ambos estão vivos e longe demais dos filhos. Algo aconteceu que feriu Eros de tal maneira, que o fez totalmente avesso ao amor. Percebi isso pela forma como falou de sua mãe estar sempre apaixonada na outra vez em que mexemos nessas fotos. Eram lembranças dolorosas, não boas.

Quando pego as fotos de sua mãe, ele pede:

— Não me dê as fotos onde ela está acompanhada, na cama, ou com olhos vazios demais. Me dê as que está deslumbrante. As que os olhos dela tem aquele brilho que você enxergou.

Assinto e separo as fotos. Percebo então que há muitas de seu olhar quase morto, sua expressão cansada. Magra demais, despenteada, de cama, como se estivesse doente. Quero muito saber o que houve com ela, mas não me atrevo a perguntar, não quero feri-lo ainda mais. Vou passando para ele as fotos dela com eles. As que está sorrindo, as que seus olhos brilham. Ele sorri com cada imagem, organizando-as no álbum feliz. Até as de seu pai passo as que estão junto dele, as que ele está sorrindo são pouquíssimas, apenas duas. E vejo que ele se demora um tempo maior olhando para elas.

Quando terminamos, guardo as fotos tristes de volta em seus lugares e folheamos juntos o álbum feliz. Ele se levanta de repente e volta com o celular. Senta-se ao meu lado e toca meu rosto virando-o em direção ao seu.

— Vamos tirar uma foto para eu colocar no álbum feliz — sugere.

Imediatamente solto meu cabelo e o ajeito, fazendo-o rir.

— Eu nem passei uma maquiagem — reclamo.

— Você está linda, Ayla. Você é incrivelmente linda. Venha aqui.

Aproximo-me dele e ele passa o braço à minha volta, tirando a selfie. Manda imprimir pelo celular e nos levantamos para irmos até seu escritório pegar a foto para colocar no álbum. Ele me ajuda a levantar e assim que me ponho de pé, ele me abraça. Me aperta em seus braços e diz em meu ouvido:

— Obrigado. Você não poderia ter me dado algo melhor. Este foi o melhor presente que já ganhei. Você não faz ideia do quanto significou para mim, do quanto estou feliz por ter você comigo hoje.

— Mas você passa seus aniversários sozinho, não é? Então estraguei seus planos — brinco e sinto-o sorrir com o rosto escondido em meu pescoço.

— A partir de agora não passarei mais. Você quer ir a algum lugar comigo? Podemos tirar algumas fotos para o álbum feliz e comer algo, o que acha?

Para quem passava seus aniversários sozinho, de repente ele parece com medo de ficar sozinho o resto do dia.

— Claro. Mas só porque é seu aniversário, não vá pensando que eu quero estar na sua companhia.

Ele se afasta e me olha, acaricia meu rosto e parece que toda a dor em seus olhos some. Então segura minha mão levando-me para fora do quarto enquanto me provoca.

— Você ainda não recuperou toda sua vergonha, então? Acho que podemos destruí-la mais um pouco hoje.

— Cala essa boca! — ralho fazendo-o rir e deixo que me guie até seu

escritório, depois até seu carro, e seja para onde for que está me levando agora. Com o álbum feliz no colo, observo a última foto que colocamos, nós dois juntos. — Pare em algum lugar com algo de madeira — peço.

Vou bancar a louca, mas vou ficar duas horas sem parar batendo na madeira.

Capítulo 19

Minha cabeça gira, seus olhos negros nos meus parecem tão amorosos, tão calmos! Eu poderia deixar que ele me segure, e cuide de mim, mas não vou. Preciso contar a ele. Seus braços estão à minha volta, sustentando-me, ele está se molhando comigo e nem se importa. Não consigo sentir frio porque o calor de seu corpo me aquece tanto quanto o calor de seu olhar. Eu quero ficar aqui para sempre. Mas não posso. Vou contar a verdade de uma vez.

— Me beija — pede com seu rosto perto demais do meu e sem ao menos me dar conta, o obedeco.

Geralmente, é ele quem me beija, ele quem me surpreende e me deixa mole em seus braços. Mas desta vez está pedindo que eu faça isso com ele. Não tenho sua experiência, mas tenho toda essa paixão que ele provoca quando se aproxima assim de mim. Sinto sua barba fazendo cócegas em meus lábios. Encosto minha boca na sua, ele permite que meus lábios tomem os seus. Minha língua toca seus lábios timidamente e ele corresponde com o fogo que é dele. Esse jeito de me beijar que me faz esquecer quem sou. Assume o controle do beijo e de mim. Seus lábios tomam os meus com tanto desejo e paixão, que sinto-me tonta, como se flutuasse. Não me preocupo em cair, porque sei que ele vai me segurar. Sua língua domina a minha causando as mais diferentes sensações. Se seus beijos já me deixavam tonta antes, agora me tiram de mim.

Acordo suada e com a respiração acelerada. Algo pula em meu estômago, meu coração não deve estar no lugar certo e meu corpo todo formiga. Que tipo de sonho foi esse?

Levanto-me e lavo o rosto com água fria no banheiro, mas ainda o sinto em mim, à minha volta no banheiro, a água escorrendo por seu corpo forte, seus braços me cercando, me envolvendo, sua boca...

Jogo mais água fria, quase me afogo na pia e isso não passa.

— Ainda bem que foi um sonho, que você nunca me beijou desse jeito porque eu não tenho emocional para lidar com isso — admito a mim mesma em frente ao espelho.

Encontro Sabrina na cozinha, tomando café com a vovó. Na certa, passou aqui para me dar bom dia e foi pega pela dona Sofia, tentando arrancar dela coisas que não consegue arrancar de mim. Assim que vovó se afasta, ela pergunta o que há de errado comigo.

— Está dando para ver isso na minha cara? — pergunto preocupada.

— Você está vermelha como um tomate, Ayla. O que aconteceu?

— Eu sonhei — Aproximo-me dela e sussuro: — que o Eros tinha me beijado de língua embaixo do chuveiro. Ele me apertava ao seu corpo, e me beijava e acordei assim. Não sei se tenho falta de ar, ou ar demais em mim agora.

Caio na cadeira e minha amiga ri alto da minha cara.

— Você está muito apaixonada!

— Não é paixão. Não assim! E ele nunca me beijou de língua, mas você sabe, os melhores beijos que tive na vida foram dele. E foram castos. Acho que meu subconsciente está curioso sobre o beijo inteiro, sabe?

— Sei. Não só o seu, querida. Até que você assuma que está apaixonada, posso dizer que eu daria a minha alma para ter um beijo desse homem.

Bato na madeira e faço uma careta para minha amiga oferecida.

— Não seja essa pessoa, Sabrina. Recalcadas não passarão.

Ela me lança um biscoito e tomo café correndo para ir à empresa.

Assim que entro, percebo que algo está errado, pois todos os olhares estão em mim, seguidos de cochichos. Começo a me preocupar com o que possa ter feito bêbada na festa de Eros e abaixo a cabeça para esconder minha vergonha, ainda estraçalhada por essa festa. Mas então, quando chego à minha mesa e vejo Louisa sentada nela com o jornal na mão, entendo tudo.

— As fotos.

Paro onde estou sem coragem de continuar. Desta vez não conseguirei arrumar uma desculpa plausível para o nosso estado seminus de mãos dadas. Já que ninguém vai acreditar na verdade. Uma semana depois, pensei que

estávamos livres dessas fotos, mas não. Louisa joga o jornal sobre a mesa quando me aproximo e passa sua unha vermelha sobre a foto maior em destaque.

— Exatamente como eu sempre soube que você era. Qual a desculpa dessa vez, Ayla?

— Nenhuma. Porque não sou obrigada a dar qualquer desculpa para você. Aliás, não te vi na festa do chefe, onde você estava?

Seu rosto atinge um tom vermelho escarlate e ela se afasta irritada. Isso foi mais fácil do que eu imaginava.

Preparo o café de Eros e quando estou deixando a bandeja sobre sua mesa, ele chega. Sente o cheiro do café e arrisca:

— Café novinho! Está de bom humor esta manhã, senhorita?

— Na verdade, é uma despedida já que serei cruelmente assassinada pela minha avó hoje à noite.

Ele sorri. Pega o celular e observa algo, gira a tela em minha direção e vejo a foto em destaque no jornal. Nós dois seminus de mãos dadas.

— Poderíamos ser modelos dessas capas de livros de romance, o que acha?

— Vestidos assim? Não seríamos de livros de romances, eu acho.

Ele sorri daquele jeito que sorriu quando me viu com seu roupão no sábado de manhã.

— Um livro erótico com você seria bem divertido — comenta com a voz rouca.

Fico tão sem graça que não consigo formular uma resposta. E agindo como uma criança, cubro o rosto com as mãos e deixo sua sala ao som de sua risada, porque me lembro daquele sonho e de seus braços molhados à minha volta e se continuar assim serei eu a autora do nosso livro erótico.

Estou absorta no trabalho após o almoço quando alguém pigarreia perto de mim e só então noto Tim sentado à minha frente.

— Precisa de alguma coisa, Tim?

— Sim, das suas desculpas. Fui rude com você na outra noite. Não deveria tê-la deixado sozinha.

Olho em seus olhos castanhos preocupados, e o sorriso contido que tem em seu rosto e decido parar esse joguinho de sedução dele agora mesmo. Não vai me fazer qualquer bem, uma vez que esta é uma história de amor minada. Estou sempre pisando em bombas com ele, sempre tendo provas de que Sabrina estava certa sobre ele. Em três anos nunca olhou em minha direção duas vezes, mas

bastou que eu fizesse isso com seu irmão e de repente quer me agradar. Ainda assim ele falha, mesmo que pelos motivos errados, não consegue me conhecer melhor, porque está preocupado demais em viver de momentos e não de histórias inteiras.

— Não, eu não o desculpo. Mas isso não vai mudar em nada nossa relação. Nem a profissional, nem a de amigos.

Ele parece tão surpreso com minha resposta, que demora um pouco a formular a sua.

— Eu fui muito grosseiro com você, você está certa.

— Você foi apenas você. Acho que eu não gosto de como você é — dizer isso me causa uma pontada dolorida no peito. Como um ciclo sendo encerrado quando ainda estou de alguma forma apegada a ele.

— Mas eu não sou assim. Ayla, sei que não mereço, mas me dê uma chance de mostrar como sou de verdade. Mesmo que para manter nossa relação de amizade sem essa mancha. Nos conhecemos há tantos anos, sei que um dia fui importante para você. Especial. Aceite jantar comigo hoje. Se depois desta noite você não quiser mais qualquer tipo de relação pessoal comigo, eu prometo que irei respeitá-la.

— Por quê? Para que você quer mudar minha opinião? Você me conhece há três anos, quase quatro, nunca me chamou para sair antes, por que agora quando está ciente dos meus sentimentos por seu irmão?

— Nunca é tarde para corrigir um erro como esses, você não acha? E na verdade, preciso falar com você sobre sentimentos. Te pego às oito, prometo que vai valer a pena.

Ele se afasta e fico esperando a alegria, emoção e medo por finalmente depois de tantos anos, ter um encontro com aquele que tenho chamado de amor da minha vida. Mas nada disso vem. Vem a curiosidade, a ansiedade, e apenas isso. Meu coração não balança mais, apenas meu estômago demonstra algo sobre isso.

— Você perdeu um órgão, Tim — lamento.

Estou no ponto esperando o ônibus quando meu chefe para seu Vitara azul e me aproxima da janela do carona para saber o que quer.

— Quer uma carona? — oferece.

— Não, obrigada, meu ônibus já vai passar.

— Pode entrar, não precisa ir de ônibus.

— Não, obrigada.

— Ayla...

— Sem tratamento especial, lembra? Não vou aceitar e por favor, pare de insistir.

— Tudo bem então. Não seria um tratamento especial já que estou indo para sua casa, mas vá de ônibus se prefere assim. Nos vemos lá.

— Você está indo onde?

Ele fecha o vidro e arranca com o carro e começo a contar os segundos para o ônibus passar, pois temo como ele vai explicar nossas fotos seminus a vovó.

Justo hoje o ônibus atrasa, e quando finalmente passa, o motorista é algum tipo de lesma. Reclamo o caminho todo sem me importar com a cara feia do cobrador. Finalmente para no meu ponto, quase passo por cima das pessoas para sair.

— Ele estava brincando comigo. Não estava vindo à minha casa — repito constantemente, mas vejo seu carro azul na minha rua e corro até em casa.

Chego quase desfalecendo tamanho o meu sedentarismo, e o encontro no sofá da sala, uma xícara de café na mão, e Uli conversando com ele como se fossem os melhores amigos do mundo.

— Ayla, você está bem? Parece prestes a desmaiar — ainda tem a cara de pau de me perguntar.

— Você vai ficar frequentando a minha casa agora? — pergunto irritada e recebo um olhar ainda mais irritado da vovó.

— Sim, ele vai. Qual é o problema?

— Ele não precisa disso, vovó. Ele tem uma casa imensa, enorme mesmo, onde vive sozinho! Com todo espaço do mundo só para ele! Por que se incomodar em ficar vindo aqui no nosso espaço tão pequeno?

Ele sorri, Ulisses me olha como se eu tivesse três cabeças e vovó aperta meu braço disfarçando com um sorriso.

— Não seja tão mal-educada, menina! Seu chefe pode vir aqui quando quiser. E se não fosse ele ter vindo me explicar a pouca vergonha que vi nos jornais, você estaria morta a essa hora — ralha e afasta-se voltando à cozinha.

Curiosa, sento-me ao seu lado, entre ele e Ulisses e pergunto baixinho:

— O que você disse à vovó?

— Que você tirou a roupa para chamar minha atenção porque está apaixonada por mim, então como o cavalheiro que sou, a cobri com meu terno.

— Que engraçadinho, eu não estaria viva a essa hora se tivesse dito isso. O

que você disse?

Ele brinca com meu queixo e sorri.

— Não se preocupe, meu bem. Eu só disse a verdade.

— Ayla! — Vovó chama de repente e levo um susto que faz Eros rir. — Eros trouxe o jantar, comemos sem você porque você demorou demais, mas posso aquecer para você.

— Obrigada, vovó, mas não precisa. Na verdade, eu vou jantar fora.

Eros gira a cabeça tão rápido em minha direção que os olhos da vovó se prendem em nós, estranhando a reação exagerada do meu chefe.

— O que você está fazendo? — pergunto disfarçando para que vovó não perceba.

— Onde você vai? — pergunta de volta.

Levanto-me e explico a vovó, para que ela pare de nos olhar como se fôssemos o casal do ano, avaliando erroneamente a curiosidade do meu chefe como ciúmes.

— Vovó, vou sair para jantar com o Tim, lembra-se dele? Ele é meu chefe também, irmão do Eros. Mas não vou demorar.

Ela segura minha mão e me arrasta até um canto.

— O seu chefe está aqui há duas horas esperando para te ver, por que você vai sair com o calhorda que nunca te quis?

— Ai, vovó! Não precisa ser tão má! Meu chefe está aqui para explicar a senhora sobre as fotos, apenas isso. Ele não sente ciúmes de mim, só é irritantemente curioso.

— Ele me explicou isso em dez minutos quando chegou, e está aqui há duas horas conversando com seu irmão, esperando você chegar. Abra o seu olho, menina. Você tem mania de olhar sempre na direção errada.

Ah, vovó, se a senhora soubesse o quanto tenho olhado o meu chefe, não me daria tal conselho.

Eros despede-se da minha família pouco depois, e vou levá-lo ao portão. Ele segura minha mão e me puxa para a calçada. Observa se ninguém da minha casa está olhando antes de dizer:

— Você deveria perdoar o seu irmão.

Meu ar some, minhas pernas ficam bambas e me apoio no muro.

— Por quê? O que ele te disse? — pergunto tentando conter a tremedeira que está prestes a me tomar.

Se o Uli contou a ele sobre o roubo em sua casa, eu juro que o mato. Isso faria com que Eros descobrisse tudo, faria com que ele me odiasse.

— Sobre os roubos e os problemas que tem lhe causado. Disse que fez você perder o emprego e ele se arrepende muito. Ayla, o gerente dele o elogia tanto! E ele é só um menino. Não tem a mãe, nem um pai, não tem a mesma liberdade que você com a Sofia, você é tudo o que ele tem. Não desista dele.

Meu peito deveria estar aliviado por meu irmão não ter falado nada demais, mas não está. Pensar em Uli ainda traz o peso da saudade, da culpa e do medo.

— Então você além de vir à minha casa todo dia, ainda vai se meter nos meus problemas de família?

— Você se mete nos meus, sinto-me no direito — responde sorrindo e acabo rindo também, aliviando a pressão no peito.

— Tudo bem, eu mereço isso. Eu o amo, Eros, ele era a minha pessoa. A quem eu contava tudo, em todos os momentos. Mas sinto que não o conheço mais. E sinto que se voltarmos a ser como antes, ele vai fazer de novo. E até quando terei que aguentar seus erros? Até quando vou me decepcionar com ele?

— Para sempre, meu bem — responde acariciando meu cabelo. — É para isso que serve a família. Ele é seu irmão e você vai amá-lo, vai esperar tudo dele, vai se decepcionar muitas vezes, porque é assim que funciona. O que você não pode fazer é desistir dele, Ayla. Isso nunca.

Ele está certo. Ulisses teve sua lição, está sozinho desde então, e quem vai impedi-lo de errar de novo se não tiver ninguém que o oriente? De repente quero entrar logo para abraçar meu irmão e deixar tudo para trás.

— Obrigada, Eros. Você está certo. Mas pare de vir à minha casa.

Ele sorri, mas rapidamente seu sorriso some e ele me lança um olhar curioso. Como quem não quer nada, coloca as mãos nos bolsos da calça e pergunta:

— Onde você vai?

— Na verdade, eu não sei. Mas preciso entrar e me arrumar.

— Você quer mesmo fazer isso? — pergunta quando estou entrando. — Você devia tomar cuidado com meu irmão. Ele não é o tipo de homem que você merece, Ayla.

Solto o portão e volto para perto dele, estou tão irritada, que sinto-me aquecer e meu coração acelerar.

— O que você quer dizer? Ele é rico demais para mim? Importante demais? Não estou à altura do seu querido irmãozinho? — Ele tenta me interromper, mas

falo ainda mais alto: — Eu mereço alguém do meu bairro, da minha posição social, da mesma simplicidade que eu...

— Cale a boca ou vou beijar você! — ameaça aproximando-se de repente e me calo. — Você fala tanta besteira e é tão encenqueira! O que eu quis dizer é que ele não está à sua altura.

Meu coração dá um salto gigante e quase sinto-me flutuar bem na frente dele.

— Ele não é alguém disposto a ter uma mulher apenas, não está à procura de um relacionamento sério, ele gosta de se divertir.

— Eu sei, percebi isso quando ele me deixou no vácuo para se atracar com a ruiva na sua festa.

— Então por que está saindo com ele? Você não tem que fazer isso.

— Porque ele insistiu, não me deixou outra saída.

Ele segura meu rosto com as duas mãos e seus olhos negros pousam nos meus.

— Não tente me esquecer com ele, me prometa isso.

— Por quê? O importante não é que eu te esqueça? Que diferença faz com quem?

— Faz diferença, Ayla, porque você tem a chance de conhecer alguém que realmente a mereça. Não precisa se machucar ainda mais no caminho, você entende?

Tiro suas mãos do meu rosto e me afasto dele, irritada.

— Não! Não entendo! Se você não quer que eu me machuque, pode simplesmente me amar de vol... — Me calo assustada com o rumo dos meus pensamentos. — Você não pode, eu sei que não pode. Me desculpe.

O que estou pensando? Ia mesmo dizer a ele que devia me amar de volta e eu não sofreria? Eu disse a ele que está me machucando não correspondendo sentimentos que nem existem? Seus olhos negros culpados buscam os meus, e me sinto péssima. Talvez esteja sendo boa atriz demais, mentindo demais, entrando demais nisso.

Não sei como me desculpar com ele e pedir que esqueça o que insinuei, não sei como tirar essa culpa em seus olhos, culpa que ele não tem. Então o abraço, espero até que me abrace de volta, como um pedido de desculpa sem palavras. O aperto o máximo que consigo, enquanto seu abraço é calmo e aconchegante. Afasto-me e não consigo olhar em seus olhos, não quero que veja a confusão que deve estar estampada nos meus.

— Não vou usá-lo para esquecer você, eu não queria sair com ele, ele insistiu. Não é um encontro, é um jantar. E por favor, esqueça isso, esqueça o que eu ia dizer. Eu sinto muito.

— Ayla — chama tentando me fazer olhar em seus olhos, mas não permito.

Entro rapidamente e fecho o portão, deixando-o ali, com toda a culpa que não deveria estar sentindo. Corro ao meu quarto e ligo para Sabrina, mas ela não me atende. Por fim, decido que é melhor, porque estou tão confusa que não saberia o que dizer. Eu ainda amo o Tim? Saber que ele não é nem a sombra da pessoa que montei para ele me fez mesmo esquecê-lo? Porque eu realmente não quero jantar com ele, nem estou com fome! Mas como pode um amor de anos sumir assim? Será que há algo errado comigo?

Se não amo o Tim, então amo o Eros?

— Não! Não mesmo!

Bato na porta do banheiro por vários minutos, até Liah gritar que pare com esse barulho irritante. Eu não amo ninguém, finalmente estou livre. Livre de sentimentos, livre de esperanças vãs. Bem melhor assim, sou livre. Vou tomar um banho e me arrumar para o jantar sentindo-me a própria Elsa, gritando aos ventos: livre estou. E não vou pensar no que quase disse a Eros.

Uli está lendo um livro quando Tim buzina lá fora, coisa que nunca o vi fazendo antes de sua amizade com Eros. Aproximo-me dele e o observo. Seus olhos buscam os meus e o advirto:

— Uli, se você fizer algo sequer parecido com o que fez na casa do Eros de novo, eu juro que nunca mais vou olhar para você.

— Irmã, eu não vou fazer. Nunca mais vou fazer algo assim. Sei que não adianta falar, mas posso te abraçar agora?

Sorrio e imediatamente ele me suspende do chão me rodopiando pela sala. Finalmente abraço meu irmão, ouvindo suas promessas de que dessa vez tomou jeito, e acredito mesmo nelas. Ele não é má pessoa, há uma saída para ele e vou ajudá-lo a encontrá-la. Um peso tão grande sai das minhas costas quando posso dizer de novo que o amo! E meu coração se enche de gratidão a Eros por isso.

Tim me leva a um restaurante elegante, mas comemos apenas a sobremesa quando confesso a ele que não estou com fome. Fala um pouco sobre a amizade entre ele, Eros, Nico e Tulio, sócio de Nico. Então chega ao assunto que atrai minha atenção: Eros.

— E como tem lidado com o que você sente por meu irmão? Imagino que não seja fácil lidar com isso quando ele te coloca para dormir na cama dele.

Seu tom crítico à atitude de Eros não passa despercebido por mim, e me sinto na obrigação de defender Eros.

— Ele foi apenas gentil. Teria feito isso por qualquer funcionária que bebesse o suficiente para invadir seu banheiro e pagar tanto mico — brinco e funciona, ele abre um sorriso, a tensão em seu corpo sumindo.

— Acredite, ele não teria. Ninguém nunca dormiu na cama dele antes. — Não consigo esconder a surpresa em meu rosto, e ele a percebe. — Ele também nunca se vingou de nenhum funcionário para defender outro antes, embora alguns tenham mesmo merecido.

— Eu não entendo onde você quer chegar, Tim.

— Quero que sejamos sinceros um com o outro, Ayla. Estou aqui para ser o mais sincero possível com você.

Sinto minhas mãos esfriarem imediatamente, ele vai me perguntar por meus sentimentos por seu irmão, vai remexer nisso, e vou acabar soltando algo que não devo.

— Fale o que quiser falar, ainda não entendo o que você pretende.

— A mãe do Eros, Atena, casou-se com meu pai quando eu tinha dois anos. Ela me criou como seu próprio filho. Ela não amava meu pai, mas amava a mim. Era minha babá quando meu pai se apaixonou perdidamente por ela. Ela era linda, suave como uma brisa, dócil, gentil, enxergava nas pessoas o que ninguém mais enxergava. Ele ficou cego por ela, principalmente, depois de perder minha mãe biológica. Então meu pai passou anos mimando-a, cuidando dela, agradando-a de todas as formas possíveis, tentando chamar sua atenção. Mas nada do que fazia parecia ter o poder de conquistá-la.

Sua expressão torna-se triste e seguro sua mão por sobre a mesa.

— Nem mesmo quando o Eros nasceu isso foi o bastante. Ela era uma ótima mãe, dócil, amável, mas não era feliz. Ela quase nunca sorria, parou de falar com meu pai aos poucos, não por raiva, mas por não ter o que dizer. Era como se não vivesse. Então um dia, ela confessou a ele estar apaixonada por nosso jardineiro.

Falho miseravelmente em esconder minha surpresa.

— Papai quase morreu por isso. Ela decidiu viver seu amor, e ele não a impediu. Como poderia impedir que a mulher que amava fosse feliz? Foram meses com esse amor bem debaixo do nariz dele enquanto ele definhava. Um dia, esse amor acabou. Mamãe simplesmente não amava mais o homem. Papai voltou a sorrir, a se arrumar, a ter esperança. Ele a perdoou sem pensar duas vezes, mesmo que ela nem tivesse pedido perdão. Alguns anos depois, ela se

apaixonou de novo. E foi assim, amor após amor, paixão após paixão. Ela saía de casa, voltava para casa, não ficava com nosso pai, mas não permitia que ele tivesse outra pessoa. Um dia ele se cansou. Juntou suas coisas e saiu de casa, deixou tudo para ela. Foi viajar pelo mundo, eu tinha dezessete anos, o Eros tinha quatorze. Não o vimos mais desde então.

— Eu sinto muito. E o que aconteceu com a mãe de vocês?

— Percebeu que amava o nosso pai quando ele foi embora. Mas nada do que disse a ele o fez voltar. Ele nunca dizia onde estava, nunca queria falar com ela quando entrava em contato. Ela adoeceu, a doença do amor, como Eros chama. Projetou todo esse conto de fadas que nunca mais viveria em meu irmão repetindo para ele que viveria um grande amor, que ela veria isso, que seria feliz através dele. Aos poucos, deixou de fazer sentido, ficou depressiva, não falava mais com ninguém. Acabou se internando em uma casa de repouso e proibiu nossas visitas. Também não a vimos mais. Eros tentou falar com ela na semana passada, mas ela não o recebeu. Ela nos escreveu uma carta, disse ter vergonha do que fez com a nossa família, disse que não pode mais olhar em nossos olhos.

Lágrimas correm por meu rosto ao entender a gravidade da aversão de Eros ao amor. Ele tem motivos para não querer senti-lo, para pensar que é algo ruim, uma doença.

— Estou te contando isso para que você entenda que meu irmão pode ser seu anjo agora, pode estar encantado por você, mas não vai passar disso. Há muito de nossa mãe em você, Ayla, das coisas boas. A mesma leveza, doçura, impetuosidade. Você também vê o que ninguém mais é capaz, sabe como nos fazer querer cuidar de você, assim como ela. E ele me jura todos os dias que você não é um risco, mas o fato de ele não ser capaz de corresponder seus sentimentos, não o exime da culpa pelo que você sente.

— Ele não quer que eu fique como a mãe de vocês — constato entendendo sua preocupação em não me ferir.

— Não, esse é o maior pesadelo dele. Ser responsável pelos sentimentos de alguém é o maior pesadelo dele. E agora ele é pelos seus, justo pelos seus. A única pessoa que conseguiu de alguma forma chegar até ele. Você seria a pessoa com quem ele iria querer ter um relacionamento, você o fascina, eu vejo isso tão claramente! Mas o que o impede de se aproximar é que ele nunca irá amá-la de volta.

Nem quero começar a calcular o quanto o machuco todos os dias por essa mentira idiota! Nem quero pensar em como deve estar agora, depois do que disse a ele. Como pude ser tão egoísta? Livrar meu irmão da prisão às custas da dor de

alguém. Como eu faço para corrigir isso agora? Porque dizer a verdade a ele só o faria ter ainda mais aversão ao amor do que já tem. Ele nunca pode saber a verdade.

— Ele não é alguém feito para o amor, Ayla — volto a ouvir Tim.

— Você está errado. Seu irmão é a melhor pessoa que conheço, é tão bom, e altruísta! Ele sofre calado para não permitir que eu sofra. Não há pessoa mais apta ao amor do que ele. É uma pena que tenha tido uma experiência tão ruim.

— Nenhum de nós quer que você sofra — diz com uma expressão fechada por minha defesa a Eros.

— Eu entendi o seu recado, Tim. Na verdade, agradeço por ele. Não vou tocar neste assunto com seu irmão, e vou manter nossa relação mais profissional possível. Em pouco tempo ele vai acreditar que não o amo mais.

Tim concorda, mas há um sorriso em seu rosto que indica que não acredita realmente nisso.

— Você não foi a primeira a dizer que o ama, mas foi a única em quem ele viu amor. Aquele tipo de amor. Tanto que o tirou da zona de conforto, o fez querer protegê-la ao invés de evitá-la.

— O que você quer dizer?

— Ele vai se sacrificar quando chegar a hora e vai ficar com você, Ayla. Isso vai tomar a mente dele de tal forma, que não importa o quanto você se afaste, ele vai até você, vai cuidar de você, vai pensar que está te ferindo e vai fazer o que for possível para evitar isso.

— Eu jamais vou aceitar qualquer sacrifício dele. Nunca vamos ter uma relação, você não tem que se preocupar. Não vou machucá-lo mais.

Seus olhos se demoram tempo demais nos meus. Enxugo as lágrimas e tomo um pouco de água e ele continua me avaliando.

— E você? — pergunta de repente. — Como vai fazer para realmente esquecê-lo?

— Eu não vou fazer nada, nada pode ser feito. Uma hora isso passa.

— Como o seu amor por mim passou?

— Minha paixão por você era pela pessoa que eu pensei que você fosse. Não foi difícil passar quando te conheci. Não que você seja má pessoa, mas você é como todas as outras pessoas. Eros não é. Infelizmente, o conheço o bastante para saber que esquecê-lo será difícil — e infelizmente, constato que essa é a mais pura verdade.

Ele parece chateado, pede a conta sem dizer nada, e se levanta para irmos

embora. E como uma pegadinha do universo com São Pedro, no momento em que saímos da cobertura do restaurante, a caminho de onde seu carro está estacionado, uma chuva surge do nada e nos pega. É como se alguém colocasse uma nuvem sobre nossas cabeças e abrisse a comporta.

Corremos até seu carro, que está mais perto do que o restaurante, mas meu vestido fica preso nos espinhos da roseira que cerca a calçada, puxo sem perceber o que aconteceu, e ele rasga até minha cintura, bem na frente, onde não há como esconder. Tim volta para me ajudar, enquanto tento esconder minha calcinha. Entro no carro tentando com muito custo cobri-la, mas é uma tarefa impossível uma vez que é um vestido quase justo, o que o prendeu à roseira foi o bico que possuía no lado direito.

Tim não consegue evitar rir da minha cara quando senta-se ao meu lado e vê minha situação, com uma bolsa pequena demais, tentando cobrir minhas pernas. Ele tira seu colete e o joga para mim, e cubro minhas pernas com ele.

E mesmo rindo por uns dez minutos, não me diz nada.

Após longos minutos de silêncio no carro, sinto-me desconfortável pela situação, por tê-lo ofendido de alguma maneira.

— Tim, eu sinto muito. Não quis ofendê-lo, eu não quis dizer que você é alguém que não vale a pena, me desculpe se o magoei.

Ele me olha, mas não diz nada. Vira a direita e para o carro no início de uma descida íngreme onde há vários carros estacionados.

— Você não me ofendeu, Ayla. Mas me fez sentir raiva de mim mesmo. Porque você está certa. Curiosamente, sou alguém que busca esse tipo de amor. Quero amar alguém como meu pai amou Atena. Quero ter um final feliz, uma história diferente, mas ter aquele tipo de felicidade que só vi uma vez na vida, e foi nele. Mas claro, não vou encontrar o amor agindo como tenho agido. — Quando seus olhos pousam nos meus, pressinto que algo está por vir. — Você sempre me fez querer cuidar de você, desde a segunda vez que a vi.

Sorrio com essas lembranças de nossos primeiros encontros conturbados.

— E um dia eu vi esse amor em seus olhos. Vi todas as vezes, por muito tempo. Até que de repente não vi mais, então senti falta dele.

— Não faz sentido. Se você buscava algo e o encontrou, por que não o tomou para si? Por que esperou perdê-lo para sentir falta?

— Porque fui falho. Pensei que você estaria ali por mim no momento em que eu quisesse.

— Babaca, você quer dizer. Você foi babaca.

— Posso me redimir agora — diz tirando o cinto de segurança e antes que eu possa prever, sua boca quase alcança a minha, mas desvio a tempo, e ela pousa em meu queixo.

De repente, meu sonho me vem à mente. Mas não é sonho, são lembranças. O banheiro, Eros ali me perguntando se eu o beijaria caso ele me pedisse. Então ele me pediu um beijo, e ele me beijou de volta. Me tomou em seus braços, me levou em seu colo, não me tocou demais, apesar de eu estar ali, bêbada e à disposição dele. Teve o cuidado de virar-se de costas quando fui tirar a lingerie e me levou em seus braços até a cama. Aceitou dormir comigo, me deixou dormir em seu peito. Ele me beijou de verdade. Levo as mãos aos lábios como se pudesse senti-lo.

— Ele me beijou — falo em voz alta sem querer.

— Quem beijou você? — Tim pergunta afastando-se.

Olho seu rosto irritado e se eu disser a verdade, ele vai me afastar de Eros. Vai fazer isso ainda mais do que já fez esta noite.

— Você, você quer me beijar.

Sua expressão quase me faz rir, como se pensasse que estou louca.

— Sim, quero muito beijá-la.

— Mas não pode. Eu amo seu irmão, você não pode me beijar.

— Quem sabe eu não faça você esquecê-lo? Seria tão mais fácil para nós três se você me amasse, Ayla.

Seu rosto vem em direção ao meu de novo, e me afasto, apoiando-me em algo, uma espécie de alavanca que desce com meu peso. Então o carro se move, descendo o morro até que Tim puxa a alavanca para cima de novo, mas neste ponto, já bateu no carro da frente, que no solavanco, bateu no da frente.

— Ah, meu Deus! — Levo as mãos à cabeça em pânico. — Como eu vou pagar isso?

Olho para Tim esperando sua reprimenda e nervosismo, mas ele está rindo. E tem uma crise de riso enquanto desce do carro na chuva fina para procurar os donos.

Quando finalmente me deixa em casa, após resolver tudo e não me cobrar um centavo, segura minha mão quando estou prestes a descer e diz:

— Pensa no que te falei, está bem? No final, nós dois buscamos a mesma coisa.

— Tudo bem, e obrigada pelo colete.

Desço pensando em como vou explicar a minha avó o vestido rasgado do jeito que rasgou, minha aparência molhada e minha demora em voltar para casa. Bem, nessa parte dos carros tenho certeza que ela vai acreditar.

Capítulo 20

“Não é um encontro, é um jantar..”

“Se você não quer que eu me machuque, pode simplesmente me amar de vol...”

“Não vou usá-lo para esquecer você, eu não queria sair com ele, ele insistiu.”

Fico remoendo cada coisa dita por ela enquanto ando sem rumo pelo meu quarto. Confiro o relógio e são quase onze da noite, será que ele já a levou em casa? Pego o celular para ligar para ela, mas não posso fazer isso. Não posso mais confundi-la, agir como se estivesse com ciúmes, quando não sou capaz de sentir nada além de desejo por ela. Jogo o aparelho na cama e volto a andar pelo quarto.

— Eu a desejo tanto!

Tim tornou-se superprotetor quando mamãe tornou-se mentalmente ausente. Talvez porque toda a história de nossos pais tenha mexido muito mais comigo, assustando-me mais do que a ele. Como irmão mais velho, tomou para si a tarefa de pai, e mesmo após adultos e independentes, ainda age assim às vezes, quando pensa que algo irá me ferir. Ele me alertou muito sobre Melissa no começo, embora nunca tenha ido tão longe para afastá-la como tem feito com Ayla.

Mais uma vez, pego o celular e resolvo ligar para Tim, mas ele não me atende. Cansado, tiro a roupa e desisto, preciso acordar cedo amanhã e não vou chegar a lugar algum dando voltas pelo quarto. Passam dez minutos, vinte, trinta e não consigo nem mesmo manter meus olhos fechados. Não tenho qualquer

vestígio de sono, minha mente não consegue se desligar.

Pego o telefone e ligo para Ulisses. Ele atende rapidamente e tento não soar um maluco ao perguntar por sua irmã. Minto que ela não está atendendo e é algo importante sobre o trabalho. Tenho ligado tantas vezes tão tarde para ela, que ele sequer estranha. Me pede um minuto e pouco depois me diz que ela ainda não chegou.

— São quase onze e meia! Como ela ainda não chegou?

— Eu não sei, ela nunca chega tarde. Talvez tenha acontecido... — ele para de falar e ouço gritos de Sofia, mas não consigo distinguir o que está dizendo. — Ela chegou senhor Eros, mas acho que está nua.

— Está o que?

— Preciso desligar.

Ele encerra a ligação e me levanto imediatamente procurando algo para vestir, até me dar conta do que estou fazendo. Não posso procurá-la, não posso cobrar nada dela. Por que parece que estou ficando louco?

— Ah, Ayla! Por que você apenas não fica comigo? Eu só preciso ter você para que isso passe, uma noite, fica comigo!

Será que ela ficou com Tim? Por que chegaria nua em casa? O que isso significa?

Visto uma roupa qualquer e vou andar pelo jardim para tirá-la da minha cabeça. Sinto-me furioso, a respiração pesada, o coração acelerado, e nunca me senti assim. Pulo na piscina gelada e espero que o exercício alivie essa tensão e a água fria apague essa raiva.

São seis da manhã e estou na empresa quando ainda não há ninguém. Dou voltas pela minha sala esperando que o tempo passe. Cochilo um pouco sobre a mesa e quando as pessoas começam a chegar, desperto. Fico aqui dentro escondido, vendo o movimento, esperando que Tim chegue. Mas Ayla é quem chega primeiro. Parece cansada, como se não tivesse dormido nada, e isso me deixa ainda mais irritado. Assim que se senta em sua mesa, ligo para ela assustando-a.

— Ayla, venha até minha sala agora!

Ela entra imediatamente e passo por ela trancando a porta. Seus olhos se tornam ainda mais assustados quando repara como estou vestido, meus olhos cansados e o cabelo bagunçado.

— Você está bem? O que aconteceu? — pergunta preocupada e olho em

seus olhos castanhos.

— Você o beijou?

Ela sustenta seu olhar no meu, demora um pouco a processar a pergunta e franze o cenho quando finalmente o faz.

— O quê?

— Eu perguntei se você o beijou! Você chegou em casa quase meia-noite, com pouca roupa pelo que entendi, o que aconteceu? Por que demoraram tanto?

— Como você pode saber disso?

— Apenas responda minha pergunta!

Ela dá um passo para mais perto de mim e seu perfume de flores me atinge, aliviando um pouco a tensão que sinto. Seus olhos se desviam para minha boca, mas voltam rapidamente para meus olhos e um sorriso tímido está em seu rosto quando responde:

— Não é da sua conta.

Vira-se para sair, mas seguro sua mão e fico entre ela e a porta, impedindo que saia.

— Me responda!

— Não!

Seguro seu rosto e estou prestes a implorar.

— Por favor, me responda.

— Eu já respondi, não o beijei! O que você está pensando? Eu amo você, como ia beijá-lo?

Solto seu rosto e me afasto sentindo um alívio tão grande que não consigo conter um sorriso. De repente sinto-me cansado, quero dormir, descansar, tirar um dia de folga.

— Cancele todos os meus compromissos, eu vou pra casa dormir — ordeno.

— O que você acha que está fazendo? — ela pergunta me impedindo de destrancar a porta e olho seu rosto sem entender do que está falando. — Você me exige explicações e parece não ter dormido nada preocupado com isso, e age como um maluco ciumento quando tudo o que sabe dizer é que não é capaz de ter esse tipo de sentimento.

— Não estou agindo assim por ciúmes.

— O que é isso então? Preciso que você me explique, porque você está dando um nó na minha cabeça agora.

Aproximo-me mais dela e seguro suas mãos, ela sempre se acalma quando faço isso.

— Estou tentando protegê-la. Por algum motivo, o Tim pensou que você sentisse algo por ele, e agora você sente algo por mim. É por vaidade que está se aproximando de você, Ayla. Por isso e porque pensa que pode te fazer esquecer-se de mim. Eu só não quero que ele te machuque — digo com toda verdade e ela tira as mãos das minhas.

— Ele está certo, eu sentia mesmo algo por ele — responde como se estivesse dizendo o cardápio do café da manhã, como se isso não fosse nada demais. E sinto aquela mesma fúria inexplicável tomando cada pensamento e palavra que sai da minha boca.

— Você ama a nós dois então? É por isso que está saindo com ele? Talvez seja mais fácil me esquecer com alguém que você já amou, não é?

Estou a um passo de enlouquecer e seu rosto é sereno e calmo. Como se tivesse acabado de provar um ponto.

— Isso também é para minha proteção? — desafia apontando o dedo para mim e minha reação irritada e quero beijá-la tanto quanto quero tirá-la de perto de mim.

— Você vai me deixar louco! Eu juro que vai!

Dou a volta pela sala e quando busco seus olhos, parecem tão cansados quanto os meus.

— O que você quer ouvir de mim? — pergunto e seu olhar pousa no meu.

— O que estou fazendo aqui? — Ela se dá conta de que sua pergunta pode ter um milhão de sentidos diferentes e especifica, aproximando-se de mim com fogo nos olhos. — O que estou fazendo nesta empresa tão perto de você todos os dias? Você diz que ele me quer por vaidade, certo? E você? Por que me mantém aqui? Porque você não me ama, e sei que não pode amar. E mesmo assim você me provoca, me protege, me beija e age como se eu fosse uma propriedade sua. Isso tudo não é por vaidade? Não é para ter alguém que te ama por perto?

Como posso responder isso sem parecer que sinto o que não posso sentir se até mesmo na minha cabeça parece que estou ficando louco? Eu sei a resposta para todas as suas acusações ridículas e é simples: não consigo ficar longe dela. Mas não há um jeito de dizer isso sem parecer um sentimento que não tenho.

— O que você acusa o seu irmão, está fazendo igual — continua. — Ou talvez você não seja tão avesso ao amor quanto pensa.

Sinto-me como se tivesse levado um belo tapa na cara. Como se meu ar sumisse de repente por uma pancada forte, e todos os meus instintos entram em

alerta. Tim estava certo. Ela é o perigo que ele calcula e muito mais. Ela me faz ter pensamentos e reações que nunca deveria ter. Pela primeira vez em anos sinto-me exposto, descoberto, prestes a ser ferido. Não posso permitir isso.

— Você está demitida!

Desvio meus olhos dos seus ao ver o choque neles, ela ergue a cabeça e assente, destranca a porta e sai sem dizer uma palavra. Observo atrás da persiana quando sai com a cabeça erguida ignorando os olhares curiosos sobre ela. Entra no elevador e se vai. Sem nem me questionar, sem lutar, ela se vai.

E sei que foi a coisa certa, que esperei que isso chegasse longe demais, mas mesmo assim sinto-me péssimo. O medo que ela despertou em mim com uma simples frase ainda está aqui. E agora que não a verei mais, parece crescer a cada segundo. Jogo-me na cadeira e tento organizar meus pensamentos. Tenho me preocupado tanto em não machucá-la, mas nunca me preocupei em impedir que ela me machucasse, como fez com a merda de uma frase.

E se ela não está certa sobre minha aversão ao amor, então está certa sobre mantê-la por perto por vaidade? Nem preciso pensar muito nisso, não é por vaidade é por ela. Por esse jeito atrevido e tão doce que toma minha mente e enche meus dias, que faz as horas passarem rápido demais, e as noites tornarem-se tão longas, que me faz ter vontade de trabalhar até aos finais de semana. E na verdade, cada vez que me olha com todo seu amor jogado sobre mim, me deixa apreensivo, me faz recuar. Então não é por vaidade.

Abro a porta para ir dormir após desistir de tentar entender o que ela me causa, eu não preciso entender uma vez que não a verei mais. Então vejo sua mesa vazia. A cadeira onde a observo durante todo o tempo, vazia.

— O que você está pensando, Eros? Vá buscar essa encenqueira — ordeno a mim mesmo e corro até o elevador.

Sei que terei que adulá-la, dificilmente a convencerei a voltar hoje. Tenho que ter algo para oferecer em troca de suas desculpas, uma resposta para suas perguntas e acusações que não a confunda, tenho que ser objetivo e profissional com ela para convencê-la a voltar para mim. Mas penso sobre isso no caminho até sua casa.

Chego ao estacionamento, pego chave no bolso e destravo o carro, e então a vejo. Sentada sobre o capô do carro, com as pernas cruzadas e a cara emburrada. Ela sabia que eu viria atrás dela. Me pego sorrindo enquanto me aproximo.

— Nem trinta minutos — diz com um sorriso vitorioso e só quero puxá-la para meus braços.

Aproximo-me do carro e a puxo pelas pernas, amparando seu corpo com o

meu. Ela está na ponta do capô e apoio meus braços em cada lado de seu corpo, cercando-a.

— Não sei lidar com seus sentimentos por mim. Ninguém nunca me amou antes — confesso.

— Eu não facilito pra você — assume abaixando a cabeça.

— Não mesmo, você parece querer me deixar louco! — Olho seu sorriso doce e esses olhos apaixonados e eu deveria fugir deles, mas só quero tê-la por perto mais um pouco. — Você deveria me dar um abraço agora.

Ela sorri, coloca as mãos em meus ombros e penso que vai se jogar em mim como sempre, mas ao invés disso ela me afasta. Me empurra para longe e desce do carro virando-me as costas.

— Não, nada de abraços. — Seus olhos buscam os meus e seu sorriso parece triste. Não é algo característico dela. — Eu não te amo.

— O quê?

— A partir de agora, eu não te amo — repete e vejo seus olhos perdendo o brilho divertido.

— Como assim? Você vai apenas desligar isso?

Ela nega com a cabeça e responde:

— Mas vou fazer você pensar que sim. Você não terá mais nenhum vislumbre desse amor, Eros. Em pouco tempo será como se eu nunca tivesse confessado isso a você. Vou tratar de fazê-lo esquecer o que sinto.

— Você não tem que fazer isso — de repente me parece errado forçá-la a me esquecer assim, forçá-la a se preocupar comigo.

— Tenho, é minha vez de proteger você. Eu não te amo mais, concentre-se nisso, apenas nisso. Você vai saber lidar comigo então.

Eu poderia pensar em mil respostas diferentes para impedi-la de agir assim, mas ao fim, apenas concordo. Sinto que insistir em ter provas de seu amor só irá feri-la mais, e se sou fraco demais para fazer alguma coisa, perdido demais para entender como agir com ela, então que ela seja quem vai fazer por nós dois. Ela se vira para entrar e peço uma última vez:

— Mas me dá um último abraço. Você não vai querer me abraçar quando estiver me protegendo, então faça isso agora, como uma despedida.

Ouçõ sua risada, mas ela nega.

— É só um abraço, você meio que me deve isso — insisto.

— Te devo por que? Não! Sem abraços!

Seguro sua mão e a puxo para mim, tentando prendê-la em meus braços,

enquanto ela tenta correr.

— Me dá um abraço! — exijo.

— Me solta! Você está louco?

— Para de me bater e me abraça. Sua maluca! Você está atraindo atenção. Fica quieta e me abraça! — Ela se mexe tentando se soltar, mas insisto e sua risada gostosa me dá a vitória, consigo prendê-la em meus braços, e ela cede abraçando-me de volta.

— Consiga uma reunião com a senadora Mendes antes que ela vá embora da cidade — ordeno a Ayla que sequer desvia seus olhos para mim.

Tem sido assim a semana toda. Ela fala o necessário e nunca olha em meus olhos, de forma que quando a provoco, sempre me responde profissionalmente e sou impedido de ver aquele fogo em seu olhar.

— Impossível, senhor. Sua viagem é esta noite, ela não irá recebê-lo.

— Se vira! Você tem toda a manhã e tarde para conseguir isso.

— E quais são seus planos? Seduzi-la para que ela te peça algum projeto?

— Você está com ciúmes? — Busco seu olhar, mas eles estão focados no laptop e apesar de vislumbrar por um segundo seu sorriso, ela não olha para mim. Está mesmo tentando me enlouquecer.

— Não, senhor. Só quero saber se devo encomendar flores.

— Não que seja da sua conta, mas meu plano é convencê-la a se tornar a acionista majoritária da Reymond. Ela tem algumas ações aqui, quero propor que as triplique.

Seus olhos finalmente pousam nos meus e senti tanta falta deles que perco o fio do pensamento e quero beijá-la.

— Isso seria incrível! — comenta animada e seus lindos olhos castanhos brilham em admiração.

— Você é linda! — solto sem querer e ela desvia novamente o olhar para baixo.

— Vou processá-lo por assédio se não parar de me olhar assim — ameaça.

Sorrio, afasto-me de sua mesa antes que faça uma burrada e alerta:

— Consiga a reunião, faça seu trabalho!

Sei que é impossível que ela consiga, mas preciso que tente.

A porta da minha sala é aberta após o almoço e Melissa entra com um

sorriso que me preocupa. Há dias tenho recusado suas ligações, e me declinado de seus convites. Há dias consigo evitá-la sem causar maiores danos, então imaginei que quando ela aparecesse na empresa, se pareceria a um vulcão em erupção. Ao invés disso, tem um olhar sereno e um sorriso no rosto. E isso quer dizer que aprontou algo. Ainda não tivemos qualquer contato do meu tio sobre a visita de Heitor a ele, e provavelmente teremos hoje, a julgar pela felicidade dela.

Paro o que estou fazendo e dou toda atenção ao que está falando, procurando um indício do que está por vir. Mas ela apenas fala de Ayla e Tim. Até mesmo quando Ayla entra em minha sala com um café que provavelmente Melissa pediu, ela aproveita para falar disso:

— As flores na sua mesa foram presente do Tim, querida?

Ayla sorri docemente e observo imediatamente sua mesa, há mesmo flores em um pequeno vaso.

— Não é da sua conta — responde.

— Você já conseguiu a reunião que te pedi? — pergunto antes que Melissa comece seus ataques para cima dela.

— Isso é impossível, senhor Eros, a secretária dela disse que...

— Não quero saber o que a secretária disse. Consiga a reunião.

Ela concorda profissionalmente, mas responde minha babaquice batendo a porta ao sair.

— Essa garota é uma grossa! Não sei como o Tim a suporta!

— Na verdade, ela está te tratando como você merece depois de tudo o que fez a ela. Mas sobre ela e o Tim, não comente mais sobre isso, Melissa.

— Por que não?

Porque me irrita toda a atenção que ele tem dispensado a ela.

— Porque eles já terminaram. O Tim cansou, deu um fora nela, melhor nem falarmos disso.

Ela abre um imenso sorriso e me pergunto se cometi um erro ao inventar logo essa desculpa para que ela pare de forçar um relacionamento entre eles.

— Então ela vai voltar a correr atrás de você. Espero que se lembre disso, querido. Que sem pensar duas vezes ela o trocou por seu irmão.

Olho em seus olhos e repito pela última vez:

— Ela nunca correu atrás de mim e não gosto quando você fala assim dela.

Seus olhos se desviam para o telefone sobre minha mesa, como se esperasse algo.

— O que você fez, Melissa? Por que está aqui?

— Apenas garanti que nenhuma mulher vai conseguir tirá-lo de mim, meu bem.

— O que quer dizer com isso?

— Eu disse que você não tinha ideia do quanto eu poderia atingir você. Você me subestimou.

O telefone na minha mesa toca, e noto o temor na voz de Ayla quando diz de quem é a ligação que vai me transferir.

— É o seu tio, ele quer falar com você.

— Está tudo bem, Ayla. Pode transferir.

Sob o olhar atento de Melissa, ouço tio Olavo, que quase nunca entra em contato por telefone, perguntar rapidamente por Tim. Geralmente ele é direto e frio, e também é assim agora. Vai diretamente ao ponto.

— Heitor Sampaio veio me visitar há alguns dias. Conversamos um pouco, ele me ajudou a analisar seus números neste ano.

— Sim, eu soube. Você deve ter ficado bem feliz, afinal de contas, consegui o contrato do governo — recordo-o para que repense qualquer decisão errada que tenha tomado.

— Um grande feito, Eros. Sempre soube que você seria o melhor no que faz. Mas estou muito velho. Nicholas, meu filho, tem seu próprio negócio, de maneira que eu deveria deixar a empresa nas mãos certas de uma vez. Para poder descansar o que me resta de tempo sem maiores preocupações.

O sorriso estampado no rosto de Melissa me faz abaixar a cabeça tentando conter o pânico pelo que vai dizer.

— Conversando com Heitor, ele me propôs assumir a administração geral da empresa, ele tem mais experiência, é centrado e confiável.

— Acho que nunca o decepcionei, meu tio. Não entendo por que o senhor tiraria a administração das minhas mãos quando estou levando-a tão bem.

— Eu sei que está. Mas Heitor tocou em um ponto e ele está certo, você é jovem demais, Eros. E jovens nunca são completamente responsáveis. Você vai curtir as coisas da sua idade, essas festas, mulheres, e preciso deixar a empresa com alguém que se dedique exclusivamente a ela. Alguém mais calmo, casado, com residência fixa, que saiba administrar um casamento. Quem administra um casamento, meu filho, administra qualquer coisa. Seu avô sempre dizia, não confie em um homem solteiro.

Após quatro anos me dedicando exclusivamente a esta empresa, após

sucessos que a elevaram e tudo o que conquistamos para orgulhá-lo, o fato de eu não ser casado ser o motivo de ele tirá-la de mim, mais parece uma piada do destino. Estou a ponto de discutir com ele pela primeira vez, quando ele me surpreende completamente:

— Heitor parece disposto a assumir seu lugar, claro que você não sairia da empresa, apenas passaria a administração para ele. Mas bem, você conseguiu o contrato do governo no fim das contas, e isso Heitor jamais conseguiu. Sei que você tem uma namorada, tenho acompanhado as diversões de vocês pelos jornais. Isso é realmente sério? Talvez esteja na hora de começarem a formar uma família.

— O quê?

— Uma família, você deveria se casar, Eros. Eu confiaria mais em você se fizesse isso. Filho, eu quero ter certeza que você não vai acabar como seus pais. Não posso confiar em você enquanto não me provar isso, entende?

Finalmente entendo o ponto tocado por Heitor para desestabilizar a confiança do meu tio em mim. Posso me decepcionar por um amor e enlouquecer como a minha mãe. Ou posso sofrer a ponto de abandonar tudo, como o meu pai. Esse é o medo dele, o DNA presente em mim.

— Enfim, liguei apenas para aconselhá-lo, você escolhe seu caminho. Nos falamos de novo em alguns dias.

Ele encerra a ligação e estou atônito. Olho para Melissa e seu sorriso vitorioso, que agora entendo, e sinto vontade de esganá-la.

— Você fez mesmo o seu pai ir até Madri para convencer meu tio que eu deveria me casar com você? Por que isso, Melissa? Por que essa obsessão? O que você quer?

— Você. Tudo o que eu quero é você.

Sei que está mentindo, consigo ver isso na maneira fria como me olha, o que está planejando? Para que Heitor tenha se disposto a compactuar, é algo muito maior do que consigo pensar. O que eles querem?

— Antes você me desejava, Eros. Você nunca foi amoroso ou carinhoso, mas era gentil, era generoso. Você ao menos fingia me ouvir e nunca me negava na cama. E de repente isso mudou, de repente você mal suporta olhar pra minha cara, você se tornou frio e impaciente. Nem me deseja mais. Não faz a menor questão de ao menos fingir se importar. Você defende essa borralheira e fica contra mim e sabe quando isso começou?

Não me digno a responder, apenas encaro seu rosto tentando entender o quanto de verdade há em seus olhos marejados.

— Começou quando essa garota apareceu. Como se você de repente visse nela o que nunca viu em mim. O que nunca viu em mulher nenhuma.

— Então está me dizendo que tudo isso é porque você se sentiu rejeitada?

— Você me rejeitou! E por uma qualquer! Ninguém me rejeita, Eros. Eu avisei.

Constato que a raiva em seus olhos é verdadeira, talvez um pouco das lágrimas que força também sejam, mas não por amor, e sim por despeito.

— Sabe por que não suporto olhar para você, Melissa? Não é porque a Ayla ou qualquer outra mulher chamou mais minha atenção, é por você. Mas você está certa, mudei quando a Ayla apareceu por um motivo simples: conheci você de verdade apenas quando ela apareceu. Foi aí que vi o quão fria você é, você a perseguiu sem qualquer motivo, quando eu nem havia falado sobre ela, a humilhou. Colocou todos na empresa contra ela apenas porque sentiu-se ameaçada e você não parou por aí. Entre tantas ameaças, tanta mesquinharia e tanta falta de amor próprio, até mesmo o respeito que eu tinha por você acabou. É por isso que não suporto olhar pra sua cara.

Ela está tão em choque quanto estou aliviado por tudo o que disse. Se pensou que fazer a cabeça do meu tio fosse me fazer colocar uma aliança em seu dedo, que usar meu passado que não faço ideia de como descobriu me desestabilizaria, está completamente enganada! Não pretendo fazer isso. Vou procurar outro meio de manter a empresa nas minhas mãos, mas não casando-me com ela. Não caindo no seu jogo, cedendo às suas chantagens. Isso nunca!

Duas batidas na porta a fazem se recompor e Ayla aparece preocupada. Tenho uma reunião agora e ela veio me lembrar disso. Mas não tenho qualquer vontade de participar de reunião alguma. Melissa se levanta e penso que vai embora planejar outra vingança, mas ao invés disso, ela faz justamente o que temi antes, joga meu erro na minha cara. Dirige-se a Ayla e com um sorriso no rosto, diz com todo seu veneno:

— Fiquei sabendo que você levou um tombo feio do cavalo, borralheira. Tim Reymond nunca olharia para alguém como você, e não é só porque você é uma simples assistente, ou porque é uma pobretona. Mas porque você é sem graça. Uma menininha boba, inocente e sem graça. Você não é capaz de dar qualquer diversão a um homem como ele.

Ayla olha para mim confusa e tento parar Melissa, mas ela continua:

— Eros me disse que Tim já se cansou de você. Assim como ele próprio. Eles se cansam rápido, porque você não vale o esforço. Se não consegue nem mesmo mantê-los em sua cama, sabe quando vai chegar ao coração de um deles?

Nunca!

Abro a boca para deter Melissa, mas Ayla faz isso. Mesmo que seus olhos estejam cheios, mesmo que Melissa tenha acertado seu ponto fraco, ela para diante de Melissa e diz com um sorriso debochado:

— Pelo menos eles se esforçaram por mim. E por vontade própria. Não precisei obrigá-los a nada e isso faz de mim bem mais interessante do que você, já que precisa de chantagens para manter a atenção de um homem.

Melissa levanta a mão na direção dela e a seguro imediatamente, afastando-a de Ayla. Ayla sai da minha sala e expulso Melissa, terminando de uma vez com isso. Tim vai me matar quando souber o que fiz, principalmente após a ligação do tio Olavo, mas não vou mais tolerar que Melissa machuque Ayla. Que machuque a nenhum de nós.

Sou obrigado a ir à reunião e não vejo Ayla quando passo por sua mesa, o que comprova que Melissa conseguiu atingi-la.

Estamos na sala de reuniões há pouco mais de uma hora, Tim está aqui, os diretores financeiros, os advogados de um cliente, assim como três dos nossos acionistas pois temos um problema com um orçamento para uma obra enorme que estamos fazendo em parceria com a empreiteira do meu primo. A reunião é tensa e não vejo a hora de acabar para que eu possa encerrar esse dia tão cansativo!

Ayla bate na porta e atrai imediatamente todos os olhares dos homens presentes. Meio sem graça, me informa:

— Senhor Eros, consegui a reunião que me pediu, mas o senhor precisa ir agora.

Não consigo conter um sorriso de admiração. Meu intuito ao insistir que conseguisse tal feito, sabendo que seria impossível, era apenas irritá-la e fazê-la baixar a guarda e olhar para mim quando fosse se desculpar por seu fracasso. Jamais pensei que ela conseguiria. Ela é extraordinária!

— Senhor, sinto muito, mas precisa sair agora mesmo — insiste.

— Eu não vou, Ayla, mas obrigado.

— Como?

Seu rosto começa a ficar vermelho e seus olhos pousam nos meus com aquele fogo que adoro ver neles.

— Eu disse que não vou. Estou cansado, consiga com que ela me receba

amanhã de manhã.

Ela não diz nada, está atônita olhando-me como se fosse me matar. Meu celular toca e quando estou prestes a atendê-lo, ela vem até mim na frente de todos os que participam da reunião e tira o aparelho da minha mão, recusando a ligação.

— Você vai a essa reunião porque me fez passar quatro horas seguidas ao telefone para consegui-la!

— Ayla, acho que você não ouviu direito quando eu disse que...

— A senadora já o está aguardando, então levanta essa bunda da cadeira agora mesmo e venha comigo! Nem que eu tenha que arrastá-lo, mas você vai a essa reunião agora!

Sorrio. Não consigo evitar. Ignoro todos os olhares assustados em nossa direção e quero tanto beijá-la ao ver esse fogo nos seus olhos! Senti falta dela, a verdadeira Ayla, esquentada, maluca e sem noção.

Levanto-me da cadeira ciente que todos os olhares da sala estão atentos sobre nós.

— Vamos então, já que você insiste.

Ela respira fundo e ouço os murmúrios dos presentes enquanto passamos por eles. Nem preciso olhar meu irmão para saber que ele desaprova minha reação.

Um carro já nos aguarda na entrada da empresa com um motorista e ela praticamente me empurra lá para dentro, entrando em seguida para garantir que vou mesmo ao local da reunião informal com a senadora.

— A senadora tem um terreno próximo a uma praia, é um lugar lindo que não está sendo utilizado. Convença-a a construir algo nele e ela vai investir na Reymond. É uma herança de família, algo muito especial para ela — diz.

— Como você descobriu isso?

— Fiquei amiga da secretária dela, adivinha como? Ela odeia a sua namorada.

Sorrio.

— Melissa não é mais minha namorada — conto e ela sorri, abre um sorriso enorme, embora ainda não olhe em minha direção.

— E o que vai fazer sobre o pai dela?

— Vou dar um jeito nisso.

Me lembro das coisas que Melissa disse a ela e toco seu rosto, virando-o em

direção ao meu.

— Você está bem?

— Sim, senhor, obrigada por perguntar.

— Quero a sua resposta, Ayla. Não da minha assistente boneca, quero que fale comigo.

Ela olha para o nada por um tempo, penso que vai ceder, mas seus olhos não buscam os meus.

— Ayla não está aqui, senhor. Apenas sua assistente profissional e fria, como o senhor gosta.

— É mesmo? E quem foi a desequilibrada que gritou comigo na frente de todos os diretores da empresa?

— Você me estressou em um nível que devia estar grato por eu não tê-lo matado. Gritar com você foi o mínimo.

— Quanto atrevimento! — provooco para que continue sendo ela. — Se qualquer outro funcionário falasse comigo com metade do seu atrevimento, seria demitido na mesma hora!

Espero conseguir irritá-la ainda mais e funciona, seus olhos em chamas pousam no meus e sua respiração está acelerada. Como eu senti falta dela!

— Me demita, então!

— Não me provoque...

— Demite! Vamos, faça isso! Nós podemos apostar quanto tempo você demora pra correr atrás de mim dessa vez.

— Sua atrevida! Venha aqui!

A puxo para meu colo tão rápido, que ela não consegue impedir, tento beijá-la, mas ela vira o rosto e mordisco seu pescoço matando a saudade de seu cheiro.

— Me solta! O que está fazendo? Eu vou processar você!

Ela começa a rir e sorrio de volta a prendendo em meus braços, ainda em meu colo, aproveitando que ficou quietinha aqui. Parece que passam poucos segundos quando decido falar com ela:

— Ayla...

— Chegamos, senhor — o motorista informa e avisto o restaurante, o que indica que passaram-se minutos e não segundos.

Ela desce do meu colo envergonhada e mais uma vez não olha em meus olhos. E enquanto me encontro com a senadora só consigo pensar que ela está logo ali, me esperando no carro e preciso muito beijá-la.

A reunião acaba da melhor maneira possível, graças à minha pequena brilhante assistente e sua inteligência. A encontro do lado de fora do carro, observando o movimento no centro da cidade. A noite já está para cair e ela parece tão tranquila que paro alguns segundos para observá-la. Quando nota que estou aqui, seu sorriso some e seu olhar busca o chão.

— Podemos ir, senhor?

— Parece que você fez um bom trabalho, no fim das contas.

— Não sei se isso foi um elogio, devido à descrença em sua voz, mas se foi, obrigada.

— Foi um elogio, acho que posso te passar mais serviços como esse, então. Ela me lança um olhar irritado.

— Fique à vontade senhor, prometo surpreendê-lo com meu desempenho.

— Acho que você teve apenas sorte hoje.

— E você está abusando da sua! — ameaça e preciso segurar o riso.

— Não precisa ficar brava. Só estou dizendo isso porque você fez o que mandei, geralmente você demora muito a fazer coisas simples quando te peço. Estou apenas surpreso.

— Nada do que você me pede é simples. Nós podemos ir embora? Porque não quero mais olhar pra sua cara!

É tão fácil irritá-la! Ela é a criatura mais esquentada e briguenta que conheço, e nem sei dizer o quanto adoro isso.

— Você está blefando! Você me ama, deve estar louca pra eu continuar te provocando para você continuar olhando para mim. Admita que está adorando isso!

— Eu não te amo mais! — grita de repente. — Você é arrogante e insuportável! Não tem amor que sobreviva a trabalhar com você! Sabe o que eu sentia? Apaguei! Sumiu! Não existe mais!

Ela está vermelha, mas ali em seus olhos, além das chamas pelo quanto a irritei, vejo o amor que sente. Vejo a maneira como me olha, o desejo presente ali e era tudo o que eu precisava ver.

Ela se vira para entrar no carro, e imediatamente a puxo pela mão, prendendo-a em meus braços e minha boca toma a sua antes que ela tenha tempo de desviar. A beijo como um desesperado, estou faminto por ela. Faminto por sua atenção, por seu toque. Seus dedos entram em meu cabelo e arranham minha nuca e a desejo como um louco! Ela corresponde meu desespero na mesma

medida, nossas línguas se envolvem, se provocam. Seu corpo se encaixa perfeitamente no meu e quero prolongar isso o máximo possível.

Quando interrompo o beijo, mordisco sua boca e sinto-a daquele jeito que adoro: entregue, sem força nas pernas, completamente em meus braços. Espero que consiga ficar de pé, depositando beijos suaves em seu rosto e quando finalmente abre os olhos vejo neles todo o amor que ela finge que não sente mais.

— Então, você não me ama mais?

— Você não quer que eu te esqueça. É por isso que faz isso comigo — responde escondendo o rosto em meu ombro.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Nem vou responder — diz e aproxima a boca da minha beijando-me de novo.

E quando as luzes começam, abro a porta do carro e a ajudo a entrar rapidamente, mas sei que é tarde. Fomos fotografados nos beijando. E eu deveria ligar para o Tim cuidar disso, mas não vou. Meu tio vai ver isso, sabe que estou com a Melissa e vai apenas confirmar o que pensa sobre jovens solteiros, mas alguma coisa me impede de evitar que essas fotos saiam.

Quando olho para ela ao meu lado, choramingando porque sua avó irá matá-la, algo dentro de mim diz que as coisas estão acontecendo exatamente como deveriam acontecer. É um pressentimento tão forte, que o obedeco. Deixa que o destino faça o que tem que fazer, só quero olhar para ela mais um pouco e matar a saudade dessa sua loucura.

Capítulo 27

— Boa noite e se eu não aparecer amanhã, você já sabe, fui cruelmente assassinada — despeço-me de Eros e desço do carro.

Talvez demorem uma semana para publicar as fotos como na outra vez, então tenho esse tempo para planejar uma fuga perfeita e quando as fotos saírem, já estarei na China, e vovó nunca vai me encontrar. Isso! O plano perfeito! A não ser, é claro, que as fotos saiam amanhã de manhã, então terei que bolar um plano para nunca mais voltar do trabalho para casa. Sou adulta e responsável por meus atos, mas nunca deixarei de tremer diante de um possível olhar decepcionado da minha avó.

Giro a chave e entro em casa com o coração aos pulos, e vovó abre um sorriso enorme e tem um brilho especial nos olhos ao me ver. Chego a ficar emocionada, nunca fui tão bem recebida.

— Boa noite, Sofia, como está? — a voz de Eros atrás de mim me faz dar um pulo e ele passa por mim como se estivesse em sua própria casa, abraçando minha avó como se ela fosse dele.

Minhas pequenas pulam em seu colo e contam sobre o dia delas na escola e assim que consigo livrá-lo delas, ele me apunhala:

— Sofia, será que podemos conversar em particular?

— Não! — respondo por ela lançando um olhar de advertência a ele. — Não é necessário.

Ele apenas sorri com uma calma que indica o quanto não conhece a minha avó.

— Ayla, pare de ser estranha e nos dê licença — alerta vovó impaciente.

Meu olhar para Eros torna-se suplicante, mas ele faz um gesto com a mão me enxotando da sala.

— Vá, querida, preciso falar a sós com sua avó — pede gentilmente.

— O que você vai fazer?

Toda resposta que consigo é um sorriso calmo demais que me irrita e vovó praticamente me arrasta para a cozinha antes que eu consiga impedir a tragédia que ele irá provocar. Fico de ouvidos colados à parede tentando entender o que estão dizendo, mas não ouço nada. Fico tão curiosa, que como quem não quer nada, apareço na sala e não estão ali, a porta da frente está aberta e eles estão sentados na cadeira da varanda. Assim que apareço, vovó se levanta sorrindo e abraça Eros. Espero que me lance seu olhar assassino, mas ela passa por mim e acaricia meu queixo com um sorriso doce antes de entrar e nos deixar a sós.

— Que espécie de droga você deu à minha avó?

— Ela é apenas compreensiva, pequena.

— Não, ela não é. O que você disse a ela?

Ele segura meu cabelo nessa mania que eu já sentia falta, de enrolá-lo em sua mão, e me olha de uma maneira tão terna que falta pouco para que eu caia em seus braços. Ele tem uma facilidade em me desmontar preocupante. Nossa última semana foi estranha. Prometi a Tim que faria Eros pensar que não o amo mais, e tenho conseguido ser o mais controlada e distante possível.

Mas às vezes sinto tanta falta dele! Falta de suas provocações, de seus sorrisos, do jeito moleque como me pede um abraço e até do medo que vejo em seus olhos quando me aproximo demais de enlouquecê-lo. Sinto falta de dizer que o amo, e isso só prova o quanto também estou enlouquecendo. Como posso ter apagado do meu coração um amor de anos, e sinta falta de declarar um amor que não sinto? E pela primeira vez em dias ele conseguiu me tirar do sério e onde isso acabou? Nós dois fotografados no maior amasso.

— Preciso de uma madeira — murmuro baixinho quando seus olhos negros se tornam quentes demais.

— Precisa do que? — pergunta confuso, trazendo-me de volta à terra.

— O que você disse à minha avó?

— Não se preocupe, meu bem. Eu já resolvi tudo.

— Senti falta de te ouvir me chamar assim — falo em voz alta sem querer e ele sorri.

— E eu sinto sua falta o tempo todo. Você não precisa continuar sendo tão distante, podemos lidar com isso, Ayla.

— Não podemos. Não sabemos como. O que você disse à minha avó?

Ele solta meu cabelo e acaricia meu rosto.

— Não importa, está tudo resolvido. Até amanhã. — Deposita um beijo em minha testa e sai, ignorando minhas perguntas insistentes atrás dele.

Minha única saída é perguntar à minha avó. Sento-me na mesa enquanto ela preparar o jantar e tento:

— Vovó, a senhora sabe que meu chefe é alguém conhecido e está sempre nos jornais, certo? E a senhora lembra que algumas vezes até eu saí nos jornais com ele por mal-entendidos, certo?

Ela para de cozinhar e me encara e começo a ficar nervosa.

— Bem, esta noite, aconteceu de novo.

— O seu chefe te beijou e isso não é um mal-entendido. Onde você quer chegar com essa historinha, Ayla?

Quase caio da cadeira, e tenho certeza que minha alma saiu do corpo por alguns segundos. Encaro sua expressão neutra e não posso acreditar que o tapado do meu chefe tenha contado isso a ela. Será que ele não conhece a palavra mentira?

Sacudo as mãos em frente seus olhos e ela me olha como se eu fosse louca.

— O que você está fazendo, menina?

— A senhora sabe que fui fotografada aos beijos com meu chefe e não está brava?

— Não, ele me explicou tudo — diz simplesmente e volta sua atenção às suas panelas.

Minha cabeça gira em um milhão de direções diferentes e em nenhuma consigo imaginar o que ele poderia dizer a ela que a deixasse tão calma em uma situação dessas.

— O que ele te disse?

— Ele me disse o que aconteceu, agora saia daqui porque você está me irritando!

Quero perguntar o que ele disse, como ele disse, porque apenas os fatos reais não a deixariam tão calma. Ele disse alguma coisa a mais. Mas desisto quando ela me lança um olhar impaciente e vou para a casa de Sabrina para podermos confabular juntas o que ele pode ter dito.

Há flores azuis esta manhã no pequeno vaso em minha mesa. A cada dois ou três dias, Tim as troca. É um gesto tão fofo, e mesmo assim não aceitei seu convite para jantar. Simplesmente porque sei que isso vai incomodar Eros. Lembro-me como ele ficou na última vez que aceitei um convite de Tim, e embora ele tenha dado um belo nó na minha cabeça, não quero vê-lo daquele jeito nunca mais! Ele parecia tão furioso e ferido comigo! Percebi naquela manhã o quanto eu o tirei de sua zona de conforto, o quanto o deixei desnorteado com essa mentirinha boba. Ele sequer foi capaz de entender seus sentimentos em relação a mim, e para alguém com um passado como o dele, lidar com amor é algo impossível. Eu fiz isso por ele, entendi o que ele sentia e tomei a decisão de cumprir minha promessa a Tim porque seria o melhor para Eros. Para deixá-lo novamente confortável, para que não tivesse que me afastar dele.

Enquanto o esperava sentada em cima do seu carro, tendo certeza que ele iria atrás de mim entendi duas coisas: a primeira, ele nunca iria me amar. Nunca! Mesmo que eu fosse a melhor pessoa do mundo, porque isso o machucaria. A segunda então foi que ele queria me amar. Queria devolver o que acreditava que eu sentia para então me fazer feliz, mas não podia. Então perdia o controle sobre si mesmo e agia como se me amasse, mesmo que os sentimentos reais não estivessem ali. Mais ou menos como eu me sentia quando ele me olhava, tocava e beijava, mesmo não o amando de verdade, não conseguia resistir. Então não foi difícil decidir que ele devia esquecer esse falso amor para tirar de seus ombros qualquer responsabilidade por mim. Pensei que estivesse funcionando até ontem. Até ele conseguir me tirar do sério e acabarmos nos beijando, como antes.

E agora não sei como vou agir quando ele chegar.

Dois braços me cercam por trás e a voz de Tim diz animada em meu ouvido:

— Bom dia, princesa!

— Bom dia, Tim. Vejo que está animado esta manhã.

Tento me desvencilhar de seu abraço, mas não consigo. E logo, a voz de Eros me faz congelar totalmente:

— Bom dia — diz num tom seco e passa por nós entrando em sua sala sem nem mesmo me dirigir um olhar.

Tim me solta e entra comigo na sala do irmão, estou com a agenda em mãos para repassá-la com ele, e vejo que ele empurra a bandeja de café para longe.

— Pode retirar o café, Ayla, não tenho fome — diz sem olhar para mim.

— O senhor está bem?

— Bem — responde olhando para mim e então para Tim com uma careta.

— Qual é a novidade que você queria tanto me contar? — Tim pergunta animado sentando-se de frente para o irmão, ignorando sua expressão fechada e falta de fome, enquanto retiro a bandeja com o café. — Pode me dar isso, Ayla, estou faminto.

Deposito a bandeja diante dele e espero que Eros me peça para confirmar seus compromissos ou me dispense.

— Sente-se, Ayla — ordena surpreendendo-me. — Ontem, fui me encontrar com Betina Mendes. Ela pareceu bastante interessada em investir o capital que Marcondes investiria, para se tornar a maior investidora da empresa.

Tim o parabeniza e me abraça empolgado com a notícia.

— Mas você precisa correr, irmão! Heitor Sampaio não vai demorar a retirar seu capital da Reymond, está chantageando o tio Olavo — comenta Tim preocupado.

— Imaginei que algo assim fosse acontecer, porque me livrei de vez da Melissa.

Tim fica em choque, e por algum motivo seus olhos buscam a mim com uma espécie de acusação velada, antes de voltarem a seu irmão.

— E você nem pensou em me contar isso?

— Estou contando agora.

Tim volta seu olhar para mim e desiste de falar o que pretendia com o irmão, posso sentir a tensão entre eles. Ele parece perdido em pensamentos e encontro o olhar de Eros em mim. Aponto para Tim e Eros entende o que quero dizer, ele ameniza a tensão.

— Tive um motivo, irmão. Melissa armou feio para me tirar da empresa, irei contar tudo a você depois. Agora, há algo mais importante que preciso contar, Betina me convidou para conhecer um terreno que tem próximo a uma ilha paradisíaca. — Seus olhos buscam os meus de novo e sorrio. — Vamos nos encontrar com ela lá amanhã à noite.

— Vamos? Eu não posso ir com você, irmão, tenho um compromisso.

— Na verdade, estava pensando em levar a Ayla comigo.

Solto o celular da minha mão e o barulho de seu encontro com o chão é que me faz voltar a mim.

— Por que ela? — Tim pergunta, mas sua voz parece mais uma ameaça.

— Porque a ideia foi dela. Quem descobriu sobre o terreno e me orientou a usá-lo para barganhar com a senadora, foi ela. Quem ficou amiga da secretária de Betina e a convenceu a reservar em sua agenda um encontro comigo, foi ela.

Ela merece estar lá.

— Senhor Eros, eu agradeço, mas não quero ir. Não tenho experiência como a Louisa, por exemplo. É melhor que o senhor a leve — peço calculando rapidamente os possíveis finais para uma viagem paradisíaca com ele.

— Mas essa é uma excelente oportunidade para você, Ayla! — insiste.

— Entendo, mas não acho uma boa ideia viajar com você.

Vejo o momento exato em que sua expressão parece cair. Não há outra palavra para definir a mudança brusca em seu rosto. Some a irritação com a que chegou, a alegria por sua conquista, e aquele orgulho que estava ali por mim, tudo isso desaparece e resta apenas a mágoa.

— Ela está certa, Eros. Vocês dois juntos em uma viagem não é uma boa ideia, leve a Louisa, irei chamá-la agora mesmo e você combina com tudo com ela.

— Não é necessário. Ayla vai comigo, ou ninguém vai — decreta levantando-se e saindo de sua sala e me sinto a pior pessoa do mundo por tê-lo magoado.

Quando saio da sala de Eros, os cochichos estão a todo vapor. Não ajuda que Tim coloque a mão em meu ombro para dizer que eu não me importe com a pirraça do irmão. Ultimamente, ele tem forçado demais esses pequenos contatos. Parecem bobos, mas dão motivos para que esses linguarudos falem de mim o dia todo. Vou começar a cobrar para que sejam expectadores do que acreditam que é a minha vida.

Então recebo uma mensagem de Sabrina e me dou conta do motivo de tanto falatório: as fotos saíram na internet. Eros e eu agarrados, coladinhos, boca com boca, olhos fechados, nem adianta tentar negar.

Eros volta à sua sala e passa por mim como se eu nem estivesse aqui, atrás dele vem Tim com o celular na mão e uma expressão irritadíssima no rosto. Na certa viu as notícias. Ele me lança um olhar de desapontamento antes de entrar na sala do irmão. Eu o desapontei, quebrei minha promessa de afastar-me do lado emocional de Eros. E constatar que talvez esta seja uma promessa que não posso cumprir me preocupa ainda mais.

Vou para o banheiro perdida em meus pensamentos desordenados. Estou tão confusa! Há uma vozinha irritante que repete algo sem parar bem lá no fundo da minha cabeça, mas o que diz é perigoso e seria uma burrice sem precedentes, por isso a ignoro. Estou ignorando-a há dias! Andrea me encontra e preocupada,

alerta sobre uma calorosa discussão entre Tim e Eros cujo assunto era uma tal viagem e nossas fotos nos sites de fofocas. Então vou imediatamente à sala de Eros.

Ele está sozinho quando entro, girando em sua cadeira com os pensamentos longe.

— Está tudo bem? — pergunto baixinho e ele para de girar e olha para mim.

Ainda parece magoado comigo.

— Você pode ir, Ayla. Estou dispensando-a mais cedo para que possa organizar suas malas.

— Mas, Eros essa não é uma boa ideia. É melhor se eu ficar aqui e...

— Eu sou seu chefe e estou dizendo que você vai. Não há mais discussões, você pode ir agora — me interrompe desviando seu olhar de mim, focando em sua gravata e entendo que não adianta discutir.

Saio de sua sala e junto minhas coisas, mas não consigo ir embora. Eu não posso viajar com ele, o que ele está pensando? Se me mantendo distante já tem sido impossível não senti-lo em mim, imagina em um lugar paradisíaco com ele? Passando um final de semana inteiro ao seu lado. Se ele me olhar do jeito que olha quando quer me beijar, me derreterei em seus braços e isso não pode acontecer.

Sequer percebo o tempo passar enquanto olho para o nada perdida em pensamentos e só quando Andrea passa para se despedir é que me dou conta que as horas passaram e meu horário de trabalho encerrou. E tenho passado tempo demais pensando, ultimamente. Levanto-me e entro na sala de Eros. Ele está ao telefone e fica surpreso ao me ver. Encerra a ligação e vira-se de costas para mim.

— Você ainda está aqui?

— Preciso falar com você. Preciso explicar porque não posso ir com você.

Ele olha finalmente para mim. Ainda há a mágoa em seu olhar, aproxima-se e senta-se sobre a mesa, na minha frente. Seus olhos negros procurando me afogar.

— Fale, estou ouvindo. Estou curioso para saber o seu motivo, embora já tenha uma boa ideia de qual seja.

— Você. Você é meu motivo.

Seguro uma de suas mãos nas minhas, como ele faz comigo. Seus olhos

estão fixos nos meus e me aproximo mais. Toco seu nariz com o meu, passo meu rosto pelo seu, sinto sua barba arranhando minha pele ele não me afasta. Apesar de sua mágoa, permite que eu me aproxime assim. Deposito devagar meus lábios sobre os seus, de leve, e ele fecha os olhos esperando que eu o beijei. Não o faço, e como imaginei, ele me beija. Dura apenas um segundo porque me afasto ao alcançar meu objetivo.

Ele abre os olhos e vejo a confusão e o calor neles. Então fica mais fácil explicar meu motivo.

— Você me beija e eu não te impeço, me toca e não te peço para parar. Se eu me aproximo de você, você nunca me afasta. Eu tenho medo de ficar sozinha com você em algum lugar.

Um sorriso surge em seu rosto, ele o esconde, mas percebo que concorda com o que estou dizendo.

— Estamos viajando a trabalho — diz tão baixinho que nem ele acredita que isso nos impediria.

— E estamos aqui fazendo o quê? Isso não nos impediria. Eu preciso que você entenda que basta que você me olhe para que eu me perca, de alguma maneira isso te atrai e eu não te paro. Eu nunca te paro, Eros!

— Por que você não me para? — pergunta olhando-me como se eu fosse comestível.

Que espécie de pergunta é essa agora?

— Porque eu te amo, eu te desejo, chame como quiser, só sei que é assim que agimos e eu não vou viajar com você.

Viro-me para sair, mas ele fala mais alto, forçando-me a ouvi-lo.

— Eu não vou tocar você. Eu te prometo, Ayla, não importa o quão irresistível você pareça, eu não vou tocá-la.

Viro-me em sua direção e olho em seus olhos procurando a verdade de suas palavras.

— Você vai comigo nessa viagem, não vou permitir que perca esta oportunidade, portanto vá fazer suas malas.

— Tudo bem, se você promete que não vai me tocar...

Ele assente e saio de sua sala, mas consigo ouvi-lo dizer:

— A menos que você me peça.

Volto imediatamente para dentro de sua sala.

— O que você disse?

Ele sorri, um sorriso tão cafajeste que aquece meu corpo instantaneamente.

— Eu disse que não irei tocá-la, a menos que você me peça.

— Isso não vale! Posso te pedir isso de muitas maneiras, eu posso olhar pra você com admiração e você entender que estou pedindo, como ficamos então?

— Conheço cada um dos seus olhares, cada uma das suas expressões, eu quase sei o que você pensa quando olha para mim, pequena. Mas se te deixa mais tranquila, apenas se você me pedir em voz alta, com todas as letras. Caso contrário, prometo não tocar você.

Nego com cabeça sentindo que estou sendo tapeada.

— Não vai aceitar? Vai jogar fora a maior oportunidade da sua vida porque não consegue se controlar perto de mim?

Pronto! Passo de tensa a irritada em um segundo.

— Claro que consigo! Você não é assim tão irresistível!

— Então você acha que consegue não me pedir para beijar você por um final de semana?

— Eu não vou pedir! Vou fazer minhas malas, pare de me prender aqui!

Saio de sua sala ainda sentindo-me tapeada, mas com um sorriso irritante que teima em morar em meu rosto. Isso não vai dar certo!

Entro na casa de Eros e não o vejo em lugar algum. Deposito minha mala no chão e subo as escadas chamando por ele. Abro a porta de seu quarto e o imbecil está dormindo. Dormindo!

Ele me ligou às sete da manhã para mandar que eu viesse mais cedo para fazer sua mala, já que pelo visto é incapaz de fazê-la sozinho. E depois de quase dez minutos discutindo ao telefone, não tive saída a não ser obedecê-lo, para chegar aqui e encontrar o imbecil dormindo!

Aproximo-me furiosa de sua cama para acordá-lo com o maior grito do século, quando acendo a luz e o vejo. Ele tem o lençol embolado da cintura para baixo e seu peito e barriga descobertos. Sento-me ao seu lado na cama e observo seu rosto sereno enquanto dorme. A barba cobre completamente seu queixo, mas em compensação, ressalta seus lábios carnudos e bem desenhados. Seu peito é forte e possui poucos pelos, quero tocá-los, mas temo que isso possa acordá-lo. Sua barriga é definida por aqueles músculos que me fazem perder a cabeça, ele não é forte demais, mas tem o dorso largo, marcado por gomos e consegue me carregar em seus braços com facilidade.

Suspiro alto sem querer e ele acorda assustado. Seus olhos confusos pousam em mim e quando se dá conta que metade de seu corpo está descoberto,

abre um enorme sorriso.

— Quer que eu descubra o resto, meu bem? — oferece com a voz rouca de sono, deixando claro que ele me pegou no flagra observando-o.

Levanto-me envergonhada, e dou voltas sem saber como agir e o que dizer.

— Bom dia, senhor. Onde está sua mala? Vou fazê-la agora mesmo!

Sequer espero sua resposta, entro em seu closet e sumo lá dentro procurando a mala. A encontro de pé em um canto e quando a abro, algumas peças de roupas caem. Ele já havia começado a fazê-la.

— Deve ter ficado entediado e ligou para a escrava aqui fazer — resmungo e ouço sua risada do banheiro.

— Eu ouvi isso, sua pequena observadora.

Não respondo porque meu rosto queima e se eu coubesse nessa mala, me enfiaria nela e morreria ali dentro.

Vamos ficar apenas dois dias, mas como nunca fiz as malas de ninguém antes, coloco de tudo lá dentro. Desde roupas esportivas a sociais. Não encontro nenhum pijama e decido colocar relógios, gravatas e prendedores. Em contrapartida, tirei todas as suas cuecas e a sunga que ele havia colocado. Ele que se vire para comprar novas no hotel, com certeza vai me mandar fazer isso e as comprarei pretas.

Abrir a gaveta de prendedores de novo me faz perder momentaneamente a capacidade de respirar, me faz lembrar do que passei desde o momento em que o tive nas mãos pela primeira vez até aqui. Encontro o objeto furtado por meu irmão e o observo. Quanta coisa mudou na minha vida de lá para cá!

— Muito bonito, não é? Foi um presente do meu pai — Eros comenta entrando no closet.

— Se parece mesmo a algo muito especial. — Devolvo-o ao seu lugar e olho para o meu chefe, esse homem a quem enganei por causa deste pequeno objeto, e gosto tanto de sua figura alta parada tão perto, que me pego sorrindo.

Ele sorri de volta e pega minha mão levando-me à cozinha para que tome café com ele. E embora já tenha tomado café antes de sair de casa, não me recuso a acompanhá-lo.

Quando volto para finalizar sua mala, a gaveta com os prendedores ainda está aberta, e noto algo diferente entre os prendedores espalhados nela. Um anel. Pego e pequena peça fascinada por sua beleza. É o único item feminino na

enorme gaveta de Eros, a quem será que ele pertence?

Observo a beleza de cada detalhe da pequena peça, seu aro é de ouro rosa, possui curvas com o desenho do símbolo do infinito na parte de cima ladrilhadas de pedrinhas brancas que devem ser diamantes e no centro do símbolo, há uma pedra rosa com um brilho incomum.

— Será que ele o comprou para Melissa?

Sinto-me magoada por essa possibilidade, pois este anel é tão delicado para ser dela! Ela jamais mereceria algo tão belo! O deslizo por meu dedo anelar esquerdo e quase me sinto uma princesa com essa coisa linda na mão.

— Vamos? — Eros chama entrando no quarto e esconde a mão imediatamente.

— Vamos.

Ele se aproxima, fecha a mala e a empurra. Mas para assim que sai do closet e me encara preocupado:

— Está tudo bem?

— Claro! Por que não estaria?

Ele dá de ombros e sai, rapidamente viro-me de costas para tirar o anel, mas ele não sai. Puxo com mais força e nada. Mudo de tática e empurro, mas não funciona. Corro até o banheiro, jogo sabonete líquido na mão e puxo, e nada.

— Não é possível, universo, seu maldito!

— Ayla! — Eros grita do corredor. — Você vem ou vai morar no meu closet?

— Vou morar aqui!

— Venha logo, não me faça perder a paciência!

O que eu faço? Corro de volta até seu closet e pressiono meu dedo sobre a gaveta repetidas vezes, mas o anel nem se meche.

— Quantos dias preciso ficar sem comer para perder carne aqui e essa coisa sair?

Ficar sem comer é um sofrimento! Abro sua gaveta de meias, pego uma e a enrolo em minha mão. A escondo no bolso na blusa que uso e desço.

— Por que está com essa meia na mão? — Meu chefe pergunta preocupado quando cometo a mancada de tirar a mão do bolso para entregar meus documentos à comissária de voo na frente dele.

— Eu me machuquei, mas não é nada demais.

Ele franze o cenho e observa atentamente o bolo de meia sobre meus dedos.

— Você se machucou no meu closet? Como exatamente isso aconteceu?

— Na verdade, usei o seu banheiro quando você desceu, me machuquei lá.

— Tudo bem, mas como?

Estou começando a suar e tropeço em meu próprio pé ao encontrar nosso assento. Me jogo ali procurando uma desculpa. Ele se senta ao meu lado e me observa atentamente, esperando a resposta.

— Já que estamos fazendo perguntas, o que você disse à minha avó?

Ele sorri, mas funciona. Vira-se para a frente e coloca o cinto.

— Não posso te dizer.

— Como não pode? Você disse a ela que me beijou, o que você tinha na cabeça?

— Então você já sabe o que falei.

— O que quero saber é como contou isso de uma maneira que ela não tenha agido como uma Marins mais velha agiria. Você disse algo a mais a ela, não disse?

Ele me olha pelo canto do olho e brinca com a língua nos lábios, me distraíndo. Mas pego seu movimento afirmativo com a cabeça.

— O que você disse?

Ele pega o celular e aperta algo, pega dois fones sem fio e os enfia nos ouvidos, recosta-se no assento e fecha os olhos.

— Me avise quando o avião for decolar.

E mais uma vez não consigo uma resposta, mas ele também não consegue uma, então penso que estou no lucro, já que tenho um anel caríssimo dele no dedo.

Chegamos ao hotel e enquanto aguardamos para fazer o check-in, Eros observa minha mão.

— Até quando você vai ficar com esta meia na mão? Me deixa dar uma olhada nisso, você se cortou?

— Não! — grito atraindo atenção de todos ali e sorrio sem graça. — É meu machucado, minha mão, quer parar de ser invasivo?

Ele levanta as mãos em sinal de rendimento.

— Eu só estou preocupado.

— Não fique! Pare de se preocupar comigo, eu já sou adulta!

— Tudo bem, deixe que seus dedos caiam.

Ele pega minha mala e a sua, e me acompanha até a porta do meu quarto, um andar abaixo do quarto dele.

— Você pode abrir para mim? — peço entregando a ele o cartão, porque tenho coisas demais em uma mão e não vou tirar a outra do bolso.

— Não deveria, mas o que você me pede irritada que não faço imediatamente, não é?

— Um monte de coisas — respondo fazendo-o rir.

Ele abre a porta e leva minha mala até lá dentro, observa de novo minha mão, e o expulso do quarto.

— Obrigada, chefe. Você pode ir, eu quero tomar um banho.

— Não vai precisar de ajuda, por conta da sua mão? — pergunta com um sorriso e respondo com um olhar tão furioso, que ele sai sem esperar resposta.

— Agora somos só nos dois, anel! Você não pode ficar aí.

Corro até o banheiro e cubro minha mão de sabão, tento creme hidratante, tento usar a toalhinha de rosto do banheiro, e nada do anel sair.

Eros me liga uma hora depois de termos chegado me chamando para dar uma volta na cidade, e embora queira tanto conhecer o local, minto que estou cansada. Ele diz que vai dar um mergulho na piscina do hotel então, e meu humor melhora rapidamente.

— Pode ir, boa sorte! — desejo.

— Por que boa sorte?

Desligo o telefone e pego minha bolsa. Vou aproveitar que ele está na piscina para conhecer a cidade.

O lugar é tão lindo que eu poderia morar em um ponto de ônibus e me sentiria feliz ouvindo o som do mar e sentindo o frescor da maresia sobre minha pele. Estou de braços abertos, sorrindo como uma boba quando uma mão toca a minha e Eros sorri surpreso por me encontrar ali.

— Então você resolveu sair.

Procuro um lugar para esconder a mão esquerda enquanto ele brinca com os dedos da direita, mas uso um vestido leve de saia rodada, que não possui bolsos. Coloco a mão para trás e vejo a sacola de cuecas em sua mão. Detesto quando o universo joga minhas pegadinhas brilhantes contra mim. Ele saiu do hotel para comprar cuecas novas.

— Você comprou coloridas, certo? Porque parece que só tem brancas aí —

pergunto curiosa e um sorriso enorme se estende em seu rosto.

— Eu sabia! Você tirou minhas cuecas da mala!

— Que acusação mais absurda! É claro que não fiz isso! — defendo-me, mas isso só faz seu sorriso aumentar.

— Imagine como eu fiquei quando tirei toda a minha roupa para ir nadar e não encontrei sunga nenhuma na mala, sequer uma cueca. Quando eu mesmo as coloquei ali hoje de manhã.

— Você deve ter se confundido — respondo aérea obedecendo seu comando e imaginando-o tirando a roupa para ir nadar.

— Para a sua felicidade, querida, comprei todas brancas, do jeito que você gosta.

Dou de ombros sentindo meu rosto aquecer.

— Não é como se eu fosse vê-lo de cueca.

— Vai me ver de sunga, provavelmente — provoca.

— Acho que não.

— Se você me pedir com jeitinho, olhando nos meus olhos, talvez eu possa...

Ele para de falar e seus olhos se fixam em um ponto. Sigo seu olhar e vejo o bendito anel brilhando no meu dedo. Em um segundo, sua mão pega a minha sem o menor cuidado e ele parece prestes a explodir.

— O que você está fazendo com este anel no dedo?

Meu ar some, minhas pernas tremem e disparo a falar antes que ele chame a polícia.

— Não chame a polícia! Eu juro que não roubei isso! Eu vi na sua gaveta e pensei que era bonito demais pra você dar à Melissa, o coloquei no dedo apenas para ver como ficava e ele não quis mais sair! Por favor, não mande me prender, eu não ia roubá-lo, estou a manhã toda tentando me livrar dele!

— Ayla, respire — pede segurando meu rosto de repente e afastando o cabelo para atrás do meu ombro. — Respire, meu bem. Eu sei que você não roubou isso, é bem a sua cara colocá-lo no dedo e não conseguir tirar.

Assinto.

— Eu vou tirar e guardá-lo agora, tudo bem?

Assinto de novo.

Ele puxa o anel, mas ele nem se mexe, então ele puxa com mais força. Tenta tirá-lo com a unha, quase quebra meu dedo e nada do anel se mexer. Então

ele o coloca na boca.

— O que pensa que está fazendo? — pergunto em pânico tentando tirar minha mão da sua.

— Vou tirá-lo com os dentes.

Tento impedir, mas ele é mais forte e enfia meus dedos em sua boca, arranhando-os com os dentes e me olha de um jeito tão intenso que prendo a respiração. Ele passa os dentes repetidas vezes, pressionando-os em meus dedos e estou hipnotizada pelo movimento, por ver algo meu em sua boca. Por fim, ele ri da minha reação, avaliando-me de uma maneira que não consigo identificar, mas confirma que o anel não saiu.

Me entrega suas sacolas para que eu segure e se ajoelha diante de mim, tentando puxá-lo por baixo. É aí que acontece: o universo age novamente. Não há flashes desta vez, nenhuma luz para nos alertar. Eros fica tenso de repente e sua cabeça gira em uma direção, faço o mesmo e vejo o reflexo do celular pouco antes do fotógrafo sair correndo.

Eros se levanta observando o homem sumir de vista e diz resignado:

— Acho que acabamos de ficar noivos.

Dessa vez, a Louisa morre do coração. Eu juro que morre. Começo a imaginar a cara dela vendo as fotos do nosso chefe maravilhoso ajoelhado aos meus pés e esse hino de anel em meu dedo e tenho uma crise de risos. Imagine quando minha avó vir isso? Começo a rir incontrolavelmente enquanto Eros me observa divertido.

— Me desculpe — consigo falar entre uma risada e outra. — O universo não está para brincadeiras hoje.

— E você se diverte com a situação. Venha, minha linda noiva, vamos para o hotel tirar esse anel do seu dedo.

Ele pega as sacolas da minha mão e a segura, e assim de mãos dadas, o sigo até o hotel.

Capítulo 22

Entrar em um hotel caro de mãos dadas com um homem lindo, e com um diamante brilhando no dedo anelar esquerdo, foi sem dúvidas, a melhor sensação da minha vida! Ainda melhor do que conseguir um emprego. Ele me guia diretamente até suas acomodações: a suíte da cobertura. Observo atentamente cada detalhe do imponente lugar, desde as poltronas próximas à lareira, a adega bem abastecida, a televisão gigante e o sofá maravilhoso em frente a ela, até sua cama enorme com a vista mais linda do mundo através das paredes de vidro.

Praticamente grudo os olhos no vidro observando a cidade toda em trezentos e sessenta graus.

— Isso é incrível!

— É uma vista maravilhosa! — ele concorda, mas quando busco seu rosto, seus olhos estão em mim, e não na cidade abaixo de nós.

Estendo a ele minha mão.

— Tire isso, querido. Quero romper esse nosso compromisso, você sabe, não está sendo bom o bastante para mim.

Ele faz uma careta engraçada, fingindo-se de ofendido:

— Como você pode dizer tal coisa se nem viu ainda a parte de baixo do meu corpo, descoberta?

Sinto meu rosto pegar fogo, mas seus olhos estão em mim, esperando que eu me esconda, e quase nunca faço o que esperam que eu faça.

Vi bem mais do que a sanidade me permitiria. Na verdade...

Ele se aproxima rapidamente, sua boca pairando próxima a minha, seus

olhos divertidos escondem o tom quente de ameaça em sua voz:

— Cuidado com o que vai dizer a seguir, pequena. Posso considerar seu desafio como um pedido e tocar você bem mais do que temia ontem.

Perco o dom da fala. E também a capacidade do pensamento. Só quero que ele me toque como está ameaçando, e abro a boca para desafiá-lo, mas volto a mim e me afasto.

— Você vai tentar tirar isso? Temos um jantar com a senadora daqui a pouco.

O sigo até o banheiro e ele faz apenas mais do que já fiz, não acreditando em mim quando o alerto. Usa sabonete, sabão líquido, creme hidratante e nada do anel sair.

— Ele está apertando seu dedo? — pergunta curioso com meus dedos na mão, brincando com o anel que não se move.

— Não.

— Como isso é possível? Não está apertado, mas nada o faz sair.

Dou de ombros esperando que ele decida a melhor maneira de tirá-lo da minha mão, com um sentimento antecipado de melancolia. Sentirei falta do meu anel de princesa. Ao olhar seus olhos, vejo ali a mesma melancolia, porém de verdade. Ele observa a peça em meu dedo como se fosse um tesouro dos mais valiosos. Sua voz é baixa quando percebe meu olhar no seu e me explica o significado desta peça.

— Este anel era da minha mãe. Foi o anel de noivado dela com meu pai, ela sempre o guardou com todo carinho, era o que tinha de mais valioso. Pouco antes de perdê-la, ela o deu a mim. Disse que ele me ajudaria a encontrar o amor da minha vida.

— Eu sinto muito! Vou dar um jeito de tirá-lo, eu não queria mexer nele, me desculpe.

Volto a enfiar a mão debaixo da água morna, empurrando-o com toda força, mas ele não se move. Eros para atrás de mim e vejo seu rosto por sobre o meu no reflexo do espelho. Ele desliga a torneira e segura minha mão, secando-a com cuidado, observando meus dedos vermelhos por nossas tentativas frustradas de tirá-lo daqui.

— Não precisa fazer isso, meu bem. É apenas curioso que tenha entrado em seu dedo e não saia mais.

— Não é tão curioso, é apenas o tipo de coisa que acontece comigo. Eu não devia ter mexido sabendo das minhas predisposições ao desastre.

Ele sorri, entrelaça nossos dedos e observo seu rosto pelo espelho procurando um sinal de irritação, mas não há. Ele está calmo, há a tristeza em seus olhos que acompanha cada lembrança de sua mãe, e no mais, está resignado com a situação.

— Como vamos tirá-lo, Eros? Será que alguma joalheira não poderia serrá-lo um pouco apenas, só para conseguirmos tirar?

— Não acho que funcionaria. De toda forma, não é necessário. Não podemos fazer nada, ele não vai sair.

— Como assim não vai sair? Tem que haver uma maneira!

— Não há. É a magia, ou a maldição dele, ele só sai quando o amor acaba — diz numa calma enquanto estou prestes a surtar.

— Como assim? Então isso não vai sair nunca!

Ouçoo sua risada atrás de mim, seus olhos no reflexo do espelho têm um brilho divertido e algo mais. E então percebo o que acabei de dizer e me sinto meio sem chão. Eu acabei de confessar amor eterno a ele sem nem me dar conta?

— Você está me zoando, não é?

Ele apenas assente, aquele sorriso ainda presente ali e abaixo a cabeça envergonhada. Eros me gira devagar cercandome com seus braços. Embora tente evitar, meus olhos acabam por buscar os seus, e há aquele brilho neles que me desconcentra e me confunde.

— Não seja assim, minha menina linda, não seja tão você.

Seus olhos me prendem a ele, e quando aproxima seu rosto do meu e deposita um beijo suave, quase sinto-me derreter.

— Eu não entendo... — paro de falar antes que algo pior me escape.

Quero dizer que não entendo o que ele quer de mim, não entendo porque me olha desse jeito, porque me toca desse jeito. Não entendo porque parece que ele sente por mim algo que nunca irá sentir por ninguém. Não entendo porque me perco nele dessa maneira, desde o primeiro instante, e todo o resto some quando está diante de mim. Não entendo porque meu coração parece flutuar quando me olha desse jeito, quando seus braços estão à minha volta, e tudo parece tão certo!

Seus olhos também carregam dúvidas, e o toque do seu telefone nos tira desse transe estranho, quebrando essa conexão intensa que surge de repente e constantemente entre nós.

Ele confirma o compromisso da noite e quando se vira de novo em minha direção, saio do banheiro pequeno demais para nós dois, perguntando:

— O que vamos fazer sobre o anel?

— Não há nada a ser feito. Você fica com ele.

Paro de repente e o encaro em pânico.

— O que disse?

Ele segura a peça e minha mão junto e a guia até seu peito, sobre as batidas do seu coração.

— Disse que você fica com ele, cuide dele com muito carinho, Ayla. Se um dia ele sair, então você o devolve a mim.

Aquela conexão perigosa começa a se formar e me afasto antes que algo assustador escape da minha boca de novo. Nego com a cabeça, não aceitando sua decisão.

— Não posso ficar com isso. Você não me ouviu quando disse que tenho predisposições ao desastre? Se algo acontece a este anel, nem sei o que farei.

— Não vai acontecer nada. Ele escolheu ficar aí, o que podemos fazer?

Encaro seu rosto e o sorriso que tenta conter e desisto de falar com ele.

— E você está me zoando de novo. Até a noite, noivo.

— Até mais, noiva — responde enquanto saio de seu quarto.

Encontro Eros no saguão do hotel me aguardando para irmos ao jantar com a senadora. Ele fez questão que eu fosse, e claro que jamais recusaria um convite como esse. Enquanto nos dirigimos ao carro, ele observa meu vestido vinho minunciosamente. Seus olhos param no anel brilhando em meu dedo e ele sorri. Entramos no carro e ele continua rindo, logo, está rindo alto e incontrolavelmente. Espero que se acalme enquanto a irritação me toma, porque sinto ser eu o motivo de sua risada.

— Do que está rindo?

— Você. Você viajou de avião para outro estado com uma meia embolada na mão só para não ter que me dizer que estava com o anel no dedo. Ninguém normal faria isso.

— Me desculpe por ser desequilibrada, é assim que você me chama, certo?
— respondo irritada.

Ele me encara e o sorriso continua ali, mas diz:

— Você não é desequilibrada, meu bem. Você é única. Meio maluca, é verdade, ainda assim única.

— Isso é bom? É um elogio? Maluca não parece elogio, mas única parece.

— Depende. Isso faz de você a criatura mais fascinante e encantadora que já conheci, e com certeza não é bom para mim. — Seu olhar é tão intenso, que não consigo pensar em uma resposta, não consigo nem mesmo desviar meus olhos dos seus.

Estou cada dia mais fraca diante dele, cada dia mais perdida nele, cada dia mais perto de perder o controle e pular sobre ele para que me prenda em seus braços e me mantenha ali para sempre.

Betina Mendes, a única senadora mulher do estado, é uma realmente linda, divertida e simples. Assim como seu marido. Eles me contam sua história de amor quase impossível, e me pego suspirando completamente encantada com um conto de fadas da vida real. Ela, filha de um político importante e muito rico. Ele, seu segurança, que a salvou de um sequestro. Estão juntos há vinte anos, têm três filhos e são a prova de que a felicidade existe, não é uma lenda. Isso me faz avaliar Eros, e como imaginava, todo esse amor com um final feliz o confunde. Há momentos em que parece realmente perdido, como desacreditando do que ela está dizendo. Ou talvez, desacreditando da história vivida por seus pais.

Pego sua mão por debaixo da mesa, e ele aperta a minha, embora não olhe em minha direção.

Estou animada contando as peripécias que vivi na faculdade, quando os olhos de Betina brilham em minha direção.

— Ah, meu Deus! Isso é a coisa mais linda que já vi! Parabéns! — Então se vira para Eros e completa: — Você tem um ótimo gosto, Eros! Foi você quem o escolheu?

Ele nega com a cabeça enquanto avalia o anel no meu dedo e penso que vai desmentir a confusão.

— Foi desenhado para minha mãe, meu pai o desenhou. Ela o deixou para mim.

Betina volta o olhar para mim com um sorriso imenso e um brilho emocionado nos olhos:

— Você tem muita sorte, Ayla! Dizem que cada vez que um anel de compromisso é passado de geração, permite ao casal uma história de amor ainda mais bela do que a já vivida com ele. Amor mais forte, mais bonito, minhas avós sempre diziam isso.

— Obrigado, Betina. Você é muito gentil — Eros responde e não desmente o compromisso que ela pensa que temos.

Betina então conta sobre a herança deixada por sua mãe, que morreu jovem. Um terreno na cidade em que estamos, próximo a uma ilha paradisíaca, para se chegar a ele, é necessário um barco. Ela o descreve com paixão e encantamento. E parece errado quando diz que o mantém como está, não fez nada nele.

— Isso não parece certo. Foi um presente deixado a você para que você o aproveite. E como vai permanecer um tempo maior em um local se não há nada além de beleza nele?

— O que você quer dizer, Ayla?

— Você deveria construir algo lá. Um refúgio, uma cabana, uma caverna, alguma coisa que abrigasse vocês e seus filhos. Para que possam ir lá com frequência, fugir da vida lá e terem onde ficar com conforto.

— Não sei, isso poderia quebrar o encanto do lugar.

— Talvez. Mas talvez não se você fizer a escolha certa.

— Minha mãe sempre falava sobre uma cabana para fugir da realidade. A chamava de cabana dos sonhos. A dela ficava em Aspen, no meio da neve. Eu sempre fui mais de praia do que de neve.

Com um pouco de insistência, ela nos convida para conhecer o local na tarde seguinte, e está ansiosa por ver o que podemos oferecer a ela. Consequentemente, mais propensa a se tornar a investidora principal da Reymond.

Quando eles vão embora, Eros não se move até o carro, fica parado, me observando.

— Você não vem? — pergunto confusa.

Ele me estende a mão, e sei o que fará. Mas mesmo assim a deposito sobre a sua, e como imaginei, ele me puxa para seus braços, apertando-me ao seu corpo.

— Você foi incrível esta noite, Ayla!

Há tanta admiração em sua voz, que não respondo, apenas permaneço em seu abraço alguns segundos, até lembrá-lo que o manobrista já nos aguarda com a chave do carro.

Coloco a camisola mais confortável que tenho, pois sei que esta será uma noite difícil. Quando era bem pequena, dormia com meus pais na cama nas noites chuvosas. Lembro-me de uma em particular mais do que de todas as outras. A noite em que mamãe fazia Ulisses dormir no andar de baixo. Ele tinha dois anos e estava com febre. Papai me colocou para dormir e ficou ali comigo,

cantando para mim, porque eu não queria dormir enquanto Ulisses não sarasse. Por fim, adormeci. Acordei pouco depois com o dia nascendo e mamãe chorando no andar de baixo. Papai não estava ao meu lado, desci apressada pensando em Ulisses, mas ele estava bem. Papai não estava em lugar nenhum. Morte súbita, foi o que disseram. Morreu enquanto dormia, ainda tão jovem!

Desde esse dia nunca mais dormi sozinha. Esta é a primeira noite. Coloco algo suave para tocar em meu celular, deixo a luz acesa e fecho os olhos. Rolo na cama e não consigo. Me dá falta de ar, vontade de chorar e um medo irracional. Desisto. Levanto-me, calço o chinelo e vou para a cobertura.

Bato impaciente na porta do meu chefe, sei que não está dormindo porque posso ouvir o som da televisão vindo de seu quarto. Ele abre a porta usando apenas uma calça leve e desvio meus olhos de seu corpo para não ficar vermelha.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta preocupado.

— Não consigo dormir sozinha.

— E?

— E não vou dormir sozinha, vou dormir aqui.

O empurro e passo por ele, vou até o quarto e subo em sua cama, acomodando-me no centro dela, em um travesseiro enorme e muito confortável. Ele surge logo atrás de mim, observando-me com um sorriso.

— Ayla, há um motivo para eu ter mandado reservar dois quartos. Você vai ficar no seu.

Ele aponta para a saída, mas me recuso a mover-me daqui.

— Não posso, eu não durmo sozinha. Nunca dormi. Sempre dormi com minha mãe, minha avó, meus irmãos. Agora divido uma cama de casal com minhas pequenas, mas sozinha? Nunca!

Ele se senta na beirada da cama e passa as mãos pelos cabelos.

— Você vai para o seu quarto, meu bem. Se não consegue dormir sozinha não é problema meu.

— Não vou sair! — respondo irritada com sua maldade e puxo a coberta para cima de mim, ajeitando-me no travesseiro.

Ele fica em silêncio um tempo e não tenho coragem de olhar o que está fazendo, mas logo seu peso afunda o colchão e ele se deita ao meu lado. Perto demais de mim.

— Vamos ter que dividir então. Eu fico do lado de cá, e você do lado de lá. Ninguém fica no meio, certo?

Concordo e rolo na cama, parando do outro lado, como ele pediu. Por algum motivo, ele está rindo.

— Se você não dorme sozinha, da próxima vez não me deixe reservar dois quartos — comenta divertido.

— Sem problemas. Da próxima vez eu vou reservar uma cobertura com duas camas imensas, porque também quero uma cama dessas.

Ele ri e se move no colchão, aproximando-se do centro da cama.

— Você é a empregada e eu sou o patrão. Por isso tenho direito a uma cama como essa e você não.

— Mas eu trabalho mais do que você, até mesmo fazendo o seu trabalho — defendo-me.

Seu sorriso aumenta.

— Mas sou eu que ganho todo o dinheiro.

— E isso não é justo!

Seus olhos pousam nos meus e desço meu olhar por seu corpo descoberto. Quero tocá-lo, quero que esteja mais perto de mim. Fecho os olhos para tentar tirar sua imagem da minha mente, e pouco depois ouço-o resmungar baixinho:

— Não posso lidar com isso. Ayla! — chama meu nome em voz alta.

Abro os olhos e sua expressão é séria.

— Você não pode dormir aqui. Vá para o seu quarto, estou falando sério! Isso é uma ordem!

Como ele é egoísta!

Irritada, levanto-me emburrada e vou me arrastando até sair de sua cama.

— Tudo bem! Estou indo! Mas quer saber? Vou bater na porta de um estranho qualquer com mais coração do que você e dormir com ele!

Ele sorri avaliando-me enquanto calço os chinelos.

— Boa sorte para convencer algum com essa sua camisola horrorosa.

— Eu não vim aqui para te seduzir.

— Com certeza não!

Saio irritada e bato a porta de seu quarto. Desço de escada até o meu para tentar amenizar minha irritação. Entro em meu quarto e jogo a mala sobre a cama, a revisto até encontrar uma camisola que não seja de flanela como a que estou usando. Tem uma da Sabrina, que ela colocou na mala com olhos esperançosos de que houvesse algum problema no hotel e eu acabasse no mesmo quarto do meu chefe. Ela é lilás, de seda, com um decote generoso e colado

demaís ao meu corpo. Coloco o robe igual por cima, pego o celular e saio para o corredor.

Claro que não vou bater na porta de ninguém, estou esperando o imbecil do meu chefe aparecer para que eu finja bater. Tenho certeza que ele virá conferir, e ao ver que estou mesmo fazendo isso, vai me convidar a dormir com ele.

O elevador para em meu andar e abre, espero o babaca do meu chefe, mas não é ele. É um homem alto, cabeça raspada, com um porte forte e fardado. Usa uma farda de gala do corpo de bombeiros. Me avalia com curiosidade e torcendo que meu chefe apareça a qualquer momento, pergunto:

— Boa noite, senhor. O senhor está sozinho em seu quarto?

Ao invés de me achar uma maluca por perguntar algo assim, ele abre um sorriso e verifico se meu chefe ainda não apareceu, quando finalmente vejo sua sombra na porta da escadaria.

— Sim, infelizmente. Adoraria não estar — responde olhando-me de um jeito malicioso e sinto-me corar. — Você quer vir comigo?

Preciso respirar fundo para seguir em frente. Toco sua mão estendida, e no segundo em que faço isso, Eros surge tirando-me de perto dele pelos ombros.

— Me desculpe, amigo. Ela é minha noiva, está apenas tentando me irritar. Ela é meio louca — fala baixinho e o homem ri, nos deseja boa noite, deseja boa sorte a Eros e entra em seu quarto.

Eros me avalia dos pés à cabeça e com um sorriso cujas reais intenções não consigo identificar, me guia até o elevador em direção ao seu quarto, como eu havia previsto. Seus olhos não se desviam de mim e o encaro irritada.

— O que você está olhando? Minha camisola nada sexy?

Ele nega, e seu sorriso aumenta.

— Não, meu bem. Essa camisola é bastante sexy.

— A visto quando tenho a intenção de seduzir. Não era o caso quando bati na sua porta.

— É o caso agora? — Sinto meu rosto arder e desvio meu olhar para o chão. — Porque se for, devo admitir que essa combinação da sua loucura com uma camisola dessas é bem perigosa.

Lanço a ele um olhar suplicante e inocente:

— Gentil senhor, quero apenas dormir em sua cama. Sem qualquer segunda intenção.

Ele deposita a mão nas minhas costas, guiando-me para fora do elevador até sua porta. Enquanto a destranca, passeia a mão por ali, causando-me arrepios ao

dizer:

— As más intenções dificilmente estão na sua cabeça, elas moram na minha.

Paro na porta ponderando se não seria melhor voltar ao meu quarto e ler algo ao invés de dormir do que correr esse risco. Quem precisa dormir? Mas ouço sua risada atrás de mim e ele me orienta a entrar se for capaz, e o faço. Vou direto até sua cama e não tiro o robe de seda, jogo-me no meio de sua cama e me cubro.

— Eu nem ia dormir agora — ouço-o resmungar enquanto desliga a televisão.

— Mas vai! Preciso de você deitadinho aqui do meu lado!

Ele sorri ao aproximar-se, tento não observar seu corpo quando se senta na cama e aponta para o lado oposto dela.

— Ayla. — Entendo sua ordem e giro no colchão, acomodando-me do lado oposto a ele. Ele se deita mirando o teto com o braço sobre a testa.

— Você não vai se vestir para dormir? Não sei, algo confortável — sugiro como quem não quer nada tentando salvar minha sanidade.

— Na verdade, não durmo vestido. Você sabe disso. Mas vou manter a calça em respeito a você. A não ser, claro, que você me peça para tirá-la.

Cubro a cabeça com a coberta e ouço sua risada.

Acordo sentindo algo tocar meu cabelo. Um toque leve que acaricia todo seu comprimento e retorna. As pontas dos dedos tocam minha cabeça no caminho, acariciando devagar, e abro os olhos para dar de cara com Eros, perto demais de mim, com a mão em meu cabelo e um olhar carregado por algo que não consigo decifrar.

— Por que está passando a mão em mim enquanto durmo? — pergunto sonolenta.

— Isso se chama carinho.

— Eu sei! Por que está fazendo isso em mim?

Ele sorri e aproxima mais seu rosto do meu, tocando meu nariz com o seu, responde baixinho:

— Porque você não me deixa dormir.

— Estou me mexendo muito?

— Não, só está sendo linda demais! — Seus olhos estão nos meus e sua mão agora caricia meu rosto, com a mesma leveza de antes. — Você está linda

tão quietinha aí, tão serena, como um anjo. É uma visão bonita demais para que eu consiga fechar os olhos.

Sorrio e jogo a coberta sobre ele. Ele se ajeita, deitando-se de frente para mim, tão perto que seu queixo toca minha testa e seu braço descansa sobre meu corpo.

— Posso te perguntar uma coisa? — diz em meu ouvido enquanto sinto seu peito firme e quente em contato com minha mão.

Assinto e ele afasta nossos rostos para olhar em meus olhos.

— O que sente por mim faz você sofrer? — Sou pega tão de surpresa por sua pergunta que demoro a realmente entendê-la. Pensei que jamais chegaria o dia em que ele tocaria nesse assunto, já que tem aversão ao que sinto.

Ele parece perceber a confusão em meus olhos enquanto busco a resposta mais sincera possível para dar a ele.

— Porque eu tomo todo cuidado do mundo para não machucá-la — explica olhando-me de uma maneira doce. — Tomo cuidado de não permitir que você me veja com mais ninguém, por exemplo.

Isso me faz constatar algo que me machuca.

— Embora você tenha outras pessoas além da Melissa, não é?

Ele assente.

— Mas não é nada sério, não sou esse tipo de homem.

Quero responder que me machuca sim, que não há a menor necessidade que ele me diga isso. Por que ter o cuidado de não permitir que eu o veja com outra, quando vai me contar isso e me ferir assim mesmo? Quero perguntar com quantas esteve desde que nos conhecemos, se há outras que dormem em sua cama quando sua assistente azarada não está bêbada demais para ocupá-la. Mas claro que não posso dizer nada disso, por isso controlo a dor que suas palavras me causaram e dou de ombros, embora veja seu olhar perscrutando o meu, buscando se está me ferindo com suas palavras.

— Na verdade, você me deixa tão cansada que nem tenho tempo para pensar sobre isso. É isso, você é um chefe terrível que não me deixa sofrer, talvez eu devesse te agradecer.

— Não sou tão ruim assim — brinca, mas sinto-me ferida por suas palavras. Não estou no clima para brincadeiras.

— Claro que não! Você conhece a minha família, sabe onde ficam os pratos na minha casa, e acaba com todo estoque de biscoitos caros da vovó. Daqui a pouco terá seu próprio quarto o aguardando quando chegar lá.

— Eu adoraria isso — provoca.

— Você é um folgado e muito abusado!

Ele sorri e volta sua mão ao meu rosto, mas me afasto. Não quero que me toque. Mesmo assim ele insiste, acaricia meu rosto e diz:

— Não estive com ninguém desde que nos conhecemos, Ayla. Nem mesmo com a Melissa.

Eu deveria tentar esconder o sorriso de satisfação que me escapa, mas é tarde demais. Percebo que estou fazendo isso ao ver este sorriso refletido em seu rosto, no seu próprio sorriso. O contenho como posso e ralho com ele:

— Você não precisava ter me feito pensar que tinha um monte de mulheres, então. Para que tocou neste assunto?

— Porque eu adoro te ver com ciúmes — responde mirando minha boca e meu ar falha quando minha mão, na tentativa de afastá-lo, toca seu peito quente.

— Isso não é ciúmes — defendo-me.

Preciso me afastar. Preciso fazer isso agora. Dormir sozinha com certeza vai doer bem menos do que o tombo que vou levar se continuar aqui, mas não posso. Não tenho forças. Quero estar mais perto dele, ainda não é o bastante. Ele pega minha outra mão e a guia até sua boca, depositando um beijo leve, fazendo cócegas em meus dedos com sua barba.

— Me desculpe por tocar neste assunto. Eu não quero nunca fazê-la sofrer. Você é a coisa mais pura e frágil que já tive em minhas mãos. Então se algum dia eu fizer algo que a machuque, como agora, você precisa me dizer, está bem? Exatamente como disse.

Como ele faz sempre com que eu me derreta assim? E cada vez mais?

— Tipo excesso de trabalho? — brinco na tentativa de quebrar essa conexão que está prestes a nos tomar, porque estamos perto demais um do outro para lidar com ela.

— Isso não. Isso eu vou continuar fazendo. Porque sei que você dá conta. — Sorrio. — Mas se eu puder fazer algo por você, meu bem, você só precisa me dizer.

Indo contra qualquer juízo e senso na minha cabeça, olho em seus olhos e convido a conexão a nos tomar.

— Me abraça — peço baixinho.

Temo que vá negar, mas imediatamente ele me puxa para seu peito, seus braços fortes me cercam enquanto suas pernas se entrelaçam com as minhas. Exatamente como fiz com ele quando estava bêbada. Ele beija o topo da minha

cabeça e ouço seu coração acelerado logo abaixo do meu ouvido. Seu corpo é tão quente, e firme, está me cercando por todos os lados, me aquecendo, me protegendo. Há tanto tempo não me sentia tão segura! Talvez desde que meu pai se foi. E de repente isso também não é o bastante.

Afundo meu rosto em seu pescoço, e minhas mãos passeiam por seu corpo sentindo sua pele e calor. Ele aperta os braços à minha volta, roça a barba por meu pescoço e ouvido e diz baixinho ali:

— O que mais posso fazer por você?

Saia daqui agora mesmo, Ayla! Afaste-se enquanto é tempo! Uma vozinha grita no fundo da minha mente, e sei que deveria ouvi-la, mas ao invés disso, confesso:

— Quero beijar você.

— Você tem minha permissão — responde baixinho em meu ouvido, com a voz rouca, quase sussurrada, mandando para longe qualquer voz do meu juízo.

Seu aperto à minha volta se desfaz e me apoio em seu peito forte para me erguer e alcançar sua boca. Cravo as unhas em seu peito enquanto toco levemente sua boca com a minha. Então seus braços me apertam de volta, puxando-me mais de encontro ao seu corpo, nossas línguas se encontram e me perco completamente nele. Nosso beijo é suave, ele respeita o meu ritmo, mantendo os movimentos dos nossos lábios leves. Apenas saboreando uma boca na outra, tocando uma língua na outra.

Quando o beijo acaba, ele sussurra, ainda me mantendo presa a ele:

— Você não devia ser tão doce, amor.

Sua boca toma a minha dessa vez, mas no mesmo ritmo suave. Porém, isso dura pouco. Parece não ser mais suficiente para nenhum de nós, e os beijos ficam mais intensos, suas mãos passeiam por meu corpo e passo as pernas em volta da sua cintura, tocando seu rosto, aprofundando o beijo. Rapidamente isso também não é suficiente. Quero beijá-lo mais, tocá-lo mais, quero que me aperte ainda mais junto ao seu corpo. Ele lê minha mente, me prende mais, me toca com força, seus dedos apertando minha pele. Prendo minhas mãos em seus braços, contornando os músculos, apoiando-me neles.

De repente ele se mexe, nos gira na cama e seu corpo pesa sobre o meu. Seus olhos se focam nos meus e estão em chamas. Como todo meu corpo está. Ele acaricia meu corpo e me beija de novo. Um beijo voraz, que me faz gemer em desespero por mais. E quando me sinto quase doente de necessidade de mais, ele se afasta. Interrompe nosso beijo e seus olhos pousam nos meus. Há as chamas ali, mas também há algo mais, algo como confusão e medo. Com a

respiração pesada, diz:

— Não posso, Ayla. Não posso fazer isso com você.

Seguro seu rosto tentando impedi-lo de se afastar.

— Por favor — peço. — Não pare agora, por favor.

Meu corpo queima por ele, minha pele queima por ele. Meu coração está em êxtase e só preciso que me toque mais, que se aproxime mais. Preciso dele.

Sua boca volta à minha em um beijo intenso, mas rápido. Afasta-se novamente rápido demais.

— Eu não posso, meu bem. Você é tão pura e boa! Vejo isso quando olho para você, é como um anjo, tão inocente e cheia de luz! Não posso machucá-la, pequena. Se fizermos isso agora, será tão bom, Ayla! Eu quero tanto você! Mas será apenas essa noite e não quero ser o responsável por apagar seu brilho nos dias que virão depois.

Como um baque, entendo o que está dizendo, e mais ainda, o que estou pedindo. Eu pedi isso a ele, eu quase supliquei que terminasse o que começamos. Fui eu. E ele é quem teve o juízo de parar antes que fôssemos longe demais. Sinto-me perdida e fraca, e ao mesmo tempo, é como se ele fosse meu lar, como se ele fosse a minha força, só que não pode ser. Está aqui, junto a mim, seu corpo sobre o meu, e ainda assim, inalcançável.

O que estou fazendo? Por que está doendo tanto compreender seus motivos? Eu não deveria agradecê-lo? Então por que saber que ele seria meu apenas esta noite dói? E por que acreditar que eu aceitaria, mesmo que por uma noite apenas, só para tê-lo ao menos uma vez, é tão difícil?

Assinto, concordando com ele e tiro suas mãos do meu rosto, sem conseguir olhar em seus olhos.

— Você está certo.

Ele toca meu rosto novamente, levando-o em direção ao seu, nossos olhares se cruzam e vejo o desespero em seus olhos.

— Não pense que não quero você, Ayla. Eu quero você mais do que qualquer coisa que já quis na vida. A quero tanto que chega a doer.

Aproxima seu rosto do meu e deposita um beijo suave em meu pescoço, subindo o beijo até minha orelha, prendendo-me em seus braços.

— Sua inocência e sua doçura são um perigo maior do que qualquer outro que eu já tenha enfrentado. Você me desmonta, me confunde, me torna vivo de maneiras que desconhecia e isso me assusta. E mesmo assim a quero, mesmo assim te necessito. Como preciso do ar, eu preciso ter você. E está sendo muito

difícil resistir agora.

Fecho os olhos, impedindo que seu olhar encontre o meu e ele deita o rosto sobre o meu.

— Consigo sentir cada pedaço do seu corpo no meu. Consigo imaginá-la nua nos meus braços. Seu cheiro no meu corpo, eu fecho os olhos e me vejo dentro de você, seus braços à minha volta, você dizendo meu nome em desalento. Está sendo tão difícil me controlar agora, Ayla! Só o faço porque você merece mais do que isso. Merece mais do que alguém como eu. Você merece o melhor. Então faça algo por mim, tudo bem?

Assinto, confusa.

— Vou soltar você agora, e você vai virar para o outro lado, tudo bem? De costas para mim. Você pode fazer isso?

Confirmo e ele se afasta, abro meus olhos e os seus estão cheios, como os meus. Posso ver a luta dentro deles, seu desejo contra sua consciência. Há uma batalha de sentimentos nele, como há em mim. Mas no meu caso, sei que já perdi a luta. Meus olhos se prendem nos seus e quero confortá-lo, quero dizer algo que faça essas dúvidas sumirem. Quero abraçá-lo.

— Por favor, pequena, vire-se agora. Não tenho tanto autocontrole. Vire-se!

Obedeço. Giro meu corpo contra a minha vontade e ele me abraça por trás. Passa o braço por debaixo do meu corpo, me cobre com o outro, suas pernas se cruzam com as minhas e sinto sua respiração acelerada em meu ouvido. Ele me cerca, me prende a ele, e fecho os olhos para senti-lo.

— Minha princesa, você é tão linda! É tão perfeita e tão doce! É tão especial e tão encantadora!

Assim como ele, me controlo para não girar em seus braços e beijá-lo de novo. Para não pedir mais uma vez que termine isso. Não importa o que será do amanhã, eu o quero agora! Penso nisso com tanta força, e de repente sua voz soa baixinha no meu ouvido. Ele está cantando uma música que adoro. Cantando no meu ouvido para que eu durma.

“Às vezes se eu me distraio,
se eu não me vigio um instante,
me transporto pra perto de você.
Já vi que não posso ficar tão solto
Me vem logo aquele cheiro
Que passa de você pra mim

Num fluxo perfeito.”

Permaneço de olhos fechados, ouvindo sua voz rouca em meu ouvido, sentindo seu corpo em toda minha volta, seus braços me protegendo, seu cheiro delicioso em cada parte de mim. E entendo que eu o amo. Estou perdidamente apaixonada por ele e não é nada parecido com qualquer coisa que já tenha sentido antes. É diferente, mais forte, mais puro, mais intenso. Não depende de sua atenção ou retorno, não depende de sua aceitação ou cuidado, apenas está aqui, dominando tudo em mim. Cada pensamento, movimento e batimento.

Eu o amo. Esse tipo de amor que ele abomina. E embora sinta-me uma tola por sentir algo assim por ele, ao mesmo tempo estou feliz. Porque quero amá-lo. Porque se for para amar alguém assim, que seja ele e apenas ele. Ninguém além dele. Caio no sono sentindo-o em cada pedaço de mim.

Capítulo 23

Eros

Ela está em meus braços dormindo agora, e luto para acalmar meu corpo agitado pelo desejo por ela. Mal posso acreditar em como consegui me controlar desse jeito. Ela se mexe e cada sentido meu entra em alerta. Ouço sua respiração, sinto o cheiro de baunilha em seu cabelo, minha mão descansa sobre a sua e observo seu lindo rosto quando dou um beijo em seu pescoço. Cada pedaço de seu corpo em contato com o meu. E ela é a criatura mais perigosamente linda e sensual que já conheci.

Por que eu parei isso? Por que não a tive como desejei desde a primeira vez em que pus os olhos nela? Ela não merece uma noite de amor como lembrança de seus sentimentos por mim?

Não, não posso fazer isso com ela. Desde o momento em que a vi parada na minha porta, mesmo com a camisola velha de flanela, comecei a lembrar a mim mesmo que não poderia tocá-la, por mais que ela estivesse ao meu alcance. E então ela me quebrou completamente quando disse que queria me beijar, quando me pediu que não parasse. Ela disse por favor. E tudo o que eu queria era estar dentro dela agora, ouvindo seus gritos, sentindo-a em mim por completo. Como eu quero tê-la!

Tento me afastar dela para esfriar esse desejo, mas não consigo. Ela me torna tão fraco! Me atinge com palavras, me desarma com olhares e me enlouquece com sua beleza. Não consigo dormir porque a observo. Seu rosto sereno, sua respiração tranquila, a maneira como busca meu toque cada vez que se mexe. Não demora para que se vire para mim e a puxo para meu peito, como sei que ela gosta de dormir. Então a tenho assim, nos meus braços. E bastaria

apenas acordá-la para enfim possuí-la.

Mas não posso.

Ela nem deveria estar na cama comigo agora, eu nem deveria ceder aos seus encantos e beijá-la, e isso me deixa em pânico, ela me assusta como nada mais é capaz de assustar. Me faz agir sem pensar, confunde meus sentimentos tira completamente meu controle.

O dia já está nascendo e ainda estou aqui olhando para ela, divagando sobre o quão bom seria tê-la assim todos os dias, nos meus braços, na minha cama. Fecho os olhos deixando o sono me vencer, afundo o rosto em seu cabelo e durmo.

Acordo com o celular despertando ao meu lado, desligo o barulho irritante e procuro por Ayla, mas ela não está em lugar algum. E com certeza foi ela quem colocou o celular para despertar a tempo do encontro com a senadora. Tomo um banho rápido e desço até seu quarto para saber se já comeu algo, mas ela não está lá. Tampouco atende quando ligo e temo que a tenha ferido, que ela tenha entendido que a rejeitei, quando o que fiz foi bem longe disso. Estava apenas a protegendo, nunca a rejeitando.

Ela me envia uma mensagem dizendo que está andando pela cidade e que vai me encontrar na hora marcada no cais. Estou ansioso em vê-la, em procurar em seus olhos se está magoada comigo, para então me desculpar com ela. Para tentar fazê-la entender que ela é o que eu mais quero no mundo e resistir a ela foi o maior sacrifício que já tive que fazer.

A encontro no cais e ela sorri, embora não olhe em meus olhos e percebo que está envergonhada pela noite anterior. O tempo todo tento falar com ela, ficar perto dela, tocá-la, e ela me evita. É cordial, gentil e divertida, mas corta qualquer assunto pessoal e não parece feliz quando Betina sugere que tiremos uma foto em casal. Porém, é brilhante ao convencer Betina a construir uma espécie de cabana na maravilhosa ilha que herdou da mãe e suas ideias são tão incríveis, que Betina não consegue recusar. Ao final da tarde, voltamos para o hotel com várias ideias para o projeto da senadora e a data acertada em que Betina irá assinar o contrato conosco. Um investimento duas vezes maior do que o de Heitor Sampaio. Duvido meu tio cogitar tirar a empresa de mim agora. Em troca, o projeto que Ayla e eu faremos para sua ilha será um presente.

Ayla permanece em silêncio, mexendo em seu celular no caminho do cais até o hotel, responde apenas o que pergunto e não olha em meus olhos. Não

consigo saber se a machuquei assim. Quando entramos no elevador, não suporto mais essa distância. Seguro seu rosto e a obrigo a olhar em meus olhos.

— Você está chateada comigo? Eu a feri?

— Não, Eros. Estou chateada comigo mesma, você foi um verdadeiro herói, mais uma vez. Eu te agradeço por ter feito o que não fui capaz de fazer. Me desculpe pelo meu comportamento.

— Você não tem que se desculpar, Ayla. Não houve um culpado. Nós nos desejamos, e nos desejamos muito! Isso é claro. Não há mal algum nisso. E se não tivesse a enorme chance de eu feri-la ao me afastar depois, eu não teria parado o que começamos de maneira alguma. Eu sequer a deixaria sair da cama esta manhã.

Ela tira minhas mãos do seu rosto e vira-se de costas. Noto que está ferida, não comigo, como imaginei, mas com a situação. Está ferida com seus sentimentos. Ela mal suporta olhar em meus olhos e odeio isso. Quero ajudá-la de alguma maneira, quero que essa tristeza suma de seu rosto e não sei como. Nunca consegui ajudar minha mãe, não consigo ajudá-la. Eu realmente odeio essa coisa a que todos superestimam, mas que sempre vem acompanhado de dor. Não entendo o amor, não este tipo de amor, e nunca vou entender. Simplesmente não faz sentido.

— Podemos não falar sobre isso nunca mais? — pede quando a porta do elevador abre e uma mulher muito bonita entra.

Não tenho como respondê-la, a mulher fica entre nós e vejo seus olhos avaliando a mim pelo reflexo do espelho do elevador. Ela finge virar o pé e cai sobre mim, a amparo, mas ela não se solta quando a coloco de pé de novo. Pergunta se estou sozinho e não sei o que dizer. Não consigo ver o rosto de Ayla pelo reflexo porque ela tem a cabeça baixa e seu cabelo cobre praticamente todo seu rosto.

O elevador para em seu andar e ela desce sem se despedir. Corro atrás dela e por algum motivo, a mulher no elevador segura a porta esperando por mim.

— Ayla, você que ir dormir comigo hoje? Você não dorme sozinha, se quiser não há problema em dividir a cama com você.

Ela nega sem olhar em minha direção.

— Não, obrigada. Vou terminar um livro, o cansaço vai acabar me fazendo dormir.

Seguro sua mão impedindo que entre em seu quarto.

— Você pode vir, meu bem. Prometo que não irei tocá-la.

Vejo seu sorriso antes de ela afastar a mão da minha.

— A menos que eu peça? — provoca e finalmente olha em meus olhos.

E sou sincero em minha resposta porque não quero enganá-la.

— Se você pedir eu vou tocá-la e não vou parar. Eu não sou tão forte.

Ela olha para o elevador e de volta para mim, torna a abaixar a cabeça e não sei o que fazer para que isso não se torne um costume. Para que ela pare com isso de não olhar em meus olhos, ela não entende que preciso ver seus olhos? Que preciso ver esse castanho iluminado pelo fogo quando a provoco?

— Venha comigo. Vamos ver um filme e dormir no sofá. É bem confortável, vamos manter uma distância segura.

— Há uma mulher linda esperando por você no elevador. Você é solteiro, não me deve qualquer satisfação ou compromisso. Então não a deixe esperando — diz antes de entrar em seu quarto e fechar a porta.

E não estou pronto para despedir-me dela. Ainda não tirei a tristeza de seu rosto. Volto para o elevador e gentilmente dispenso a mulher, dizendo que a linda mulher que deixei em seu quarto é minha noiva, estamos nos estranhando, mas não vou fazer isso com ela. Foi a mentira mais fácil que já contei.

As horas passam e não consigo dormir. Por três vezes pego o celular para saber se Ayla está bem, mas não faço a ligação. Não quero confundi-la. A tristeza em seu rosto toma minha mente, eu poderia acabar com ela facilmente porque seus sentimentos por mim me permitem isso. Me permitem deixá-la feliz, calma, serena. Então por que não posso usar isso para cuidar dela? Por que tudo relacionado a ela é um terreno perigoso para mim?

Olhar a cama do meu quarto me faz reviver a noite anterior. Sinto seu perfume, ouço sua voz me pedindo para não parar. A sinto em meus lábios, seu corpo sob meu toque. Estou enlouquecendo. Tiro a roupa e entro sob o chuveiro na água fria, as lembranças dela cada vez mais vivas. A maneira como olhou para mim mais cedo, enquanto estávamos no barco, quando pensou que eu não estava olhando. Aquela maneira doce e tão cheia de amor! Para depois nem conseguir olhar mais em meus olhos. Sinto-me fraco, caio no chão confuso e tentado. Ela está um andar abaixo. Eu só preciso bater em sua porta.

Por que tenho que ser quebrado? Por que não posso simplesmente tocá-la, apaixonar-me por ela e pronto? Seríamos felizes, ela me faz bem, faço bem a ela, por que meus pais estragaram isso em mim? Então entendo que a culpa é dela. É dela por ser tão doce, tão diferente, tão atrevida! Por ser inocente e delicada, por ter o sorriso mais lindo do mundo e os lábios mais tentadores. A culpa é dela por dizer que me ama e me olhar com esse sentimento que me impede de tocá-la.

Irritado com ela, levanto-me do chão, visto algo sobre o corpo molhado e desço até seu andar. Mas não tenho coragem de bater em sua porta. Ando pelo corredor sabendo que está ali, a uma porta de distância de mim e só preciso abri-la. Paro em frente sua porta em uma batalha entre minha consciência e meu desejo. Nunca me senti assim. Nunca desejei alguém com tanta intensidade. Mas nada relacionado a este sentimento é fácil, não é?

— Ayla, abra essa porta. Só me deixa tocá-la, abra essa porta — peço baixinho.

E ela a abre. Fica surpresa ao me ver aqui e explico:

— Só vim saber se você conseguiu dormir. E dizer que estou sozinho lá em cima, eu subi sozinho, então se não estiver conseguindo, pode bater na minha porta a qualquer momento.

Ela assente, e desvia seus olhos dos meus.

— Fale comigo olhando em meus olhos, Ayla. Não coloque essa distância entre nós — suplico.

Seus olhos alcançam os meus imediatamente e ela segura minha mão.

— Obrigada por se preocupar, eu estou bem. Mas você está todo molhado! Você precisa dormir, troque essa roupa e durma, tudo bem?

— Mas e você?

Ela leva minha mão aos seus lábios, deposita um beijo suave e olha de volta em meus olhos quando diz:

— Muito obrigada por vir, por ser tão bom comigo. Mas você não precisa ser assim, não tem que se preocupar em não me ferir, isso faz parte do que sinto. Sempre vou entender que você não fez por mal, sou eu que amo você, Eros, sou eu que tenho que cuidar de mim. E sabe por que? Porque não quero não amar você. Se tivesse uma escolha, escolheria amá-lo, e estou pronta para lidar com isso. Estou ciente dos seus limites e não tenho qualquer ilusão quanto a isso. Mas se eu perceber que você não vai mesmo lidar com isso, vou me afastar de você. E não quero isso, você entende? Aprenda a lidar com isso porque não posso me afastar.

Assinto e seco a lágrima que corre por seu rosto. Eu poderia ficar com ela, poderia beijá-la agora, fazer com que seus sentimentos a façam feliz e ficar com ela. Para sempre, eu ficaria com ela. Para sempre eu cuidaria dela. E manteria aquele sorriso lindo e seu jeito forte e atrevido ao invés da menina vulnerável diante de mim agora.

— Não se afaste de mim — peço.

— Então pare de orbitar à minha volta. Pare de se mover conforme meus movimentos. Seja você, viva sua vida, saia com as mulheres oferecidas de elevador que quiser. Faça de conta que não estou perto. Só não fique sempre com medo de me ferir porque eu preciso que você seja feliz. Temos um trato?

— E se eu não conseguir?

Não quero fazer qualquer promessa que não tenha certeza que posso cumprir.

— Se você não for capaz de passar suas horas sem dedicá-las a mim, Eros, então seus sentimentos não são diferentes dos meus. Por isso eu sei que você consegue. Volte para o seu quarto, vá dormir e a partir de amanhã, volte a ser você. O Eros que você era antes de me conhecer.

Ela estende a mão para firmarmos esse trato, mas não posso fazer isso. Ao invés de apertá-la de volta, a seguro e beijo sua palma. Acaricio seu rosto e volto ao elevador.

Deito-me no sofá porque a cama tem o cheiro dela, as lembranças dela e não consigo dormir. Não consigo porque quero tê-la por perto. E quero tê-la apenas para que esteja em meus braços, mesmo que não vá fazer amor com ela.

Ligo para ela apenas para ouvir sua voz, e saber que está bem.

— Ayla, quando abriu a porta você não estava indo bater na porta de um desconhecido, não é?

Ela sorri, e me sinto aliviado por saber que ao menos uma vez hoje, ela sorriu.

— Não, abri a porta porque senti seu cheiro. Agora vá dormir. Se me passar qualquer serviço difícil amanhã, vou culpá-lo pela minha noite mal dormida.

E eu vou culpar você, pequena.

Desligo o telefone e passo mais uma noite em claro pensando nela.

Ela mal fala comigo na viagem de volta e vamos direto à empresa. Fecho as persianas em minha sala para não olhar para ela o dia todo pelo vidro como faço. E quando Lou me avisa que Tim chegou do almoço, vou direto até sua sala. Passei a noite e as últimas horas desse dia pensando e pensando sobre ela. Sobre o que me faz sentir, como me faz agir. Sobre o quão fácil é para ela me desmontar e me fazer ter medo como quando era criança. E preciso parar isso. Quero ser seu amigo, quero tê-la em minha vida por muito tempo. Quero dar a ela as oportunidades que merece por ser competente e brilhante e não poderei ter nada disso se não parar a loucura que se instalou em minha mente.

Tim se assusta ao ver meu rosto, sua expressão se divide entre preocupada e zangada, ele pensa que eu a toquei. Se soubesse o quão perto estive disso! Quando ele se aproxima de mim, sou o mais direto possível:

— Você não vai machucá-la, não é?

Ele entende meu desespero, sabe do que estou falando e nega com a cabeça antes de responder:

— Não vou.

— Você promete para mim que não irá feri-la nunca? Promete que vai cuidar dela como a coisa mais preciosa que você já teve?

— Eu prometo, irmão. Eu só quero que ela me ame de novo, vou fazer o certo desta vez. Jamais irei feri-la.

Concordo, um peso estranho em meu peito e cada pensamento meu gritando que vou perder muito mais do que ganhar com isso, mas não tenho outra saída.

— Então, Tim, a tire de perto de mim. Faça o que estiver ao seu alcance, só tire a mente e o coração dela da minha direção, porque eu sim vou machucá-la. Estou no meu limite, eu vou machucá-la.

— Vou tentar irmão, vou fazer todo o possível.

Capítulo 24

Tim

Algo aconteceu nessa viagem entre os dois, algo que deixou Eros tão fora de si a ponto de me pedir para afastá-la dele. Imaginá-los juntos me incomoda porque sei que ela é o objeto proibido dele. E ele é bom demais para machucá-la. Em pensar que eu poderia ter evitado tudo isso se tivesse dado a ela o devido valor enquanto era tempo! Quando via sua paixão por mim.

Após falar com Louisa, aproximo-me de Ayla que me recebe com um sorriso e me dou conta que seus olhares apaixonados para mim, não eram tão intensos quanto os olhares dela para Eros. O que senti por mim não foi nada comparado ao que sente por ele. Por um segundo, me pergunto se não a estamos envolvendo em um jogo que não vai servir para nada além de feri-la ainda mais. Mas olho as persianas fechadas na sala do meu irmão e entendo que ele precisa disso. Precisa mantê-la longe dele.

— Ayla, vim te comunicar que a partir de agora... — Reparo algo brilhando em sua mão e não posso acreditar que é o que estou pensando. — Este é o anel da minha mãe? Eros o deu a você?

Ela fica vermelha e tenta tirar a peça enquanto me explica o que aconteceu.

— Você está me dizendo que não sai do seu dedo? Isso não faz o menor sentido.

Ela me estende a mão irritada por minha desconfiança.

— Tente tirar. Eu o desafio.

Puxo o anel que deveria ser meu, de todas as formas possíveis enquanto ela me conta tudo o que ela e Eros tentaram e o anel realmente não sai. Quase parece loucura lembrar que minha mãe dizia que essa pequena peça era mágica.

— Nunca achei justo que mamãe o tenha deixado para Eros. Ele nunca vai amar, não quer isso. Ela devia tê-lo deixado para mim — confesso a ela e noto que fica triste ao se lembrar do amor que nunca viverá com meu irmão.

— Sua mãe era uma especialista em amor. Se ela o deixou para ele, sabia o que estava fazendo — responde.

— Então não tem a mínima possibilidade de você dar ele a mim quando conseguir tirá-lo, ao invés de dar ao Eros? — brinco.

— Depende, tudo pode ser negociado. Quanto está disposto a pagar? — Ela sorri da minha careta e esclarece: — Não há a menor possibilidade de eu dá-lo a você. Mas não se preocupe, não vou perdê-lo estou cuidando mais dele do que da minha vida. Isso deve ser caro, não é?

— Quase um milhão.

Ela fica sem ar de repente e tenta tirar a peça de seu dedo em desespero.

— Nem vendendo meus dois rins eu pagaria por isso — reclama baixinho e me pego sorrindo.

Era esse tipo de coisa que sempre a pegava dizendo na confeitaria. E sinto-me mesquinho ao constatar que era por isso que eu não correspondia aos sentimentos dela, porque estávamos em mundos diferentes. A via como alguém completamente diferente do que vejo hoje. É incrível em como ela me faz perceber que não sou nem de longe a pessoa que pensei que fosse, a pessoa que queria ser. Tenho muito a melhorar.

— Você está muito cansada com a viagem ou podemos fazer algo esta noite?

Ela larga o anel que não sai de seu dedo e desvia o olhar para o laptop à sua frente, meio sem graça.

— Desculpe, mas não quero sair com você — diz.

Puxo uma cadeira e a coloco ao seu lado, giro sua cadeira em minha direção e falo baixinho:

— O Eros me pediu para convidá-la para sair, Ayla. Ele quer que eu a tire de perto dele.

Vejo em seus olhos o quanto minhas palavras a machucam. Mas não posso conquistá-la enquanto ela tiver dele, a imagem de melhor pessoa do mundo, como ela disse na outra noite. Ela precisa ver seus erros, suas fraquezas, seu desprezo pelo que ela sente. Funciona, porque ela parece fora do ar. Seus olhos enchem e quando encontram os meus de novo, está completamente perdida em pensamentos.

— Ele pediu a você? — Confirmo mais uma vez e ela seca os olhos com um sorriso triste, se recompondo. — Tudo bem, que horas você me pega?

— Pode ser às oito?

— Claro! Estarei pronta.

Louisa se aproxima de nós com sua caixa, como a orientei e Ayla a observa curiosa. Então tenho mais uma novidade que ela não vai gostar sobre sua relação com Eros.

— Ayla, a partir de agora você vai trabalhar para mim e a Louisa passa a trabalhar com o Eros.

Ela se levanta e parece realmente perdida.

— Ele concordou com isso? Ele pediu isso a você?

— Sim, Ayla. Foi o que ele pediu.

Ela encara a porta da sala de Eros e penso que está prestes a entrar lá e fazer um escândalo, mas ela se controla. Junta suas coisas e me segue calada, sob o olhar atento de todos na agência.

No jornal de ontem, ela e Eros estavam noivos, e hoje, ela passa a trabalhar comigo. Ela realmente agitou a rotina dessa empresa, desde que entrou aqui.

Passamos o resto da tarde em minha sala, enquanto explico a ela o básico para me auxiliar, percebendo que ela realmente não entende nada do setor jurídico. Estamos quase no final do expediente, quando Eros entra em minha sala. Me lança um olhar irritado ao ver Ayla ali, mas não diz nada, pois foi ele quem me pediu para afastá-la dele. Me deu autorização para fazer o que fosse preciso e estou apenas fazendo o que prometi a ele.

— Ayla, você pode ficar até mais tarde hoje? Precisamos começar o projeto da senadora.

Ela se levanta e olha para ele com uma calma que não estava em seu rosto até segundos atrás.

— Qual projeto?

— O da cabana da senadora, você sabe do que estou falando.

— Perdão, o senhor fala sobre um projeto arquitetônico?

— Do que mais seria?

— Não posso ajudá-lo — diz pegando as pastas que passei a ela para sair da sala, mas Eros segura seu braço a impedindo.

— Como não pode me ajudar? Você está maluca?

— Pertencço ao setor jurídico, eu não trabalho em projetos arquitetônicos.

Meu irmão respira fundo e está há um passo de perder a paciência com ela.

— Ayla, não me irrite, não estou em um bom dia. Vá até minha sala agora mesmo e vamos começar o maldito projeto!

Ela se aproxima dele desafiando-o, olha em seus olhos e ainda tomba a cabeça com um sorriso doce ao responder:

— Não. Peça ajuda a sua nova assistente.

— Louisa não entende nada de arquitetura, você se comprometeu com a Betina e vai fazer esse projeto comigo!

— Sinto muito, senhor. Devia ter pensado nisso antes de me despachar como um objeto descartável para seu irmão. Não vou executar dois serviços, se você não foi capaz de olhar em meus olhos para dizer que ia me mudar de setor, não deveria ser capaz de vir pedir a minha ajuda agora.

— Eu só fiz o que você pediu — Eros responde com a voz mais baixa, toda sua ira sumindo de repente e essa é uma reação inteiramente nova nele.

— Exceto a parte onde eu disse que não queria me afastar, certo? Você pulou diretamente para ela. Você tem o direito, você é o chefe e sou obrigada a fazer o meu trabalho. Mas não sou obrigada a ajudá-lo. Passar bem, senhor.

Ela sai da sala e ainda bate a porta e Eros sai em seguida, completamente perdido. Ele demitiria sem pensar duas vezes qualquer pessoa que ousasse desafiá-lo dessa maneira, mas não ela. Ele simplesmente cede diante dela. Começo a entender o perigo que é Ayla Marins.

Ela usa uma calça jeans preta e uma blusa de renda branca, tem o cabelo preso em um rabo de cavalo e está incrivelmente linda! Entra em meu carro resmungando com o universo:

— Você ama uma pessoa por três anos e não tem isso de volta. Aí quando começa amar outra pessoa, também não tem isso de volta. Então a pessoa que amava antes resolve te chamar para sair e a pessoa que ama agora, te manda para o outro lado da empresa. O que você faz?

Ela me lança um olhar cansado e pergunta:

— Se eu amar você de novo, ele vai começar a me amar e então me chamar para sair? E vamos ficar presos em um círculo vicioso onde eu só tomo porrada do universo?

— Ele não queria feri-la — digo referindo-me a Eros.

— Eu sei, mas foi exatamente o que ele fez. Me colocou em um círculo

vicioso, apanho, apanho e então, mais porrada.

Sorrio. Desligo o carro e viro-me de frente para ela, tocando seus ombros.

— Ayla, respire, acalme-se e relaxe, tudo bem? Vamos fazer assim, isso não é um encontro. A gente sai, se diverte, esquece um pouco de tudo e eu a trago de volta, pode ser assim?

— Se você diz — concorda virando-se para a frente e colocando o cinto.

A levo a um pub, um lugar oposto ao que planejava levá-la, porque está tensa demais para se divertir e preciso que se solte. A apresento a todo tipo de bebida, e rapidamente ela fica bêbada. Começa a falar alto demais e soluçar mais alto ainda. De repente, ela fica tensa e me olha preocupada.

— O que foi, Ayla?

— Alguma coisa ruim vai acontecer. Faz tanto tempo que não recebo um aviso!

— Que aviso? Do que está falando?

Ela olha em volta preocupada e não entendo nada, puxa a manga da blusa que usa até cobrir sua mão, escondendo o anel que reluz em seu dedo. Dá de ombros e volta a beber.

Poucos minutos depois, três homens armados entram no pub e assaltam o caixa e todos os clientes presentes ali. Protejo Ayla com meu corpo e entrego o que os bandidos pedem, eles fogem ao ouvir as sirenes da polícia. Ayla está sentada no chão atrás de mim conversando sozinha. A pego nos braços, porque não parece me ouvir, não parece nem mesmo se dar conta do risco que corremos, a tiro de dentro do pub para falarmos com a polícia.

— Não recebo esses avisos quando estou com ele. Tudo o que dá errado perto dele, dá certo. É um errado bom. Acabei toda molhada, mas ele me vestiu então como uma princesa para irmos à festa. Bebi demais e ele cuidou de mim. Caí na piscina e ele me salvou. Tudo de errado dá certo. E agora o errado dá errado. Como isso é possível? — fala sem parar enquanto a deposito no chão do lado de fora do pub.

Acaricio seu cabelo macio e solto seu rabo de cavalo, rindo de suas divagações confusas.

— Querida, não entendo nada do que está dizendo. Acabamos de levar um enorme susto, você está bem?

Ela me olha confusa e quando um policial se aproxima, pula nele chorando em seu ombro. Ele tenta afastá-la, e luto para tirá-la dele, desculpando-me repetidas vezes por seu ataque. Enquanto registramos o boletim de ocorrência na

delegacia mais próxima, uma chuva cai lá fora e Ayla pula a cada som de trovão.

— Pelo menos a chuva é do lado de fora desta vez — digo para animá-la e ela concorda.

Vamos andando até meu carro, e seguro sua mão porque está tonta. A chuva forte já parou, deixando as ruas e calçadas com poças de água que a ajudo a evitar. E cada vez que preciso tocá-la para desviá-la de alguma, sinto sua pele macia e seu perfume delicioso. Quando enfim avistamos meu carro próximo ao pub onde estávamos, um carro passa em velocidade em uma poça maior na rua, jogando toda a água sobre nós. A calça de Ayla fica coberta de lama e assustada, ela segura meu braço:

— Está chovendo de baixo para cima?

Tenho uma crise de riso enquanto a pego nos braços e a levo o resto do caminho até o carro. Há tantos anos não me divertia assim, de rir por rir, em uma noite incomum, com uma companhia maluca! Como se não bastasse, uma chuva de verdade nos pega quando estamos entrando no carro. E ela aponta para cima olhando-me com um sorriso lindo.

— Está vindo de cima desta vez — afirmo e ela ri alto.

A coloco no carro e paro em uma lanchonete. Compro um café forte e a faço tomá-lo. Não posso levá-la em casa no estado em que está, ou vai ouvir bronca da avó de novo. Na primeira vez em que saímos ela chegou em casa com a roupa rasgada, imagina se agora chega bêbada contando que foi assaltada?

Ando com ela pelo centro, uma chuva fina cai sobre nós, mas não me importo. Ela também não parece se importar. Estamos de mãos dadas, mas conforme vai voltando a si, solta minha mão e entendo que está passando sua bebedeira. Deposita as mãos na cabeça como se estivesse com dor.

— Você se importa se formos agora? Acho que estou congelando — pede.

Chegou a hora de levá-la, mas não quero fazer isso. A guio de volta ao carro e antes de entrarmos, faço o que deveria ter feito três anos atrás. Seguro suas mãos e me aproximo devagar. Ela parece confusa e só entende o que estou fazendo quando meus lábios pousam nos seus, e a beijo. Ela é tão delicada e doce! Não acredito que não fiz isso antes! Quando interrompo o beijo, abro a porta para que entre e ela não diz nada. Não diz nada o caminho todo, acho que a deixei confusa.

Talvez não seja tão difícil tirar dela o amor que tem por meu irmão.

Encontro Eros em sua sala na manhã seguinte, parece cansado e mal-humorado. Olha para mim buscando uma resposta que não quis dar na noite anterior. Não quis estragar a leveza da noite passada contando a ele sobre nosso encontro. Sento-me diante dele e conto tudo:

— Fomos assaltados, mas ela estava bêbada demais para se dar conta.

— Por que você deu bebida a ela se sabe que é fraca para bebidas?

— Eu só queria que ela se divertisse.

Ele nega com um gesto de cabeça, recriando minha escolha.

— Você a embebedou e assim perde a chance de passar horas conhecendo-a como ela realmente é. De dar a ela horas que poderá lembrar-se depois. Como pretende conquistá-la assim?

— Eu a conheço há três anos, Eros. A conheço muito melhor do que você! Ela bebeu sim, e me fez rir muito com suas loucuras. É tão leve e divertida!

— Quando está sóbria, é inteligente, doce, atrevida e divertida. A noite não precisava ser divertida apenas para você. Você saiu perdendo.

Ele se levanta irritado e fica dando voltas por sua sala.

— Você não dormiu na noite passada? — pergunto preocupado.

— Não durmo há três noites. Sinto-me exausto.

— Talvez devesse ir pra casa descansar.

— Poderia, se essa pequena pirracentinha fizesse seu trabalho e começasse as ideias que teve para o projeto da senadora.

— Talvez eu possa animá-lo com o que tenho a dizer. Não vai ser tão difícil fazer com que a Ayla te esqueça.

Seu olhar busca o meu e ao invés de feliz, ele parece tenso.

— O que quer dizer com isso?

— Eu a beijei e ela correspondeu, com toda sua doçura e paixão, ela correspondeu. Ainda há algo do que sentia por mim nela, Eros. Em breve farei com que ela o esqueça.

Ele se aproxima de mim rapidamente, e parece se controlar para não me acertar. Volta a dar voltas, as mãos nervosas sobre o cabelo.

— Você a beijou? Você tocou nela?

Estou confuso com sua reação e ele parece desesperado. Vira-se de costas para mim com os punhos cerrados e me levanto, disposto a encará-lo.

— Foi você quem me pediu para sair com ela! Foi você...

— Que fui um covarde egoísta e idiota, eu sei — ele completa com a voz

tremida.

— Eros, olhe para mim. Eros...

Ele se vira e pela primeira vez na vida, meu irmão está chorando.

Capítulo 25

Eros

Esta foi minha quarta noite em claro, mas desta vez há algo diferente. Algo novo. Algo tanto libertador, quanto assustador. Não chorei quando meu pai foi embora, não chorei quando minha mãe tornou-se uma sombra vazia e nem quando resolveu se internar. Eu sempre soube lidar com tudo com calma e raciocínio. Mas não desta vez.

Desta vez sinto-me fraco por tê-la jogado nos braços dele. Sinto-me ferido por ele tê-la tocado, sinto-me traído por ela ter correspondido. O que ela estava pensando? O que eu estava pensando?

Pego o álbum feliz que ela me deu disposto a tirar suas fotos, mas nem para isso tenho coragem. Olho meu reflexo no espelho e estou chorando. Porque essa merda dói. Vê-la longe de mim dói. Pego uma foto dela do álbum e observo cada detalhe de seu rosto.

— O que você está fazendo comigo?

Tomo um banho e vou para a empresa, preciso vê-la nem que seja de longe. Ver o anel da minha mãe em seu dedo tornou-me ainda mais vulnerável a ela. Tocá-la como toquei, tornou-me um viciado. Sentir falta de seu olhar como senti, tornou-me fraco. Não pegá-la para mim quando pensei nisso, fez-me um covarde. E feri-la desnecessariamente jogando-a nas mãos dele porque meus sentimentos por ela me assustam, tornou-me um completo babaca. Nunca fui fraco assim. Não posso ser agora.

A encontro no elevador, mas Tim também entra conosco. Ela evita meu olhar enquanto não consigo deixar de olhá-la. Tim estende a ela uma sacola.

— O seu celular roubado não tinha seguro, não é? — ele pergunta e ela afirma tirando da sacola um aparelho novo.

Ele a está presenteando. Preciso me controlar porque a culpa disso é minha. E a raiva que sinto por seu sorriso doce ser direcionado a ele é mais por mim mesmo do que pela situação em si.

— Você não precisava fazer isso, Tim — diz sem graça olhando o aparelho em suas mãos.

— Não foi nada. Eu a levei até ali, foi meio que minha culpa você ter perdido seu telefone.

— Você não poderia ter previsto isso. Mas muito obrigada!

Ela o abraça e esse é meu limite. O elevador para e os afasto, indicando com a mão que desçam. Ayla não olha em minha direção, mas quando dá um passo para sair, o aparelho escorrega de sua mão e cai no vão entre o elevador e o piso. Ela se ajoelha imediatamente gritando pelo objeto perdido. Completamente sem graça, levanta-se e olha para Tim.

— Ele tinha seguro, não tinha? Não sei como consegui fazer isso, sinto muito. Era um espaço tão pequeno! E ele se foi pelo fosso do elevador, eu não entendo!

Ela busca o olhar de Tim desesperada e de repente, estamos rindo. Nós dois começamos a rir. Quero tanto abraçá-la por parecer tão desolada!

— Tinha seguro, vou trazer outro para você, não se preocupe — Tim responde finalmente.

— Não! Não traga! Pegue seu dinheiro de volta. Só Deus sabe o que pode acontecer com o próximo!

Rimos ainda mais e quando dou um passo para abraçá-la e consolá-la, Tim faz isso. A puxa para seus braços e desce com ela segurando a risada e fazendo com que ela se acalme. Então todo meu humor se vai. Vejo Louisa sentada no lugar onde Ayla deveria estar e tudo está errado. Não há uma bandeja de café com bolo sobre a minha mesa e isso está errado. Sinto falta dos seus bolos, do seu cuidado, das suas respostas atrevidas.

— Louisa, você é uma chata — falo para irritá-la e ela responde assustada:

— Sinto muito senhor, como quer que eu melhore?

Eu vou ficar louco sem ela!

Aproximo-me de sua mesa e estendo a ela uma rosa branca.

— Sinto muito por ter sido covarde.

Ela olha em meus olhos, pega a rosa da minha mão, tira uma pétala lançando-me um olhar assassino, a leva à boca e mastiga.

— Não te desculpo.

— Você é linda demais para ser rancorosa — brinco e ela sorri por dois segundos, mas nega com a cabeça e aponta para sua antiga mesa, onde a chata da Louisa está sentada.

— Volte para sua nova assistente e me deixa fazer meu trabalho em paz!

— Você sabe que quer fazer aquele projeto, Ayla. Você o criou, cada detalhe dele.

Ela tira outra pétala da rosa e a mastiga, seu olhar tornando-se de novo frio.

Sento sobre sua mesa e tento outra abordagem.

— Soube que teve uma noite divertida com meu irmão. Você se lembra do que aconteceu?

Espero que fale sobre o beijo, que diga porque correspondeu. Ela me disse uma vez que não o havia beijado porque amava a mim. Então por que o beijou dessa vez? O que isso significa?

— Não tenho que falar sobre isso com você.

— Nem sobre você tê-lo beijado? — pergunto irritado me levantando.

— Sobre nada! Não é da sua conta!

— Levante-se daí agora mesmo e venha fazer o projeto!

— Não!

— Ayla, você testa minha paciência até seu limite! Venha comigo!

— Eu não vou! Qual é seu problema?

Olho em seus olhos irritados e não consigo controlar:

— Você bebe, o beija e ainda me pergunta qual é a merda do meu problema?

— Não foi diferente quando bebi com você, não é? Ou já se esqueceu de me pedir um beijo quando eu estava bêbada?

Aproximo-me ainda mais, sorrindo com a lembrança, meu rosto pairando a centímetros do seu.

— Foi o melhor beijo da minha vida — confesso.

Ela me olha por poucos segundos, realmente me olha e vejo ali, o brilho daquele amor, a saudade, o quanto essa lembrança mexe com ela. Sinto-me instantaneamente mais calmo, como não me sentia há dias. Espero por sua resposta, mas tudo em seu olhar some, ele torna-se desafiador e ela sorri.

— Não vou falar sobre o beijo de antes de ontem com você. Pode esquecer.

— Não precisa, fale sobre o nosso beijo. Foi o melhor da sua vida?

Seu sorriso some e ela diz com toda sua sinceridade:

— Eros, você me machucou!

Sinto uma dor no peito ao ver seu olhar ferido e quero pegá-la no colo e me desculpar. Quero dar o mundo a ela para que essa dor passe.

— Não mais do que machuquei a mim mesmo, Ayla. Mas isso não exime a culpa pelo que te fiz, me perdoa, eu sinto muito.

— Não, eu não perdoo. Você pode ir agora?

Desisto por hora pensando em outra maneira de fazê-la me perdoar.

Não consigo levar o projeto pra frente. Não tenho inspiração, as ideias fugiram, estou cansado e irritado. Tenho fome, mas não quero comer nada. Olho pelo vidro da parede e Louisa na mesa de Ayla está errado. A quero de volta. A quero para mim. Junto meus esboços horríveis e os levo para ela, na esperança de que sinta pena e queira me ajudar. É tão difícil lidar com tudo o que ela me faz sentir! Não sei como agir, não sei o que dizer, só quero tê-la por perto.

Coloco as pastas em suas mãos, seu olhar irritado pousa no meu esperando uma explicação.

— Não está funcionando. Pare de ser criança e faça seu trabalho! — ordeno.

— Vou repetir pela milésima vez, porque você parece ter perdido a audição ou a memória. Eu não vou fazer!

Ela tenta me devolver, mas me afasto.

— Eu irei pagar a você por isso, Ayla.

— Nem por todo dinheiro do mundo!

Os funcionários nos olham curiosos e eu deveria voltar à minha sala e conversar com ela em particular depois, mas não consigo me afastar. Quero vê-la irritada, isso sempre a faz baixar a guarda para mim.

— Você está com medo porque é um projeto grande demais, pode admitir.

— Estou recusando porque não me interessa trabalhar com você!

— Tudo bem. Seja essa bebê chorona. Faça aí, na sua mesa, no seu esconderijo e depois leve suas ideias à minha sala. Não precisa trabalhar comigo, se não quer.

Viro-me de costas para voltar à minha sala quando ouço um baque. Seguro o sorriso ao confirmar que a atrevida jogou as pastas no chão. Quero tanto beijá-

la agora, enquanto senta-se em sua cadeira como se nada tivesse acontecido e lixa suas unhas.

— Louisa! — chamo e ela se aproxima correndo. — Leve estas pastas para minha sala, por favor.

Imediatamente ela as pega, e só consigo olhar para essa atrevida tão linda que está acabando com a minha vida e ainda assim, me faz sentir vivo como nunca me senti antes. Aproximo-me dela que me ignora completamente, agindo como se eu não estivesse ali. Tiro o relógio e o coloco no bolso, foi um presente de Nico, quero protegê-lo de uma possível reação dela pelo que vou fazer. Tiro a lixa de sua unha e a jogo sobre sua mesa. Seu olhar irritado busca meu rosto. Aproximo-me dela e falo firmemente em seu ouvido:

— Você vem comigo agora! Não estou pedindo!

Pego suas mãos e as viro para trás, prendendo-as com as minhas atrás da cadeira. Então empurro a cadeira até minha sala. Ela fica tão em choque que sequer reage. Jogo a cadeira lá dentro, tranco a sala e encaro seu olhar incrédulo para meu rosto.

Apoio-me nos braços de sua cadeira e a ameaço:

— Você vai fazer este trabalho comigo ou irei beijá-la. Vou fechar essas cortinas, jogá-la sobre esta mesa e acabar com toda a loucura que você plantou na minha cabeça. Você quer fazer isso por bem ou por mal?

Sua boca está aberta, seu olhar busca minha boca e volta aos meus olhos, e ela tenta disfarçar um sorriso. Levanta-se, me empurrando sem dizer nada. Ajeita sua roupa e senta-se com toda classe na minha cadeira. Pega as pastas e avalia meus esboços. Escolhe um deles e começa a partir dali.

— Eu estava pensando em fazermos uma edícula aqui, o que acha? Para o caso de levarem algum empregado com eles quando forem para lá.

Sorrio, ela quer acabar comigo.

Passamos a tarde toda trabalhando e vejo a repreensão no olhar de Tim quando vai chamá-la para almoçar e não permito que ela saia. Preciso falar com ele e desfazer a grande burrada que fiz, mas claro, primeiro preciso falar com ela. Saber se quer voltar a trabalhar comigo, se quer que Tim afaste-se dela. Porque se ela correspondeu ao beijo dele porque ainda sente alguma coisa por ele, vou ficar louco, mas não irei atrapalhá-los. Não farei mais nada que possa machucá-la.

Tim me chama em sua sala e deixo Ayla por alguns minutos. Imediatamente, sinto sua falta. Quando retorno, ela não está ali. Observo o que

montamos até agora e é incrível em como isso fluiu tão fácil com ela!

Melissa bate na porta e pela primeira vez desde que nos conhecemos, pede para entrar. Fecha a porta atrás de si e carrega uma expressão triste no rosto.

— Aconteceu alguma coisa, Melissa? Você está bem? Por que voltou aqui?

Ela nega com a cabeça, aponto para que se sente, mas ela se recusa. Deposita sua bolsa sobre uma cadeira e aproxima-se de mim. Seus olhos buscam os meus.

— Quando estive aqui na última vez, você falou tudo o que tinha engasgado. E quero fazer a mesma coisa, tenho esse direito.

— Vá em frente — concordo para que possamos encerrar isso de uma vez.

— Meu pai não me dava tudo o que eu queria, os meus caprichos, mimos caros demais, ele nunca teve muita paciência. Foi um pai ausente em toda minha infância e permanece um pai ausente. Quando vocês se tornaram parceiros e eu vi você, meu interesse era sexual. Mas você foi sincero demais, tornou-se um desafio. Depois, aceitou fácil demais a teia que teci à sua volta e pensei que sentisse algo por mim. Por todos esses meses você aceitou minhas reclamações, dormiu na minha cama e me deu o que pedi. Na minha cabeça, isso era amor, Eros. A gente não dava nome, não assumia pra valer, mas era.

— Sempre deixei claro que isso nunca foi amor, Melissa.

— Palavras, apenas! Agir, você agia de outra forma. Então sua assistente apareceu. E você olhava para ela como nunca tinha olhado para mim. Você a defendia sem nem mesmo perceber! A apresentou aos seus amigos, a levou a lugares que nunca tinha me levado! Eu me senti ferida, sim! Me senti trocada, rejeitada, me senti uma burra! Recentemente descobri sobre seus pais. E entendi que você não é capaz de amar. Nem a mim e nem a ela. Você não vai amar ninguém. Por isso armei para que se case comigo, porque você não parece enxergar a lógica disso tudo.

— E qual é a lógica disso tudo? Qual a sua justificativa? Acho que já tivemos essa conversa e tudo ficou muito claro, Melissa.

— Não tivemos, porque eu estava ferida e não fui sincera, mas vou ser agora.

— Não vai fazer diferença, mas se quer falar, fale. Seja sincera e diga o que quer.

— Eu sou o passo seguro agora, Eros. Você não quer amar, não quer acabar como sua mãe, não quer sofrer como seu pai. Você quer?

Falar sobre meus pais nunca é fácil, me deixa desconfortável, vulnerável e

emotivo.

— O que isso tem a ver, Melissa? Do que está falando?

— Quais as chances de eu machucar você, Eros? Quais as chances de você cair de amores por mim e se perder como eles? Você se imagina sem dormir por dias pensando em mim? Se imagina perdendo o controle por minha causa, enciumado sobre meus passos, ferido por minhas palavras?

Não sou capaz de responder, pois começo a entender o que quer dizer.

— Eu sou o lado seguro disso pra você. Nunca vou esperar seu amor de volta, nunca vou cobrar de você mais do que o que tínhamos. E ainda assim eu amo você. Acho que você não se dá conta de como é extraordinário, como é atencioso e compreensivo. Não se dá conta que é fácil demais que qualquer mulher se apegue. Mas para mim isso basta. Eu te amo, você fica comigo e seremos felizes. Não preciso de sentimentos da sua parte além de respeito.

Ayla é meu maior risco. As perguntas de Melissa ficam martelando em minha mente e quando as direciono a Ayla, a culpada de todas é ela. Perco minhas noites de sono por ela. Perco o controle com ela, tenho ciúmes, me machuco por machucá-la, sinto sua falta, eu me perco por ela! É claro que este não é o caminho seguro, não é nem um pouco seguro. E Melissa está certa. Ela é o caminho seguro, isso seria óbvio se ela me fizesse essa proposta alguns meses atrás. Eu cairia mais uma vez em sua teia, para dar um passo seguro. Mas apesar de Ayla me enlouquecer, jamais suportaria ficar longe dela.

Quando meus olhos se focam de novo em Melissa, ela se aproxima, segura meu rosto e me beija. Fizemos isso tantas vezes e todas foram iguais, apenas um beijo. Infelizmente para mim, agora tenho um parâmetro de beijo. O dela não chega aos pés do da Ayla. Não me causa essa excitação maluca, o desejo desenfreado, a paz, o fogo, a maravilha de sentir que ela está entregue a mim. Não me causa nada.

Melissa se afasta de mim de repente e olha para o lado, escondendo um sorriso.

— Não sabia que você estava aí.

Olho imediatamente e Ayla está aqui, na porta do banheiro da minha sala. Lágrimas descem por seu rosto e ela está tão ferida! Quando me aproximo e seus olhos pousam nos meus, vejo o quanto está perdida.

— Ayla... — tento falar com ela, mas ela se afasta e sai da minha sala correndo.

Tento ir atrás dela, mas Melissa me segura, pedindo uma resposta.

— Sinto muito, Melissa. Você seria o caminho seguro, está certa. Mas não

tenho interesse neste caminho. Infelizmente para mim, gosto do caminho tempestuoso, das noites sem dormir pensando em alguém, dos ciúmes, dos beijos que me desarmam. Estou aprendendo a lidar com isso, você está certa, morro de medo de acabar como eles, mas não é algo que eu possa controlar. Eu não tenho escolha. Gostaria que você não me procurasse mais. Vai ser melhor para você se não voltarmos a nos falar.

A deixo ali e saio atrás de Ayla. Tento ligar, mas seu celular sequer chama, então me lembro de que foi roubado quando saiu com Tim. Vou até sua casa, mas ela não está. Pego o endereço da Sabrina, bato em sua porta, mas Ayla também não apareceu ali. Ligo para Tim, que não tem notícias dela. Rodo pelo centro, vou à Praça das águas, ao restaurante onde fomos no dia em que caiu na piscina, passo pelas ruas em volta e nada. Ligo para Ulisses já desesperado:

— Ulisses, você tem alguma ideia de onde sua irmã iria se seu chefe fosse um idiota com ela?

— Sabrina — responde.

— Ela não está lá. Não há nenhum lugar onde vai para fugir dos problemas? Algum lugar preferido, onde se sinta calma? Ou onde vai quando quer ficar sozinha?

— Não posso ajudá-lo, senhor Eros. Ela detesta ficar sozinha. Tem a ver com a morte do nosso pai, sempre que está triste, aborrecida, irritada, ela procura companhia. Geralmente a Sabrina, às vezes eu. Mas ela nunca vai a um lugar para ficar sozinha. Ela procura alguém que possa consolá-la. Não entendo porque não procurou a Sabrina.

— Obrigado, Uli. Já sei onde ela está.

Ela procura alguém que possa consolá-la. Quem mais poderia consolá-la quando o que a fere é o amor? Uma chuva forte começa a cair, obrigando-me a dirigir mais devagar e os segundos parecem se transformar em horas. Finalmente avisto minha casa, paro o carro na entrada e Miguel vem ao meu encontro.

— Ela está aqui? — pergunto tão logo ele se aproxima.

— A garçonete desastrada? Está no jardim.

— Guarde meu carro, por favor.

Corro até ela e a encontro sentada na cadeira-balanço, protegida da chuva pelo teto de madeira, olhando para o nada, perdida em pensamentos, e lágrimas descem por seu rosto. Aproximo-me louco para abraçá-la, para colocá-la em meus braços e pedir perdão, e prometer que ela nunca mais vai passar por isso, mas não quero feri-la ainda mais.

Sento-me de frente para ela, sobre a mesinha de centro e a observo. Seus

olhos pousam em mim.

— Oi. Estava como um louco procurando você — confesso.

— Oi — responde apenas.

— O que eu posso fazer para que isso melhore, meu bem?

Ela nega com a cabeça e seca as lágrimas.

— Você não pode fazer nada.

Seguro sua mão e ela não a afasta. Não há raiva em seus olhos, não há qualquer acusação, apenas dor. Dor e esse amor que virou meu mundo de cabeça para baixo.

— Posso te perguntar uma coisa? — pergunto e ela assente, seus olhos fixos nos meus, tão perdidos que começo a me sentir desesperado. — O que você sentiu quando o Tim a beijou?

Por um segundo, penso que talvez seja a ajuda dele que vá fazer isso melhorar. E me dói tanto pensar nisso! Tanto que tenho uma vaga ideia do que ela deve estar sentindo agora.

— Nada — responde finalmente.

— Como assim?

— Não senti nada. Minhas pernas não cederam, não fiquei mole, não me senti tonta. Meu coração não veio parar na boca, não tive falta de ar e nem ar demais. O mundo à minha volta não deixou de existir, não foi como se eu flutuasse e pegasse fogo ao mesmo tempo. Não esqueci meu nome. Eu não senti nada.

— Ah, Ayla...

Aperto sua mão nas minhas sentindo um alívio tão grande que nem sei explicar. Um contentamento que me completa de uma maneira única, como se tivesse acabado de ganhar na loteria. E olhando seus olhos focados nos meus, percebo que foi o que aconteceu. Cometi um erro terrível e tive uma segunda chance. Sinto-me tão bobo por suas palavras, que meus olhos se enchem e ela toca meu rosto ao perceber isso. Seu toque leve, trazendo seu cheiro até mim.

— Mas você a beijou — diz baixinho. — E isso doeu tanto! E eu não tenho o direito de estar aqui e te dizer essas coisas, você não tem que me explicar nada. Eu disse a você para viver sua vida, você está certo, eu estou errada. Mas está doendo e eu não sabia o que fazer.

Ela tira a mão das minhas e a leva ao peito, acima do coração.

— Eu lido com isso todos os dias e não vejo como uma maldição. Mas quando eu vi vocês dois se beijando, eu pensei que sim, pela primeira vez eu

quis tirar esse amor de mim, eu quis odiar você, e não consegui. E desculpe estar aqui, mas eu não sabia para onde ir. Não sei o que fazer.

Era por esse tipo de situação que eu não queria jamais ser responsável pelos sentimentos de alguém. Para não ver esse olhar que já vi tantas vezes na minha vida, essa dor refletida em seu rosto, presente em suas palavras. Era esse o meu maior medo. E como é estranho que agora que isso está acontecendo, eu me sinta grato por ser aquele que pode tirar isso dela. Por ser quem pode cuidar dela e fazer isso passar. Como é gratificante que eu tenha esse poder, porque não suportaria vê-la assim por mais tempo.

Ela se levanta de repente e a seguro. Pego sua mão e a puxo para meus braços.

— Venha, fique aqui comigo. Me deixa abraçar você, me deixa cuidar de você. Me fala como faço isso passar.

— Você não pode — sussurra afundando o rosto em meu peito.

— É claro que posso. Não vou permitir que você sofra por mim, minha pequena. Não vou permitir que sofra por ninguém.

Ela tenta se afastar, mas não permito. A mantenho em meus braços, perto de mim, onde posso tocá-la e cuidá-la como ela merece.

— Melissa me beijou quando eu estava com os pensamentos longe, me pegou desprevenido. Eu não vou beijar outras mulheres e viver minha vida como você diz porque não quero beijar outras mulheres. Ayla, eu nem vejo outras mulheres, você ocupa todo meu tempo, toda minha mente e minha visão. Se você me disser agora que a dor em seu rosto vai sumir se eu arrancar meu coração e colocá-lo em suas mãos, farei isso sem pensar duas vezes. Se você me disser que vai melhorar se eu me jogar aos seus pés agora, então é o que vou fazer. Você tem todo o direito do mundo de estar aqui e me cobrar uma explicação para o que viu, porque eu dou este direito a você, eu dou apenas a você. E eu realmente não queria ter beijado nenhuma outra boca desde que toquei a sua e sinto muito que minha fraqueza tenha proporcionado isso a nós dois. É uma ferida que vou carregar para sempre. Você é corajosa e forte, minha menina porque fez o que eu queria fazer e não tive coragem. Quando o Tim me disse que a beijou, tudo o que eu queria era pegá-la em meus braços e entender isso. Saber como foi, o que você sentiu, porque fez isso. Dizer a você que isso me feriu. E só não o fiz porque sou covarde.

Toco seu rosto, afastando-me apenas o suficiente para que olhe em meus olhos e entenda que estou sendo sincero.

— Então obrigado por estar aqui. Eu sinto muito pelo que viu hoje, não

significou nada para mim, como você disse, não senti nada. Não perdi o controle sobre onde estávamos, não me perdi no cheiro, calor e maciez da pele dela, não senti o desejo desenfreado correndo por cada veia do meu corpo, não quis levá-la para longe de tudo e todos e mantê-la apenas para mim. Não senti que ela era boa demais para ser real, boa demais para mim, quase como um presente, porque isso eu só sinto quando estou com você, quando beijo você, quando toco você. Me desculpa por permitir que algo assim acontecesse, me desculpa por tê-la ferido dessa maneira e por favor, me deixa curá-la. Você diz que não posso, mas eu sei que posso, sei como fazê-lo, só me deixa tentar. Eu não durmo há dias, Ayla, preciso de você.

Acaricio seu rosto e não espero sua resposta. A pego nos braços, saímos do abrigo do teto de madeira e corremos pela chuva. A levo para dentro de casa, para meu quarto e a deixo em minha cama. Aciono a lareira e procuro uma blusa quente para ela. Troco-me rapidamente e a ajudo a tirar sua roupa. Ela não diz nada com palavras, mas seus olhos estão em mim. A cubro e deito-me debaixo da coberta com ela. A puxo para meus braços e beijo seu rosto, repetidas vezes. Quero beijá-la, mas não sei se ela permitiria. E acho que não suportaria se ela dissesse não. Ela se deita em meu peito e me abraça. Envio uma mensagem a Ulisses dizendo que está tudo bem e que ela vai ficar comigo esta noite. E depois de noites sem dormir, finalmente sinto o cheiro de baunilha do seu cabelo e durmo.

Capítulo 26

Olho mais uma vez seu rosto cansado enquanto dorme um sono pesado. Em minha cabeça tenho a certeza de que não deveria ter vindo na noite passada, não deveria ter vindo chorar com ele a dor que senti ao vê-lo com outra, não foi justo com ele uma vez que eu o orientei a seguir sua vida sem se importar comigo. Mas nunca havia me sentido assim. Nunca antes amar tinha doído tanto! Não soube o que fazer. Sabrina não poderia me ajudar, Ulisses, nem a vovó, ninguém. Pensei que tampouco ele pudesse, mas ele pôde. E fez isso. O que o leva de volta ao posto de melhor pessoa do mundo. Ele o havia perdido quando mandou o Tim sair comigo. Agora não posso julgar suas atitudes, afinal de contas, também não ando controlando as minhas.

Saio de sua casa sentindo-me estranhamente calma. Desde o momento em que me abraçou e disparou a falar coisas tão lindas em meu ouvido, sinto-me calma. É loucura, eu sei, mas sinto-me alguém com sorte. Nunca me senti assim na vida.

Acho que sou mesmo louca.

O dia está nascendo e vou direto para a casa de Sabrina. Ela abre a porta com um nó de um lado do cabelo e apenas um olho aberto. Mas ao ver minha expressão e roupas do dia anterior, acorda completamente e me manda entrar. Então conto tudo a ela. Tudo sobre a viagem, que ainda não havia compartilhado para não ter que ouvi-la dizer: eu avisei! Sobre meu não-encontro com Tim, sobre o beijo dele e sobre a noite passada com Eros.

Ao final do meu relato, minha amiga que está sentada enquanto estou

deitada em sua cama, não diz nada. Está processando a enxurrada de coisas que disse a ela.

— Meu Deus, Ayla! Viajo por três dias e você me apronta tudo isso? Mas bem, vamos por partes. — Olha em meus olhos e aponta o dedo para a minha cara: — Eu te avisei!

— Eu sabia que você ia dizer isso, você está se tornando previsível! — acuso.

— Me deixa ver esse anel.

Reviro os olhos irritada e exibio a linda peça já antecipando o que ela vai fazer, imediatamente, ela o puxa. Força como pode, usa a unha, usa a força que tem nos dedos, e nada da peça sair. Então vai à cozinha e retorna com óleo. Banha meus dedos nele e o anel não se move. Por fim, aceita que a peça simplesmente não sai.

— Essa coisa é mesmo mágica!

— Até parece, Sabrina!

— E como você se sente agora que sabe que ama seu chefe? Poxa, não posso mais dar em cima dele. Achei que fosse demorar mais a admitir isso — lamenta.

— Desde que aceitei isso, só faço chorar. Parece que tudo relacionado a ele me machuca.

— Sinto muito, amiga. Não era para ser assim, porque esse sim é o amor da sua vida.

— Eu sei. Mas eu não sinto muito. Eu não sei explicar, mas quero amá-lo. Eu sei que é loucura, ele jamais vai olhar para mim. Além de um mundo de diferenças, há um passado doloroso entre nós, há uma mentira enorme entre nós, é um amor impossível. E mesmo assim eu não sinto que deva tentar esquecê-lo. Eu sou mesmo muito maluca. Mas bem, eu poderia amar alguém que não tiraria horas da sua noite e seu tempo para me consolar porque estou sofrendo por ele.

Ela se joga ao meu lado, a cabeça encostada à minha, olhando o teto, como eu e diz:

— Não há mentira alguma entre vocês, na verdade. Você acha que esqueceu o Tim porque o conheceu, mas não foi assim. Eu acompanho tudo, Ayla, sou sua expectadora de vida como você diz. Você esqueceu o Tim porque se apaixonou pelo Eros. E você se apaixonou por ele no momento em que ele a beijou pela primeira vez. Você precisava ver seus olhos ao falar dele! Nunca tinha visto você assim! Tanto se apaixonou que imediatamente começou a reparar nos defeitos do Tim e compará-los.

— Para com isso, Sabrina! Eu não o amo há tanto tempo assim!

— Então desde quando você o ama?

Desde que ele não foi um babaca convencido comigo quando eu confessei estar apaixonada por ele. Desde que me deu um emprego. Ou um emprego para o Uli. Ou um guarda-roupa novo. Ou me defendeu da nojenta da Melissa. Foi desde quando seus olhos negros pousaram sobre os meus e não consegui mais pensar.

— Que merda! — reclamo constatando que ela está certa.

— Pois é.

— Por que você não me disse isso antes?

— Eu disse isso todos os dias!

— Por isso não é diferente agora. Além de eu estar muito sensível em relação a ele, minha maneira de agir perto dele não mudou, o que sinto quando ele me olha ou sorri para mim, não mudou. Sua gentileza e atenção me deixam nas nuvens do mesmo jeito de antes e tudo isso deveria ter mudado, não é? Quando aceitei que o amo de verdade, pensei que não saberia mais como agir perto dele e não foi assim. Bem, não importa. Ele me mandou sair com o Tim, trabalhar com o Tim, está disposto a livrar-se de mim e nem posso culpá-lo.

Sabrina se levanta de novo e leva as mãos à cabeça.

— Ayla, venha aqui! Não acredito que vou dizer isso, você já tende a ser meio iludida e cabecinha nas nuvens, mas ouça bem!

Sento-me de frente para ela, ela segura meus ombros e olha em meus olhos, como se estivesse prestes a me contar o meu futuro.

— Eros Reymond se apaixonou por você no momento exato em que colocou os olhos em você, na escada, na noite da festa.

Continuo olhando em seus olhos e ao ver que está falando sério, começo a rir. Aquela risada sofrida que a gente dá quando quer chorar, na verdade.

— Olha quem voltou, senhoras e senhores! Minha amiga iludida! Junte-se a mim, Sabrina, vamos sonhar juntas.

Nos deitamos lado a lado e ela continua com seus delírios:

— Ele não brigou com você, apesar da grande trapalhada que você fez. Ele ficou te olhando, como se você fosse algo diferente de todo o resto. Ele brincou com você para quebrar o clima e ficou em pânico quando você desmaiou. Depois, ele não a expulsou ao pegá-la em seu quarto. Não a afastou apesar de você dizer a ele o que ele mais temia ouvir. Ele a manteve por perto, e você disse que ele daria um jeito de fazê-la esquecer-se dele, mas ele nunca fez isso. Ao

invés disso, ele a protegeu e mimou o quanto pôde.

Nego com a cabeça e ela estende as mãos, numerando com os dedos.

— Deixá-la fazer seus próprios projetos numa empresa como a dele? Te dar um guarda-roupa novo? Vingar-se da funcionária que a humilhou? Deixar o maior tesouro da mãe dele com você? Não é possível que você seja tão cega!

Ela procura em meus olhos e ao ver que ainda não compartilho de sua opinião, se irrita. Essa é minha amiga.

— Eu não entendo como a sua cabeça funciona! O Tim nem a olhava duas vezes e você vivia repetindo que ele estava se apaixonando. O Eros falta colocar o mundo aos seus pés e você não acredita no amor dele!

— Eu gostaria de acreditar nisso, gostaria mesmo! Mas ele é assim. Melissa quase o destruiu, ele está a um passo de perder a direção da empresa por causa dela, e ainda assim ele parou para ouvi-la. Ainda ficou para dar uma resposta a ela, e não foi grosso, não se vingou, ele foi gentil, foi ele. Ele é assim. Acho que o que houve em seu passado o impede de acreditar em amor. E como você pode sentir algo em que não acredita? E eu o entendo. Ele precisa se proteger. Amar é mesmo uma coisa assustadora.

— Você vai se demitir?

— Claro! Vou viver feliz e calma sem nunca mais vê-lo!

— Você não consegue!

— Claro que não consigo!

— E o que vai fazer com o Tim?

— O que eu poderia fazer? Dizer que não precisa mais seguir as ordens do seu irmão, não temos que sair juntos. Não tenho mais muito o que fazer por ele.

Ela vira a cabeça em minha direção e seus olhos estão cheios.

— Ah, você cresceu! Minha amiga maluca tem um pouco de juízo!

Ela abraça minha cabeça, quase me sufocando e puxo seu cabelo para que não me mate.

Assim que me sento em minha nova mesa, avisto alguns contratos que Tim deve assinar. Passo meus olhos por eles e não entendo nada. Observo Louisa em frente a sala de Eros, contando a algumas meninas como ele é cruel. Ela me lança um olhar de cumplicidade pela primeira vez, como que entendendo o que passei com ele. Mas bem, nossas experiências com Eros são bem diferentes! Me pego pensando se ela está cuidando direito dele, se leva seu café da manhã e o prepara como ele gosta. Eu deveria dar essas dicas para ela, quem sabe assim ele

não deixe de ser tão carrasco com ela e fique de melhor humor?

Ele e Tim chegam juntos, sua expressão está bem melhor do que nos últimos dias, é notável que finalmente descansou um pouco. Ele nem deveria ter vindo aqui hoje, devia passar o dia na cama, descansando a mente. Se ainda fosse sua assistente, diria isso a ele. Mas agora não somos mais nada, uma vez que não somos amigos também. Bem, talvez sejamos colegas de trabalho. Ele, o chefe e eu a empregada.

Ao invés de ir à sua sala, ele vem em minha direção e imediatamente finjo ler os contratos diante de mim. Eu deveria estar envergonhada por ter agido como uma patética na casa dele ontem, mas ele me fez sentir tão querida, que quando seus olhos pousam nos meus, sorrio, e ele sorri de volta.

— Bom dia, Ayla. Você pode vir à minha sala para que possamos terminar o projeto?

— Na verdade, ela tem coisas para fazer. É minha assistente, Eros, não sua — responde Tim.

— Sobre isso, irmão, se ela não se importar, devemos destrocá-las assistentes. — Seu olhar preocupado procura meu rosto. — Não tratando vocês como objetos, mas seu lugar é comigo. Você ainda tem muito a aprender e vou te ensinar.

Concordo, levantando-me e juntando minhas coisas. Mas Tim deposita sua mão sobre a minha, me impedindo.

— Vou conversar com ela primeiro. A gente decide isso depois — fala para Eros e segurando minha mão, me guia até o elevador.

Ao invés de descermos, nós subimos. Ele me leva até o terraço do prédio, onde um jardim de inverno está sendo construído.

— Uau! — Olho admirada com tudo o que vejo. — Nunca soube sobre este espaço aqui em cima.

— Começamos há pouco tempo, pensamos em fazer este jardim aqui para reuniões informais com os clientes. Eles se sentirão mais relaxados, em contato com a natureza, sem falar que juntar a beleza das flores, com a beleza da cidade, deixa qualquer um de bom humor.

— Você está certo! Este lugar está ficando incrível!

— Cuidado onde pisa, Ayla.

Há muitos materiais espalhados pelo chão. Desde sacos de terra, a madeiras, pregos, ferramentas e telhas. E tenho um leve pressentimento que vir

aqui não vai acabar bem. Ele me guia até um banco entre as flores e pede que eu me sente. Observa o anel em minha mão com um sorriso melancólico.

— É curioso este anel se prender em seu dedo. Parece que de alguma forma, mesmo que você não o encontrasse como encontrou, é exatamente aí que ele iria parar.

Não entendo o que quer dizer, e tampouco ele me explica. Senta-se ao meu lado e espero que vá falar sobre Eros. Sobre o mal que estou fazendo a ele ou algum pedido dele para que me afaste. Mas ele me surpreende completamente quando fala:

— Eu sempre soube que você estava apaixonada por mim, Ayla. E o que me impediu de ficar com você, foi sua simplicidade.

Desde que comecei a trabalhar aqui e a conviver mais com ele, percebi que ele passava longe do homem que havia construído em minha mente para ele. Mas sua confissão me faz perceber o quão longe ele passa de ser a pessoa que pensei que ele fosse. O quão diferente ele é de Eros.

— Você não tinha obrigação de corresponder — é tudo o que digo.

— Nunca pensei que eu fosse tão mesquinho. E olhando você agora, pensando na nossa noite juntos, no que vivemos, no beijo, sinto que perdi tempo demais e cometi um erro que está me custando muito caro.

Seus olhos buscam os meus e sinto-me confusa. Meu coração acelera, meu ar falha e sinto aquele friozinho ruim na barriga. Alguma coisa vai dar errada. Começo a olhar em volta, procurando o que evitar enquanto ele fala.

— Se estivéssemos juntos no momento em que você conheceu o Eros, você não teria se apaixonado por ele — lamenta e volto minha atenção para o que está dizendo.

— Eu não teria tanta certeza. Eu pensava que amava você, e costumo ser fiel a sentimentos, mesmo assim me apaixonei por ele. Acho que me apaixonaria por ele independente de qual fosse minha situação. O que não entendo é por que está remexendo nisso agora.

Ele segura minhas mãos olhando em meus olhos. Suas mãos estão geladas, e seu toque me deixa nervosa.

— Porque estou me apaixonando por você agora.

— Não faça isso! — respondo rapidamente sem pensar. — Você sabe que amo seu irmão, não queira viver o que vivi com você por todos esses anos.

— Ayla, o Eros nunca vai corresponder o que você sente. Você não quer esquecê-lo? Eu posso ajudá-la!

Sorrio. Tiro minhas mãos das suas e me levanto.

— Ufa! Você não está apaixonado por mim de verdade, se pensa que é fácil deixar de amar alguém desse jeito.

— Eu poderia fazê-la feliz. Como ele fez para que você me esquecesse? Posso fazer a mesma coisa.

— Não pode, porque você não é ele. Vocês são diferentes, Tim. Pensam diferente, agem diferente. Você não tem que ser ele para conquistar alguém, tem que ser você. Mesmo com seus defeitos, com suas manias, quem amá-lo vai aceitar tudo.

— Você correspondeu ao meu beijo, não negue isso. Você me amou um dia, não é algo impossível que reviva esses sentimentos.

Essa sensação de que algo vai dar errado volta, sinto frio e quero sair deste terraço, porque algo dar errado aqui em cima me assusta. Sou muito jovem para morrer. E Deus me livre matar alguém.

— Não respondi, na verdade, eu não estava exatamente ciente do que estava fazendo até que você me beijou. Você me pegou de surpresa.

— E você correspondeu.

— Não, eu apenas não o afastei. Não é a mesma coisa.

— É claro que é!

Se me dissessem três meses atrás que eu estaria neste terraço hoje, refutando o Tim, eu jamais acreditaria.

— Tim, não se apaixone por mim. Não faça isso consigo. Eu amo seu irmão, e mesmo que ele nunca vá olhar para mim desse jeito, não vou deixar de amá-lo. Eu não quero deixar de amá-lo. Eu acho que ele merece o meu amor. Sinto muito.

Ele abaixa a cabeça e penso que entendeu, mas vejo a dor em seus olhos quando entende que não vou ceder.

— Isso está errado, Ayla. Eu tive três anos de chances com você.

— Não pense assim. Pense que se tivéssemos ficado juntos, quando eu me apaixonasse por seu irmão seria uma confusão só.

Ele sorri, mas um sorriso triste. Não o estou consolando e entendo isso. Ele vai em direção a porta de saída e o sigo, olhando em volta à procura do que vai dar errado, já comemorando que seja o que for, não será neste terraço. Mas esqueço de olhar para o chão, ignorando o conselho que Tim me deu assim que entramos aqui. Piso em um amontoado de madeiras e meu pé desliza entra elas, virando em uma posição errada no percurso. Sinto uma dor aguda imediatamente

e meu pé está coberto por madeiras.

Tim volta para me socorrer, tira as madeiras o mais depressa que pode, e nem tenho coragem de olhar o estrago.

— Acho que você torceu o pé — comenta preocupado.

— Tenho certeza disso.

Ele me pega em seus braços e me leva até o elevador. Paramos no nosso andar para eu pegar minha bolsa e assim que as portas do elevador se abrem, damos de cara com Eros ali, indo a algum lugar. Quando Eros me vê nos braços de Tim com uma careta de dor, aproxima-se imediatamente.

— O que aconteceu?

— Eu vou cuidar disso! — Tim responde apenas.

Ele me deposita na cadeira, junto minhas coisas e busco Eros para que me socorra.

— Está doendo muito? — pergunta aproximando-se do meu pé e apenas assinto. — Venha, vou levá-la ao hospital.

— Eu cuido disso, Eros. Ela está comigo, você não precisa se preocupar! — Tim ralha impedindo que ele me pegue.

— Tim, não é o momento. Segure-se em meu pescoço, pequena.

Passo meus braços em volta de seu pescoço, e ao contrário de Tim, ele me suspende bem devagar, mexendo meu pé o mínimo possível. Caminha com a mesma leveza e quase o beijo em agradecimento. Tim vem conosco, repetindo que vai ficar tudo bem. Quando chegamos ao estacionamento, começam uma discussão ridícula sobre em qual carro iremos. Por fim, calo os dois:

— Parem de falar e me coloquem em qualquer merda de carro, só me levem logo porque está doendo!

— Sinto muito — Eros diz e me deposita no banco do carona de seu carro, enquanto Tim vai no dele.

Apesar de dirigir depressa, ele o faz com cuidado, de forma que meu pé quase não se mexe. Segura minha mão sempre que paramos em algum sinal e me manda apertar a sua para dividirmos a dor. Finalmente chegamos a um hospital particular que sei ser muito caro, mas estou com dor demais para discutir com ele que me leve a um público. Ele desconta em meu salário a conta.

O ortopedista examina meu pé e pede um raio x para confirmar suas suspeitas. Com medo, obrigo Eros a ficar de mãos dadas comigo o tempo todo.

— Eles vão mexer no meu pé, não é? Vai doer! Por que não me dão um remédio?

— Já vão dar, meu bem. Precisam ver o que é primeiro — diz com toda calma, sentando-se comigo, sua mão ainda nas minhas.

— É a dor primeiro, precisam tratar isso primeiro.

Ele me abraça e me provoca, me chama de manhosa e chorona, beija meu rosto e acaricia meu cabelo. Começa a contar sobre seus sonhos com a ilha paradisíaca que conhecemos e acabo me distraíndo. A dor está ali, mas presto mais atenção a ele do que nela. Ele passa os braços à minha volta, mantendo-me recostada em seu peito, aperta meus dedos entre os seus e fala sobre a cabana de Betina. Me perco na conversa com ele, no cheiro dele à minha volta, a calma que ele representa.

— Estou aqui para o que você precisar, Ayla. Sinto muito por isso — Tim fala e só então me dou conta de que ele está aqui.

Vejo seus olhos entre mim e Eros, sinto essa conexão que há entre Eros e eu, que Tim também parece ter notado a julgar por sua expressão, e me sinto culpada.

— O que vocês foram fazer no terraço? Ainda não entendo bem porque precisaram ir tão longe — Eros pergunta fingindo calma, mas mal disfarçando o incômodo em sua voz.

— Conversar — respondo.

— Sobre o quê? — insiste.

— Como você está curioso hoje, irmão. Coisa nossa, não era sobre você — Tim responde de má vontade.

— Meu pé está roxo! Ele vai cair! — digo em pânico ao olhar para baixo e ver o enorme hematoma.

— Se ele cair, prometo guardá-lo em uma caixinha para todo sempre — Eros provoca.

— Pare de brincar comigo! Está doendo!

Um enfermeiro aparece finalmente com uma bolsa de soro na mão e um sorriso por minhas reclamações.

— Analgésico para a mocinha chorona. Seu pé não vai cair, fique tranquila.

O médico entra em seguida. Detesto agulhas, enquanto o enfermeiro procura minha veia, fecho os olhos para não agir como uma criança na frente dos meus chefes, e Eros segura minha mão, aproxima-se e confessa:

— Detesto agulhas. Alguém sempre tem que ir comigo e segurar minha mão. Por isso, vou segurar a sua, está bem?

— Eu te amo — digo sem querer e ele sorri. — Quero dizer, está bem,

obrigada.

— Eu entendi — responde apertando meus dedos e os levando à boca.

O médico olha os resultados do raio x e explica que tive uma luxação. Um osso que saiu do lugar. Quase desmaio quando ele explica que irá voltá-lo ao lugar em um procedimento simples. Ao menos estarei anestesiada, e não sentirei nada. Eles farão uma tomografia em seguida para confirmar que nada em volta foi afetado, e em caso afirmativo, terei que fazer um curto repouso em casa.

— O senhor vai voltá-lo para o lugar puxando?

— Você preferia uma cirurgia? — ele brinca, mas estou em pânico.

— Além do analgésico e anestesia, podem me dar também um calmante?

Eles todos ficam rindo e Eros se levanta. Imediatamente, seguro sua mão.

— Onde você vai? Não me deixa sozinha!

— Quem disse que vou sair de perto de você, meu bem? Vou apenas segurar isto para que você assine.

Ele me estende os papéis e a caneta e enquanto assino, me ocorre perguntar como vou pagar por isso.

— Doutor, exatamente quanto vai custar...

— Não vai custar nada. Se você tocar nesse assunto de novo vou embora agora e deixá-la sozinha — Eros ameaça e imediatamente calo a boca.

Entrego os papéis ao doutor que aponta para Eros e diz:

— Estou vendo que você já tem um calmante, seu noivo estará ao seu lado o tempo todo, não se preocupe.

Fico envergonhada e busco o olhar de Tim, sua expressão está fechada e ele parece perdido em pensamentos. Seus olhos estão sobre mim e Eros, sobre sua mão na minha, mas não parece estar realmente prestando atenção a isso.

O resultado da tomografia confirma que não houve mais dano algum, meu osso está de volta ao seu lugar e preciso apenas de repouso e alguns remédios para dor. Eros não saiu do meu lado, fez mais perguntas ao médico do que pensei serem possíveis, e ainda fez Tim comprar um lanche para nós dois, adivinhando o quanto eu estava faminta.

Quando enfim estou liberada, Tim me guia até seu carro. Imediatamente, Eros me impede de entrar, pegando-me em seus braços.

— Eu a levo, Tim. Você tem uma reunião pelo que me lembro.

Tim confere o horário em seu relógio e abre a porta do carona de seu carro.

— É em uma hora, dá tempo de levá-la, não se preocupe.

— Não é apenas levá-la, irmão. Também acomodá-la, comprar o que ela vai precisar, passar as instruções dos médicos para a família dela, tudo isso vai demandar tempo. Pode ir tranquilo, eu a levarei.

— Eros... — Tim começa com a voz irritada e os corto.

— Parem vocês dois! Me coloca no chão, Eros. Eu vou de táxi.

— E como exatamente você vai sair do estacionamento com o pé assim? — provoca.

— Vou pedir colo a um estranho qualquer que passar por aqui.

Ele sorri.

— Não duvido nada disso. Por isso, irei colocá-la em segurança no meu carro, tudo bem?

Seu olhar busca minha boca, com certeza tomado pelas lembranças daquela noite, como eu. A noite em que eu pedi a um estranho para dormir com ele apenas para forçar Eros a dormir comigo. Meus olhos também buscam seus lábios e é uma causa perdida. Não quero que ele saia de perto de mim ainda.

— Tudo bem — respondo finalmente. — Obrigada por tudo, Tim, mas eu vou com ele.

— É claro que vai — aceita irritado. — Se cuida e qualquer coisa que você precisar, por favor me avise.

Concordo e ele entra em seu carro enquanto Eros me leva até o seu. E antes de fechar a minha porta para ocupar seu lugar ao meu lado, percebo a troca de olhares nada amigável entre os irmãos. Preciso dar um jeito de resolver isso.

— Você não precisa me carregar — digo pela terceira vez enquanto Eros sobe as escadas comigo em seus braços até o meu quarto. Me deposita com cuidado sobre a cama e chama por Liah e Maya.

— Elas não estão. Foram com minha avó e o Uli para o aniversário de uma prima.

— É mesmo? E quando eles voltam?

— Em dois dias.

— E você não pensou em me contar isso?

Dou de ombros confusa com o sorriso em seu rosto, ele pega o celular e liga para alguém enquanto desce as escadas. Retorna pouco depois com uma jarra de água e me serve. Coloca os remédios em um canto na cama, já que não há espaço no quarto para criados-mudos, por isso não os temos, e se joga na cama

ao meu lado.

— Bem, se você estará sozinha nos próximos dois dias, acho que tenho que ficar com você.

Tento esconder o sorriso que me toma, mas falho. Preciso me lembrar do quão perigoso é estar perto demais dele para reunir forças e mandá-lo embora.

— Você não precisa ficar, Eros. Já fez muito por mim. Eu ficarei bem, estou bem, você pode ir tranquilo.

Ele assente, seus olhos nos meus têm a obstinação de um homem mandão.

— E como você vai fazer para dormir à noite? — Esses olhos negros pousados nos meus estão me impedindo de pensar, só consigo olhar para eles e me sentir mimada. — Talvez você deva reconsiderar e me pedir para dormir com você esta noite.

— Você dormiria? Aqui na minha casa?

— Aqui na sua cama, aqui do seu lado, com você nos meus braços. Claro que eu dormiria. Sabe o que vou fazer? Vou tomar um banho e depois conseguir algo para você comer.

— Duvido muito que as roupas do Uli sirvam em você — brinco.

— Miguel está trazendo roupas para mim, e para você também.

— Como? Então você não está vendo todas essas roupas chiques penduradas acima da sua cabeça? — Aponto para o guarda-roupa improvisado por Sabrina no teto.

Ele sorri abertamente, segura minha mão e a leva ao seu peito.

— Ah, sim, eu vi isso. Adorei a decoração, aliás. Contemporânea, diferente, meio excêntrica, talvez.

Acerto uma almofada nele e seu sorriso é tão gostoso, o olhar buscando o meu tão calmo e natural! Como se fosse a coisa mais normal do mundo ter o meu chefe, o verdadeiro amor da minha vida, deitado ao meu lado na minha cama.

— Posso te perguntar uma coisa? — peço com a voz baixa e ele assente, seus olhos ainda presos aos meus. — O que você disse à minha avó?

Seu sorriso se torna tão grande que me pego rindo de volta.

— Não posso dizer — responde e se levanta. — Onde ficam seus álbuns de fotos?

— Você não vai ver minhas fotos de infância!

— Claro que vou, se não me disser vou revirar a casa toda até encontrá-los.

— Quarto da minha avó. Ela não vai gostar de saber que você entrou lá.

— Ela não precisa saber, meu bem. Por exemplo, você não vai dizer a ela que dormi nu com você em sua cama, ou vai?

— Como assim nu? O Miguel está te trazendo roupas. Não tire a roupa na minha casa!

Ouçõ sua risada gostosa enquanto sai do quarto, e indo contra as ordens médicas de manter-me calma e repousar, meu corpo inteiro parece tomado por correntes elétricas. Retorna pouco depois com alguns álbuns antigos nas mãos. Os joga sobre a cama e folheia um por um, pegando minhas fotos de infância e rindo, me fazendo contar histórias. A noite chega e nem vemos.

Ele desce para receber Miguel e vai tomar um banho em seguida. Durante o seu banho, sinto-me ansiosa e temerosa. Quem sabe o que fará a seguir? Aparecer em meu quarto apenas de toalha, talvez? Ou só com a calça que usava no hotel durante a viagem? Acho que não tenho mais psicológico para ficar perto dele e aquela calça tão fina. Estou suando, o calor aqui dentro é muito. Deveríamos ter ido para a casa dele onde tem ar condicionado, poderíamos colocá-lo abaixo de zero grau e ainda assim eu estaria suando agora.

Ele aparece secando o cabelo com uma toalha e me estende uma blusa dele, a roupa que Miguel trouxe para mim, fazendo-me rir.

— Esta é a hora em que te dou um banho? — pergunta com um sorriso malicioso enquanto estou agradecendo aos céus por ele estar totalmente vestido.

— É a hora onde tomo banho sozinha e você me consegue a comida que disse que ia conseguir. Como vai ser isso, você cozinha?

Ele ri alto.

— Definitivamente, não. Vou pedir algo pelo aplicativo. Venha, vou levá-la até o banheiro.

Aceito sua ajuda e me apoio em suas mãos, mas ele vai além, como sempre. Passa os braços por meu corpo e me levanta do chão em um abraço apertado, que mantém cada centímetro do meu corpo colado a cada centímetro do seu corpo.

— Tem certeza que consegue tirar essa calça? — pergunta ao me depositar no chão, falando baixinho em meu ouvido, e sinto cada terminação nervosa reagir.

Nego com a cabeça, e quando ele enfia os dedos por baixo da minha blusa, no cóis da calça, o empurro imediatamente para fora do banheiro, fazendo-o rir.

Visto sua blusa imensa e um pequeno short por baixo, e é estranha a sensação que me toma, cada segundo que antecede a encontrá-lo de novo parece me deixar ainda mais nervosa. Ele vai dormir aqui, vai dormir comigo. Eu não deveria permitir isso, mas não quero que se afaste ainda. Me perco em pensamentos de como será se ele me tocar, se me beijar, se ele vai querer fazer isso. Se devo pedir que me abrace quando deitar-se ao meu lado. Se posso dizer que o amo hoje ainda mais do que amava ontem, por estar sendo mais uma vez tão amável, gentil e protetor comigo.

Abro a porta do banheiro e ele está ali, esperando por mim. E quando seu sorriso doce acompanha a aprovação em seu rosto ao ver sua blusa em meu corpo, só quero dizer que o amo. Quero perguntar se ele não se sente natural ao meu lado, como me sinto ao lado dele. Se ele não entende que devíamos estar assim todos os dias. Mas claro que não posso fazer isso. Então apenas sorrio de volta e agradeço.

— Obrigada por ficar.

— Sempre que você precisar, meu bem.

— E se eu precisar amanhã de novo?

Ele sorri, os olhos encontrando os meus, iniciando a conexão que nos domina cada vez que nos olhamos.

— Então estarei aqui. E depois de amanhã, e depois e depois...

Tim estava certo sobre ele. Ele é o tipo de homem que se sacrifica. Ficaria comigo para sempre se eu dissesse todos os dias que preciso dele. Não seria mentira da minha parte, mas jamais o aprisionaria a mim.

Comemos na cama e ele limpa toda a bagunça que fazemos antes de jogar-se ao meu lado, tentando se acomodar no espaço pequeno.

— Você prefere dormir no quarto da minha avó? A cama dela é maior.

— Imagina, invadir a privacidade da Sofia assim! Ela ficaria chateada, melhor não. Eu fico aqui do seu ladinho — brinca com um sorriso travesso. — Jura que você dorme nessa cama com duas crianças?

Rio alto de seu desconforto.

— Está achando a cama pequena, riquinho? Está acostumando às suas camas super hiper king size, não é?

Mas olhando-o com os pés quase para fora da minha cama, me pego rindo ainda mais. Eu deveria registrar este momento para seu álbum feliz.

— Na verdade, você é grande — observo.

Imediatamente seu olhar pousa no meu e seu tom é carregado de malícia.

— Eu sou mesmo bem grande.

Meu rosto pega fogo e acerto o travesseiro em seu rosto, que ri alto.

— Seu babaca!

Ele repara à nossa volta e vira-se na cama, deitando-se de frente para mim com um sorriso delicioso no rosto. Não me lembro de já tê-lo visto tão relaxado e brincalhão como esta noite.

— Você não tem televisão no quarto — observa.

— Mal tem televisão na sala — respondo rindo. — É um problema para você, riquinho?

— Na verdade, é um problema para você. Estou entediado e se não há mais distrações, você terá que me distrair.

Sinto meu ar falhar conforme ele se aproxima mais do meu rosto.

— Tenho algumas ideias de como você pode fazer isso.

Seu corpo paira sobre o meu e ele deposita um beijo demorado no canto da minha boca. Coloco minhas mãos sobre seus ombros, mas não tento empurrá-lo. Deveria, mas não consigo.

— Eros, não faça isso, você sabe onde isso vai parar — peço e seus olhos buscam os meus, lançando sobre mim um desejo intenso, que me desarma.

— O que você está dizendo, Ayla? Estava aqui me convencendo que de que você não me permitiria tocá-la por estar com o pé machucado e você me diz isso? O que eu faço agora?

— Deite-se e durma?

Ele nega com um sorriso e morde meu lábio inferior.

— Acho que mereço um beijo depois de cuidar de você, você não acha?

Nego com a cabeça mal conseguindo respirar enquanto ele arranha meu pescoço com sua barba. O ardor leve em minha pele sendo sanado em seguida por seus lábios.

— Acho que isso seria arriscado demais — alerta.

— E você não me pediria para parar — diz beijando levemente meus lábios.

— Eu nunca te pediria para parar.

— Eu posso ter todo cuidado — promete referindo-se ao meu pé e não tenho mais capacidade de responder.

Ele suga meu lábio inferior e o morde de leve, minhas mãos passeiam por seu cabelo, prendendo-o a mim, indo na direção contrária das minhas palavras.

— Minhas irmãs dormem nesta cama — lembro-me de repente e o

empurro.

Ele ri tanto pela maneira como quebrei o clima, que quando seu celular toca me dando um susto enorme, atende mal conseguindo falar. Entendo que é Tim, Eros diz que está tudo bem que vai ficar comigo esta noite porque estou sozinha. Tim fala algo irritado, mas Eros sequer o escuta. Seu sorriso some, sua expressão leve some, ele permite que Tim fale por algum tempo e por fim, diz apenas:

— Ela não dorme sozinha. Boa noite, irmão.

Desliga o telefone e o joga sobre a cama, cobrindo o rosto com as mãos. E sinto-me péssima por ser a responsável por essa rixa entre eles.

Os olhos preocupados de Eros buscam os meus e ele pergunta:

— O que Tim disse a você no terraço?

Não sei se posso falar sobre isso com ele. Foi ele quem mandou que o Tim saísse comigo, que me distraísse e mantivesse o mais longe possível dele. Mas o que o Tim me confessou lá em cima é uma coisa dele. Que espero que ele esqueça. Talvez não seja algo que possa ser compartilhado.

— Ayla, o que ele disse? Ele a tocou?

— Não, Eros. Não tocou. São coisas dele, ligue para ele e pergunte. Afinal de contas, foi você quem o mandou ficar comigo, não foi?

Ele fecha os olhos e assente.

— Sim, meu maior erro e nunca deixarei de pagar por ele. Mas eu já disse a ele que não deve se aproximar de você mais do que o necessário. Pedi que desconsidere meu pedido e embora não goste de tratar alguém como um objeto, já o alertei que você é minha.

Preciso me lembrar de respirar e não sou capaz de formular qualquer resposta. Mal consigo pensar. Ele disse que sou dele. Isso saiu da sua boca.

— Então por que ainda assim ele a chamou até o terraço, Ayla? O que ele disse?

— Vocês não vão começar a brigar por mim, não é? Porque realmente não quero isso. E seria ridículo. Essa historinha de fulano que ama sicrano que ama beltrano não é justificativa para uma briga entre irmãos. Não há uma história de amor de verdade aqui. Ninguém está pegando ninguém.

Ele se senta na cama e me observa.

— Ele disse que está apaixonado por você? Foi isso o que ele te disse?

Cubro a boca com a mão sentindo-me a pessoa mais burra do mundo! Por que nunca consigo frear minha língua? Por que não aprendo a pensar antes de falar?

Por um tempo, seus olhos parecem distantes, ele fica quieto, perdido em pensamentos, e não há qualquer vestígio do sorriso de minutos atrás, daquela alegria boba, da naturalidade de estarmos juntos. Consegui estragar isso.

— Você não pode ficar com ele — diz baixinho sem olhar para mim, como se isso o ferisse.

— Eu não vou. — Seus olhos buscam os meus e brinco, na tentativa de trazer a leveza de antes de volta ao seu rosto. — Não farei porque isso te mataria.

— É muito provável — concorda baixinho.

Não sei se ele tem ciência do que acabou de dizer, o que significa essa confissão e como eu deveria reagir a ela. Não consigo pensar, meu coração parece prestes a sair pela boca em contentamento, e minha mente torna-se uma bagunça de pensamentos desordenados. Só consigo manter meus olhos nos seus, esperando que desminta, que corrija, que se explique.

Será que tem alguma chance de Sabrina estar certa? De tudo isso que vejo em seus olhos não ser coisa da minha cabeça, mas um sentimento real?

— Eu devia sair da empresa, Eros. E me afastar de vocês dois — confesso o que venho martelando desde quando chegamos ao hospital e percebi os olhares hostis entre eles, a mágoa no rosto de Tim, as ameaças no tom de Eros. — Não quero ser responsável pelo afastamento de vocês. Eu entendo você, é ruim saber que podemos ferir alguém, ainda que sem querer. E é pior ainda que isso afaste dois irmãos que sempre foram melhores amigos.

Ele nega com um gesto de cabeça e parece em choque. Não responde de imediato e quando seus olhos finalmente procuram os meus, há dor presente neles. Dor e medo. Ele abre a boca para responder, mas é interrompido.

O som do seu celular evita a resposta que daria e agradeço mentalmente pela interrupção, porque não sei o que teria feito a seguir. Minhas palavras o feriram, e ao invés de me manter firme na decisão de me afastar dos dois, acabaria por pular em seus braços e dizer que o amo.

Ele coloca no viva-voz enquanto um homem fala sobre o tempo em Madri. Logo, identifico se tratar de Olavo Reymond, o dono da Reymond Arquitetura. Imediatamente sinto-me tensa e noto que ele está assim também. Essa ligação tem a ver com o plano de Melissa para forçá-lo a se casar com ela. Tem a ver com a recusa dele na noite passada.

— Enfim, estou muito feliz por você, Eros. Há semanas tenho acompanhado as notícias sobre vocês pela internet, e me alegra muito saber que ouviu o meu conselho e finalmente a pediu em casamento.

Eros se levanta preocupado, o que será que Melissa aprontou dessa vez?

— Do que o senhor está falando, tio?

— Sobre o pedido de casamento que fez à sua namorada. Pelas fotos é nítido o amor de vocês, estou muito feliz por sua decisão. Você está fazendo a coisa certa, meu filho. E sua mãe ficaria tão orgulhosa por seu gesto!

De repente toda a tensão some do corpo de Eros, ele me lança um olhar iluminado e começa a rir, aliviado.

— Obrigado, meu tio. Sei que mamãe adoraria saber que cumpri seu pedido de passar o anel adiante.

— Sim, você me faz acreditar que é mesmo diferente dos seus pais. Não tem a cabeça fraca deles. Parabéns, filho. Mesmo assim, vamos esperar por algum tempo, um ano talvez, e passarei a empresa para o seu nome definitivamente.

O sorriso de Eros é nitidamente de gratidão ao universo, como se tivesse recebido a melhor notícia da sua vida. Não entendo como ele pode estar tão calmo quando seu tio pensa que ele se casará com a Melissa e está mantendo a direção da empresa em suas mãos por isso. Está oferecendo a ele a empresa por um casamento que não acontecerá.

— Obrigado, tio. Espero vê-lo no casamento. Será o mais breve possível!

— Eu gosto disso, Eros. Da sua obstinação e determinação. Com certeza estarei presente. Me diga uma coisa, a peça é mesmo mágica?

— Sim, tio. Não sai do dedo dela.

Só então dou-me conta de que o pedido de casamento que seu tio viu pela internet foi o meu. Quando Eros ajoelhou-se à minha frente para tentar tirar o anel. Olho a peça em meu dedo e de volta para Eros, e ele apenas assente. Olavo pensa que eu sou a noiva dele. São nossas fotos que tem acompanhado nos jornais, não fotos dele com Melissa. Ele não tem fotos com Melissa em lugar algum.

Sei que não estou respirando, mas não sou capaz de fazê-lo agora. Volto toda a conversa que acabei de ouvir agora para confirmar o que Eros disse ao tio. Ele disse que o casamento será em breve?

Ele desliga o telefone e aproxima-se segurando meu rosto com um sorriso enorme.

— Você não vai poder sair da empresa e menos ainda afastar-se, Ayla. Porque você vai se casar comigo. Onde paramos mesmo?

— Eros, eu não vou me casar... — minhas palavras são interrompidas por

sua boca.

Seu corpo cai sobre o meu e ele me beija. Como se os últimos minutos não tivessem acontecido, como se estivéssemos parados no momento em que me olhava com todo fogo e me provocava. Sua língua toma a minha e perco a linha de raciocínio, cedendo ao seu beijo, cedendo a essa paixão que ele me provoca, perdendo-me mais uma vez nele.

Capítulo 27

Apesar das mil perguntas que eu tinha sobre esse nosso “casamento”, acabei por apagar ontem à noite. Eros cuidou de me manter completamente fora do ar com seus beijos e carícias. Não foi adiante, e agradei por isso, pois eu não o impediria, mas me arrependeria por ter feito algo assim debaixo do teto da minha avó extremamente conservadora. Acabei adormecendo em seus braços, e quando acordei era Sabrina quem estava ao meu lado na cama, não ele.

Ela me ajuda a descer as escadas comentando baixinho como ele é bonito quando acorda e nos encontramos com ele na cozinha, onde um café da manhã desses de novela nos aguarda. Ele sorri ao me ver, me pega no colo depositando-me em uma cadeira.

— Eu posso andar — o lembro pela milésima vez.

— Pode, meu bem, mas não precisa. Preciso ir à empresa agora, tenho uma reunião, mas a Sá vai ficar com você até que eu volte — avisa.

— A Sá? Quando foi que isso aconteceu? — pergunto rindo da maneira íntima como chama minha melhor amiga.

— Ah, você não soube. Eros é meu melhor amigo homem, agora. Nós combinamos de dividir a sua guarda — ela explica.

— Dividir a minha guarda? Eu sou o que, agora? Uma criança?

Eles se olham rindo da minha cara e entendo que esta é uma causa perdida.

— Vou trazer o projeto da senadora pra gente fazer aqui de tarde — ele avisa.

— Você não pode! Acaso não conhece o significado da palavra atestado? Estou de folga, nada de trabalho!

Ele sorri e beija minha testa, despedindo-se.

— E vamos jantar a noite, eu, você e a Sá — provoca com um sorriso e deixa a cozinha e não consigo parar de sorrir.

Olho para Sabrina que mantém seus dois olhos focados em mim e aquela expressão detestável de quem vai me irritar.

— O que é, Sabrina?

— Olhe só para você, a vovó sai e você dorme com o chefe na sua casa. Como minha bebê cresceu! E o que é essa cara boba, apaixonada e nas nuvens? A noite foi boa, certo?

— Ele disse que vou me casar com ele.

Sabrina engasga com o suco, cospe tudo na mesa e me encara de volta em choque. Então conto a ela toda a confusão com as nossas fotos.

— Você não acha curioso que sempre que você e ele estão na rua, apareça um fotógrafo? — pergunta desconfiada.

— Nem me olha assim, eu jamais teria criatividade para bolar um plano mirabolante desses, onde essas fotos acabassem em um compromisso entre a gente.

— Você não, Ayla, a ex dele, no entanto... — Ela pega o celular e digita o nome de Melissa Sampaio, não há nenhuma foto dos dois juntos. Digitando o nome de Eros Reymond, várias imagens de nós dois juntos. — Talvez não seja nada. Pode ser porque ele é conhecido, e um solteiro cobiçado. Mas que é curioso, isso é.

— Sabrina, não posso me casar com ele. Você me conhece, vivo no mundo da lua, sou sua amiga iludida, lembra-se? Você acha que eu terei maturidade para separar o que é real e o que é farsa atuando como esposa dele?

Ela sorri docemente e pega minha mão.

— Ah, minha amiga. Acho que você é inocente demais! Você vai se casar com ele, Ayla, simplesmente porque ele não vai deixar que você diga não. E vou te dar um conselho, como madrinha desse casamento: esqueça essa história de farsa. Apenas viva seu amor enquanto pode viver. Aproveita bem aquele deus grego e todos os seus cuidados e seja feliz enquanto tem a chance, amiga. Vamos escolher seu vestido de casamento, ele vai pagar, não é? Porque se for você, vou procurar na feira.

Ela me mostra imagens e mais imagens de vestidos de noiva, mas ainda estou preocupada com essa história de casamento. Eros não me explicou nada, será que pretende mesmo fazer isso ou vai apenas inventar para o tio dele que

fizemos?

À noite, Sabrina escolhe o restaurante onde vamos jantar, sentindo-se realmente a melhor amiga de Eros. Trabalhamos no projeto da senadora durante toda a tarde, e cada vez que tentei falar sobre o casamento, ele me distraiu com beijos, carinhos, elogios e não me disse nada. Há exatos quinze minutos, a grande vaca que chamo de melhor amiga conta a Eros os meus pequenos incidentes com o universo e vejo a hora em que ele vai passar mal de tanto rir. Os dois chamam atenção no restaurante quieto e elegante e não estão nem aí.

— Então você ainda trabalha na confeitaria. Ayla me falou pouco sobre ela, mas que trabalhava muito e recebia pouco — diz Eros.

— Sim, e nem assinam a carteira. Mas ao menos ele paga no dia certo.

— Eu poderia conseguir um emprego para você na Reymond, se tiver interesse.

Sabrina congela, não há outra palavra que defina o que acontece com ela. Torna-se totalmente imóvel, olhos e boca abertos e sequer pisca. Passo a mão diversas vezes em frente ao seu rosto, até que volta a si. Um sorriso enorme toma sua face e ela me sacode:

— Beija esse homem! Faça isso agora mesmo!

— Sabrina, quer se controlar? — ralho.

— Acho que toda essa sua reação é um sim, certo? — brinca Eros e ela assente animada. — Neste caso, Ayla, você deveria mesmo me beijar. Vou colocar sua melhor amiga para trabalhar pertinho de você, acha que não mereço um beijo?

Após comermos a sobremesa, Sabrina ainda parece ligada na tomada. Aproveito seu bom humor para comunicá-la que vai ser minha companhia noturna da noite. Ao invés de concordar, ela lança um olhar a Eros, como que pedindo a permissão dele, que nega.

— Não é necessário, Sabrina. Ela vai dormir comigo na minha casa.

— Hum! — provoco. — Por que na sua casa? Não gostou da minha casa simples?

— Não, meu bem. É porque suas irmãs não dormiram na minha cama — ele me lança aquele olhar perigoso e sinto minha respiração falhar e minha cabeça girar, fazendo-o rir com minha cara.

— Para onde você quer ir? — Eros pergunta ao deixarmos Sabrina em sua casa. — Se formos para minha casa você já sabe o que vai acontecer.

Seu olhar é quente como o fogo, e incendeia imediatamente todo o meu corpo. Abro a boca para responder a opção segura, mas olho para ele ali, o desejo refletido em seus olhos, sua boca perfeita tão perto da minha, e não consigo responder nada.

— Acho que você não está pronta, ainda — brinca arrancando com o carro e segurando minha mão enquanto dirige.

Só então me dou conta que devo ter parecido uma maluca, olhando-o de boca aberta, a baba escorrendo, sem dizer nada. Envergonhada, suspiro alto demais e cubro o rosto com a mão livre, fazendo-o rir. E ele me leva para minha casa, mas fica a noite comigo.

Assim que me dá os remédios e acomoda-se na cama ao meu lado, faço uma fila de travesseiros entre nós para que ele não me distraia ao falarmos sobre o assunto inacabado que está me enlouquecendo. Ele observa meu feito com uma careta engraçada que me faz rir.

— Bem, agora que estou na zona segura, o que você quis dizer com não posso me afastar porque vou me casar com você?

Ele sorri, toca os travesseiros e me encara divertido.

— Você acha que isso aqui irá protegê-la?

— Não tente me distrair, responda minha pergunta!

— Quis dizer que você vai se casar comigo.

— Isso eu escutei. O que isso quer dizer? Como assim vamos nos casar? Você está falando sobre fingirmos para o seu tio que nos casamos, certo?

— Meu tio se finge de bobo, mas não é. Portanto, estou falando sobre você assinando meu sobrenome a partir do fim do mês.

— Do fim do mês? Isso é em duas semanas! — Sento-me na cama em pânico.

— Eu disse que seria em breve.

— Eros, eu não posso me casar com você.

— Por que não? Você não me ama?

— Exatamente por isso! Você acha mesmo que vou saber distinguir o que é fingimento e o que é realidade? Eu já me apaixono por você um pouco mais a cada segundo, sendo você o meu chefe, se formos marido e mulher... Não posso fazer isso.

— Ayla, só temos que ficar um ano casados. Ele vai passar a empresa para

o meu nome, e você e sua família nunca mais passarão pelos problemas que têm passado! Eu vou cuidar de vocês para sempre! Eu preciso da sua ajuda!

— Agradeço sua gentileza, Eros, mas não precisamos desse tipo de ajuda. Acho que você não está entendendo o meu ponto! Eu amo você, não posso estar em um relacionamento falso com você. Às vezes, eu já penso que você é meu, e você é apenas meu chefe! Como acha que vou me sentir quando estivermos casados?

Ele sorri e sinto-me irritada. Como ele pode rir? Ele não entende que estou em pânico?

— Eros, eu não vou me casar com você! — digo firmemente e ele se senta também, olhando em meus olhos.

— Tudo bem, então tire esse anel.

— Como?

— Tire o anel do seu dedo. Faça isso e vou desistir completamente dessa história de casamento, não irei obrigá-la a fingir um relacionamento comigo, irei mantê-la em segurança.

Puxo a peça e nada dela se mexer.

— Você sabe que isso não sai!

— Então você vai se casar comigo, Ayla. Enquanto este anel estiver em seu dedo, você é minha.

— O que isso tem a ver?

— É a magia dele, nós nos pertencemos — diz como se isso explicasse tudo enquanto tira a fileira de travesseiros que fiz, espalhando-os pela cama. — Sinto muito, meu bem, mas não vou mudar de ideia. Porém, vou fazer isso do jeito certo, eu te prometo.

— E o que isso quer dizer?

Ele se deita e me estende o braço, com um sorriso tão doce como nunca tinha visto em seu rosto.

— Que não irei machucá-la. Confia em mim, vem aqui.

Quero que me explique, que me acalme, que diga que está brincando. Olho seus olhos calorosos e o sorriso doce, sua mão estendida a mim e entendo que na verdade o que eu queria ouvir de sua boca era que não fingiríamos um relacionamento porque ele também me ama.

— Eu e meus sonhos impossíveis — resmungo baixinho deitando-me em seus braços, deixando que ele me acalme do jeito dele, dentro dos limites dele e não como eu queria que fosse.

Acordo com dois pesinhos sobre mim e beijos molhados das minhas pequenas. Elas perguntam como machuquei meu pé e me cobrem de beijos para que sare rápido. Imediatamente, desço à procura de Eros, em pânico por minha avó tê-lo flagrado dormindo comigo.

Ouçõ a voz da dona Sofia, desço a escada e ao chegar à sala, me deparo com uma cena que nem consigo entender. Minha avó está sentada em nosso pequeno sofá, rindo emocionada de algo e Eros está deitado com metade de seu corpo para fora, e a cabeça no colo dela. Além disso, ela acaricia seu cabelo como se ele fosse realmente seu neto.

Atordoada, apareço diante deles e vovó abre um imenso sorriso ao me ver, levanta-se e me abraça.

— Bom dia, filha. Como está seu pé?

Olho dela para Eros e esqueço completamente o que vim fazer.

— O que está acontecendo? — pergunto ao invés de respondê-la.

— Eros me contou que precisou passar a noite aqui por conta da sua febre! — vovó fala como se não fosse nada demais e olho para Eros que me adverte com o olhar que confirme a história que contou a ela. — Pobrezinho! Dormir sentado na cadeira apenas para controlar sua temperatura! Você se sente melhor?

Faço uma cara de doente e a abraço.

— Ainda me dói todo o corpo, vovó.

— Vou preparar um chá mágico para você, vai curar isso rapidinho. Vá, sente-se ali — ordena guiando-me para o sofá onde Eros está deitado. — Sente-se e acomode a cabeça do seu noivo, querida!

Já estava me sentando, mas me levanto rapidamente e olho dela para Eros em pânico.

— Ayla, respire — Eros pede se levantando e aproximando-se de mim. — Respire, está tudo bem.

— Meu noivo? A senhora disse noivo? O que você disse a ela? — pergunto baixinho a Eros que apenas sorri.

— Ele me explicou tudo, filha. Pediu sua mão a mim e dei minha permissão, você não poderia estar em melhores mãos.

Eu vou desmaiar. Eros percebe, pois me ampara, pegando-me em seus braços e sentando-me em seu colo no sofá da minha sala, na frente da minha avó. Arrumo uma confusão ao tentar sair de seu colo antes que a vovó veja, e sorrindo, ele me prende em seus braços, obrigando-me a ficar quieta.

— Ela já viu, meu bem. Você está em meu colo, qual é o problema?

Vovó sai reclamando que nem sempre fui tão maluca, defendendo-me do jeito dela diante do meu noivo. E assim que some de vista, seguro seu rosto buscando seus olhos.

— O que você fez? Disse a ela que vamos nos casar? — Ele assente. — Então agora vou ter que mentir para minha avó?

— Não entendo porquê. O que você precisaria inventar?

— Que estamos nos casando por amor, por exemplo.

— Pensei que você me amasse — provoca mordendo meu queixo e me afasto rapidamente com medo da vovó ver isso.

— Eros! Eu te amo, não me irrite!

— Filha, não seja assim com seu noivo — ralha vovó ao me ver praticamente puxando Eros pelos cabelos, o que não sabe é que estou fazendo isso para que ele não me morda na frente dela.

Levanto-me do colo de Eros e aproximo-me da vovó, buscando em seu olhar se está fingindo essa calma, ou se realmente aceitou isso tão bem.

— Sua avó sabe que estamos nos casando para o meu tio me dar a empresa, Ayla — Eros diz e finalmente desmaio.

Volto à empresa na tarde seguinte. Curiosamente, não avisto nenhum funcionário enquanto entro, e começo a me preocupar que Melissa tenha feito alguma coisa. Encontro Eros aguardando por mim sentado em minha mesa. Ele sorri ao me ver e beija minha testa, avalia meu corpo e para os olhos na tala enorme em meu pé.

— Uau! Você está bem sexy com essa tala!

— Babaca! — ralho e ele me guia até sua sala. — Onde estão todos?

— Em uma reunião. Nós também iremos em breve, mas antes, precisamos resolver algumas coisas, Ayla.

— Você está falando sobre o casamento.

— Exatamente. Ayla, esta empresa tem sido a minha vida nos últimos quatro anos, embora eu já trabalhe aqui há dez. Tim e eu demos tudo de nós para que ela chegasse onde chegou, temos conseguido grandes coisas. Vê-la sendo entregue a Heitor Sampaio depois do quanto nos dedicamos seria um pesadelo.

Abaixo a cabeça compreendendo o que está em jogo para eles.

— Eu preciso da sua ajuda, meu bem. E eu entendo o seu lado, de verdade, você sabe que entendo. Mas não temos outra saída.

Seus olhos buscam os meus e no fundo da minha cabeça sei que vou aceitar. Sei que vou fazer o que for melhor para ele e terei que me manter segura por mim mesma. E então sinto um medo terrível porque vou me acostumar a ele e quando nos separarmos não vai sobrar nada de mim. Ainda assim, estou prestes a dizer que concordo, quando ele se afasta, notando o medo em meus olhos e me provoca:

— De qualquer jeito, não temos outra saída. E a culpa é sua.

— Como assim minha?

Ele pega alguns papéis sobre sua mesa como se fossem seu maior tesouro.

— Preparei isso para o caso de você insistir em dizer que não aceita meu pedido.

Ele estende sobre a mesa a primeira página, fotos nossas quando caí em seu colo com uma saia muito curta.

— Vejamos, meu tio viu isso. Mas por que isso aconteceu? Porque você não fez backup do projeto, e o perdeu ao cair na água. Trabalhamos nele até tarde e não comemos nada, o que nos levou até esse restaurante. Então você inventou de subir no banco, se desequilibrou e caiu em cima de mim. De quem foi a culpa?

Estou de boca aberta e completamente irritada! Mas antes que eu possa responder que a culpa foi dele por ter me mandado trabalhar num sábado ao invés de ter pego o projeto na sexta, ele joga a segunda folha diante de mim. São nossas fotos seminus de mãos dadas.

— Agora essas, olha só como somos um casal apaixonado! Estamos quase nus, mas por quê? Porque você me jogou na água.

Cruzo os braços com um bico e me defendo.

— A culpa foi sua porque você não tinha nada que ter ido atrás de mim na escola das minhas irmãs!

— Não precisaria se você tivesse feito seu trabalho e me acompanhado como ordenei, ao invés de bancar a pirracenta, como está fazendo agora.

Olho para ele furiosa e ele esconde um sorriso.

— Você está rindo?

— Não, claro que não! Tudo isso é muito sério. Vamos para a próxima?

— O beijo foi culpa sua! — acuso animada ao lembrar-me de quais serão suas próximas fotos e ele joga a folha diante de mim.

— Não esse, meu bem. Eu a beijei e a soltei, você me abraçou e ao invés de responder minha pergunta, me beijou de novo. Foi nesse momento que o fotógrafo apareceu, lembra-se?

Busco na memória e ele está certo. Mas bem, eu não o teria beijado se ele não tivesse me beijado primeiro. A culpa tem que ser dele!

— Eu só precisava ter dito que te amo — lamento baixinho e ele sorri abertamente antes de lançar diante de mim a última folha.

— Acho que nem preciso lembrá-la sobre esse pedido de casamento que meu tio e o resto do país viram, certo? Sabia que tem até uma fanfic sobre nós no Wattpad?

Nego com a cabeça em choque, pego a folha com essas fotos, a dobro com cuidado e guardo em minha bolsa, e ele ri alto.

— Tudo bem, Eros. Você nem precisava de toda essa chantagem, eu ia dizer sim — digo tentando sair por cima. — E eu quero o link dessa nossa fanfic, só pra dar uma olhadinha.

— Eu sei que ia, mas quis garantir que você não vai me fazer passar vergonha agora. — Ele se aproxima por trás de mim e sussurra em meu ouvido: — Sabe todas aquelas pessoas que a humilharam quando você entrou aqui? Está na hora de colocá-las em seus devidos lugares.

Ele me estende a mão, e confusa, a pego e o sigo até a sala de reuniões, onde todo mundo se encontra, menos Tim. Não o vejo em lugar nenhum. Eros assume seu lugar na enorme mesa, alguns funcionários estão de pé e permaneço de pé, ao lado de Andrea. Ele chama atenção de todos e diz:

— Boa tarde, senhoras e senhores. Agradeço a atenção de vocês ao pararem seus trabalhos para ouvirem o que tenho a dizer, mas é algo realmente importante. Todos sabem que mantenho algumas regras para o bom funcionamento entre os colaboradores desta empresa. E hoje estou aqui para comunicar a vocês que uma delas se virou contra mim.

Há cochichos curiosos e Andrea lança a mim um olhar questionador, mas não faço a mínima ideia do que ele vai dizer.

— Estabeleci desde o início a proibição de relacionamentos amorosos entre funcionários desta empresa, e fiz isso porque eu abominava essa coisa chamada amor. Mas bem, como vocês bem repararam, nos últimos meses, eu fui o primeiro a descumprir esta regra. Por isso, quero dizer que a partir de agora esta regra deixa de existir. Sejam livres para amar quem convive com você, quem está ao seu lado, talvez seu amor esteja ali, no andar de baixo, apenas sejam livres.

As pessoas aplaudem e capto alguns olhares apaixonados entre casais escondidos. Aplaudo também, sei o tamanho e a importância do passo que está dando. Porém, congelo uma palma na outra quando ele volta a falar.

— E aproveitando a liberdade de sentimentos nesta empresa, quero aproveitar a presença de todos vocês para pedir a mulher da minha vida em casamento.

Ele digita algo no celular e várias pessoas entram na enorme sala. Algumas carregam coisas de comer, bandejas e bandejas das mais variadas especiarias, que são depositadas sobre a mesa. Em seguida, entram as bebidas, Sabrina pisca para mim carregando uma bandeja e percebo que ajudou Eros a armar tudo isso. Então, entram quatro homens com flores. Arranjos enormes e lindos que são colocados em cada canto da sala.

De repente, uma simples sala de reunião se transforma em um salão de festa. Ainda estou atordoada por tudo quando Eros aproxima-se de mim, me pega pela mão e me guia até um ponto onde todos podem nos ver.

— O que é tudo isso? — pergunto baixinho.

— Depende da sua resposta — diz ajoelhando-se diante de mim com um buquê de rosas brancas na mão. — Você pode fazer com que isso seja apenas um café em uma reunião ou a nossa festa de noivado.

Ouçõ os murmúrios à nossa volta, mas meus olhos estão colados aos dele, não consigo desviá-los de seu sorriso divertido e dessa luz em seu olhar.

— O anel, você já colocou em seu dedo sem minha ajuda, mas faltou eu te dizer quando o fez que ele não sairia daí. É uma peça mágica. Um presente valioso demais, que eu não daria a qualquer outra pessoa além de você. E se você não o tivesse encontrado e roubado, eu o teria dado de bom grado agora.

Sorrio, preciso me lembrar que isso é de mentira, que faz parte do teatro, porque meu coração parece grande demais para caber em meu peito e tudo o que quero é dizer sim e pular em seus braços.

— Mas ele está no lugar exato onde deveria estar — continua. — Assim como nós dois. Não importa as coisas malucas que nos trouxeram até este momento, estou realmente grato por ser você o meu destino. É natural, é certo, é único.

Não consigo mais controlar as lágrimas. Então ele também sentiu, também sabe que parece certo estarmos juntos, como um universo perfeitamente alinhado. E fica difícil me lembrar que está fingindo quando seus olhos pousam nos meus assim.

— Está na hora de deixarmos de ser a fraqueza um do outro e nos tornarmos a força um do outro. Case-se comigo, Ayla.

Assinto enquanto ele beija o anel em meu dedo e volta o olhar para os meus.

— Diga em voz alta, você é meio imprevisível — pede fazendo todos rirem.

— Eu aceito, Eros, aceito me casar com você.

Ele se ergue e me abraça, e quando menos espero, segura meu rosto e me beija. Na frente de todos. Não um beijo casto, mas um beijo de verdade. Um beijo que finaliza o que seria o pedido de casamento perfeito se tudo isso não fosse de mentirinha. Permanecemos quietos, testa com testa por alguns segundos. Até Sabrina pular sobre mim e me parabenizar. Andrea faz o mesmo enquanto Eros anuncia a todos que estão convidados a participar de nossa festa de noivado. As pessoas se aproximam para me parabenizar, me abraçam, sorriem e desejam felicidades. É a primeira vez que não me tratam como se eu fosse a outra dele.

Andrea, emocionada, diz que Eros nunca assumiu Melissa, que jamais referiu-se a ela como namorada dele, como fez comigo agora. E que de certa forma, todos entenderam que a outra da história era ela, e não eu.

Após mais de uma hora da nossa “festa de noivado”, todos voltam a seus lugares e sinto-me tão confusa! Peço um favor a Andrea e aguardo ansiosa sua resposta. Eu queria entrar na sala do meu chefe, quero dizer, meu noivo e ficar grudada nele, presa em seus braços, até que esses medos passem, mas não posso. Se um pedido de casamento me fez ver amor nos olhos dele, imagina quando estivermos casados? Se tivermos que dormir na mesma cama? Se eu tiver que acordar ao seu lado todos os dias e dormir em seus braços em todas as noites como vou me convencer de que isso é falso? O que vai acontecer é que serei dele, como ele diz. Vou amá-lo com tudo de mim, me entregar completamente, viver esse amor e então, um ano passa voando, ele termina comigo para se proteger e eu vou morrer sem ele.

— Como você é dramática! — ralha Sabrina.

Andrea aparece e me entrega um papel com o endereço que pedi e noto a preocupação em seu rosto e no de Sabrina, que começou a trabalhar na copa.

— Tem certeza que quer fazer isso? — Sabrina pergunta pela décima vez.

— Tenho, Sabrina. Eu só preciso de um conselho de mãe.

Chego ao local indicado e avisto um enorme e belo jardim, seguido por uma casa linda! Há tantas árvores à sua volta, que é possível esquecer-se que está em uma cidade. A casa fica numa cidade pequena há três horas da capital, onde moro. O horário de visita está quase no fim, e ainda preciso de sorte para que ela

aceite me receber.

— Sorte, justo eu.

Aproximo-me da recepcionista e digo:

— Estou aqui para ver Atena Reymond.

A mulher faz uma careta e alerta:

— Irei avisá-la que tem visita, querida. Mas ela não recebe ninguém.

Concordo enquanto ela se afasta e pouco depois retorna com uma expressão nada surpresa.

— Ela não irá recebê-la, sinto muito.

Claro que não, ela nem me conhece! Se não quis receber o filho, por que me receberia? Agradeço e me preparo para ir embora, quando penso que estou tão longe de casa! Tão longe da minha zona de conforto! Eu preciso mesmo dela. Volto até a recepcionista com o sorriso mais doce e desesperado possível.

— Você poderia tentar mais uma vez, por favor? Diga a ela que sou Ayla, diga que sou o amor da vida do Eros, o filho dela.

A mulher está claramente confusa, mas faz o que pedi. Pouco depois, retorna e pede meu documento. Claramente surpresa, diz baixinho:

— Ela irá recebê-la.

Sinto o coração na boca e um peso no estômago quando bato em sua porta. Não há uma resposta, coloco a mão na maçaneta para abri-la e penso se estou fazendo a coisa certa. Busco me acalmar, penso no homem que amo, que tem em seu passado essa coisa mal resolvida e que, apesar de tudo o que passou por amor, e definitivamente eu não a julgo, ela é a mãe dele, ninguém melhor do que ela para responder as perguntas que tenho a fazer. Abro a porta e a avisto sentada em uma cadeira de costas, olhando os belos jardins pela enorme janela em seu quarto.

— Olá, eu sou Ayla — tento, mas ela sequer responde, tampouco vira-se em minha direção.

Noto seu cabelo loiro embaraçado e sua postura é a de alguém cansado demais para se erguer. Avisto a escova de cabelo sobre a cômoda ao lado dela e a pego. Ainda assim ela não fala comigo. Deixo minha bolsa no chão e toco seu cabelo devagar, esperando que mande eu me afastar. Como não o faz, começo a penteá-lo.

— Vi algumas fotos suas na casa do Eros. Lembro-me que você gostava do cabelo partido assim, jogado à esquerda, vou fazer isso agora, seu cabelo é tão

lindo! Se você quiser outro penteado eu posso tentar também!

Finalmente ela me olha, vira-se para mim e me observa atentamente, mas não diz nada.

— Obrigada por me receber.

Seu olhar pousa no anel em minha mão e um sorriso surge em seu rosto, surpreendendo-me.

— Vire-se, vou pentear seu cabelo enquanto conversamos. Sinto muito, mas tive que mentir para que você me recebesse. Não sou o amor da vida do seu filho, ele que é o meu. Você criou o ser mais amável e perfeito da terra!

Ela concorda com um gesto de cabeça e vejo o momento em que sua postura relaxa.

— Bem, por onde posso começar? Estou noiva do seu filho, o Eros é claro. Eu o amo mais do que a mim mesma. O amo tanto, que às vezes me perco da realidade, torno-me feita de sonhos. E ele cuida de mim de um jeito que nem sei explicar. Ele apenas não me ama de volta. E é sobre isso que vim falar com você. Eu sei toda sua história, e sinto muito que tenha passado por tudo isso. Mas eu entendo. Acho que o dia em que tiver que viver sem ele, poderia vir viver aqui com você. Vai ser preferível isso do que um mundo normal sem ele.

Meus olhos enchem e preciso parar meus movimentos em seu cabelo para secá-los. Ela se levanta e me abraça. Um abraço quente, aconchegante, um abraço de mãe.

— Você não vai querer me abraçar quando souber o que eu fiz. Por favor, sente-se eu vou te contar tudo.

Vejo a confusão em seu rosto, mas ela se senta. Volto a pentear seus cabelos e começo do começo.

— Até poucos meses atrás, eu pensei que amava seu filho Tim...

Então conto tudo a ela. As peripécias do Ulisses, o roubo, eu sendo pega no quarto de Eros, a mentirinha inocente, a reação dele, o beijo e tudo a partir daí. Falo tanto, que já desembarcei o seu cabelo e continuo fingindo penteá-lo porque não tenho coragem de olhar em seus olhos. Ela vai mandar eu me afastar do filho dela ao invés de me aconselhar sobre os meus medos em relação a ele. E ela estará no direto de fazer isso.

Ao terminar o relato faço as perguntas que me trouxeram até aqui.

— E apesar de tudo o que fiz com seu filho, estou aqui porque vou me casar com ele, jamais me negaria em ajudá-lo. Mas tenho tanto medo! É só um ano, isso vai passar voando, vou ficar sem ele depois e o que vai sobrar de mim?

Como eu faço para me proteger? Para separar o sonho da realidade? Talvez você nem queria me dizer isso, mas se puder...

Ela se levanta, tira a escova da minha mão e a deposita sobre a cômoda de volta. Penso que vai me mandar embora, e quando olho em seu rosto, seus olhos estão cheios. Ela se aproxima e segura minha mão. Há tanto de Eros nela, que a amo instantaneamente, mesmo que ela me expulse agora.

— A culpa do seu medo é minha, filha. Eu o quebrei assim. Se não fosse tudo o que fiz com nossa família, você jamais teria essas dúvidas.

— Na verdade, a pessoa que ele é, o quanto é sensível e dedicado em relação ao amor, muito mais do que qualquer outra pessoa que já conheci, é culpa sua. Ele entende, reconhece, cuida e graças a você.

Ela me abraça e sinto suas lágrimas molhando meus ombros.

— Ele não poderia ter encontrado alguém mais perfeita para ele do que você! Não sabe o peso que você tirou das minhas costas, vindo até aqui, Ayla. Pensei que ele jamais acreditaria em amor de novo, que nunca se permitiria amar e ser amado como merece, e você é como um bálsamo a todas essas minhas feridas. Nunca poderei agradecê-la o suficiente por isso.

Ela se afasta e segura meu rosto de forma carinhosa.

— Você me fez algumas perguntas e irei respondê-las. Primeiro de tudo, me parece que não houve mentira alguma entre vocês. Você se apaixonou por ele de repente, rapidamente, como disse que havia sido. Não há como se proteger disso, nem perca seu tempo tentando. Você vai se casar com ele porque o ama e não poderia haver motivo mais nobre. Você não tem que separar sonho da realidade, quando sua realidade é o seu sonho, então apenas viva isso. Viva cada dia, deixa que o amanhã se mostre, não perca o dia de hoje sofrendo em antecipação, não vale a pena. Você pensa que sairá aos pedaços disso, mas eu digo, pelo que conheço do meu menino de ouro, que você vai ficar nisso para sempre, querida. E será mais inteira do que já foi na vida.

Enxugo as lágrimas que rolam por meu rosto e ralho com ela por ser tão legal:

— Agora vou amar você também e vou sofrer pelos dois daqui um ano — resmungo chorona e ela ri.

— Vamos colocar assim para que você entenda. Ele precisa se casar para manter a empresa, certo? Se não for com você, vai se casar com outra.

— Como assim com outra? Não! O tio dele pensa que eu sou a noiva dele.

— Ele pode se apaixonar de novo após ser deixado por você. Por que o tio dele não acreditaria nisso?

Afasto-me dela sentindo falta de ar, e um incômodo horrível no peito.

— Não, ele não pode fazer isso. Casar-se com outra? Nem pensar! Nem de mentirinha! Ele não pode fazer isso!

Estou prestes a ter um ataque de pânico na frente da minha futura sogra e preciso controlá-lo. Quando busco seu rosto, ela está rindo. Exatamente como o filho dela, estava zoando comigo.

— Ele é mais parecido com você do que pensa, sabia?

Pego minha bolsa do chão porque já está tarde, despeço-me dela e agradeço por me ouvir, por me aconselhar e por não me julgar. Quando abro a porta para ir embora, digo:

— Você deveria vê-lo. Ele sente muito a sua falta.

— Não tenho certeza que ele quer me ver.

— Ele quer. Nada o faria mais feliz do que isso. É como você disse, está perdendo o presente sofrendo pelo passado e isso não vale a pena, viva seu amor hoje. Talvez você possa ir ao nosso casamento — tento.

— Quem sabe?

— Eu vou te trazer o convite. Isto é, se você me permitir voltar. Sei que estou me convidando, mas entendo se não puder mais me receber.

— Você pode vir aqui quando quiser, minha filha.

Assinto e passo pela porta, então ela grita de sua cadeira:

— Ele não deixaria este anel com alguém que não amasse, apenas para que você saiba.

Volto para trás e a observo sorrindo, quase tão linda como nas fotos.

— Ah, Atena, não me iluda. Não me iluda — peço saindo do quarto ao som de sua risada.

Capítulo 28

Eros

Há três dias não vejo meu irmão. Ele não tem vindo trabalhar, não atende minhas ligações, está fazendo o possível para me evitar e sei bem o motivo. Ele não reagiu nada bem quando disse a ele que desconsiderasse meu pedido absurdo e desesperado de tirar Ayla de mim. Acusou-me de ser egoísta, de brincar com os sentimentos dela, e talvez ele esteja certo, mas talvez...

— Ah, Eros, no que está se metendo? — pergunto a mim mesmo ao vê-la sentada em seu lugar, sua mesa, onde posso olhar para ela o dia todo.

Ele se declarou para ela após eu dizer a ele que a queria para mim. Cheguei a pensar que estivesse tão apaixonado por ela a ponto de passar por cima de mim assim, mas então entendi que não. É seu maldito ego, sua maldita vaidade. Essa negação em que se meteu por saber que perdeu o amor dela. Um amor que, pelo que entendi, nunca havia sido importante para ele a ponto de correspondê-lo. Reparo sua expressão concentrada e esse cabelo castanho que fica lindo espalhado pelo meu peito e me pergunto como ele conseguiu tê-la por três anos e resistir a ela. Como pôde não apreciar o lindo presente que tinha nas mãos? É tão fácil me perder nela que não entendo como ele conseguiu não se perder.

Seus olhos castanhos pousam em mim e ela sorri, e mais do que depressa, sorrio de volta. Ela é a coisa mais linda que já vi na vida. De algum jeito, fica cada dia mais linda, a cada sorriso, mais linda. Quero beijá-la o tempo todo, quero tê-la para mim de verdade. Mal posso esperar por nossa lua de mel. Irei tocá-la, irei possuí-la, irei amá-la a noite toda, porque ela será minha. Minha de verdade, perante Deus e perante a lei. Terá meu sobrenome e minha cama como seus. Não haverá mais motivos para me segurar. E mesmo sabendo que este

casamento poderia iludi-la, feri-la de alguma forma, não consigo desistir dessa ideia, porque algo me diz que nada disso irá machucá-la. Nunca!

Bem, se quando a empresa estiver em meu nome, ela ainda estiver tão apaixonada por mim como está agora, não será sacrifício algum continuar com ela. Pelo tempo que ela quiser, o tempo que precisar, mesmo que para sempre. Mesmo que ela vá me deixar louco neste tempo, que vá virar cada dia meu de cabeça para baixo, confundir cada pensamento e enlouquecer meus sentimentos. Ainda assim ficaria com ela para sempre, se me pedisse isso.

Constato, enquanto ligo para ela que não há muita coisa que eu não faria por ela. Talvez não haja nada que eu não faria por ela.

— Pois não, senhor? — responde com um sorriso.

— Não me provoque assim, meu bem. Venha aqui, por favor.

Ela entra em minha sala com sua pequena agenda nas mãos.

— Como devo tratá-lo agora? Noivo de mentira? Futuro marido, só que não? Amor da minha vida? — Cobre a boca imediatamente após dizer a última frase e busca em meu olhar o incômodo que seus sentimentos deveriam causar em mim, mas não há nada.

Estou sorrindo de seu jeitinho atrapalhado e sua confissão de amor.

— Como você quiser me chamar, meu bem. Preciso que você pegue isto, — Estendo a ela o cartão dourado que ela já conhece — e compre o seu vestido, da Sabrina, sua avó e suas irmãs. Assim como algo para o Ulisses. Preciso que escolha um local que a agrade para nos casarmos, olhe a decoração e o buffet. Não queremos nada grande, certo? Pensei em chamarmos apenas família e amigos, alguns funcionários e fazer algo pequeno e mais íntimo. Mas se você preferir, podemos fazer uma festa maior.

Busco seu olhar e ela esconde um sorriso.

— Uau! Quantas ordens! Isso é de mentira, não é? Então não temos que ser tão meticulosos. Compre qualquer vestido, vovó está confeccionando sua própria roupa e as das meninas, assim como a do Uli. Tanto faz o lugar, tanto faz quem vai, você não vai me colocar nessa bolha de ilusão. Este não é meu casamento de verdade.

— Ah não? E quantas pessoas têm a oportunidade de se casarem com o amor de suas vidas? — provoco.

— Você está muito convencido só porque o amo! Então me diga, quantas pessoas tem o sacrifício de se casarem com o amor de suas vidas, só que de mentira?

— O que vou fazer com você na lua de mel não vai ser de mentira — digo baixinho, mas ela escuta.

Seus olhos castanhos arregalados pousam nos meus e seu rosto atinge um adorável tom vermelho. Ela parece sentir calor, afasta o longo cabelo do pescoço e abre a boca, mas não diz nada.

— Então... — provoco.

— Então o quê? Fique sabendo desde agora que não sou dessas que se casa e torna-se submissa ao marido. De mentira ou de verdade, não vá pensando que vou fazer o que você quiser. Não vou escolher nada para o casamento, estou tentando não me iludir, é um favor a você, então faça tudo você mesmo — decreta e sai da sala, jogando-se sobre sua cadeira.

Espero que respire alguns segundos e ligo para ela.

— Pois não, senhor — atende provocando-me.

— Senhorita assistente, preciso que faça algumas coisas por mim. São para o meu casamento, minha noiva não quer se cansar. Então escolha um vestido para ela, um local, buffet, decoração e todas essas coisas. Não são favores, são ordens, apenas para que saiba!

Ela não responde, mas sinto o fogo de seu olhar através do vidro que nos separa. Bate o telefone na minha cara, vem emburrada até minha sala, pega o cartão dourado da minha mesa e afasta-se, batendo a porta enquanto resmunga:

— Sempre arruma um meio de me tapear! Sempre!

Espero que se sente em sua cadeira e respire fundo, então ligo para ela.

— O que mais você quer? — atende irritada.

— Apenas dizer que você está agindo do jeitinho que eu gosto. Até mais, pequena.

Ela torna a bater o telefone na minha cara e faz um gesto com a mão como se estivesse me enforcando.

Na tarde seguinte, começo uma espécie de contagem regressiva para nosso casamento. Escolhi os convites com a ajuda de Nico e Selina, que aliás, está encantada com Ayla, sua loucura e autenticidade. As alianças irei eu mesmo escolher, mas vou levar essa pequena teimosa comigo. Tento ligar para Tim e mais uma vez, ele me ignora. Talvez eu devesse ir ver a minha mãe, contar que vou me casar. Bem, ela não me receberia de toda forma, então nem vale a pena tentar.

Duas batidas soam na porta e Ulisses pede licença, surpreendendo-me. Ele

se senta à minha frente, parece nervoso e o aviso de que Ayla não está no momento. Foi resolver algo sobre o buffet.

— Não vim falar com ela, na verdade, seria melhor se ela não soubesse disso.

Ele está muito nervoso, mexe as pernas e as mãos sem parar e não olha em meu rosto.

— O que aconteceu, Uli?

Temo que tenha feito algo que vá ferir Ayla.

— Estava no elevador na Sampaio Inc, subindo com outro segurança para o refeitório. Entraram duas mulheres muito elegantes que nunca havia visto por lá. Então começaram a falar de você, e da minha irmã.

— Melissa. O que elas disseram?

— A loira, Melissa, vai sabotar seu casamento. Não entendi bem o que seria, disse algo sobre ter olhos e ouvidos aqui dentro, sobre alguns fotografos com quem tem contato. Sobre fotos que irão sair na imprensa com vocês dois nas vésperas do seu casamento, e Eros, eu não entendo o que está havendo. Você está se casando com minha irmã e saindo com ela? É isso?

— Não! Por Deus, não!

Levanto-me e tranco a porta para que ninguém entre de repente e escute o que estamos falando. Certifico-me que Ayla não voltou e volto a me sentar.

— Terminei tudo com Melissa pouco após conhecer sua irmã, Uli. Jamais faria algo assim com ela. Melissa está despeitada, na verdade, não entendo esta obsessão dela comigo. Temos que dar um jeito de impedir isso. — Começo a me lembrar de quantas vezes ela insistia que fôssemos a eventos, festas e compras em lugares públicos. E de quantas vezes fiz isso com a Ayla e fomos fotografados. — Agora entendo tudo, todos os fotografos. Tudo um plano que acabou se virando contra ela.

Me pego rindo apesar da seriedade da situação.

— Eros, não quero ser fofoqueiro, mas demitiram mais de trinta funcionários nos últimos dois meses. Foram cinco esta semana, e meu gerente disse que tem sido assim há semanas. Demitindo aos poucos.

— Trinta? Você tem certeza?

— Todos pensamos que há alguma espécie de crise na empresa.

— Isso não é possível. Será que Heitor está vendendo a Sampaio Inc? Acredito que eu saberia se fosse o caso. Uli, há algo de estranho em tudo isso, preciso que você me ajude. Melissa tem seus olhos e ouvidos aqui, quero que

você seja os meus lá.

Ele concorda imediatamente.

— Não se preocupe, se desconfiarem de você eu te consigo emprego aqui, você não vai ficar desempregado.

— Não me preocupo, Eros. Já prejudiquei minha irmã demais, ela o ama muito e não vou permitir que ninguém a machuque.

— Então não conte nada disso a ela, vamos resolver isso primeiro.

— Jamais contaria! Do jeito que é esquentada iria dar uns tapas na cara da sua ex e acabar presa!

— Preciso de mais um favor. Pode ligar do seu celular para este número? É do meu irmão, conte a ele o que você ouviu e diga que preciso falar com ele aqui.

Ele concorda e liga para Tim, que como imaginei, o atende. Conta tudo o que ouviu e me diz que Tim está vindo. Finalmente poderei falar cara a cara com meu irmão. Dispensou Ulisses orientando-o a manter o celular ligado e por perto para que possamos nos falar e a me contar sobre qualquer coisa que descobrir.

Tão logo Tim chega, entra em minha sala falando ao celular. Senta-se de frente para mim na poltrona e não olha em minha direção. Quando por fim desliga, conta tudo o que descobriu.

— Heitor Sampaio chantageou o tio Olavo para que ele lhe passasse a direção da Reymond. Ameaçou retirar todo o seu capital, o que fez hoje de manhã. Assim que essas notícias vazarem, nossos funcionários podem ficar assustados. Seria bom se você, como presidente, convocasse uma reunião e explicasse que temos um investimento maior. Não espere que o burburinho de saberem que perdemos nosso maior investidor se espalhe. Se souberem que ele colocou todas as ações aqui à venda, podem pensar que essas ações cairão nas mãos de algum rival nosso e fecharemos as portas. Já garanti que todas elas permaneçam em nossas mãos sem que ele saiba.

Concordo buscando seu olhar e demora para que olhe em minha direção.

— O que está havendo, Tim? Por que não tem vindo e não tem me atendido?

Ele me encara por um tempo, parece pensar no que responder, mas desiste. Vejo o momento em que seus olhos se desviam e ele volta a falar sobre Heitor.

— Estou desconfiado que Heitor anda mal das pernas financeiramente, e este pode ser o verdadeiro motivo de se desfazer de suas ações, retirar seu

investimento e chantagear o tio Olavo para presidir esta empresa.

— Você acha que ele queria nos dar um golpe?

— A Sampaio Inc. fechou três de seus cinco setores neste ano e sequer ficamos sabendo. Demitiu trinta por cento de seus funcionários na calada e colocou mais ações à venda do que o de costume, do que o seguro. Nico e Tulio estão investigando isso, Heitor tirou deles as contas da empresa há alguns meses, mas conhecem quem está com elas agora. Estou apenas esperando uma ligação.

Concordo e volto a tocar no assunto que precisamos resolver.

— Tim, precisamos falar sobre nossa relação.

— Onde está a Ayla? — pergunta lançando-me seu olhar acusador.

— Não precisamos falar sobre ela. Você sabe que este casamento será uma garantia. Mesmo com a senadora do nosso lado, tio Olavo pode ser inconstante e ainda pode cair no plano mirabolante de Heitor e Melissa. São amigos de longa data, ele pode querer ajudá-lo se souber de suas dificuldades financeiras.

— Não se provamos que eles pretendem nos dar um golpe.

— Isso pode demorar, meu casamento é em duas semanas.

Ele se levanta irritado e dá voltas pela sala.

— Por que a pressa, irmão? Teme que ela mude de ideia? Ou está buscando uma desculpa melhor para justificar este casamento, quando sabe que está fazendo isso apenas porque você a quer!

Antes que eu possa responder avisto o burburinho dos funcionários e percebo que demorei demais a convocar a reunião sugerida por Tim. Ele liga para Louisa e ordena que ela convoque a reunião para que possamos esclarecer tudo.

Ayla chega da rua quando a reunião já está em curso, fica de pé ao lado de Andrea, como sempre. Mas me alegra ver que ao entrar na sala, várias pessoas a cumprimentam amigavelmente. Também percebo as que não o fazem e estou de olho nelas. Tim não consegue tirar os olhos dela, procuro ver o que há neles, depois de anos convivendo com meus pais tenho esta habilidade quando se trata de amor, sou capaz de reconhecê-lo. Mas ali, em seus olhos, não há nada além de mágoa. E não vou permitir que ele a fira.

Após anunciar que Heitor Sampaio retirou seu investimento e pôs à venda suas ações, tenho dificuldades em parar o burburinho que se instala na sala para que consiga prosseguir com as notícias.

— Senhoras e senhores, por favor, prestem atenção! Há alguns meses esta

empresa passou por problemas financeiros graves e sei que todos vocês passaram por momentos de incerteza e medo. Heitor Sampaio entrou com uma grande quantia de dinheiro, além das ações que possuía, como um investimento, e nos salvou. Agora, ele está passando por dificuldades financeiras e por isso retirou seu capital e vendeu suas ações. Porém, neste momento não estamos correndo qualquer risco financeiro. A empresa se manteria por si só, e de toda forma, temos um novo investidor. O dobro de capital, que acabou de adquirir as ações dispostas por Sampaio, vocês não têm com o que se preocupar.

Ayla recebe uma ligação e deixa a sala, retorna logo depois com Betina. A apresento oficialmente como a nova investidora majoritária da empresa. É nítido o alívio dos funcionários, que logo comemoram. Um amigo jornalista, que fiz questão que estivesse presente, tira fotos nossas, e Betina faz questão que Ayla esteja presente, assim, mato dois coelhos de uma vez. Não só os Sampaio confirmarão meu casamento com Ayla, como saberão que não quebraremos por causa deles.

Após um almoço organizado às pressas por Tim e Betina, que pedem tudo em um restaurante em comemoração, a senadora nos deixa com a promessa de que nos veremos no casamento. Ayla conversa animada com Sabrina quando a puxo diante de todos e beijo sua boca. Ela se assusta, quer brigar comigo, mas seus olhos pousam em mim e ela sorri. Aquele sorriso lindo, de tirar o fôlego, que tem o poder de me fazer perder o controle.

Tim apareceu para trabalhar hoje, mas não veio falar comigo. Estou em uma reunião em que ele deveria estar também, mas não veio. Está trancado em sua sala com Louisa desde cedo. Após a reunião, procuro por minha noiva em sua mesa, mas não a vejo. Louisa está em sua mesa, digitando desanimada com olhos vermelhos, como se houvesse chorado. Ayla não está em lugar algum e Tim também não. Vou até a copa procurar por ela e ouço sua voz, assim como a de Tim. Indo contra todo o senso de ridículo, paro no corredor para ouvir o que estão dizendo.

— Se vocês seguirem com isso, Ayla, vou deixar esta empresa — ele ameaça.

— Você está se enganando, Tim! Eu não mudei! A mesma simplicidade que o impediu de aproximar-se de mim antes ainda está aqui! Eu ainda sou a mesma menina que se preocupa com as mesmas contas para pagar. O fato de eu estar melhor vestida porque seu irmão me deu roupas de grife, ou de frequentar as

reuniões que você frequenta, porque sou uma assistente, não muda quem eu sou, nem de onde vim. Minhas atitudes não mudaram, nem minhas experiências, ainda sou a mesma garota simples de antes! Você enxerga uma ilusão!

— Ayla...

— Não! Você sair da empresa e abandonar seu irmão justo neste momento, abalando a confiança do seu tio nele, é egoísmo! Se for capaz de fazer isso não venha colocar a culpa nele! A culpa será toda sua!

Há o silêncio entre eles e não consigo mover meus pés. Tim a está manipulando ou vai mesmo deixar a empresa por algo assim?

— Tim, — ela diz cansada — você não entende que o amo. Não importa se vou ou não me casar com ele, não importa se ele nunca vai corresponder, eu o amo. Vou continuar amando. Não há um botão de liga e desliga para isso. E sendo sincera, se houvesse eu não desligaria.

— Mas isso não faz sentido, Ayla! Para que você quer continuar amando alguém que nunca te dará isso de volta? Eu não entendo!

— Porque é ele! Apenas por isso. Ele é o homem que cuida de mim desde o instante em que colocou os olhos em mim. Ele é o irmão que jamais abandonaria você se precisasse dele.

Tim não responde, ela também não diz mais nada e finalmente consigo mover meus pés. Mal posso acreditar em tudo o que ouvi, que Tim estava mesmo tentando manipulá-la com algo tão baixo. Sua expressão surpresa ao me ver rapidamente passa para a mesma raiva contida de antes, a mesma acusação velada em seus olhos. Ayla fala algo comigo, mas não a escuto. Olho para meu irmão, o homem que pensei conhecer tão bem e não entendo o que está havendo com ele.

— Então você quer deixar a empresa? — desafio acreditando que ele vai dar uma desculpa qualquer para não fazê-lo.

Mas, para minha total descrença, ele confirma.

— Sim, Eros. Se vocês seguirem com essa loucura é o que vou fazer.

— Talvez seja melhor vocês dois conversarem em outro lugar. As pessoas podem chegar aqui a qualquer momento — avisa Sabrina e vou direto para minha sala.

Não preciso olhar para trás para saber que ele está me seguindo.

Ele entra em minha sala e tranca a porta. Seus olhos pousam nos meus e há apenas a raiva e acusação neles.

— O que você está fazendo, irmão? Trabalhamos por anos aqui, fizemos

isso crescer juntos e você quer jogar tudo fora por um capricho? — questiono incrédulo.

— Eu não o conheço mais, Eros. Desde quando você se tornou tão egoísta?

— Do que está falando?

— Ayla! — ele grita. — Ela o ama e você a está usando, a está manipulando!

— Como você estava tentando fazer? Não, irmão, jamais faria isso com ela. Ele me encara com um sorriso que não tem nada de amigável.

— Por que você não consegue deixá-la em paz, Eros? Eu já entendi que não tenho mais qualquer chance com ela, ainda assim me preocupo. Eu o avisei desde o início que eu a protejo e você está fazendo justamente o que jurou não fazer!

Ele está certo em sua linha de raciocínio e não consigo encontrar uma maneira de explicar a ele que embora pareça o contrário, não irei feri-la de maneira alguma.

— Eu não sei! Não posso deixá-la, Tim! Eu tentei, você sabe disso melhor do que ninguém, eu não consigo! Sei que é o que eu deveria fazer, você pode não acreditar, mas jamais me perdoaria se voltasse a feri-la! Só que não consigo! Não dá! Não me peça isso, irmão, porque não sou capaz de fazê-lo. Não posso ficar longe dela.

Ele assente, e por um momento penso que entendeu que não há nada que eu possa fazer, que não tenho intenção de machucá-la e que ele não precisa se preocupar. Mas ele destrava a porta e diz sem olhar para trás:

— Adeus, irmão.

Ele está mesmo apaixonado por ela. Não é amor, mas algo forte o bastante para que ele desista de mim. Porque qualquer sentimento por menor que seja, faz minha família desistir de mim. Talvez Tim não esteja tão errado, talvez eu não seja mesmo alguém por quem se vale a pena ficar.

Ayla entre em minha sala, mas não posso falar com ela agora. Pego minhas coisas e me despeço dela por alto, indo para minha casa, meu refúgio. É só mais uma pessoa que se vai. Em um ano, ela também irá. Vai perceber que não vale a pena ficar por mim. Como meus pais, como meu irmão. Pensei que fôssemos amigos, que ele fosse meu melhor amigo. E na primeira vez que o contrário, ele me abandona.

Odeio sentir-me um menino de novo. Quando mamãe e papai se foram, eu tinha a ele. A quem tenho agora?

Uma tempestade cai lá fora e a dor em meu peito parece prestes a me sufocar. Jurei que nunca mais me sentiria assim, que não amaria ninguém para não passar por isso. Essa fase de abandono em que papai vivia, em que mamãe definhou. E aqui estou eu, apesar de todos os meus esforços, passando por isso. Do que adiantou manter-me distante e desligado de sentimentos se agora estou passando de novo pela mesma merda de antes?

— Quem diria que seria você, Tim? Justo você?

Deixo o copo de uísque de lado e dou voltas pela casa. Sinto-me inquieto, sinto-me ferido e odeio sentir-me assim. O som de batidas na porta é baixo demais por conta do barulho da chuva lá fora e quase imperceptível, mas é como se eu estivesse esperando que alguém viesse. Abro a porta e Ayla está aqui. Encharcada, preocupada e meio sem jeito.

— Ei, o que houve? Por que está aqui nessa chuva? — pergunto puxando-a para dentro, mas ela se nega a entrar por estar molhada.

— Só queria saber como você está. Tentei te ligar do telefone da Sabrina, mas você não atendeu.

— Sinto muito, meu bem, na verdade nem sei por onde anda meu telefone. Entre, você vai pegar um resfriado aí fora.

Ela nega e dá um passo para trás.

— Só queria te ver, saber se posso fazer algo para ajudá-lo.

Olho para ela ali, pingando água de seu vestido e cabelo. Os olhos castanhos amorosos tomados por preocupação, seu cheiro de flores misturado ao cheiro da chuva e tudo o que quero é ela.

— Entre, Ayla, fique aqui comigo. Me deixa dar um banho em você e trocar essa roupa molhada.

Ela nega, mas não permito que se afaste. Seguro sua mão e a puxo para dentro. Para perto de mim, enquanto olha preocupada a água pingando no chão do hall de entrada.

— Você quer ficar aqui comigo? — pergunto e ela assente, seus olhos nos meus me acalmando instantaneamente. — Mas você sabe o que vai acontecer se você ficar, não sabe?

Seu sorriso dura exatos dois segundos e ela o esconde.

— Eu vou cuidar de você — diz docemente e a puxo para meus braços, prendendo seu corpo gelado ao meu.

— E eu de você, minha pequena.

Seguro seu rosto e a beijo. Ela corresponde com toda sua paixão e entrega, daquele jeito que adoro, que me desliga do resto do mundo, que me faz querê-la mais do que qualquer coisa. Só me afasto porque ela precisa de um banho quente, mas não pretendo deixá-la sozinha sob a água.

A guio até meu quarto e ligo o chuveiro. Seus olhos assustados pousam em mim, mas não me impede quando a puxo para debaixo da água quente comigo. Desço o zíper do seu vestido com os olhos fixos em seu rosto, pois, se demonstrar qualquer sinal de medo ou negação, irei parar. Mas ela sorri para mim, aquele sorriso doce e apaixonado e entendo que não vai sobrar nada de controle agora.

Seu vestido escorrega por seu corpo e a tomo em meus braços, beijando-a com desespero. A água quente aquecendo seu corpo molhado enquanto toco levemente sua pele macia e suas curvas.

— Você sempre está molhada perto de mim, Ayla. Por que você me tenta assim?

Ela sorri e me abraça, deitando a cabeça em meu peito. Acaricio suas costas sentindo-me calmo como não me sentia há dias. Como não me sentia desde a última vez em que a tive em meus braços assim.

— Tira a minha roupa, amor — peço afastando-me.

Seus olhos pousam nos meus com um brilho diferente e ela estende dois dedos diante de mim.

— Segunda vez que você me chama assim — explica enquanto desabotoa a camisa social que uso.

Penso que vai parar quando chegar à calça, mas ela não para. Seus olhos se fixam nos meus e ela abre o zíper e deixa a peça cair por meu corpo.

— É branca, não é? — pergunta sorrindo e confirmo. Noto que toma uma respiração mais profunda antes de olhar para baixo.

Seu rosto atinge aquele tom vermelho que adoro e não posso resistir mais, não consigo tentá-la por mais tempo. Seguro suas mãos trazendo-a para junto de mim e a beijo, sentindo sua pele macia em contato com minha pele. Seus braços passam por meu pescoço, suas mãos acariciam meu cabelo e me perco em seus lábios, em seu sabor, seu corpo, sua pele.

Quando desligo o chuveiro e a seco vagarosamente, estou me controlando ao máximo para não possuí-la. A deposito sobre a bancada e desço a alça de seu sutiã, não há medo em seus olhos, apenas aquele amor que me desarma. Beijo seu pescoço devagar, ela fecha os olhos e se entrega. Eu não precisava de uma reposta melhor dela. Tiro sua lingerie o mais rápido que consigo, assim como o

que resta de roupa em mim. A puxo para meus braços e a levo para a cama.

Finalmente a terei por inteiro. Finalmente irei amá-la como desejo desde que coloquei os olhos nela. A deposito com cuidado sobre a cama, aciono a lareira para manter o ambiente quente, e penso que isso nem seria necessário pelo fogo em seus olhos. Olho para ela aqui, nua na minha cama, seu corpo suave e seus cabelos castanhos espalhados pelo meu colchão e entendo que nunca mais vou tocar outra mulher na vida. Ela é a coisa mais linda que já vi, tão linda que nem parece real, tão doce que se assemelha a um anjo e é minha. Para sempre minha.

Capítulo 29

Seu olhar segue cada centímetro do meu corpo e a adoração que vejo em seu rosto faz-me sentir tão linda! Ele se aproxima devagar, deposita beijos suaves por meu pescoço e rosto, mas há algo nele, algo por onde seus lábios tocam, como um rastro de fogo que acende todo meu corpo. Suas mãos passeiam por minha coxa e sobem por minha cintura até tocarem meu seio. Sua boca toma a minha em um ritmo lento enlouquecedor, não é o bastante para mim. Sinto o peso de seu corpo sobre o meu, seus braços fortes me cercam e ele aprofunda o beijo.

E ainda preciso de mais.

Sua boca deixa a minha e passeia por todo meu corpo. Ele me toca com a ponta dos dedos, deixo que seus dedos conheçam cada centímetro da minha pele, sua boca segue o mesmo percurso, a barba arranhando de leve minha pele, um toque tão suave quanto provocante. E parece que o sinto além desses toques, além da minha pele. Ainda assim não é o bastante. Sua boca me toma para si, levando-me a sensações que me dominam, ele é suave e intenso, afastando qualquer pensamento que eu pudesse ter além dele. Também quero tocá-lo, também quero beijá-lo, quero senti-lo. Puxo seu cabelo guiando-o de volta à minha boca, seus braços me prendem ao seu corpo forte, seus beijos agora são tão intensos que mal consigo respirar.

Toco seus braços contornando seus músculos, suas costas largas e sua pele quente. Ele acaricia meu rosto e se afasta o suficiente para que eu toque seu peito. Deposito um beijo em seu peito, onde sinto seu coração bater e ele fecha os olhos. Deita-se de costas na cama e me leva com ele. Monto sobre ele e beijo o resto de seu dorso, suas mãos ávidas não deixam meu corpo e seus olhos

brilham com algo que nunca havia visto antes.

Seguro suas mãos nas minhas, mantendo-as ao redor de sua cabeça e o beijo.

— Não posso esperar mais, meu bem — avisa antes de me abraçar e girar comigo na cama, beijando-me como se sua vida dependesse disso. Sugando meus lábios com força, dominando minha língua sem trégua.

Quando suas mãos me tocam e ele se encaixa entre minhas pernas, seguro seu rosto olhando em seus olhos.

— Eros, eu nunca...

Ele me interrompe com um beijo suave e um movimento leve, sua boca na minha me distraíndo do quão perto está de me tomar completamente para si.

— Vou ter todo cuidado, amor — promete antes de unir nossos corpos devagar e com o cuidado que prometeu.

Cuidado que dura o suficiente para que eu me acostume, e logo ele me prende em seus braços, movendo-se com força, arrancando para si o que resta de mim. Seus dentes arranham meus seios e sinto-me febril e acesa. Quero que dure para sempre, tanto quanto quero que acabe. O quero em mim para sempre. E quando não consigo mais suportar tudo o que está me fazendo sentir, ele me beija, perdendo-se comigo, gritando meu nome enquanto grito o dele, mantendo-me em seus braços quando seu corpo cai ao meu lado. E nunca antes havia me sentido tão dele quanto agora.

Descanso a cabeça em seu peito, sobre o som de seu coração, suas mãos passeiam de leve por minhas costas e penso que adormeceu.

— Terceira — digo baixinho e ouço sua risada. Ele está acordado.

— Você está bem? — pergunta beijando minha cabeça.

— Bem é uma palavra pequena demais! Não cabe nela como me sinto agora.

Ele me deita de costas na cama e paira sobre mim, sorrindo tão docemente que me derreto mais uma vez por ele.

— Precisa de alguma coisa, meu bem?

— De você.

Ele me beija e deita a cabeça sobre meus seios, seus braços em volta do meu corpo, acariciando-me de leve. Toco seu cabelo e brinco com ele.

— E você? Está bem? — pergunto receosa e ele demora um pouco a responder.

— Não existe uma palavra grande o bastante para caber tudo o que estou sentindo agora. Vamos dizer que nunca estive melhor.

Sorrio, o som da chuva lá fora toma o quarto quando ficamos em silêncio, e o fogo da lareira também serve para iluminar o bastante para que eu possa vê-lo e muito pouco do resto do quarto.

— Sinto muito pelo seu irmão. Eu disse a você que devia me afastar. Isso não teria acontecido se eu não estivesse mais na vida de vocês.

Ele levanta a cabeça e olha em meus olhos, pensativo.

— Ayla, se apenas uma pessoa tiver que permanecer na minha vida, que seja você. Apenas você. Se eu tiver você, pequena, posso superar o resto.

Não consigo impedir meus olhos cheios e meu coração parece estar na garganta.

— Eu te amo, Eros. Nunca vou deixar você, eu te prometo!

Ganhei uma tarde de folga para escolher meu vestido de casamento, enquanto Eros está cuidando de comprar as alianças. Sabrina buzina como uma maluca dirigindo o Vitara de Eros pelo centro da cidade.

— Não acredito que ele realmente deixou este carro com você — digo pela milésima vez, e Sabrina responde com uma careta pela milésima vez.

— Ayla, eu nem vou comentar como seu noivo estava gato em cima de uma moto, meu Deus! Ele deveria ser proibido de sair na rua.

— Isso é você não comentando? Pare de babar no meu noivo! Liah, se eu vir você colocando esse chiclete no banco do carro de novo, irei esfregá-lo na sua cara! — advirto minha irmã antes que estrague algo neste carro caro e eu tenha que pagar por isso.

— O que faremos? Deixamos suas irmãs em casa primeiro? Diga que sim! Quero dar umas voltas nessa máquina!

— Na verdade, estava pensando em levá-las para comer algo primeiro. Tipo, em uma confeitaria no centro.

O sorriso que Sabrina me estende é a confirmação de que nosso dia da vitória chegou.

— Os humilhados serão exaltados — fala dramaticamente e acelera em direção a confeitaria.

Seu Carlo está sentado do lado de fora da confeitaria, conversando com um amigo que frequentemente vai até lá vê-lo. Sabrina para o carro e ele

imediatamente observa a máquina de Eros, curioso. Quando me vê descendo do carro caro, sua expressão é tão engraçada, que sinto como uma compensação da vida. Esses momentos raros em que a vida lava sua alma por você.

Com o sorriso mais doce do mundo, passo por ele e acomodo minhas pequenas ao meu lado em uma mesa. Sabrina observa o local como se nunca tivesse estado aqui, e uma atendente vem nos servir enquanto seu Carlo nos observa com uma careta da porta.

— Queremos ser atendidas pelo dono — digo alto o bastante para que ele escute, e imediatamente ele grita:

— Vocês por acaso têm como pagar o que vão pedir?

Sabrina olha para ele e teatralmente levanta a mão, impedindo os insultos que viriam a seguir.

— Você está falando com a futura senhora Eros Reymond, querido! A cunhada do seu principal cliente, Tim Reymond. Acha mesmo que não temos como pagar?

— Ayla, o que podemos pedir? — Maya pergunta observando as vitrines de doces.

— O que vocês quiserem, princesas. Hoje vocês podem pedir tudo!

Imediatamente elas começam a pedir coisas, mudam de ideia, mudam de novo. E com toda paciência do mundo, seu Carlo, meu ex chefe pão duro, tem que atendê-las como elas merecem! Sabrina e eu levantamos nossas taças de chocolate quente em um brinde e ela comemora:

— Bendito seja o universo, que a presenteou com um verdadeiro anjo, minha amiga.

E lembrar de Eros traz de volta a noite passada, a manhã de hoje, cada toque, beijo, cada palavra. Me desconecto do mundo e me perco novamente nele.

Após deixar minhas pequenas em casa com dor de barriga pela quantidade de doces que comeram, Sabrina e eu vamos a uma loja de noivas no centro. Observo os vestidos lindos enquanto percorro as vitrines e, apesar da felicidade que me toma cada vez que penso nele, não consigo impedir aquela voz no fundo da minha cabeça questionando o que estou fazendo aqui. Por que vou escolher o vestido mais lindo, a melhor decoração, o buffet e enviar convites, para um teatro? Por um segundo, congelo onde estou e olho a porta de saída. Eu deveria ir embora, ajudá-lo como ele precisa, mas não envolver meu emocional nisso. Escolher um vestido de noiva é algo mágico demais para a situação em que me encontro.

Porém, ao aproximar-me da porta, não tenho coragem de ir embora. Porque é com ele que vou me casar, e ele merece o melhor em cada gesto meu. Tenho que usar o vestido mais bonito, sim! Escolher a melhor decoração, o melhor buffet. Talvez este azar que enxergo em tê-lo de mentira, seja na verdade minha maior sorte, pois o terei de alguma maneira. Quantas pessoas são capazes de sentir um amor como o que sinto e têm a oportunidade de subir ao altar com esse amor, de dormir em sua cama, dividir seus dias, mesmo que por um curto período de tempo?

— O que está se passando nessa sua cabecinha, criança? — Sabrina pergunta me trazendo de volta à loja e a atendente que me observa como se eu fosse louca.

— Não importa o quanto eu saia machucada disso, eu vou me casar com ele.

— Sabemos disso, Ayla.

— É o meu casamento, Sabrina! Eu poderia fazê-lo como tenho sonhado, certo? Mesmo sendo nessas circunstâncias?

— Você não só poderia fazer isso, como deveria fazer isso. Se tudo for como você presume e acabar em um ano, que lembranças você quer ter disso?

— Você está certa! Não sei porque não a escuto mais vezes. Eu quero aquele vestido! — Aponto o vestido no manequim mais alto, tão lindo, que sequer me atrevia a olhar para ele, pensei que fosse demais para um casamento de mentira. — Meu amor não é de mentira, se ele quer uma noiva, vai ter uma noiva.

Sabrina vibra enquanto a atendente busca a peça e prometo a mim mesma que vou me proteger do que sinto por Eros depois. Depois que o casamento passar, que a lua de mel passar, aí sim vou tomar cuidado de não me apegar demais a uma rotina com ele, a uma vida de esposa dele. Mas agora, agora é meu casamento e vai ser como um conto de fadas.

— Ayla, este vestido é tão lindo! Confesso que estávamos com medo do que iria escolher porque seu gosto para roupas é um desastre! — Sabrina confessa aliviada, mas temo que já irei preocupá-la de novo.

O vestido é maravilhoso, bordado com uma infinidade de cristais caros. Seu preço é absurdo! E girando em frente ao provador, enquanto Sabrina e as vendedoras observam emocionadas, não me sinto bem. Não me sinto eu. É como se ele fosse caro demais para mim! Diferente demais! Não sei.

— Qual é o problema, Ayla? Você está absolutamente maravilhosa! —

Sabrina tenta me animar, mas ainda parece algo errado. Talvez seja por toda situação em si e não exatamente o vestido.

Saio do provador e observo outros vestidos nas vitrines. Talvez algum com menos cristais. Ou que não possua uma calda tão grande, dando ao universo um milhão de oportunidades de me fazer passar vergonha. Toco os vestidos, observo os detalhes. Sabrina já me olha constatando que sou mesmo uma maluca.

— Uau! — Uma voz masculina faz meu corpo todo se retesar e demoro um pouco a ter coragem de olhar em seus olhos.

— O que faz aqui, Tim?

Seus olhos brilham enquanto avalia cada detalhe do vestido em meu corpo e não me diz nada. Depois do estado em que Eros estava quando cheguei à sua casa ontem à noite, Tim não está em alta conta comigo. Na verdade, preferiria evitá-lo hoje.

— Você está maravilhosa, Ayla! Você nasceu para usar isso — diz contemplando o vestido que me faz sentir tão longe de quem eu realmente sou. — Eu estava louco atrás de você, descobrimos uma coisa! Melissa e Heitor Sampaio pretendiam dar um golpe em Eros e na Reymond. Estão falidos, o casamento que Melissa tentou forçar, era justamente o plano deles para assumirem a empresa e o dinheiro da nossa família.

Sabrina grita que sabia que havia algo errado, e estou em choque. Lembro-me de todas as vezes em que aceitei as humilhações de Melissa por achar que o que sentia por Eros era real e me arrependo de não tê-la colocado em seu lugar antes.

— Conseguimos provas para apresentar ao tio Olavo — Tim continua. — Ele não vai mais tirar a empresa do Eros, e menos ainda dá-la a Heitor. Você não precisa se casar com ele, não tem que fazer isso. Você está livre, Ayla!

Livre, eu estou livre! Então por que agora é que me sinto presa? Eros não tem mais que se casar, na certa vai cancelar todo esse plano e eu deveria estar aliviada, porque temia tanto o quanto isso me machucaria, não é? Só que não estou. Sinto-me como se tivesse perdido a chance de realizar o maior sonho da minha vida. Como se tivesse ganho algo tão valioso e o perdido no minuto seguinte. Preciso me sentar, o que é complicado com o enorme vestido e por alguns segundos, não sou capaz de ouvir o que Tim está dizendo diante de mim.

— Ele cancelou tudo? Cancelou o plano? — pergunto baixinho e um Tim confuso nega com a cabeça.

— Ele não disse nada, eu que estou dizendo a você. Sei o quanto isso te machucaria a longo prazo, Ayla, por isso vim pessoalmente avisá-la. Talvez ele

ainda queira continuar com isso, por garantia, uma vez que tio Olavo já pensa que vão se casar. Talvez queira usá-la para não se passar por mentiroso diante do nosso tio. Mas você não tem mais que fazer isso, não carrega o peso de ajudá-lo, porque ele não corre mais qualquer risco de perder a direção da Reymond. Você pode dizer a ele que não vai se casar, e manter a consciência tranquila, Ayla.

— Entendi.

Levanto-me com a ajuda dele e aponto para outro vestido. Muito elegante, estilo sereia, sem pedras.

— Quero experimentar aquele.

Tim segura meu braço quando dou um passo em direção ao provador, em seu rosto vejo a confusão e a mágoa.

— O que está fazendo? Acabei de dizer a você que não precisa fazer isso.

— Não preciso, mas eu quero. A menos que ele cancele tudo, não vou desistir, Tim.

— Mas você não entende o quanto está se arriscando? Não entende que ele irá usá-la e se cansar de você depois?

— Você o abandonou! — grito soltando meu braço de seu aperto. — Você fez o que seus pais fizeram e o deixou sozinho! Se ele não me ama é porque quer se proteger de passar pelo que você o fez passar ontem, então não me venha agora fingir que se preocupa com o que as pessoas sentem!

Ele está tão em choque quanto Sabrina. Tento me acalmar, mas tudo dentro de mim parece prestes a ruir. Eros vai cancelar o casamento, eu sei disso, o conheço o bastante para saber. E de repente parece que meu rumo se foi, ainda irei vê-lo todos os dias na empresa, mas nunca mais sob a luz fraca de uma lareira numa noite chuvosa. Ou junto com o nascer do sol em sua cama gigante. E não haverá a menor chance de viver isso de novo, porque eu o toquei demais, e depois do que senti ontem pelo abandono do irmão, ele vai fechar um muro à sua volta e se proteger. Assim que não tiver mais a obrigação de se arriscar, ele vai se proteger.

— Ayla, eu posso dar a você muito mais do que ele teria dado. Posso cuidar de você como sempre, e dar o amor que você merece. Eu não tenho medo do que sinto. Você precisa me ouvir! — ele insiste tentando segurar minha mão, mas Sabrina o impede.

Ela para diante dele e coloca as mãos em seus ombros, empurrando-o para longe de mim.

— Agora chega! Quem você pensa que é para vir até aqui e dizer essas coisas para ela? Você é um idiota e egoísta que por três anos a feriu sem se

importar e a tratou como um caso de caridade! E agora quer dizer que a ama? Você a vê verdadeiramente apaixonada por seu irmão, sabe que ela é sua única chance de cura e tenta tirar isso deles? Acaso o despeito que você chama de amor é mais importante do que o que eles sentem?

— Sabrina...

— Você vem comigo, Martim! Não vai se aproximar dela, está passando da hora de termos uma conversa!

Ela o pega pela mão e, derrotado, ele a segue.

Volto ao provador desculpando-me com as vendedoras e tentando não cair. Tentando não pensar em Eros cancelando tudo. Vai ser melhor assim. Não corro risco de me ferir assim. Coloco o vestido que a vendedora traz com sua ajuda e apesar de tão lindo e simples, ele ainda me faz sentir tão distante do que sou!

E o que eu sou? Uma tonta apaixonada que temia sentir justamente o que está sentindo agora. Era essa mágoa que eu sofreria ao perdê-lo em um ano, que queria evitar. Não faz diferença o tempo, ainda é uma perda. A vendedora me traz mais um vestido, e outro, e mais um. Uma peça mais linda do que a outra e nenhum fica bom.

Por fim, desisto. Agradeço a ajuda dela, visto minha roupa e vou procurar Eros.

Se ele vai cancelar tudo e manter-me como sua amiga e assistente, que faça isso de uma vez. Se vai preferir mandar-me para longe para poder se proteger do que vivemos ontem, que faça! Se vou sofrer em qualquer cenário dessa história, então que eu sofra por uma certeza, pois ficar martelando em minha mente, sofrendo uma perda que ainda não ocorreu, está acabando comigo.

Capítulo 30

Chego à empresa e ele está na porta da sala de reuniões, com alguns dos acionistas da empresa, na certa explicando sobre a troca de investidores. paro onde estou e o observo ao longe. Penso em uma maneira de argumentar com ele para que nosso casamento de mentirinha ainda seja válido, mas não há nenhuma. Ele desmascarou um golpe de um amigo de seu tio e protegeu a empresa, Olavo não vai arriscar tirar a presidência das mãos dele.

Se ao menos ele me amasse! Se estivesse um pouco apaixonado por mim, então manteria isso. Daria uma chance a nós.

Seus olhos pousam nos meus e não sei como agir perto dele. Não depois da noite de ontem, e menos ainda agora que sei que ele vai me afastar. Fico onde estou, incapaz de mover-me e ele vem em minha direção. Abre um sorriso tão lindo, que me pego rindo de volta. Sinto algo como um magnetismo que nos atrai de tal forma, que é impossível evitar. Minhas pernas se movem em sua direção e quando nos aproximamos, sequer conseguimos dizer alguma coisa. Nossos olhares se conectam, preciso desesperadamente tocá-lo, e ele sente o mesmo, pois toca minha mão, subindo os dedos levemente por todo meu braço. Passa os braços à minha volta e me beija. Então me apresenta aos acionistas da empresa como sua noiva, sem deixar de me tocar enquanto os cumprimento.

— Não estou vendo uma sacola com um vestido na sua mão — comenta quando entramos em sua sala.

Deposito a chave de seu carro sobre a mesa e vejo seu olhar assustado.

— Você o dirigiu até aqui ou a Sabrina te mandou entregar isso? —

pergunta preocupado.

— Eu dirigi! Por quê? Algum problema?

Ele tenta esconder um sorriso e senta-se me observando.

— Meu carro está inteiro? — pergunta finalmente.

— Pode-se dizer que sim! — Vejo em seus olhos o resquício do medo e confesso: — Não bati, não arranhei, não amassei, eu nem ultrapassei um sinal vermelho com ele. Ao menos não de propósito. Ele é automático! Não podia ser mais fácil de guiar. Você acha que sou assim tão tonta?

— Não, meu bem. Acho que o universo prega umas peças em você de vez em quando. Não sei, você conseguiu bater um carro estando no banco do carona.

Sento-me diante dele com um sorriso derrotado. Ele está certo. Como ele não diz nada sobre cancelar nossos planos, começo a falar do casamento como se nada demais tivesse acontecido. Enquanto falo, noto seus olhos em mim, mas me olham de um jeito diferente, uma intensidade maior do que a normal e uma calma que não é característica dele. Um sorriso preguiçoso fica pregado em seu rosto enquanto me observa e me parece calmo demais para alguém que vai cancelar um casamento.

— Você se importa se eu não usar um vestido caro de uma grife cara, nem de uma estilista reconhecida?

— Claro que não! Você pode usar o que quiser.

— E se fizermos a festa no seu jardim? Quer dizer, vamos chamar poucas pessoas mesmo, não é? E lá é um lugar tão lindo! Eu já disse a você que é como um lugar dos meus sonhos?

Seu sorriso aumenta e ele se levanta da cadeira.

— Seria perfeito, meu bem!

— Vou usar a cortina do meu quarto e um jardim. Ainda assim quer se casar comigo?

Ele me estende a mão, e quando a toco, me puxa para seus braços, beijando meu pescoço e sentindo meu cheiro.

— Você poderia se casar nua, no meio da praça e ainda assim eu seria o noivo.

Fecho os olhos e me recosto em seu corpo. Deixo que me abrace, me balance, quero aproveitar cada segundo disso.

— Como você está? — pergunto.

— Agora que você está aqui, estou muito bem, minha pequena. Então fique comigo, perto de mim desse jeito durante todo o tempo, e ficarei sempre bem.

— Vocês conseguiram provas sobre o golpe dos Sampaio, não é?

Ele se afasta e me olha confuso.

— Como você soube disso? Nem precisa responder, o meu irmão a procurou.

Assinto e ele vira-se de costas, fica dando voltas pela sala e não me diz nada. Então falo por ele:

— Quer dizer que não precisamos mais nos casar. — Ele me lança um olhar magoado, e me corrijo imediatamente — Isto é, você pode cancelar o casamento, se quiser. Não que você tenha que fazer isso, mas pode fazer isso se quiser fazer. Não que eu queira que você cancele tudo. Nem que você não cancele.

Ele começa a rir, a tensão sumindo completamente de seu rosto enquanto se aproxima de mim e trato de respirar fundo para organizar meus pensamentos.

— Quero dizer, você não tem mais motivos para manter a farsa, não é?

— Na verdade, meu bem, acabei de enviar nosso convite de casamento para meu tio. Ele tem nos acompanhado a um tempo nos jornais e acha que estamos loucamente apaixonados. Imagina se de repente cancelo tudo e ele a vê aqui apenas como minha assistente? Vai pensar que sou mentiroso e não vai mais confiar em mim, certo? — Assinto imediatamente com medo que mude de ideia. — Então ainda vamos nos casar. Isto é, se você quiser, pequena.

Ele me abraça e beija meu pescoço e por um segundo esqueço até o que me perguntou.

— Eu quero! — Seus beijos em meu pescoço me deixam tonta, a barba arranhando de leve me deixa fora do ar, e as pequenas mordidas me fazendo perder a força nas pernas. — Eu amo você! Quer dizer, eu ajudo você.

Ele se afasta e segura meu rosto entre suas mãos, seus olhos nos meus ainda intensos e calmos, aquele sorriso gostoso pregado em seu rosto.

— Ama? Então me beija — sussurra e o beijo.

E quando ele me abraça e pede que eu durma com ele esta noite de novo, entendo que ele não manteria este casamento falso, correndo risco de se ferir de novo, apenas para não passar por mentiroso com seu tio. Ele poderia dar qualquer desculpa a ele. Poderíamos terminar, por exemplo. Adiar o casamento por conta da confusão do que descobriram. Há uma infinidade de coisas que ele poderia usar como desculpa para não se casar, e mesmo assim é exatamente o que ele quer fazer. Não é por medo de perder anos de seu trabalho, ou de seu tio o acusar de algo. É porque ele gosta de mim, quer ficar comigo. Me pego rindo como uma boba em seus braços ao constatar que existe uma chance de Eros se apaixonar de verdade por mim.

Vou dar um jeito de acelerar isso.

Chego ao lindo lugar após três horas cansativas em um ônibus e a recepcionista sorri ao me ver.

— Ayla, certo? Você pode entrar.

Vou direto ao quarto da minha futura sogra e ela está concentrada em um vestido branco, bordando-o com todo cuidado.

— Adivinha o que eu te trouxe? — digo estendendo o convite e Atena exhibe um sorriso sincero ao me ver.

Deposita o vestido com cuidado sobre sua cama e aproxima-se, me dando um caloroso abraço.

— Minha querida, tive medo que não viesse aqui antes do casamento! Sente-se, vamos conversar enquanto termino isto.

Entrego a ela o convite e conto sobre o quase golpe dos Sampaio, o que a deixa horrorizada, aproveito a deixa e tento convencê-la a voltar à vida real comigo.

— Eros precisa tanto de você, Atena! Tim o magoou, ele se sentiu desolado, abandonado, ter você de volta seria um lindo presente para ele.

Ela nega com a cabeça, mas não há mais a convicção em seu olhar de que está fazendo a coisa certa recusando-se a ver seus filhos.

— Meu filho nunca vai me perdoar, Ayla. E ele tem você, agora. Você pode cuidar dele por mim.

— Amor nenhum substitui o de mãe. Estou falando isso como uma filha que perdeu sua mãe. Minha avó tem todo cuidado e tempo para mim e ainda assim não é a mesma coisa. O seu abraço é acolhedor e protetor, mas não como o dela. Há pessoas que são insubstituíveis, Atena, a falta delas nunca deixa de ser sentida. Você deveria voltar para eles. Os dois precisam de você.

Ela vai até a cômoda e pega a escova de cabelo, a deposita na minha mão e senta-se na cadeira de frente para a janela. Começo a pentear seu cabelo e respeito seu silêncio. Ela precisa de um tempo para pensar.

Quando a noite começa a cair, guardo a escova e digo a ela que está linda. Ela me observa ainda perdida em pensamentos.

— Você podia ir ao menos ao casamento, o que acha? Não haverá quase ninguém lá, será na casa do Eros, num lugar especial projetado por ele. Você precisa ver como é lindo! Ele é brilhante! Você poderia, talvez, me levar até ele no altar. Seria como minha mãe me levando a ele.

Seus olhos enchem e ela me abraça.

— Prometo que vou tentar, minha filha. Eu prometo.

Pego minha bolsa para ir embora, quando ela me pede um segundo e estende diante de mim o vestido branco que bordava. É algo simples, mas incrivelmente belo. O vestido é justo, tem um bojo e a cintura em destaque. É de um tecido branco e todo coberto por uma linda renda cuidadosamente bordada por ela. Não é curto, deve ficar pouco acima do joelho, possui uma saia leve, também rendada. Esta renda destaca a forma do bojo, e se estende além dele, pelos ombros, formando mangas curtas e bordadas.

— Eu fiz isso para você usar no casamento no civil. Se você quiser, é claro. Sei que é bem simples, então você não precisa usar se não quiser.

Toco o vestido sentindo-me de repente a pessoa mais sortuda do universo. Então pulo em cima dela, ela se assusta em um primeiro momento, mas logo está rindo do meu ataque.

— Obrigada, Atena, muito obrigada! Ele é perfeito, é claro que vou usá-lo! Eu não consegui encontrar nada que tenha gostado para usar, ele é a coisa mais linda que eu já vi. Muito obrigada!

Ela coloca o vestido em uma caixa, claramente emocionada por eu tê-lo aceitado e a estende a mim.

— Nos vemos no casamento, então — despeço-me e vou embora com essa sensação estranha, desconhecida e maravilhosa que tudo vai dar certo.

Chego em casa e estendo o vestido diante de vovó. Ela o acha lindo, assim como eu. Então faço um pedido que sei que irá cansá-la, mas não pediria a mais ninguém além dela.

— A senhora acha que poderia confeccionar uma saia, com renda bordada como a deste vestido, para que eu possa usá-lo também no casamento?

— É claro que sim, minha filha! Vou comprar tudo o que é necessário amanhã bem cedo e logo pela manhã já começo a fazer isso para você. Posso colocar um cinto aqui para prender a saia sobre esta mais curta. Você a quer com calda?

— Não, vamos nos casar em um jardim. Quero que cubra meus pés, que me faça sentir uma princesa, dessas de contos de fadas. Mas não grande demais ou vou provocar algum incidente.

— Sei exatamente o que vou fazer para você, filha.

— Vovó, preciso te perguntar uma coisa. Na noite em que o Eros veio aqui

e disse para a senhora que fomos fotografados nos beijando, o que mais ele disse? Quero dizer, o que ele disse que a fez ficar calma com isso?

Ela sorri e segura minha mão.

— Querida, sempre disse que você merecia o melhor e que o destino a compensaria por todo seu sacrifício, não disse? Bem, eu não a entregaria a ele se não tivesse absoluta certeza de que ele irá fazê-la muito feliz. Isso é tudo o que você precisa saber.

Assinto, ela não vai dizer nada, mas essa certeza em seus olhos termina por me acalmar também, por confirmar no fundo do meu coração, que ele sente alguma coisa por mim. Só preciso fazê-lo enxergar isso.

Nas vésperas do casamento temos um pequeno problema: Melissa. Por algum motivo, ela está ligando para o Eros o dia todo, até foi à empresa procurar por ele. E por algum motivo, ele decidiu ficar em casa todo o dia. O que não é de jeito nenhum característico dele.

Levo o almoço para ele e comemos juntos quando o telefone dele toca novamente.

— Eros, o que ela quer? Por que você não atende?

Ele me olha por um tempo, então decide dizer a verdade:

— Ela quer que eu me encontre com ela porque precisa conversar comigo.

Sinto um aperto no peito e uma raiva que nem sei de onde veio.

— Vai lá, então! Encontre-se com ela! Isso é de mentira mesmo, não é? — acuso apontando para nós dois.

Ele sorri, me puxa para seus braços e beija minha testa.

— Meu Deus, acho que estou perdido tendo você como esposa! Acalme-se, meu bem. É tudo um plano dela. Lembra-se dos fotógrafos que sempre apareciam do nada? Eram obra dela.

— Você está brincando!

— Não, e é o que ela planeja agora — a voz de Tim nos surpreende. Ele avalia o jardim como se nunca o tivesse visto e seus olhos não voltam em nossa direção. — Ela quer que você se encontre com ela para que de algum jeito fotos de vocês vazem amanhã, no dia do casamento.

Seus olhos finalmente pousam em nós, faz uma careta ao me ver nos braços de Eros, mas estou tão revoltada que nem me dou conta.

— Que filha de uma mãe! Me dá o endereço, deixa que eu me encontro com ela! As fotos que sairão amanhã serão da cara dela arrebitada! — decido

levantando-me e Eros me puxa para o seu colo, rindo alto do meu ataque.

— Não precisa disso, amor. Na verdade, ela sempre quis tornar nosso arranjo público, mas nunca deu certo. Curiosamente, os fotógrafos dela acabaram flagrando a nós dois. Em todas as vezes. Logo, o plano dela se voltou contra ela, já que foram essas fotos que fizeram meu tio pensar que você era a minha namorada.

Sorrio entendendo tudo e imaginando a cara dela quando se deu conta disso.

Tim senta-se numa cadeira e come algo.

— Vocês não vão mesmo cancelar isso, não é? — pergunta por perguntar, porque nossa resposta é óbvia.

— Eu não posso, Tim — Eros responde e Tim finalmente olha para ele.

Há uma troca de olhares entre eles, como uma conversa silenciosa que apenas eles compreendem. Por fim, Tim faz um gesto positivo com a cabeça, quando volta a olhar para Eros, não há mais mágoa, nem acusação ali.

— Ainda não concordo com este casamento, mas não vou permitir que ninguém atrapalhe seus planos, irmão. Melissa não pode ver Ulisses no casamento, Eros. Vai descobrir que é irmão da Ayla e isso seria desastroso.

Antes que eu possa pedir maiores explicações para a preocupação em sua voz por meu irmão ser descoberto, me vem aquela sensação ruim. Levanto-me do colo de Eros, que me observa atento. Os pelos do meu braço se arrepiam, sinto dor no estômago e dificuldade em respirar. Algo vai dar errado. Vai dar muito errado.

— Melissa não pode entrar no nosso casamento. Adoraria vê-la como uma convidada enquanto nos casamos, mas ela não pode, Eros. Se ela entrar, alguma coisa vai dar errada.

Ele assente e me leva de volta ao seu colo, de volta aos seus braços.

— Não se preocupe, meu bem. Ela nem vai saber maiores informações sobre horário e local, não vai nos encontrar, tudo vai ficar bem.

Tim fala algo sobre contratos da Reymond, indicando que vai voltar à empresa e apesar de não ouvir um pedido de desculpas dele, quando confirma que estará no casamento o sorriso de Eros é o perdão que sei que cedeu ao irmão. Aproveito quando Tim vai buscar algo para bebermos e digo a Eros:

— Quarta vez que me chamou assim.

Ao invés de medo, dor ou qualquer reação ruim pela maneira doce como está me chamando, ele apenas sorri e beija meus dedos. Mas, para não ser a

iludida de novo, decido dormir esta noite na casa da Sabrina, temos muito o que conversar.

O casamento no civil aconteceu de manhã. Nunca vou esquecer a maneira como Eros me olhou, como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo. A partir de agora me chamo Ayla Marins Reymond, e o peso desse sobrenome vai muito além de sua importância na sociedade. Ele vai até o passado, até a história de amor dos pais dele, a promessa que Eros fez a si mesmo de que nunca se casaria, que nunca amaria, e segue até o momento em que assinou aquele registro com um sorriso lindo nos lábios e um brilho no olhar de alguém que estava feliz por fazer isso.

Do cartório, vim direto para sua casa preparar-me para a cerimônia que acontecerá ao final da tarde, junto com o pôr do sol. Chamamos pouquíssimas pessoas, a decoração está ficando linda, o que não seria difícil, pois o local em si é maravilhoso.

Vovó passa em volta do meu vestido a saia que costurou e quando a prende em minha cintura, circulando-a com o laço que fez, sinto-me mesmo uma dessas princesas de contos de fadas. Olho meu reflexo no espelho e mal consigo fechar a boca.

— Vovó, isso ficou divino! — comento admirada com as três saias formando uma que casaram perfeitamente com o vestido feito por Atena.

Ela confeccionou uma saia longa, de um tecido maravilhoso e macio. Por cima, uma saia de renda, bordada nas pontas com os mesmos desenhos dos bordados de Atena no corpete do vestido. E a terceira saia é apenas a renda bordada, ela não fecha completamente por cima das outras, mas forma uma espécie de asa e possui uma calda pequena e leve.

— Você se parece a uma princesa! — comenta Maya de boca aberta.

— Quando eu me casar, quero um vestido igual ao seu! — Liah completa.

Vovó para atrás de mim admirando seu trabalho perfeito e quero abraçá-la, mas ela não permite, dizendo que irei amassar todo o vestido. Sabrina termina a maquiagem, coloca a coroa de flores sobre minha cabeça e avalia o resultado final com um sorriso de aprovação.

— Quando você recusou os vestidos caros e as coroas de diamantes e me disse que ia usar algo feito por sua avó e uma coroa de flores, juro que quis matar você! Mas olhando-a agora, Ayla, você não poderia estar mais linda! Isso é tão a sua cara! Você é a noiva mais linda que eu já vi, amiga!

Ajeito meu cabelo solto em ondas, tentando não chorar e não borrar a

maquiagem que ela acabou de fazer. Observo pela janela as pessoas se sentando e Eros ali, de pé em um canto, conversando com Nico. Usa um terno cinza que lhe cai tão bem!

— Ele está tão lindo! — comento.

— Ele vai ficar maravilhado quando a vir, minha querida — a voz de Atena responde e mal posso acreditar que está mesmo aqui.

— Você veio! Vovó, esta é Atena Reymond, a mãe do Eros.

Atena carinhosamente abraça vovó, Sabrina, Andrea e minhas irmãs. Observa meu vestido e reconhece o que fizemos. Seus olhos enchem quando se aproxima e segura minhas mãos.

— Você vai usar o vestido que fiz?

— Claro! Vovó fez uma saia para ele, assim vou me casar com um vestido confeccionado por duas fadas! As melhores estilistas que já vi!

— Obrigada, minha filha. Você é mesmo muito especial! Que sorte tem o meu filho por tê-la!

Volto para a janela e observo Eros. Espero que eu esteja certa e ele esteja mesmo se apaixonando por mim, porque não vou conseguir me separar dele depois. E então vejo Melissa, sentada entre os convidados, observando Uli. Meu irmão está prestes a perder o emprego, já que a bruxa conseguiu entrar aqui. Eros montou um esquema de segurança para impedir sua entrada, mas tive que cancelá-lo com os seguranças para o caso de Atena aparecer. Não podia colocar seu nome na lista, ou Eros e Tim veriam, e caso ela não aparecesse, se decepcionariam. Então os orientei a não seguirem mais a lista de convidados de Eros. Sabia do risco de Melissa aparecer, mas contava que ela não fosse querer assistir este momento.

Eu estava errada.

Ao menos, Atena está aqui e isso compensa a presença desagradável de Melissa.

— Filha, eu vou descer e me sentar com seu irmão, direi a ele que outra pessoa a levará até seu noivo. — Vovó segura minhas mãos, claramente emocionada. — Como você é linda, meu amor! Minha menina! Sua mãe fez um excelente trabalho com você, criou a menina mais linda e especial que conheço.

— Obrigada, vovó. Não me faça chorar, vou borrar tudo.

Ela sorri e acaricia meu cabelo.

— Estou te entregando ao amor da sua vida com o coração tranquilo, minha filha. Às vezes, não vemos o que está diante de nós, Ayla. Para alguns, é mais

difícil enxergar certas coisas do que para outros. O que ele não te diz, pode ser visto em seus olhos, em suas atitudes. Seja sábia, minha filha, mostre a ele o que ele realmente sente.

Vovó deixa o quarto com Andrea e minhas meninas. Sabrina pisca para mim confirmando que mais alguém acredita em suas teorias de que Eros se apaixonou por mim desde o primeiro instante. Olho para Atena, observando os filhos pela janela e aproximo-me dela. É tão estranho que após três meses de pensar que estava acabada, esteja aqui pronta para me casar com o verdadeiro amor da minha vida. Tudo o que vivi até então, volta à minha mente.

Atena segura minha mão e Sabrina segura a calda do vestido enquanto descemos as escadas. Daqui de cima, avisto Eros de um lado, Tim do outro, Melissa sentada em seu lugar como se houvesse sido convidada.

— Como a vida dá voltas, não é Sabrina?

— Do que exatamente está falando?

Penso que se três meses atrás, alguém me mostrasse essa cena do meu futuro, eu a enxergaria de uma maneira totalmente diferente do que vejo agora. Digo isso a Sabrina e narro a ela como seria:

— Tudo aconteceu de repente: fui pega no pulo no quarto de um desconhecido podre de rico. A saída veio à minha mente tão rápido, que eu deveria saber que não daria certo. Uma mentirinha de nada, quase inocente, tão boba que achei que ele nem iria acreditar e aqui estou eu, por causa dessa pequena mentira, segurando as batidas do meu coração em direção ao altar, meu belo e insuportável noivo de um lado, sua louca e malvada namorada do outro e o amor da minha vida sendo nosso padrinho.

Ela sorri.

— E tudo o que virou do avesso desde então...

— É, sua vida deu um giro, amiga.

— Como posso contar agora? Estou me casando de mentira com o amor da minha vida, a ideia foi dele dessa vez. Aquele que pensei ser o amor da minha vida, é nosso padrinho, e não é nem de longe a pessoa que eu enxergava nele. Melissa nunca foi namorada de Eros, na verdade, nem tampouco louca. Era só esperta e má demais.

Atena se afasta assim que termino de descer as escadas e se esconde antes de ser vista. Está tentando seguir com isso, mas tem muito medo. Todos os olhares estão em mim. Encontro o olhar de Eros e sorrio para ele, o verdadeiro amor da minha vida. Indo contra o protocolo, ele vem até mim, segura minha mão e me avalia admirado.

— Não pensei que você pudesse ficar ainda mais linda do que de manhã, Ayla. Você está linda! Mais parece um anjo! Você é a coisa mais linda que já vi na minha vida! — Seus olhos finalmente encontram os meus, há um calor neles, uma luz, admiração, paixão, um brilho que não estava ali antes. Uma certeza. Seus olhos me dizem tanta coisa, que ficamos assim, apenas nos olhando enquanto compreendo tudo o que ele não diz em voz alta, mas sim com o olhar.

Beijo sua mão e não sou capaz de respondê-lo. O que vejo em seus olhos não é apenas admiração, é amor. Tenho certeza disso. Ele me ama.

Olho para Melissa enquanto aperto sua mão e lamento:

— Eu sabia que isso ia dar errado.

— Não se preocupe, meu amor. Ninguém vai estragar isso. Tudo será perfeito como tem que ser, perfeito como você merece.

Ele volta ao seu lugar, a marcha nupcial começa e espero que Atena apareça. Fico parada esperando por ela, todos aguardam que eu pise no tapete vermelho estendido entre as cadeiras, mas quero que ela saiba que não seguirei sem ela.

E, finalmente, ela aparece ao meu lado e segura minha mão.

Capítulo 31

Eros

Demorei a me recuperar após a manhã, quando Ayla abriu a porta de sua casa trajando um vestido branco, justo em seu corpo curvilíneo, cobrindo pedaços de sua pele com uma renda delicada. Estava tão linda que confirmei mais uma vez que ela é, sem dúvida, a coisa mais linda em que já botei os olhos. Tentei não pensar que estava ali para me casar com ela e isso significava que dividiria minha vida com ela a partir daquele momento.

Pensei que fosse precisar me acalmar antes de assinar, respirar fundo e tentar em vão entender mais uma vez porque estava fazendo aquilo. Mas nada disso aconteceu. Assinar aquele registro me assumindo como seu marido perante a lei foi uma das coisas mais fáceis que já fiz. Ao invés do alerta em minha mente, o que ouvi foi a certeza de que eu era o homem mais sortudo daquele cartório.

Se pensei que sua beleza pela manhã fosse demais para eu resistir, foi porque não havia imaginado em como ela estaria agora. Sua silhueta surge ao pé da escada, à vista de todos. Usa um vestido rodado, de renda, semelhante ao de mais cedo, que a deixa exatamente como imagino ser um anjo. Seu longo cabelo castanho descansa em ondas cercado por uma coroa de flores. Está tão linda que por um momento não consigo me mover, e no momento seguinte vou até ela. Preciso tocá-la, senti-la saber que é real e não apenas fruto dos meus sonhos.

Não há palavras que possam descrever o quão linda está, o quão linda ela é. E aqui, enquanto ela beija minha mão e olha em meus olhos, o motivo de tudo isso fica tão claro! Sim, eu já sabia disso, não queria aceitar porque é arriscado demais, mas olhando-a agora, é impossível negar.

Eu a amo.

A amo mais do que qualquer coisa nesse mundo.

A amo mais do que a mim mesmo.

A amo com aquele tipo de amor que temi a vida inteira. O tipo que vi em meus pais, que não pode ser controlado, que nunca vai acabar. E mesmo constatando algo tão perigoso, me pego sorrindo, grato aos céus por ter seu amor, seu carinho, sua fidelidade só para mim. A amo e assumo isso porque tentar negar e procurar outras desculpas para o quanto ela está entranhada em minha mente e coração é cansativo. Amá-la é tão mais fácil!

Ela para ao invés de vir até mim quando a música começa. Observa-me atentamente, mas não se move. Temo que vá mudar de ideia, que a presença de Melissa a faça se arrepender da “farsa” que acha que estamos encenando aqui. Então minha mãe aparece e segura sua mão.

Preciso esfregar os olhos para ter certeza que não estou alucinando, mas não estou. É minha mãe. Olho para Tim ao meu lado que também tem os olhos arregalados, em choque. Minha mãe usa um vestido claro, que ressalta sua beleza, tem o cabelo preso em um coque elegante e está maquiada. Parece uma pessoa normal e saudável, bem diferente de como estava nos últimos meses antes de partir. Sorri emocionada quando nossos olhos se encontram e conduz Ayla até mim.

— Mãe?

Sinto-me sem chão de repente, fora do ar, da realidade. Isso só pode ser um sonho. Quantas vezes pensei em ir até ela e contar que iria me casar, em convidá-la a estar presente, mas não o fiz porque sabia que me decepcionaria mais uma vez? E aqui está ela. Pela surpresa no rosto de Tim ele não tem nada a ver com isso.

— Você está lindo, meu filho — diz emocionada e me abraça. — Que homem lindo você se tornou!

Afasto-me para tocar seu rosto e ter certeza que está mesmo aqui e mal consigo acreditar. Tim também a abraça e chora em seus braços. E não consigo chorar porque ainda pareço fora do ar. Quando Tim se afasta, minha mãe pega a mão de Ayla e a coloca sobre a minha.

— Eu fico tão feliz que você a tenha encontrado, meu filho. Que tenha encontrado seu verdadeiro amor e que ele seja alguém tão especial quanto ela.

— Mãe, como você... o que você... — são tantas perguntas que não sei por onde começar.

— Vamos conversar em breve, querido. O sol está se pondo, vocês não têm

muito tempo se querem fazer isso direito.

— Você não vai embora, não é?

— Agora não, meu querido. Não sem conversarmos, tudo bem?

Confio nela. Apesar de tudo, confio. Pego a mão da minha noiva e então entendo. Foi ela. Tim não tem a ver com isso, a responsável pela presença da minha mãe aqui é Ayla. Por isso mamãe falou dela, já a conhecia. Quero tanto beijá-la que mal consigo me conter. Ela aperta minha mão enquanto o padre fala e só consigo pensar que estou me casando com a melhor pessoa do mundo. Eu amo a melhor pessoa do mundo. E nunca poderei agradecê-la o suficiente pelo que tem feito por mim.

— Você pode beijar a noiva — o padre diz quando o sol se põe e seguro o lindo rosto da minha esposa nas mãos.

Beijo sua testa, a ponta de seu nariz e seu queixo. Olho seus olhos acesos, apaixonados e beijo sua boca. Infelizmente, não como eu gostaria. Por isso a abraço imediatamente e sussurro em seu ouvido:

— Preciso de mais do que esse beijo casto, meu amor. Quero beijá-la direito.

Ela apenas sorri, confirma com um gesto suave de cabeça e sou obrigado a soltá-la para receber os cumprimentos dos meus amigos.

Finalmente, após todos serem guiados até as mesas em volta da piscina, posso ir até minha mãe. Ela conversa com Ayla, as duas em uma cadeira-balanço, rindo como se fossem as melhores amigas. Sento-me diante delas e Ayla se levanta para nos deixar a sós, mas seguro sua mão e a puxo para meu colo. Desde a nossa noite de amor tem sido impossível manter minhas mãos longe dela.

— Como isso aconteceu? — pergunto a mamãe que me conta tudo. A visita de Ayla, seu gesto carinhoso de pentear seus cabelos e o quanto percebeu que ela me amava pela maneira como falava de mim. Ela conta sobre o vestido que costurou, o que minha mulher está usando e beijo a mão de Ayla com verdadeira adoração pelo quão especial é. Me conta sobre o convite que Ayla lhe entregou e os apelos que fez.

Tim está de pé ao meu lado e ouve tudo com lágrimas nos olhos.

— Ela pensava que vocês não poderiam perdoá-la — Ayla diz e Tim imediatamente abaixa-se diante de mamãe e a abraça.

— Como isso seria possível? Quem somos nós para julgá-la, mamãe? Não

temos o que perdoar, você fez o que pôde. Mas a queremos de volta.

Quando ele se afasta ela me lança seu olhar cauteloso. Ayla sai do meu colo e puxo mamãe para meus braços. Não sou capaz de dizer nada, não consigo expressar em palavras como me sinto, mas ela entende. Entende por meu abraço que não a culpo, que a perdoo, que a amo e preciso dela.

— Você não vai mais sumir, vai?

— Não, meu amor. Não vou. Estarei aqui por vocês sempre, eu prometo!

Durante a festa me pego várias vezes olhando as duas mulheres da minha vida, embasbacado. Bobo por minha mãe estar aqui, bobo pela mulher linda e tão incrível que tenho. É mesmo possível ser tão feliz assim?

Converso com meus amigos e ouço de Nico o que sabia que ele diria.

— Cara, você está caído de amores por ela! Eu disse a você que isso ia acontecer! Eu sabia! Ainda bem que vi tudo de camarote.

— O que você quer ouvir, Nico? Tudo bem, você estava certo. Estava certo o tempo todo.

Ele, Selina e Tulio aplaudem minha confissão, e meu olhar mais uma vez busca Ayla. Seu sorriso lindo enquanto dança com suas irmãs, a maneira doce com que me olha de volta, como se soubesse que estou chamando por ela. E preciso tanto tê-la que essa necessidade dói em todo meu corpo. Quero beijá-la, venerá-la, possuí-la. Quero estar dentro dela e dizer que a amo com tudo de mim. Quero agradecê-la pelo que fez hoje, pelo que fez desde o primeiro instante em que nos vimos. Quero guardá-la em meus braços e não deixá-la ir nunca mais.

As pessoas começam a ir embora. Despedir-me de mamãe é um pouco difícil. Ela vai dormir na casa de Tim e promete mais uma vez que não irá embora. Que vai nos receber, que vai nos procurar. Me agradece pelo presente de uma filha e, apenas observando a maneira como olho minha esposa, percebe o quanto a amo e me felicita por isso.

E quando todos se foram, subo finalmente ao meu quarto, ao nosso quarto. Seguro a mão de Ayla e noto o quão cansada está. A pego no colo para entrarmos no quarto, o que a faz rir. É tão bom vê-la assim, tão tranquila e feliz! Ela esteve preocupada com a presença de Melissa e seu medo que ela fizesse algo, mas Melissa apenas sentou lá e assistiu a tudo calada. Foi embora assim que a cerimônia acabou sem se despedir de ninguém, e não fez absolutamente nada. Acho que entendeu que nada podia ser feito. Que estava certa o tempo todo, vi em Ayla o que não vi em mais ninguém a minha vida toda.

Deposito minha esposa sobre a cama e enquanto ela tira seus sapatos, preparo um banho na banheira para que possa relaxar do cansaço deste dia. A ajudo a desabotoar o lindo vestido, achando-o ainda mais lindo agora que sei que foi feito por minha mãe e por Sofia e antes de deixar que caia por seu corpo, a giro de frente para mim, observando-o em seu corpo.

— Você nem parece real, meu bem. É perfeita demais para ser de verdade.

— Como você está se sentindo? — pergunta.

— Louco, meio bobo, um pouco assustado, grato e tão feliz que mal posso acreditar que tal felicidade realmente exista. E você está muito cansada, certo?

Acaricio seu rosto e ela pensa um pouco antes de responder.

— Depende. Talvez eu possa fazer um pouco mais de exercício hoje.

— Talvez? Acho que posso convencê-la então, meu bem.

Tiro o vestido que cai sobre seus pés e seus olhos brilham, observando-me com ansiedade e desejo. Ajoelho-me diante dela, beijo sua barriga e passeio a boca por ali enquanto tiro sua lingerie. Ela fecha os olhos e está totalmente entregue. Enquanto me levanto, vou subindo a boca por seu corpo, no vão entre os seus seios e os contornos levemente com os dentes. A deixo completamente nua diante de mim, então a pego em meus braços e a levo até o banheiro. Ela sorri como uma menina ao avistar a banheira cheia e a coloco nela com todo cuidado.

Me encaixo atrás dela, e ela se recosta em meu peito, o delicioso cheiro de flores em seu cabelo pela coroa que usava. Pego a bucha e a passo devagar por seus braços, ouvindo sua risada gostosa.

— Vou deixá-la bem relaxada para que queira fazer mais alguns exercícios hoje, meu bem.

— Sou toda sua — responde enquanto passo a bucha por seus seios e barriga.

— Por isso você cancelou minha lista de segurança, não foi? Miguel me alertou que você os mandou desconsiderá-la. Você o fez para que minha mãe pudesse entrar.

— Sim. Tive medo de falar com você sobre ela, e ela não aparecer. Ela estava realmente com medo da reação de vocês. Eu não queria dar esperanças e depois decepção, entende? Pena que graças a isso, Melissa entrou.

— Não vamos falar dela, não esta noite. Nada aconteceu, nosso casamento não podia ter sido mais perfeito, você não acha? Eu nunca poderei agradecê-la o suficiente pelo que fez por mim, Ayla. Nunca! Você não tem ideia do que fez, do

quanto me ajudou, você é melhor a coisa que aconteceu na minha vida.

— Você não precisa me agradecer, faz tanto por mim e nem se dá conta. E tudo foi como um conto de fadas — comenta relaxando em meu peito e largo a bucha para ensaboá-la com minhas mãos. Preciso tocá-la, senti-la mais.

Passeio minha mão por todo seu corpo, cada pedacinho dele, acalmando-a, cuidando dela. Ela se vira na banheira e senta-se em meu colo para fazer o mesmo que eu. Passa as pernas por meu corpo e ensaboa suas mãos, passando-as por meus braços, peito e barriga. Deposita beijos suaves em meu rosto enquanto faz isso e sinto seus seios tocando meu peito. O sorriso lindo que não deixa seu rosto e o amor presente em seus olhos.

Quero dizer a ela que a amo. Que a amo mais do que tudo. Mas as palavras não saem. Olho para ela aqui, no meu colo, banhando-se comigo, cuidando de mim e o que sinto é tão forte que me tira as palavras. Então a puxo para meus braços e a prendo aqui, em mim. beijo seu pescoço, seu rosto e sua boca como um desesperado. Ela passa os braços por meu pescoço e a aviso:

— Vou me levantar, tudo bem? Segure-se em mim.

Rindo como uma criança, ela se agarra a mim e me levanto. Saímos pingando água pelo chão do banheiro, ela presa em meu corpo. Acendo a lareira enquanto ela passa a toalha por minhas costas e nos cobre com ela.

— Nada de cobrir, amor. Agora quero você nua.

Tiro a toalha e a jogo ao chão, e caio na cama com minha mulher. Por cima dela, já beijando sua boca linda enquanto suas mãos percorrem meu corpo. Sentindo sua pele molhada em cada centímetro do meu corpo, o calor do seu toque, seus beijos apaixonados. Beijo seu corpo onde minha boca alcança, não quero ter que me desvencilhar dela. Quero mantê-la assim, grudada em mim, cada centímetro de sua pele na minha. Ouço-a gemer e suas unhas se cravam em minhas costas enquanto beijo seus seios, há uma luta em mim entre a necessidade de estar dentro dela e a necessidade de mantê-la assim, colada em mim.

A toco para me certificar que está pronta e ela geme mais alto. A prendo em meus braços e giramos na cama, ela passa as pernas pelo meu corpo e se encaixa em mim. Sento-me, segurando-a em meus braços, sentindo seus seios em meu peito enquanto nos movimentamos, beijando sua boca com todo amor e desejo que sinto por ela. Ela passa os braços por meu pescoço para se mover mais rápido e a ajudo guiando-a, suspendendo-a em mim. Seus braços à minha volta me apertam um pouco mais forte antes de ela gritar em êxtase e a sigo, me derramando nela, me encontrando em seu prazer, e me perdendo em sua paixão.

Caio de costas na cama e puxo a coberta sobre nossos corpos, ela entrelaça as pernas nas minhas e permanece assim, em meu peito, acariciando minha barriga, relaxada e sonolenta. Canto para ela dormir, acaricio seu cabelo, sinto essa necessidade de mimá-la, cuidar dela. E ela adormece. Ainda fico algumas horas ouvindo sua respiração leve, tocando sua pele, sentindo seu peso sobre meu corpo, admirando seu rosto. A amo tanto que me assusta! Ela me tem em suas mãos, pode me fazer feliz, ou acabar comigo. E mesmo assim nada tão maravilhoso me aconteceu antes.

Vou encontrar um meio de dizer a ela o que sinto. Ou talvez não precise de palavras. Precise apenas mantê-la ao meu lado todos os dias, o tempo inteiro, na minha cama, nos meus braços. Tenho um ano garantido para isso. Um ano para fazê-la entender que é o amor da minha vida. E vou mostrar isso a ela de todas as maneiras possíveis.

O sol já brilha forte lá fora quando desperto. Tateio a cama em busca dela, mas não a encontro, com certeza já se levantou. Vejo que o vestido de noiva não está mais jogado ao chão, e a mala que trouxe no dia anterior também não. Talvez fossem apenas coisas necessárias para o casamento, ela tem muitas roupas, não caberiam em apenas uma mala. Desço chamando por ela, mas não obtenho qualquer resposta. Olho a cozinha, o jardim, os campos e nem sinal dela. Subo de volta ao quarto chamando seu nome e ela não está. Não está em lugar algum. Ligo para Ulisses que não me atende, então ligo para Sofia, que me confirma que Ayla está em sua casa, ajudando as irmãs no dever de casa e a informou que não vai deixar de morar lá.

O que ela pensa que está fazendo?

Troco de roupa rapidamente e dirijo como um louco até a casa de sua avó. Se essa maluca acha que vai mesmo me deixar sozinho, está muito enganada! Sofia abre a porta e me deseja boa sorte, apontando para cima. Subo as escadas determinado e a avisto em seu antigo quarto, admirando o vestido de noiva estendido na cama com olhos melancólicos. Quando entro no quarto ela leva um susto, mas sorri docemente para mim como se não tivesse acabado de me abandonar após nossa lua de mel.

— O que aconteceu, Ayla?

Ela me olha confusa e quero mesmo jogá-la nos meus ombros e levá-la embora agora mesmo.

— Acordei de manhã e você não estava.

— Eu não quis acordá-lo, você parecia em um sono tão bom! Estava

mesmo precisando descansar.

— Agradeço a consideração em me deixar dormir, mas por que não teve essa mesma atitude ao invés de sair de fininho da nossa casa?

Ela sorri, está calma e sorridente. Volta a analisar o vestido enquanto responde:

— Não combinamos que eu moraria com você.

Simples assim, como se palavras não ditas justificassem ela ter ido embora.

— Não foi preciso, isso estava óbvio.

— Na verdade, não estava. Este casamento não é uma farsa? Uma mentirinha? Não pensei que fôssemos ser marido e mulher de verdade.

Aproximo-me dela muito próximo de cumprir as vontades do homem das cavernas em mim. Pergunto baixinho, bem próximo ao seu ouvido:

— Está dizendo então que não quer fazer amor comigo todas as noites, Ayla?

Ela prende a respiração por alguns segundos e parece fora do ar. Olha-me como se eu fosse comestível e um sorriso irresistível surge em seu rosto.

— Uau! Você é bom nisso. Adoraria fazer amor com você todo o tempo, Eros, mas estou me resguardando. Você entende, certo?

— Não! Absolutamente não! Está se resguardando de quê? Me explica isso direito.

Ela aponta para a cama, para que eu me sente, mas me nego. Então ela se senta. Como uma madame, cruza as pernas e descansa os braços sobre elas. Me olha tão docemente que penso que está mesmo tentando me enlouquecer!

— Nosso casamento é de mentira, querido, mas o meu amor por você, não. Não quero me habituar a ser sua esposa, a dormir nos seus braços, dividir sua rotina, sua casa, sua cama e depois ter que abrir mão não só da sua presença, mas de tudo. Vou ter que abrir mão dos meus dias, da rotina que vou criar, da casa que chamarei de lar. Não vou passar por isso. Então sempre que você precisar e perante os outros me comportarei como sua esposa. Mas não vou deixar a casa da minha avó por menos do que um casamento de verdade.

Seguro seus ombros e olho em seus olhos.

— Você quer algo mais real do que a minha mãe a entregando a mim, Ayla? Quer algo mais real do que o vestido confeccionado por ela e sua avó? Quer algo ainda mais real do que a noite de amor que passamos juntos? Não entendo o que você quer.

— Tem razão, você não entende.

— Você vem comigo agora, por favor, você precisa voltar comigo.

— Por quê? Seu tio vai à sua casa hoje?

— Não, Ayla eu estarei na nossa casa hoje! Quero você lá! Do meu lado! Na minha cama! O que é tão difícil de entender?

Ela se levanta e me observa com acusação nos olhos.

— Espere um pouco, está me dizendo que além de me casar com você para ajudá-lo com seu tio, ainda espera que eu durma com você todas as noites de mentirinha? Como exatamente seria isso?

— O que quero fazer com você todas as noites não vai ter nada de falso.

— Então o que está propondo? Um casamento de verdade? Para sempre?

— Estou propondo o que você quiser, meu bem, só volte pra casa comigo.

Ela se aproxima e me abraça. A prendo em meus braços comemorando internamente por tê-la finalmente convencido, quando ela termina de afundar a face em meu peito.

— É uma pena que não exista um botão onde eu possa ligar seus sentimentos por mim, Eros. Desculpe, mas não vou voltar com você, o ajudo no que for preciso, mas não nisso. Tenho que me proteger de você, do que sinto por você. Por favor, não me force a isso.

Derrotado, saio de sua casa e volto para a minha. Quem precisa da companhia dela? Observo a cama bagunçada e sinto o cheiro de flores de seu cabelo no travesseiro.

— Merda! Eu preciso da companhia dela. Essa maluca! O que faço agora?

São quase três da manhã e ainda não fechei meus olhos. Sinto fala dela. Sinto-me decepcionado por toda a vida que imaginei que teríamos juntos, e que ela está abrindo mão. Mas bem, ela não sabe como seria nossa vida juntos, portanto, não é difícil abrir mão dela. Talvez eu devesse ir até ela e contar. Falar dos sonhos que tive, dos planos que fiz, convencê-la a ficar comigo, a dividir essa vida comigo. Porque não sou capaz nem mesmo de dormir sem ela. Como vou viver sem ela?

Ligo para minha mãe que atende alarmada e com a voz sonolenta.

— Mãe, desculpe incomodá-la, é estranho poder ligar para você e pedir um conselho. Bem, é normal não conseguir viver sem alguém com quem você nunca viveu? Ou estou mesmo ficando louco?

— Ah, meu filho, isso é normal quando se ama alguém. Você quer dividir tudo com essa pessoa, cada minuto do seu dia, e mesmo que não tenha feito isso

antes, o coração sente falta do que poderiam estar dividindo juntos. Tudo o que você imagina com essa pessoa, os sonhos que tem, tudo isso faz falta como se tivessem de fato acontecido. A ansiedade em viver algo que você tanto quer, causa a saudade, como se você já tivesse vivido. Quer me dizer o que aconteceu?

— Não posso, mãe. Mas obrigado. Agora que sei que não estou louco, vou buscar minha mulher.

— Filho, você não quer esperar até de manhã para fazer isso?

— Não! Não posso, não vou esperar. Boa noite, mamãe. E mais uma vez, desculpe.

Desligo o telefone e coloco uma roupa. Chego à casa de sua avó e não sei como chamá-la. Não quero tocar a campainha e acordar a casa inteira. E a maluca da minha mulher ainda não tem um celular. Por que mesmo não dei um a ela? Ligo para Ulisses que atende no primeiro toque.

— Uli, tudo bem? Eu o acordei?

— Não, estou vendo um filme. Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu sua irmã! Está me deixando louco! Você pode abrir a porta da frente para mim? Eu vim buscá-la.

— Claro!

Ele abre a porta rindo de mim, sei que seu sorriso é da minha cara e do meu desespero, mas não me importo. Subo as escadas tentando ao máximo não fazer qualquer barulho para não acordar Sofia, e encontro Ayla saindo do banheiro.

— Eros, o que faz aqui? — pergunta surpresa, mas noto o sorriso que disfarça muito mal.

— Eu vim buscar você. Você vem comigo agora, vamos.

Seguro sua mão e a levo até a porta de entrada, mas ela se solta antes de sairmos na rua e me encara como se eu fosse louco.

— O que você está fazendo aqui a essa hora?

— Não consigo dormir, eu vim buscá-la.

— Me buscar por quê?

— Porque... — deveria dizer que é porque a amo e não vivo sem ela, mas o que sai da minha boca é: — meu tio vai pra nossa casa de manhã. Vai ficar uns dias lá, você disse que me ajudaria na frente dele.

— Tudo bem, mas posso ir pela manhã, certo?

— Não, é muito arriscado, você vem comigo agora.

Ela parece na dúvida, observando-me em busca de algo.

— Ayla, não precisa ter medo. Um ano é pouco para você? É esse o seu medo? Se for podemos fazer isso por dez anos, vinte, trinta, cem, além da vida, o tempo que você quiser, só fica comigo. Venha comigo.

Estendo minha mão e ela a toca. Cede tão de repente que o alívio que sinto vem acompanhado da sensação que estou cada vez mais louco. A guio até meu carro antes que mude de ideia, a acomodo sentada no banco do carona e passo o cinto de segurança por seu corpo, o que a faz rir.

— O que é tudo isso?

— Só quero garantir que você vai mesmo voltar comigo.

— Você nem me deixou pegar minhas coisas.

— Buscamos juntos amanhã. Não confio em você para vir aqui sozinha, você é muito imprevisível! Pode entrar para buscar roupas e não querer mais voltar — explico e fecho a porta enquanto ela ri.

Sento ao seu lado e ligo o carro, ela parece tão calma e convencida a fazer isso! Será que ainda vai fugir? Está pregando uma peça em mim?

Chegamos à nossa casa e a ajudo a descer do carro, guiando-a para dentro, pelas escadas, até nosso quarto. Tiro minha roupa enquanto ela me observa mantendo um sorriso no rosto, e tiro a dela. Ela segura minhas mãos e me guia até a cama, acalmando-me.

— Vamos dormir, meu amor. Deite-se para que eu possa me deitar em seu peito — pede manhosa e prontamente obedeço.

— Você também não conseguia dormir? — pergunto enquanto ela se ajeita sobre meu corpo e a cubro.

— Não. Senti sua falta.

Sorrio como um bobo e a abraço, meus olhos fechando mais rápido do que gostaria, ainda gostaria de observá-la por um tempo. Noto que seus olhos também estão pesados. A advirto antes que nós dois caiamos no sono:

— A quero ao meu lado quando acordar de manhã, tudo bem? Ao menos, dentro desta casa, sob o mesmo teto que eu, me prometa.

— Eu prometo.

— Boa noite, amor.

— Boa noite, meu amor. Eu te amo!

— Eu também te amo — respondo baixinho segundos depois, mas não tenho certeza se ela ouviu.

O sono me toma e a última coisa que penso é que preciso ligar para meu tio logo pela manhã e convencê-lo a passar uns dias na minha casa.

Capítulo 32

Eros está em um sono pesado quando acordo e fico alguns minutos observando-o tão calmo em sua enorme cama, seus braços à minha volta, sua perna sobre as minhas, o cabelo desganhado e uma expressão tranquila no rosto. Me desvencilho dele com cuidado, visto algo e vou preparar seu café da manhã. Ou da tarde, quando vejo a hora no micro-ondas.

Reviro sua geladeira e despensa, e encontro ingredientes suficientes para fazer um bolo. Mas não para fazer o almoço. Estou concentrada batendo a massa quando ele surge. Usa apenas uma calça de moletom baixa demais, me fazendo prender a respiração por alguns segundos. Observa-me com um sorriso tanto aliviado, quanto divertido.

— Pensou que eu tivesse ido embora? — pergunto ao reparar seu rosto vermelho e respiração acelerada, como se estivesse correndo.

— Eu confiei na sua palavra, você me prometeu — mente descaradamente observando cada centímetro do meu corpo com um sorriso divertido. — O que está fazendo?

— Um bolo.

— Na sua cabeça? Acho que temos recipientes próprios para isso em algum lugar aqui — brinca aproximando-se de mim e tirando farinha do meu cabelo.

— Tudo acontece quando vou fazer bolo, o pacote de farinha de trigo estourou quando fui abrir. Enfim, sou um desastre, você terá que se acostumar a isso — explico desanimada.

— Você está linda! — diz tocando meu rosto e olhando-me como se quisesse me possuir aqui mesmo, neste momento, coberta de farinha. — Está

quase comestível.

Me puxa para seus braços, sujando-se de farinha comigo e me beija, um beijo tão doce, que imediatamente perco a força nas pernas e ele me ampara.

Ele permanece na cozinha, perto de mim o tempo todo. Me ajuda a bater a massa, e faço uma lista de compras enquanto a massa termina de assar.

— Eros, — chamo enquanto ele toma o café que fiz, observando-me transitar por sua cozinha. — Onde está seu tio? Ele não ia chegar esta manhã?

Ele engasga com o café quente e o observo atentamente. Está me escondendo alguma coisa.

— Deixou para vir amanhã, eu disse a ele que fomos dormir muito tarde ontem, você sabe, acabamos de nos casar. Então ele vem amanhã logo pela manhã. O que tanto você mexe aí nesses armários?

Sinto que está me tapeando de novo, como tem o costume de fazer, mas resolvo deixar para lá, porque ele parece lindo demais enquanto passa um pano molhado pelo café que caiu em seu peito. E eu poderia lambê-lo agora mesmo, mas me controlo e me concentro em responder sua pergunta.

— Sua despensa está vazia. Como vou fazer o almoço assim?

Ele me avalia com um sorriso e demora a responder.

— Geralmente, não como em casa, por isso não tenho nada na despensa. A Melissa tem uma cozinheira que é como uma avó para mim. Sou louco para tirá-la dela, mas como não como em casa, ela não aceitaria receber sem trabalhar. Talvez poderíamos contratá-la agora. Você iria adorá-la. E ela a você.

Bato a porta do armário e o encaro pronta para matá-lo. Estou tão irritada de repente que sequer entendo de onde isso veio.

— A cozinheira da Melissa? Sei! Assim você pode manter uma lembrança dela, não é?

Ele ri alto, larga o pano sobre a pia e me suspende do chão em seus braços, rodopiando comigo pela cozinha.

— Você é tão ciumenta! Onde fui me meter, meu Deus? — Me deposita de volta ao chão, ainda me mantendo em seus braços e toca meus lábios com o seus, rapidamente. — Não quero lembrança nenhuma dela, Deus me livre! — Outro beijo e já começo a me acalmar e perdoá-lo. — Tudo o que eu quero na vida é você, minha pequena. Você ouviu o que eu te disse ontem?

— Sim, — respondo já completamente domada, passeando os dedos por seu peito firme e me derretendo em seus braços. — Você me pediu para não ir embora.

— Foi tudo o que você ouviu?

Há um brilho em seus olhos que indica algo muito maior dito por ele. E seria tão a minha cara dormir num momento como esses, que me desespero.

— Por quê? Você disse alguma coisa a mais? O que você disse? Era importante? Se sim, você pode repetir, certo? Não me importo em ouvir agora, pode falar!

Ele está rindo quando me solta e desliga o forno que está apitando.

— Por que não tomamos o café e vamos a um mercado encher nossa despensa?

— Você está fugindo! Tudo bem, pode ser. Isso me lembra que prometi as minhas irmãs que as levaria em um mercado caro para que pudessem encher uma cesta com produtos caros um dia. Ainda bem que elas já se esqueceram dessa promessa.

Corto o bolo e o sirvo. Ele serve duas xícaras de café para nós dois e nos sentamos para comer.

— Façamos isso, então. Vamos à casa da sua avó, você pega suas coisas e pegamos as meninas. As levamos para almoçar e depois vamos todos ao mercado, elas podem pegar o que quiserem lá.

Ele acabou mesmo de me dizer que quer passar o resto do seu dia com minhas irmãs pirralhas e bagunceiras apenas para satisfazer a vontade delas?

— Você não tem que fazer isso — aviso.

— Eu quero fazer isso.

Como é possível que ele seja real? Dou a volta pela bancada e me jogo em seus braços, que me aperta de volta, depositando beijos em meu pescoço e as palavras me escapam porque o sentimento é grande demais para ser contido:

— Eu te amo! Sinto muito se dizer isso o machuca, mas você me faz querer dizer o tempo todo!

— Não me machuca, meu bem, pelo contrário. Diga quando quiser, quantas vezes quiser, vou mimá-la o bastante para que queira dizer isso o tempo todo.

Seguro seu rosto em minhas mãos e o beijo. Quando me afasto para voltar ao meu café, ele me impede.

— Fica aqui, come aqui comigo.

Sento-me em seu colo, puxo minha xícara do outro lado da bancada e tomamos café assim, o mais próximo possível um do outro.

Chegamos à casa da vovó, e é tão estranho dizer casa da vovó ao invés de

minha casa! Entro na frente enquanto ele estaciona e assim que me vê, vovó já vai falando:

— O que você está fazendo aqui? Não vai me dizer que você saiu de casa de novo para forçar o pobre Eros a perceber que ele a quer lá?

Corro até ela e cubro sua boca com a mão.

— Fala baixo, vovó! Ele está aqui!

Olho para trás e ali está ele, avaliando-me com um sorriso enorme no rosto. Joga-se no sofá da sala e ri alto. Seus olhos pousam em mim divertidos e se dirige a vovó quando fala.

— Vovó, tem daqueles biscoitos?

— Pra você sempre tem, meu filho. Eu vou pegar.

Assim que vovó se afasta, ele se levanta e me abraça por trás, dizendo em meu ouvido:

— Um plano, então? Quase me enlouqueceu de propósito?

— Foi preciso — respondo e sinto-o rir em meu ouvido. — Não quer dizer que seja de todo mentira, meus motivos eram muito válidos.

— Sei, você vai me pagar por isso, maluquinha. Vou cobrar cada segundo em que sofri sentindo sua falta. Esta noite, você me paga!

Ele me solta e quase caio, minhas pernas de repente estão bambas e só não pulo sobre ele agora mesmo porque minhas meninas surgem correndo e pulam sobre nós, gritando enlouquecidas quando Eros diz a elas que vamos ao mercado para que possam pegar tudo o que querem. Ele ainda tem o cuidado de mexer nos armários da vovó e faz sua própria lista de compras para ela.

— Eros, você não precisa...

— Para com isso, meu bem. É minha família agora, só me deixa cuidar dela, tudo bem?

Assinto e seguro o eu te amo que quer escapar. Olho para vovó que me olha de volta emocionada. Ela se senta e o ajuda com a lista, claramente agradecida por seu gesto. Não que ela precise que ele faça suas compras, Uli lhe entrega seu salário inteiro todo mês, ela tem sua aposentadoria e eu pago o aluguel. Mas sua emoção vem do gesto dele em si, como se fosse mesmo seu neto, como se fosse da família.

— Ayla, você não vai dizer que me ama? — provoca enquanto mexe na geladeira e sorrio.

Vovó também sorri escondendo a emoção e nós duas o abraçamos, declarando nosso amor eterno a ele, que nos abraça de volta como se fôssemos

mesmo uma linda família.

Acordo com o sol forte lá fora e percebo que perdi a hora do trabalho. Procuro por Eros que não está em lugar nenhum. Desço pela casa pensando que deve ter ido trabalhar e não quis me acordar, quando escuto sua voz conversando com outras pessoas. Em uma mesa no jardim, estão Atena e o tio Olavo, há uma mala ao lado dele, o que indica que Eros não estava mentindo e ele realmente vai passar uns dias aqui. Também está Tim, já com o terno de trabalho, ao contrário de Eros, que ainda usa uma calça larga de moletom e uma camiseta.

Aproximo-me prendendo o robe sobre a camisola e abraço Atena.

— Foi você que fez este bolo? — tio Olavo pergunta animado e quando confirmo, levanta-se e me abraça também. — Uma maravilha! Além de ser noiva mais linda que já vi, ainda é uma confeitadeira de mão cheia! Vou comer isso o tempo todo enquanto estiver aqui! Se você os fizer para mim, é claro!

— Claro que farei, tio! Cada dia um sabor diferente.

Cumprimento Tim com um gesto de cabeça e me aproximo de Eros. Amo o jeito como me olha, essa sensação tão natural de que era exatamente assim que deveríamos estar. Nunca havia sentido isso na vida, até o dia em que ele dormiu comigo, quando machuquei o pé. No começo, foi uma coisa estranha, como uma paz interior, um sentimento de que estava no lugar certo com tudo o que poderia querer na vida. Eu não almejava nada mais do que o que tinha ali, e não precisava de nada mais. Era tão natural estar com ele! E continua sendo. Vejo essa naturalidade no jeito como me olha e estende os braços para que me junte a ele.

Sento-me em seu colo, como fizemos ontem, ele me serve uma xícara de café e converso com Atena e Olavo enquanto dividimos um pedaço de bolo, que num gesto automático coloco em sua boca.

— Então estamos de folga hoje? Porque estamos um pouco atrasados — brinco e todos riem. Todos, menos Tim, que percebo estar nos olhando como se estivesse vendo algo muito errado.

Mas, ao invés da acusação ou negação, o que vejo em seu rosto é tristeza. Ele sorri para mim ao ver que o estou olhando, um sorriso triste, resignado que não compreendo. Atena fica para passar o dia conosco e Eros vai buscar as meninas na escola e a vovó para almoçarem conosco. Até Sabrina vem em seu horário de almoço, apenas Tim recusa o convite e não insistimos.

Voltamos ao trabalho na manhã seguinte e é engraçada a quantidade de

“bom dia” que preciso dar até chegar à minha mesa. De repente todo mundo vai com a minha cara. Menos Louisa, ela continua me olhando como se eu fosse sua pior inimiga, em sua devoção pela bruxa Melissa. Sabrina e eu temos uma teoria de que Melissa a enfeitiçou, por isso esse amor incondicional por ela.

— Por falar na bruxa, não é estranho que não tenha aprontado nada no seu casamento? Quer dizer, o que foi fazer lá então? — Sabrina pergunta e dou de ombros.

— Ainda sinto que alguma coisa está errada em relação a ela. Tive um pressentimento que ela não deveria estar lá, ela esteve e nada aconteceu. Meus pressentimentos quase nunca falham.

— Vira essa boca para lá, Ayla! — grita batendo na madeira repetidas vezes, e a acompanho. Ficamos as duas como loucas batendo na bendita madeira.

Apenas quando Eros nos lança um olhar estranho de sua sala, nos recompomos e paramos com isso.

— Tio, adivinha o que vou fazer para o jantar? — grito da cozinha quando chegamos em casa, e tio Olavo surge com seu sorriso caloroso, ansioso por ver o que comprei.

— Me diga que vai fazer isso frito! Minha mulher não me deixa comer frituras! Estou a um passo de entrar em abstinência.

— Frito e empanado. O que o senhor acha?

Ele comemora o peixe frito que poderá comer e diz a Eros quando ele entra na cozinha:

— Sua mulher é a melhor pessoa do mundo, meu filho! Que sorte você tem!

— Eu sei, meu tio. Ela é mesmo maravilhosa — responde lançando um olhar tão apaixonado para mim que quase me derreto aqui mesmo, na frente do tio dele, antes de fazer o jantar.

— Vocês deviam dar um tempo do trabalho e rotina e viajarem em lua de mel. Há algum lugar que você queira conhecer, Ayla?

— Todos os lugares. Nunca saí do país, então amaria conhecer tudo. Mas na verdade não há necessidade de viajarmos agora. Quando entramos em casa parece que a rotina se quebra, é sempre divertido, sempre imprevisível.

— Tudo o que a gente faz junto é novo. Ainda nem exploramos toda a casa. Não a joguei na piscina, por exemplo — Eros provoca lembrando-me do dia em

que o vi de sunga e caí na água e sinto meu rosto aquecer imediatamente.

— Tão lindo um amor como o de vocês! Que bom que vivi para ver isso. Minha empresa não poderia estar em melhores mãos!

Apesar da harmonia que temos, de tudo o que descobrimos juntos, de como unimos nossas famílias de uma maneira que Atena já foi à casa da vovó, costurar com ela. Ainda falta uma coisa, uma coisa que está presente, que sinto em cada gesto dele, como vovó disse que seria, mas que ainda não foi confirmada em palavras. E apesar de saber que ele me ama, sinto que não disse isso em voz alta, na minha cara, porque ainda tem medo disso. Por mais que não consiga evitar, que se entregue ao que sente e demonstre isso de mil maneiras diferentes todos os dias, ainda tem medo de dizer isso em voz alta e, de alguma forma, tudo desandar.

Atena me disse que ele jamais conseguiria viver sem mim, mas que jamais vai admitir isso. Pode ter admitido a si mesmo, mas não para mim. Ao invés, ele vai tentar me mimar, me cuidar e fazer de tudo para que eu não queira ir embora, e vai sempre sentir medo que eu mude de ideia. E ele demonstra esse medo cada vez que saio com a Sabrina ou vou sozinha à casa da minha avó. Me liga a cada dez minutos perguntando quando volto, quando o que quer perguntar é se vou voltar. Sinto esse medo todos os dias, quando vamos dormir e ele me pergunta se estou bem, se estou me sentindo em casa, se ainda tenho medo. E não quero que ele sinta medo. Quero que diga que me ama, mais do que isso, que entenda que não vou a lugar algum, nunca! Não importa o que aconteça.

Tio Olavo anuncia na sexta à noite que vai embora na manhã seguinte, pois está com saudade de sua esposa. Imediatamente, os olhos de Eros me buscam, aquele medo presente neles e durante o resto do jantar ele não diz nada. Quando vamos dormir, ele comenta:

— Agora que o tio Olavo vai embora, poderíamos contratar a Clara, a cozinheira que te falei, o que acha?

— Você não gosta da minha comida, então — brinco e pela primeira vez nas últimas horas ele sorri. Me puxa para seus braços e me prende ali.

— Amo sua comida, amo tudo o que você faz, amor. Só quero livrá-la da Melissa, e agora comemos em casa todos os dias, pensei em ajudá-la.

Afasto-me dele e olho em seus olhos. Abro a boca para dizer que irei embora com seu tio, que não temos mais que fingir se ele vai estar na Espanha, mas vejo o medo ali e não digo nada. Assinto, concordando com sua ideia e o beijo. Preciso pensar em algo que o faça superar esse medo de dizer o que sente

e entender que nunca irei feri-lo, que não teremos o mesmo destino de seus pais.

Seguro seu rosto e o beijo de novo. Imediatamente, ele me levanta em seus braços e me deposita na cama. E fazemos amor por tanto tempo, que temo ser mesmo uma despedida, temo que o que vou fazer vá dar errado e irei perdê-lo. Enquanto ele dorme, me segurando em seus braços, o observo e penso na melhor maneira de continuarmos com isso, com essa paz, essa felicidade plena, essa naturalidade que temos juntos. O momento é agora, quando tio Olavo está saindo, pois não vai fazer sentido depois.

Fecho os olhos e peço em oração que dê certo, pois não vou mesmo sair de sua casa, não conseguiria mais viver sem ele. Exatamente por isso, precisa dar certo. Pois, se ele não disser que me ama ao pedir que eu fique, não vai dizer nunca. E serei eu a viver nossos dias juntos com medo de isso de repente acabar.

Tio Olavo sai logo pela manhã, após tomarmos café juntos, e realmente adorei conhecê-lo. Ele me contou algumas coisas sobre seu irmão, o pai de Eros, inclusive onde está agora, e tenho alguns planos em mente para fazê-lo ver o filho. Preparo o almoço com a sensação de que será a última vez. Posso não estar aqui amanhã. E segunda, Clara começa a trabalhar aqui, de toda forma. Eros senta-se sobre um banco e me observa. Não diz nada enquanto cantarolo, mas seus olhos raramente se desviam de mim. Me ajuda a picar os legumes, prova meu tempero para carne e apesar de sorrir e brincar com todos os pequenos incidentes que causo, sinto que está tenso. E eu estou mais ainda.

Mais uma vez, fecho os olhos e peço baixinho:

— Que essa loucura dê certo, meu Deus.

Ele decide dar um mergulho o fim da tarde, dizendo que poderíamos trazer as meninas e Uli para nadarem na tarde seguinte. Aproveito que está ali, relaxado, distraído e junto minhas coisas. Não trouxe muitas roupas para sua casa, pois uso mais roupas dele. Então trouxe mais as de trabalho. De forma que rapidamente junto tudo em uma mala e desço as escadas. Preparo meu lado atriz para o teatro que farei e peço mais uma vez que dê certo.

Ele surge vindo da cozinha, trajando a maldita suga branca transparente enquanto seca os cabelos com uma pequena toalha e preciso desviar meus olhos para não perder o foco.

— Onde está indo com essa mala? — pergunta alarmado.

— Pra casa. Seu tio já foi, não há necessidade de ficar aqui.

Por algum tempo ele não diz nada, sequer se move. Parece em choque e estou a ponto de pular em seus braços e dizer que é mentira, mas me contenho.

— Você não precisa fazer isso, Ayla — diz por fim. — Estamos felizes juntos, não estamos? Tudo isso que vivemos foi um teatro?

— Claro que não! Mas também não foi real. Foi um sonho, o que estamos vivendo, o que estamos fazendo é tudo um sonho. E quando você acordar e tiver a empresa em seu nome, vou levar um tombo tão grande, Eros!

Ele segura minha mão, tentando me puxar em direção as escadas.

— Não vai, eu disse que não acaba em um ano. Podemos manter isso pelo tempo que você quiser.

— Não vou deixar a casa da minha avó por menos do que um casamento de verdade, Eros. Não existe casamento sem amor. Comodidade, carinho, tesão, isso não forma um casamento feliz. Preciso de alguém que me ame.

Ele me solta e seus olhos estão cheios, me desarmando completamente.

— Você acha que vai amar alguém como você me ama?

— Nunca!

— Então por que está indo embora?

— Porque você não me ama! E eu mereço ser amada, você não acha?

— Você merece muito mais do que isso — responde baixinho virando-se de costas para mim, passando as mãos pelos cabelos e começo a temer o resultado disso.

Pego a mala em um teatro, mantendo os olhos fixos nele. Pedindo baixinho que ele diga o que preciso ouvir, que vença esse medo. Dou dois passos com a mala barulhenta pelo piso, quando ele diz, ainda de costas:

— Você consegue tirar o anel do seu dedo?

— O quê?

— Tente mais uma vez.

Confusa, deixo a mala e puxo a pequena peça que como sempre, não se move.

— Não consigo, você sabe que não.

— A magia do anel não funciona como você pensa. É uma magia de amor, só funciona se houver amor das duas partes. Se o amor acaba de um dos lados, a peça sai. É o amor que o mantém aí. Os dois precisam amar para que fique preso.

Sinto minhas pernas tremerem enquanto ele se vira e olha para mim, em seu rosto uma batalha entre o medo e o amor.

— O que quer dizer com isso? — pergunto tentando conter as lágrimas.

— Lembra que eu contei a sua avó sobre tê-la beijado em público e você quis tanto saber o que disse a ela que a manteve calma?

Confirmo.

— Eu disse a ela que a beijei em público, porque não pude resistir. Que fiz isso porque a amava. Era para ser uma mentira, uma desculpa, apenas, mas foi tão fácil dizer isso, Ayla! Pensei que não conseguiria, que dizer que eu amava alguém fosse impossível para mim, mas então nem precisei mentir. A partir desse dia me senti tão confuso sobre você! Sobre porque a desejava tanto, a queria tanto, porque necessitava tanto ter você por perto. Então viajamos juntos, e quando toquei você, me encontrei de uma maneira assustadora. Foi algo tão intenso, que me fez recuar, me fez temer. Eu percebi que a tocaria se você me pedisse de novo e arcaria com as consequências para que você não se ferisse depois. Eu me casaria com você, ficaríamos juntos para sempre, pela sua felicidade e não seria nenhum sacrifício. Então percebi que também seria pela minha felicidade. E quando eu vi você vestida de noiva ao pé da escada, olhando-me com esse amor que me desarma, não pude mais tentar procurar desculpas para essa necessidade de você.

Ele dá um passo em minha direção e o enxergo meio embaçado porque estou chorando. Ele também está.

— Ayla eu amo tanto você! A amo mais do que a mim mesmo, mais do que qualquer outra coisa na vida. Sou covarde e medroso, mas preciso te dizer que minha vida está em suas mãos, minha felicidade depende de você. Por favor, não me deixe.

Pulo em seus braços agradecida e emocionada. Demoro a conseguir formular palavras. Ele me prende em seu corpo molhado, afunda o rosto em meu pescoço e sinto-o acalmando-se aos poucos.

— Graças a Deus você disse isso, porque eu não ia embora se você não dissesse — confesso e ele ri alto.

— Mais um plano então? Quase arrancou a minha alma do corpo e era tudo mentira? — pergunta divertido olhando em meus olhos.

Seco as lágrimas em seu rosto e o encho de beijos.

— Foi preciso.

— Eu sei, meu amor. Eu te amo.

— Você vai ter que dizer isso todos os dias para compensar.

— Vou dizer o tempo todo. Começando agora, dentro de você, nesse momento.

Ele nem me leva para o quarto, me pega em seus braços e me deposita no sofá. Sua boca alcançando a minha enquanto tira vagarosamente minha roupa. Não é como das outras vezes. A calma que tem, a certeza, a confiança, ele não tem mais medo. Beija meu corpo devagar, saboreando cada pedaço da minha pele, um sorriso provocante no rosto antes de levar meus seios à sua boca, tirando todos os pensamentos da minha mente. Vagarosamente passeia por todo meu corpo com seus lábios, a barba arranhando minha pele, seus lábios macios acariciando em seguida. Devolvo o carinho e a provocação, deixo que minha língua saboreie seu corpo, sinto-o em minha boca e domino seu prazer. E quando finalmente ele me possui, diz que me ama repetidas vezes, como em um sonho quente e delicioso.

Acabamos estirados no sofá, nus, conversando besteiras e nos tocando o máximo que podemos. Nossos corpos se encaixam de tal maneira, que quando a fome aperta, ainda é difícil me desvencilhar dele. Quero permanecer aqui, na paz dos seus braços, ouvindo as batidas do seu coração para sempre.

No meio da tarde de uma quarta, Ulisses me liga pedindo ajuda. Quando diz onde está para que eu vá até ele, quase desmaio na cadeira.

— Uli, o que você fez?

— Irmã, eu juro que não fiz nada. Dessa vez eu não fiz nada!

Desligo o telefone e preciso de alguns minutos para reunir forças e ir até a delegacia buscá-lo. Eros está em uma reunião, por isso não o interrompo, decido mandar uma mensagem para ele depois.

Ver meu irmão atrás das grades é uma dor quase insuportável, muito maior do que pensei que seria. Encosto-me à grade e um Ulisses assustado, com olhos inchados segura minha mão o máximo que consegue pelo espaço apertado.

— O que aconteceu, Ulisses? O que você fez?

— Ayla, você precisa me ouvir. Precisa chamar o Tim até aqui. Eu não fiz nada, eu juro que não fiz, irmã. Armaram pra mim. Eu não sabia o número dele de cor, mas decorei o seu. Você tem que ligar para ele me tirar daqui.

Ulisses já mentiu tantas vezes, que é difícil acreditar nele agora. Mesmo vendo seu desespero, seu medo, a tristeza, é difícil acreditar que armaram para ele e o colocaram aqui sem que fizesse algo para merecer tal punição. Converso com o delegado, que gentilmente explica que um assalto ocorreu na empresa onde meu irmão trabalhava, a empresa do pai da Melissa. Alguém de dentro abriu a porta para os ladrões, a chave do cofre que Heitor Sampaio mantém em sua sala foi encontrada no armário de Uli, assim como o contato de um dos que

foram pegos pelo assalto, em seu celular.

Desta vez ele não participou diretamente do assalto, mas ajudou os ladrões a entrarem. Estou tão desnorteada que não sei o que fazer. Eu deveria ligar para a vovó, deveria deixá-lo apodrecer aqui dentro para que aprenda uma lição. Peço ao delegado que me deixe vê-lo só mais uma vez. Ele vem ao meu encontro ansioso.

— Você ligou para o Tim? Ayla, eu não deixei ninguém entrar na empresa. Eu nem conheço esse homem que estão dizendo, não sei como o contato dele foi parar no meu celular. Você precisa pedir ao Tim os vídeos das câmeras de segurança, eles mostram tudo, não fui eu!

— Uli, olha pra mim, olha nos meus olhos. Você já mentiu tantas vezes, por que acha que vou acreditar em você agora? É claro que vamos conseguir um advogado para você, e vamos fazer o possível para tirá-lo daí, mas não minta para mim.

Ele tenta segurar minha mão, seus dedos molhados pelas lágrimas que secou escorregam sobre os meus nas grades.

— Ayla, não fui eu. Eu não fiz nada. Você precisa acreditar em mim. Não quero que tente me defender se não acredita. Eu juro para você, juro pelos nossos pais, pelas nossas irmãs, eu não fiz nada!

Eu sei que isso é ridículo, sei que é muito provável que esteja mentindo e seja mesmo o culpado por tudo o que está sendo acusado, mas há aquela parte em mim que o ama tanto e espera que ele esteja dizendo a verdade, e essa parte acaba falando mais alto em mim.

— Tudo bem, vou ligar para o Tim, não se preocupe. Se cuida aí e vamos dar um jeito nisso.

Ele reage como se um peso houvesse sido tirado de suas costas, saio dali e ligo para Tim. Ele vem imediatamente para a delegacia e me manda ir para a casa da minha avó, contar a ela e dizer que ele vai tirar meu irmão dali, custe o que custar.

Capítulo 33

Após uma conversa difícil com a vovó, que não acredita como eu que ele seja inocente, ela me pede que volte para minha casa para que as meninas não desconfiem de nada. E mente a elas que Uli vai dormir na minha casa por uns dias. Chego em casa sentindo-me em frangalhos. Há sete chamadas não atendidas de Eros, sequer tive coragem de ligar para ele. Como vou explicar que meu irmão delinquente perdeu o emprego que ele conseguiu por roubo? E que por mais ridículo que pareça, acredito que ele seja inocente.

Eros abre a porta assim que me aproximo, nota meu rosto e seu olhar é tão carinhoso que tenho vontade de pular em seus braços e me desfazer neles.

— Ei, como você está? Estava tão preocupado com você!

— Eros, o Uli... O Ulisses perdeu o emprego... ele perdeu o emprego que você conseguiu, ele foi preso. — Respiro fundo para que as palavras saiam com mais facilidade. — Mas ele não fez nada, eu sei que não fez.

As lágrimas me escapam e ele as seca gentilmente.

— Eu sei, meu amor. O Tim me ligou. Temos algumas coisas para conversar, meu bem, mas fique tranquila, vamos tirá-lo de lá o mais rápido possível. Ele não fez nada, Ayla, tenho certeza disso. Vamos resolver tudo, está bem?

— Você acredita nele?

— Claro que sim! Ele é meu irmão, não é? E isso não importa agora, agora vamos cuidar de você. Você está gelada, meu amor, vem aqui.

Ele me estende os braços e me lanço neles, deixando que me prenda em seu corpo e me conforte. Após alguns minutos mantendo-me quente em seu corpo,

ele me ergue em seus braços e me leva até o quarto. Me deposita sobre a cama e tira meus sapatos. Tira os brincos, colar e anéis. Tira minha blusa e a calça, bem devagar, tocando meu corpo, acariciando com as pontas dos dedos daquele jeito que me acalma. Quando estou nua diante dele, ele me pega nos braços de novo e entra comigo sob a água quente do chuveiro. Só quando me sinto forte o bastante ele me deposita no chão, enquanto tiro sua roupa. Ele me abraça, nossos corpos colados um no outro, e ficamos assim por vários minutos. Ele canta para mim, me balança em seus braços, me sustenta ali e não me solta.

Nem quando desliga a água, nem quando pega a toalha e a passa por nossos corpos. Seus braços rodeiam minha cintura e ele me suspende, guiando-me de volta a cama. Termina de secar meu corpo e sinto falta de seus braços à minha volta, de forma que deito a cabeça em seu peito e rapidamente ele me abraça de novo. Depois, deita-se comigo na cama e me ajeita em seus braços. A luz do quarto está fraca, uma música baixinha e suave toca de algum lugar e ele beija meu rosto e meu pescoço enquanto suas mãos passeiam de leve por minhas costas.

— Não se preocupe, meu amor. Vamos resolver tudo, está bem? Há algumas coisas que preciso contar a você — confessa e me conta sobre as descobertas de Ulisses, a ajuda dele desde então para que ele e Tim desmascarassem os Sampaio e quanto mais ele fala, mais tenho certeza que Ulisses está pagando por um erro que não cometeu.

— Eles armaram para ele — constato.

— Com certeza! Melissa o viu no dia do casamento, soube que é seu irmão, você estava certa sobre seu pressentimento.

— Infelizmente, eles dificilmente falham. O que vamos fazer agora?

— Estamos cuidando de tudo, meu bem. Alguém plantou essas provas no armário dele, mas ele mesmo deu ao Tim os nomes com quem ele pode falar para conseguir as gravações dos vídeos de segurança. Vai ser fácil pegar quem colocou a chave lá, visto que ela só apareceu no armário do seu irmão dois dias depois do assalto. A pessoa esperou um pouco para fazer isso, foi seu erro.

— Espero que você esteja certo.

Ele volta a beijar minha cabeça e fala sobre um possível novo contrato, grande como ele gosta e que vai se encontrar com o responsável legal pela empresa no dia seguinte. Então me conta algumas das peripécias de quando era criança, e funciona, acabo rindo com ele, rindo dele. Conto algumas coisas vergonhosas minhas e ele ri também. Me distraio com ele e esqueço do resto do mundo e de todos os problemas. Só existe ele aqui, seus braços à minha volta,

seu cheiro em minha pele, seu sorriso gostoso arranhando meu rosto e sua boca que está sempre em contato com a minha.

— Obrigada por cuidar de mim, Eros. Não sei o que seria da minha cabeça agora se não tivesse você.

— Não precisa agradecer, meu amor. Estou aqui por você sempre.

Me ajeito sobre seu corpo e rapidamente adormeço.

Na tarde seguinte, vovó e eu vamos ver Ulisses. Com a ajuda de Eros, contamos a ela tudo o que Uli tem feito nas últimas semanas para desmascarar os Sampaio e ajudar a Reymond, e vovó se desculpa com meu irmão por não ter acreditado nele. A deixamos em casa enquanto aguardamos uma ligação de Tim, que está em contato com os seguranças demitidos da Sampaio Inc., em busca de acesso às gravações de segurança.

Vamos para a Reymond porque Eros tem uma reunião importante com um empreendedor de quem ele aparentemente é muito fã e seu advogado. Alguém que ergueu seu império do nada e o procurou em busca de ajuda para a construção de um mega shopping como nunca se viu antes. Eros está empolgado com este projeto como um menino com um brinquedo novo.

Louisa me olha com uma expressão estranha, como se soubesse de algo muito engraçado relacionado a mim, mas decido ignorá-la enquanto espero a ligação de Tim. Finalmente ela vem, e desanimado ele me conta que os vídeos desapareceram, como era de se imaginar. Está agora em busca de alguém que tem acesso ao sistema de gravações para recuperar os vídeos. Ele acredita que tenham um backup e que fiquem salvos, como acontece na Reymond. É nossa última esperança. Ele decide tentar isso com os funcionários demitidos, pois os poucos que ficaram lá não vão querer abrir mão de seu emprego para nos ajudar.

Eros sai de sua sala e o acompanho para receber o tal empreendedor e quase perco a força nas pernas quando o vejo. Parado diante de mim está mesmo o homem que destruiu a minha família.

— Ayla? É você? — pergunta surpreso como se nosso encontro fosse uma coisa maravilhosa. — Quanto tempo!

Ele vem em minha direção e imediatamente viro as costas e vou para longe dele. Nada no mundo me fará cumprimentar esse homem como se nada tivesse acontecido.

Estou no terraço dando voltas e tentando me controlar, pensando se devo contar isso a vovó, quando Sabrina aparece. Diz que Eros procurou por mim,

mas teve que entrar para a tal reunião. Sei que deveria estar lá com ele, auxiliando-o, mas não vou trabalhar com esse homem.

— Por que você está assim? Quem é esse homem com quem seu marido está se reunindo?

— Ele é Augusto Cotrim, Sabrina, o pai da Liah e da Maya.

Minha amiga leva as mãos à boca em choque, logo, a mesma raiva estampada em meu rosto está refletida no dela. Eros me liga pela terceira vez, mas não o atendo. Nem mesmo ele me fará descer até lá e participar disso. Infelizmente, quando estou descendo com Sabrina, damos de cara com Augusto indo embora. Abre um sorriso ao me ver, não tão divertido quanto o primeiro, já que se deu conta que o abomino.

— Eu queria muito ver as meninas — diz.

— Isso não vai acontecer! Fique bem longe delas!

— Tenho meios legais de conseguir vê-las — ameaça.

— Então tente! Tente explicar a um juiz porque não as viu antes, vamos ver quem em sã consciência deixa alguém como você perto de duas crianças inocentes.

— Sua avó não tem condições de cuidar delas, posso provar isso facilmente.

Antes que eu possa responder, Eros responde por mim, entendendo quem é o homem diante dele.

— Ela é minha esposa, Augusto. Tudo o que tenho é dela, consequentemente, de sua família. As Marins não estão na situação financeira difícil que você imagina, e seria inteligente da sua parte não aborrecê-las. Sou muito protetor com a minha mulher e todos ligados a ela.

A surpresa estampada no olhar dele é uma pequena vitória para mim. Olha confuso e incrédulo de mim para Eros, e quando nota as alianças em nossas mãos, além do anel com uma pedra enorme em meu dedo, percebe que Eros não está mentindo. Ele apenas assente, me lança um último olhar e vai embora.

Eros imediatamente pega minha mão e me leva até sua sala. Em sua mesa, vejo o contrato que o monstro assinou com ele, o que Eros tanto queria.

— Eros, por favor, eu não quero ter nada a ver com esse projeto e nem com esse homem.

— É claro, meu bem. Por que você não me conta o que aconteceu? Por que ele não está com suas irmãs?

— Quando meu pai morreu, deixou para mamãe uma quantia grande em

dinheiro, não éramos ricos, mas tínhamos uma vida boa. Por anos mamãe nos sustentou com ele, e a pensão que recebia do papai. Então ela conheceu Augusto. Se apaixonou perdidamente e o levou para morar conosco. Ficaram juntos por um ano, tempo o bastante para ele engravidá-la das meninas. E pouco antes delas nascerem, ele deu um golpe na minha mãe. Levou todo o dinheiro dela, tudo o que tinha, a casa em que vivíamos que era do meu pai, ele pegou tudo!

Eros me abraça para me confortar enquanto continuo contando.

— Ficamos sem nada, uma mãe solteira com dois adolescentes e dois bebês recém-nascidos. Voltamos para a casa da vovó, mas mamãe fez uma besteira atrás da outra, ficou desnorreada. Acabou devendo muito dinheiro ao banco e vovó vendeu sua casa para quitar as dívidas dela. Pouco depois mamãe adoeceu, e acabou falecendo. E ele nunca mais procurou pelas meninas, nunca ajudou com nada. Agora diz que quer vê-las. Como se eu fosse deixar isso acontecer. Elas acham que o pai está morto. Não tivemos coragem de contar a elas ainda o tipo de pessoa que ele é, que não está com elas porque não as quis.

— Ele não vai chegar perto delas, meu amor, eu te prometo! Não se preocupe, tudo bem?

Ainda bem que não estou mais sozinha, pois se ele voltasse agora para construir esse tal shopping, e quisesse usá-las contra nós, com certeza conseguiria, como faríamos para impedi-lo? Mais uma vez, abraço meu marido, esse homem a quem tanto amo, grata aos céus por tê-lo mandado para mim.

Os dias vão se arrastando e passam sem que nenhuma solução para Uli apareça. Seu julgamento foi marcado e estamos dando voltas em círculos. As imagens sumiram, ninguém viu nada, ninguém quer falar. A cada vez que o vejo, a esperança em seus olhos diminui. Ele tem certeza que será condenado. Vovó parece começar a perder as esperanças também. Não ajudou contar a ela que Augusto está de novo na cidade. Nos primeiros dias, sequer permitia que as meninas fossem para a escola, e só as deixou ir quando Eros disponibilizou um motorista para buscá-las e levá-las e deu ordens na escola que apenas ele tem permissão de pegar as meninas.

Augusto não tentou mais contato, mas sei que o verei esta tarde, ele vem concretizar o contrato que assinou com a Reymond, já deu sua assinatura, mas faltava de Tim, Eros e o reconhecimento em firma delas. Tim já deve ter cuidado disso e tudo se oficializará esta tarde. Aviso a Sabrina que vou sair mais cedo porque não sou obrigada a presenciar isso, e ela já prepara os ovos que segundo ela, a farão ser demitida com gosto, ao atirá-los nele.

Tim chega à empresa pouco antes da chegada de Augusto, e tem um brilho

nos olhos que me anima imediatamente.

— Eu consegui, Ayla. Um segurança em particular era amigo do seu irmão. Ele foi demitido no dia exato em que ocorreu o assalto, sem mais nem menos, sem qualquer explicação da empresa. Achou isso muito suspeito e vai me ajudar a conseguir o acesso aos vídeos desaparecidos. Ele me confirmou que existe o backup. E conhece alguém que ainda está lá dentro, na área da segurança. Se ele conseguir esses vídeos, não só vamos libertar seu irmão, como mandaremos Sampaio de vez para a cadeia.

Enfim, uma esperança. Agradeço a ele e começo a pedir aos céus que isso dê certo. Precisamos que dê certo, estamos ficando sem tempo e sem alternativas.

Augusto chega à empresa com seu advogado, exhibe um sorriso falso no rosto e sequer olha para mim, passa direto até a sala de Eros, que ainda não está lá. Pouco depois, Eros chega, ele me estende a mão para que o acompanhe até lá dentro.

— Sinto muito, Eros, não vou participar disso.

— Acho que você vai gostar do final disso, amor.

Mesmo odiando a ideia de estar no mesmo ambiente que esse monstro, confio no meu marido e o sigo para dentro de sua sala. Mais uma vez, ele não olha em minha direção, mas sorri para Eros amigavelmente.

— Reymond, fiquei curioso sobre as assinaturas no meio da semana. Algo deu errado com o primeiro contrato que assinei?

— Não, nada de errado, Cotrim. Só queria mesmo verificar algumas coisas com você.

Augusto me lança um olhar preocupado e Tim entra na sala.

— Augusto, como vai?

Augusto o cumprimenta e Tim estende a ele um papel que o faz perder a cor.

— O que é isso?

— O documento supostamente assinado por Sara Marins dando a você total controle dos bens dela. Percebe que eu disse a palavra supostamente? — Tim pergunta divertido e Augusto se levanta, mas Eros o empurra de volta à cadeira.

— Você vai querer ouvir isso, Augusto. Depois de saber o que você fez com a mãe das suas filhas, não foi difícil descobrir mais podres sobre você do que se podia imaginar. Extorsão, falsidade ideológica, até mesmo roubo. Você não fez

um trabalho cuidadoso em todos esses anos.

— O que você quer? — pergunta derrotado olhando para mim.

— Justiça — respondo.

— E você a terá — Eros promete.

Tim tranca a sala e tira a chave, alarmando Augusto.

— A polícia está a caminho. Foi tão fácil juntar provas contra você! Você não se envergonha? — Tim pergunta.

— Um homem que abandona duas crianças recém-nascidas e órfãs? Acha mesmo que vai se envergonhar dos roubos que cometeu para chegar onde chegou? — Eros diz aproximando-se dele, olha em seus olhos de forma ameaçadora. — Independente de qual seja o resultado disso, de quanto tempo você mofe atrás das grades, nunca mais se aproxime de uma Marins de novo. Porque essas não são minhas únicas cartas contra você, e você sabe bem disso.

Quando a polícia chega e o leva algemado da sala, nem sei como reagir. É uma compensação enorme da vida, talvez a maior que poderia ter dela, e mal posso acreditar que esteja mesmo vendo isso. Tiro uma foto e a envio a vovó.

Eros me estende um papel com um sorriso no rosto.

— Você desistiu de um negócio milionário por mim?

— Não existe nada que eu não faria por você, Ayla. Você queria justiça, nós a fizemos. Vamos fazer pelo Uli também.

Preciso abraçá-lo, preciso senti-lo, mas neste momento me sinto tão grata e apaixonada por ele que não consigo me mover. Ainda bem que me conhece assim, que sabe o que penso quando olho para ele e entende. Ele me abraça.

— Este papel que você insiste em ignorar é a escritura da casa da sua mãe. Ela é sua agora. Assim como a outra propriedade do seu pai. Está tudo em seu nome e no nome do Ulisses. A justiça também determinará parte dos bens legais do Augusto às filhas dele com um simples exame de DNA se vocês quiserem. Mas se não quiserem que ele tenha qualquer contato com elas, saiba que não precisam disso. Elas terão tudo do bom e do melhor sempre, Ayla, vamos garantir isso a elas.

— Eros, eu... a casa da minha mãe, você a recuperou. Minha avó vai ficar louca! Eu... Eu acho que...

Olho em seus olhos e as palavras me fogem, o aperto o máximo que posso em meus braços.

— Eu te amo, te amo Eros, te amo. Obrigada por ser assim.

Ele me prende de volta em seus braços e diz me acalmando:

— Eu também te amo, meu amor.

Melhor do que o abraço dele. Foi a cara da vovó quando entregamos a escritura da casa para ela.

— Vamos sair do aluguel? Isso é verdade, minha filha? Vamos voltar para a casa da sua mãe?

Quando confirmo ela cai no chão de joelhos, agradecendo aos céus. Mal tem forças para levantar e Eros a ajuda. Então ela o abraça.

— Você é um anjo, meu filho, abençoado seja. Que presente lindo você foi para nós, meu menino! Que presente lindo!

Eros vai embora pouco depois para resolver algumas coisas sobre Augusto e fico com a vovó. Imediatamente ela começa a empacotar as coisas pequenas da cozinha ansiosa pela mudança.

No dia seguinte, estou de novo na casa da vovó ajudando com as coisas da mudança. Estamos no sofá da sala quando Tim me liga e soa tão animado que tenho dificuldades em entendê-lo.

— Funcionou, Ayla! Deu certo. Conseguimos os vídeos de segurança, estou encaminhando-os agora mesmo a polícia. Seu irmão vai ser solto, deu certo, Ayla!

Grito como uma louca, assustando a vovó.

— Uli vai sair da cadeia! Eles conseguiram! Deu certo, vovó, conseguiram!

Ela pula comigo num pique que invejo e é aí que acontece. O maldito pressentimento. O ar difícil de respirar, os pelos arrepiados, a dor no estômago. Alguma coisa vai dar errada. Muito errada.

Tento ligar para Eros, mas ele não atende. Ligo para Sabrina que diz que ele não voltou à empresa depois do almoço. Temo que algo tenha acontecido e ligo de novo, mas seu telefone sequer chama.

Estou há duas horas tentando falar com ele, confirmo com Clara que ele não voltou para a casa. Começo a ficar preocupada, ligo para Atena e Tim, mas ninguém o viu. De repente, a porta da frente abre e Ulisses aparece. As meninas pulam sobre ele, e vovó o abraça emocionada.

— Uli! — O abraço também e noto que não está tão feliz quanto deveria. — Não sabia que isso seria tão rápido.

— Melissa Sampaio retirou todas as queixas contra mim. Ela disse à polícia que se confundiu e a chave encontrada em meu armário não é a do cofre de seu

pai. Vou aguardar que tudo se resolva em liberdade.

Meu ar falha e preciso me apoiar na parede para ficar de pé.

— Por que ela fez isso? Em troca de que ela fez isso, Uli? — estou gritando como uma louca, assustando vovó e as meninas.

Quando ele abaixa a cabeça e seus olhos enchem, sinto-me tonta.

— Eu tive que contar, Ayla. Foi o preço dela.

— Contar o quê? O que você contou?

— Tudo. Ela me procurou ontem, estava curiosa sobre o afastamento de Eros e Tim por sua causa, quis saber o motivo disso. Era o preço dela para minha liberdade. Ela sabia algumas coisas, alguém na Reymond contou a ela. Sobre você ser apaixonada pelo Tim e de repente se casar com o Eros. Ela prometeu que me tiraria dali, eu não tive escolha.

— O que você disse, Uli?

— Tudo! Que você entrou na casa do Eros porque roubei o prendedor dele, que menti sobre o que sentia, que amava o Tim até pouco tempo e que saiu com ele algumas vezes. Eu disse tudo o que pensei que ela queria ouvir. Sinto muito, irmã. Eros estava ouvindo, eu não sabia que ele estava ouvindo. Eu sinto muito.

Meu ar falha de uma vez, perco completamente a força nas pernas e no segundo seguinte, não vejo mais nada.

Tento ligar para ele várias vezes, mas ele não me atende. Tampouco volta para casa. Tim, Atena, Nico nem Tulio, ninguém sabe dele. Já é noite quando ele aparece. O espero em nosso quarto, e quando vejo a expressão em seu rosto, sinto-me desmoronar. Ele está sofrendo, está acabado, não há brilho em seu olhar, quase não há vida no jeito como me olha.

— Eros... — Tento me aproximar dele, coloco minhas mãos em seus braços e ele as tira, segura minhas mãos olhando-me como se eu fosse a pior coisa do mundo e as joga para baixo. — Você precisa me ouvir! Eu posso explicar!

— Explicar o quê? — grita. — Que tudo isso não passou de mentira? Mais um teatro seu? Como os que tem feito desde que nos casamos? — acusa referindo-se às vezes em que fingi sair dessa casa.

— Não é nada disso! Eros, eu amo você! Você pode ver isso em mim, qualquer um pode ver isso, não feche os olhos agora!

Ele pega algumas peças de roupa no closet enquanto tento chegar até ele. Tenho medo de tocá-lo e machucá-lo ainda mais.

— Sabe o que não entendi, Ayla? Por que você manteve isso? — pergunta

de costas para mim, então se vira em minha direção, olhando em meus olhos e está tão ferido que quase não posso suportar olhá-los. — Eu entendo porque você mentiu, protegendo seu irmão, devolvendo algo que ele roubou. Eu entendo. Mas por que manteve isso depois? Quando soube o quanto era difícil para mim conviver com seu amor? Por quê? O que você pretendia? É isso o que você quer? — pergunta abrindo os braços apontando ao seu redor. — Você é mais uma dessas que só enxerga a merda do meu bolso? Será que errei tanto assim em julgá-la?

— Não! Para de dizer essas coisas, não foi nada disso!

Ele segura meus ombros se controlando para não apertá-los.

— Então por quê? Por que não apareceu com outra pessoa e disse que me esqueceu no mês seguinte? Por que você prolongou isso? Por quê? — grita.

— Porque me apaixonei por você no momento em que você me beijou! — respondo olhando em seus olhos, na esperança que acredite em mim.

— Quando a beijei na casa da sua avó? E você achou que havia ido longe demais para desmentir isso?

— Não, Eros. Quando você me beijou aqui, neste quarto, naquele primeiro momento. Você não percebeu como me derreti nos seus braços? Como esqueci de tudo, perdi as forças, me entreguei a você? Eu sei que você viu isso, não finja que não viu. Eu me apaixonei por você, e não desmenti porque isso deixou de ser uma mentira. A mentira, na verdade, durou bem pouco.

Ele me solta e enfia as roupas que separou em uma mochila

— Onde você vai? Eros, eu sei que isso o machucou, eu não disse a você antes porque não pensei que fosse importante, eu te amo! Você sabe disso! Por favor, me perdoa, vamos conversar como adultos, fica aqui comigo!

Ele pendura a mochila nas costas e me olha, há uma batalha em seus olhos, sua dor contra o amor que sei que ainda sente por mim. Dá dois passos em minha direção e quero me jogar em seus braços, mas ele para. Não chega até mim. Desvia os olhos dos meus e diz:

— Você está com ele? Está com o Tim?

— O quê? Claro que não! Que pergunta absurda é essa? Nunca estive com ele.

— Seu irmão disse que você saiu com ele várias vezes, não me trate como se eu fosse tão idiota, Ayla!

— Ele mentiu! Estava dizendo o que pensou que a Melissa quisesse ouvir! Saí com o Tim duas vezes. E você soube delas. Você mandou que ele saísse

comigo em uma delas!

— Você deve ter adorado isso. Aquele teatro de se fazer de ferida por eu ter feito isso foi mesmo muito bom. Aliás, você é uma ótima atriz, Ayla. Porque eu acreditei mesmo nesse seu amor. Como acreditei! Eu abri as portas da minha alma para você e veja onde isso me levou.

Ele caminha até a porta e corro atrás dele. Seguro sua mão, mas nem assim ele volta a olhar para mim.

— Eros, fica. Se acalma, pensa um pouco. Espera a dor passar e você vai entender que...

— Não vai passar! — grita tirando a mão da minha. — Você acabou comigo, Ayla! Isso não vai passar. Não quero mais ver você.

Sei que devo ir atrás dele, mas estou tão ferida quanto ele, não tenho mais forças. Caio no chão na porta do quarto e fico ali, vendo-o descer as escadas. Ele me olha uma última vez antes de sumir. Quando Uli me contou as coisas que disse, soube que o perderia para sempre. Ele acha que não só menti sobre meus sentimentos como também tive um caso com o irmão dele todo esse tempo. Ele acha que é por isso que Tim tem agido de maneira estranha em relação a mim ultimamente, que é por mim que seu irmão cogitou abandoná-lo. E eu tive uma chance de explicar a ele, de convencê-lo que nada disso é verdade, e falhei.

— Eu falhei!

Acabo adormecendo horas depois no chão da porta e Clara me acorda na manhã seguinte e passa a manhã e a tarde toda comigo em seus braços, tentando me acalmar.

Na tarde seguinte, ainda não tivemos qualquer notícia sobre Eros. Ulisses me liga o tempo todo, mas não quero vê-lo, não quero falar com ele, não quero ver ninguém. Sei que ele agiu como um menino desesperado sendo acusado por um crime que não cometeu, mas se tivesse esperado um pouco mais...

— Querida, você não quer dar uma volta? — Clara insiste pela sexta vez hoje.

— Não, obrigada. Ele vai ter que voltar pra casa. Vai aparecer mais cedo ou mais tarde, estarei aqui esperando por ele.

Sabrina me envia a vigésima mensagem e respondo a mesma coisa das outras dezenove vezes:

NÃO QUERO VER NINGUÉM.

Mas, sendo Sabrina, quando a campainha toca, sei que não respeitou meus vinte pedidos. Abro a porta e ela e Tim entram. Pelo jeito como Tim me olha, sei que ela já contou a ele.

— Achei que tivesse sido clara sobre não querer ver ninguém — ralho com ela por ter aparecido e ainda acompanhada.

— Você foi, querida, mas resolvi ignorá-la, porque é isso que melhores amigas fazem.

— Eu sinto muito por tê-lo envolvido nisso, Tim — digo a ele, pois sei que Eros também o culpa, uma vez que acredita que somos amantes.

— A culpa foi toda minha, Ayla, você não tem que se desculpar. Ele te ama, não pensei que isso fosse acontecer, para ser sincero, mas ele ama. E vai voltar assim que se acalmar.

— Pode ser, mas isso nunca será sanado. As feridas que eu causei a ele não vão cicatrizar nunca mais. Eu o perdi.

— Se eu não tivesse agido como um lunático ciumento de repente, ele não teria motivos para acreditar em um absurdo desses. Metade dessa culpa é minha, não tente amenizar isso.

Sinto-me tão fraca e cansada! Me acomodo em uma poltrona enquanto eles falam mentiras doces na tentativa de me animar, mas sei que não há mais volta. Sinto isso. Mesmo assim me recuso a voltar com Sabrina, mesmo assim, fico aqui, esperando por ele quando vão embora e uma chuva começa a se formar.

Subo para o quarto e observo pela enorme janela a tempestade que virá. Não durmo há tanto tempo, sinto-me com sono, lenta, sinto-me morta. E não tenho a menor vontade de mudar isso. As palavras de Eros ficam voltando à minha mente. O quanto o amor é perigoso, o medo que ele tinha. Que o amor é forte demais para ser controlado, que pode acabar com uma pessoa, tanto quanto pode fazê-la imensamente feliz.

“Sou covarde e medroso, mas preciso te dizer que minha vida está em suas mãos, minha felicidade depende de você.”

Acima de tudo o que sinto, de toda dor, angústia e medo, sinto falta dele. Porque apenas ele poderia me consolar agora. Apenas ele me faria ficar bem em qualquer circunstância. Como vou viver sem ele? O que vai sobrar de mim? De repente perco a força nas pernas e caio no chão. No segundo seguinte, sou erguida por braços fortes e gelados. Eros está aqui.

— Eros? — Toco seu rosto como uma desesperada e sinto-me fraca.

Ele me deposita sobre a cama, está todo molhado da chuva que cai lá fora. Olha-me com saudade e não diz nada. Tento segurar sua mão, mas ele não permite. Ainda não me perdoou.

Ele tira do bolso interno de sua jaqueta alguns papéis e os estende a mim.

— O que é isso?

— Quero que assine isso, Ayla. Pedi um favor a um amigo advogado, é nosso divórcio.

Sento-me imediatamente e jogo os papéis no chão, levantando-me.

— Não vou assinar nada!

— Não me faça fazer isso do jeito difícil — ameaça.

— Mais difícil do que esse? Tente! Você não vai conseguir!

Ele cobre o rosto com as mãos enquanto dou voltas pelo quarto, sentindo-me cansada demais, mas entendendo que esta é minha última chance.

— Isso é um adeus, não é? — pergunto e ele assente. — Tudo bem, se você decidiu assim, tudo bem. Mas já que não irei mais vê-lo, você vai me ouvir, Eros.

— Não quero ouvi-la, quero que assine esses papéis agora mesmo!

— Que pena que você nunca mandou em mim!

Por um segundo, seu rosto se suaviza e ele contém um sorriso. Mas dura tão pouco que desconfio ter sido apenas um truque da minha imaginação.

— Ayla, — sua voz é tão cansada quanto a minha. — Por favor, não me machuque mais. Eu não vou repetir os erros do meu pai insistindo em um casamento por amor, quando está claro que não dará certo. Quero me livrar disso agora, me livrar de você, desse sentimento. Faça isso por mim, não me machuque mais!

Ele pega os papéis do chão e os estende a mim. Pego as folhas sentindo-me tremer, os olhos embaçados não me permitem ver com clareza o que está escrito. Mas ele já assinou. Tão fácil, assim, abriu mão de mim.

— Tudo bem, eu assino se você faz tanta questão, não quero mais feri-lo. Mas primeiro você vai me ouvir, e você sabe que não adianta tentar negar isso.

Ele concorda, seus olhos não buscam os meus em momento nenhum. Parece exausto, seus olhos contêm marcas que mostram o quanto tem chorado, a barba está bagunçada e seu cabelo uma desordem. Seus ombros curvados para baixo mostram que se sente tão morto quanto eu.

— Eu pensei que amava o seu irmão, mas quando conheci você, descobri o que é amor de verdade. Ainda assim, eu nunca fiquei com ele e eu juro isso para

você, Eros. Demos um único beijo e você sabe como foi. Quando ele se afastou de você, eu o afastei de mim, mal suportava olhar para ele sem culpá-lo pelo estado em que te deixou. Então sim, menti para você, num primeiro instante, para proteger meu irmão. Mas foi a única mentira que já contei a você. E um dia, quando isso passar, você vai se dar conta disso. Vai perceber que o que sinto estava tão claro, estampado em neon na minha cara, nos meus gestos. Você vai sentir falta disso, vai entender que se ferir faz parte. Você também já me feriu e não foi pouco! Mas eu deixei que você me curasse, Eros. E eu o culpo por não me dar a mesma chance. Eu nunca traí você, eu nunca fingi nos seus braços enquanto nos beijávamos, ou enquanto fazíamos amor. Você sempre me tirou de mim e me manteve à sua volta, orbitando por você prestes a cair e ainda assim eu fiquei. Você não estava comigo quando me dei conta do quanto o amava, você dizia que nunca ia estar e apesar dos riscos, eu fiquei. Você me pediu para ser sua esposa por uma mentira, me dando os melhores dias da minha vida para tirá-los depois, e eu sabia que você faria isso, mas mesmo assim eu aceitei. Eu sempre soube dos riscos, eu sempre estive na corda bamba com você e mesmo assim nunca desisti de ficar perto de você. Nunca! Então você pode pegar esses papéis agora e me mandar embora da sua vida, mas a culpa é sua! Uma mentirinha de nada, por mais dolorosa que seja, não é maior do que tudo o que vivemos juntos depois. Do que todo o amor que demonstrei a você depois. Então se prefere se prender a isso e ser o covarde que vive dizendo que é, tudo bem, eu assino isso! Mas eu te amo, vou amar para sempre. Amo mais a cada dia, mesmo quando você me fere, e isso não vai mudar, porque eu não tenho medo do que sinto!

Assino os papéis e os estendo a ele. Seu rosto está coberto por lágrimas, ele não olha em meus olhos, mas pega os papéis da minha mão e caminha até a porta.

— Você pode ficar com a casa, pode ficar com os carros, pode ficar com tudo!

— Não quero nada! Vou sair daqui hoje mesmo.

— Não precisa. Eu prometi a mim mesmo que você não passaria pelo incômodo de ter que sair desta casa após chamá-la de lar e não vou quebrar esta promessa.

— Uau! Que incômodo grande isso será! Não quero seus favores, nem suas promessas!

Ele se vira em minha direção, seus olhos finalmente olhando nos meus e se aproxima de mim.

— Por que você é tão teimosa? Fica aqui! Você vai ficar bem aqui, vai viver bem, terá o jardim dos seus sonhos, para que quer ir embora?

— Eu nunca mais vou ficar bem! Você pode deixar esta casa, todos os carros, todas as casas e jardins e paraísos do mundo à minha disposição e ainda assim não estarei bem! Nunca mais ficarei bem. Nunca mais!

Afasto-me dele e começo a juntar minhas coisas. Os raios lá fora me lembram da tempestade que está caindo, mas não me importo.

— Você não está ferido assim pela mentirinha boba, você está com medo.

— Você não sabe como me sinto, você não sabe o que já passei por causa dessa doença, você não sabe de nada! — grita esmurrando a parede em seguida e desisto de tentar falar com ele. Desisto.

Ele fecha a jaqueta em seu corpo, ouço o barulho do zíper fechando com um maldito sinal de adeus.

— Faça o que quiser, se quiser ficar, fique. Se não quiser, não fique. Não é mais da minha conta. A partir de amanhã não seremos mais casados, não vamos fazer parte da vida um do outro.

Não respondo enquanto ele sai, mas de repente meu ar some, os pelos do meu corpo se arrepiam, meu estômago dói e corro atrás dele. O alcanço ao pé das escadas. Desço tão depressa, que ele precisa me amparar para que eu não caia. Me prendo em seu pescoço e peço:

— Não vá! Não saia agora! Vai acontecer alguma coisa, não saia!

Ele tira meus braços de seu pescoço, afastando-me.

— Eros, por favor. Eu vou sair agora, espera essa chuva passar, não vá agora.

— Guarde seus pressentimentos para você — diz enquanto acaricia meu cabelo e me solta, afastando-se.

Grito seu nome sentindo o ar falhar, ele abre a porta e a chuva lá fora é mais um aviso, ainda assim ele a fecha sem olhar para trás e sinto que esta foi a última vez que o vi.

Passo horas em claro, ligando para todo mundo, esperando uma notícia dele. Sei que não terei nenhuma, mas não consigo me acalmar. Minhas malas estão prontas, Atena tenta me acalmar, mas nada funciona. O telefone está colado em minha mão, quando finalmente toca.

São duas da manhã e isso não pode ser uma coisa boa. Atendo com o pouco de força que me resta.

— Bom dia, senhora. Aqui é do Hospital Central, a senhora conhece Eros Reymond?

— É meu marido — confirmo baixinho.

— A senhora precisa vir até aqui.

Imediatamente caio no chão, enquanto ela me conta sobre um grave acidente, sobre meu marido em estado grave, sobre alguns papéis que preciso assinar para uma cirurgia em sua cabeça.

— Eu disse para ele não sair! Eu avisei! Por que ele não me ouviu? Por quê?

Atena toma o telefone da minha mão e perco o que restava de força em mim.

Capítulo 34

Eros

Dez meses depois...

Algo incomoda em meu braço, meu corpo parece dolorido de estar deitado, mexo-me desconfortável e ouço barulhos estranhos. Uma máquina apitando muito perto, pessoas conversando, uma voz desconhecida em um alto-falante. Abro os olhos, mas está de noite, não consigo enxergar nada.

— Boa tarde, senhor Reymond, seja bem-vindo de volta! — uma voz feminina diz pouco antes de começar a tocar meu rosto e braço.

— Onde estou? O que aconteceu? Você disse tarde?

— Meu nome é Alexandra, sou sua médica responsável. Você sofreu um acidente muito grave de moto, lembra-se disso?

Eu me lembro. A chuva forte me impedia de enxergar. Eu devia tê-la ouvido, devia ter voltado para ficar com ela, mas não o fiz. Um caminhão me pegou em um cruzamento, eu sabia que ia bater, vi os faróis através da chuva espessa, mas a moto escorregou pela pista, não consegui frear.

— Estou no hospital, então.

— Sim, você está. Sente alguma coisa? Dor de cabeça, tontura, quantos dedos tem aqui?

— Meu corpo dói, e meu braço. Tenho agulhas no braço, não é? Deve estar doendo por isso.

— Sim, você tem o acesso. Quantos dedos vê aqui, senhor Reymond?

— Acenda a luz para que eu possa ver.

Ela fica em silêncio, toca meus olhos e não diz nada.

— Fragmentos da moto entraram em sua cabeça. Você passou por uma cirurgia muito arriscada para retirá-los e não acordou dela. Você entrou em coma, dormiu por dez meses, Eros. É quase um milagre que esteja de volta, e não acredito em milagres.

— Dez meses?

Tento me sentar na cama, mas a coisa em meu braço dói quando me movo. A doutora me ajuda a me ajeitar, pedindo que eu me acalme. Como posso ter dormido por dez meses? Onde está Ayla? O que aconteceu com ela?

— Onde está minha mulher?

— Virá em breve, irei avisá-la que você acordou. Ela vem todos os dias, passa as noites com você.

— Ela vem aqui? Ayla?

— Sim, ela é esquentadinha e muito desastrada. Me compadeci de seu amor e preocupação. No começo, ela dormia lá fora, na sala de espera, mas passava as noites em claro. A mandei para a casa tantas vezes, que por fim me cansei.

— Ela sabe ser teimosa — digo com um sorriso aliviado por ela estar aqui, por ainda estar aqui.

— Percebi isso. Então comecei a permitir que dormisse com você. Ela disse que não conseguia dormir longe. Ela passa as noites na sua cama, mas não conte a ninguém que eu permito isso, é totalmente contra a ética da minha profissão. Ela deveria dormir na cadeira ao lado. Gosto da sua esposa, apenas por isso a deixo ter regalias. Por isso e porque ela faz o melhor café deste hospital.

— Todo mundo gosta dela — constato lembrando-me o quão rápido ela cativou todos à minha volta.

— Eros, precisarei pedir uns exames, me parece que você não consegue enxergar. Isso é normal e é temporário. Pode passar em horas, ou em dias, mas vai passar. Vou pedir os exames apenas para confirmar isso, tudo bem?

Estou pensando em tantas coisas ao mesmo tempo, digerindo tantas coisas! Sinto-me assustado e confuso, não sei o que fazer agora. Não sei como anda minha vida lá fora, as pessoas que amo, a empresa. O que será que houve com a empresa?

Toda hora alguém entra aqui e mexe em meu braço, mede minha temperatura, me faz as mesmas perguntas. Sempre perguntam se já posso ver, se vejo ao menos uma luz, um borrão, qualquer coisa, mas não vejo nada. Ainda me sinto deslocado e confuso, e então, sinto o perfume dela. Ayla está aqui.

Fico completamente parado, esperando o que fará a seguir, quase posso ouvir as batidas do meu coração. Ela se senta na cama ao meu lado e se joga em meu peito. Chora baixinho enquanto agradece aos céus por eu ter voltado. Acaricia meu rosto e não digo nada. Não consigo dizer. Não sei o que dizer. Apenas toco sua mão em meu rosto, sentindo seu contato com uma saudade imensa!

— Como você se sente? — pergunta.

— Confuso.

— Posso te ajudar com isso. O que você quer saber?

— Por que você está aqui? Por que vem todas as noites?

Ela demora um pouco a responder e percebo que soei rude. Percebo, ao sentir seu cheiro e seu toque, que ainda sinto mágoa dela. Assim como percebo que isso não faz o menor sentido. Ela estava certa, no fim das contas, foi o meu medo, mais do que a minha dor, que me fez separar dela.

— Eu não durmo sozinha — responde um tempo depois, baixinho, claramente sentida com minha pergunta.

— Achei que tivéssemos nos divorciado, é disso que estou falando, Ayla. Os papéis do divórcio se perderam no acidente?

— Na verdade, não. Quando o hospital me ligou e cheguei aqui com sua mãe, eles me entregaram seus pertences. Tive que assinar uns papéis para você passar por uma cirurgia arriscada. Foi horrível! E me deram os papéis do divórcio, eles sobreviveram a tudo. Estavam bem protegidos na sua jaqueta.

— Então você não é mais minha mulher?

— Você que deixar de ser babaca?

Ela se levanta e a enfermeira chama sua atenção, dizendo que não me estresse.

— Sim, nos divorciamos. Na verdade, me casei de novo no mês passado. E estou esperando um filho do meu marido.

Meu coração acelera, minha cabeça dói e tento me levantar de repente. A maquininha ao meu lado faz um barulho infernal e a enfermeira torna a chamar atenção dela, para que não me deixe agitado.

— Ele dormiu por muito tempo, está descansado, ele aguenta umas pegadinhas — justifica-se e quero matá-la.

Também quero beijá-la.

— Você não se casou de novo, não é?

— Não, você não resistiria. Os papéis estão guardados, Tim perguntou por

eles, seu amigo advogado perguntou por eles e eu disse que não os assinamos.

Sorrio. Eu deveria estar irritado com ela, mas não consigo. Sinto sua falta! Sinto tanto a sua falta que chega a doer. Quero que volte para perto de mim, mas ainda dói. Ela parece ler meus pensamentos, pois senta-se de novo ao meu lado e promete a enfermeira que não vai mais me estressar.

Ficamos algum tempo em silêncio, e ela acaricia meu rosto, mas tiro sua mão. Apesar de precisar de seu toque como preciso do ar, ela é um perigo. Em minutos me fez experimentar todas as emoções possíveis, pode entrar em meu coração com uma facilidade assustadora. Pode me ter em suas mãos de novo, pode me ferir mais uma vez.

— Assim que você se recuperar, os entrego a você. Os papéis do divórcio — diz quando deposito sua mão no colchão.

Pergunto por mamãe, Tim, meus amigos, sua família. E ela me dá notícias de todos eles. Quero perguntar se está muito próxima a Tim, mas não o faço.

— O que houve com a empresa?

— O que você acha? Como sua esposa, fui obrigada a assumir tudo! Um dos seus arquitetos, o Monteiro é um idiota, aliás. Eu fiz os projetos que você já havia aceitado, apenas, e o babaca não queria assiná-los. Ele não aceitou ordens minhas, bem, uma boa parte dos funcionários não aceitou. Eles me culpam por seu acidente, pela cirurgia que autorizei da qual você não acordava. Ah, e tive que demitir a Louisa.

— Você deve ter adorado isso — comento imaginando o quanto deve ter sofrido nesses dez meses.

— Na verdade, adorei. Foi uma cena e tanto, você teria adorado. Ela gritou comigo, você sabe como sou, gritei de volta. Mas bem, eu era a chefe, a demiti e lancei um olhar mortal a todos que me desafiavam. Ninguém nunca mais me desafiou.

Quero rir. Quero abraçá-la e dizer que sabia que ela daria conta, que estou orgulhoso dela. Mas esse medo me impede. Não posso deixá-la entrar de novo.

— Por que você está aqui, Ayla?

— Porque eu prometi. Na nossa primeira noite juntos, eu disse a você que nunca o deixaria. E eu cumpro minhas promessas. Você vai me mandar embora quando se recuperar, e irei. Mas não quebrarei minha promessa porque não terá sido uma escolha minha. — Ela se afasta de mim e tudo o que quero é vê-la. — Você precisa voltar à empresa, você é folgado até como marido, fica aí dormindo enquanto tenho que fazer seu trabalho. Não aguento mais aquele lugar.

Sorrio, mas a dor em sua voz não me passa despercebida. Ela está sofrendo.

Eu preciso ver seus olhos castanhos para ter certeza, preciso tocar seu cabelo macio, será que ainda é comprido como antes? Fecho os olhos tentando enxergar algo, qualquer coisa, ao menos o borrão que tanto me perguntam se estou vendo, mas não vem nada.

Mamãe e Tim aparecem pouco depois, falo pouco com Tim, e mamãe se joga em mim e me faz um milhão de perguntas. Ela aproveita um momento em que Tim se afasta para dizer que Ayla esteve ali por mim. Que não permitiu que ela passasse uma noite sequer ao meu lado. Que sequer cogitou a hipótese de me deixar. Quero perguntar se o anel ainda está em seu dedo, mas não o faço. Não posso mais dar brechas a esses sentimentos. A saudade que sinto de vê-la é o bastante para mim.

Recebo alta alguns dias depois, ainda não consigo enxergar, e um psicólogo é designado para me ajudar com isso. Acreditam que seja psicológico, que eu esteja travando a minha própria visão. Ayla me acompanha até em casa, entro pela porta, e é tão estranho não poder ver a minha casa!

— O que mudou aqui? — pergunto a ela.

— Nada. Eu não estava aqui, estava na minha casa, na casa da minha avó.

— Por que você não ficou aqui? Se estava brincando de ser minha mulher, poderia ter ficado.

Meu tom mais uma vez soa como uma acusação, sequer percebo que estou fazendo isso até já ter dito em voz alta, e não tinha a intenção de ser grosseiro com ela.

— Porque você não estava. Nesses últimos dez meses quase não estive em um lugar onde você não estivesse. Brincar de ser sua esposa, me feriu mais do que posso expressar em palavras, Eros.

— Ayla...

— Pegue esta bengala, se não quiser que eu o toque.

Ela coloca a madeira em minha mão e a solto.

— Não preciso disso. Eu andava por esta casa no escuro constantemente. Posso caminhar por toda ela de olhos fechados.

— Estar de olhos fechados não é a mesma coisa de estar cego. A qualquer momento você pode abri-los, então você não tem tanto medo. Pegue esta bengala e não me irrite!

Ela bate a peça em minha mão e me pego rindo.

— Você é uma péssima enfermeira — provoco.

— Trato assim os pacientes que me pagam com ingratidão.
— É muito atrevida, também. Seria demitida em menos de um dia.
— Eu não aceitaria um paciente tão babaca se tivesse opção.
— Você tem, pode ir embora quando quiser. Não se sinta presa a mim, eu a liberto. Entregue os papéis ao meu advogado e pode ir.

Ela não me diz nada. Caminha para longe de mim e chama por Clara.

— Clara, você pode levá-lo ao quarto dele, por favor? Não quero estar perto dele agora.

Clara me abraça e fala alegremente do quanto sentiu minha falta, de todas as orações que fez, da fé que tinha que eu fosse voltar, enquanto apoia minha mão e me guia até meu quarto. O cheiro de Ayla não está mais no ambiente, ao invés disso, há o cheiro de produtos de limpeza e um quarto frio. Clara me guia até a cama, mas não quero me deitar, quero tomar um banho, trocar esta roupa de hospital.

Sempre andei pelo escuro pela casa com facilidade, mas chegar ao meu closet de repente parece uma tarefa impossível. Tropeço em coisas que não me lembrava de estarem aqui, não tenho certeza de que direção seguir e fico cada vez mais irritado.

Ayla entra em meu quarto e pergunta:

— Quer tomar um banho?

Assinto e ela segura minha mão, guiando-me até o banheiro. Começo a tirar minha roupa enquanto ela separa algo que eu possa vestir. Acabo batendo a maldita bengala no vidro do box, fazendo um barulho enorme e Ayla corre até onde estou.

— Venha, vou colocá-lo debaixo da água — diz.

— Não preciso da sua ajuda para isso — respondo.

— Tudo bem, vou chamar a Clara para te ajudar com isso, então. Ela vai adorar vê-lo nu.

Imediatamente viro-me para atrás e a seguro, acabo pegando em seu seio com o gesto e mantenho minha mão ali, como se não soubesse onde estou tocando. Ela mal me toca desde aquele primeiro dia em que despertei, e sinto muita falta do seu contato, do seu calor, da sua pele macia!

— Me ajude, Ayla, por favor.

Ela tira minha mão de seu seio e preciso segurar o riso. Espero que vá me guiar, mas ouço-a se mexendo.

— O que está fazendo?

— Tirando a roupa. Não tenho roupas aqui, então não posso me molhar.

— Você não disse que ia ficar aqui comigo até eu melhorar? — De repente a possibilidade de ficar sem ela me assusta.

— Eu vou, mas vou usar suas roupas. Você nem vai saber, não vai ver mesmo.

— Também vai usar minhas cuecas?

Ela ri e é como se eu pudesse ver a luz do sol. O som do seu riso é a melhor coisa que ouvi desde que acordei.

— Aquelas branquinhas? Com certeza! Amo aquelas cuecas!

— Eu sabia!

Ela segura minha mão e me avisa sobre o degrau, guiando-me para dentro do box. Quando vai abrir o chuveiro, seu corpo encosta no meu, sinto sua pele macia e quente em meus braços, quero tanto tocá-la! Quero puxá-la para junto do meu corpo e mantê-la aqui. Quero pedir desculpas por tudo o que a fiz passar e dizer que a amo agora muito mais do que antes. Mas então me dou conta do que estou sentindo, do que estou prestes a fazer e não posso.

De tudo o que ouvi Ulisses dizer naquela tarde, quando Melissa me fez ir à delegacia dizendo que algo havia acontecido com ele, quando armou para que eu ouvisse a conversa deles, o que mais me dói é que ela teve tantas oportunidades de me contar a verdade! Podia dizer que gostava de mim, mas preferia meu irmão. Eu jamais os teria impedido de serem felizes juntos, ou teria? Será que conseguiria depois de me apaixonar por ela como me apaixonei?

Ela tenta ensaboar meu corpo, mas a impeço.

— Coloque o sabão na minha mão, por favor. E se você puder esperar do lado de fora do box, eu agradeço.

Ela não responde, mas se afasta e entendo que cada vez que não encontra palavras para me dar uma resposta atrevida, é porque a feriu demais. Ela fica tanto tempo em silêncio, me leva de volta ao quarto e me ajuda a me vestir em silêncio. Toca meu corpo o mínimo possível, mas seu cheiro está aqui, perto demais de mim e quero tanto tê-la que me sinto louco. Me acomoda na cama e finalmente ouço sua voz quando diz que Clara trará algo para eu comer e me ajudará, então ela se vai. Não diz se vai dormir aqui, se vai ficar no quarto ao lado, se vou falar com ela hoje de novo. Apenas se afasta.

— Ela quase morreu junto com você, Eros. Nunca na vida vi um amor tão forte! — Clara comenta enquanto me espera comer.

— Quanto maior o amor, maior a dor que ele causa.

— Acaso a solidão não dói? Você acha que pode mandá-la embora depois e ser feliz como se nada tivesse acontecido? Acha que vai doer menos não tê-la aqui?

— Acho que não quero nunca mais sentir a dor que senti naqueles dias, Clara. Ainda está doendo, ainda não cicatrizou. Podem ter se passado dez meses para vocês, mas para mim parece que foi há poucos dias. E não vou passar por isso de novo, nunca mais!

— Sua mãe é um anjo — comenta tirando a bandeja do meu colo — mas fez um belo estrago na sua cabeça. É uma pena que mais pessoas tenham que pagar por isso.

Uma chuva fina cai lá fora, ouço o barulho e o tempo fica frio. Eu poderia ir buscar uma coberta, mas não sou capaz nem mesmo disso. Quanto tempo mais essa cegueira vai durar? A porta do quarto abre e Ayla entra. Sei que é ela porque sinto seu cheiro. Ela não diz nada, mas caminha pelo quarto e pouco depois, algo quente é colocado sobre mim. Ela também fecha a janela e acende a lareira. Espero que vá sair sem dizer nada, mas ela sobe na cama e deita-se ao meu lado. Não consigo tocá-la quando estico a mão, mas sei que está aqui.

— O que está fazendo, Ayla?

— Não durmo sozinha.

Quero rir, mas tê-la na cama comigo é arriscado demais! É tentador demais! E sinto muita falta de tê-la em meus braços, de dormir como dormíamos.

— Ayla, há mais três quartos nesta casa, você pode...

— Eu não durmo sozinha! — fala mais alto.

— Isso não é problema meu!

— Dane-se, vou dormir aqui! Se estiver achando ruim venha até aqui e me tire! — Quero ir até ela e beijá-la. — Eu vou embora, Eros, assim que você voltar a enxergar. Vou sumir da sua vida, eu prometo. Mas esta noite, e todas as noites enquanto eu estiver aqui, eu vou dormir com você na cama. Isso não está em discussão.

Sei que não. Desde o instante em que senti seu peso no colchão eu soube que ela ficaria. Ainda não sou forte o bastante para fazê-la ir, ainda não posso deixá-la.

Toco meu rosto, percebendo mais uma vez que minha barba parece feita. E ela está me observando, pois responde à pergunta que não faço em voz alta.

— Eu fiz. Cortei seu cabelo, suas unhas e fiz sua barba algumas vezes. Cortei você nas primeiras, ainda bem que você não viu.

Mais uma vez quero rir. É tão fácil me distrair com ela! Ela me prende em sua conversa, em seu jeitinho doce e divertido com uma facilidade alarmante.

Ela fica quieta na cama, mas posso jurar tê-la ouvido fungar. Quero saber se está chorando, não quero que chore, não quero que sofra mais.

— Eu sonhei com você — me pego confessando na intenção de distraí-la. — Lembro-me de você, de coisas que não vivemos, mas são vívidas em minha mente.

— Foram sonhos bons? — pelo tom de sua voz confirmo que está chorando.

— Foram sonhos lindos. Mas foram isso, sonhos.

— Eu não espero nada de você, Eros! Não espero seu perdão, nem seu amor pela metade. Não espero nada! Você não precisa ser cruel e idiota como está sendo!

— Não tive a intenção, me desculpe. — Ela não diz mais nada e preciso ouvir mais de sua voz. Preciso saber que não a deixei ainda mais triste. — Como você fez para dormir nesses meses todos?

— Eu dormia com você, já te disse.

— Você não se contentava em estar sob o mesmo teto apenas, você se apossava do meu corpo. Não havia um pedaço de pele em mim que não tivesse um pedaço da sua pele.

— Eu dormia com você, sobre você, chame como quiser.

— Como exatamente era isso em um hospital?

Ela se mexe na cama e toca minha mão. Desta vez não a impeço. Então ela abre meu braço e se ajeita nele. Passa as pernas pelas minhas e afunda a cabeça em meu pescoço.

— Eu dormia assim.

— E dava certo? Você conseguia dormir?

Ela assente, e sinto o movimento de sua cabeça em meu peito, seu cheiro me acalmando, sua pele quente e macia me aquecendo. A cerco em meus braços e toco seu cabelo, sentindo finalmente a textura macia. Ele continua comprido, ainda maior do que antes.

— Durma, meu bem, descanse — peço baixinho.

Ela dorme em segundos e rapidamente adormeço também.

Ouço a risada de Clara da cozinha e Ayla desculpando-se por ter quebrado alguma coisa. Há um silêncio quando apareço e Ayla vem em minha direção, guiando-me até um banco.

— Você desceu sozinho? — Clara pergunta alarmada.

— Sim, mas antes que me parabeneze, acho que quebrei alguma coisa no caminho.

Clara sai da cozinha e vejo um borrão. Não consigo distinguir o que é, mas é como a médica havia me alertado, minha visão está voltando, finalmente! Isso significa que Ayla logo irá embora.

— Então, você não vai trabalhar hoje? Você é esse tipo de chefe? — provoco.

— Você não sabe o que tenho na mão, então não me irrite — responde.

— Você não me machucaria.

— Não tente a sorte.

— Ayla, obrigado por ficar comigo ontem à noite, mas você não pode mais dormir comigo. Peça a Clara para dormir aqui até que eu me recupere e você dorme com ela.

— Pensando bem, com certeza eu poderia machucá-lo. Lenta e dolorosamente — responde colocando minha mão sobre a xícara de café e deixando-me sozinho na cozinha.

Foi ela quem fez o café, assim como o pão que como. Me lembro do sabor de seus temperos, da maneira perfeita como adoçava meu café. Reconheço de longe o toque dela em tudo.

Tim e mamãe vem me ver durante a tarde, assim como Nico e Tulio. Ouço mamãe dizendo a Ayla que pode ir para a casa, que ela vai ficar comigo, mas Ayla não aceita. Mamãe não insiste e logo vão todos embora.

Ela me ajuda a tomar banho da maneira mais fria possível. Toco sua roupa enquanto me guia até o box e noto que é uma camisa larga e comprida. Na certa, alguma coisa minha.

— O que está usando? — pergunto.

— Uma camisa nerd sua.

— Qual delas?

— Uma vermelha, do Harry Potter, o que me levou a questionar qual é a sua idade mental.

Sorrio enquanto ela abre o chuveiro.

— Algumas paixões não tem idade. Você deve estar linda nela.

— Na verdade, não! Estou magra demais, tenho olheiras enormes e minha expressão é amarga. Uma típica chefe.

Procuro o som de sua voz tentando vê-la, mas vejo apenas uma luz, sequer vejo um borrão de sua silhueta.

— Me chame quando acabar — diz e me deixa sozinho no banheiro.

Já se passou uma semana e minha visão não melhorou mais do que aquele pequeno borrão de luz. Ainda assim, os médicos disseram que é um começo. Ayla está cada dia mais fria, às vezes, parece esquecer e me toca, e mesmo sem querer, sempre reajo aos seus toques da pior maneira possível e a machuco. Apenas por isso a estou evitando.

Já consigo transitar por boa parte da casa sozinho. Geralmente, procuro por ela, onde sinto seu cheiro ou ouço o som da sua voz, paro. Sua voz nunca é alegre, nunca tem aquele tom brincalhão ou atrevido de antes. Então nos poucos momentos em que a tenho perto, basicamente hora do banho e de dormir, a provoco o máximo que posso, arrancando dela suas respostas atrevidas. Ainda assim ela se mantém distante, aprendeu a não me tocar mais, a não tentar manter uma conversa normal comigo. Também não toca mais no passado. A única coisa que não conseguiu deixar de fazer, foi dormir na minha cama. Nem com Clara aqui ela conseguiu dormir, e acabou enfiada sob a minha coberta a noite.

Então a ouço chorar. Chora baixinho, quando está longe de mim, e não sei qual é o motivo da sua dor, mas quero curá-la. A dor que nos separou parece doer cada vez menos, e por mais que eu a tema, a falta que sinto dela dói bem mais. É horrível tê-la tão perto, ao meu alcance e não poder tocá-la. Qualquer outra pessoa já teria me deixado, não sou bom com ela, não sou legal. Não sou eu. Ainda não me encontrei desde que acordei e temo que algo em mim tenha se perdido de maneira irreparável.

Uma noite, ela se enfia sob minhas cobertas e finjo estar dormindo. Ela me cobre, acaricia meu rosto com cuidado e afasta-se de repente com medo de me acordar. Então chora baixinho. Estico minha mão pelo colchão e toco a sua. Ela se assusta e não ouço mais seu choro.

— Está tudo bem? — pergunto.

— Sim, tudo ótimo! Boa noite!

Por um segundo, não aguento mais essa distância. Por um segundo, quero puxá-la para meus braços e dizer que a amo. Aperto sua mão e ela não a afasta.

— Acho que você não tem conseguido dormir — tento começar uma conversa na esperança que desabafe comigo.

— Isso não é da sua conta, de toda forma. Não finja que está preocupado.

— Eu não finjo as coisas que sinto, Ayla, não sou você.

Ela tira a mão da minha bruscamente. E de repente, sinto um travesseiro batendo na minha cara.

— Você é um idiota! — grita enquanto me acerta uma e outra vez. — Um babaca, egoísta e covarde! Eu odeio você! Odeio você!

Tento impedi-la, e finalmente consigo segurar seu braço, então o puxo. Ela cai sobre mim e a prendo em meus braços. Tiro o travesseiro de sua mão e giro com ela na cama, acomodando meu corpo sobre o seu. Toco seu rosto com a boca, deposito beijos suaves por sua extensão e sinto seu cheiro e sua pele. Este segundo em que a desejo mais do que tudo volta, e a beijo.

A beijo com sofreguidão, com desespero. Tenho tanta fome dela! Tanta saudade de seu toque! Ela resiste por poucos segundos e então cede. Seus braços passam por meu pescoço e ela me beija de volta. Nossas línguas se encontram enquanto toco todo seu corpo. Sou obrigado a me afastar para tirar sua camisa, e ela me ajuda, despindo-me em seguida. Quando nossos corpos se tocam, uma corrente elétrica tão forte passa por mim, que me sinto vivo, feliz, em paz pela primeira vez desde aquela noite.

Toco cada centímetro do seu corpo, matando a saudade do que não posso ver, sinto-a gemer em desalento sob o meu. Beijo seus seios com força, enquanto suas unhas se cravam em minhas costas pelos movimentos que meus dedos fazem nela. De repente não posso mais esperar. Beijo sua boca com toda paixão que sinto por ela, com todo amor. E a penetro sentindo-me de novo no paraíso. Por alguns segundos ficamos totalmente parados, nossos corpos se reencontrando, a sensação de estar dentro dela me tomando completamente. Então me movo devagar, preciso saboreá-la mais, senti-la por mais tempo. Não posso apressar isso.

Fazemos amor devagar, apesar da saudade, apesar do tempo, apesar do desespero que tenho por ela. Gravo cada um dos seus gemidos, dos seus toques em minha pele, da maneira sôfrega como sussurra meu nome, a possuo na mesma medida em que ela me tem, esquecendo de tudo, do mundo lá fora, do passado entre nós, concentrando-me apenas nela aqui, em meus braços, gemendo enquanto me movo dentro dela. E apenas quando não posso aguentar mais, me

entrego. Me derramo nela, me perco nela, desabo sobre ela que me recebe em seus braços.

Quando nos acalmamos, puxo a coberta sobre nossos corpos, a beijo mais um pouco e afundo o rosto em seu pescoço, cercado por ela, seu cheiro e seu calor. E sem dizermos uma palavra, adormecemos.

Duas noites depois, não me sinto muito bem. Sinto-me fraco e constantemente com dor pelo corpo. Desde nossa noite de amor, Ayla voltou a se afastar. Assim como eu, tem medo da maneira como nos entregamos quando estamos tentando nos afastar. Esta noite, ela não sai de perto de mim. Me faz tomar alguns remédios, coloca um pano gelado na minha cabeça. Toca meu rosto o tempo todo em busca de uma febre que quer evitar.

Uma chuva forte cai lá fora e percebo que sequer sei em que dia estamos. Sei que perdi quase um ano naquele quarto de hospital, mas não procurei me recompor desde que saí de lá. Ayla enfia um termômetro na minha boca e parece em pânico quando ele apita. Volta com os panos gelados, tira minha coberta, liga para a médica que não pode chegar até mim por conta da tempestade.

Ela não me diz nada além de perguntar como estou me sentindo. Então, de repente, vejo o teto do meu quarto. Está embaçado, meio escuro, mas consigo defini-lo. Viro-me na cama e a vejo: Ayla. Está sentada ao meu lado, em pânico, lágrimas descem por seus olhos. Ela toca minha testa e constata que a febre está cedendo, mas não parece mais aliviada por isso. Um pouco de sua preocupação some, mas ainda parece triste.

Estava com tanta saudade de vê-la que não consigo desviar meus olhos dela, e ela nem se dá conta disso. É tão linda que minhas visões dela não faziam jus à sua verdadeira beleza. Tem seu cabelo bagunçado solto, usa uma blusa minha de uma banda de rock e chora em silêncio. A julgar pelas olheiras sob seus olhos, parece que tem estado chorando constantemente. Ela me olha, vem com a mão em direção ao meu rosto, mas a para assim, pairando sobre minha pele, sem me tocar. Não tem coragem de seguir em frente e recolhe a mão, sentindo-se desolada. E sinto-me assim com ela.

Não me toca porque pensa que irei impedi-la.

Volto a olhar para o teto. O que vejo em seus olhos é amor, é a dor que senti quando descobri sobre sua mentirinha de nada, a mesma dor que senti. Estou causando isso a ela sem ao menos me dar conta. Estou preocupado demais me defendendo enquanto a deixo exposta. E esse amor todo estampado em seus olhos? É coisa da minha imaginação?

— Ayla — chamo e ela me responde. — Venha aqui, fique mais perto de mim, preciso de você.

Imediatamente ela se deita no meu braço, toca minha testa para conferir a temperatura e pousa sua mão sobre meu peito. A cerco em meus braços, beijo sua cabeça, ainda enxergo tudo um pouco embaçado, mas meu corpo não dói mais. A quantidade de remédios que Ayla me fez tomar devem mesmo ter ajudado. Ela acaba adormecendo e a cubro. Beijo seu rosto e sua boca de leve, a observo dormir, mesmo através de algumas sombras, e adormeço com ela.

Quando o dia amanhece, consigo vê-la perfeitamente! Consigo ver tudo perfeitamente! Ela dorme em meus braços tão relaxada, aquele mesmo anjo de beleza que me fascinava! Ela ainda me fascina, ainda me prende por longos minutos apenas admirando-a. Sinto falta de olhar tudo à minha volta, saber em que tropecei por todos esses dias no meu quarto, mas não consigo desviar os olhos dela.

Então me vem a constatação de que ela irá embora. Assim que perceber que estou bem, me deixará. Ela não pode saber. Ainda não. Preciso de mais um tempo com ela, apenas um pouco mais.

Uma mentirinha de nada, como ela disse, enquanto a mantenho apenas mais um pouco comigo. É isso! Ela não vai saber que voltei a enxergar. Pelo menos agora não. Pois perdi dias demais sem poder vê-la, preciso muito olhar para ela.

Capítulo 35

Eros

Ayla não percebe que voltei a enxergar quando acorda pela manhã. Ela se espreguiça em meu corpo, abre os lindos olhos castanhos e sorri ao ver que está em meus braços. Tenta tocar meu rosto, mas como nas outras vezes, para o movimento no ar e desiste. Então se levanta vagarosamente. Seus olhos estão em meu rosto, mas pensa que não posso vê-la.

A observo enquanto tomamos o café na cozinha. O tempo inteiro com a cabeça baixa, responde educadamente o que Clara fala com ela, sorri para Clara, um sorriso contido, travado, nem perto do lindo sorriso de tirar o fôlego dela. Durante todo o tempo em que a observo, mantém sua expressão cansada e sem vida. E ali está em sua mão, o anel. Ela ainda não consegue tirá-lo e isso faz um sorriso aliviado pousar em meu rosto.

A campainha toca e ela vai atender, no momento em que se afasta, a sigo com o olhar. De repente, algo voa em minha direção e pego no ar um pequeno croissant. Olho para Clara que me encara de volta, com um sorriso no rosto.

— Você está enxergando. Desde quando?

Imediatamente levanto-me da cadeira e dou a volta pela bancada, abraçando Clara para que fale baixo.

— Desde ontem à noite. Por favor, não conte para a Ayla.

Ela se afasta horrorizada com meu pedido.

— Como pode fazer isso com essa pobre menina? Não vê a culpa que carrega todo o tempo pelo estado em que você se encontra?

— Vejo agora, Clara. Mas se dissermos a ela que estou bem, ela vai

embora. E não posso permitir isso, não ainda.

Ela coça a cabeça confusa, vejo a confusão em seu rosto, sabe que o certo é dizer a verdade a Ayla, mas também sente que precisa nos ajudar.

— Não o entendo, menino. Não é o que você quer? Que ela vá embora?

— Sim, mas não sei viver sem ela. Clara, por favor me ajude.

— Tudo bem — concorda derrotada. — Mas com uma condição.

— O que você quiser, querida.

— Você nunca mais vai fazer essa menina chorar. Chega de sofrimento para ela, isso precisa parar!

— Eu prometo tentar, Clara. Prometo com todo meu coração. Também quero ajudá-la, quero curá-la, cuidar dela, não tenho a intenção de feri-la.

— Tudo bem, então. Seu segredo está guardado. Mas vê se presta mais atenção! Do jeito como olha para ela é muito óbvio que a enxerga. A pobrezinha só não percebeu porque vive no mundo da lua nesses últimos dias, nunca olha ao seu redor.

Minha menina, minha princesa que sempre observava tudo, tão cheia de vida e energia, agora se resume a um mero reflexo meu.

Procuro por ela para ver quem era à porta e a avisto na sala com Tim. Ouço o que está dizendo a ela.

— Você precisa voltar a viver, até quando vai se sacrificar assim, Ayla?

— O que me pede é impossível, Tim, e você sabe!

— Ayla, mamãe pode cuidar dele, eu posso fazer isso. Estou em dívida com ele, foi por minha culpa que ele acreditou naquela baboseira de sermos amantes, por conta das besteiras que fiz antes do casamento de vocês. Eu plantei essa semente em sua cabeça, ele só precisava de uma confirmação. Tenho essa dívida eterna com ele, deixe-me quitá-la.

Ela se afasta, a expressão ainda mais cansada do que há poucos minutos. Como se a presença de Tim, ou o assunto que estão falando, a esgotasse.

— Você precisa mesmo se redimir com ele, mas não assim. Não vou embora, não ainda. Apenas quando ele mandar, e só quando ele estiver bem. Não vou deixá-lo.

— Ele não a quer por perto! Ayla, acredito que meu irmão a ama profundamente, e isso dá a ele o poder para destruí-la como tem feito. Olhe para você! Você se tornou uma sombra da pessoa que era. Quer continuar infeliz até quando? Vai aceitar seus insultos até quando? Ayla, amo meu irmão mais do que tudo, mas me preocupo com você. Você é minha amiga, e não posso ver uma

amiga se afundando como está fazendo e não dizer nada. Vá embora dessa casa, afaste-se dele. Assine o divórcio e viva sua vida, garota!

— Ele é minha vida! Minha vida está aqui! Você não entende, você nunca entende! Não vou deixá-lo a menos que seja a vontade dele.

— Então vai permitir que ele a fira?

— Não! Ele me fere sem minha permissão. Mas não posso me afastar, não posso deixá-lo, eu preciso cuidar dele, preciso saber que está bem, eu quero estar com ele até que se recupere.

Ele segura as mãos dela, é um gesto amigável, não a olha com outros olhos.

— Juro que pensei que ele acordaria do coma e ficaria com você. Que entenderia que já perdeu tempo demais, meu irmão sempre foi uma pessoa tão inteligente!

— Eu não pensei, sabia que acordaria ainda remoendo a mágoa que causei a ele. Ele nunca vai me perdoar, Tim. Vejo isso na maneira como fala comigo, como me afasta, mesmo sem querer, às vezes sem se dar conta. Ele não me ama mais.

— Então, se não tem qualquer esperança, por que está aqui? Por culpa?

— Não. Eu me culpo sim pelo que aconteceu a ele, mas o que me mantém aqui é mais simples do que isso, é amor. Não posso deixá-lo até ser obrigada a isso. Não vou sair, Tim, agradeço sua preocupação. Se você ou a Atena quiserem ficar aqui com ele, é um direito de vocês e serão sempre bem-vindos, mas não me peçam para ir embora. Até que ele volte a enxergar não vou a lugar nenhum.

Meu irmão aceita porque sabe que não adianta insistir com ela. E minha cabeça parece prestes a explodir. Eles nunca se envolveram, Tim sabe que a amo, isso é óbvio, ele acreditava que ficaríamos juntos. Quer que Ayla saia desta casa, mas é por se preocupar com ela, uma vez que não estou sendo a melhor companhia para ela ultimamente. Bem, olhando seu rosto vazio e esse olhar apagado, qualquer pessoa próxima a ela poderia pedir que se afaste de mim.

O que estou fazendo com ela?

O que estou fazendo conosco?

Sim, a mentira dela me feriu, não só pela mentira em si, envolvendo a única coisa que ela poderia dizer para me desestabilizar. Mas o fato de ela tê-la sustentado depois me machucou mais. O amor dela pelo meu irmão me machucou mais ainda. E a ideia de vê-los juntos, isso me matou por dentro. Tim de repente ficou estranho, preferiu afastar-se de mim sem pensar duas vezes. Éramos tão ligados, que pensei que algo muito forte houvesse acontecido, que não fosse apenas meu casamento com a mulher que ele desejava. E então,

quando ouvi da boca de Uli tudo o que disse, pareceu se encaixar tão bem! Me deu um motivo para Tim ter se afastado, um motivo para Ayla ter mantido sua mentira. E mesmo quando a vi, quando comecei a fraquejar em minha mágoa porque a saudade dela falava mais alto, porque não suportava vê-la tão triste por mim, o medo de ela me ferir de novo venceu. O medo de ser como meu pai, de percorrer o caminho tortuoso da minha mãe.

Então, inadvertidamente, tentando fugir disso, me meti em um caminho ainda pior. Um caminho onde sou o homem que seus amigos tentam tirar de sua vida para o próprio bem dela. Um caminho em que a machuco tanto quanto a mim. E não quero ser esse homem. Quero ser o homem que a ama acima de tudo, que cuida dela, para quem ela corre sempre que precisa. Mesmo que para isso me torne o homem a quem ela fere, não me importo, apenas não posso mais fazer mal a ela.

Tim despede-se dela para falar comigo e volto à cozinha, fingindo também para meu irmão que não posso vê-lo, embora enxergue a dor em seus olhos e a culpa que carrega. As coisas que disse a Ayla ainda ficam martelando em minha mente, jogando-me sobre um precipício de sentimentos conflitantes. Devo escolher um caminho para seguir, um lugar para pousar em segurança, e por mais que saiba no fundo da alma o que desejo, tenho medo de fazê-lo.

A noite cai e a campainha toca novamente. Desço as escadas e avisto um homem abraçando Ayla. Quando ele levanta a cabeça sorrindo para ela, mal posso acreditar no que estou vendo. Meu pai vem em minha direção, olhando-me com saudade, culpa e desconfiança e preciso me lembrar que ela está aqui, que pensa que ainda não posso vê-los.

— Ayla, quem está com você? Pensei ter ouvido a voz do meu pai, mas isso não pode ser possível — pergunto.

— Sou eu, meu filho.

Ele vem até mim e me abraça e custo acreditar que isso esteja mesmo acontecendo. Que ao menos esse acidente idiota tenha servido para trazê-lo de volta à minha vida.

Depois de me contar sobre os lugares onde estive, as coisas que viu e fez, pede a Ayla que lhe faça um café.

— Estou com saudade do seu café, querida — diz a ela que sai imediatamente para atendê-lo.

— Quando exatamente você tomou o café dela?

— No hospital, nas vezes em que ia vê-lo. As enfermeiras sempre pediam a

ela que fizesse o café. Convivi bastante com ela nesse período. Ela até me convidou a ir com ela doar comida para pacientes que não tinham condições, foi uma experiência maravilhosa! Sem falar que era a sua cozinheira quem fazia a refeição dos médicos e enfermeiros que o tratavam todos os dias. Ela cozinhava e Ayla levava. Por isso você tinha tantas regalias lá dentro — conta sorrindo. — Uma criatura incrível, a sua mulher.

— Ela é a coisa mais linda, especial e importante que já tive na vida.

— Mas?

— Mas tem um poder imenso sobre mim. Coloquei minha vida nas mãos dela, e vou fazer isso de novo.

— Você a ama — afirma.

— Muito.

— Então por que pensa que sua vida saiu das mãos dela em algum momento?

Ele se senta ao meu lado e segura minha mão. Faz tantos anos que não o tenho assim, perto de mim desse jeito, aconselhando-me como antes, que me parece um pouco estranho, um pouco surreal.

— Não quero ser você, pai. Você enxergava na mamãe um amor que não existia, e a perdoava por coisas que ela não merecia ser perdoada. Então você se perdia cada vez mais, até não sobrar nada. Temo que se permitir que ela fique, porque vejo nela um amor que pode nem estar ali, vou me tornar você. E mesmo assim parece que não posso evitar isso.

Seus olhos estão cheios e temo que o tenha magoado, mas quando fala comigo, sua voz é calma.

— Ah, mas o amor dela não é ilusão. Essa menina te ama, meu filho! Ela te ama como você a ama! Você não é eu, Eros. Ayla não é Atena, definitivamente não é. Quanta força há nela em lutar por seu amor! Não deixe que nossos erros do passado continuem ferindo você, não deixe que meus erros interfiram em quem você vai ser. Você vai deixar que ela o destrua de novo, e sim, isso pode acontecer, isso tende a acontecer quando amamos tanto alguém, mas você não vai ficar melhor fugindo dela para evitar isso. Se quer um conselho do seu pai, mesmo que tardio, deixe que ela o ame, viva esse amor, e se ela o machucar, tudo bem. Deixe que o amor acabe, se desgaste se tiver que ser assim. Mas não desista, não fuja se escondendo, pensando que isso será melhor porque não será. Vai passar seus dias pensando nela, suas noites sem dormir direito, vai se perguntar a cada segundo como seria se tivesse tentado de novo. Vai se arrepender, meu filho. Não faça isso.

Percebo que está falando de si mesmo, do que fez quando enfim se cansou de correr atrás de um amor que não parecia destinado a ele.

— Você a viu? Viu a mamãe?

— Não, não suportaria vê-la. Ayla tem cuidado para que isso não aconteça. Filho, você tem medo de ser igual a mim em tentar de novo e se ferir. Mas digo que não deve ser igual a mim em desistir do amor da sua vida e ir embora. Algo tão bom quanto um amor como esses não vem para você sem obstáculos, você precisa merecê-lo, precisa lutar por ele. E se o que sente é de verdade, faça isso até o fim.

— Eu a amo tanto que às vezes me perco pensando nela. Não durmo sem ela, não sei sorrir longe dela, a sinto em cada parte do meu corpo. É algo assustador.

— Amar é assustador. Geralmente, dolorido também.

— Mamãe diz algo parecido.

Ele sorri, Ayla surge com as xícaras e entrega a dele primeiro. Quando deposita a minha em minha mão, seguro as suas impedindo-a de se afastar.

— Fica aqui comigo, toma café perto de mim.

Ela entende do que estou falando, e por um segundo, temo que vá negar, pensa em fazer isso, posso ver na maneira como seus olhos confusos buscam os meus. Mas então cede. Pega sua xícara e senta-se no meu colo e entendo que papai está certo. Tenho perdido tempo demais sendo covarde, um medroso, me recusando a enxergar o que está em minha frente. Eu a amo! Se ainda me ama como disse ao Tim, então não posso deixá-la ir. Olho seu rosto tão lindo, seu sorriso doce ao meu pai, o anel em seu dedo. Tento tirá-lo, brincando com seus dedos e não sai. Sorrio. Vejo que olha meu rosto quando faço isso e sorri de volta.

— Quer saber se ainda me ama? — brinca.

— Não, eu sei que amo. Quero saber se você ainda me ama — seu sorriso some e seus olhos estão confusos, busca algo em meu rosto, então levanta-se e senta-se do outro lado da sala. E não volta a olhar em minha direção.

Pensa que estou apenas brincando com ela.

Tenho tanto a me redimir com ela! Tanto para enfrentar desse medo que ainda me assombra! Mas Tim está certo, já perdi tempo demais sem ela! E provavelmente a dor que sinto agora ao vê-la tão sem vida é maior do que a dor que ela me causou quando tirou a minha. Preciso cuidar dela, provar que nunca mais irei deixá-la. Que ela pode errar comigo à vontade pode me ferir como quiser, ainda estarei aqui com ela. Como ela corajosamente está por mim.

Preciso pensar em um jeito de dizer a ela que não permitirei que saia da minha vida nunca mais.

Ela não aparece esta noite. Fica na biblioteca lendo, a observo por algum tempo lá, concentrada em um livro, seus olhos pesados, mas não se rende. Por fim, adormece na pequena poltrona. Tiro o livro de sua mão, a pego no colo e a levo até o quarto, até nossa cama. A encaixo em meus braços, como ela gosta e adormeço com ela assim. Naquela sensação boa de alinhamento perfeito do universo.

Ela se levanta pela manhã, confusa, mas não me pergunta nada porque quase não fala comigo. Sou eu que puxo conversa. Levanto-me com ela e enquanto ela separa minha roupa, digo:

— Eu pensei em voltar à empresa hoje, o que você acha?

Um sorriso lindo ilumina seu rosto! Um sorriso que não vi ali desde que voltei a enxergar. Seus olhos brilham e posso ver neles o orgulho que sente de mim, por eu estar tentando quando acha que estou cego.

— Acho maravilhoso! Está passando da hora de deixar de ser folgado e assumir de novo seu lugar pra eu poder tirar umas férias.

— Sem férias, meu bem. Vou precisar de você.

Seu sorriso some pela maneira como a chamei. Ela se sente ferida, se sente confusa. Preciso que volte para mim antes que se feche e se afaste definitivamente. E a melhor maneira de chegar até ela quando está se afastando, é provocando-a. Ela costumava ser facilmente irritável, quero ver se seu jeitinho briguento e esquentado continua presente nela.

— Claro, se você não for ficar buzinando vinte e quatro horas no meu ouvido sobre os meses em que fingiu fazer o meu trabalho.

Sua expressão torna-se indignada, seus olhos se acendem e preciso conter meu sorriso para que não desconfie que posso vê-la.

— Ache uma opção melhor do que eu, se minha falação o incomoda, senhor diretor. Isto é, se você realmente acha que mais alguém nesse mundo o suportaria.

— Sei de alguém que suportaria, mas você a demitiu, não foi?

— Sim! E faria de novo, aquela bruxa! Você deveria me agradecer por tê-lo livrado dela! Enquanto eu brincava de fazer o seu trabalho tive que lidar com seus funcionários idiotas. Eu deveria ter demitido todos eles!

— A irritaram tanto assim? — Estou interessado em saber quem a

incomodou, pois vou eu mesmo dar um jeito neles.

— Bem, tudo me irrita, então, sim.

Sorrio com sua confissão envergonhada.

Enquanto estamos a caminho da empresa, quase em suas dependências, ela diz suas condições para continuar me ajudando.

— Se vai me fazer ficar mais um tempo perto de você vou querer um salário. Se vamos nos separar não tenho que bancar a esposa e trabalhar de graça. E vou falar o quanto eu quiser falar, você pode se queixar, sabe que não vai resolver.

— Você vai ser atrevida e insolente?

— O tempo todo!

— E o que acontece se eu perder o juízo com seu jeito atrevido e beijá-la?

Ela trava completamente. Seus olhos pousam em mim, se demoram na minha boca, mas o fogo que vejo neles apaga rapidamente e ela se vira para o outro lado, afastando-se o máximo possível de mim no banco.

— Não faça essas brincadeiras, não gosto delas. Seja o paciente rabugento e idiota que tem sido, prefiro ele do que essa sua versão cruel.

— Ayla, eu não...

Ela coloca fones de ouvido e cantarola alto, demonstrando claramente que não quer mais conversar.

— Você só precisa me dizer o que quer saber. — Ela diz enquanto entramos no elevador. — No momento, estamos fazendo um projeto de uma basílica. É algo lindo, irei descrever a você as ideias que tive, e você acrescenta as suas, você me diz como quer e eu faço, pode ser?

— Exatamente como antes. O que houve com os Sampaio?

— Heitor foi preso e Melissa está pobre, coitada! — Noto o tom alegre em sua voz, e o sorriso que disfarça muito mal. — Ela veio até a empresa pedir uma ajuda de custo ao seu irmão.

— E você ofereceu um emprego a ela? — provoco. — Para ajudar uma pessoa necessitada.

— Como se eu fosse deixá-la perto de você! — diz sem querer e fica completamente sem graça ao se dar conta. — Não era o que ela estava procurando, de toda forma. Claro, se você quiser tê-la por perto, pode tentar contratá-la como sua assistente.

— Uau! Eu poderia ter duas assistentes tão lindas!

Ela me lança um olhar assassino e respira fundo para se controlar.

— Não teria, porque eu a mataria no primeiro dia!

— Ela não é linda, estou apenas irritando você. Você é linda! Me lembro de cada detalhe do seu rosto, do seu corpo, seus olhos e seu sorriso, como se pudesse vê-la agora.

Ela me olha daquele jeito doce, e quase perco a cabeça puxando-a para meus braços e beijando sua boca, deixando-a saber que posso mesmo vê-la.

— Também me lembro da sua expressão assassina quando fica com ciúmes, como ficou agora — provoco antes que se afaste.

Funciona. Seu olhar indignado volta, e ela cerra as mãos em punhos, irritada.

— Ciúmes? Não sinto ciúmes de você! Mas sim, tenho uma expressão assassina. Aliás, estou me segurando para não matá-lo também!

— Você podia ter feito isso naquela noite, com os travesseiros — lembro da nossa noite de amor e mais uma vez ela fica travada. Olha-me como se eu fosse algo incompreensível e antes que me dê uma resposta, o elevador abre e as pessoas parecem em choque quando seguro a mão dela e vou passando por elas.

Algumas pessoas vêm até mim, me abraçam, outras apenas me desejam as boas-vindas de longe. Preciso me lembrar constantemente de fingir que não as estou vendo. Ayla me diz baixinho para que lado ir e o que pode haver em meu caminho, até chegarmos à minha sala.

— Você pode convocar uma reunião com os arquitetos, por favor? — peço.

Ela se senta na minha cadeira, que há meses é dela, para fazer as ligações e parece tão linda ali que me pego viajando em sua beleza. Tim entra na sala e me cumprimenta animado por eu estar de volta. Pouco depois, os outros dois arquitetos da empresa, Matias e Monteiro entram. Me cumprimentam desejando as boas-vindas e se sentam.

— Que bom que está de volta, Eros. Uma empresa como a Reymond não pode ficar muito tempo nas mãos de uma garota — Monteiro comenta com desdém.

Seguro a mão de Ayla para acalmá-la, e advirto Monteiro.

— A garota de quem está falando é minha esposa! É uma mulher brilhante que levou esta empresa muito bem nos últimos dez meses, e fez sozinha os principais projetos confiados a ela, uma vez que você estava sendo um idiota em não ajudá-la. A minha volta não significa que ela não seja sua superior, então

mostre o devido respeito a ela, ou deixe esta empresa agora mesmo.

Ele gagueja, completamente sem graça, Matias ao seu lado tenta segurar um sorriso e Ayla está de boca aberta, surpresa por minha atitude. E isso está errado, pois sempre a defendi diante de todos, o fato de ela não esperar que eu fizesse isso agora, mostra o quanto estou em falta com ela como marido.

— Eu sinto muito, senhora Reymond, se a chateei em algum momento. Prometo que isso não voltará a acontecer — Monteiro se desculpa.

Falamos sobre os projetos feitos, valores cobrados e os que estão pendentes e deixo que Ayla designe quem fará qual projeto, já sabendo que o menor deles ficaria com Monteiro. Espero que ele vá discutir quando ela lhe passa o projeto, mas ele não diz absolutamente nada. Quando estão deixando a sala, Matias olha para Ayla com uma admiração que não deveria estar ali. Observa-a como uma linda mulher, não como sua chefe.

— Como está seu pé, Ayla? — pergunta a ela tocando seu tornozelo e quase pulo sobre ele.

Dou um passo em sua direção, e Tim me impede, entrando na minha frente com um olhar acusador para mim. Ele percebeu que voltei a enxergar, pois não fui capaz de fingir não ver o maldito com as mãos na minha mulher.

— Está bem melhor, obrigada! — ela responde e sai da sala com ele, para buscar nossos cafés.

— Desde quando você voltou a ver? — Tim pergunta com um sorriso jogando-se na poltrona à minha frente.

— Não voltei.

— Ou você voltou, ou tem um sexto sentido incrível para um cara dando em cima da sua mulher. Desde quando, Eros?

— Quem esse babaca pensa que é? Ele colocou a mão nela na minha frente!

— Foi no pé! E ele pensou que você não estava vendo. Não se preocupe com ele, o tenho observado há alguns meses, nutre uma paixonite por sua esposa, mas nunca foi além e nem irá. Para todos aqui é muito claro o quanto ela te ama. Ela já sabe que você recuperou a visão?

Sento-me em minha cadeira e olho meu irmão.

— Não e não pode saber. Você precisa manter segredo, Tim!

— Claro, se souber ela vai embora. E você finalmente se deu conta que não pode viver sem ela.

— Eu sempre soube disso. Você vai me ajudar?

— É claro! Isso vai ser muito divertido! Mas te adianto, irmão, ela irá matá-

lo quando descobrir que você vem escondendo isso dela. Escute o que estou dizendo, vai arrancar seus olhos.

Ayla entra em nossa sala com uma bandeja e nos serve café.

— O que houve com o seu pé? — pergunto sem olhar para ela, para que não perceba nada, mas o idiota do meu irmão ri da minha atuação e temo que ela vá desconfiar a qualquer momento.

— Bem, sempre fui azarada, você sabe disso, sou dada a pequenos incidentes. Quando conheci você, curiosamente, isso parou um pouco, eu comecei a ter sorte. Então, já estava acostumada a uma vida feliz e calma, quando você entrou em coma, e eu não tinha mais você. Voltei a ser azarada. Quebrei o pé nas escadas do hospital há dois meses. Mas já me recuperei.

Olho imediatamente para seu pé e Tim chama sua atenção, para que ela não veja que posso enxergar.

Não vou conseguir manter isso por muito mais tempo. Ela me faz perder o controle constantemente. E não ajuda o babaca do meu irmão estar rindo tanto como está fazendo agora da minha cara assustada.

— Ela não está te contando tudo, irmão. Ela quase foi atropelada, ficou quatro horas presa no elevador entre dois andares, ficou presa no terraço em um dia chuvoso e, claro, explodiu a cafeteira do hospital.

— Sim, teve isso também — concorda como se fossem coisas normais, que acontecem no dia a dia de todo mundo, e não pequenos e perigosos desastres.

— Sinto muito não ter estado com você em cada um desses momentos, meu amor. Prometo que estarei agora, você não vai mais passar por isso, se sou a sua sorte.

Não posso olhar para seu rosto, mas pela cara de Tim sei que não é bom. Ela não diz nada quando deixa a sala e bate a porta.

— Ela ainda pensa que estou brincando com ela — digo desanimado.

— Acho que não. Acho que percebeu que não está, por isso está com medo. Não quer ter falsas esperanças.

— Você podia falar com ela, Tim, e...

— Nem pensar! Você quer reconquistá-la mentindo para ela, quando foi por uma mentira dela que a deixou! Só vou ficar aqui rindo da sua cara, mas não me meta nisso.

— Babaca! — reclamo atirando um lápis nele.

À noite, mamãe e Sofia vêm jantar. Sofia me traz um pote daqueles

biscoitos que amo, e cuida de mim como se eu fosse mesmo seu neto. Me pede desculpas pelo que Uli disse, confirmando que ele mentiu porque pensou estar dizendo o que Melissa queria ouvir para libertá-lo. Agora entendo isso. Na verdade, se não tivesse sofrido o acidente, provavelmente teria percebido bem antes, e já estaria divorciado. Poderia ser tarde demais.

Mesmo com a presença de sua avó, Ayla quase não fala à mesa, e sou obrigado a fingir ter dificuldade em comer para que ela me ajude o tempo todo. Assim, consigo mantê-la perto, interagindo comigo, me tocando, cuidando, sabendo que estou aqui.

Quando elas vão embora, Ayla separa minha roupa para que eu tome um banho. Não sei mais como quebrar essa barreira entre nós, barreira que eu mesmo construí. Bato a mão com força no box do banheiro e grito, em dois segundos ela abre a porta e me vê no chão. Ela pensa que caí e vem me ajudar. Então coloco meu peso sobre seus ombros e a puxo para meu colo, para meu corpo. Ela molha a blusa minha que usa e todo seu cabelo, mas está sorrindo. Tenta se levantar, mas escorrega e cai sobre mim de novo.

— Eu até te deixaria ir, mas você decidiu ficar — a provoco e ela tenta explicar que escorregou, porém, a beijo interrompendo sua explicação. Sinto seus lábios macios correspondendo ao desejo que sinto por ela, à saudade que tenho de tê-la assim. É um beijo lento, nossas línguas se tocam, ela acaricia minha nuca, totalmente entregue. Se não estivesse em meu colo, este seria aquele momento que adoro em que perde as forças nas pernas e a amparo.

Quando o beijo termina, ela se afasta rapidamente e me ajuda a levantar. Tiro sua blusa, ela fica parada, sem saber como agir, querendo me impedir, mas não é capaz disso. Jogo a blusa no chão e a puxo para meus braços, beijando seu pescoço, seus seios, tocando seu corpo com desespero, decidindo por ela.

Ela volta a si e tenta se afastar, mas seguro sua mão impedindo-a.

— Fica comigo, por favor. Não consigo nem mesmo tomar banho sozinho, estou me sentindo um peso para você.

— Não diga isso! — ela diz voltando para debaixo da água comigo, deitando a cabeça em meu peito.

— Ayla, você não teve culpa pelo acidente, não teve culpa por nada. A culpa foi toda minha, porque eu dei mais ouvidos ao meu medo do que ao meu amor por você.

— Não precisamos falar disso — diz afastando-se. — Mas você não é um peso, jamais pense isso, você é...

Ela para de falar e há tanto amor em seus olhos, que preciso que continue.

Nossos olhares se encontram, começa aquela conexão que sempre nos tomou, aquela bolha invisível que me permite ver apenas ela diante de mim e nada mais importa.

— Eu te amo, Ayla! Te amo tanto que isso me assusta! E mesmo assim eu te amo, se houvesse um botão de desligar, não o faria. Porque quero amar você, amo amar você. Amo cada coisa sobre você, todas as suas manias, suas loucuras, suas respostas atrevidas e as doces. Amo seu sorriso, tanto quanto seu riso descarado, amo o jeito como se aconchega ao meu corpo para dormir, amo vê-la acordar comigo. Amo tomar café com você no meu colo. Amo quando cozinha para mim. Amo que tenha ido dormir comigo todos os dias, porque o seu perfume me fez ter os mais belos sonhos que eu poderia ter enquanto dormia. Tenho certeza disso. Eu te amo. Você é melhor coisa que aconteceu na minha vida. Me perdoa por tudo o que fiz, e por favor, fica comigo. Não me deixa nunca, não sei viver sem você, não quero aprender.

Ela sorri, seus olhos estão cheios, e a beijo. Ela corresponde por um tempo, então se dá conta. Afasta-se de uma vez e me olha. Tenta se afastar de novo, mas tropeça no degrau do box e a seguro imediatamente.

— Você voltou a ver! Você está enxergando! — grita emocionada e pula sobre mim. A prendo em meus braços, sentindo seu corpo macio no meu. — Quando isso aconteceu? Agora?

Seguro seu rosto, seus olhos emocionados focados em mim.

— Não, amor, há alguns dias.

— Como assim alguns dias? Você me pediu ajuda o jantar todo! Você...

Ela começa a se lembrar de coisas, seu rosto vai atingindo um tom vermelho.

— Desde quando está enxergando?

— Desde aquela febre alta em que você cuidou de mim.

— Tanto tempo assim? E não pensou em me contar?

— Pensei, claro! A primeira coisa que fiz foi olhar você para te dizer. Mas você estava chorando. E eu não podia dizer nada quando sabia que você iria embora sem me deixar curá-la.

Ela sai do banheiro, se enrola em uma toalha e a sigo.

— Eu não acredito que você fez isso!

— Ayla, tenta me entender. Eu não podia permitir que você partisse, precisava te manter de qualquer jeito comigo! Foi só uma mentirinha de nada! — insisto enquanto se veste.

Ela para e olha para mim, há tanta mágoa em seus olhos, que recuo.

— Uma mentirinha de nada? Você está zombando de mim. Esta foi sua vingança?

— Não! Claro que não! Eu te amo, só queria mantê-la comigo. Eu faria qualquer coisa para ter você comigo!

— Você só precisava ter pedido! Se você me dissesse que me ama, eu nem precisaria do seu pedido de desculpas, eu ficaria. Mas quer saber? Quando eu menti você me julgou, me feriu, não acreditou em mim, não foi?

Começo a me desesperar com a determinação que vejo em seus olhos.

— Amor, isso não é hora de ser vingativa. Não vamos guardar rancor, não cabe isso no nosso amor, certo?

— Não é hora? É a hora perfeita! Adeus, Eros! Não confio mais em você!

Ela sai do quarto e a sigo, mas nada do que digo adianta, implorar não adianta. Me ajoelhar e abraçar sua cintura pedindo que fique não adianta. Ela sai da nossa casa para não voltar mais. E a culpa de tudo isso é minha.

Capítulo 36

Minha vida esteve dormindo junto com ele por longos dez meses. Houveram dias em que me diziam que ele não acordaria, e eu me recusava a acreditar nisso. Sabia que ele não me deixaria, que sua raiva, o pedido de divórcio, tudo isso era por mágoa, por medo apenas. Mas quando olhasse para os lados e visse que estava sem mim, ele voltaria. Porque era assim que eu me sentia sobre ele, tínhamos que ficar juntos, e não podia ser diferente.

Então ele entrou em coma. Por dez meses me deixou sozinha. Por dez meses me fez cuidar dele, me mudar para um hospital, cortar seu cabelo e suas unhas, aparar sua barba, beijar seu lindo rosto, massagear seu corpo. Por dez meses apenas sobrevivi esperando que voltasse para mim, chamando-o todos os dias, para que pudéssemos viver de novo. Então ele acordou, mas tudo o que fez foi me machucar. Ainda assim eu via em seus olhos aquele amor, um reflexo do amor que eu sentia, e eu pensava que merecia a maneira fria como me tratava, que a culpa de seu acidente era minha.

E de repente ele mudou, de repente me fazia ficar mais tempo perto dele, de repente me tocava mais, não fugia dos meus toques, voltou a sorrir e a brincar comigo, como no início, provocando-me, arrancando de mim as respostas que queria ouvir, envolvendo-me com ele de novo. Justo quando eu tinha aceitado ir embora. Justo quando estava começando a desistir.

E agora quer que eu o perdoe pela mentira que contou. Por ter me feito orbitar à sua volta, como sempre, mas se fazendo de vítima.

— Uma mentirinha de nada! Que idiota! — ralho pela milésima vez enquanto bato nos travesseiros para ajeitá-los nessa cama pequena e fria demais.

Volto ao quarto das meninas, cada uma dorme em sua cama. As cubro direito, apago a luz e não tenho coragem de acordar uma delas para que me deixe dormir com ela. Então procuro vovó. Bato em sua porta, mas está trancada e ela grita de lá de dentro:

— Volte para seu marido! Não vou acobertar essa separação absurda!

Há dois dias entreguei os papéis do divórcio a Tim, e pedi a ele que desse entrada no pedido. Há dois dias tento tirar esse anel enorme do meu dedo, mas ele não sai, conseqüentemente, também não consigo tirar a aliança. Essa sai, eu que não quero tirá-la. Isso me lembra que quando Eros saiu do hospital e chegou em casa, pediu a Clara que o entregasse sua aliança. Ele sequer se deu conta disso, mas a usou por todos esses dias.

Abro a porta do quarto de Uli e ele está vendo um filme. Olha-me com certa irritação, mas acaba cedendo.

— Você vai dormir aqui de novo, não é? Ayla, você precisa voltar para o Eros. Não sou obrigado a dividir a minha cama com você!

— Vai dividir sim, porque a culpa de tudo isso é sua! De absolutamente tudo! Você me fez fingir amá-lo. Depois você o fez me odiar! Culpa sua! Agora arque com as conseqüências dos seus atos! Não vou sofrer sozinha!

Subo em sua cama e deito em seu travesseiro, deixando-o sem. Ele dorme um pouco depois, enquanto resmunga, mas não consigo pregar os olhos.

Na manhã seguinte, Sabrina vem tomar café da manhã comigo.

— Então agora você é uma divorciada e também uma desempregada. Uau!

Mexo a colher repetidas vezes na xícara, mas não sinto vontade de beber o café.

— Não vou te perguntar por ele — digo a ela.

— Que pena! Porque só vou dizer se você perguntar.

— Sabrina! Que espécie de amiga você é?

— A espécie amiga! Você está cometendo um erro, e sabe disso. Você, melhor do que ninguém sabe com é precisar contar uma mentirinha inocente por alguém que ama. Por que o está julgando agora?

— Não estou! Eu fiquei com raiva, mas depois achei fofo.

— Então o que ainda está fazendo aqui?

— Sendo covarde. Sabrina ele me desculpou, mas eu não pensei mais que fosse me desculpar e foi muito difícil me habituar a ideia de viver sem ele. E de repente ele muda isso! Não quero passar por todo o processo doloroso de ter que

me acostumar a viver sem ele na próxima vez em que magoá-lo e o medo dele falar mais alto! Eu o entendo, ele tem um passado complicado sobre isso. Seu pai não suporta olhar para sua mãe agora, o que não ajuda. Mas não vou me arriscar de novo. Dessa vez vou me resguardar.

Ela mastiga um biscoito barulhento enquanto olha fixamente para mim e largo a pequena colher para esperar seus ensinamentos.

— Toda vez que você disse isso, você foi lá e fez o contrário. Se jogou de cabeça nos braços dele.

— Não dessa vez. Ele me feriu muito dessa vez. Ele me feriu de maneiras que eu sequer consigo explicar.

— Ele já a amou e cuidou de maneiras que a deixaram sem palavras também. Diversas vezes. Apenas lembre-se disso, querida.

Ela volta a mastigar seu biscoito barulhento e me sinto mais perdida do que me lembro de já ter estado.

— Você devia ser terapeuta — digo e ela ri.

Na manhã seguinte pareço um zumbi. Esfaqueio um saco de açúcar enquanto ralho com o universo.

— Agora não posso nem mais dormir! Ele me tirou o benefício de dormir! Como vou descansar? Como? Como meu cérebro vai funcionar assim? Não vai! Antes eu podia dormir! Dormia como uma pedra! Agora? Por que você fez isso? Por quê?

Vovó e Ulisses me olham espantados, temerosos em se aproximarem, mas mais temerosos em deixarem uma faca em minha mão.

— Valha-me Deus, ela enlouqueceu de vez! — vovó fala preocupada.

— Acho que ela só precisa dormir. A senhora não tem um calmante para dar a ela? — Uli pergunta.

— Você acha que podemos comprar isso na farmácia?

— Vou ligar lá agora mesmo e fazer o pedido.

— Espera! Não me deixe sozinha com ela! Por que você deixou o pacote de açúcar sobre a pia, Uli?

— Porque eu não sabia que ela ia surtar e descontar nele.

— Estou ouvindo tudo o que vocês estão falando! — ralho alto e vovó diz a Ulisses enquanto tenta se aproximar de mim:

— Ligue para a Sabrina. É uma emergência. Mande-a aqui agora mesmo! Amor, querida, minha neta linda, me dá essa faca — pede aproximando-se

temorosa de mim.

— Eu preciso dormir! Minha cabeça dói, meus olhos pesam, meu corpo parece morto. É como se eu me arrastasse por aí, me sinto assim por dentro.

— Você se parece assim por fora também, amiga — Sabrina confirma.

— O que pode ser pior do que não poder mais dormir sem o seu ex-marido a quem você ainda ama loucamente? — pergunto desaminada.

— Se apaixonar pelo ex amor da vida da sua melhor amiga — ela responde baixinho, sem olhar em meus olhos, com medo da minha reação.

Meu cérebro está lento, de forma que demoro um pouco a entender o que disse. Quando entendo, acordo imediatamente.

— Você está apaixonada pelo Tim?

— Me desculpa! Tem sido muito difícil consertá-lo e muito trabalhoso! Mas por fim está se tornando uma pessoa tão linda!

— Sabrina! — Pulo sobre ela comemorando. — Pensei que nunca a veria apaixonada! Você já disse a ele como se sente? O que ele disse? Desde quando se sente assim por ele? Por que não me contou isso antes?

Ela me observa atentamente e levanta minhas pálpebras para ter certeza que estou acordada.

— Você não está brava?

— Eu? Eu não! Por que estaria?

— Você o amou por longos três sofridos anos.

— Não amei, foi uma paixão apenas, eu só amei uma pessoa, ainda amo e vou amar para sempre. Mas vou começar a chorar se falarmos dela, então falemos de você. Sabrina, ninguém melhor do que você para “consertá-lo” como você diz. E é notável o quanto ele mudou por você. Amiga, estou tão feliz por vocês!

Ela me abraça aliviada e emocionada.

— Ele sabe do que sinto, na verdade, ele ficou meses tentando me conquistar. Bem, se você não fosse teimosa e birrenta, seríamos da mesma família.

Sorrio, mas é um sorriso triste. Estou feliz por ela e Tim, muito mesmo! Mas a lembrança do que poderíamos ser agora dói. A saudade dele dói.

— Ele está respeitando sua decisão de não procurá-la? — pergunta cautelosa.

— Sim e não vamos falar disso. Quando é o casamento?

— Meu Deus! Não sou você, ok? Começamos a namorar agora, não nos apresse.

Quando a quinta noite chega, estou a ponto de enlouquecer, rolo pela cama, fecho os olhos que mal permanecem abertos e não consigo dormir. Deito-me no chão do quarto, do corredor e nada. Tento ler algo, mas meu cérebro já não se concentra em nada, então apenas choro. Choro porque estou cansada demais! Choro porque sinto falta dele! Choro porque meu amor ao invés de diminuir dado meu estado sonâmbulo só faz aumentar. E quando não consigo me concentrar em mais nada por estar há tantos dias sem dormir, ainda consigo pensar nele.

São quase quatro da manhã e estou acordada contando os tic tac do relógio quando penso ter ouvido alguma coisa. Desço as escadas até a sala e ali, dormindo no sofá novo da vovó, estão Eros e minha avó. Ele está deitado em suas pernas e ela dorme de boca aberta recostada no encosto. Fico tão em choque com a cena que não sei o que fazer. Eros abre os olhos e olha para mim. Parece exausto, abatido, a barba está grande demais e há bolas negras em volta dos seus olhos. Não estava dormindo, também não tem dormido, como eu.

Aproximo-me deles e acordo vovó, a chamo baixinho e mando que se deite, enquanto Eros se levanta sem dizer nada para mim. Despede-se dela e agradece pelo carinho e enquanto vovó se dirige ao seu quarto, ele me olha. Vejo a saudade em seus olhos, o desejo, mais do que tudo, o cansaço. Também estou tão cansada quanto ele!

Ao invés de fazer perguntas e começar uma discussão que nenhum de nós tem cabeça para acompanhar, estendo minha mão em sua direção.

— Vem, vamos dormir.

Ele me segue escada acima até meu quarto. Deita-se em minha cama e abre os braços para que eu me deite sobre ele e sem pensar muito o faço. Apago a luz, apenas a luz da lua iluminando o quarto pela janela aberta, e deito-me em seu peito, em seus braços, onde ele me prende. Ele cheira meu cabelo, enquanto sinto seu cheiro em seu peito forte, acaricia minha nuca e puxa de leve meu cabelo ali, fazendo-me olhar para ele.

— Obrigado, meu amor. Eu te amo! Durma bem!

Então ele me beija. Um beijo doce, necessário, apenas para matar essa saudade absurda, afundo o rosto em seu pescoço, seu calor me acolhendo, uma paz bem-vinda me tomando e rapidamente durmo.

Quando acordamos o sol já brilha alto lá fora. Imagino que seja bem tarde. Seus braços ainda estão em mim, sua barba faz cócegas na minha testa e ele é tão lindo que não posso deixar de olhá-lo. Ele abre os olhos e sorri para mim, acaricia meu rosto, leva minha mão à sua boca, depositando um beijo leve, passeia seus dedos por minhas costas. Estou tão aconchegada e relaxada em seus braços!

Ouçõ Liah no corredor pedindo a vovó que a deixe me acordar, pois quer me mostrar seu dever de casa e entendo que precisamos nos levantar. Ele também escuta, já que me prende em seus braços e não quer me deixar ir.

— Eros...

Contra a vontade ele me solta.

Almoçamos ao invés de tomar café enquanto as meninas mostram a ele tudo o que perdeu dos desenhos delas nesse quase um ano. O que me lembra que faríamos um ano de casados amanhã, se não tivéssemos nos divorciado. Sinto uma tristeza tão grande ao me dar conta disso! Imediatamente, sua mão acaricia meu rosto e ele pergunta preocupado:

— O que foi, meu amor?

Observo sua mão e ali está, a aliança de casamento.

— Por que você ainda a usa se estamos divorciados? — pergunto e ele me olha confuso.

— Não estamos.

— Claro que estamos! Entreguei ao Tim os papéis do nosso divórcio há dias! Pedi que ele desse a entrada no processo.

Ele abaixa a cabeça e vejo a dor em seus olhos.

— Você fez isso?

— Ele não disse a você, não é? Tampouco fez o que pedi — constato.

— Acho que não — comenta devolvendo os desenhos das meninas, dizendo que precisa ir embora, e a dor em seu rosto me machuca.

— Eros, me desculpe. Eu não fiz por mal, pensei que soubesse, sinto muito.

Num gesto automático o abraço, ele me prende em seus braços e sinto seu sorriso em meu pescoço.

— Você é tão doce! Tão linda e tão carinhosa! — diz em meu ouvido e tento me afastar, mas ele me prende em seus braços.

— Você sabia do divórcio! — acuso.

— Claro que sabia, Tim entregou os papéis a mim, e eu os queimei. Foi uma das melhores coisas que fiz na vida. Então você ainda é minha mulher, mas preciso te dizer que é uma péssima esposa. Uma boa esposa não abandona seu lar.

Tento sair de seu abraço, mas ele não permite. Beija meu pescoço, meu rosto, minha testa, enquanto minhas irmãs riem do meu desespero.

— Você é um babaca!

— Preciso da sua ajuda, meu bem.

— Não irei ajudá-lo!

— É importante — insiste com uma calma que me irrita.

— Não quero saber!

— Tem a ver com meus pais.

Paro de tentar beliscá-lo e presto atenção ao que diz.

— Quero fazer com que se encontrem. Os dois ainda se amam e não faz o menor sentido um casal que se ama se manter separado por medo de erros do passado.

Sinto a indireta, mas concordo com ele.

— Como seria isso?

— Pensei em preparar um jantar no fim da tarde, ao pôr do sol. Mamãe pensará que seremos apenas eu, você e ela. Papai pensará a mesma coisa. Mas será um jantar para eles, para que entendam que nada no mundo é mais importante do que o amor.

Mais uma vez sinto a indireta.

— E como me encaixo nisso?

— Você vai chamar a mamãe. Diga que fizemos as pazes, assim ela aceitará ir sem questionar. Vou dizer a mesma coisa ao meu pai. Eles terão um lugar mágico, um jantar, um clima romântico com uma música suave. E todo o amor que sentem, a saudade, a necessidade de estarem perto. — Seus olhos estão em meu rosto, buscando meus olhos, minha boca. Cada coisa que diz alcança meu coração e me sinto derreter assim, em seus braços.

Concordo com a cabeça sem conseguir deixar de olhá-lo.

— Tudo bem, eu o ajudarei.

Ele sorri, um sorriso tão lindo do qual senti tanta falta!

— Te vejo mais tarde para combinarmos tudo então — diz me soltando e se

preparando para ir embora.

— Por que temos que nos ver? Podemos combinar por telefone, não?

Ele sorri, me puxa pela mão e me beija, na frente de toda minha família. Um beijo casto, mas nem por isso menos intenso.

— Poderíamos, amor. Mas como eu vou dormir se não for com você? — justifica e me solta, abrindo a porta e passando por ela.

— Você não vai dormir aqui! Ontem foi uma exceção. Não é para ser rotina! Você me ouviu!

Liah puxa minha blusa e diz:

— Ayla, a quem você quer enganar?

— Cala a boca, sua pirralha!

E Eros nem me responde. Com um sorriso imenso, entra em seu carro e ainda pisca para mim antes de arrancar com ele e sumir da minha vista.

Ao menos, vou passar o dia do nosso primeiro ano juntos, juntando a mãe e o pai dele.

Na tarde seguinte, chego à casa de Eros, que me aguarda no portão, enquanto conversa com Miguel. Ele me pega pela mão e me guia às escondidas até nosso quarto. Quero dizer, seu quarto. Ali, sobre a cama há um vestido maravilhoso. Ele é da cor champanhe, clarinho, tem um decote profundo em V, forrado por uma renda bordada. Sua saia é longa, e possui três camadas, sendo a que fica por cima de uma delicada renda, também bordada. O vestido é leve, elegante, sensual sem deixar de ser romântico. É lindo!

— Nossa! Que coisa linda! — comento embasbacada com a peça.

— É para você. Quero que você o coloque.

— Por quê?

— Vamos estar vestidos à caráter, também vou me vestir.

— Achei que nem fôssemos participar, não é para ser algo apenas para os dois?

— Sim, amor. Mas você precisa receber a mamãe quando ela chegar ou ela vai desconfiar.

— Tudo bem.

Tiro minha roupa sob seu olhar atento, já que está fazendo o mesmo para vestir o conjunto branco que se encontra sobre a cama. Ele observa cada pedaço exposto do meu corpo. Quando passo o vestido pelos abraços, imediatamente ele

me ajuda a vesti-lo. E abotoo sua camisa social para ajudá-lo. Coloco a sandália champanhe que ele indica, e sinto-me estranha ao me olhar no espelho.

— Você está tão linda! Sempre que penso que é a coisa mais linda que já vi, você me surpreende ficando ainda mais linda. Está deslumbrante com este vestido!

— Ele é mesmo lindo.

Viro-me para observá-lo, mas ele está perto demais e trombo em seu corpo. Ele me prende em seus braços e me beija. Um beijo doce, demorado, carregado de sentimentos.

— Preciso prender meu cabelo — digo para que me solte. — Este vestido não combina com cabelo solto.

A contragosto ele cede, deixando-me sair de seus braços. Em seu banheiro, faço um penteado rápido e fácil, passo uma maquiagem leve das que deixei aqui desde que fui embora e estou pronta. Olhar essas maquiagens e prendedores de cabelo me faz entender que ele os viu aqui todos os dias desde que parti.

Ele segura minha mão e descemos as escadas. Me guia direto até o jardim e sinto-me confusa, pois sua mãe ainda não tocou a campainha, mas enfim posso vê-la ali, em um cenário montado como um conto de fadas. Também avisto seu pai, e temo que o plano de Eros tenha dado errado. Tom e Atena se olham como se o resto do mundo não existisse. Cada um está de um lado da tenda aberta montada por Eros, mas os olhares deles não poderiam estar mais conectados.

Uma música suave toca no ambiente e quando estou prestes a dizer a Eros que falhamos, a marcha nupcial começa e então vejo todo mundo. Tim e Sabrina, vovó, Andrea, Uli e sua namorada, as gêmeas com vestidos champanhe e cestas de flores, Nico e sua esposa, Tulio, Clara, Alexandra, a médica que cuidou dele, e mais alguns enfermeiros de quem era mais próxima.

Estaco onde estou quando começo a entender o que está acontecendo aqui. Eros segura minha mão, olha em meus olhos e pede:

— Por favor, venha comigo. Apenas dessa vez, ouça o que tenho a dizer.

Observo as pessoas, a decoração, o lugar dos meus sonhos e entendo que ele armou tudo isso para mim. É nosso segundo casamento, como uma comemoração por um ano do primeiro. Seus pais foram uma desculpa, mas pela maneira como se olham, aceitaram ajudar Eros, e estão lidando com as consequências de se verem de novo.

— Ayla, por favor — pede mais uma vez e percebo o medo em sua voz.

Toco sua mão e o sorriso aliviado que estende me faz sorrir também. As gêmeas jogam pétalas de flores coloridas pelo tapete vermelho enquanto passam

por nossos amigos e familiares. E logo atrás, Eros e eu entramos de mãos dadas. Não acredito que todo mundo sabia disso e não me disseram nada! Provavelmente foi sobre isso que Eros foi falar com a vovó.

Atena beija minha testa e Tom beija minha mão. Ambos abraçam Eros, e percebo que ele toca as costas dela ao guiá-la para seus lugares, lado a lado. Eros é esperto.

Não há um padre desta vez.

— Estou aqui para renovar meus votos de amor a você, Ayla. Para dizer que a amo mais do que pensei que seria capaz de amar, que você virou minha vida de cabeça para baixo com sua mentirinha inocente, mas foi a melhor decisão que tomou na sua vida. Eu me apaixonei por você, assim que te vi naquelas escadas, tão assustada por ter me derrubado! Você caiu em meus braços e tive dificuldades em soltá-la.

— É verdade — Sabrina grita fazendo todos rirem.

— No primeiro instante em que disse que me amava, você me obrigou a enfrentar meus piores medos, meu bem. Mas eu o fiz, mesmo sem me dar conta, pensando que estava fugindo, que estava me defendendo, eu o fiz por você. Quero me desculpar, meu amor, pelo quanto a feri nesse ano. E quero te prometer que jamais a machucarei de novo propositalmente. E se eu o fizer sem perceber, você tem carta branca para fazer o que quiser comigo. E sei do risco que corro dizendo isso a você.

Sorrio. Meus olhos enchem, assim como os dele. Ele segura minhas mãos. Está tão emocionado que tem dificuldades em voltar a falar, e sinto que estou derretendo. Ainda há esse medo, mas o amor, ah esse amor! Esse amor sempre me domina!

— Eu não durmo sem você, não vivo sem você, não consigo sorrir, nem me concentrar, não há vida em mim quando você não está, porque você é minha vida! Você é minha razão, é minha força, meu porto seguro, minha melhor amiga, minha menina, minha pessoa. Você é o reflexo da minha alma, minha melhor metade, meu rumo. Não sei se estou sendo claro do quanto a amo.

— Você está — digo baixinho e ele sorri. — Mas Eros, e se eu o ferir de novo? E se você se magoar? Você vai se afastar de mim e eu não suportaria passar por tudo isso outra vez.

— Eu juro que não! Você pode me ferir, pode me machucar, pode acabar comigo quantas vezes quiser, ainda estarei aqui por você. Sem você eu não existo, Ayla, então você tem minha vida, minha alma e meu coração em suas mãos para sempre, para fazer o que bem entender com eles. Eu posso me

magoar, mas vou amá-la acima de qualquer dor, e nunca, jamais irei deixá-la de novo. Eu prometo!

— Eu vou colocar isso em um contrato. Se você me deixar de novo...

— Eu não vou — ele promete mais uma vez e segura meu rosto em suas mãos.

Esse amor que vejo em seus olhos é puro. Não há sequer sombra de qualquer medo, de qualquer dúvida, de qualquer mágoa. O amor é imenso, assim como o perdão. O meu e o dele. Ele me perdoou completamente, como vejo agora que o perdoei. Esse amor que sinto agora, que recebo dele, é a cura para qualquer ferida e qualquer cicatriz existentes em nosso passado. Nunca mais irá doer, porque toda nossa alma está preenchida com esse amor.

— Quer ficar comigo para sempre? — pergunta mirando minha boca e anseio por seu beijo.

— Quero, claro que quero!

Ele me beija, me joga em seus braços e ele me prende ali. E passamos o melhor dia das nossas vidas comemorando depois.

Epílogo

Olavo passou a empresa para o nome de Eros, e aproveitou para vê-lo após despertar do coma. Ele chegou a brincar que a teria passado até mesmo para mim, pois fiz um excelente trabalho, e jogarei isso na cara do meu marido por toda eternidade. Ulisses foi promovido na empresa de Nico e Tulio, onde trabalha há quase um ano, é o menino de ouro deles. Ele começou finalmente a faculdade de contabilidade, com a ajuda dos amigos de Eros.

O vestido do segundo casamento que usei, foi confeccionado por Atena, e fez tanto sucesso nas fotos que postamos, que ela começou a receber vários pedidos. Acabou alugando um apartamento pequeno, o mais distante possível do centro, porque não gosta do barulho de carros e pessoas. E está vendendo bem, tornando-se conhecida. Vovó sempre está com ela ajudando-a. Tom também voltou de vez para a cidade. Começou a trabalhar na Raymond com Eros e Tim, e embora eles não assumam, sei que ele e Atena andam se encontrando. Torço muito para que essa história de amor também dê certo.

Sabrina e Tim se casaram no mês passado, porque a minha amiga está esperando um filho dele.

Eu voltei a estudar como Eros havia prometido, e finalmente estou me formando em arquitetura e urbanismo. Hoje é minha formatura. Eros, Sabrina e vovó estão aqui, me aplaudindo com orgulho. Pulo nos braços do meu marido, que me gira pelo enorme salão onde estamos.

— Parabéns, meu amor!

Ele me beija e demora a me soltar, apenas quando vovó bate em suas costas reclamando sua vez de me abraçar, ele me permite sair de seu aperto. Vamos a

um restaurante para comemorar minha formatura.

— Vamos falar sobre o seu salário — meu marido brinca, me irritando.

— Quero ganhar o mesmo tanto que você!

— Claro que não! — retruca.

— Claro que sim! Já faço o seu trabalho desde antes de me formar, agora que tenho um diploma, querido, meu preço triplicou! Se não aceitar, vou fechar com a concorrência.

— Olha só você, pequena megera! — Ele digita algo em seu celular e vira a tela para mim.

Esta noite, irei convencê-la a trabalhar de graça, meu amor.

Sorrio, sentindo meu rosto aquecer por sua promessa. Tim aparece finalmente acompanhado de Tom e Atena. Pedimos a entrada e o garçom nos serve champagne a pedido de Eros, para comemorarmos. Sabrina recusa porque está grávida e não pode beber. Eros enche minha taça, e quando a estende a mim, Atena segura sua mão.

— Ela não pode beber.

Demora cerca de dez segundos para que ele entenda o que ela disse. Vovó já tem os olhos cheios, Sabrina está de boca aberta e Eros me olha como se o resto do mundo aqui não existisse. Há amor, gratidão, surpresa e uma imensa felicidade presentes em seus olhos. Esses olhos que sempre conversam comigo.

— Você está... você...

— Acho que ele vai passar mal — Tim brinca quando ele não consegue nem mesmo formular uma pergunta.

Pego sua mão e levo até minha barriga, assentindo.

— Eu te amo, Ayla! Eu te amo! — diz quando mais palavras não são necessárias.

Ele beija minha barriga, segura meu rosto e me beija.

Vovó e Eros discutem nomes para a criança, mas claro que se for menina irei atender o pedido de vovó e dar o nome da minha mãe. E se for menino, boa sorte para ele, porque Eros e Atena estão pesquisando nomes de deuses gregos e nem todos podem ser considerados normais.

E nunca na vida fui tão feliz. Todos nós somos felizes, a cada dia, a cada momento, a cada nova conquista, como uma imensa família cercada de amor.

Fim

Dedicatória

Dedico este livro a Maria Rosa Moraes pela amizade diária, por todos os sonhos e segredos compartilhados e ao pequeno Rafael por fazê-la tão feliz!

Agradecimentos

Primeiramente e sempre, a Deus, por cada segundo de cada dia em que me protege e ama incondicionalmente.

A minha família, pelo suporte e amor! Especialmente a Ana, minha pessoa favorita.

A Bia Tomaz, amiga, irmã, diva e maior defensora. Te amo, minha amiga!

A Ellen, obrigada por tudo sempre minha amiga!

Às betas deste livro, que me ajudaram em tudo, me incentivaram e fizeram escrevê-lo se tornar uma experiência maravilhosa! Obrigada por cada comentário, correção, puxão de orelha e elogio! Amo vocês Maria Rosa, Alexandra Ribeiro, Jennifer Torres e Ellah Castro (obrigada pelo presente lindo e por todos os dias).

A Rayane e Daniele, por serem as melhores amigas que alguém poderia ter.

A Cleidi Alcântara por ser sempre o ponto fixo de calma e segurança. Nem sei dizer o quanto te adoro e admiro, mulher! E ao Mô, Paulo, porque não se pode citar Cleidi, sem citar Paulo.

A Tati Pinheiro, por ser exatamente como é, e porque justamente hoje estou com muitas saudades de você!

A Amanda Lopes, apesar de ter "gringado" e me abandonado, ainda há um resquício de amor por você. Mas vai acabar se você não me der valor, rrsrs.

A Middian Meireles, um parágrafo só seu, obrigada por tudo sempre! Que seu novo caminho seja repleto de realizações, luz e grandes conquistas!

Às minhas meninas do grupo do Zap, por aguentarem meus sumiços e cantorias desafinadas, amo vocês Drika, Adriana, Nessah, Sarinha, Duda, Emilene, Emily, Jheniffer, Erika, Fabiana, Carla, Dany, Flavia, Lilian, Danny, Rosa, Erica, Pretinha, Patricia, Mony, Jessica, Vanessa e Danielle.

As minhas vizinhas do coração Emanuela, Tatiane e mamis Eliane, Alinne, Lais, Thata e Larissa, amo vocês!

As minhas meninas no Wattpad, que me incentivam a continuar com seus comentários lindos, divertidos, inspiradores! Que me dão toda força e são a base de tudo o que faço. Sei que são muitos nomes e provavelmente não conseguirei citar todos, mas vocês sabem que são a parte mais especial disso: Dirce Americo, Costaar, Amanda Cleize, Samela, Andrea, Thamires, Ana Ferrare, Marina Sakae, Mayara, Rennaay, Milla, Clicila, Lvia, Helen, Thais, Lety, Let,

Carolina, Ediane, Rhaay, Escarlete, Simeia, Raising, Aline, Jaqueline, Landa, Tais, Elysane, Adriana, Gesselma, Michelly, Niinha, Katte, Andressa, Luciana, Blaaaair, AlmeidaCat, Bruna, Garota mascarada, Paula, Suelane, Kim, Deizeanne, Litta, Charlene, Juliane, Carol, Dayane, Gardenia, Lua, Suziane, Marislaine, Livia, Adnadesa, Eliane, Gisele, Kmaartins, Loren, Larissa, Paty, Ana e Lai. E quem eu não tiver citado, mas está acompanhando este ou outros trabalhos meus no Wattpad, muito obrigada!

A vocês sempre, porque é esse carinho a cada dia, apesar do passar do tempo, que me mantém firme neste caminho. Amo vocês Rozzy Lima, Iandra, Aysha, Erika Will, Nadia Nnsmach, Nathalia Matos, Shirley Nonato, Barbara Restani, Sheyla Mesquita, Rosiane Conrado, Elaine Mendes, Camila Lima, Olivia e Viviane, Alessandra Regina, Maria Augusta, Juliana Cardoso, Suelem Xavier, Ericarla, Joice Gums, Thay Braz, Mariazinha Franco, Ale Bernardo, Regiane Valim, Fernanda Maria, Mya Nogueira, Walquiria Quaresma, Jaque, Jaysa Silva, Daniele Sampaio, Gazyela Lando, Luzhya S. Moura, Christiane Aparecida, Fernanda Costa, Larrisa Oliveira, Jis Rocha, Karina Neves, Joseane Maria, Ana Cristina, Paula Matos, Myriam Mazagão, Alsira Tonello, Nanda Pereira, Shirlei Gomes, Marlene Moraes, Marcela Miranda, Denise Bernardes, Patricia Rodrigues, Evelyn Candeia, Deborah Candeia, Simone Camargo, Carem Daniela, Tania Maia, Mercia Danielle, Patricia Tatiane, Erica Nogueira, Veronica Prado, Cleudenice Vieira, Silvana Aparecida e muitas outras pessoas, não consigo citar todos os nomes, mas sintam minha gratidão eterna pela força que me dão em cada comentário, cada mensagem e cada leitura.

Às minhas autoras preferidas, divas e pessoas maravilhosas Ana Paula Vilar, Jo Magrini, Mia Klein, Debora Gomes, Ali Graciotte, Alc Alves, Cristina Melo, Camila Moreira e Adriana Quintela.

Aos meus divos Yule Travalon e G.R. Oliveira.

A pessoas que serão para sempre especiais Bianca Patacho, Aline Mendes, Gracielle Rates, Vanessa Fiorio, Aline Silva, Carol Miranda, Thaise Ewbank.

Aos meus parceiros do coração Blog Literalmente Rosa, Shippa esse livro, JheNa literário, Luiza Literárias, Lunáticas por romance, Livros do coração, Livros_romancehot, ebooksdaThata, Paginas_mascadas, livros_e.leituras, D'ellas Bottons Personalizados.

A você que leu este livro, meu eterno obrigada!

Contato com a autora

Facebook: <https://www.facebook.com/carlieferrerautora/>

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

Site: <http://carlieferrers.wix.com/autora>

E-mail: carlieferrers@gmail.com

Confira outras obras da autora na Amazon: <http://migre.me/ua38C>